

IX CONFLUÊNCIAS

TRANSVERSALIZAR

18 à 20 de outubro de 2022 | Congresso Interdisciplinar Híbrido

ANAIIS

2022

Organização

Analaura Corradi

Douglas Junio Fernandes Assumpção



DESENVOLVIMENTO
DA PÓS-GRADUAÇÃO NA
AMAZÔNIA LEGAL



UNAMA



PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

ISBN 978-65-88274-26-2

COMISSÕES DO IX CONFLUÊNCIAS – TRANSVERSALIZAR

COMISSÃO GERAL DE ORGANIZAÇÃO

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)

ILUSTRAÇÃO

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

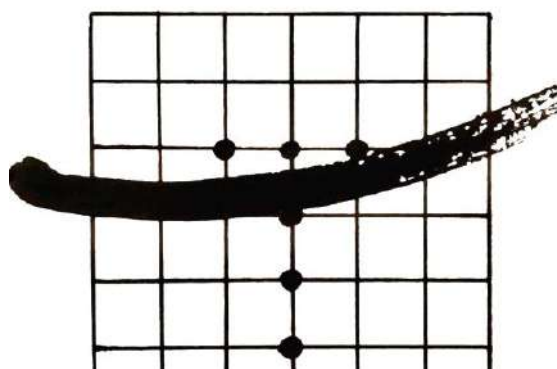
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Profa. Dra. Ana D´Arc Martins de Azevedo (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Betânia Fidalgo Arroyo (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/UNAMA)
Tabata Araújo (Mestranda PPGCLC/UNAMA)
Jaqueline Cordeiro (Mestranda PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Msc. Diogo Borges (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)
Msc. Luna Carvalho de Lucena - (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO APOIO

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Msc. Amanda Roberta Botelho Menezes (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)



EXPEDIENTE

Chanceler do Grupo SER Educacional

Prof. Dr. José Janguê Bezerra Diniz

Reitora

Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão

Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior

Conselho Editorial

Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (Presidente)

Profa. Dra. Analaura Corradi

Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Profa. Dra. Danila Gentil Rodriguez Cal Lage

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior

Profa. Dra. Evanilde Gomes Franco

Prof. Dr. Leonardo Augusto Lobato Bello

Prof. Dr. Luis Otávio do Canto Lopes

Profa. Dra. Márcia Athayde Moreira

Prof. Dr. Marco Aurélio Arbage Lobo

Prof. Dr. Ronaldo Lopes Rodrigues Mendes

Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes

Prof. Dr. Sérgio Castro Gomes

Revisão

A REVISÃO TEXTUAL E NORMALIZAÇÃO DA ABNT É DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES E ORIENTADORES

Editoração Eletrônica

Profa. Dra. Analaura Corradi

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso Interdisciplinar Híbrido (9. : 2022 :
Belém, PA)
Anais do IX Confluências [livro eletrônico] :
transversalizar / organização Analaura Corradi,
Douglas Junio Fernandes Assumpção. -- 1. ed. --
Belém, PA : Universidade da Amazônia, 2022.
PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88274-26-2

1. Comunicação 2. Comunidades
tradicionais 3. Cultura popular 4. Educação
5. Interdisciplinaridade e conhecimento 6. Relações
de gênero 7. Temas transversais I. Corradi, Analaura.
II. Assumpção, Douglas Junio Fernandes. III. Título.

22-137376

CDD-370.11

Índices para catálogo sistemático:

1. Temas transversais : Educação : Finalidades e
objetivos 370.11

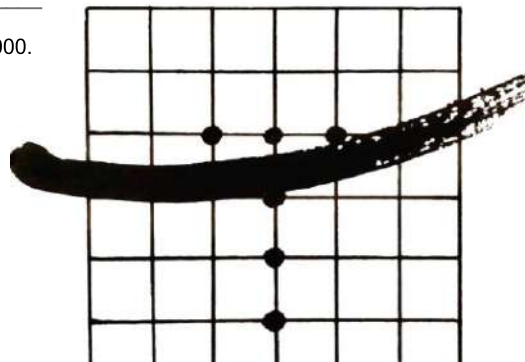
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Universidade da Amazônia

Campus Alcindo Cacela: Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal, Belém/PA, CEP: 66060-000.

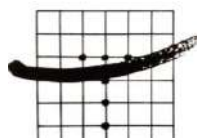
Fone: (91) 4009-3000. Homepage: www.unama.br

© Editora UNAMA – Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem quanto ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da Universidade da Amazônia. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
ST 1 -COMUNICAÇÃO E AS TRANSVERSALIDADES NA ERA DIGITAL....	09
A INTERNET NO BRASIL: CONCENTRAÇÃO, CONSUMO E DESAFIOS NO SÉCULO XXI.....	10
<i>Rodolfo Silva Marques</i>	
ANÁLISE DO DISCURSO: ANÁLISE IMAGÉTICA DO DISCURSO DO MANTO DO CÍRIO 2021.....	27
<i>Nayde de Fátima Lins Bentes</i>	
<i>Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira</i>	
JULIETTE FREIRE: O POSICIONAMENTO A PARTIR DE PUBLICAÇÕES NO INSTAGRAM DA INFLUENCIADORA DIGITAL SOBRE OS CUIDADOS COM A PANDEMIA DE COVID-19.....	38
<i>Lucas Matheus Santos Porto</i>	
MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DO LEITOR DE OLIBERAL.COM NA ERA DA CULTURA DA CONVERGÊNCIA E DE USO DAS ESTRATÉGIAS DE SEO.....	53
<i>Luiz Cláudio dos Anjos Fernandes</i>	
PUBLICIDADE DIGITAL E PROCESSOS DE CONSUMO: ENTRE A RELEVÂNCIA E O CONTROLE DO SUJEITOS.....	69
<i>Thatianne Silva Sousa</i>	
<i>Manuela do Corral Vieira</i>	
USO DAS TECNOLOGIAS NA CULTURA DA SALA DE AULA: O PODCAST...	81
<i>Carolina de Sousa Franco Santos</i>	
ST 02_ TRANSVERSAIS DO TEMPO ENTRE MODERNISMO E O CONTEMPORÂNEO, ENTRE MELANCOLIAS E INSURGÊNCIAS.....	94
DISTOPIAS EM SÉRIES FICCIONAIS: ESTUDO DE CASO SOBRE 3%, ALTERED CARBON E BLACK MIRROR.....	95
<i>Julia Maria Barroso da Silva</i>	
<i>Rafael Sbeghen Hoff</i>	
FILOSOFIA, CINEMA E BLADE RUNNER.....	110
<i>Paulo Uiris da Silva Gomes</i>	
<i>Jorge Eiró</i>	
<i>Mariano Klautau Filho</i>	
OS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS E A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU DO ESTADO DO PARÁ E A AMOSTRA DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA 2020.....	125
<i>Lais dos Santos Fiel</i>	
<i>Jorge Eiró</i>	
O DISCURSO MODERNISTA NO GUARDA-ROUPA DE TARSILA DO AMARAL.....	139
<i>Maria Felícia Assmar Fernandes Correia Maia</i>	



ARQUITETURA DAS EMOÇÕES: UM ESTUDO SOBRE O PALACETE BOLONHA SOB A PERSPECTIVA DA NEUROARQUITETURA.....	155

Maria Helena Castro de Vasconcellos.

Jorge Eiró

ST 03 - TRANSVERSALIDADE EM TESSITURA COM AS PESQUISAS CIENTÍFICAS EM ÁREAS DA COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM, CULTURA, EDUCAÇÃO, POVOS ORIGINÁRIOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, RELAÇÕES DE GÊNERO.....	169

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM EM PARALISIA CEREBRAL.....	170

Lícia Mara Oliveira

O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DA LINGUÍSTICA:DIÁLOGOS POSSÍVEIS...	185

Rejane Santos Nonato

Rosângela Araújo Darwich

SABERES CULTURAIS E CIENTÍFICOS:AS TRANSVERSALIDADES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	197

JeffersonLuis da Silva Cardoso

Rosângela Araújo Darwich

UM ESTUDO SOBRE LETRAMENTOS MÚLTIPLOS NOS TEXTOS DE SURDOS GRADUANDOS.....	213

Cleuma Roberta de Souza Marinho

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso

Ana D'Arc Martins de Azevedo

ST 04 - CULTURAS POPULARES EM TRANSVERSALIDADE TENSÕES, APROPRIAÇÕES E REEXISTÊNCIAS EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS.....	229

ARRASTÃO DO PAVULAGEM E A RETRATAÇÃO DOS ELEMENTOS DAS CULTURAS POPULARES NO FACEBOOK.....	230

Lucas Gil Corrêa dos Santos

Manuela do Corral Vieira

NARRATIVA DA CIDADE: 'CORTEJO VISAGENTO' UM OLHAR LOCAL CONTRA O HALLOWEEN.....	245

Adrienne da Silva Peixoto

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

MÚSICA E EMPODERAMENTO FEMININO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CLIPLE FORMATION DE BEYONCÉ.....	260

Amanda Karoline Pimentel Vieira

Rosaly de Seixas Brito

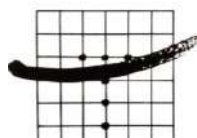
ESTRUTURA MUSICAL E PERFORMATIVA DOS BTMs	275

Euclides Moreira Neto

ST 05 - TRANS NA LITERATURA, COMUNICAÇÃO E OUTRAS REPRESENTAÇÕES.....	292

FORA DE CONTROLE: ADAPTAÇÃO LITERÁRIA E PÓS-MODERNIDADE....	293

Fabricio de Miranda Ferreira



Luis Heleno Montoril del Castillo

MÍDIA VERSUS CAMPO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS MÍDIÁTICAS Á ENTREVISTA NARRATIVA.....	308

Erika Mourão Ferreira

Vânia Maria Torres Costa

TEA, NEURODIVERSIDADE E LINGUAGEM EM REDES SOCIAIS ON-LINE....	323

Luna Carvalho de Lucena

TRADIÇÃO ORAL EM PLATAFORMAS DIGITAIS: O OFÍCIO DE CONTAR HISTÓRIAS NO YOUTUBE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19.....	339

Ana Selma Barbosa Cunha

Paulo Jorge Martins Nunes

FESTIVIDADE DO SILÊNCIO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS FOLIÕES DE SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA, NA AMAZÔNIA PARAENSE, DURANTE A PANDEMIA.....	351

Adison Cesar Sousa dos Santos

Vânia Maria Torres Costa

ST 06_ LITERATURA, SEMIÓTICA E PSICOLOGIA - CONSTRUINDO CONEXÕES.....	368

A SORORIDADE NA CRÔNICA COMPANHEIRAS.....	369

Milena Castro

José Guilherme Castro

Lucilinda Ribeiro Teixeira

DECRESCIMENTO NO NORTE GLOBAL E QUALIDADE DE VIDA.....	383

Christoph Helmold

Rosângela Araújo Darwich

HUMBERTO DE CAMPOS: JORNALISTA E POETA NA BELÉM DA BELLE ÉPOQUE.....	399

Luis Fernando Ribeiro Almeida

José Guilherme de Oliveira Castro

IMPACTOS DA DICOTOMIA SOCIAL ENTRE PENSAR E AGIR SOBRE MÃES ADOLESCENTES: UMA PESQUISA DE CAMPO MEDIADA PELA INTERNET.....	412

Rosiana Silva da Silva

Rosângela Araújo Darwich

LOGOTERAPIA E LITERATURA: A MORTE COMO GERADORA DE SENTIDO EM “A MORTE DE IVAN ILITCH”.....	427

Matheus Reichelt Flores

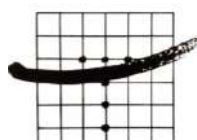
Kalebe da Silva de Lima

Rosângela Araújo Darwich

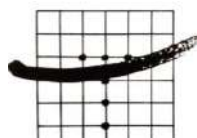
O SOBRENATURAL COMO FERRAMENTA DE CONHECIMENTO DO SER HUMANO EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA.....	442

Felipe Gomes Bastos

José Guilherme de Oliveira Castro



O CONCEITO DE "MUNDO BANI" E O FOCO NO NEGATIVO: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES E JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS.....	446
<i>Cinthyia Souza Simas</i>	
<i>Rosângela Araújo Darwich</i>	
RELAÇÕES SOCIAIS E NARRATIVAS VISUAIS: UM ENCONTRO COM NAY JINKNSS.....	470
<i>Ana Clara Solon Rufino</i>	
<i>Rosângela Araújo Darwich</i>	
SAÚDE MENTAL DE DOCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19: EDUCAÇÃO EM AMBIENTE VIRTUAL E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	485
<i>Francimar dos Santos Pinto</i>	
<i>Rosângela Araújo Darwich</i>	
VÍDEO ESTE É O LOBO: LEITURA E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	497
<i>Vanda do Socorro Furtado Amin</i>	
<i>Rosângela Araújo Darwich</i>	
ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA PESQUISA MEDIADA PELA INTERNET.....	508
<i>Sarah Teruko Navegantes Machado</i>	
<i>Rosângela Araújo Darwich</i>	
PROGRAMAÇÃO COMPLETA.....	523



APRESENTAÇÃO

É sempre uma emoção realizar eventos que possam promover a pesquisa e integração de saberes, relacionamento entre pessoas e suas ideias. O IX Confluências – Transversalizar, realizado de 18 a 20 de outubro de 2022 potencializou mais um destes momentos. Realizado de forma híbrida, num período ainda e pós pandemia e com isso contou com participações significativas e de importantes saberes tanto nas palestras, mesas como nas apresentações dos Seminários Temáticos.

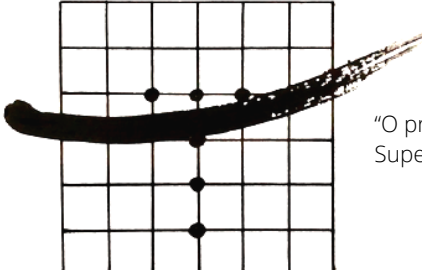
Nesta edição, houve seis ST que motivam debates diversos fundamentados na troca da Transversalidades. Após a abertura oficial do evento contou a Conferência de abertura: "Transformações da vida afetiva e profissional pelo uso intensivo de mídias sociais" com a Profa. Dra. Alê Primo (UFRGS) e mediação da Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (UNAMA) e no dia 19 houve os debates dos seminários como os seguintes temas: ST01: Comunicação e as transversalidades na era digital; ST02: Transversais do tempo: entre modernismos e o contemporâneo, entre melancolias e insurgências; ST03: Transversalidades em tessituras com pesquisas científicas em áreas da comunicação, linguagem, cultura, educação, povos originários e comunidades tradicionais, relações de gênero, etc; ST04: Culturas populares em transversalidade: tensões, apropriações e ré-existência em narrativas contemporâneas; ST05: Trans na literatura, comunicação e outras representações; ST06: Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões; e a mesa de debates do Procad-Amazônia-Capes: "Comunicação digital: a Amazônia no ciberespaço" com a Profa. Dra. Liana Vidigal Rocha (UFT) e mediação da Profa. Dra. Ivana Oliveira (UNAMA).

Como último dia o evento teve duas mesas de debates a tarde: Mesa do PDPG-Capes: "A pesquisa na Pós-Graduação na Amazônia" com as bolsistas do PPGCLC nos níveis de mestrado - Jaqueline Bandeira e Tábata de Araújo - e de doutorado - Amanda Botelho Menezes e Luna Lucena - e mediação do Prof. Dr. Paulo Nunes (UNAMA) e a noite Mesa do PDPG-Capes: "A pesquisa Pós-Doutoral na Amazônia" com a Profa. Dra. Vânia Torres (UFPA), o Prof. Dr. Andrey Lima (UFPA) e mediação do Prof. Dr. Edgar Chagas Junior (UNAMA). Ambas oportunidades foi de discutir os avanços e dificuldades enfrentadas pelos bolsistas durante os cursos de mestrado, doutorado e pós doutoramento exemplificando para os presentes suas experiências. Registra-se que além das trocas de informações das diversas pesquisas realizadas e em andamento a produção dos Anais do Confluências de 2022 integra mais uma das ações que conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – PROJETO PDPG - AMAZÔNIA LEGAL - AUPEX 0779/2020/CAPES".

Portanto, fechando o evento com dedicação este Anais apresentará todos os trabalhos que fundamentaram as discussões e pesquisas apresentadas nos Seminários Temáticos.

Belém novembro 2022.

Edgar Chagas Jr
Analaura Corradi
Douglas Junio Fernandes Assumpção



"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – PROJETO PDPG - AMAZÔNIA LEGAL - AUPEX 0779/2020/CAPES."

Professores responsáveis

Profa. Dra. Analaure Corradi (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Douglas Fernandes (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Ivana Oliveira (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Máira Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)

Alunos de apoio

Ma. Carla Paes (Doutoranda PPGCLC/UNAMA)

Ma. Carolina Franco Santos (Doutoranda PPGCLC/UNAMA)

Num período de mudanças e novos comportamentos, a sociedade se defronta com desafios em diversos campos - educativos, interacionais, culturais, de formação e de trabalho. As ações são impactantes, sejam nos aspectos e processos de capacitações, de observações e de influências que englobam os registros e as reconfigurações de áreas socioculturais, comunicacionais, econômicas e comportamentais. Desta forma, o objetivo deste ST é compreender as transversalidades da comunicação, da ubiquidade e dos capitais social e cultural nas diversas manifestações da sociedade contemporânea.

ST

01 - COMUNICAÇÃO E TRANSVERESALIDADE NA ERA DIGITAL



A INTERNET NO BRASIL: CONCENTRAÇÃO, CONSUMO E DESAFIOS NO SÉCULO XXI¹

INTERNET IN BRAZIL: CONCENTRATION, CONSUMPTION AND CHALLENGES IN THE 21ST CENTURY

INTERNET EN BRASIL: CONCENTRACIÓN, CONSUMO Y RETOS EN EL SIGLO XXI

Rodolfo Silva Marques²

Resumo

A discussão sobre o funcionamento das mídias e das plataformas digitais é uma agenda de pesquisa que se afigura em vários países do mundo. Na presente discussão, emerge o debate sobre concentração da mídia, tendo como objeto primordial a internet, no cenário da transversalidade. Como objetivos, afigura-se entender a concentração da internet em poucos grupos empresariais no país, a compreensão do *streaming* e de que maneira a legislação nacional trata o assunto, considerando-se o mercado e o acesso dos consumidores. Como métodos, optou-se pela revisão de literatura, pela análise documental e pela *desk research*, com a exploração de três bancos de dados secundários no contexto da temática. As conclusões preliminares mostram que a concentração da internet no Brasil mantém a mesma lógica dos outros meios tradicionais, como televisão e rádio, e que a legislação no país ainda precisa ser ajustada para conter oligopólios no segmento em análise.

Palavras-chave: concentração; internet; streaming; oligopólios

Abstract

The discussion about the functioning of media and digital platforms is a research agenda that appears in several countries around the world. In the present discussion, the debate on media concentration emerges, having the internet as its primary object, in the scenario of transversality. As objectives, it seems to understand the concentration of the internet in a few business groups in the country, the understanding of streaming and how national legislation deals with the subject, considering the market and consumer access. As methods, we opted for literature review, document analysis and desk research, with the exploration of three secondary databases in the context of the theme. Preliminary conclusions show that the concentration of the internet in Brazil maintains the same logic as other traditional media, such as television and

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 01 – Comunicação e as transversalidades na era digital do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Professor de graduação da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA).



radio, and that legislation in the country still needs to be adjusted to contain oligopolies in the segment under analysis.

Keywords: concentration; Internet; streaming; oligopolies

INTRODUÇÃO

A concentração de recursos é algo que se mostra presente em vários segmentos no modo de produção capitalista – e com o uso dos meios de comunicação e sua propriedade não é muito diferente. Dessa forma, em virtude da importância dos debates acadêmicos, a temática vem sendo abordada pelas pesquisas vinculadas à Economia Política da Comunicação, da Informação e da Cultura (AZEVEDO, SANTOS e MOTA, 2016; BOLAÑO, 2016; SANTOS, 2019; e LOPES, 2016).

No presente dossiê, que foca nas relações da concentração na internet e na sua própria regulação, torna-se fundamental aprofundar as reflexões a respeito do cenário da propriedade das plataformas digitais e de produção e distribuição de conteúdo, focando na percepção de como é possível enfrentar a questão através da regulação e do combate a movimentos hegemônicos.

De maneira objetiva, torna-se claro que a concentração das plataformas guarda consequências na produção e na circulação de conteúdos digitais nas diferentes comunidades. As chamadas *Big Techs*, como *Google* e *Facebook*, ilustram essa discussão sobre a concentração do acesso a conteúdos editoriais e dos investimentos em publicidade digital, além do controle parcial das mensagens e das redes sociais.

A digitalização e a convergência de mídias – produção audiovisual, informática, telecomunicações – vêm ampliando o nível de possibilidades e gerando espaço para a expansão de conteúdos, ao mesmo tempo em que se observa uma concentração maior no contexto das TICs (tecnologias da comunicação e da informação).

Não há dúvidas de que os estudos sobre os campos da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura têm avançado nos meios acadêmicos no sentido de entender não só os diálogos interdisciplinares entre

os campos científicos, mas também no contexto de buscar, de maneira mais efetiva, uma relação entre teoria e prática e análises a partir de episódios da conjuntura dos desenhos institucionais (AZEVEDO, SANTOS E MOTA, 2016).

Neste sentido, esse espaço é importante para uma ampliação do pensamento crítico a respeito das ciências da comunicação, mas também no âmbito das interfaces da mídia com a política, na compreensão da cultura no contexto da produção da informação e na identificação dos diferentes pensamentos sociais a respeito das temáticas propostas no território brasileiro – além do intercâmbio com outros centros de pesquisas internacionais (AZEVEDO, SANTOS E MOTA, 2016).

Nesse campo de pesquisa, portanto, já há alguns trabalhos que trazem objetos como o mercado televisivo ou a ampliação do oligopólio dos canais de comunicação e das plataformas digitais. Discussões sobre internet e os eventuais monopólios digitais se tornam mais frequentes, até pela multidimensionalidade da comunicação em nível global (BOLAÑO e SANTOS, 2018; INTERVOZES, 2009).

Nas inter relações nos campos da Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, têm crescido os debates em eventos acadêmicos e pesquisas multidisciplinares para a produção de conhecimentos, com a ciência dos desafios que se interpõem, mas sempre com a ideia da ampliação de uma perspectiva mais crítica.

Outro ponto relevante é discutido por Bolaño (2016). Há a necessidade de outros respaldos teóricos – ou até mesmo uma nova teoria, coletiva e interdisciplinar – para um estudo mais crítico das correlações entre estudos culturais, economia política e nos sistemas de indústrias culturais do século XX, ainda mais no contexto da internet (BOLAÑO, 2016).

As transformações do capitalismo já no século XXI trazem vários reflexos no ambiente epistemológico – reforçando diferentes linhas de pesquisa e compondo uma relação mais sólida entre cultura, consumo e apropriação das mídias (BOLAÑO, 2016).

A discussão aqui está em buscar um pouco mais sobre o funcionamento das mídias e das plataformas digitais como uma agenda de pesquisa e de que

maneira nações como o Brasil tratam a questão em relação à regulação, o contexto do *streaming* no país e à busca por evitar a composição dos oligopólios também no contexto da internet.

O momento pandêmico, iniciado no final de 2019 na Ásia e chegando ao Brasil em fevereiro de 2020, também é uma variável importante, em virtude da maior exposição dos consumidores ao conteúdo da internet e à suas possibilidades de interação. Emerge, pois, o debate sobre concentração da mídia, tendo como objeto primordial, exatamente a rede mundial de computadores e dispositivos móveis.

O eixo principal será trabalhar com a discussão sobre a regulação dos serviços audiovisuais na internet – e no Brasil –, trazendo a agenda global e as especificidades locais. Como questão subjacente, há uma reflexão sobre a produção de conteúdo e a promoção da diversidade. Ao mesmo tempo, consideram-se outros dois eixos, de forma secundária, como o de propostas de regulamentação para contrapor o poder extremo das plataformas, avaliando-se a regulação pública e o estabelecimento de marcos civis; e o de autorregulação das plataformas, a partir de termos e/ou normas de uso.

Como objetivo precípuo deste trabalho, busca-se o entendimento da concentração da internet no Brasil, com as principais empresas atuando, e, em consequência, de que forma a legislação brasileira trata a questão dos oligopólios nas plataformas digitais.

Assim, no presente trabalho, após essa seção introdutória, há a seguinte estrutura: 1) Desenho de pesquisa; 2) Histórico sobre internet e *Streaming*; 3) Legislação vigente e o marco civil da internet no Brasil; 4) Análise dos dados da Concentração da internet no Brasil; e as conclusões preliminares.

1. DESENHO DE PESQUISA

Para atingir os objetivos da pesquisa e para ampliar as análises propostas a respeito da concentração da internet no Brasil, usa-se a combinação de três métodos de abordagem: a revisão de literatura, a análise documental e a avaliação de dados secundários – a *Desk Research*.

A revisão de literatura foi escolhida para auxiliar na compreensão de alguns conceitos e também para verificar a produção acadêmica mais recente a respeito da temática proposta. Mesmo sendo uma agenda de pesquisa relativamente nova, pensar em Economia Política da Informação e da Comunicação (BOLAÑO, 2006; BOLAÑO e BRITTOS, 2010; AZEVEDO, SANTOS E MOTA, 2016) e na concentração e nas regras na internet (CARVALHO, 2015; SILVA e MARQUES, 2018) gera uma necessidade de continuidade e de aprofundamento de abordagens.

A revisão da literatura traz a fundamentação teórica que nos permite tratar o tema de forma mais confortável e indica o tratamento a ser dado ao problema e aos objetivos da pesquisa, gerando a possibilidade de traçar possíveis quadros conceituais que dão suporte para tratar os dados levantados (NORONHA e FERREIRA, 2000; PÁDUA, 2004). O método permite o desenvolvimento de uma base de leituras para o esclarecimento dos temas e das questões de pesquisa (SIQUEIRA, 2007).

A análise documental (GARCIA JÚNIOR; MEDEIROS, AUGUSTA, 2017) traz dados referentes às leis e aos procedimentos de regulamentação da internet no Brasil. A análise documental do campo jurídico mostra-se um caminho qualitativo, ao complementar informações obtidas por outros meios.

Em relação aos dados secundários – a *Desk Research* –, opta-se por esse caminho de pesquisa exploratória com a coleta e uso de informações já publicadas e disponíveis, feitas por instituições abalizadas nas temáticas. Muitas vezes, tais dados foram coletados por organizações distintas e com outros propósitos, mas podem ser reaproveitados para algumas pesquisas conforme o objeto (RICHARDSON, 2007). Neste artigo, a escolha de três bancos de dados/pesquisas recentes acaba sendo uma escolha que dá mais respaldo para a produção do conteúdo proposto. Segue-se, agora, à discussão conceitual e à apresentação e à análise dos dados.

2. HISTÓRICO SOBRE INTERNET E STREAMING

A internet gerou a criação novos padrões de interação social e traz, em si, características tanto da mídia impressa – impressão de conteúdos, retorno



às informações quantas vezes forem necessárias – quando da mídia eletrônica – interatividade, acesso em tempo real a vídeos e áudios, além das plataformas digitais. Mas, quando e como surgiu a internet?

A internet é uma criação coletiva – hoje presente em múltiplos dispositivos do dia-a-dia humano, como celulares, computadores, televisores e eletrodomésticos. A rede é originária da *Arpanet*, ou *Advanced Research Projects Agency Network* (Rede da Agência de Projetos e Pesquisas Avançadas), ligada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos (PORTAL UOL, 2021). O contexto histórico foi o da Guerra Fria, enquanto os norte-americanos e a União Soviética imprimiam uma acirrada corrida tecnológica (PORTAL ABRIL, 2021).

A *Arpanet*, criada em 1969, permitia a conexão de redes de várias universidades norte-americanas, além de laboratórios militares e de pesquisas, com a criação de um protocolo de comunicação TCP/IP, a partir de padrões de agrupamento, transmissão e recepção de dados (PORTAL UOL, 2021).

Assim, o TCP/IP se tornou a base da internet, com a contribuição efetiva de Robert Kahn e Vinton Cerf. Na década seguinte, as pesquisas continuaram e, em 1987, a internet – já com essa nomenclatura –, passou a ter uso comercial autorizado. Em 1992, surgiu na Europa a *World Wide Web* (www), uma estrutura dentro da rede e na qual estão hospedados serviços e sítios (PORTAL UOL, 2021).

Em 1994, Marc Anderson apresentou o primeiro navegador gráfico, conhecido como *Mosaic*, substituindo as linhas de comando – FTP (*File Transfer Protocol*). A *America Online* (AOL), de 1985, tornou-se pioneira dos chats e de perfis online. Nos anos 2002, as redes sociais chegam ao domínio do consumidor, com mais acesso a rede – algumas das primeiras experiências foram o *Fotolog*, o *Friendster* e o *Orkut* (PORTAL ABRIL, 2021).

A internet chegou ao Brasil no ano de 1981, através da *Bitnet*, rede universitária, que conectou, na oportunidade, as Universidades da Cidade de Nova York e de Yale (Connecticut) com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (PORTAL ELETRONET, 2017).

Em 1994, no Brasil, a internet passou a ser comercializada, por empresas como a Embratel. Em 1995, o serviço se torna permanente no país, com a regulação pelo Ministério das Comunicações. Em 1996, os primeiros grupos empresariais do mercado de provedores começaram as operações. Em 1998, com o aumento da infraestrutura e do número de usuários, o Brasil estava entre os 20 países do mundo que mobilizam a internet em todos os campos. Em 2007, o mercado de provimento de internet gerava cerca de US \$114 bilhões em recursos no comércio eletrônico, com a internet dispondo de uma base real de cerca de 40 milhões de computadores instalados no país (PORTAL ELETRONET, 2017).

Na pesquisa TIC DOMICÍLIOS 2020³, divulgada em 2021, chamou a atenção o número de usuários de internet no Brasil – 152 milhões de pessoas, ou cerca de 81% da população no país. Os idosos ganharam espaço no consumo de conteúdos via internet – aumentando de 34% para 50% em 2020.

Por fim, a pesquisa também mostrou crescimento do consumo de internet entre pessoas com somente ensino fundamental – cerca de 73% dessa faixa de pessoas, além do incremento do uso da rede por mulheres (PORTAL UOL, 2021).

Há, pois, um uso cada vez mais intenso da internet no Brasil – e a derivada necessidade de se avaliar o setor de maneira mais crítica, evitar a concentração e buscar mais diversidade e pluralidade de formas de expressão.

2.1. O Streaming

Dentro do contexto da internet, a tecnologia *streaming* traz uma forma instantânea de transmissão de dados de vídeo e de áudio através das redes. Através deste recurso, tornou-se possível ver filmes e/ou escutar músicas de forma online, sem a necessidade de baixar dados (*download*), gerando agilidade de acesso aos conteúdos digitais. Além de vídeos e áudios, é

³ TIC Domicílios 2020, elaborada pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), apoiado pela Unesco, e pelo Cgi.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Disponível em <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2020/domicilios/>. Acesso em: 20 ago.2022.

possível compartilhar textos, slides e outros conteúdos (PORTAL CANALTECH, 2020).

A transmissão acontece através de envio de dados na internet, com os arquivos de áudio e os de vídeo sendo divididos em grupos pequenos, a ser ajustado pelo serviço em si na sua estrutura original. O termo *streaming* foi utilizado pela primeira vez para fitas que eram produzidas pela *Data Electronics Inc.* – e, posteriormente, passou a ser usado para descrever vídeos sob demanda, com o armazenamento e encaminhamento de vídeos (PORTAL CANALTECH, 2020).

Dentre as plataformas mais conhecidas – e atuantes – nos mercados globais estão a *Netflix*, o *Spotify*, a *Deezer*, o *Amazon Prime Video*, o *Disney+*, o *Star+*, o *Apple TV+* e o *HBO Max* – além de estruturas mais antigas e conhecidas, como o *YouTube* e o *Google Drive* – as duas últimas pertencentes à Google (PORTAL CANALTECH, 2020).

3. LEGISLAÇÃO VIGENTE E O MARCO CIVIL DA INTERNET NO BRASIL

Na legislação brasileira, a Carta Magna⁴ é de 1988 e trata da Comunicação Social entre os artigos 220 e 224. Como a internet ainda era incipiente no país nos anos 1980, toda a discussão social e jurídica sobre o funcionamento da mídia, suas regras de funcionamento e uso de plataformas foi se desenvolvendo nos anos subsequentes. No artigo 220⁵, a CF/1988 destaca que “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição”.

A respeito do combate à concentração da mídia no Brasil e sobre a propriedade dos meios de comunicação, o inciso 5^o do artigo 220 da Constituição destaca: “os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”.

⁴ CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 ago.2022.

⁵ Idem

⁶ Idem

O acesso à internet poderia ser incluído entre os direitos fundamentais presentes no artigo 5º⁷ da Constituição Federal, como elemento essencial para o desenvolvimento da cidadania e para o crescimento pessoal e profissional dos indivíduos. Tal ideia está presente na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 8/2020⁸, apresentada ao Senado Federal em 2020. Emerge a questão do direito à informação⁹, prevista no inciso XIV do artigo em questão.

Em relação à regulação da rede, no país, foi aprovada o Decreto Lei 8.771/2016¹⁰, que define o Marco Civil da Internet, de 2014 (Lei 12.695/2014)¹¹. O foco está nos direitos e deveres do usuário na rede mundial de computadores e com três eixos fundamentais: neutralidade da rede, privacidade dos usuários e liberdade de expressão (CANABARRO; PATRÍCIO; SOUZA, 2016). As discussões sobre o marco duraram cerca de 5 anos (2009 a 2014) e permanecem até os dias atuais, com mobilização da sociedade civil organizada e de outros atores relevantes.

A Lei também determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em relação à matéria. Dentro do marco civil, a questão da privacidade é um ponto essencial que foi regulado, mas que precisa de ampliação. As tecnologias da informação e da comunicação exigem, pois, novas regulações para que os direitos do cidadão-consumidor possam ser garantidos (CARVALHO, 2015).

⁷ O artigo em questão tem a seguinte redação: “Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...). CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 ago.2022.

⁸ PEC 8/2020. Disponível em www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141096. Acesso em: 20 ago.2021.

⁹ PORTAL DIREITO.NET. Disponível em www.direitonet.com.br/artigos/exibir/11461/O-acesso-a-internet-e-um-direito-fundamental. Acesso em: 20 ago.2021.

¹⁰ Decreto de 11 de maio de 2016, que regulamenta a Lei 12.965, de 23 de abril de 2014, para tratar das hipóteses admitidas de discriminação de pacotes de dados na internet e de degradação de tráfego, indicar procedimentos para guarda e proteção de dados por provedores de conexão e de aplicações, apontar medidas de transparência na requisição de dados cadastrais pela administração pública e estabelecer parâmetros para fiscalização e apuração de infrações. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8771.htm. Acesso em: 20 ago.2021.

¹¹ Lei que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 20 ago.2021.

Sobre a questão jurídica a respeito do *streaming*, principal ponto de discussão, há o Projeto de Lei 8.889/2017¹², que se propõe a regulamentar a produção e a distribuição dos serviços de conteúdo audiovisual via internet. Em 2021, o Deputado Federal Filipe Barros (PSL-PR) elaborou o Projeto de Lei 640/2021¹³, que propõe a aplicação de um novo tributo às plataformas de *streaming* no país, como *Netflix*, *Deezer*, *Spotify*, com um valor cobrado sobre a receita bruta de disponibilização, distribuição e fornecimento de conteúdo pela grande rede.

Dessa forma, embora os debates a respeito da internet e sobre o combate à concentração da propriedade no Brasil se mostrem cada vez mais presentes em vários âmbitos, falta uma agenda mais específica no país para tratar o tema e para buscar soluções mais plausíveis e efetivas para o atendimento do interesse da coletividade brasileira.

4. ANÁLISE DOS DADOS DA CONCENTRAÇÃO DA INTERNET NO BRASIL

Aqui, apresentam-se três bancos de dados, com suas respectivas análises dentro do contexto da discussão do artigo.

4.1. Pesquisa TIC Domicílios 2020

O Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), apoiado pela Unesco e o Cgi.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil), realizaram a pesquisa TIC DOMICÍLIOS 2020 – Pesquisa sobre o uso das tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros (TIC DOMICÍLIOS¹⁴ 2020, 2021). Eis os principais dados:

¹² O PL 8.889/2017, de autoria do Deputado Federal Paulo Teixeira (PT-SP), dispõe sobre a provisão de conteúdo audiovisual por demanda (CAvD) e dá outras providências. Disponível em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2157806>. Acesso em: 20 ago.2021.

¹³ PL 640/2021, que propõe a aplicação de um novo tributo às plataformas de *streaming* no país. Disponível em www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2271097. Acesso em: 20 ago.2021.

¹⁴ TIC Domicílios 2020, elaborada pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), apoiado pela Unesco, e pelo Cgi.br (Comitê

- **Banda larga fixa está mais presente na casa dos brasileiros em 2020:** Em 2020, a banda larga fixa avançou nas casas dos brasileiros, pulando de 62% para 69%, em especial nas classes C, D e E, principalmente em virtude da pandemia;
- **TikTok apresentou três vezes mais downloads que YouTube em 2020:** a plataforma de compartilhamento de vídeo TikTok registrou crescimento significativo desde 2020;
- **90% dos provedores de internet oferecem acesso por fibra ótica:** cerca de 6.400 empresas têm acesso via fibra ótica;
- **O país é o mais influenciado pelo conteúdo divulgado em redes e mídias sociais:** a penetração de conteúdos entre os usuários únicos de redes sociais no Brasil alcança 97%, o índice mais alto do mundo;
- **Consumo de internet duplicou no país em virtude da Covid-19:** a quantidade de horas que os brasileiros passam na internet trabalhando de casa praticamente dobrou em decorrência da pandemia da Covid-19 – chegando a quase 7 horas por dia de uso da internet para trabalho ou atividades afins; e
- **Instagram apresenta 35% mais audiência que Facebook:** o público no Instagram já é 34,7% maior que do Facebook (TIC DOMICÍLIOS 2020, 2021).

4.2. Operadoras de Internet em banda larga no Brasil

A Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) divulgou relatório a respeito da oferta de banda larga no Brasil, destacando o papel das Prestadoras de Pequeno Porte (RELATÓRIO ANATEL¹⁵, 2021).

Provedores menores comandam a oferta de banda larga em 20 estados brasileiros. Mas há uma concentração de 58% do mercado entre empresas como Claro, Vivo e Oi – com 21,3 milhões dos 36,2 milhões de acessos ativos

Gestor da Internet no Brasil). Disponível em <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2020/domicilios/>. Acesso em: 20 ago.2022.

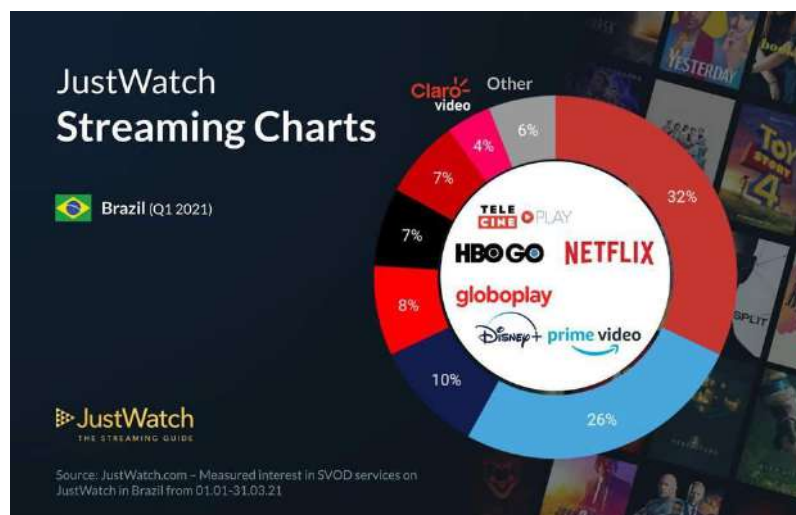
¹⁵ RELATÓRIO ANATEL, 2021. Disponível em https://sei.anatel.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php. Acesso em: 20 ago.2021.

de banda larga fixa. Nesse cenário, existem empresas como Algar, Brisanet e TIM que possuem cerca de 700 mil clientes cada uma (RELATÓRIO ANATEL, 2021).

Permanece, portanto, um processo de oligopolização no segmento, dominado por rês grandes empresas, ao mesmo tempo que, com a ampliação da digitalização e das necessidades de consumo, há mais de 5 mil operadoras atuando no país, com planos de expansão para prover os serviços ao público.

4.3. Consumo e concentração do *streaming*

Figura 1: *JustWatch Streaming Charts* – Brasil (Janeiro a março de 2021)



Fonte: *JustWatch Streaming Charts* (PORTAL TELE SÍNTESE¹⁶, 2021)

São cinco as empresas que dominam o mercado¹⁷ de *streaming* no Brasil:

- a) *Netflix*: a pioneira do mercado, tinha, no início de 2020, cerca 16 milhões de clientes no Brasil e aproximadamente 182 milhões de

¹⁶ PORTAL TELE SÍNTESE, 2021. Disponível em www.telesintese.com.br/streaming-so-disney-cresce-no-brasil-no-1o-trimestre-de-2021/. Acesso em: 20 ago.2021.

¹⁷ PORTAL OFICINA DA NET. Disponível em www.oficinadanet.com.br/entretenimento/32998-as-cinco-melhores-plataformas-de-streaming-no-brasil. Acesso em: 20 ago.2021.

assinantes no mundo, com receita anual superior da 20 bilhões de dólares;

- b) *Amazon Prime Video*¹⁸: oferece streaming de música, além de todo o conteúdo convergente de mídias oriundo da Amazon. Chegou ao Brasil em setembro de 2019, com cerca de 2 milhões de assinantes no Brasil;
- c) *Globoplay*¹⁹: lidera o mercado nacional de streaming, tendo o diferencial dos conteúdos exclusivos da TV Globo e ampliando parcerias com outros produtores e distribuidores de serviços de conteúdo audiovisual. De acordo com informações do próprio grupo, houve cerca de 100 milhões de horas de consumo mensal dos serviços e produtos da Globoplay em 2019;
- d) *Disney+*²⁰: estreou no Brasil em 17 de novembro de 2020, com conteúdo de marcas como Pixar, Marvel, Star Wars, *National Geographic* e da própria Disney. Em nível mundial, em janeiro de 2021, tinha quase 95 milhões de clientes no mundo; e
- e) *Telecine Play*²¹: O Telecine Play pertence ao Grupo Globo, como empreendimento em parceria entre a Globosat e quatro dos maiores estúdios de Hollywood: Fox, Paramount, Metro-Goldwyn-Mayer (MGM) e Universal. É exclusiva para filme, foi lançada em 2012, e tinha cerca de 1 milhão de assinantes, em 2020.

Em 2021, de acordo com levantamento da companhia especializada JustWatch, a Netflix prossegue como líder de mercado em streaming no Brasil. A Disney+ apresentou crescimento. As três principais plataformas – Netflix, Prime Vídeo e Disney+ – absorvem, juntas, 68% do mercado – gerando um grande grau de concentração de oferta de serviço por parte de poucas empresas.

¹⁸ Idem

¹⁹ Idem

²⁰ Idem

²¹ Idem

A JustWatch se apresenta como um guia de programação, tabulando os percentuais de mercado com base na procura por conteúdo das na sua própria plataforma, como se observa na figura 1.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

As conclusões preliminares, visto que a pesquisa está em andamento, mostram que a concentração da internet no Brasil mantém a lógica dos outros meios tradicionais, como televisão e rádio. Para além disso, a comunicação via internet tem grandes impactos em todos os níveis, consolidando a ideia da transversalidade.

Há poucas empresas dominando o mercado de oferta de internet no país três corporações dominam 58% do mercado – embora se observe o crescimento das Provedoras de Pequeno Porte (PPP) na prestação do serviço.

No contexto do *streaming*, há um oligopólio de cinco empresas que dominam a oferta de conteúdos no Brasil e, como os serviços são pagos e boa parte das produções são internacionais, evidencia-se a necessidade de estabelecimento de regras mais claras a respeito da oferta desse tipo de serviço no Brasil, que se mostra cada vez mais uma tendência de produção e consumo de conteúdo audiovisual.

Por fim, identificam-se os marcos jurídicos da regulação da internet no Brasil, que estão presentes na Constituição Federal de 1988, no que se refere ao combate aos oligopólios e ao direito à informação, e no Marco Civil da internet, aprovado em 2014 e regulamentado em 2016. Todavia, mostra-se, de forma clara, que ainda há uma hipossuficiência da legislação brasileira para tratar algo tão complexo e diversificado como a internet.

Mostra-se, pois, o desafio de uma agenda permanente de pesquisa a respeito dos conteúdos audiovisuais e da oferta de internet no Brasil, com busca da mobilização da sociedade civil, do Congresso Nacional e dos marcos civilizatórios e regulatórios do segmento no território nacional.

Referências

AZEVEDO, J. A.; SANTOS, A. D. G.; MOTA, J. S. O avanço conceitual do subcampo da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura a partir da Revista EPTIC. **Revista Comunicação Midiática**, v. 11, p. 194-208, 2016.

BOLAÑO, C. R. S.; BRITTOS, V. C. Economía Política de la Comunicación. Reflexiones sobre la contribución brasileña. **Nostromo - Revista Crítica Latinoamerica** v. 3, p. 114-120, 2010.

BOLAÑO, C. R. S.; SANTOS, V. A. Considerações teórico-metodológicas sobre a história do campo da Economia Política da Comunicação e da Cultura. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 7, p. 52-66, 2018.

BOLAÑO, C. R. S. Capitalismo global e crítica da Comunicação: por uma nova teoria da mediação social. **Revista Comunicação Midiática**, v. 11, p. 19-32, 2016.

BOLAÑO, C. R. S. Tapando el agujero negro. Para una crítica de la Economía Política de la Comunicación. **CIC - Cuadernos de Información y Comunicación**, v. 11, p. 47-56, 2006.

CANABARRO, D. R.; PATRÍCIO, N. A.; SOUZA, C. A. de. Os dois anos do Marco Civil da internet no Brasil. Nexo, 2016. Disponível em: www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/Os-dois-anos-do-Marco-Civil-da-Internet-no-Brasil. Acesso em: 20 ago.2021.

CARVALHO, P. M. Considerações sobre a privacidade na internet. **Revista Interin (UTP)**. Curitiba, v. 20. n.2. p. 66-82, jul./dez. 2015

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 ago.2022.

DECRETO 8771/2016. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8771.htm. Acesso em: 20 ago.2022.

GARCIA JÚNIOR, Emilson Ferreira; MEDEIROS, Shara; AUGUSTA, Camila. Análise documental: uma metodologia da pesquisa para a Ciência da Informação. **Revista Temática**. Ano XIII, n. 07. Julho/2017. NAMID/UFPB. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: 20 ago.2021.

INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. O controle da mídia em debate. In: **Le Monde Diplomatique**, n. 25, agosto, p. 34-35, 2009.

LEI 12695/2014. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 20 ago.2021.

LOPES, R. S. Economia Política da Comunicação e da Cultura: aportes para a formação de um campo disciplinar. **Pragmatizes – Revista Latino-americana de Estudos em Cultura**, v. VI, p. 10-19, 2016.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. **Revisões de literatura**. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2004.

PEC 8/2020. Disponível em www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141096. Acesso em: 20 ago.2021.

PORTAL ABRIL. Disponível em <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-inventou-a-internet/>. Acesso em: 25 ago.2021.

PORTAL CANALTECH. Disponível em <https://canaltech.com.br/internet/o-que-e-streaming/>. Acesso em: 25 ago.2021.

PORTAL DIREITO.NET. Disponível em www.direitonet.com.br/artigos/exibir/11461/O-acesso-a-internet-e-um-direito-fundamental. Acesso em: 20 ago.2021.

PORTAL ELETRONET. Disponível em www.eletronet.com/surgimento-e-evolucao-da-internet-no-brasil/. Acesso em: 25 ago.2021.

PORTAL OFICINA DA NET. Disponível em www.oficinadanet.com.br/entretenimento/32998-as-cinco-melhores-plataformas-de-streaming-no-brasil. Acesso em: 20 ago.2021.

PORTAL TELE SÍNTESE, 2021. Disponível em www.telesintese.com.br/streaming-so-disney-cresce-no-brasil-no-1o-trimestre-de-2021/. Acesso em: 20 ago.2021.

PORTAL UOL. Disponível em www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/08/22/afinal-quem-inventou-a-internet.htm. Acesso em: 25 ago.2021.

PORTAL UOL. Disponível em www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/08/18/tic-domicilios-2020-idosos-usaram-mais-internet-uso-de-smart-tv-cresceu.htm. Acesso em: 25 ago.2021.

PROJETO DE LEI 8.889/2017. Disponível em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2157806>. Acesso em: 20 ago.2021.

PROJETO DE LEI 640/2021. Disponível em www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2271097. Acesso em: 20 ago.2021.

RELATÓRIO ANATEL, 2021. Disponível em https://sei.anatel.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php. Acesso em: 20 ago.2021.



RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, V. A. Um diálogo com os Estudos Culturais, a partir da EPC. **Revista EPTIC**, v. 21, n. 2, p. 93-105, 2019.

SILVA, H. B. G. e; MARQUES, R. M. Restrições ao acesso informacional: a neutralidade de rede e a prática do zero-rating na governança da Internet. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 28, 2018.

SIQUEIRA, F. et al. **Do conhecimento científico e pesquisa acadêmica**. In: Como elaborar um projeto de pesquisa: Linguagem e Método: Elaboração de projeto de pesquisa. Rio de Janeiro, FGV, 2007. Disponível em www.uff.br/sga/monografia/material_u_eco.pdf. Acesso em: 25 ago.2021.

TIC Domicílios 2020, elaborada pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), apoiado pela Unesco, e pelo Cgi.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Disponível em <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2020/domicilios/>. Acesso em: 20 ago.2021.

**ANÁLISE DO DISCURSO:
ANÁLISE IMAGÉTICA DO DISCURSO DO MANTO DO CÍRIO
2021¹**

**DISCOURSE ANALYSIS:
IMAGE ANALYSIS OF THE SPEECH OF THE MANTLE OF THE
2021 CIRIO**

**ANÁLISIS DEL DISCURSO:
ANÁLISIS DE IMÁGENES DEL DISCURSO DEL MANTO DEL
CÍRIO 2021**

Nayde de Fátima Lins Bentes²
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo a análise do discurso sobre o manto do Círio de Nazaré 2021. O manto é um símbolo importante da festa cristã paraense e todos os anos ganha nova versão apresentada aos devotos da Santa em momento solene. A confecção do adorno é inspirada no tema anual da festividade e tem como compromisso transmitir mensagens de fé e devoção aos fiéis. Para que fosse possível realizar a proposta deste artigo, foi necessário o levantamento bibliográfico sobre a análise de discurso, a festa do Círio e suas simbologias, pontuando todos os símbolos e ícones da festividade, e por fim, analisar o manto do Círio de Nazaré 2021 sob a perspectiva da análise do discurso.

Palavras-chave

Análise do discurso; Círio; Manto.

¹ Trabalho apresentado ao **Simpósio de Trabalho 01 - Comunicação e as transversalidades na era digital** do **IX Confluências**, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Designer de interiores, especialistas em Docência do Ensino Superior e mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia (UNAMA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5737277267504851>. E-mail: naydelinsbentes@gmail.com. ID ORCID: 0000-0003-0845-9900.

³ Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA); professora da Universidade da Amazônia (UNAMA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2354238224698969>. E-mail: ivana.professora@gmail.com. ID ORCID: 0000-0003-3194-7259.



Abstract

This work aims to analyze the discourse on the mantle of the Círio de Nazaré 2021. The mantle is an important symbol of the Christian festival in Pará and every year it gains a new version presented to the Saint's devotees in a solemn moment. The making of the adornment is inspired by the annual theme of the festivity and is committed to transmitting a message of faith and devotion to the faithful. In order to carry out the proposal of this article, it was necessary to carry out a bibliographic survey on discourse analysis, the Círio party and its symbologies, punctuating all the symbols and icons of the festivity, and finally, analyzing the mantle of the Círio de Nazaré 2021, from the perspective of discourse analysis.

Keywords

Discourse analysis; Círio; Cloak.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar el discurso sobre el manto del Círio de Nazaré 2021. El manto es un símbolo importante de la fiesta cristiana en Pará y cada año gana una nueva versión presentada a los devotos del Santo en un momento solemne. La confección del adorno se inspira en el tema anual de la festividad y se compromete a transmitir un mensaje de fe y devoción a los fieles. Para llevar a cabo la propuesta de este artículo, fue necesario realizar un levantamiento bibliográfico sobre el análisis del discurso, la fiesta del Círio y sus simbologías, puntuando todos los símbolos e íconos de la fiesta, y finalmente, analizando el manto del Círio de Nazaré 2021, desde la perspectiva del análisis del discurso.

Palabras clave

Análisis del discurso; Círio; Capa

1. INTRODUÇÃO

O Círio de Nazaré é uma festividade cultural e religiosa de devoção à Nossa Senhora de Nazaré, realizada todos os anos em Belém, capital do estado do Pará. Durante quinze dias no mês de outubro, reúne várias procissões e completa-se com um arraial, para os devotos trata-se de uma festividade em louvor a Santa, “[...] impregnada dos significados e das formas particularmente

expressivas do mundo paraense e amazônico” (ALVES, 2005, p. 316). Para os fiéis, Nossa Senhora de Nazaré é considerada a Rainha da Amazônia.

A festa cristã paraense tem vários objetos simbólicos que podem ser apreciados durante os dias de festividade. Um dos símbolos mais importantes é o manto, adorno que cobre a santa e todos os anos ganha nova versão. Tamanha importância deste símbolo que ele possui um dia, durante a festividade, dedicado para apresentação ao público. Momento esse aguardado com expectativa para ver como será a vestimenta da Santa e quais mensagens se traduz por meio de seus símbolos.

Dada a tradição dos mantos e como a peça a cada ano causa diferentes sentidos aos que a apreciam, este artigo tem por objetivo analisar o manto do Círio de Nazaré 2021, sob a perspectiva da análise do discurso, uma ciência que “[...] emerge como um meio de investigação para a compreensão da complexidade existente entre o espaço e suas significações por meio de constructos representados na imagem” (MATOS, 2017, p. 1). Nesse sentido, é possível trazer luz às experiências vividas e percebidas pelos sujeitos que formam as relações com o mundo. Assim, analisar a imagem do manto, símbolo importante da festa cristã paraense, se faz de importante ferramenta para compreender a produção de sentidos nos devotos para os quais é apresentado e gera diferentes discursos para eles.

2. CÍRIO DE NAZARÉ

Para os devotos paraenses, Nossa Senhora de Nazaré é considerada a Rainha da Amazônia. O Círio de Nazaré é uma festividade cultural e religiosa, realizada todos os anos, durante quinze dias no mês de outubro, reúne várias procissões e completa-se com um arraial.

Círio é uma palavra que simboliza uma grande vela pascal e que, tanto em Portugal como no Pará, “[...] designa romaria ou procissão em que avultam – como promessas ou ex-votos – velas, cabeças, pés, mãos, animais, barcos e outros objetos feitos de cera” (DUBOIS, 1953, p. 49).

A festividade tem a duração de quinze dias, o evento principal é a procissão que percorre a cidade de Belém entre a Catedral da Sé e a Basílica Santuário de Nazaré, exatamente no segundo domingo do mês de outubro. Desde o primeiro Círio que o trajeto e a representação simbólica da procissão não se modificaram. Porém, hoje, além desse evento principal que é a procissão do segundo domingo de outubro, a tradição se completa com mais onze romarias oficiais.

Na manhã do segundo domingo de outubro, dar-se início a principal procissão da festividade: “O Círio de Nazaré”. Estima-se que mais de dois milhões de pessoas de todos os lugares do mundo vem a Belém para participar da procissão de 3,6 km, saindo da Catedral de Belém até a Praça Santuário de Nazaré. A Imagem da santa é conduzida em uma berlinda ornamentada por flores naturais, acompanhada por uma enorme corda de sisal, hoje em formato linear, onde os fiéis disputam espaço para tocá-la com o objetivo de pagar promessas e prestar homenagens à Virgem de Nazaré (DIRETORIA DA FESTA DE NAZARÉ, 2021).

No quarto domingo de outubro, inicia-se o encerramento da festividade nazarena, onde é celebrada uma missa na Praça Santuário, reunindo milhares de fiéis para honrar e marcar o encerramento da Festa de Nazaré. Ao final da missa, o encerramento também é festejado com um show pirotécnico (DIRETORIA DA FESTA DE NAZARÉ, 2021).

Na manhã seguinte, e após passar os quinze dias perto dos fiéis sendo visitada e apreciada no presbitério, a Imagem Original de Nossa Senhora de Nazaré retorna a sua redoma de cristal, no Glória, onde fica o ano inteiro. E para finalizar, acontece o momento que encerra toda a Festividade Nazarena: o Recírio, que é uma procissão de despedida e última romaria.

É quando os paraenses se despedem da Rainha da Amazônia. A procissão do Recírio começa após a missa campal realizada na Praça Santuário, quando a Imagem Peregrina é conduzida num percurso de 250 metros, em direção à Capela do Colégio Gentil Bittencourt. A primeira procissão do Recírio remonta a metade do século XIX, mais precisamente o ano de 1859 (DIRETORIA DA FESTA DE NAZARÉ, 2021).

3. A SIMBOLOGIA DO CÍRIO DE NAZARÉ SEUS SIGNIFICADOS

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é composto de vários símbolos. Todos possuem muito significados para os fiéis e romeiros das procissões. E são partes da estrutura tradicional da festa. Os mais populares são os descritos abaixo:

Quadro 1 – Símbolos e significados populares.

Símbolos	Significados
A Corda	Foi incorporada na festividade do Círio, no ano de 1885, quando aconteceu uma enchente da Bahia do Guajará, alagando a orla no momento da procissão. A corda foi usada como solução para que os puxassem a berlinda. Desde então, a Corda passou a ser um dos maiores símbolos de esforço, sacrifício e devoção à Virgem de Nazaré durante o círio e a trasladação.
A Imagem Original	foi encontrada pelo Caboclo Plácido José de Souza, em 1700, às margens do igarapé Murucutu. Desde então, esta imagem, é chamada de Imagem Original, está guardada em um nicho de cristal, conhecido como “Glória”, no alto do altar-mor da Basílica Santuário de Nazaré, e durante toda a festividade nazarena permanece em um nicho no altar ao alcance dos olhos dos fiéis.
A Imagem Peregrina	E em 1969, por motivos de segurança, a Imagem original de Nossa Senhora de Nazaré deixou de fazer parte das procissões. O Pároco da Nazaré, Padre Luciano Brambilla, atendendo aos pedidos dos fiéis, resolveu encomendar uma réplica da imagem de Nossa Senhora de Nazaré e essa imagem passou a fazer parte de todas as romarias oficiais da quadra nazarena
A Berlinda	Utilizada pela primeira vez em 1855, quando foi preciso substituir as carruagens puxadas por bois, a berlinda desde então se tornou símbolo do Círio que tem papel de guardar a imagem peregrina durante a procissão. Todos os anos é ornamentada com flores naturais em harmonia com o manto atual da Santa
Os Carros de anjos e de promessas	Os carros são símbolos importantes da devoção mariana, incluídos a procissão ao longo da história do Círio de Nazaré. Além da berlinda, outros treze, acompanham a procissão do Círio, seja para recolher os ex-votos (objetos de promessa) ou levando as crianças vestidas de anjos como promessa

Ex-votos ou objetos de promessas	São objetos levados pelos devotos como sinal do agradecimento pelas graças recebidas com a intercessão de Nossa Senhora. Dentre eles estão os objetos em cera, como velas, partes do corpo, como pulmão, coração, braço, pernas, entre outros.
Os brinquedos de Miriti	São feitos a partir de material extraído de uma palmeira típica da região. Enchem de cor, beleza e alegria as ruas de Belém no mês de outubro e são obras primas da dedicação, fé e do trabalho de artesãos paraenses.
O Cartaz	Confeccionado pela primeira vez em 1826, em Portugal. é um símbolo que visa não somente divulgar a festa nazarena, mas também é um instrumento de evangelização. Tradicionalmente, o cartaz é fixado na porta das casas de famílias e de empresas paraenses como símbolo de devoção e respeito a Nossa Senhora.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

4. ANÁLISE DO DISCURSO IMAGÉTICA DO MANTO DO CÍRIO 2021

O manto é um adorno que cobre a imagem peregrina levada nas romarias nazarenas. De acordo com o site oficial do Círio (COLENY, 2022), há controvérsias sobre a imagem original portar ou não um manto. Segundo a história sobre o achado da imagem, o caboclo Plácido José de Souza a encontrou, em 1700, às margens do Igarapé Murutucu, e esta já estaria vestida com um manto de gotas de orvalho (CHAVES, 2021).

Já a imagem peregrina, desde o século XX depois do 2º centenário do achado da imagem original, a cada ano recebe um novo manto. Não há relatos exatos de quando iniciou a tradição dos mantos, mas desde os primeiros registros de cartazes da romaria de Nazaré, a imagem apresenta-se com uma nova vestimenta carregada de inspirações, significado e homenagens.

Até o ano de 1973, o manto era confeccionado pela Irmã Alexandra, da Congregação Filhas de Sant'Ana, pertencente a um tradicional colégio da capital paraense e usava material doado por promesseiros. Após sua morte, Esther Paes França, ex-aluna do tradicional colégio, assumiu a missão por 19 anos (COLENY, 2022; FURTADO, 2021). Após isso, vários estilistas já foram convidados para a confecção da peça.

Conhecer o manto passou a ser um momento de expectativa dos devotos e ganhou uma data reservada no calendário oficial do Círio. A apresentação do manto, como é conhecida a data, acontece um dia antes do início da maratona das romarias. O manto mede 52 cm de altura e 51,5 de circunferência, o símbolo traz no bordado o amor e a fé de quem o confeccionou.

Segundo Corrêa (2010, p. 122),

O manto simboliza a coesão social percebida por diversas procissões que compõem a festa de Nazaré, já que ele, ao proteger a Santa e seu filho, por extensão, também protege e ampara todos os fiéis, independentemente do status social que possuem. Ao mesmo tempo, esse símbolo é capaz de legitimar os dogmas sagrados da Igreja Católica, uma vez que seus bordados e ornamentações reforçam os mistérios da fé e devoção à Santa. E, finalmente ele é também, e, sobretudo, o elo de ligação de três expressões – mãe, manto e Maria - que sempre convergem pra um significado comum que encontra lugar na majestosa, imponente e suntuosa imagem que deu luz ao redentor da humanidade, símbolo maior da religião católica.

Em forma de cone, o manto tem sempre uma conotação mística, relatando partes do evangelho. Este ano, o design do manto oficial da imagem de Nossa Senhora de Nazaré faz uma homenagem às famílias, tendo como base o tema do Círio 2021: “O evangelho da família na casa de Maria”.

Figura 1 – Manto de Nossa Senhora de Nazaré do ano de 2021.



Fonte: Fundação Nazaré de Comunicação (2021).

Uma imagem pode ser lida de diferentes formas, dependendo do contexto e ambiente na qual está inserida (ASHWIN, 1979). O objetivo de uma mensagem é: contar, expressar, explicar, ensinar, inspirar, afetar (ESTRELLA, 2006), e quando se usa imagens para estabelecer essa mensagem é feito escolhas “[...]”

gráficas através das quais se pretende reforçar e intensificar as intenções” (BORBA; PARREIRA, 2019, p. 3) como é caso das cores e símbolos escolhidos para confecção do manto, no qual buscou itens que possuem significados bíblicos e que intensificam suas significações. Os elementos gráficos da imagem (linha, forma, cor, luz, espaço etc.) compõem a mensagem e influenciam o significado pretendido.

A cor predominante do manto 2021 é a verde-água. Um tom suave e sereno de verde, referindo a natureza, ao sentimento de esperança, liberdade, saúde e vitalidade. Na Bíblia Sagrada, o verde significa misericórdia, alimento, vida nova, florescimento, vigor, prosperidade e união. Expressando o momento em que vivemos, frente a pandemia que assola o mundo, e a confiança de dias melhores para os fiéis de Nossa Senhora. O verde está inserido no centro do manto, e em toda a borda a cor prata vem complementar através do bordado das mini pérolas e missangas fazendo um degradê dos tons esverdeados (SIGNIFICADOS, 2022).

A cor prata também se destaca nos laços entrelaçados aos galhos dourados envolta do manto, que representam o laço de amor em todas as famílias, e ao meio desse entrelace, a corda, que é um dos maiores símbolos de esforço, sacrifício e devoção à Virgem de Nazaré durante o Círio e a Trasladação. Um dos laços, o que fica ao meio do manto é complementado pela cor violeta, a cor mais espiritual de todas, completam o acorde cromático da delicadeza que transborda na imagem de Nossa senhora.

Os beija-flores completam esse entrelace, e com uma mensagem simples, se vê o manto representado como o próprio ninho para os pássaros. Ao centro do ninho, um medalhão em formato de camafeu feito em prata e madrepérolas, esculpida a família humana representada pela sagrada família, protegida pelo amor divino, representada pelas asas do espírito santo. E para fechar o manto envolto da imagem, o broche em prata à frente traz o “Zayin” – ז, número sete em hebraico, a simbolizar o fundamento da palavra de Deus, o número da plenitude e da perfeição física e espiritual inerente a toda a obra de Deus sobre a terra, sob um selo que também representa um dos símbolos do Espírito Santo (PONTO DE VISTA CRISTÃO, 2022).

Figura 2 – Imagem de Nossa Senhora de Nazaré envolta com o manto do ano de 2021.



Fonte: Fundação Nazaré de Comunicação (2021).

O manto não é apenas um adorno da Santa, é também um símbolo de proteção para os devotos. É comum a expressão “cobrir com teu manto” entre os fiéis fazendo referência a um lugar seguro, protetor e passível de bênçãos. Esse é um dos sentidos provocados entre os fiéis. Os símbolos contidos na peça remetem à sentidos diversos como: proteção, amor, fé e devoção.

CONCLUSÃO

A imagem do manto é um elemento comunicador. No processo comunicacional, o objetivo principal é a transmissão de informações de um interlocutor a um receptor (AGUIAR, 2004) e “[...] para efetivar uma mensagem, além de transmiti-la com os recursos necessários, é preciso conhecer o destinatário para realizar uma comunicação eficaz” (BORBA; PARREIRA, 2019, p. 1). Nesse caso, os estilistas idealizam a ornamentação do manto “[...] de acordo com o tema do Círio de cada ano, assim como as cores, os adereços e os desenhos, que precisam passar uma mensagem ao público” (FURTADO, 2021). Nesse caso, os profissionais possuem os recursos que são: conhecer a devoção da população à Santa, ter o tema base para confecção da peça. Facilitando a comunicação entre interlocutor e receptor da mensagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.

ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados** [online], São Paulo, v. 19, n. 54. p. 315-332, 2005.

ASHWIN, Clive. The ingredients of style in contemporary illustration: a case study. **Information Design Journal**, [S. l.], n. 1, p. 51-56, 1979.

BORBA, Marina; PARREIRA, Suzana. O papel do contexto gráfico nos estudos de análise imagética. *In*: Information Design International Conference – CIDI2019, 9, 2019, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: CIDI, 2019.

CHAVES, Jhonata. A história dos mantos de Nossa Senhora de Nazaré. **Bacana News**, Belém, 9 out. 2021. Disponível em: <https://bacananews.com.br/a-historia-dos-mantos-de-nossa-senhora-de-nazare/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

COLENY, Fabrício. Símbolos. **Círio de Nazaré**, Belém, 2021. Disponível em: <https://www.ciriodenazare.com.br/cirio/simbolos>. Acesso em: 14 jan. 2022

CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: a festa de fé e suas (re)significações culturais - 1970-2008**. 2010. 244 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

DIRETORIA DA FESTA DE NAZARÉ. Procissões. **Círio de Nazaré**, Belém, 2021. Disponível em: <https://www.ciriodenazare.com.br/cirio/procissoes>. Acesso em: 17 jul. 2021.

DUBOIS, Padre Florêncio. **A devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará**. 2. ed. rev. e aug. Belém: 1953.

ESTRELLA, Charbelly. **Comunicação e imagem**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2006.

FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO. Manto oficial do Círio 2021 é apresentado aos fiéis. **Fundação Nazaré de Comunicação**, Belém, 7 out. 2021. Disponível em: <https://fundacaonazare.com.br/cirio-de-nazare/manto-oficial-do-cirio-2021-e-apresentado-aos-fieis/>. Acesso em: 28 jan. 2022

FURTADO, Victor. Manto do Círio 2021 já está em confecção. **O Liberal**, Belém, 04 jun. 2021. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/manto-do-cirio-2021-ja-esta-em-confeccao-1.394930>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MATOS, Fábio de Oliveira. Um olhar sobre as representações sociais e a imagética na análise do espaço geográfico. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v. 11, n. 25, p. 95-110, jan./abr., 2017.



PONTO DE VISTA CRISTÃO. **Zayin.** Disponível em: <https://pontodevistacristao.weebly.com/a-letra-zayin.html>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SIGNIFICADOS. **O que significa a cor verde.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/cor-verde/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

JULIETTE FREIRE: O POSICIONAMENTO A PARTIR DE PUBLICAÇÕES NO *INSTAGRAM* DA INFLUENCIADORA DIGITAL SOBRE OS CUIDADOS COM A PANDEMIA DE COVID-19

Lucas Matheus Santos Porto¹

RESUMO

Na pandemia de COVID-19, diversas desinformações surgiram na sociedade com o objetivo de causar o caos social. Desta forma, este artigo consiste em uma análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). A pesquisa tem como questão norteadora qual o posicionamento da influenciadora digital Juliette Freire na rede social *on-line Instagram* sobre os cuidados com a pandemia de Covid-19 e investiga as publicações relacionadas ao novo vírus, no período de janeiro de 2021 a dezembro de 2021. O objetivo deste artigo é entender de que forma a influenciadora atuou na sua conta da rede social para ajudar no combate do novo coronavírus. A pesquisa explora os conceitos de desinformação (Allcott; Gentzkow), pandemia e acontecimento (França; Embareck) e influenciadores digitais (Isaaf Karhawi). Como resultados, percebemos que a influenciadora se posicionou a favor na ciência, por meio de sua rede social *on-line*, para ajudar no combate a pandemia do novo coronavírus.

Palavras-chave: Desinformação; Covid-19; Acontecimento; Influenciadores digitais; Juliette.

ABSTRACT

During the pandemic of the new coronavirus, several misinformation emerged in society with the aim of causing social chaos. Thus, this article consists of a content analysis proposed by Bardin (1977). The research has as a guiding question what is the position of the digital influencer Juliette Freire on the online social network Instagram on the care of the Covid-19 pandemic and investigates the publications related to the new virus, from January 2021 to December 2021. The purpose of this article is to understand how the influencer acted on her social network account to help fight the new coronavirus. The research explores the concepts of disinformation (Allcott; Gentzkow), pandemic and event (France; Embareck) and digital influencers (Isaaf Karhawi). As a result, we realized that the influencer positioned herself in favor of science, through her online social network, to help fight the new coronavirus pandemic.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (porto-lucass@hotmail.com)

Keywords: Desinformation; Covid-19; Event; Digital Influencers; Juliette.

INTRODUÇÃO

Todos os dias, consumimos informações vindo de diversos meios: da televisão ao smartphone, em redes sociais *on-line* (*facebook, instagram, twitter*) e aplicativos de troca de mensagens, como o *whatsapp*, mas é preciso ter em mente que nem todas as informações que recebemos são verdadeiras.

Durante a pandemia de Covid-19, esse crescimento de informações falsas que circulou nessas plataformas foi gigantesco, causando a pandemia da desinformação, nomeada por infodemia, que é definida como “um grande aumento nas informações relacionadas a um nicho específico, que crescem em um curto período de tempo, onde informações são manipuladas para enganar as pessoas”. ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (2020), pág 1.

A pandemia do novo coronavírus foi responsável por interromper a vida de milhões de pessoas, totalizando mais de 625 mil mortes somente no Brasil², um número assustador, que reflete o posicionamento do governo negacionista brasileiro. Uma das regiões mais afetadas do Brasil foi Manaus, com hospitais cheios, sem oxigênio, adoentados levados para outros estados e cemitérios sem vagas para sepultamento.

Diante destes altíssimos números de mortos e internados, as redes sociais *on-line* foram, durante muito tempo da pandemia do novo coronavírus, uma forma de entreter e conscientizar as pessoas. Muitos influenciadores digitais produziram conteúdo e se posicionaram do lado da ciência para combater as diversas desinformações que surgiram durante a pandemia de covid-19, entre eles, a influenciadora digital Juliette Freire.

DESINFORMAÇÃO

A desinformação é um termo moldado de “*Fake News*”, que foi adaptado a partir do amadurecimento dos estudos sobre o assunto. Fake News foi a palavra do ano de 2017, em tradução de forma literal para o português significa notícia falsa. A palavra se destaca durante as eleições americanas, quando Donald Trump se referia a qualquer notícia negativa sobre ele como falsa. Allcott;

² Número de mortes no Brasil por covid-19. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em 20 de jan de 2022.

Gentzkow (2017), pág 211. Os autores afirmam que essas informações falsas sempre possuem o objetivo de disseminar mentiras e informações falsas para atacar algo ou alguém.

Antes do surgimento das redes sociais on-line, essa disseminação de informações falsas já existia³. Outras histórias falsas rodeiam outros períodos da história. No século VI, Procópio, um historiador, escreveu histórias falsas para arruinar a reputação do imperador Justiniano. Os pasquins ou jornalecos na época se transformaram em uma forma comum de distribuir notícias ruins, muitas vezes falsas para os leitores.

Em 1772, o reverendo Henry Bate (capelão de Lord Lyttleton) fundou o *The Morning Post*, um jornal que era uma sucessão de parágrafos sobre notícias distintas, quase todas falsas. Em 13 de dezembro de 1784, por exemplo, esse jornal publicou um parágrafo sobre um prostituto que prestava seus serviços a Maria Antonieta: “A rainha francesa tem afeição pelos ingleses. De fato, a maioria de seus favoritos procede desse país; mas quem mais prefere é o senhor W. É sabido que esse cavalheiro tinha sua carteira vazia quando chegou a Paris e, no entanto, agora leva uma vida cheia de elegância, bom gosto e moda. Mantém suas carruagens, seus uniformes e sua mesa sem economizar gastos e com todo o esplendor (DARNTON, 2017, pág 1).

Seibt (2018), a peculiaridade das Fake News não é o poder de poder compartilhá-las a qualquer momento, o perigo é a possibilidade de personalizar essas informações, que podem causar danos irreversíveis à vida de alguém. O meio digital é capaz de reproduzir tais notícias de forma mais instantânea devido a facilidade ao acesso e como já mostrado, a disseminação de informações falsas já existe há muito tempo.

Fake News não são notícias novas. Na história, por exemplo, a ‘Grande lua falsa’, de 1835, o jornal *The New Yor Sun* publicou uma série de artigos sobre a descoberta de vida na lua. A mais recente foi um exemplo de 2006, em que uma estação de tv belga reportou que o parlamento declarou independência da Bélgica. Muitas pessoas acreditaram que era verdade. Tabloides como o *The National Enquirer* e *Weekly World* publicaram histórias parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas. (ALLCOTT; GENTZKOW, 2016, pág 212)

Toda informação disseminada no mundo virtual é publicada por algo ou alguém, seja um ser humano ou até mesmo uma máquina. “Os grandes

³ Reportagem do jornal *El País* sobre a verdadeira história das notícias falsas. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em: 22 de dez de 2021.

responsáveis pela propagação de Fake News são os seres humanos, não os robôs” (SEIBT, 2018, pág 3).

Anteriormente fake news foi a designação também usada para se referir à manipulação de fotos, imagens ou vídeos visando criar uma história falsa. Esta descrição distingue-se das outras já mencionadas porque refere-se a notícias visuais, ao contrário das outras que se baseavam em conteúdo textual. A manipulação de imagens tornou-se cada vez mais comum devido ao advento da era digital, ou seja, o aparecimento das fotos digitais e dos softwares que permitiam a manipulação de imagens. (SINTRA, 2019, p.10)

No contexto da pandemia do novo coronavírus, o termo “infodemia” se destaca. Leila Posenato Garcia e Elisete Duarte (2021) definem como um grande aumento na quantidade de informações associadas a assuntos específicos, que crescem em um curto período. Nesse caso, o da pandemia do novo coronavírus, que teve um grande crescimento no volume das informações disseminadas, sendo verdadeiras ou falsas, nas redes sociais on-line.

COVID-19

A pandemia do novo coronavírus é um acontecimento marcante na história e está no registrada graças à mídia. A partir dela, os acontecimentos se mantêm registrados e serão mostrados às gerações futuras como forma de conhecimento.

Trata-se de uma palavra banal, que usamos fartamente no nosso dia a dia, tanto para nos referirmos ao que acontece conosco ou ao nosso redor, como para falar das ocorrências no mundo. Mas é necessário problematizar um pouco mais a palavra e o conceito. Se coisas acontecem o tempo todo, nem todas têm o mesmo peso, o mesmo poder de afetação. Chamamos então “acontecimento” os fatos e as ocorrências que se destacam ou merecem maior destaque. É nesse sentido que “acontecimento” se torna uma noção importante em vários domínios, recebendo conceituação e tratamento peculiares em cada um. (FRANÇA, 2012, pág. 12)

Conhecido na ciência por SARS-CoV-2, Lorenço, Toledo, Nascimento, Alderete, Carvalho e Nardelli (2021), definem o novo coronavírus como uma família de vírus comuns presentes em diversas espécies de diversos animais. A ciência mostra que a transmissão do novo coronavírus iniciou pelo contato com os animais. Eles acreditam que os animais infectados estavam sendo vendidos no mercado de Wuhan, na China.

Para Levi (2020), quando vemos os números nos gráficos relacionados a pandemia no Brasil, é possível ver uma onda no número de casos entre abril e maio de 2020. “Em junho, o número de casos e mortes foi caindo, fazendo esse formato de onda. Depois, houve uma segunda, muito maior, relacionada à variante P.1, que começou em dezembro e teve o pico em março” (LEVI, 2020, pág 2).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) indica a existência de sinais de uma terceira onda de casos de COVID-19, sendo essa questão relacionada ao surgimento cada vez mais acelerado de novas variantes, ao descumprimento das medidas sanitárias e a resistência de uma parte da população em relação as vacinas. Em relação ao número de mortes em um panorama mundial foi contabilizado até então 5.449.423, dentre elas 619.473 mortes são do Brasil¹⁰.

Do início do mês de dezembro de 2021 até o início de janeiro de 2022 a aparição de diversos novos casos de covid-19 está sendo motivo de preocupação para os médicos e pesquisadores, pois está ocorrendo um aumento repentino do número de casos de covid-19 no mundo. Quando se fala em números, uma das regiões que se destaca é Manaus, que em janeiro de 2021 se tornou uma das áreas mais afetadas do Brasil quando se trata do novo coronavírus. Na época, faltavam hospitais, oxigênio até mesmo cemitérios para enterrar todas as vítimas do novo coronavírus.

INFLUENCIADORES DIGITAIS

O termo influenciador digital se tornou evidente no Brasil no ano de 2015. Sendo um dos principais motivos o fato do acesso e chegada de novos aplicativos que possuem um enorme proporção e gama de comunicação, pois através dele aquele fala ou publicação pode alcançar públicos de diversos meios e campos. Os influenciadores digitais são pessoas que publicam conteúdo na internet, por meio de um blog ou de redes sociais on-line, como o Twitter, Facebook, Instagram, Tik Tok e entre outros. Eles são responsáveis por produzir conteúdo para um público-alvo se identificar.

Influenciamos e somos influenciados a todo momento. Quando sugerimos um médico, ou quando alguém compra algo, ou visita um museu a partir do relato positivo de um amigo, o poder da influência é exercido. Para que se possa avançar a discussão sobre quem são os influenciadores digitais, como trabalham e que impacto potencial pode oferecer aos anunciantes, é preciso,

antes de mais nada, acompanhar, ainda que brevemente, os estudos sobre influência, mais especificamente na esfera midiática. (PRIMO, MATOS, MONTEIRO. 2021, pág 24)

A utilização dessas diversas plataformas para realização desse processo é o ponto chave para os influenciadores, pois por meio dessa dinamicidade, o influenciador consegue atingir um maior campo de atuação, fazendo assim com que o seu nome consiga obter um maior alcance dentro desses diversos segmentos, o termo atualmente denominado de engajamento, que consiste em nessa participação e colaboração com o compartilhamento dos conteúdos.

O influenciador digital possui a capacidade de atrair o seu público para adquirir determinado produto ou área, capacidade essa que é extremamente atraente para as grandes empresas e marcas, pois a utilização desses influenciadores para divulgar suas marcas pode alcançar um enorme campo de atuação.

Desde antes do surgimento das redes sociais, procuramos opiniões sobre algum produto ou sobre pessoas. O papel de um influenciador nasce da necessidade de as pessoas serem influenciadas, independente do nicho. Existe público para todos os gostos, como a moda, games, fitness e entre outros.

Assim, a evolução do termo não exclui os termos anteriores e definições já formuladas, mesmo que estas façam referência a fenômenos diferentes²⁰. Olhar para trás nesse processo permite inferir, por exemplo, que um influenciador digital deve a institucionalização de suas expertises aos blogueiros. Mesmo que o influenciador em questão nunca tenha tido um blog. Mesmo que atue apenas no YouTube ou que tenha só uma conta no Instagram. A institucionalização desse modelo de negócio e de competências profissionais específicas é algo que vem sendo delimitado desde os primeiros blogueiros profissionais. (KARHAWI, 2017, pág 55).

Os influenciadores digitais funcionam como partes afirmadoras de opiniões e pensamentos, onde esse processo possui um enorme impacto nunca a realidade das pessoas que o segue. Ou seja, ele busca entender o seu público para poder procurar de qual forma/método ele pode trazer e abordar produtos, temáticas ou debates que atraiam e chame a atenção do seu determinado público.

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo é uma análise de conteúdo. Bardin (1977) define esta metodologia como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

A análise é feita a partir do perfil na rede social *on-line Instagram* da influenciadora digital Juliette Freire, nas postagens relacionadas ao novo coronavírus, totalizando seis, no período de janeiro de 2021 a dezembro de 2021. Foi escolhido esse período, pois ela se tornou influenciadora digital após vencer a edição 21 do reality show Big Brother Brasil, onde conquistou milhões de seguidores na rede social.

Imagem 1



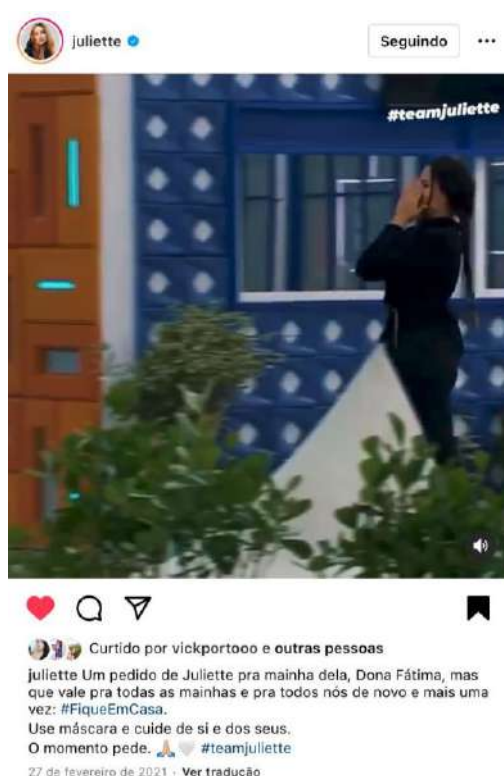
Fonte: Perfil no Instagram da influenciadora Juliette. Jan, 2022

Juliette possui alta visibilidade no Instagram, somando mais de 33 milhões de seguidores. Foi escolhida esta rede social, pois é o local de mais visibilidade entre as outras redes da influenciadora.

ANÁLISE

Durante o período de análise, separei seis postagens que estavam no critério de seleção: postagens relacionadas a pandemia de COVID-19. As postagens estão diretamente ligadas ao vírus ou que se relacionassem de forma indireta com a pandemia, como o uso de máscaras, uma das medidas da Organização Mundial da Saúde (OMS) para combater o vírus.

Imagem 2



Fonte: Perfil no Instagram da influenciadora Juliette. Jan, 2022

Na publicação do dia 27 de fevereiro de 2021, um vídeo de 15 segundos da influenciadora Juliette Freire, com a legenda “Um pedido de Juliette pra mainha dela, Dona Fátima, mas que vale pra todas as mainhas e pra todos nós de novo e mais uma vez: #FiqueEmCasa. Use máscara e cuide de si e dos seus. O momento pede. Emoticon de oração e coração branco #teamjuliette”. A influenciadora pede para a mãe se cuidar devido a pandemia do novo coronavírus. A partir da publicação no perfil da influenciadora e a arte produzida com o letrero “fica em casa”, o posicionamento da influenciadora digital é de total

respeito à ciência e as medidas de proteção propostas, pois ela mostra se preocupar com a mão é o próximo. Entre as medidas de segurança, o governo e a OMS recomendaram que as pessoas saíssem de casa somente em casos de serviços essenciais.

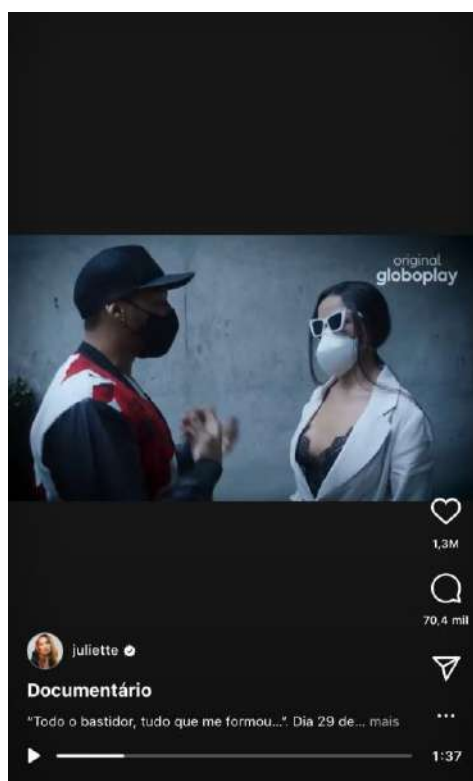
Imagem 3



Fonte: Perfil no Instagram da influenciadora Juliette. Jan, 2022

A publicação do dia 12 de junho de 2021 é uma foto, com a seguinte legenda: “Bonito mesmo é se cuidar e proteger uns aos outros. Continuemos nos vestindo de máscara e consciência. #usemáscara”. A partir da legenda da publicação e da estética visual da foto, onde a influenciadora digital está usando a máscara de proteção PFF2, uma das máscaras recomendadas para prevenir a contaminação do novo coronavírus. Este tipo de máscara protege corretamente filtram aerossóis. Ela se mostra a favor da ciência e de todas as medidas de segurança para ajudar no combate ao vírus.

Imagem 4



Fonte: Perfil no Instagram da influenciadora Juliette. Jan, 2022

Na publicação do dia 18 de junho de 2021, um vídeo de dois minutos, com a legenda “Documentário: ‘Todo o bastidor, tudo que me formou...’ Dia 29 de junho tem o primeiro episódio do meu documentário no @globoplay. Que frio na barriga só de ver o trailer, que emoção saber que a minha história vai ser documentada e contada para vocês, por vocês, com vocês. Desde já, muito obrigada. Emoticon de coração”. Neste vídeo, gravado durante a pandemia do novo coronavírus, em diversos trechos a influenciadora aparece respeitando as medidas de segurança, como o uso de máscaras em gravações e ao entrar em contato com fãs. Com este posicionamento, ela se mostra acreditar, mais uma vez, na ciência.

Imagem 5



Fonte: Perfil no Instagram da influenciadora Juliette. Jan, 2022

Nesta publicação do dia 28 de junho de 2021, com a seguinte legenda: “Abrindo a porta pro que eu nem sabia ainda. É intenso, é corrido, é tudo novo... mas é maravilhoso. De alguma forma eu sempre soube que nunca estive sozinha. E nesse momento @deborahvidjinsky confirmou! Emoticon coração”. Juliette está usando máscara para cumprimentar a amiga, e apesar de poucas pessoas estarem no ambiente, ela segue se prevenindo.

Imagem 6



Fonte: Perfil no Instagram da influenciadora Juliette. Jan, 2022

A publicação do dia cinco de julho de 2021 é um vídeo de dois minutos e dois segundos, com a legenda “Paraibando III. Passei uns dias em Campina, mas a saudade tá grande! Bora matar um pouquinho da falta que minha terra faz?! Espero que amem tanto quanto eu”. No vídeo homenagem aos lugares que já visitou e à história, tem uma fotografia de Juliette com a sua mãe e avó, onde as três, apesar de juntas e dentro de casa, estão usando máscara.

Imagem 7



Fonte: Perfil no Instagram da influenciadora Juliette. Jan, 2022

Nesta última publicação do dia 26 de outubro de 2021, com a legenda “Segunda dose de esperança. Mais de 50% da população brasileira totalmente vacinada e o número de mortes caindo diariamente. Vamos celebrar, mas seguir com todos os cuidados! Acreditem em dias melhores! Acreditem na ciência! ‘Amanhã há de ser outro dia...’ #pratodosverem esse post possui texto alternativo”. A partir da legenda e estética visual da foto, Juliette se mostra a favor da ciência ao tomar a segunda dose da vacina, da pesquisa e acredita em dias melhores graças a vacinação. Além disso, cumpre a sua função social de influenciar seus seguidores a também irem se vacinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de postagens na rede social *on-line Instagram*, a influenciadora digital Juliette Freire atuou de forma ativa na sua conta, mostrando aos seus seguidores a importância da ciência, da vacina, da pesquisa e do respeito às medidas de segurança recomendadas pela Organização Mundial da Saúde para conter o novo coronavírus.

No período analisado, de janeiro de 2021 a dezembro de 2021, totalizando seis publicações, Juliette se posiciona em sua conta por meio de postagens diretas e indiretas, em fotos, vídeos, falas e legendas das publicações. Esses conteúdos são de extrema importância para o combate a pandemia do novo coronavírus, pois o comportamento dela é espelhado na sociedade.

Com os mais de 32 milhões de seguidores, a influenciadora é responsável por publicar conteúdo consciente, a favor da ciência e cumprindo o papel social da sua profissão. Entre máscaras e discursos, Juliette se mostra ligada à ciência e ao combate ao negacionismo. Seguindo o que foi ditado KARHAWI (2017), que os influenciadores digitais têm que repassar credibilidade e responsabilidade às pessoas que os acompanham nas redes.

Ao se posicionar, Juliette ajuda a promover a ciência a desinformações que surgiram durante o período da pandemia do novo coronavírus, em que milhares de vidas e sonhos foram destruídos. A desinformação é responsável por causar danos irreversíveis às pessoas, como cita Seibt (2018).

A comovente situação de Manaus aconteceu devido à corrupção dos governantes, e pela falta de informação na sociedade. Ao trazer esses conteúdos para o seu perfil, a influenciadora traz reflexão, consciência e informação para quem acompanha o perfil. Desta forma, ajudando no combate a disseminação da desinformação.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*. 2017

BARDIN, L.(2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-deconteudo/bardinlaurence-analise-de-conteudo.pdf>

DARTON, Robert. A verdadeira história das notícias falsas. *El País*. Notícias falsas. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html

GARCIA E DUARTE, Infodemia: Excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre COVID-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ress/2020.v29n4/e2020186/>

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

MACHADO, Marcos. Além dos recebidos: como 8 influenciadores exploram as redes para criar o próprio negócio. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesmulher/2021/04/alem-dos-recebidos-como-8-influenciadoras-exploraram-as-redespara-criar-o-proprio-negocio/>.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Issaaf-Karhawi2/publication/341983923_Influenciadores_digitaes_conceitos_e_praticas_em_discussao/links/5edc396245851529453facb9/Influenciadores-digitais-conceitos-e-praticasem-discussao.pdf

LAMPEITL, A. & ÅBERG, P. (2017). The Role of Influencers in Generating CustomerBased Brand Equity & Brand-Promoting User-Generated Content. Tese de Mestrado, Lund University.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

SEIBT, Taís. Cultura da verificação é um caminho para enfrentar as Fake News. *Revista do Instituto Humanitos Unisinos*. 2018

SINTRA, Marta. Fake News e a Desinformação: Perspetivar comportamentos e estratégias informacionais. 2019

TOZZI, Lorenzo, Toledo, NASCIMENTO, Alderete, Carvalho e NARDELLI. Como surgiu o coronavírus?. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus>

WARDLE, Clara. Por que diferenciar desinformação de “fake News?”. 2018. Disponível em: <https://videos.bol.uol.com.br/video/por-que-diferenciar-desinformacao-de-fake-news-04024C9A336EDCA96326>



MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DO LEITOR DE OLIBERAL.COM NA ERA DA CULTURA DA CONVERGÊNCIA E DE USO DAS ESTRATÉGIAS DE SEO¹

CHANGE IN BEHAVIOR OF OLIBERAL.COM READERS IN THE AGE OF CONVERGENCE CULTURE AND USE OF SEO STRATEGIES

CAMBIO DE COMPORTAMIENTO DE LOS LECTORES DE OLIBERAL.COM EN LA ERA DE LA CULTURA DE LA CONVERGENCIA Y USO DE ESTRATEGIAS SEO

Luiz Cláudio dos Anjos Fernandes²

Este artigo analisa a mudança de comportamento do leitor do portal de notícias oliberal.com, fruto da cultura de convergência e da mudança de estratégia do veículo de comunicação, que abandonou a ultrapassada estratégia do clickbait³, dando lugar à era SEO no portal. Foi feita uma análise qualitativa com base no relatório de acessos do portal no período de 5 a 12 de julho de 2022, comparando com o mesmo período do ano anterior, quando o portal ainda não adotava as estratégias de SEO e também se mantinha mais distante dos aspectos da cultura da convergência. Foram utilizados ainda, para fins de análise, trechos de uma entrevista semiestruturada realizada com o editor executivo do portal. Como resultados observamos que o portal oliberal.com foi beneficiado ao incorporar os aspectos da cultura de convergência e de SEO à sua realidade. Isso fica explícito no comportamento do leitor, ou seja, pelo aumento no número de acessos e pela diminuição da taxa de rejeição. O tempo médio de permanência do visitante no portal também aumentou expressivamente. Por fim, os conteúdos multiplataformas do portal estão mais adaptados ao perfil dos consumidores de conteúdo de internet.

Palavras chave: cultura da convergência; SEO; cibercultura; jornalismo online.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar de qual simpósio de trabalho se trata – ver anexo II] do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Jornalista especialista em Educação para Relações Étnico-Raciais, aluno do curso de mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura PPGCLC. E-mail: luizclaudio.jornalismo@gmail.com.

³ Clickbait é uma tática usada na Internet para gerar tráfego online por meio de conteúdos enganosos ou sensacionalistas. Também chamado de "caça-clique", esse termo refere-se ainda à quebra de expectativa por parte do usuário ao não encontrar o conteúdo pretendido quando "fisgado" por essa isca de cliques. Um exemplo é a matéria publicada em oliberal.com no dia 18/07/2022 com o título "Gretchen se casa mais uma vez" (<https://www.oliberal.com/cultura/gretchen-ira-se-casar-mais-uma-vez-porem-em-cerimonia-indigena-1.563524>), levando o leitor a crer que a cantora Gretchen havia terminado a relação com o atual marido. A matéria teve um grande número de cliques fruto de curiosidade.

This article analyzes the change in the behavior of the reader of the news portal oliberal.com, as a result of the culture of convergence and the change in the strategy of the communication vehicle, which abandoned the outdated strategy of clickbait, giving way to the SEO era on the portal. A qualitative analysis was carried out based on the portal's access report in the period from July 5 to 12, 2022, comparing with the same period of the previous year, when the portal still did not adopt the SEO strategies and also remained further away from the aspects of convergence culture. For analysis purposes, excerpts from a semi-structured interview with the portal's executive editor were also used. As a result, we observed that the portal oliberal.com was benefited by incorporating aspects of the convergence culture and SEO into its reality. This is explicit in the reader's behavior, that is, by the increase in the number of hits and the decrease in the rejection rate. The average time spent by the visitor on the portal also increased significantly. Finally, the portal's multiplatform content is more adapted to the profile of internet content consumers.

Keywords: culture of convergence; SEO; cyberculture; online journalism.

Este artículo analiza el cambio en el comportamiento del lector del portal de noticias oliberal.com, como consecuencia de la cultura de la convergencia y el cambio de estrategia del vehículo comunicacional, que abandonó la obsoleta estrategia del clickbait, dando paso a la Era SEO en el portal. Se realizó un análisis cualitativo con base en el reporte de acceso al portal en el período del 5 al 12 de julio de 2022, comparando con el mismo período del año anterior, cuando el portal aún no adoptaba las estrategias SEO y además se mantenía más alejado de los aspectos de la cultura de la convergencia. Para fines de análisis, también se utilizaron extractos de una entrevista semiestructurada con el editor ejecutivo del portal. Como resultado, observamos que el portal oliberal.com se vio beneficiado al incorporar aspectos de la cultura de la convergencia y el SEO a su realidad. Esto es explícito en el comportamiento del lector, es decir, por el aumento del número de visitas y la disminución de la tasa de rechazo. El tiempo promedio de permanencia del visitante en el portal también aumentó significativamente. Finalmente, los contenidos multiplataforma del portal se adaptan más al perfil de los consumidores de contenidos de Internet.

Palabras clave: cultura de la convergencia; SEO; cibercultura; periodismo en línea.

1- INTRODUÇÃO

Em meio à constante inovação tecnológica, as empresas de comunicação estão adaptando cada vez mais o jornalismo produzido por elas às novas mídias⁴, em um processo caracterizado pela disponibilização de conteúdo em diferentes suportes, além dos meios tradicionais. Antigamente, a imprensa limitava-se ao jornalismo em papel. Hoje, em uma era de conteúdo multiplataforma, o conteúdo jornalístico continua no meio impresso, mas o mesmo conteúdo também está na TV, no rádio, no portal, na rede social. Isso é uma das características da cultura de convergência.

Henry Jenkins (2009), autor deste termo, explica no livro de mesmo nome o conceito de convergência. Para ele, é a palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. A partir desse conceito, ele acredita que a movimentação de conteúdos por meio de diferentes plataformas, geralmente envolvendo a união entre diferentes indústrias midiáticas, acontece de maneira fluida e estratégica atualmente.

Este artigo trata da aplicação deste conceito no portal de notícias oliberal.com, pertencente ao Grupo Liberal, com sede em Belém (PA), cujo endereço é www.oliberal.com. Imerso neste conceito, o portal adotou uma característica de conteúdo multiplataforma.

Segundo Justino (2011), a distribuição multiplataforma é a dimensão da convergência que mais visivelmente se desenvolveu nos últimos anos, possibilitada pela consolidação da internet e dos dispositivos móveis como ferramentas de comunicação que expandiram a gama de opções disponíveis aos cidadãos para acessar notícias. Ainda segundo o autor:

A digitalização facilitou o desenvolvimento de estratégias de distribuição multiplataforma que objetivam tornar a repartição de conteúdo jornalístico o mais eficiente possível, idealmente empregando o trabalho de um repórter sobre determinado assunto como fonte comum para qualquer versão da reportagem em pontos diferentes da mesma empresa de comunicação (JUSTINO, 2011, p 48).

Além disso, houve uma série de mudanças na estratégia de comunicação do veículo do oliberal.com. O jornal passou, por exemplo, a adotar a linguagem SEO⁵ em seus conteúdos, o que contribuiu para um

⁴ Nova mídia, ou mídia digital, se opõe ao conceito de velha mídia. É aquela que constitui um avanço tecnológico em relação aos suportes clássicos. É, basicamente, aquela que tem seu conteúdo distribuído via computador.

⁵ Termo explicado na página 4.

expressivo aumento no número de acessos e refletiu também na mudança de comportamento dos leitores do portal.

Esta pesquisa mostra, em seus resultados, que, assim como a cultura da convergência representa uma transformação cultural, a adoção da linguagem SEO no portal também se configurou como uma mudança de comportamento tanto dos leitores quanto da equipe de repórteres e editores. É um jeito novo de fazer jornalismo. Autores como Castells (2003), Quinn (2005), Pavlik (2011), Canavilhas (2017) e Alves (2017) ensinam que muitas modificações marcam a passagem do jornalismo analógico para o digital.

Buscas por engajamento fazem parte das estratégias que tentam reestruturar o modelo de negócio de um veículo de comunicação, a fim de mantê-lo viável economicamente. Além de investimento em inovação tecnológica e a implementação de diferentes padrões de gestão, Franciscato (2014, p. 1334) entende que o novo cenário impacta “desde o trabalho de apuração do repórter até os procedimentos de edição e finalização técnico-industrial do produto”.

Assim, os capítulos seguintes irão mostrar como ocorreram essas mudanças e o legado que elas deixaram ao portal que hoje é líder de acesso na região e também de tempo de permanência do leitor no portal. Ressalta-se a relevância desta pesquisa para os estudos em Comunicação e para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura PPGCLC, por se tratar de um estudo de uma realidade local, em um veículo de expressão regional e nacional.

2 - TRANSFORMAÇÕES CAUSADAS PELA CULTURA DA CONVERGÊNCIA

O conceito deste termo é explicado por Henry Jenkins (2009). Segundo o autor, a Cultura da Convergência é uma mudança tecnológica, cultural, industrial e social, que faz com que a forma dos indivíduos de consumirem algo seja diferente, por estar ocorrendo uma reapropriação dos conteúdos, em que estes estão sendo transmitidos em diferentes plataformas. Ou seja, ela reflete sobre as transformações na sociedade possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico e o uso simultâneo de vários tipos de mídia.

O argumento de Jenkins (2009) é contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. “Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões

em meio a conteúdos de mídia dispersos”. Assim, o termo pode ser relacionado com fenômenos, que são:

A *Convergência midiática*, que é a relação existente entre consumidor e produtor de conteúdo. Isso significa que a Convergência Midiática está presente nas diferentes plataformas de mídias, fazendo com que os conteúdos obtenham diferentes formas. Desse modo, determinado tipo de conteúdo é visto como um fator cultural e não tecnológico, pois são os hábitos de consumo do público que modificam. Porém, a convergência pode ser modificada com a modernidade e os avanços tecnológicos.

A *Cultura participativa*, que é a participação ativa do público nos conteúdos. Assim, ele consegue ficar cada vez mais relacionado com os meios virtuais. Tal fato é observado nos reality shows, em que as pessoas votam para que determinado participante ganhe ou perca. Outro exemplo é a voz que se dá aos indivíduos por meio de votações, enquetes, caixas de perguntas, possibilidades de comentários.

A *Inteligência coletiva*, termo que foi criado pelo ciberteórico francês Pierre Lévy (1998), sendo utilizado dentro da cultura da convergência, para mostrar que todo ser humano apresenta um conhecimento, mas sozinho ninguém sabe todas as coisas. Ou seja, quando grupos de pessoas se reúnem e compartilham seus conhecimentos, por meio de recursos mecânicos, como a internet, é gerado um aumento da inteligência destas pessoas. Então, a inteligência coletiva seria a junção de inteligências individuais, tornando uma só. Para Jenkins (2009), “o consumo tornou-se um processo coletivo”, e é isso o que ele entende por inteligência coletiva.

A *Transmídia*, que é quando a mesma mensagem e conteúdos são modificados para serem distribuídos em diversos meios. Um exemplo é uma reportagem televisiva editada de forma diferente para ser publicada no portal da mesma emissora.

Por fim, a *Crossmedia*, que é quando a mesma mensagem e conteúdo são exibidos em mídias diferentes sem sofrer alterações. Um exemplo é uma reportagem televisiva que é compartilhada sem mudanças no portal ou no Youtube da emissora.

3- O QUE É SEO E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

SEO é a sigla de *Search Engine Optimization* (otimização de mecanismos de busca) e é o conjunto de técnicas usadas, geralmente divididas entre tecnologia, conteúdo e autoridade, para alcançar bom posicionamento de



páginas de um site no Google e em outros buscadores, gerando tráfego orgânico (Luque, Lozano e Quiroz, 2018).

As estratégias de SEO contribuem para o bom ranqueamento do portal no Google. Algumas dessas estratégias são qualidade e densidade do texto, uso de negritagem em palavras-chave, capitulação, adoção de heading 2, originalidade do texto, hora de postagem, uso de palavras-chave, entre outros. Além disso,

Em tempos de popularização das métricas, marcadas pelo monitoramento dos índices de visualização, dos caminhos de entrada no conteúdo, do tempo de consumo e, substancialmente, da otimização dos sistemas de busca (SEO), que incluem técnicas para melhorar a posição nos resultados em sites buscadores, ter uma frase envolvente no topo da matéria é um diferencial que pode atrair ou afastar a audiência no primeiro contato com o produto noticioso (BUENO e REINO, 2019, p. 99).

O uso de palavras-chave no texto é fundamental, principalmente se for uma(s) palavra(s) muito buscada(s) no Google. Yalçın e Köse (2010) mostram que as keywords podem ser utilizadas não só no conteúdo em si, mas ao longo de todo o texto, também em campos de meta tags tais como títulos e subtítulos (headings) e textos alternativos (alt text) de elementos gráficos, para serem melhor recuperadas pelas ferramentas de busca do Google.

De forma bem didática, Ricota (2007, apud ALVAREZ, 2011) explica como se dá o processo de achar de primeira uma notícia em meio a milhares delas na internet. Para interferir nesse posicionamento, a página em questão é otimizada usando uma série de métodos e técnicas, chamadas de SEO. Assim, o SEO faz com que a página apareça entre os primeiros resultados de uma busca orgânica quando um usuário digita uma palavra-chave no buscador.

Além disso, o *timing* de postagem é rigorosamente monitorado pelos editores do portal oliberal.com. É imprescindível, por exemplo, ser um dos primeiros portais a dar o conteúdo que está se tornando trend, a fim de que o conteúdo do portal fique bem posicionado em relação aos demais que deram o conteúdo mais tardiamente. Por isso é imprescindível acompanhar em tempo real o Google Trends⁶ e escrever sobre o que está em alta naquele momento.

4- COMO O SEO CHEGOU AO PORTAL OLIBERAL.COM

O portal oliberal.com passou a usar as estratégias de SEO em novembro de 2021. Isso inaugurou, segundo informações do diretor executivo

⁶ No Google Trends (<https://trends.google.com.br>) é possível acompanhar em tempo real os assuntos mais buscados na internet no Brasil e no mundo.

do portal oliberal.com Carlos Fellip (2022), coletadas em entrevista para esta pesquisa, uma nova fase no veículo de comunicação, que antes tinha de usar e abusar de estratégias para fazer com que o leitor se sentisse atraído pelo conteúdo e clicasse nas matérias dispostas em sua home. Vez ou outra recorria-se à estratégia do clickbait e aos conteúdos de cunho sexual e de entretenimento.

Essas estratégias começaram a não funcionar como antes a partir de setembro de 2021, pois o Google passou a punir os portais que estavam utilizando conteúdos apelativos. “Ou seja, as mudanças no Google motivaram a mudança de comportamento no portal” (FELLIP, 2022).

Agora, com a aplicação de um estilo de escrita preterido pelo Google⁷, o conteúdo do portal passou a aparecer para mais pessoas em todo o mundo que estão buscando assuntos correlatos no Google. Houve um salto no número de acessos no portal claramente verificado no Chartbeat⁸, como mostram as figuras 1 e 2:

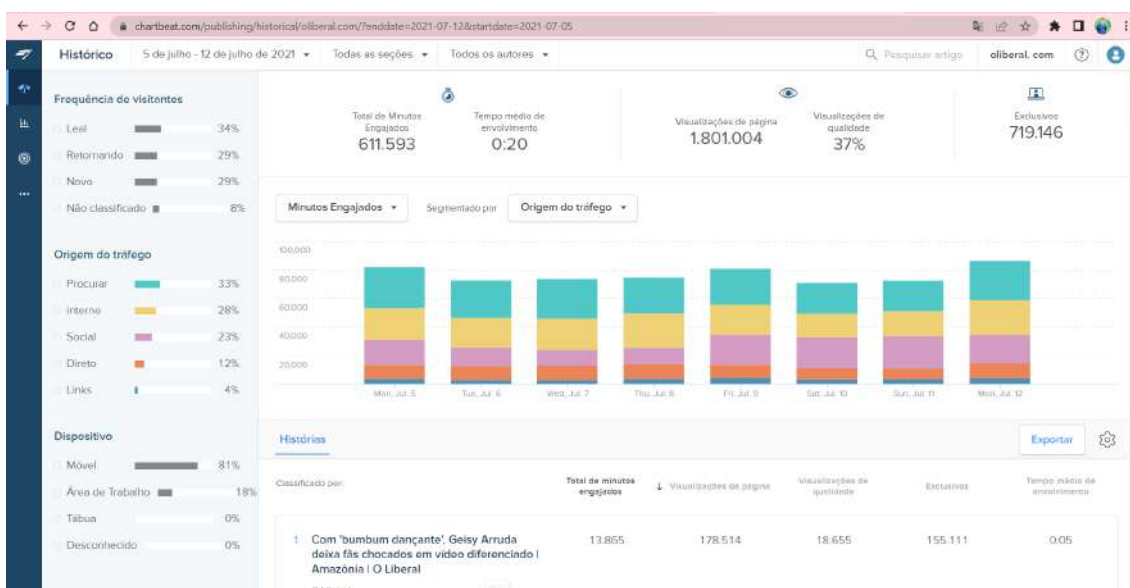


Figura 1: Dados de acesso no período de 5 a 12 de julho de 2021. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

⁷ Estilo próprio de escrita para SEO.

⁸ O relatório de acessos do portal utilizado para a análise deste artigo foi gerado no Chartbeat, um programa que monitora o número de acessos e “os passos” do leitor em todas as sessões do portal.

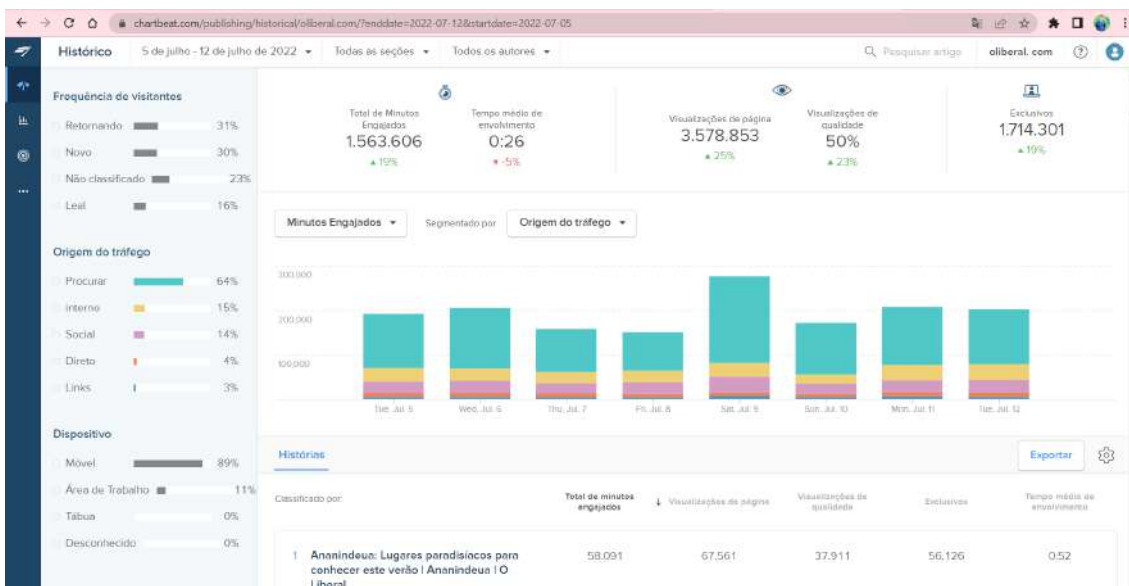


Figura 2: Dados de acesso no período de 5 a 12 de julho de 2022. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

Como é possível ver e comparar nas figuras 1 e 2, no período de 5 a 12 de julho de 2021 as visualizações de página foram 1.801.004 e no mesmo período do de 2022, com uso de SEO, as visualizações de página praticamente triplicaram (3.578.853).

Toda essa mudança com a adoção de estratégias de SEO veio acompanhada de uma série de mudanças nos processos que até então eram adotados na produção de conteúdo jornalístico na redação integrada do Grupo Liberal (Fellip, 2022). Passou-se a acompanhar 24h a audiência por meio do Chartbeat e do Google Analytics e usar meios para potencializar o aumento da audiência nos momentos em que ela está em baixa. Assim, o portal oliberal.com passou a ser o parâmetro do Grupo Liberal.

5- COMO A CULTURA DA CONVERGÊNCIA SE DÁ NO PORTAL OLIBERAL.COM

Na “era SEO” a audiência é frequentemente monitorada e controlada no portal oliberal.com. As decisões para posicionamento dos conteúdos na home, por exemplo, se baseiam no “gosto” da audiência. A produção de novas matérias também leva em consideração o que mais está rendendo em tempo real no Google Trends⁹ e a publicação de conteúdos nas redes sociais considera sempre os trend topics e os feedbacks via comentários e reações.

⁹ É uma ferramenta do Google (<https://trends.google.com.br>) que mostra a audiência em tempo real dos portais em todo o Brasil e em todo o mundo.



Esses são exemplos do conceito de cultura participativa¹⁰ em cultura de convergência, em que a audiência não se mantém passiva, e sim ativa no processo de comunicação.

Já o conceito de crossmedia¹¹ em cultura de convergência é verificado na característica multiplataforma do veículo, em que o vídeo do portal pode ser assistido em realidade aumentada¹² quando o leitor aponta a câmera do celular para o jornal impresso O Liberal. Da mesma forma, quase todos os vídeos do Instagram e Facebook são embedados nas matérias do portal, assim como todo conteúdo do portal vai para o Instagram, o Facebook e até para o Youtube. Além disso, reportagens de TV são compartilhadas no portal e também nas redes sociais. Segundo Jenkins (2009, p. 30), no mundo da convergência das mídias, “todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia”.

O próprio conceito de redação integrada adotado na redação do Grupo Liberal (Fellip, 2022) revela que não há mais uma divisão entre jornal impresso, TV, rádio, portal e redes sociais. Todos os funcionários estão habilitados a atuar de forma multiplataforma, de modo que é muito clara a sincronia entre o portal e todas as outras plataformas do grupo.

A figura 3 mostra bem isso. Ela revela que a matéria mais acessada do período de 5 a 12 de julho de 2022 teve um elevado número de minutos engajados e que as pessoas não apenas leram o texto da matéria, mas também assistiram a reportagem em vídeo disponibilizada dentro da matéria:

¹⁰ Rever a página 3.

¹¹ Rever página 3.

¹² É uma tecnologia que permite sobrepor elementos virtuais à nossa visão da realidade. Ao apontar a câmera de um celular para o QR code do jornal impresso O Liberal, por exemplo, o leitor pode assistir a mesma reportagem em formato de vídeo.

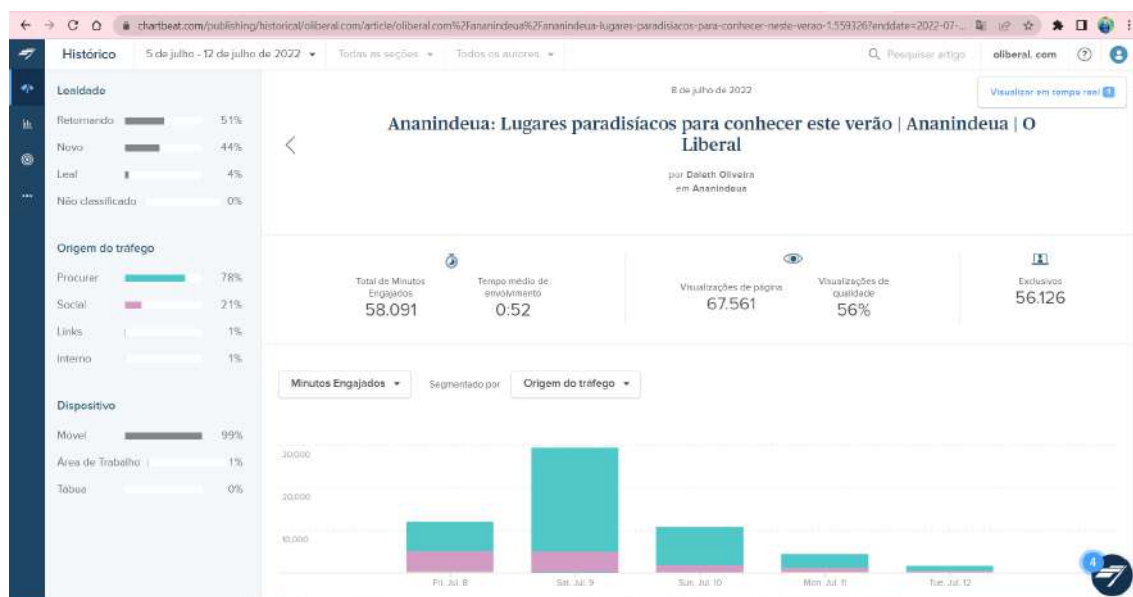


Figura 3: Print que mostra os dados de acesso na matéria mais acessada no período de 5 a 12 de julho de 2022. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

Neste caso, é importante frisar que o uso do vídeo na matéria é tanto um exemplo de convergência quanto de uma estratégia de SEO que contribuiu para um bom posicionamento deste conteúdo no Google.

6- A MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DO LEITOR DE OLIBERAL.COM: RESULTADO DA CONVERGÊNCIA E DA ADOÇÃO DE SEO

Neste mesmo eixo, veremos como de fato a adoção da convergência e das estratégias de SEO mudaram a dinâmica do portal oliberal.com e como isso influenciou no comportamento do leitor. Outra característica marcante é o significativo aumento do número de acessos, colocando o portal na liderança regional e em nível de igualdade a grandes portais nacionais, como mostram as figuras 4 e 5:

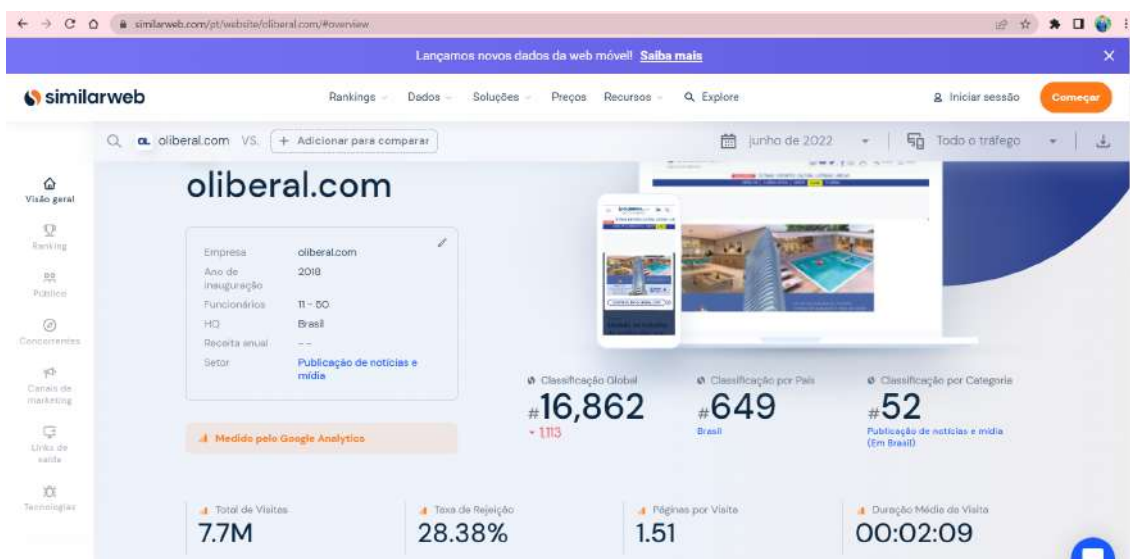


Figura 4: Dados de acesso no oliberal.com. Consulta feita no dia 22/08/2022, às 16h14. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

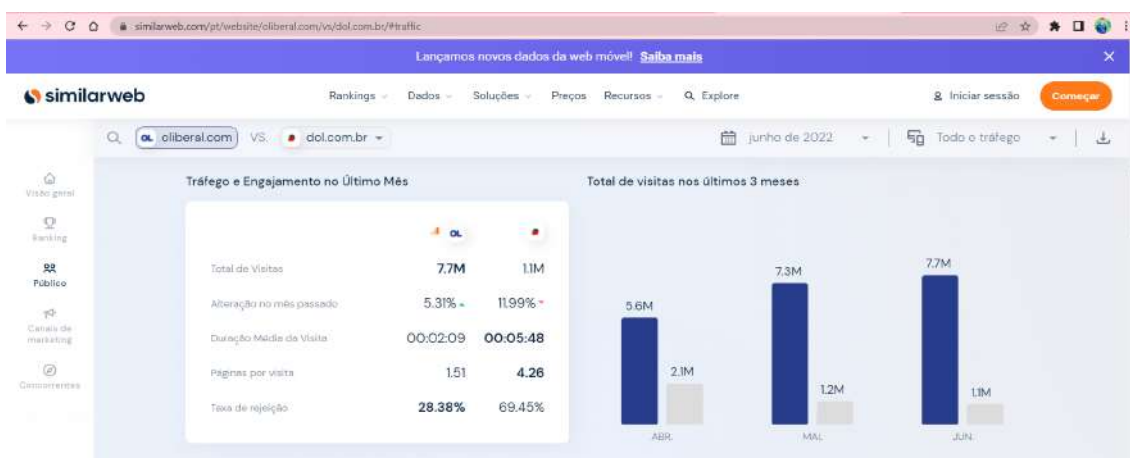


Figura 5: Comparativo dos números de acesso de oliberal.com e dol.com.br. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

Conforme os dados coletados na plataforma Chartbeat, comparando o período de 5 a 12 de julho de 2022 com o mesmo período do ano passado, quando ainda não se empregava uso de SEO no oliberal.com, no quesito **lealdade**, aparece que o visitante era mais leal em 2021 (34%) que em 2022 (16%). Isso ocorre porque antes do SEO quase as mesmas pessoas, em sua maioria de Belém, visitavam o portal. Agora, pessoas do mundo todo visitam e não necessariamente retornam, pois muitas delas acham o conteúdo do portal por uma busca aleatória no Google, ou seja, sem o compromisso de fidelidade com o veículo.

Esse tipo de comportamento é típico da cultura da convergência (Jenkins, 2009) e se relaciona ao atual comportamento de redes sociais como o Instagram. O conteúdo que o usuário vê nesta rede social não vem mais das pessoas que ele escolheu para se inscrever e sim de qualquer pessoa do mundo que tenha produzido um conteúdo igual ao seu. O algoritmo procura conteúdo criado em todo o mundo por pessoas que o usuário não sabe quem são e que talvez nem morem no mesmo país, e mostra esse conteúdo se achar que pode ser do interesse do usuário.

Ou seja, o usuário não está conectado a comunidades e sim a pessoas indefinidas e abstratas com as quais não tem conexão direta. Para quem produz conteúdo, seja em rede social ou em portais de notícia, isso torna o jogo diferente. O produtor de conteúdo não se apresenta mais a um público que pertence a si. Cada conteúdo que publica compete por atenção com outros conteúdos publicados em todo o mundo selecionados pelo algoritmo onisciente (BOUTET, QUONIAM e SMITH, 2012).

Em relação a essa dinâmica das redes sociais de relação com conteúdos afins, Martino destaca:

Nas redes, por sua vez, os laços tendem a ser menos rígidos. Em geral, são formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força das instituições e com uma dinâmica de interação específica (MARTINO, 2014, p 55).

O número de visitantes aumentou de 29% para 30% no portal oliberal.com. Além disso, o número de pessoas que acessam e retornam ao portal saltou de 29% para 31%. O **tempo médio de permanência** do visitante no portal também aumentou expressivamente de 0:20 para 0:26. Ou seja, o visitante que chega, em sua maioria, por meio de buscas no Google, está navegando mais pelas seções do portal, visualizando muito mais que o conteúdo específico buscado por ele. Isso se deve a uma estratégia do portal de incrementar as matérias com o máximo de hiperlinks atrativos com conteúdo relacionado.

Essa recirculação é vista com bons olhos pelo Google, que passa a posicionar melhor o portal no ranking de buscas. Ou seja, a plataforma entende que o conteúdo é bom e começa a posicioná-lo melhor ainda.

Os dados também mostram que é consideravelmente maior o número de pessoas que acessam o conteúdo do portal por meio de uma busca no Google. O número pulou de 33% para 64%, ou seja, os acessos via Google são responsáveis pelos bons indicadores de audiência:

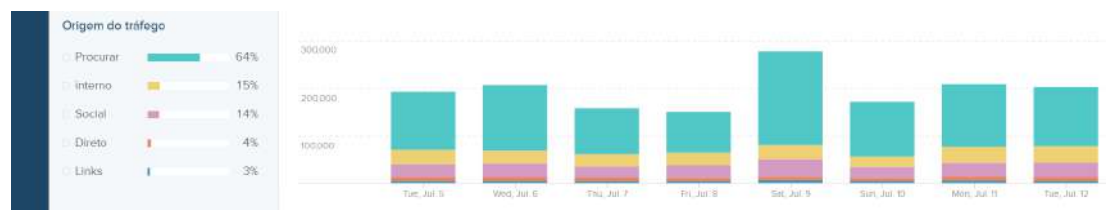


Figura 6: Dados que mostram que a maior quantidade de acessos vem por meio do Google. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

A mudança de comportamento do leitor é claramente observada no tipo de conteúdo que vem sendo consumido. Lá em 2021, quando não se empregava SEO, as três matérias mais acessadas no período analisado por esta pesquisa têm apelo erótico/sexual e curioso/bairista. Ou seja, têm um caráter apelativo com fins de obter um grande número de acessos.

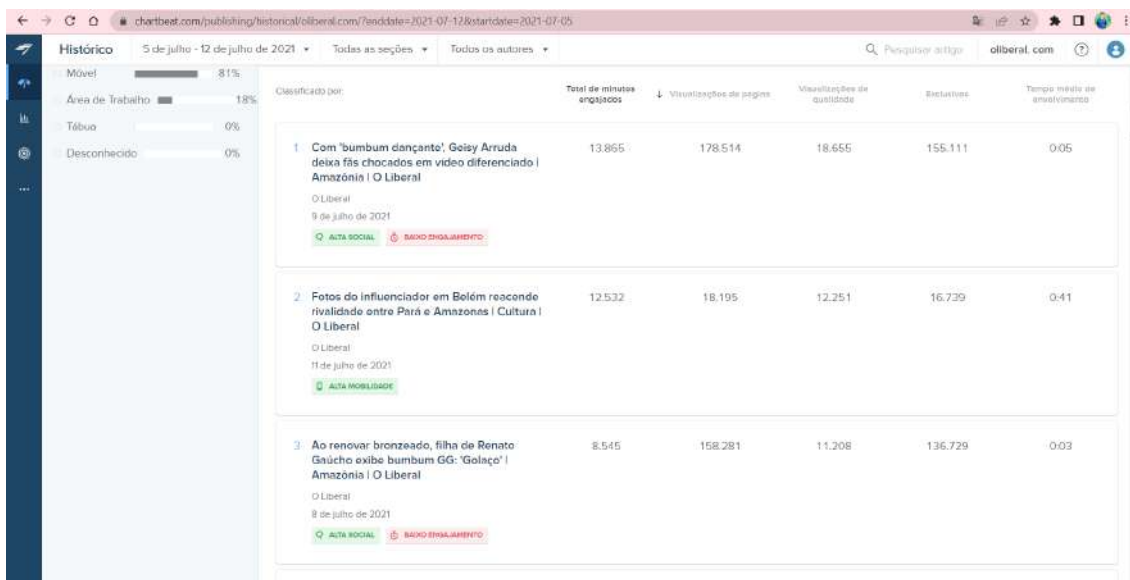


Figura 7: Acessos no portal oliberal.com no período de 5 a 12 de julho de 2021. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

Já em 2022, quando se emprega SEO, as três matérias mais acessadas no período analisado viralizaram por conta da natureza do conteúdo de utilidade pública e do uso de estratégias de SEO que favoreceram um grande número de achados dessas matérias no Google. São conteúdos que comumente centenas de pessoas costumam buscar todos os dias no Google como: resultado de loteria, dica de lugares para conhecer e dicas de como se livrar das dívidas.

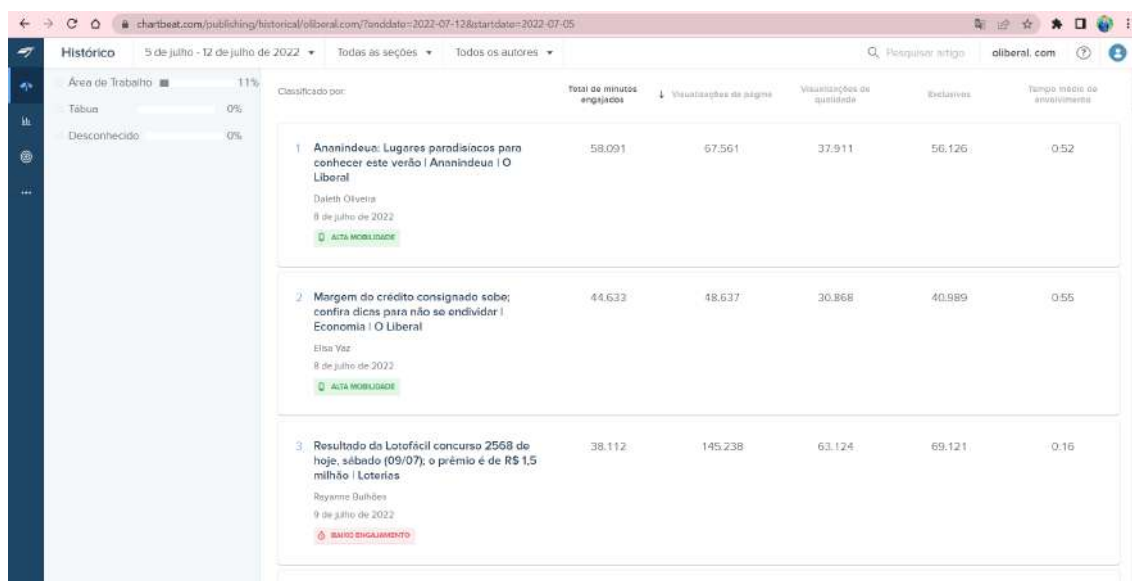


Figura 8: Acessos no portal oliberal.com no período de 5 a 12 de julho de 2021. Fonte: dados da pesquisa coletados no Chartbeat.

É importante frisar que elas tiveram alta mobilidade, ou seja, foram acessadas a partir de buscas feitas no celular. E apenas a matéria sobre o resultado da loteria teve um baixo engajamento, porque é o tipo de conteúdo que se busca na internet de forma muito específica, se consulta e sai.

Além desses, outros assuntos rendem bastante acesso com base na busca no Google como: “qual filme vai passar hoje na Sessão da Tarde”, “receita de hoje em Ana Maria Braga”, “capítulo na novela”, “Jogos de hoje”, “Remo...”, “Paysandu...”, “Flamengo...”, ...

Segundo Fellip (2022), com essa mudança de comportamento dos leitores do portal, o veículo ganhou dois tipos de público: o público fiel, que gosta do conteúdo, se identifica e retorna com frequência, e que aumentou, segundo os dados do Chartbeat, e o público passageiro, que acha o conteúdo por meio dos buscadores. Mas o que é comum entre os dois tipos de público é que ambos estão passando tempos consideráveis dentro do portal, o que tem posicionado muito bem a página nos sites de busca.

O número de pessoas que assistem vídeos dentro do portal também aumentou consideravelmente, o que reforça uma característica da cultura da convergência. Por fim, a rede social Instagram @oliberal também tem ganhado seguidores fruto da estratégia adotada de embedar posts do Instagram nas matérias com conteúdo adicional em forma de “veja mais”. Esses conteúdos são vídeos, galerias de fotos e até enquetes, o que também favorece o engajamento.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostrou que houve uma mudança de comportamento do leitor de oliberal.com motivada pela adoção de estratégias de SEO na rotina do portal e também pela adoção de elementos da cultura da convergência. O próprio conceito de redação integrada empregado pelo Grupo Liberal hoje deixa claro aos jornalistas que hoje o portal é multiplataforma, e, portanto, seu conteúdo está entrelaçado ao conteúdo da TV, da rádio, das redes sociais e do jornal impresso.

Com base nos dados analisados, é notório o aumento no número de acessos no portal e também a formação de dois tipos de público: o público fiel, que gosta do conteúdo, se identifica e retorna com frequência, e que aumentou expressivamente, e o público passageiro, que acha o conteúdo por meio dos buscadores. Mas o que é comum entre os dois tipos de público é que ambos estão passando tempos consideráveis dentro do portal, o que tem posicionado muito bem a página nos sites de busca.

Assim, as estratégias adotadas elevaram o portal a um patamar de liderança regional e nacional em números de audiência, e mostram o poder da comunicação digital nos dias de hoje (Castells, 2015).

Fica claro ainda que o portal não precisa mais utilizar conteúdo apelativo e nem a estratégia do clickbait para conquistar a audiência, haja vista que as estratégias de convergência e de SEO têm se mostrado muito mais eficazes.

É importante frisar as limitações desta pesquisa no que se refere ao recorte do período de análise e à necessidade de um maior aprofundamento na rotina dos funcionários da redação integrada de O Liberal. Esses aspectos podem ser estudados de forma mais profunda nos próximos estudos.

Sendo assim, lança-se como proposição para a próxima pesquisa uma coleta maior de dados entre funcionários da redação e sobre os processos adotados no ambiente de trabalho. É prudente ainda uma análise comparativa do portal oliberal.com com outros grandes portais de notícias do Brasil que também adotam as estratégias de SEO.

8- REFERÊNCIAS

BOUTET, Charles-Victor; QUONIAM, Luz; SMITH, William Samuel. Towards Active SEO (Search Engine Optimization) 2.0. South University Toulon-Var - Ingémédia, France, 2012. Consultado em:
<https://www.scielo.br/j/jistm/a/vm6NcjzyRfcJpQxGKV4HFtK/?lang=en#>



BUENO, Thaisa; REINO, Lucas Santiago Arraes. SEO no jornalismo: títulos testáveis e suas implicações. Consultado em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p98/41759>.

CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015. (p. 101-190).

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. Revista Geintec: Gestão, Inovação e Tecnologias, v. 4, n. 4, pp. 1329-1339, 2014.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2009. (p. 27-53).

JUSTINO, Guilherme Jancowski de Avila. Jornalismo na fase da multiplicidade da oferta: uma análise do conteúdo multiplataforma publicado por Zero Hora. Porto Alegre, 2011.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço (1998).

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das Mídias Digitais. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014. Capítulo: Redes sociais (p. 55-82).

NAPOLI, Phillip. Audience Evaluation: New Technologies and the Transformation of Media Audiences. New York: Columbia University Press, 2010.

SOUZA, Giovana R.; ARAÚJO, Felipe M. de; BUENO, Marcos F. A influência das Fake News nos processos eleitorais do Brasil e dos Estados Unidos: São Paulo, 2017. Consultado em <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/27577/380-Artigo-GIOVANA%20R%20SOUZA.....pdf?sequence=1&isAllowed=y> (p. 5).

VITERI LUQUE, Fernando; LOZANO, Luis Alemán; QUIROZ, Antonio Fernando. Importancia de las Técnicas del Marketing Digital. RECIMUNDO: Revista Científica de la Investigación y el Conocimiento, v. 2, n. 1, p. 764-783, 2018.

YALÇIN, Nursel; KÖSE, Utku. What is search engine optimization: SEO? Procedia - Social and Behavioral Sciences, [s. l.], v. 9, World Conference on Learning, Teaching and Administration Papers, p. 487-493, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.12.185>.



PUBLICIDADE DIGITAL E PROCESSOS DE CONSUMO: ENTRE A RELEVÂNCIA E O CONTROLE DOS SUJEITOS¹

DIGITAL ADVERTISING AND CONSUMPTION PROCESSES: BETWEEN RELEVANCE AND SUBJECT CONTROL

PUBLICIDAD DIGITAL Y PROCESOS DE CONSUMO: ENTRE LA RELEVANCIA Y EL CONTROL DEL SUJETOS

Thatianne Silva Sousa²
Manuela do Corral Vieira³

Resumo

Este trabalho explora a temática da publicidade digital e a relação entre a promessa da relevância, o controle das lógicas do mercado de dados e processos de consumo dos sujeitos. A metodologia é de caráter exploratório com levantamento bibliográfico sobre o tema, utilizando-se dos aportes teóricos da publicidade (TRINDADE, 2019; TRINDADE, PEREZ, 2019; DOMINGUES, 2016) e consumo (BARBOSA; CAMPBELL, 2006; CANCLINI, 2019; PEREZ, 2020). As reflexões demonstram a necessidade de mais transparência sobre os processos de consumo, que envolvem os sujeitos e que se constroem na relação entre a publicidade relevante e o controle dos dados, e alerta sobre as discussões que precisam ser feitas enquanto sociedade de consumidores e de cidadãos, tanto global como local.

Palavras-chave

publicidade digital; relevância; controle; consumo; sujeitos.

Abstract

This work explores the theme of digital advertising and the relationship between the promise of relevance, the control of data market logics and consumer

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 01 - Comunicação e as transversalidades na era digital do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente no curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). E-mail: thatianne.sousa@ilc.ufpa.br. ORCID: 0000-0001-6742-8157.

³ Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente na Faculdade de Comunicação (FACOM) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da UFPA. E-mail: mcorral@ufpa.br. ORCID: 0000-0003-2034-5359.

processes. The methodology is exploratory with a bibliographic survey on the theme, using the theoretical contributions of advertising (TRINDADE, 2019; TRINDADE, PEREZ, 2019; DOMINGUES, 2016) and consumption (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, CANCLINI, 2019; PEREZ, 2020). The reflections demonstrate the need for more transparency about the consumption processes, that involve the subjects and that are built on the relationship between relevant advertising and data control, and alert about the discussions that need to be made as a society of consumers and citizens, both global and local

Key words

digital advertising; relevance; control; consumption; subjects.

Resumen

Este trabajo explora el tema de la publicidad digital y la relación entre la promesa de relevancia, el control de las lógicas del mercado de datos y los procesos de consumo. La metodología es exploratoria con un levantamiento bibliográfico sobre el tema, utilizando los aportes teóricos de la publicidad (TRINDADE, 2019; TRINDADE, PEREZ, 2019; DOMINGUES, 2016)) y el consumo (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, CANCLINI, 2019; PEREZ, 2020). Las reflexiones demuestran la necesidad de mayor transparencia sobre los procesos de consumo, que involucran a los sujetos y que se construyen sobre la relación entre la publicidad relevante y el control de datos, y alerta sobre las discusiones que es necesario hacer como sociedad de consumidores y ciudadanos, tanto globales como locales.

Palabras clave

publicidad digital; relevancia; control; consumo; sujetos.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos explorações teóricas e reflexões iniciais de pesquisa de doutorado em desenvolvimento que tem como objetivo analisar a publicidade digital em aspectos acerca da relevância e do controle. Partimos do questionamento sobre quais as transformações têm ocorrido na publicidade, mais especificamente sobre a relação entre a relevância publicitária digital, o controle das informações dos sujeitos e as relações de consumo.

Considerando os processos de mudança social acelerada e para auxiliar nas interpretações dessas realidades, nossa metodologia é de caráter exploratório e qualitativo, sendo este método relevante ao estudo das relações sociais (FLICK, 2009) e pesquisa social (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2015). Realizamos também pesquisa bibliográfica dos aportes teóricos sobre a

publicidade (TRINDADE, 2019; TRINDADE, PEREZ, 2019; DOMINGUES, 2016) e o consumo (BARBOSA; CAMPBELL, 2006; CANCLINI, 2019; PEREZ, 2020), com o intuito de permitir uma cobertura dos fenômenos, de modo mais amplo do que se poderia pesquisar diretamente (GIL, 2008). Com base na pesquisa inicial realizada, observamos que, entre os estudos que tratam da temática da publicidade no contemporâneo, é necessário aprofundar o campo nas discussões relacionadas ao consumo, pois como afirma Trindade (2019, p. 124-125) “[...] falta abordar por um viés político, sociocrítico e mesmo da ontologia dos números as possibilidades da nova publicidade e dos consumos na mediação da cultura digital na vida social”. Dessa forma, organizamos o presente estudo em dois eixos de reflexão para discutir sobre a publicidade digital e as questões transversais envolvidas, sendo estes na ambiência da: a) relevância publicitária e o controle de dados, em que tratamos como a publicidade digital se constitui sob o discurso da relevância e as questões relacionadas sobre a dependência dos dados dos usuários; b) publicidade digital, sujeitos e processos de consumo, em que destacamos a necessidade de se discutir sobre o consumo e como os sujeitos se inserem nestes processos mediados do digital e as implicações sociais daí advindas.

Entendemos neste trabalho que falar sobre as transformações da publicidade no contexto digital e dos dados é um cenário de pesquisa em construção e que estamos aprendendo sobre processos que circulam e se transformam de modo muito rápido, indo além dos anúncios ou lógicas de produção a que estávamos habituados. Pesquisar e analisar estes processos de mediação em curso pode contribuir no desenvolvimento dos estudos sobre práticas de comunicação e publicidade na Amazônia.

2. RELEVÂNCIA PUBLICITÁRIA E O CONTROLE DOS DADOS

De acordo com Wilson e Sperber (2005), a busca pela relevância é uma característica básica da cognição humana e que os comunicadores podem explorá-la. Ela está relacionada não somente com enunciados ou fenômenos observáveis, mas com pensamentos, memórias e outras inferências. Dessa



forma, qualquer estímulo externo ou representação interna pode ser relevante para um indivíduo em algum momento.

Intuitivamente, um input (uma visão, um som, um enunciado, uma memória) é relevante para um indivíduo quando ele se conecta com informação de background disponível, de modo a produzir conclusões que importam a esse indivíduo: ou melhor, para responder uma questão que ele tinha em mente, aumentar seu conhecimento em certo tópico, esclarecer uma dúvida, confirmar uma suspeita, ou corrigir uma impressão equivocada (WILSON; SPERBER, 2005, p. 223).

Os autores afirmam que o que faz determinado dado ser reconhecido como relevante entre tantos outros estímulos é quanto maiores forem os efeitos cognitivos positivos alcançados ao processar essa informação. Dessa forma, se conhecermos qual a tendência para escolher os *inputs* mais relevantes, podemos produzir estímulos que atraiam a atenção, que estejam associados ao contexto e que direcionam para uma ação pretendida.

E dessa forma age a publicidade digital elaborada, construída e divulgada sob o discurso da relevância e assertividade com o intuito de modificar a experiência dos consumidores com os anúncios, por meio de uma entrega de informação e/ou conteúdo que faça sentido para estes - neste momento, receptores - e, a partir disso, fortaleçam os vínculos com as marcas (SOUSA; CORRAL, 2021). Ou seja, procura-se, por meio das mensagens publicitárias, produzir efeitos cognitivos positivos junto ao sujeito consumidor, para que quando este estiver em contato com essa informação, produza conclusões que façam sentido a ele. Um exemplo disto é quando visualizamos um comercial de produto/serviço que apresenta uma solução para algo que estávamos procurando.

Mas como se pode saber quais são esses dados mais relevantes? O levantamento de informações sobre os sujeitos consumidores sempre foi algo presente no planejamento publicitário, como o caso das pesquisas de mercado. Mas hoje, essas informações ganham características, possibilidades e implicações próprias. Um exemplo disto são os dados fornecidos pelas próprias plataformas digitais e possíveis de compra ou acesso por terceiros, a depender do respeito às questões éticas envolvidas e dos investimentos que façamos enquanto anunciantes. Aumenta-se assim o acesso às informações dos sujeitos consumidores e a possibilidade de identificarmos quais as tendências e quais os



estímulos mais relevantes que atraíam a atenção deles, para direcioná-los a um comportamento pretendido. Domingues (2016) denomina como publicidade de controle, automatizada, algorítmica, programática, que se caracteriza por se associar a tecnologias, utilizando-se de um fluxo contínuo de informações geradas pelos consumidores, a fim de entendê-los melhor e traçar estratégias mais eficazes para fins mercadológicos ou institucionais.

Em estudos anteriores, consideramos como publicidade relevante, as mensagens que estão de acordo com contexto sociocultural e com aquilo que o consumidor acha importante (SOUSA, 2017). Mas é importante destacar que a relevância serve também a distintos interesses, a quem se destina a mensagem e a quem produz a mensagem, uma vez que as marcas que conseguem identificar quais são as demandas dos consumidores, tanto na relação de consumo, quanto nos aspectos socioculturais, incrementam as chances e as oportunidades de serem relevantes.

Dessa forma, as marcas não produzem algo somente porque é de interesse do consumidor, mas também porque é do próprio interesse das marcas comercializarem ideias, produtos e/ou serviços a serem igualmente consumidos. Mas qual o custo da relevância para os sujeitos consumidores? Considerando-se que a lógica da produção da publicidade digital apresenta-se sob este discurso de melhorar a experiência dos usuários, questionamo-nos sobre o modo como esses interesses são mapeados e qual a relação entre a publicidade nomeada como relevante e o controle das informações. Entendemos sobre isso que, com as tecnologias digitais, houve também uma reconfiguração do íntimo com maior exposição da intimidade e dos dados, sendo isto parte de uma lógica do digital, que pressupõe interatividade, e para que esta aconteça é necessário que o sujeito consumidor informe/envie dados, em que até os rastros de navegação na rede podem se tornar objeto de informe.

Observa-se, no entanto, que se de um lado possa parecer produtivo no contexto da entrega da mensagem relevante ao consumidor, por outro lado pode acarretar em mecanismos de controle. Sobre isso, temos como exemplo, a criação de uma conta gratuita em uma página em rede social digital, em que assinamos um termo de utilização de serviços e estabelecemos um acordo da



política de dados, autorizando o uso das nossas informações para estratégias de marcas e anúncios publicitários. Observe o que diz o item política de dados do termo de serviços do Facebook, da marca Meta:

Não cobramos você pelo uso do Facebook ou de outros produtos e serviços cobertos por estes Termos. Em vez disso, empresas e organizações nos pagam para lhe mostrar anúncios de seus produtos e serviços. Quando você usa nossos Produtos, concorda que podemos mostrar anúncios que consideramos relevantes para você e seus interesses (FACEBOOK.COM, 2022)

Em meio aos diferentes agentes envolvidos na questão, será que esta troca proposta é justa? E a percepção de justiça seria para quem ou por quem? De fato, observamos que o uso do serviço não é gratuito, pois em troca da utilização do mesmo, fornecem-se dados para que a empresa comercialize entre seus anunciantes, bem como a empresa pode fazer uso dos próprios dados para as suas estratégias. Dessa forma, o usuário é condicionado (ou em alguns casos mesmo, obrigado) a aceitar os termos, caso deseje prosseguir com acesso ao conteúdo de determinados sites ou plataformas, o que complexifica a questão, porque não necessariamente os interesses e o uso no qual a coleta original foi feita serão os mesmos fins para os quais os dados dos usuários serão utilizados.

Observamos também que, na busca pela referida relevância publicitária, há uma destacada dependência dos dados para entregar a mensagem personalizada e assertiva, bem como surge uma necessidade de se adequar aos aspectos político-legais que se enunciam nos últimos tempos, como a Lei Geral de Proteção dos Dados (LGPD)⁴. Além disso, questionamos se esse sistema de dados, do qual a publicidade digital tem se valido, pode oferecer mais benefícios e assegurar o uso ético nesta troca.

Pressupomos que, embora os sujeitos consumidores tenham algum interesse sobre este fluxo publicitário, talvez ainda não se tenha amplo conhecimento sobre o que ele significa e alguns dos seus usos e desdobramentos. Por exemplo, quando falamos sobre o conhecimento dos sujeitos consumidores brasileiros sobre o uso de dados pelas empresas, uma pesquisa feita pela OpentText em 2021 aponta que 85% não tem conhecimento de como elas fazem uso de seus dados e 70% não tem nenhum conhecimento

⁴ Lei nº 13.709/2018

ou apenas uma vaga ideia sobre o que trata a LGPD (BOLZANI, 2021). Por isso, é interessante considerar a necessidade de um debate público aprofundado para se discutir o quanto os sujeitos estariam dispostos a realizar uma troca de dados em prol de uma experiência de consumo e o que esperam dela, bem como o quanto têm conhecimento e desejam saber mais sobre o uso de seus dados.

Entretanto, quem estaria à frente e quem participaria desses debates? Quem seriam os sujeitos representantes e agenciadores desses movimentos? Essas questões são de múltiplas análises sociais, considerando os acessos aos dados dos sujeitos consumidores, bem como sobre aqueles, que por não terem acesso à internet, podem ficar alheios a determinados processos de informações e de consumo, seja por exclusões digitais ou sociais anteriores à navegação pela internet. Embora esses questionamentos não sejam a centralidade da análise neste trabalho, é necessário pontuar e lançar o olhar sobre os cenários de circulação dos múltiplos sentidos que o acesso, fornecimento e utilização de dados podem ter, a considerar sujeitos e contextos, para refletirmos sobre o mundo digitalizado e sobre problemáticas que também começam antes do digital e estão centrados nas próprias assimetrias regionais, quer sejam elas econômicas, políticas e/ou sociais.

Dessa forma, na seção a seguir, trazemos reflexões sobre a relação que envolve essas lógicas da publicidade digital e os processos de consumo, onde os sujeitos se inserem.

3. PUBLICIDADE DIGITAL, SUJEITOS E PROCESSOS DE CONSUMO

Diante da ambivalência entre relevância e controle, consideramos importante compreender o consumo e como os sujeitos se inserem nesta lógica para enxergar os processos humanos perpassados pelo sistema e pelo mercado (SOUSA; CORRAL, 2021) pois, como afirma Perez (2020), pensar o consumo é pensar em publicidade. Dessa forma, sendo o consumo um processo cultural, um ritual de construção de vínculos de sentido; assim como ratificam Barbosa e Campbell (2006), quando afirmam que o consumo é como uma experiência que se constitui em sistemas complexos de troca, na realização e criação de sentido associando-se novos modos de ser e novos comportamentos sociais, um

mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades.

E, quando relacionamos diretamente consumo e publicidade digital, logo remetemos às questões do controle e do poder, uma vez que as práticas publicitárias no digital utilizam-se do auxílio dos dados, mensuram, controlam e entregam aquilo que ela considera que é o adequado para determinado público, e mediante regras de mercado geram processos de produção de sentido. Segundo Domingues (2016), trata-se de um sistema de informação em rede que media e direciona a forma como nos relacionamos, como nos informamos e de que maneira tomamos decisões.

Estamos assim na esfera da criação da sensação de escolha para legitimar as adesões e aquisições, e a estratégia está fundada não na persuasão clássica, mas sim, no conhecimento mais aprofundado sobre o consumidor, o que implica em dados cada vez mais específicos sobre seus comportamentos e derivações, hábitos, atitudes e valores, transformados em possibilidades de acesso/compra que se encaixam em suas expectativas, gerando a sensação de legitimidade (PEREZ, 2020). Retomamos aqui o exemplo anterior, acerca da criação de uma conta gratuita em uma página em rede social digital: ao fazer parte de alguma dessas redes, temos a sensação de que as escolhas por ver ou não um determinado anúncio são nossas. De fato, há essa possibilidade, quando aparece um anúncio, de você apontar se deseja ou não ver mais anúncios como aquele, mas não há possibilidade de escolher não mais ver anúncios; pois está, entre os acordos, esse processo de troca. E, ainda sim, naqueles em que você paga para não ver anúncios, os seus dados ainda estão sendo capturados e armazenados para uso dessas empresas.

Dessa forma, na maioria das vezes, depois de acessados, recebemos na forma de mensagens publicitárias, uma seleção de ofertas formatadas e personalizadas para que nos reconheçamos, consumamos e tenhamos a sensação de que avaliamos aquela escolha ou, até mesmo, sentimo-nos parte de algo ao consumir. Mas será que tivemos de fato uma escolha? Perez e Trindade (2019), ao discutirem sobre as mediações comunicacionais do consumo na contemporaneidade, relembram que as lógicas de produção se



desenvolvem com o objetivo de responder às dinâmicas do capitalismo que sempre existiu e apenas ganharam adensamentos e novas possibilidades decorrentes da expansão tecnológica, principalmente das tecnologias digitais. Ou seja, vivemos nos tempos da experiência humana transformada em dados, em que continuamos a reproduzir um sistema em que o interesse do mercado continua se sobrepondo aos interesses dos sujeitos. Como explora Canclini (2019), ao fazer menção a um capitalismo eletrônico que nos fisga, que nos submete a gostos e pensamentos que fogem do nosso controle: “As informações que fornecemos aos mecanismos de busca sobre nossos comportamentos, desejos e opiniões nos transformam em insumos mercantilizados” (CANCLINI, 2019, p. 81, tradução nossa).

Nestes processos digitais de consumo, podemos então afirmar que os algoritmos seriam controladores de sentidos? Ferrari e Graham (2021, p. 208) argumentam que os algoritmos são atores na sociedade e moldam a forma como as pessoas vivem, amam e trabalham; eles dirigem e redirecionam os processos econômicos, afetando diferentes dimensões da vida social. Dessa forma, se o consumo precisa da informação que encontramos na publicidade e se essa publicidade digital é construída sob a lógica dos algoritmos, temos então um direcionamento orientador, controlador de sentidos nas mensagens publicitárias.

Compreendemos assim que a publicidade vem se transformando com as mediações algorítmicas e pela dependência dos dados dos sujeitos, acompanhadas por uma opacidade quando se fala de algoritmos e de pouca transparência quando tratam sobre o que fazem com os nossos dados, ocasionando o que afirma Canclini (2019) uma relação assimétrica e desigual que põe em causa a nossa capacidade de agir como cidadãos.

Considerando-se essa relação entre publicidade, sujeitos e consumo, precisamos então refletir sobre quem tem acesso ao consumo dessa publicidade: seriam somente aqueles que têm acesso à internet? Como eles estão sendo identificados pelos algoritmos e o quanto estão sendo considerados uma audiência desejável para receber a mensagem de comercialização dos produtos, serviços e/ou ideias. Nas mãos de quem está o controle sobre os fluxos e dados? Tudo vale a pena pela entrega assertiva de um anúncio? Pois, nesta

busca para estar mais próximo dos sujeitos consumidores e proporcionar a eles uma experiência diferenciada que faça sentido e que se destaque da concorrência - ainda que isso aconteça - essa relação de troca tem que ser justa e deve ir além das lógicas algorítmicas e dos dados, é preciso compreender o local do sujeito enquanto humano e não somente como consumidor, mas como cidadão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da discussão neste trabalho não foi condenar as dinâmicas propostas pelo digital e as interações possíveis ou buscadas, mas direciona-se a refletir sobre os sujeitos envolvidos nestes processos de consumo. Os apontamentos feitos a partir da exploração da temática da publicidade digital e seus atravessamentos, ratificam a necessidade de se ampliar os debates frente às discussões sobre consumo e sociedade (TRINDADE, 2019). Percebemos que as estratégias publicitárias digitais que se constituem sob o discurso da relevância estão sob a dependência dos dados dos usuários e que há que se considerar que os processos de troca entre plataformas e sujeitos consumidores não acontecem de forma equitativamente justas, pois a promessa de entrega de relevância publicitária e os modos como as empresas de tecnologia ofertam seus serviços atendem interesses próprios e de mercado.

Outra possibilidade de estudo está na dualidade que existe entre o sujeito-profissional da comunicação, que integra e faz parte desse processo, uma vez que se estabelece uma relação de poder enquanto produtor, mas que também podem ser sujeitos e consumidores de sentidos.

Por fim, defendemos que, nestes processos da publicidade digital, as soluções que são desenvolvidas sobre o uso dos dados, os modos de coleta, processamento e descarte devem ser centradas na privacidade do usuário, nas regulamentações vigentes e no olhar para o social; que o mercado publicitário deve estar atento às estas transformações, pois acreditamos que a publicidade, enquanto reflexo da sociedade e do seu tempo, seguirá em seu processo de evolução/elaboração/modificação, adequando-se à tecnicidade que a atravessa e às perguntas e embates que surgem nesse processo. Qual será o equilíbrio



entre a personalização, a privacidade e a experiência do usuário? Sabemos que, até aqui, temos muito mais perguntas do que respostas, mas elas também são força motor para os próximos passos da nossa pesquisa e nos auxiliam a perceber sobre o que precisamos debater enquanto sociedade de consumidores e de cidadãos, refletindo sobre as mudanças globais que impactam no local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp: 35-83.

BOLZANI, Isabela. 84% dos brasileiros nunca checaram como empresas usam seus dados pessoais, diz pesquisa. **Folha de São Paulo**. 03 de fevereiro de 2021 às 8h00. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/84-dos-brasileiros-nunca-checaram-se-seus-dados-sao-usados-de-maneira-responsavel.shtml>. Acesso em 12 out. 2022.

CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora: Bielefeld University Pres, 2019.

DOMINGUES, Izabela. **Publicidade de Controle: consumo, cibernética, vigilância e poder**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

FACEBOOK.COM. Política de Dados. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/privacy/explanation/>. Acesso em: 3 out. 2022.

FERRARI, Fabian; GRAHAM, Mark. Fissuras no poder algorítmico: plataformas, códigos e contestação. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, RS, v. 23, n. 2, p. 207-219, maio/ago. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34.Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2015.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020.

PEREZ, Clotilde; TRINDADE, Eneus. Três dimensões para compreender as mediações comunicacionais do consumo na contemporaneidade. **Matrizes**, São Paulo, v.13, n.3, p. 109-126, 2019.

SOUSA, Thatianne Silva. A ciberpublicidade e as interações em rede: estudo exploratório sobre práticas de consumo no Facebook. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SOUSA, Thatianne Silva; CORRAL, Manuela Vieira do. Reflexões sobre a Publicidade Digital Algorítmica e Programática e os Desafios entre Relevância e Controle. In: **Comunicon 2021 - Congresso Internacional Comunicação e Consumo**, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...] **Comunicon 2021 - Congresso Internacional Comunicação e Consumo**. ESPM: 2021. ISBN 978-85-99790-21-2. Disponível em: https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/SOUSA_CORRAL.pdf. Acesso em 22 jun. 2022.

TRINDADE, Eneus. Tendências sobre publicidade e Consumo em revistas científicas da comunicação Qualis A2 entre 2006 e 2017: Publicidade e consumos digitais em foco. **Signos do Consumo**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 114-125, 2019. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v11i2p114-125. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/159029>. Acesso em: 11 jun. 2022.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Teoria da Relevância. **Linguagem em Discurso**, 5, 2005. Disponível em: http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/287/301. Acesso em 20 jun. 2022.



USO DAS TECNOLOGIAS NA CULTURA DA SALA DE AULA: O PODCAST¹

USE OF TECHNOLOGIES IN CLASSROOM CULTURE: THE PODCAST

USO DE TECNOLOGÍAS EN LA CULTURA DEL AULA: EL PODCAST

Carolina de Sousa Franco Santos²

Resumo

O presente artigo objetiva refletir sobre a sociedade do conhecimento e a cultura da sala de aula baseada nas novas Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs no processo de ensino e aprendizagem trazendo o podcast como aliado nesta perspectiva, sob a ótica dos autores Coutinho e Bottentuit (2008), Luiz e Assis (2009), e baseados na era das revoluções industrial que impactam diretamente no cenário educacional, com apontamentos dos autores que abordam aspectos tecnológicos da cibercultura como Moran(1993,2007), Levy (2010), Rudiger (2011), Tedesco(2004) na sociedade do conhecimento. Além de abordar a multiculturalidade nos cenários educacionais e seus impactos entre educadores e educandos na sociedade do conhecimento sob o prisma de Candau (2003). Os procedimentos metodológicos utilizados baseiam-se na pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

Palavras-chave

Cultura; Educação; Sala de Aula; Podcast; Tecnologia.

Abstract

This article aims to reflect on the knowledge society and the classroom culture based on the new Information and Communication Technologies - ICTs in the teaching and learning process, bringing the podcast as an ally in this perspective, from the perspective of the authors Coutinho and Bottentuit (2008), Luiz and Assis (2009), and based on the era of industrial revolutions that directly impact the educational scenario, with notes from authors who address technological

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 01 – Comunicação e as transversalidades na era digital do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – PPGCC/UNAMA. Mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade da Amazônia. Membro do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação – UBICOM (UNAMA/CNPQ). E-mail: carol_franco@icloud.com.

aspects of cyberculture such as Moran (1993, 2007), Levy (2010), Rudiger (2011)), Tedesco(2004) in the knowledge society. In addition to addressing multiculturalism in educational scenarios and its impacts between educators and students in the knowledge society under the prism of Candau (2003). The methodological procedures used are based on bibliographic research (GIL, 2002).

Keywords

Culture; Education; Classroom, Podcast; Technology.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la sociedad del conocimiento y la cultura del aula basada en las nuevas Tecnologías de la Información y la Comunicación - TIC en el proceso de enseñanza y aprendizaje, trayendo el podcast como un aliado en esta perspectiva, desde la perspectiva de los autores Coutinho y Bottentuit (2008), Luiz y Assis (2009), y con base en la era de las revoluciones industriales que impactan directamente en el escenario educativo, con apuntes de autores que abordan aspectos tecnológicos de la cibercultura como Moran (1993, 2007), Levy (2010), Rudiger (2011)), Tedesco(2004) en la sociedad del conocimiento. Además de abordar la multiculturalidad en los escenarios educativos y sus impactos entre educadores y estudiantes en la sociedad del conocimiento bajo el prisma de Candau (2003). Los procedimientos metodológicos utilizados se basan en investigaciones bibliográficas (GIL, 2002).

Palabra Clave

Cultura; Educación; Aula; Podcast; Tecnologías

1. INTRODUÇÃO

A sociedade atual é reflexo do processo histórico influenciado pelas mudanças que sofremos cotidianamente. Neste sentido, vemos a educação passar por diversas mudanças ao longo do tempo e presente em toda a sociedade, tanto que alguns autores acreditam que a educação surgiu na formação das primeiras civilizações, pois o ser humano percebeu que poderia compartilhar seus conhecimentos entre eles de maneira intuitiva e natural com o passar dos anos, seja por meio de rituais sagrados ou por meio da observação, e as crianças aprendiam com os mais velhos de forma lúdica e espontânea.

Diante da grande relevância do papel da educação para a formação da indivíduo, entendemos que o desenvolvimento contínuo das tecnologias impacta

diretamente esta sociedade, por entendermos que não há campo humano onde não tenha sido penetrado pelo avanço tecnológico, como aponta Argan (1992), “desde os primórdios da antiguidade, a urbis configurou-se como um sistema de informação e de comunicação, voltado para uma função cultural e educativa” (1992, p.244).

Assim como Sousa e Rosa entendem que

A tecnologia está presente em todos os lugares, seja em um suporte eletrônico ou na inovação das formas de elaboração de um material didático, contudo, sua principal proposta sempre se torna a busca pelo favorecimento do alcance da qualidade nas atividades realizadas para o alunado. (SOUSA e ROSA, 2019, p.11)

Dentro deste contexto, temos na cultura uma preocupação contemporânea que procura entender os diferentes caminhos que conduziram os grupos humanos, as relações presentes e suas perspectivas de futuro. Segundo Santos:

A cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou que existiram, logo se constata a grande variação dela. [...] Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentidos a suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais passam. [...] O estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas. [...] A cultura é uma produção coletiva, mas nas sociedades de classe seu controle e benefícios não pertencem a todos. Isso se deve o fato de que as relações entre os membros dessas sociedades são marcadas por desigualdades profundas, de tal modo que a apropriação dessa produção comum se faz em benefício dos interesses que dominam o processo social. [...] afirmando que num sentido mais amplo e também mais fundamental, cultura é o legado comum de toda a humanidade. (SANTOS, 1996, p.84-86)

Por isso, as relações do homem moderno com espaço e tempo têm se alterado constantemente, tanto nas alterações que introduz no cotidiano, citado anteriormente, quando nos processos adotados para a educação das novas gerações.

2. TECNOLOGIA E A SALA DE AULA



No campo educacional, a inclusão das tecnologias de informação e comunicação - TICs tem gerado impactos e necessidades de mudanças de paradigmas. Seu uso intenso vem transformando radicalmente o ambiente escolar e criando novas formas de ensino e aprendizagem.

Destarte, a reformulação da escola acontece naturalmente para que ofereça aos alunos uma formação cultural e competência técnica favorecedora ao desenvolvimento de habilidades, competências e atitudes que permitam sua adaptação e permanência no novo mercado de trabalho em uma sociedade do conhecimento cada vez mais complexa.

Assim, faz-se necessário entender como se dá o processo de construção do conhecimento e como acontece o movimento de ensinar e aprender, em uma sociedade em que a comunicação permite cada vez mais pessoas terem acesso as informações que se multiplicam e atualizam rapidamente, transformando crenças e referências.

Esta concepção requer que o educador modifique seu papel de mero narrador e privilegie o diálogo como método. Diálogo este que pode romper a relação de comunicação unidirecional da educação formal tradicional, pois falar em novos métodos pedagógicos, buscando uma educação inovadora que prime pela formação de indivíduos comprometidos e empreendedores não é algo simples.

Segundo Freire:

[...] o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. (FREIRE, 2001, p.137)

Neste sentido, o indivíduo se vê diante de grandes desafios. Conhecer novas tecnologias adequando-as a uma nova cultura de sala de aula e como saber lidar com elas de maneira significativa.

É necessário que haja o reconhecimento de multiculturalidade na sociedade a partir de constatação da diversidade de raízes culturais que fazem parte do contexto educacional de sala de aula, como apontado por Candau

(2002) ao enfatizar a relação existente entre escola e a importância da cultura no processo de ensino-aprendizagem e nas práticas pedagógicas.

Portanto, acreditamos que a cultura faz parte de cada ser humano, sendo ele criador e propagador de sua própria cultura, podendo ser manifestada de diferentes formas, envolvendo o processo de criar e recriar.

Ao relacionarmos a cultura com a educação, acreditamos serem elementos socializadores capazes de modificar o pensar de educadores e educandos, pois ambos são parte do processo educacional em constante transformação.

Candau afirma que:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (CANDAU, 2003, p.160)

Assim sendo, escolas vão além de instituições educacionais e culturais, pois nelas temos diversos nichos sociais os quais devem ser valorizados, a fim de que as culturas tradicionais e não tradicionais possam ser conhecidas e reconhecidas, possibilitando a formação de indivíduos críticos, reflexivos e conhecedores de sua origem cultural.

Haja vista que, em sua maioria, educandos têm conhecimentos apenas da chamada cultura tradicional, como o folclore, ou dando ênfase apenas as culturas distantes de sua realidade. Desta feita, acreditamos na necessidade de as escolas serem intermediadoras das diferentes culturas existentes, para que possam disseminar a cultura na sociedade.

À vista disso, instituições de ensino encontram na tecnologia um apoio para que haja a disseminação da cultura de forma mais abrangente, por meio da prática educativa em consonância com as diversidades culturais vivenciada por seus alunos.

Contudo, não podemos esquecer da figura do docente neste processo cultural e educacional, haja vista que ele deve estar preparado para lidar com a multiculturalidade no ambiente escolar.

O professor deve estar disposto a se capacitar para atuar com uma prática pedagógica diferenciada, a qual vem sendo apontada desde a Educação 3.0, em meados do século XX, baseada no uso das tecnologias da informação e comunicação - TICs.

Para Candau,

Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados. (CANDAU, 2003, p. 157)

Sabemos que atuar com a multiculturalidade por meio das tecnologias não é algo simples, pois requer novas estratégias, novos saberes, novos objetivos.

É necessário preparar o docente para saber lidar com as novas realidades de sala de aula, pois as novas gerações começam a aprender na linguagem digital, e em sua maioria conhecem o mundo digital, isso faz com que o educando tenha a necessidade de se adaptar à nova cultura digital presente na educação 3.0, baseado no uso das tecnologias, com a chegada da geração Y, Z e Alfa no ambiente escolar.

No ano de 2020, em decorrência da pandemia de SARS-CoV2, causadora da Covid-19, docentes e alunos viveram um processo de mudança cultural nas salas de aula, onde o ensino remoto, baseado no uso das tecnologias se instalou para suprir as necessidades do ensino presencial.

Com isso, alunos e professores ficaram grande parte da sua vida no ciberespaço, sem diferenciar o *on-line* e o *off-line*, o mundo real do mundo virtual, uma cultura de sala de aula tradicional e uma cultura de sala de aula online, uma convergência que aconteceu de maneira natural, mas necessária e em meio a muitas dificuldades por parte de ambos os lados.

No entanto, para os nativos digitais ou os imigrantes digitais, tal fato já era vivenciado de forma mais simples e amena. Para Palfrey e Gasser (2011):

Em vez de passarem na sua identidade digital e em sua identidade no espaço real como coisas separadas, eles têm apenas uma identidade (com representações em dois, três ou mais espaços diferentes). São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais, sua tendência para as multitarefas, os modos como se expressam e se relacionam um com o outro de maneiras medidas pelas tecnologias digitais, e seu padrão de

uso das tecnologias para ter acesso, usar as informações e criar novos conhecimentos e novas formas de arte. (PALFREY E GASSER, 2011, p.14)

Dessa maneira, o processo de globalização ancorado ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação causam um grande impacto na sociedade atual, influenciando diretamente as demandas das práticas educacionais.

Daí, mencionarmos o ensino remoto por meios das tecnologias como algo desafiador para educadores e educando, pois alguns deles não eram nativos digitais, ou até mesmo, eram analfabetos digitais, por atuarem em realidades de sala de aula as quais não tinham referências digitais.

Associado a está realidade, e realizando uma reflexão sobre o processo da escrita e a leitura nos ambientes educacionais, elas eram as únicas formas de acesso à produção cultural.

Contudo, desde meados do século XX, havia uma circulação significativa de textos multimídia, mas devido ao acesso às tecnologias digitais seu manuseio dependia de equipamentos caros e específicos, limitando seu acesso pela maioria da população educacional.

Com efeito, diante dos constantes avanços tecnológicos e sua popularização, Braga e Furtado apontam três fatores que transformam a circulação e produção cultural.

1. Primeiramente, a questão de distribuição dos conteúdos se altera, já que uma única matriz textual, seja ela multimídia ou não, pode ser acessada por um número ilimitado de leitores.
2. O segundo fator está no fato de que há um conjunto de ferramentas digitais que facilitam a produção cultural e a edição de materiais multimídia, inclusive para leigos. O que antes dependia de equipes técnicas, hoje, pode ser feito por pessoas de diferentes faixas etárias, níveis de conhecimento e condições sociais.
3. Por fim, a web passou a oferecer um conjunto de recursos e ambientes digitais que motivam as pessoas a se tornar, cada vez mais, divulgadoras desses conteúdos produzidos informalmente. (BRAGA E FURTADO, 2016)

Assim, temos o *podcast* como um aliado a essa nova realidade educacional, baseada nas mudanças causadas pela influência direta da internet no cotidiano de seus usuários, leia-se alunos e professores. Douglas Calixto (2019) acredita que;

O grande benefício de trabalhar com esse recurso é a experiência prévia dos jovens com o *podcast*. Eles sabem como usar os serviços de streaming de áudio e estão o tempo todo conectados. Hoje a vida das pessoas é influenciada pelos memes, pelas redes sociais, pelo conteúdo dinâmico e de fácil acesso. Por isso faz sentido usarmos o *podcast* em sala de aula, porque ele mobiliza afetos e faz parte da vida dos estudantes.

Esse novo cenário educacional faz com que os professores busquem se aprofundar e conhecer melhor as diferentes tecnologias aplicadas à educação e seu potencial para ser aliado às práticas pedagógicas, alterando assim gradativamente a cultura de sala de aula, a qual era imposta por anos como o professor sendo único o detentor do conhecimento e seu aluno um mero expectador e captador das informações a ele destinada.

3. USO DO PODCAST NA EDUCAÇÃO

O *podcast*, surgiu em 2004, quando foi divulgada, a 12 de abril de 2004, pelo jornal Britânico “*The Guardian*”, em um artigo sobre a facilidade de o usuário produzir seus próprios programas de rádio, utilizando um *iPod*, um *software* de áudio e um blog para publicação desses programas.

Por ser uma ferramenta de baixo custo notou-se um potencial positivo para seu uso nos ambientes escolares, além de poder ser acessada de forma *on-line* ou *off-line*, por meio de *download*, sempre que o aluno ou professor desejar, transcendendo assim espaços de aprendizagem tradicionais antes restritos somente a sala de aula. O *podcast* é uma ferramenta mediática que serve como suporte para diferentes gêneros, de acordo com Cristóvão e Lenharo:

[...] o *podcast* pode ser classificado como uma tecnologia cuja função é mediar a interação linguageira; o gênero, por sua vez, é a unidade linguageira em si; e o suporte, por fim, é o componente material da mídia, responsável por concretizá-la em um arquivo de MP3, por exemplo. (CRISTOVÃO; LENHARO, 2016 p. 311)

O *podcast* é um recurso atrativo para a prática pedagógica por se tratar de um tipo de áudio que transmite informações. Do ponto de vista histórico o som é um recurso antigo e em constante evolução, tanto que Paiva e Moraes (2019, p. 129) apontam que o ser humano vivenciou diversas experiências sonoras.

O *podcast* já recebeu diversas definições, umas mais precisas, outras menos. Ele já foi chamado de “uma espécie de rádio pela internet”, ou ainda “uma forma de fazer *download* de arquivos de áudio”. Porém, por mais que aqueles que nunca ouviram falar do que é um *podcast* consigam ter uma imagem do que seria isso, essas definições não dão conta dessa nova mídia. [...]

A mídia do rádio recebe esse nome principalmente porque é uma mídia transmitida por radiodifusão, ou seja, difusão ou ampla difusão (*broadcasting*, em inglês) através de ondas de rádio. Não é à toa que usamos esse nome: ele indica principalmente o meio pelo qual ele é transmitido. [...]

Já o *podcast* é uma mídia transmitida via *podcasting* e o *podcasting* é uma forma de transmissão de mídia via feed RSS (*Real Simple Syndication*). (LUIZ, 2014, p. 29-31)

Em relação a programação, o *podcast* pode ser personalizado, e gravado em diversos formatos de áudio e armazenado em computador ou disponibilizado na internet em plataformas digitais, com diversos canais de interação, convergência midiática e recursos diversos se torna uma mídia própria e singular.

Dependendo do tema abordado em cada episódio, ele pode ser apenas um emissor de áudio, o qual atende boa parte das necessidades, por meio de palestras e entrevistas, ou um emissor de vídeo, ou também um “*Enhanced Podcasts*” (áudio com imagem anexada). Paiva e Moraes (2019, p. 141) acreditam que o “crescimento dos *podcasts* representou uma nova oportunidade de acesso a conteúdos cada vez mais diversificados e personalizados, não existindo hoje praticamente nenhum tema ou assunto sobre o qual não seja possível encontrar um *podcast*”.

Ele trouxe uma nova forma de educar e utilizar as tecnologias digitais em sala de aula, podendo ser utilizado de diversas maneiras durante o processo ensino e aprendizagem evidenciando seu potencial pedagógico dentro e fora da

sala de aula onde professores estabelecem ligações entre o conteúdo formal e a expressão oral, incentivando o aluno ao estudo de maneira lúdica e interativa.

Ressalta-se que essa mídia digital pode despertar um maior interesse pela aprendizagem dos conteúdos principalmente por se constituir numa nova possibilidade de ensino introduzido na sala de aula. Tal mídia pode contribuir para os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, uma vez que, estes podem escutar diversas vezes um mesmo áudio no intuito de compreender melhor do conteúdo abordado; também, possibilita a aprendizagem dentro e fora da sala de aula, inclusive, a gravação do próprio *Podcast*, já que falar e ouvir constituem-se como atividades mais significativas de aprendizagem do que o simples ato de ler (LIMA *et. al.*, 2020, p. 3).

Percebemos que o *podcast* é uma ferramenta midiática enriquecedora para fins didáticos, por permitir abordagem de diferentes temáticas possibilitando discussões de diversas perspectivas.

Neste sentido, o *podcast* é uma ferramenta midiática que quebra barreiras hierárquicas do saber, comum entre educadores e educandos e tão discutida por Paulo Freire; “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2001, p.52).

Essa concepção requer que o educador modifique seu papel de mero narrador e privilegie o diálogo como método, podendo romper a relação de comunicação unidirecional da educação formal tradicional. Por meio da disponibilização de conteúdos didáticos, sendo eles material principal ou de apoio das disciplinas, auxiliando assim na nova cultura da sala de aula, onde alunos podem ser um dos criadores do conteúdo a ser estudado.

Para tanto, é necessário conhecer as vantagens que as tecnologias de informação e comunicação proporcionam para a aprendizagem dos alunos e cobrar do professor uma postura positiva quanto ao uso das tecnologias digitais utilizadas na linguagem e meios de comunicação para um trabalho realizado com excelência para a nova cultura digital.

É sabido, à medida que há uma evolução tecnológica em nosso cotidiano, se faz necessário que docentes saibam como utilizá-las em sala de aula, pois os alunos se tornam cada vez mais motivados e adeptos ao seu uso durante o processo de ensino e aprendizagem.



Por meio das tecnologias de informação e comunicação temos diversas possibilidades de abordagens pedagógicas que apoiam a produção cultural e a construção do conhecimento de maneira contínua e mais abrangente, pois a tecnologia permite ir além dos muros das escolas, possibilitando ao educando a ampliação de seu processo de conhecimento de maneira híbrida.

Ressaltando que, na sociedade do conhecimento, não basta educar para a simples utilização de ferramentas tecnológicas, é preciso criar condições para que educandos se tornem criativos, investigadores, autônomos, conscientes de sua posição enquanto sujeito ativo dotados de flexibilidade para aprender por meios tecnológicos digitais e, o educador parceiro de uma aprendizagem aberta e autônoma da educação atualmente conhecida como Educação 5.0.

4. CONCLUSÃO

Com efeito, acreditamos que educar na sociedade digital com novos olhares para a cultura de sala de aula, significa pensar em novos paradigmas, pois a sociedade apresenta complexidades e exigências antes não necessárias, caracterizada pela inovação constante conduzida pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, seja ela para criação de máquinas mais potentes quanto para o surgimento de *software* atualizados, que apoiarão ao novo olhar da sala de aula.

Neste sentido, o conceito clássico de sala de aula como espaço delimitado com interações presenciais entre professor e alunos, se torna obsoleto. As novas tecnologias de informação e comunicação alteram os antigos meios para obter informação, transformam o ambiente escolar, criando novas formas de aprendizagem deixando claro a mudança na cultura da sala de aula por meio da incorporação das tecnologias digitais aos ambientes educacionais provocando um processo de mudança contínuo e veloz.

4. REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



BRAGA, Denise. FURTADO, Paula. **As novas formas de produção cultural na sala de aula**. Disponível em: <https://www.geekie.com.br/blog/producao-cultural/>. Acesso 29 de julho 2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação escola e Cultura(s):** construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, 2003.

_____. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s):** uma aproximação. Educ. Soc., 79: 125-161, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Podcast, Participação Social e Desenvolvimento**. Educação em Revista, vol 32, n. 1, pp. 307-335. Faculdade de Educação da UFMG. Minas Gerais, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3993/399362312014/html/>. Acesso em 27 jul 2022.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: 34, 1997.

LIMA, Frederico O. **A Sociedade Digital:** O impacto da tecnologia na sociedade, na educação e nas organizações. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

LIMA, Kaliandra Maria da Conceição Freitas Mota; CAMPOS, Cazimiro de Sousa; BRITO, Aline Lucena de. **O Podcast como Ferramenta ao Ensino:** implicações e possibilidades educativas. VII Congresso Nacional de Educação. Maceio, AL. Out 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_M_D4_SA19_ID5360_26092020221728.pdf. Acesso em 28 jul 2022.

LUIZ, Lucio.; ASSIS, Pablo de. **O podcast no Brasil e no mundo:** um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010. Caxias do Sul. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf. Acesso em 07 jun 2022.

PALFREY, John; GRASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital:** Entendendo a Primeira Geração dos Nativos Digitais. Editora: Artmed. Porto Alegre, 2011.

VALENTE. José Armando (org.). **O Computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas: NIED, 1999.

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura?**. (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16 ed. de 1996. Editora: Brasiliense. São Paulo, 2006.

SOUSA, José Paulo de; ROSA, Aliete Gomes Carneiro. A produção de Material didático em interface com a tecnologia: percepções das práticas dos professores de língua portuguesa no ensino médio em Santa Cruz do Capibaribe-PE. Trabalho de Conclusão de Curso – UFRPE. Pernambuco 2019. Disponível em https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/2265/1/tcc_art_josépaulodesouza.pdf. Acesso em 30 jul 2022.

TEDESCO, Juan Carlos (org.). **Educação e Novas Tecnologias**: Esperança ou Incerteza? São Paulo: Cortez, 2004.

Podcast: como usar na sala de aula? Disponível em: <http://fundacaotelefonica vivo.org.br/noticias/podcast-como-usar-na-sala-de-aula/>. Acesso em 20 jun de 2022.

“...As pobres coisas que eu sei / Podem morrer, mas espero / Como se houvesse um sinal / Sem sair do amarelo” (“Transversal do Tempo” – João Bosco e Aldir Blanc, 1973)

“As coisas que eu sei de mim / São pivetes da cidade / Pedem, insistem e eu / Me sinto pouco à vontade...”

Professores responsáveis
Prof. Dr. Jorge Eiró (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Márcia Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)

ST

Propomos trabalhos em teoria, ensaios e pesquisa poética nos campos da imagem, arte, arquitetura e cidade que possam, em suas interseções, contribuir na reflexão dos conceitos sobre as experiências modernas na cultura brasileira à luz do pensamento inquieto do século XXI. Nesse sentido apresentamos três eixos: 1. Da euforia ao esvaziamento do projeto moderno às discussões sobre a permanência dos seus valores na produção contemporânea brasileira; 2. A pluralidade da arte e da arquitetura contemporâneas em que diferentes linguagens atuam conjuntamente como pontos de tensão. 3. Poéticas cujos processos revelem suportes e linguagens distintas e operações intersemióticas, em especial, o jogo entre poética e política no contexto atual brasileiro. Por fim, ansiamos receber trabalhos que atravessassem diferentes campos e tensionem o fluxo do tempo, de modo a sinalizar o desejo e as urgências artísticas, arquitetônicas e urbanísticas no enfrentamento e superação de uma nova melancolia instaurada nos anos 2020.

02 - TRANSVERSAIS DO TEMPO: ENTRE MODERNISMOS E O CONTEMPORÂNEO, ENTRE MELANCOLIAS E INSURGENCIAS



**DISTOPIAS EM SÉRIES FICCIONAIS:
ESTUDO DE CASO SOBRE 3%, ALTERED CARBON E BLACK
MIRROR¹**

**DYSTOPIAS IN FICTIONAL SERIES:
CASE STUDY ON 3%, ALTERED CARBON AND BLACK
MIRROR**

***DISTOPIAS EN SERIES DE FICCIÓN:
ESTUDIO DE CASO SOBRE 3%, CARBONO ALTERADO Y
BLACK MIRROR***

Julia Maria Barroso da Silva.²
Rafael Sbeghen Hoff ³

Resumo

O artigo trata das narrativas distópicas em séries ficcionais audiovisuais, investigando como se mostram as atualizações e permanências relacionadas ao medo acionado pelo gênero ficção científica. A pesquisa foca especificamente em três séries audiovisuais, analisando como são representadas as técnicas enquanto elementos distópicos. O objetivo é detalhar e apresentar as atualizações e permanências de distopias científicas em narrativas ficcionais contemporâneas, mapeando, comparando e analisando as abordagens temáticas e recursos narrativos nas primeiras temporadas das três obras. O procedimento metodológico é da Análise do Discurso (AD) e acionamento dos rastros digitais midiáticos para identificar os efeitos de real e de realidade como marcas estilísticas dessas narrativas audiovisuais do gênero ficção científica. Como resultados, o pós-humanismo, o biopoder e a midiatização digital da vida se constituem como elementos de atualização dos medos e receios na contemporaneidade.

Palavras-chave

Audiovisual; Distopia; Ficção; Séries; Imagem.

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST2 Transversais do tempo: entre modernismos e o contemporâneo, entre melancolias e insurgências do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Universidade Federal do Amazonas.

3 Universidade Federal do Amazonas / Universidade Federal de Roraima.



Abstract

The article deals with dystopian narratives in audiovisual fictional series, investigating how updates and permanences related to fear triggered by the science fiction genre are shown. The research focuses specifically on three audiovisual series, analyzing how technicities are represented as dystopian elements. The objective is to detail and present the updates and permanences of scientific dystopias in contemporary fictional narratives, mapping, comparing and analyzing the thematic approaches and narrative resources in the first seasons of the three works. The methodological procedure is the Discourse Analysis (AD) and the activation of digital media traces to identify the effects of real and reality as stylistic marks of these audiovisual narratives of the science fiction genre. As a result, post-humanism, biopower and the digital mediatization of life are constituted as elements of updating the fears and apprehensions in contemporaneity.

Keywords

Audio-visual; dystopia; Fiction; Series; Image.

Resumen

El artículo aborda narrativas distópicas en series de ficción audiovisual, investigando cómo se muestran actualizaciones y permanencias relacionadas con el miedo desencadenado por el género de ciencia ficción. La investigación se centra concretamente en tres series audiovisuales, analizando cómo se representan los tecnicismos como elementos distópicos. El objetivo es detallar y presentar las actualizaciones y permanencias de las distopías científicas en las narrativas ficcionales contemporáneas, mapeando, comparando y analizando los enfoques temáticos y recursos narrativos en las primeras temporadas de las tres obras. El procedimiento metodológico es el Análisis del Discurso (AD) y la activación de huellas de medios digitales para identificar los efectos de lo real y la realidad como marcas estilísticas de estas narrativas audiovisuales del género ciencia ficción. En consecuencia, el poshumanismo, el biopoder y la mediatización digital de la vida se constituyen como elementos de actualización de los miedos y aprensiones en la contemporaneidad.

Palabras-clave

Audiovisual; distopía; Ficción; Serie; Imagen.



1. Introdução

1.1 Imagens e imaginário acionados pela ficção audiovisual

A distopia ficcional audiovisual, mais do que mero entretenimento, carrega em seus discursos as marcas de um tempo, manifestadas pelos medos e inseguranças abordadas nas obras. Os produtos audiovisuais suscitam a reflexão sobre a realidade em que vive o espectador, não apenas pelos sentidos de real e realidade (AUMONT, 2002; JOST, 2012), mas pela capacidade de acionar afetos e mobilizar argumentos em torno de questões como as propostas nas obras aqui analisadas. Essas questões aparecem na forma de figurino, fotografia, interpretação, arco narrativo dos personagens, ambiência e dispositivos que compõem as narrativas. Nosso objetivo aqui é analisar como as distopias apresentam permanências e/ou atualizações sobre tecnicidades no gênero ficção científica e apontar suas relações com a atualidade.

Para alcançar esses objetivos, os autores acionam dois procedimentos metodológicos: a Análise do Discurso (PECHÊUX, 2002) e os rastros digitais (BRUNO, 2012). O primeiro é utilizado para perceber as estratégias discursivas empregadas nas obras audiovisuais, identificando elementos que as enquadram no gênero ficção científica. Pela leitura de formações discursivas e formações ideológicas, silenciamentos e interditos, procuramos construir um mapa de intencionalidades e significações acionados pela narrativa distópica. O segundo procedimento consiste em buscar possíveis relações entre o mundo real, vivido fora das telas, e a forma como as tecnicidades são tratadas pelas séries, buscando indícios sobre os efeitos de real e efeitos de realidade (AUMONT, 2002) provocados por aquilo que Jost (2012) chama de Dispersão e Persistência. Esses conceitos, respectivamente, tratam dos elementos incorporados às narrativas ficcionais e que provocam a sensação de vinculação com um mundo real ou, pelo menos, verossímil.

Dispersão, segundo o autor, “é a espuma do dia, a aparição e a desaparecimento de todos esses acontecimentos, pequenos ou grandes, que atravessam a vida das pessoas e das mídias do cotidiano” (JOST, 2012, p. 28). Já Persistência é

aquilo que persiste, aquilo que os telespectadores, sejam eles americanos ou não, sentem como contemporâneo. O presente infla-se para construir uma duração muito mais longa, um tipo de banho de imersão no qual está mergulhado o mundo. (JOST, 2012, p.29)

Mas, como acionar o mundo vivido para entender a presença de elementos que possam ser interpretados como Dispersão ou Persistência? Nesse ponto, Fernanda Bruno (2012) nos oferece uma alternativa na pesquisa que toma o ambiente digital e a internet como espaço de investigação: a busca por rastros digitais. Utilizando as “pegadas” deixadas pelos acontecimentos na memória disponível e preservada dos veículos de comunicação que digitalizam seus conteúdos, realizamos navegações por sites noticiosos e/ou voltados à divulgação de inovações científicas e tecnológicas para identificar possíveis relações. Uma espécie de *flanerie* digital, constituindo coleções com significado para o pesquisador, tal qual um andarilho que passeia pela cidade e coleciona fragmentos, memórias, imagens.

Essas experiências e significações podem ser associadas diretamente às imagens e ao imaginário, aqui tomado a partir da conceituação de Wunenburger (2007, p.8-9 apud CARLI; BARROS, 2015, p. 18): “O substantivo pode designar mentalidade (atitudes psicossociais e seus efeitos sobre o comportamento), mitologia (patrimônio de ficções das culturas), ideologia (explicações estereotipadas, discurso não narrativo), ficção e temática”. Assim, a imaginação imprime sobre o real a subjetividade dos sujeitos, manifesta nela seus afetos e interpretações, significa o mundo vivido e dele extrai elementos para sua permanente (re)configuração.

Esse texto faz parte do trabalho desenvolvimento como Pesquisa de Iniciação Científica junto à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e vinculada ao Grupo de Pesquisa em Processos Imagéticos, financiado com bolsa UFAM. A pesquisa toma como objeto empírico três obras audiovisuais seriadas de ficção científica acessíveis pela plataforma de streaming Netflix: *Black Mirror* (2011), *3%* (2016) e *Altered Carbon* (2018). As três possuem, como elemento comum, a distopia em ambientes de ficção científica.

Para abordar a ideia de distopia é necessário relembrar a palavra que a deu origem; utopia. No século XVI, precisamente em 1516, o filósofo, Thomas

More, publicou o romance Utopia, nele existia uma ilha muito distante em que todos eram felizes e tudo era perfeito, o escritor utilizou-se do prefixo “u” do grego, com sentido negativo e “tópos” (lugar) para designar um “não lugar”, uma ilha que se encontrava sempre distante e impossível. Dessa maneira, distopia origina-se da ideia de utopia, porém, com sentido contrário, como um antônimo, uma antiutopia, etimologicamente, “dus” significa; doente, anormal, portanto, distopia seria um lugar ruim, distorcido, doente.

De modo geral, com o decorrer das diversas crises políticas, econômicas, tecnológicas e humanitárias que a sociedade enfrenta os “vilões” das distopias se atualizam. Todavia, a configuração dessa ideia é a de que há sempre uma relação de submissão, perseguição, controle e dominação por parte de um grupo alienado que perde sua individualidade em decorrência de um governo ou liderança que ofusca qualquer chance de mobilidade social e esperança em um universo obscuro, orientado pela racionalidade e tecnologia. Talone (2020, p. 368) simplifica essa ideia quando diz: “As distopias literárias normalmente são futuros imaginários em que alguma coisa deu muito errado na sociedade, retratando rebeliões por indivíduos e grupos contra o coletivismo e simbolizando valores com os quais o leitor deve simpatizar.”.

Assim, o que esse texto e a pesquisa da qual deriva buscam investigar são as manifestações de atualizações e permanências em narrativas distópicas seriadas audiovisuais de ficção científica. Para tanto, faz uso da Análise do Discurso (PECHÊUX, 2008) sobre as primeiras temporadas de cada uma das séries. Os episódios foram assistidos por streaming e selecionados / destacados trechos fílmicos, que propomos equivalência às marcas discursivas, para discorrer sobre relações entre a obra e os conceitos acionados como categorias analíticas: biopoder e necropolítica, pós-humanismo, mediatização.

O filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) relaciona o biopoder ao Estado de Exceção e ao Estado de Sítio, duas situações de excepcionalidade que corroboram o uso da distinção e do poder estatal para determinar regimes de exclusão e morte àqueles que se opõe aos governantes. O principal argumento seria a suposta ameaça à soberania nacional. Para o Estado de Exceção conseguir adesão e respaldo popular, o governante elege a criação de

um inimigo ficcional que justifique o apelo à exceção e à emergência. É um sistema em que os governantes decidem quem deve viver e quem deve morrer. Como explica Mbembe (2018, p. 128) “Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros.”

O movimento pós-humanista (RÜDIGER, 2007) nasceu no final dos anos 1980 após as ampliações das tecnologias *high-tech* no sistema capitalista e o surgimento da cibercultura que defendia um posicionamento a favor da cibernética e do pensamento anárquico. Max More, um dos gurus — assim Rudiger o chama — do movimento pós-humanista, entende o futuro da humanidade como um resultado das dinâmicas empresariais e tecnológicas. Segundo More:

Nos próximos 50 anos, a inteligência artificial, a nanotecnologia, a engenharia genética e outras tecnologias permitirão aos seres humanos transcender as limitações do corpo. O ciclo da vida ultrapassará um século. Nossos sentidos e cognição serão ampliados. Ganharemos maior controle sobre nossas emoções e memória. Nossos corpos e cérebro serão envolvidos e se fundirão com o poderio computacional. Usaremos essas tecnologias para redesenhar a nós e nossos filhos em diversas formas de pós humanidade. (MORE, 1994, apud RUDIGER, 2007, p. 3)

Assim, o corpo humano e suas limitações: doenças, condições físicas, o envelhecimento, a morte, não serão mais um impedimento para a transcendência e realização dos desejos. Mais do que uma mera fantasia estúpida e escapista ou um interesse em um progresso científico que possa resolver todos os males da sociedade, o pós-humanismo, para Rudiger, é uma pista para o futuro da humanidade.

Midiatização, de acordo com Martino (2019), é um conceito que pode ser explicado em três categorias: mídia enquanto articulação com a sociedade; mídia enquanto ambiente midiático — que se divide em instituição, tecnologia e linguagem —; e mídia enquanto prática social.

A primeira categoria (articulação) seria uma espécie de negociação que as mídias fazem com sociedade, não sendo mais possível falar em “mídia e sociedade” já que ambas estão em uma relação simbiótica. Portanto, o mais correto seria falar em “mídia na sociedade” ou “mídia com a sociedade”. Segundo

o estudioso, antes era possível fazer uma distinção entre o meio social e os meios de comunicação, fazia sentido visualizar esse último como instituições que exerciam influência em um público teoricamente passivo e homogêneo. Porém, a partir dos anos 1990, essa realidade se alterou devido aos avanços tecnológicos e socioculturais, daí transformou-se também a relação entre mídia e sociedade.

Já a mídia como ambiente se organiza em três perspectivas: a primeira são os dispositivos tecnológicos, os equipamentos que permitem a comunicação entre as pessoas a longa distância. A segunda dimensão refere-se à mídia enquanto instituição social, são as empresas de comunicação que transmitem mensagens e informações. Por fim, a terceira dimensão é a mídia enquanto linguagem, com características próprias de cada mensagem a depender do meio em que ela é veiculada. As três são atravessadas por interesses políticos e econômicos, nem sempre explícitos, mas bastante influentes sobre as performances de produção e consumo das informações em circulação.

Esse conjunto de tecnologias, instituições e linguagens cria o ambiente midiático. De acordo com Martino (2019), esse ambiente existe quando a presença da mídia se torna imperceptível.

A terceira categoria: a mídia enquanto prática social. Essa prática social não perde sua característica ao ser midiaticizada, apenas ganha um novo aspecto, ela se molda. Assim explicita Sá Martino:

[...] não existe prática social sem referência a um contexto social que ao mesmo tempo a produz e a legitima. Esse contexto “social”, no entanto, não existe enquanto entidade abstrata, mas se materializa no conjunto de relações cotidianas. A prática social implica, nesse sentido, uma relação de comunicação. (SÁ MARTINO, 2019, p. 19)

Esses conceitos nos auxiliam a identificar traços de Dispersão e Persistência (JOST, 2012) que nos remete aos sentidos de real e realidade (AUMONT, 2002), provocando significações e aderência por parte do público às narrativas ficcionais distópicas. Tratemos agora de identificar esses elementos nas obras audiovisuais.

Inserir aqui o texto do corpo do trabalho, usando exclusivamente a fonte Arial, em corpo 12, com espaçamento 1,5 entre as linhas. Os artigos deverão ter extensão de oito a dez páginas e devem contemplar, além de todas as orientações do *template*, introdução, apresentação da pesquisa, referencial teórico-metodológico, resultados (parciais ou totais), considerações finais e referências bibliográficas. O negrito poderá ser usado, exclusivamente, para destacar os subtítulos ou divisões do trabalho, sempre no mesmo corpo 12, em caixa alta e baixa.

Os títulos, o resumo e as palavras-chave dos artigos e dos dossiês devem ser acompanhados de versão em inglês.
eletrônicos.

2. Objetos empíricos: 3%, Altered Carbon e Black Mirror

3% É uma série de ficção científica brasileira do serviço de streaming Netflix. A obra possui 4 temporadas, mas para essa pesquisa foi selecionada apenas a primeira temporada — com oito episódios. O universo da narrativa é ambientado em um futuro distópico, um mundo devastado, com a natureza destruída e recursos naturais escassos. O mundo é dividido em dois: “os de lá”, que é como se denominam os que vivem no Maralto, uma ilha com recursos fartos, tecnologia e acesso à qualidade de vida; e “os de cá”: moradores do Continente, um lugar onde as pessoas vivem na miséria e em condições de sub-humanidade.

Os jovens, ao completarem 20 anos, têm uma única chance de adentrar o Maralto ao passarem pelo Processo, uma espécie de grande prova com várias etapas que testam conhecimentos como raciocínio lógico, agilidade física, controle emocional, testes de resistência, sociabilidade e de personalidade. Mas desses jovens apenas 3% (três por cento) devem passar, daí o título da obra. Desse modo, a tecnologia em 3% organiza, vigia e separa a sociedade entre o Maralto e o Continente.

Assim, em 3% existe essa política do biopoder, porém, a divisão não é racial e sim social. Na série, é possível observar vários detalhes que revelam essa cisão entre os dois mundos. Por exemplo, sempre que a obra mostra os

espaços do Continente as pessoas estão com roupas gastas, sujas, remendadas, a comida é escassa, as tecnologias são precárias, sucateadas ou contrabandeadas, as pessoas têm temperamentos raivosos e coléricos, são mais expressivas.

Quando finalmente os 3% dos jovens conseguem passar em todas as provas eles precisam — antes de adentrar o Maralto — receber uma vacina que os esteriliza e os impede de terem filhos na nova ilha. Nesse lugar não existem crianças ou bebês.

De acordo com a ideologia do Maralto é a hereditariedade que permite a desigualdade social, eles (os governantes deste mundo) acreditam que somente aqueles que respondem aos critérios do Processo, conseguem passar nas provas por mérito próprio e vencer todos os obstáculos dos testes merecem uma vida melhor. Os que não conseguem, são vistos como o inimigo ficcional, nesse caso, os perdedores são a ameaça política. Nesse ponto, é possível fazer um paralelo histórico com o regime de apartheid que se fez presente nas colônias, como diz Aganbem (2018, p. 31): “De fato, é sobretudo nesses casos que a seleção das raças, a proibição dos casamentos mistos, a esterilização forçada e até mesmo o extermínio dos povos vencidos foram testados pela primeira vez no mundo colonial.”

Os cidadãos do Continente, são, dessa maneira, separados da sociedade ideal e controlados biologicamente, além de serem, igualmente, vigiados. Os jovens precisam também, ao entrarem nas instalações do Processo, apresentarem seus registros, uma espécie de chip implantado atrás da orelha, o qual todo morador do Continente deve possuir para ser monitorado. É um dispositivo digital usado a serviço do biopoder.

Outrossim, os policiais que exercem o poder coercitivo entre os dois mundos controlam, à distância, as várias câmeras espalhadas entre os cortiços, becos e vielas do Continente. Ademais, durante as entrevistas e etapas das provas os funcionários ao fazerem perguntas na intenção de desestabilizar os candidatos têm acesso — sem que eles saibam — a informações como: batimento cardíaco, histórico familiar, ficha criminal e detalhes da vida pessoal de cada jovem. É como um tipo de atualização do Panóptico de Foucault:

É preciso que o prisioneiro possa ser mantido sob um olhar permanente; é preciso que sejam registradas e contabilizadas todas as anotações que se possa tomar sobre eles. O tema do Panóptico — ao mesmo tempo vigilância e observação, segurança e saber, individualização e totalização, isolamento e transparência — encontrou na prisão seu local privilegiado de realização (1999, p. 277-278)

Em um sistema assim não há respeito à liberdade, não há respeito à privacidade. Outra analogia possível ao estado de exceção é o fato de as pessoas do Continente não poderem ser consideradas uma comunidade visto que, por definição, “a comunidade implica o exercício do poder de fala e do pensamento” (AGAMBEN, 2018, p. 27), e elas são inviabilizadas, realmente excluídas de qualquer direito humano.

A série *Altered Carbon* (*Carbono Alterado*, em português) do gênero ficção científica disponível na Netflix possui duas temporadas e para essa pesquisa foi delimitada apenas a primeira temporada, com 10 episódios. Ela se passa em um futuro em que a consciência do ser-humano é armazenada em um tipo de cartucho — produzido com o carbono alterado — implantado na região da nuca, podendo o objeto ser conservado e instalado em qualquer “capa”, nome dado aos corpos humanos sinteticamente produzidos.

O universo ficcional da série propõe uma realidade na qual todas essas possibilidades (do pós-humanismo) se concretizaram. As pessoas podem “morrer” biologicamente várias e várias vezes mantendo viva sua consciência. O que realmente importa é o que há no cartucho, afinal, ao levar um tiro, por exemplo — contanto que não atinja a região da nuca — você pode ser simplesmente transferido ou “reencapado” para outro corpo. Os corpos tornaram-se, assim, apenas artefatos ou invólucros para uma espécie de “essência” humana, armazenada digitalmente ou, em última instância, um acoplamento definitivo (SIMONDON, 2007).

Esse fenômeno se assemelha com o momento em que o transhumanismo, convicção de que o ser-humano pode ultrapassar suas barreiras biológicas de maneira universal e perpétua (RÜDIGER, 2007) começa a propor algo além da simples robotização. É a transformação da essência humana em objeto informacional, em uma analogia ao digital, sendo o elemento maquinístico apenas um artefato que carregaria a consciência humana. É a

substituição de células cerebrais biológicas para circuitos eletrônicos, como diz Rudiger:

[...] a pessoa, com efeito, não passa de um processador de informações, cujo centro de dados é o cérebro [...] O corpo se torna algo com pouca ou nenhuma relevância [...]. Você viverá, portanto, enquanto ele puder ser copiado e posto em operação em algum maquinismo. (RÜDIGER, 2007, p. 9-10)

Há, também, outros dispositivos como uma espécie de celular ou computador que pode ser simplesmente instalado no olho humano, tal qual uma lente de contato. A partir disso o usuário tem acesso a uma rede de informações podendo acessá-la e compartilhá-la dentro de um sistema de realidade virtual. Tudo isso é possibilitado devido ao recurso do cartucho que se conecta ao sistema nervoso do utilizador: visão, tato, paladar, olfato, ligados a qualquer realidade artificial, digital que ele — o usuário— escolha.

É interessante notar que a série reflete, igualmente, sobre outra perspectiva do pós-humanismo. Ora, se alcançamos o progresso científico, a realização de nossos desejos e a transcendência da carne ao fazer um uso desprendido da razão, quando o “pós” do pós-humanismo se torna o aqui e o agora, é de se imaginar, também, que as características desse “humano” - aspectos morais, sociais, políticos e econômicos - serão projetados em alguma medida nesse novo mundo. E talvez aspectos não tão virtuosos quanto aqueles prometidos pelo avanço tecnológico.

Black Mirror é uma série britânica de ficção científica distópica criada por Charlie Brooker que suscita reflexões acerca das consequências — negativas e pessimistas — das tecnologias infocomunicacionais nas relações em sociedade. De 2011 a 2014 a emissora original que transmitia a obra era a Channel 4, mas, mas a partir de 2015 os direitos de reprodução da série foram comprados pela plataforma de *streaming* Netflix, que passou a encomendar os novos episódios. Nesse texto iremos trabalhar com a primeira temporada, composta por três episódios: The National Anthem (Hino Nacional), Fifteen Million Merits (15 milhões de méritos), The Entire History of You (Toda a sua História), percebendo como a série utiliza as tecnologias como dispositivo de mediatização.

No primeiro episódio, intitulado Hino Nacional, o primeiro-ministro britânico é acordado no meio da madrugada por seus assessores após a

publicação de um vídeo no Youtube no qual uma princesa (Susannah) é sequestrada e o criminosos exigem como recompensa para sua soltura que o ministro transmita, em rede nacional, um vídeo seu fazendo sexo com uma porca.

A partir do conflito exposto, o líder político tenta conter de diversas formas a informação do sequestro e a exigência dos bandidos. Começam enquetes nas redes sociais sobre o que o ministro deve fazer e, ao longo do desenvolvimento da trama, tudo é televisionado e comentado nas redes sociais e em telejornais. As decisões do líder político são pautadas de acordo com a reação do público. Ao final, ele acaba sendo obrigado pela opinião pública — expressa em enquetes de jornais e nas redes sociais — a realizar o ato e transmiti-lo em rede nacional para salvar a princesa.

Todos assistem — ainda que horrorizados — em estado catártico. Há, aqui, a articulação (MARTINO, 2019) da mídia como ambiente e como tecnologia, quando esta representa a sociedade coagindo uma figura pública. O episódio deixa claro como já não há distinção entre ambos (sociedade e mídia) e demonstra o poder delas. A ação política pautada pelas abordagens midiáticas se mostra como um elemento de verossimilhança ao contexto atual, porém abordado com traços de exagero e escatologia, provocando no espectador um sentimento de horror (repulsa, revolta) em detrimento do terror (medo).

O segundo episódio, 15 Milhões de Méritos, é ambientado em um lugar que se parece uma usina geradora de energia por dispositivos mecânicos. Nesse lugar todos vivem em quartos rodeados por telas e o personagem Bin decide vender todos os seus créditos - uma espécie de moeda adquirida ao pedalar durante horas — para Abi, na esperança de que essa consiga uma vida melhor através de um concurso de talentos. Contudo, no meio de sua apresentação, os jurados fazem uma proposta indecorosa e ela precisa decidir entre voltar a sua vida antiga, como uma trabalhadora moderna em condições indignas de vida, ou se submeter a situações humilhantes em um programa pornográfico de TV. O conflito, de ordem ética, discute a privacidade e a relação estímulo-recompensa, transformadas em espetáculo midiático, como forma de mobilidade social — algo muito próximo dos sites de fofoca e programas de TV que transformam

subcelebridades e anônimos em atrações “circenses” nos *realities shows* contemporâneos.

Neste mundo parece não haver natureza ou liberdade, os personagens têm pouco contato físico e a maior parte da interação se dá por telas que virtualizam a realidade. O espaço físico entre as pessoas é substituído pelo ciberespaço (LEMOS, 2008), porquanto elas interagem através de avatares virtuais.

O terceiro episódio dessa temporada, *Toda a Sua História*, mostra um futuro onde as pessoas possuem um implante neurológico capaz de gravar as memórias, incluindo tudo o que elas veem e ouvem. Na trama, um casal se vê diante de uma crise depois que Liam começa a desconfiar que sua esposa o está traindo e passa a ficar obsessivo ao analisar as memórias e a buscar uma resposta para sua fixação. A obra suscita uma reflexão sobre como as relações sociais são afetadas por dispositivos que mediatizam a vida. Os indivíduos podem mostrar suas memórias para qualquer um ao projetá-las em uma tela. Tal qual um filme, é possível acelerar e voltar nas cenas e até mesmo revivê-las — pelo menos virtualmente.

Da análise discursiva empregada em *Black Mirror* nos sensibiliza a atualização dos medos acionados pela presença ubíqua de tecnologias digitais no cotidiano das pessoas e o quanto isso se reflete em mudanças comportamentais, relacionais entre os indivíduos. É também significativa a forma como as estratégias de estímulo-recompensa, tão ricas ao modo de vida pregado pelo capitalismo contemporâneo, representa uma forma naturalizada de “escravidão moderna”, em que os sujeitos ficam assujeitados pela biopolítica às representações e imagens de si, aos mecanismos de produtividade como elemento de validação da existência social e aos processo de mediação como acoplamentos tecnológicos naturais da sociedade que está por vir.

3. Considerações finais

Um futuro distópico, normalmente construído a partir de uma ótica um tanto pessimista e distorcida, pode ser equivocadamente interpretado como algo

impossível ou inalcançável. Contudo, é exatamente nesse ponto que séries como as apresentadas nesse texto geram uma reflexão ou provocação em seus telespectadores. E se esse futuro nefasto, temeroso — característico de distopias — já estiver sendo construído no presente? E se ele já estiver em seu estado embrionário no agora?

As maneiras e os recursos: narrativos, estéticos, audiovisuais, discursivos etc. que estas obras audiovisuais utilizam para suscitar tais questionamentos são diversos e estão em constante mudança, pois, geralmente, andam de “mãos dadas” com o próprio caminhar e evolução da humanidade e suas tecnologias. A ubiquidade de dispositivos e artefatos da cultura digital implica a necessidade de leituras críticas e elaboração de dispositivos de controle suscitadas por reflexões a respeito da ética, vigilância, privacidade, segurança de dados, performance dos sujeitos em ambiências digitais, entre outros tantos.

A cultura das mídias, em especial tratando sobre séries audiovisuais e plataformas de *streaming* para consumo desses produtos, atíça a curiosidade e a investigação a respeito do mercado. Faz-se evidente a necessidade de leituras complexas, transversais, associando saberes das letras, da comunicação, da política, da sociologia e da cibernética para produzirmos reflexões profundas, conscientes e mobilizadoras da sociedade frente aos desafios suscitados pelas obras audiovisuais seriadas ficcionais.

4. Referências

- 3%. Criação de Pedro Aguilera. Brasil: Netflix. 2016-son, color., color.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Unichapecó, 2009.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 7. São Paulo: Papyrus, 2002.
- CARBON Altered**. Criação de Laeta Kalogridis. Estados Unidos: Netflix. 2018-son., color.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAJVAR, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, Vol. 29, n.2, p.105-134, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38327/41182>

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintomas?** Tradução de Elizabeth B. Duarte e Vanessa Curvelho. Porto Alegre: Sulina, 2012

LEMO, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intertexto**, Porto Alegre, n, 45, p. 16-34, maio/ago, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/77889>

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder. n-1 edições, 2018.

MIRROR, Black. Criação de Charlie Brooker. Reino Unido: Netflix. 2016-son., color.

RÜDIGER, Francisco. Breve história do pós-humanismo: Elementos de genealogia e criticismo. **E- compós**. Abril, 2007. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/145>

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existencia de los objetos tecnicos**. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

FILOSOFIA, CINEMA E *BLADE RUNNER*¹

PHILOSOPHY, FILM AND *BLADE RUNNER*

FILOSOFÍA, CINE Y *BLADE RUNNER*

Paulo Uiris da Silva Gomes²

Jorge Eiró³

Mariano Klautau Filho⁴

Resumo

O objetivo desse trabalho consiste em analisar o filme *Blade Runner* (1982) a partir de um prisma filosófico, isto é, explorar e investigar os elementos filosóficos presentes nessa aclamada obra cinematográfica dirigida por Ridley Scott. O texto desdobra-se em duas abordagens: (1) o cinema e a filosofia e (2) aspectos filosóficos de *Blade Runner*. Com tal percurso, pretende-se demonstrar que “*Blade Runner* é essencialmente ‘um filme filosófico’” (SHANAHAN, 2014), ou, como argumentaremos, uma “alegoria filosófica” na mesma tônica da “alegoria da caverna” de Platão ou de “romances filosóficos”, uma vez que provoca reflexões e levanta questões fundamentais sobre a natureza do homem, Deus, o significado da existência, liberdade, consciência, moralidade, morte, e sobre o que é real.

Palavras-chave

Filosofia e Cinema; *Blade Runner*; O que nos faz Humanos?.

Abstract

The objective of this paper is to analyze the film *Blade Runner* (1982) from a philosophical perspective, that is, to explore and investigate the philosophical elements present in this acclaimed cinematographic work directed by Ridley Scott. The text unfolds in two approaches: (1) cinema and philosophy; and (2) philosophical aspects of *Blade Runner*. This way, we intend to show that “*Blade Runner* is essentially ‘a philosophical film’” (SHANAHAN, 2014), or, as we will

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 2 “Transversais do Tempo: entre Modernismos e o Contemporâneo, entre Melancolias e Insurgências” do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). E-mail: paulouiris@gmail.com.

³ Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). E-mail: eirojorge@gmail.com.

⁴ Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). E-mail: marianokf@uol.com.br.



argue, a “philosophical allegory” in the same tone as Plato's “allegory of the cave” or the “philosophical novels”, for it provokes reflections and raises fundamental questions about the nature of man, God, the meaning of existence, freedom, conscience, morality, death, and reality.

Keywords

Philosophy and Film; Blade Runner; What is to be human?.

Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar la película *Blade Runner* (1982) desde un prisma filosófico, o sea, explorar e investigar los elementos filosóficos presentes en esta aclamada obra cinematográfica dirigida por Ridley Scott. El texto se desarrolla en dos enfoques: (1) cine y filosofía; y (2) aspectos filosóficos de *Blade Runner*. De esa manera, pretendemos demostrar que “Blade Runner es esencialmente ‘una película filosófica’” (SHANAHAN, 2014), o, como argumentaremos, una “alegoría filosófica” en el mismo tono que la “alegoría de la caverna” de Platón o de las “novelas filosóficas”, ya que provoca la reflexión y plantea cuestiones fundamentales sobre la naturaleza del hombre, Dios, el sentido de la existencia, la libertad, la conciencia, la moral, la muerte y sobre lo que es real.

Palabras Clave

Filosofía y Cine; *Blade Runner*; ¿Qué nos hace humanos?.

INTRODUÇÃO

Blade Runner (1982), dirigido por Ridley Scott e adaptado do romance *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), de Philip K. Dick, é conhecido como um dos maiores e mais influentes filmes de ficção científica de todos os tempos. Segundo o Registro Nacional de Filmes (NFR) da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, *Blade Runner* é “culturalmente, historicamente e esteticamente significativa” (LIBRARY OF CONGRESS, 2022). Foi eleito em 2007 pela Sociedade de Efeitos Visuais como o segundo filme mais influente visualmente de todos os tempos (o primeiro lugar ficou com *Star Wars*) e eleito em 2012 pela SFX Magazine como o maior filme de ficção científica de todos os tempos. Seu estilo visual é definidor de gêneros (*cyberpunk* e *neo-noir*) e, sem dúvida, tornou-se um ícone cultural, influenciando outros filmes, séries, jogos, animações e produções dos mais diversos gêneros.

Notadamente, a grandeza e importância de Blade Runner se destaca não só por seu visual e *mise-en-scène* icônicos, sua extraordinária trilha sonora (Vangelis), sua concepção que amalgama temática de ficção científica, cyberpunk, noir e mesmo pós-modernidade (FLISFEDER, 2017), mas também pela forma que explora questões provocadoras e reflexivas – como, “o que nos faz humanos?”. Os elementos filosóficos levantados por Blade Runner são complexos (e deles falaremos mais adiante), não obstante, o enredo e contexto do filme pode ser sumarizado de modo relativamente simples – e o texto de abertura do filme já nos dá um primeiro horizonte:

No início do século XXI, a CORPORAÇÃO TYRELL levou a evolução da robótica até a fase NEXUS – um indivíduo virtualmente idêntico a um ser humano – conhecido como Replicante...

Os Replicantes NEXUS 6 eram superiores em força e agilidade, e ao menos iguais em inteligência, aos engenheiros geneticistas que os criaram. Replicantes foram usados fora da Terra como mão-de-obra escrava, na arriscada exploração e colonização de novos mundos.

Após um motim sanguinário nas mãos de replicantes NEXUS 6 em uma dessas colônias extraterrestres, Replicantes foram declarados ilegais na Terra – sob pena de morte.

Esquadrões policiais especiais – UNIDADES BLADE RUNNER – tinham ordens de atirar para matar, mediante contato visual, qualquer Replicante transgressor.

Isso não era considerado execução.

Isso era chamado de aposentadoria.
(Texto introdutório do filme Blade Runner, 1982)

Através desse fragmento, o espectador, já de início, consegue ter um panorama abrangente do universo do filme: a história se passa no começo do século XXI; existem robôs com capacidades iguais ou superiores às humanas, chamados de “replicantes”; os quais são utilizados como ferramentas/escravos; alguns se rebelaram; devido a isso, na terra os replicantes são considerados ilegais e são caçados por “Blade Runners” até sua morte, considerada, eufemisticamente, como “aposentadoria”.

A trama transcorre em uma Los Angeles distópica de 2019, seu protagonista, Deckard (interpretado por Harrison Ford), é um blade runner – um policial encarregado de caçar e “aposentar” replicantes. Tais seres, artefatos ou criaturas (sua alcunha depende da perspectiva) foram criados pela Corporação Tyrell a fim de realizar “trabalho inferior” em ambientes hostis. Os replicantes foram projetados para terem emoções e sentimentos, sendo “virtualmente idênticos” à humanos, vivendo, porém, apenas quatro anos. Quatro replicantes rebeldes encontram-se ilegalmente no planeta Terra e em fuga. Deckard é encarregado de aposentá-los. Um elemento importante do filme é o Teste Voight-Kampff, através do qual distingue-se humanos de replicantes de acordo com as suas respostas emocionais e empáticas. Deckard persegue os replicantes através da cidade, “aposentando-os” conforme os encontra. O protagonista também conhece Tyrell e sua assistente Rachel (Sean Young), uma replicante que acredita ser humana. Eventualmente, Roy Batty (Rutger Hauer) – um dos replicantes rebeldes – conhece Tyrell, vence-o no xadrez e mata-o: a criatura encontra, supera e destrói seu criador. Batty, então, vai atrás de Deckard e, embora a princípio deseje eliminá-lo por ser um exterminador de replicantes, em uma reviravolta do roteiro e da identidade do personagem, acaba salvando a vida de Deckard antes mesmo de ver sua própria existência se extinguir conforme programada. O final da versão do filme de 1982 é um clássico final feliz de Hollywood, só que em um universo *neo-noir cyberpunk*: o mocinho protagonista, Deckard, termina junto da donzela, Rachel, dando a entender um casamento entre o humano e o replicante. Contudo, existem outras versões do filme com finais alternativos que dão margem à outras interpretações da história. A despeito das diferentes versões, a questão central do filme parece ser: “o que nos faz humanos?”.

Outras questões, interpretações e pontos de vistas também podem ser levantados acerca dessa grandiosa obra cinematográfica, já que esta possui a profundidade, densidade e riqueza de elementos suficientes para provocar tais reflexões - assunto o qual trataremos mais adiante – contudo, parece-nos essencial discutir, primeiramente, um ponto fundamental, mais abrangente e

anterior ao da relação entre a Filosofia e o filme *Blade Runner*, a saber: como dialogam Filosofia e Cinema?

O CINEMA E A FILOSOFIA

Qual a relação entre o cinema e a filosofia? Essa é a questão norteadora deste tópico. Tal questão se desdobra em outras: existe uma filosofia do cinema? Como se dá a filosofia no cinema? Quais as peculiaridades do cinema enquanto medium filosófico? O cinema pode ser entendido enquanto obra filosófica? Como o cinema pode contribuir com a filosofia?

É pertinente esclarecer que não é nosso intento aqui falar especificamente da “Filosofia do Cinema”, a qual, enquanto área já estabelecida desde meados do século XX, “trata das estruturas conceituais da cinematografia” (CARROLL e CHUI, 2005, p. 1), isto é, da análise de seus conceitos e categorias; da resolução de suas tensões, contradições e paradoxos conceituais; da elucidação de suas formas de raciocínio apropriadas; e da investigação de seus pressupostos metafísicos e de suas implicações. Nosso intento é, com efeito, discutir a filosofia no cinema, para então tratar da filosofia em *Blade Runner*.

No âmbito da filosofia do cinema, pode-se discutir também o que certos filósofos consagrados pensaram e disseram sobre o cinema e como suas ideias se relacionam com a história da filosofia. Podemos citar nesse âmbito alguns textos de Gilles Deleuze (“Cinema I e II: Movimento-Imagem e Tempo-Imagem”), Merleau-Ponty (“O Filme e a Nova Psicologia”), Walter Benjamin (“A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Tecnológica”), Jean Baudrillard (“Sobre a alienação contemporânea ou o Fim do Pacto com o Diabo”), Giorgio Agamben (“Notas sobre o Gesto”), Theodor Adorno e Max Horkheimer (“A Indústria Cultural: Iluminismo como Mistificação de Massas”), entre outros. Nesse âmbito, mais recente, a obra de Kul-Want (*Philosophers on Film: from Bergson to Badiou*, 2019) é propícia. Com efeito, a perspectiva desses notórios pensadores nos oferece um interessante e abrangente panorama filosófico acerca do cinema.

Sobre a filosofia no cinema, em que os elementos filosóficos presentes em certos filmes são debatidos, existem diversas obras que abordam tal temática – e talvez seja a mais popular dentre as discutidas aqui – a exemplo da série de

livros *Philosophers on film* da editora Routledge, na qual são compilados ensaios de diferentes filósofos acerca das mais icônicas obras cinematográficas. É, decerto, um gênero profícuo, já que muitos filmes – como *Blade Runner* – provocam intrigantes reflexões e questionamentos, os quais a luz da tradição filosófica pode ajudar a elucidar e desenvolver. E, em certa medida, é o que pretendemos discutir posteriormente: a filosofia de e em *Blade Runner*.

Sobre o cinema enquanto filosofia, ou sobre as possíveis contribuições do cinema para a filosofia, há algumas obras relevantes – Livingstone (2009, 2016) e Rawls et al. (2019), por exemplo – que abordam, essencialmente, certos pontos fundamentais envolvendo a questão “o cinema pode contribuir com a filosofia?”. Dentre eles está a “tese epistêmica audaciosa” (*bold epistemic thesis*) ou a “tese que o cinema é filosofia”, que é composta pela ideia de que: (1) o cinema, enquanto medium ou forma artística, possui capacidades únicas e, por isso, podem colaborar especialmente para a filosofia; e que (2) as contribuições do cinema para a filosofia são peculiarmente significativas e independentes. Sobre a tese “do cinema como filosofia”, Livingstone (2016, p. 11) destaca três acepções possíveis, de intensidades distintas: (a) uma modesta, segundo a qual os filmes expressam ou levantam questões e ideias filosóficas notórias; (b) uma forte, de acordo com a qual os filmes não somente ilustram ideias filosóficas previamente publicadas, como também realizam contribuições historicamente inovadoras; (c) e uma audaciosa, de que certos filmes podem fornecer contribuições historicamente inovadoras acerca de certo tópico filosófico de uma forma completamente autônoma e sui generis ao cinema, sem precisar recorrer a paráfrases ou a outros mediums.

Naturalmente, dado o arrojo da asserção, há uma grande discussão e contestação em torno da “tese epistêmica audaciosa” que, dada a presente limitação de espaço e escopo, cabe apenas ser mencionada aqui. O que nos interessa disto, levando em conta nosso objetivo, é a ideia “modesta” de que o cinema, em geral, e alguns de seus filmes, em particular, propiciam uma ilustração vívida, rica e cativante de ideias filosóficas que - se relacionada com um conhecimento filosófico prévio ou através de uma exposição pedagógica - contribui em grande valia com a exploração de certas temáticas, teses e

argumentos filosóficos, favorecendo uma melhor compreensão e discussão destes. Livingstone sintetiza tal ponto de vista da seguinte forma:

A exploração do valor heurístico e ilustrativo de um filme é racional quando realizada em conjunto com outros meios de se buscar objetivos filosóficos e, como eu já sugeri, as versões mais efetivas de tais explorações são aquelas que o fazem por esses outros meios, por trazer e refletir sobre questões sob um pano de fundo filosófico sofisticado. Em suma, investigações sobre o valor epistêmico de filmes podem ser uma estratégia racional, na medida em que proporcionam um complemento útil ao abrangente projeto de pesquisa e pedagogia filosóficas. (LIVINGSTONE, 2016, p. 18).

Sob essa perspectiva, certos filmes podem ser entendidos como “filosofia em ação” (MULHALL, 2001), devido a sua capacidade de impressionar e afetar corpo e mente de seu espectador através da imagem em movimento e do som. A filosofia afeta e impressiona seu receptor através de seus elaborados conceitos e argumentos. A combinação e colaboração de ambos – cinema e filosofia – potencializa suas capacidades e pode ser muito efetiva e proveitosa em diversos sentidos – essa é a tônica geral dos escritos sobre essa temática.

Como, precisamente, o cinema pode contribuir com a filosofia? Os atrativos peculiares a essa arte, bem como as forças afetivas e persuasivas que um filme pode ter, fazem que o cinema possa ser um efetivo complemento aos textos intrincados e discussões complexas da filosofia. O estímulo imaginativo e imagético de alguns filmes para certas questões filosóficas talvez seja uma das mais importantes contribuições do cinema para a filosofia. Essa seria, de modo geral, a contribuição pedagógica do cinema à filosofia.

Há também uma contribuição heurística do cinema à filosofia, no sentido de que filmes podem auxiliar pensadores, estudiosos e filósofos através de uma nova perspectiva ou luz sobre investigações em andamento. Em outras palavras, refletir sobre certos pontos intrigantes levantados por um filme (ou uma obra de ficção no geral) pode propiciar ao filósofo uma nova hipótese, argumento ou ponto de vista acerca de um trabalho ou debate em progresso. Nesse âmbito, por exemplo, algumas obras de ficção científica – como *Blade Runner* – mostram-se valiosas para auxiliar aqueles que pesquisam filosofia da inteligência artificial, por exemplo, já que possuem como subtexto diversas

questões eminentemente filosóficas que são expressas distintivamente através do poder e da “mágica” do cinema.

Nesse contexto, vale ressaltar a capacidade representativa e alegórica do cinema, e como a tal se encaixa dentre as ditas “contribuições” dessa arte à filosofia. Alguns teóricos (RAWLS et al. 2019) argumentam em favor da ideia de que os filmes podem ser experimentos mentais filosóficos (*film as philosophical thought experiments*, FAPTE), uma vez que os “experimentos mentais” são uma ferramenta comum no âmbito da filosofia. Nesse sentido, igualmente a um experimento mental filosófico, filmes de ficção apresentam à sua audiência mundos, personagens e eventos irrealistas, imaginários, fictícios. Logo, é razoável inferir que os filmes de ficção funcionam como experimentos mentais, já que, para isso, basta admitir que a atividade imaginativa e reflexiva dos espectadores de um filme aproxime-se daquela dos experimentos mentais. Desse modo, certos filmes podem despertar reflexões similares a de experimentos mentais famosos, como a “Alegoria da Caverna” de Platão, o “Navio de Teseu”, o “Quarto Chinês”, o “Gato de Schrödinger”, o “Zumbi Filosófico”, o “Cérebro numa Cuba”, entre muitos outros. Experimentos os quais são grande valia para ilustrar e esclarecer certas questões e paradoxos filosóficos. Ou mesmo aproximar os filmes dos “Romances Filosóficos” ou “Ficções Filosóficas” – exempli gratia, romances de Voltaire, Sartre, Dostoiévsky, Camus, entre outros - cujo estofo é repleto de elementos filosóficos que exploram a condição humana, o sentido da vida, questões éticas, entre as mais variadas temáticas abstratas. Assim, é possível interpretar certos filmes através desse prisma: enquanto experimentos mentais, alegorias ou ficções filosóficas.

Feita essa breve exposição acerca da relação entre o cinema e a filosofia, podemos agora tratar da filosofia de e em *Blade Runner*.

FILOSOFIA E *BLADE RUNNER*

A significância da obra cinematográfica *Blade Runner* (1982) se estende para além de sua maestria técnica e imagética, o que a destaca entre uma das mais icônicas criações do cinema é a sua hábil exploração de uma variedade de temas instigantes. Nesse sentido, existe uma série de publicações acerca da filosofia de e em *Blade Runner* – dentre as quais mencionaremos os pontos

principais de algumas destas aqui – e o interesse e a discussão em torno dessa temática continuam tão vivos quanto a influência da obra sobre a cultura e imaginário popular.

Para Morrison (1990, p. 2), através de um disfarce imodesto de filme ficção científica noir, *Blade Runner* é essencialmente um filme filosófico, que salta de um *mise-em-scène* impecável e intrigante para questões sobre a natureza do homem, Deus, o significado da existência e o funcionamento do universo. No mesmo sentido, Paul Samon (2017) alega que *Blade Runner* aborda questões humanas universais, como “o que é o homem?”, “o que é real?”, “quem sou eu?”, “qual o meu lugar no universo?”, “porque estou aqui?”, “porque estou sendo explorado?” e “porque não me rebelo contra isto?”.

Sob outra perspectiva, Norris (2013) sustenta que o filme pode ser entendido como um experimento mental a respeito da vida artificial e da possibilidade desta atingir o status de humana. Por sua vez, Murray Smith (em LIVINGSTON; PLATINGA, 2008, p. 39-51) defende que o tema principal do filme é o papel da memória e da mortalidade na consciência humana, tema próximo ao pensamento de Heidegger, sob a forma do conceito de ser-para-a-morte. Já Deborah Knight (em RAWLS et al., 2019, p. 267-280) enfatiza a centralidade do conceito de identidade no filme, expressa na questão “o que significa ser humano?”.

Fica claro, através desses diferentes comentários, que existe uma multiplicidade de perspectivas e interpretações acerca do filme, o que, de certo modo, demonstra a grandeza, pertinência e a profundidade dessa icônica obra cinematográfica. Diante de tal pluralidade de leituras, cabe a nós, face a impossibilidade de abarcar todas, selecionar e analisar aquela que julgamos mais interessante ao nosso propósito. Nesse intento, o trabalho de Timothy Shanahan (2014; 2020) se destaca por sua notoriedade, clareza e relevância, por isso, para explorar a dimensão filosófica do filme em questão, seguiremos, de modo geral, a estrutura argumentativa do referido autor.

A questão “o que nos torna humanos?” é, sem dúvida, uma das centrais do filme. Uma vez que a trama gira em torno dessa distinção/proximidade entre replicantes e humanos. Deckard, o protagonista, vive essa ambiguidade, pois a

sua trajetória no filme revela uma mudança de paradigma acerca da validade e status dos replicantes – de máquinas a semelhantes – e o espectador vivencia, junto com Deckard, a busca pela resposta dessa questão. Deckard vê em Rachel, uma replicante que acreditava ser humana, traços de humanidade. Também os vê em Roy Batty – o que mais explicaria seus momentos finais?. Shanahan (2020) ressalta a proximidade da questão “o que nos faz humanos?” com as reflexões de René Descartes em seu Discurso do Método (1998), no sentido de que para Descartes, a característica essencial humana é o cogito, pensamento, ideia notoriamente manifesta em seu: “cogito, ergo sum” ou “penso, logo existo”. Sob esse aspecto, os replicantes satisfariam o critério cartesiano, sendo assim, considerados humanos. O pensamento, na filosofia cartesiana, está vinculado com a ideia de mente, alma ou consciência e, portanto, segundo essa visão, os replicantes teriam alma ou consciência, como os humanos, já que pensam. Contudo, na época de Descartes, o avanço tecnológico não estava nada próximo de uma vida ou inteligência artificial, fazendo com que esse critério possa ser visto, hoje em dia, como inadequado ou mesmo anacrônico.

O próprio filme apresenta um “teste de humanidade” – o teste Voight-Kampff – feito para distinguir replicantes de humanos através de suas respostas emocionais e empáticas a uma série de questões relacionadas ao sofrimento animal ou humano. A premissa do teste é a ideia de que leva anos para que se desenvolva plenamente uma capacidade empática, a qual presume-se que todos os humanos adultos possuam. Como os replicantes tem um tempo de vida pré-determinado de quatro anos, eles não teriam o tempo requerido para desenvolver tal capacidade. Contudo, no decorrer do filme, essa premissa é posta em cheque, já que Rachel, uma replicante, chega muito perto de passar no teste. Os replicantes rebeldes demonstram sinais de emoção e empatia. E o próprio Deckard, a princípio, demonstra ser pouco empático, ao ponto de Rachel perguntar se ele mesmo já havia realizado o teste – seria ele, um replicante? -. O teste Voight-Kampff dá a entender que a empatia e as emoções são as características que distinguem a humanidade, mas a falta de empatia e a indiferença de Deckard e de outros personagens humanos em oposição a essas

características nos replicantes nos fazem questionar essa premissa. Levanta-se, mais uma vez, a questão ainda não respondida: o que nos faz humanos?

A relação entre a humanidade e os replicantes é abordada em diversos trechos do filme e muito do filme parece gravitar em torno desse ponto. Por exemplo, quando Sebastian descobre que seus visitantes são replicantes, exclama surpreso: “você é tão diferente [dos outros replicantes], é tão perfeito” – como um replicante poderia sê-lo? -. Sobre isso, Francavilla (1997, p. 14) observa que os replicantes funcionam como espelhos para as pessoas, permitindo o exame e o escrutínio moral de nós mesmos, nossas tecnologias e nosso tratamento para com outros seres, definindo em sua luta trágica o que é verdadeiramente humano.

Outro ponto filosófico importante levantado por Blade Runner é a temática existencial. Ou seja, a abordagem acerca do desafio de estar consciente de si mesmo e ser um agente imperfeito e vacilante lançado no mundo imensamente complexo e desconhecido. Nesse contexto, pelo fato de replicantes não terem as preocupações mundanas rotineiras que movem a maioria de nós (família, trabalho, carreira, contas e etc.) e dado o seu locus no mundo caótico, certas preocupações existenciais os afetam diretamente, como: o sentido de sua existência, compreender e aceitar sua identidade, buscar o seu criador, ter autonomia e liberdade, entender a temporalidade e a mortalidade. Dado o contexto do filme, tais preocupações, comuns a replicantes e humanos, podem ser exibidas em sua forma mais pura e, desse modo, proporcionam aos espectadores a possibilidade de refletir diretamente sobre certas questões fundamentais da existência humana. Nesse sentido, a empreitada de Roy Batty, pode ser entendida como existencial, como uma busca por sentido motivada pelas anteriormente citadas angústias existenciais.

A relação das memórias com a identidade é outro tema proeminente no filme: Leon se chateia por não conseguir recuperar suas preciosas fotos; Roy Batty lamenta que suas memórias extraordinárias se perderão “como lágrimas na chuva”; Rachel reluta em aceitar que ela não é quem pensava ser devido às suas memórias implantadas. Todas essas cenas demonstram aquilo que todos sabemos: as memórias são fundamentais para o senso de identidade de um

indivíduo – quem seríamos se não tivéssemos memórias?. Sobre isso, o filósofo John Locke (1690) chega a dizer que nossa identidade é proporcional às nossas memórias: “Pois, na medida em que qualquer ser inteligente pode repetir a ideia de qualquer ação passada com a mesma consciência que teve dela primeiramente, e com a mesma consciência que tem de qualquer ação presente, então esta é a mesma pessoa” (LOCKE, 1690, p. 451). Embora não tenhamos razão para questionar se nossas memórias são reais ou implantadas, como teriam os replicantes, sabemos que naturalmente esquecemos ou distorcemos certas memórias e que construímos a nossa ideia de nós mesmos utilizando, em boa parte, a memória do que já fomos e fizemos. Nesse sentido, podemos perguntar – e o filme certamente levanta e nos ajuda a refletir sobre essa questão: qual a relação entre a nossa identidade e as nossas memórias?

“[Tyrell:] Qual é o problema? [Batty:] A morte” (BLADE RUNNER, 1982). A finitude, ou a morte, é um dos problemas mais iminentes e importantes que os replicantes enfrentam, o diálogo citado entre Tyrell e Batty deixa explícita essa inquietação. A jornada arriscada para conhecer o seu criador parece se justificar diante da angústia da finitude (ou do ser-para-a-morte). Os replicantes acreditam que a vida deles acaba antes do que deveria e, naturalmente, querem viver mais, querem “mais tempo” – um bom paralelo com o sentimento da maioria dos homens – contudo, mais tempo para o que? Uma vida sem sentido não se torna mais significativa simplesmente por se estender. Mais uma vez, Smith (em LIVINGSTON; PLATINGA, 2008, p. 39-51) aborda bem esse tema a partir do pensamento de Heidegger sobre a finitude.

É sensato concluir, depois de todos esses pontos, que Blade Runner é um filme filosófico? Mesmo levando em conta que o próprio diretor, Ridley Scott, afirma que “não há nenhuma mensagem profunda no filme” (PEARY, 2005)? Entendemos que sim, Blade Runner pode ser considerado um filme profundamente filosófico, já que é possível, a partir dele, discutir uma série de temas pertencentes a esse domínio: humanidade, identidade, consciência, liberdade, ética, Deus, mortalidade, sentido, entre outros (SHANAHAN, 2014). Também defendemos que assim o é a despeito da declaração de Ridley Scott, já que por vezes as obras de arte podem tomar proporções e gerar

interpretações não previamente intencionadas por seus autores, isto é, o sentido de uma criação extrapola os limites do controle de seu criador. Nesse sentido, *Blade Runner* é um filme instigante e provocador, que levanta e possibilita explorar temáticas filosóficas notórias concernentes a condição humana – ou de um sujeito transcendental universal. Demonstrando a capacidade do cinema de ser um veículo filosófico ou mesmo “filosofia em ação”.

Tudo o que ele queria eram as mesmas respostas que o resto de nós quer. De onde eu vim? Para onde eu vou? Quanto tempo eu tenho? (Deckard em *Blade Runner*, 1982).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Philip. K. Dick, autor da obra que inspira *Blade Runner – Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968) –, argumenta: “a Ficção Científica torna concreto o que, de outra forma, seria uma abstração intelectual; faz isso localizando a ideia em um determinado tempo e lugar, o que requer a invenção desse mesmo tempo e lugar” (DICK, 1980, p. 44). Com a sua peculiaridade e situando ideias dentro de contextos específicos, os filmes nos permitem explorar as implicações dessas ideias de modos que seriam difíceis de fazer com apenas palavras. Através do contato com sua imagem e som, pode-se imaginar uma (ir)realidade diferente da nossa – e tal ato imaginativo pode ser extraordinariamente profícuo. Independentemente de o determinado filme representar ou não o mundo como ele é, nós podemos aprender com ele. Se representa o mundo, nos oferece novas perspectivas sobre ele. Se representa outro mundo, imaginário, podemos relacioná-lo com o real a fim de entender o (im)possível em contraste com o efetivo, expandindo, assim, nossos horizontes. A imaginação – assistida ou não pela arte e técnica do cinema – é um meio pelo qual podemos nos libertar das amarras da “Caverna” (PLATÃO, 1976): uma chance de superar os limites do mundo empírico e vislumbrar um horizonte sob a luz de ideias mais holísticas e abrangentes, como as da filosofia.

Blade Runner é um filme filosófico – ou, ao menos, pode ser interpretado como tal. O filme mostra, dentre outras coisas, replicantes sofrendo algumas das mesmas angústias existenciais e fundamentais que fazem parte de nossa condição humana, encorajando-nos a enxergar o mundo através do olhar do replicante, do outro e, ao mesmo tempo, a reconhecemo-nos nele e através

dele. Nesse sentido, Merleau-Ponty é pontual quando afirma que os filmes são tão cativantes em sua expressão da experiência humana porque envolvem, como em nós, “a consciência jogada no mundo, sujeita ao olhar dos outros e aprendendo com eles o que ela mesma é” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 58). Percebendo que os replicantes que são como nós mesmos, mas não propriamente idênticos, podemos refletir e aprender algo sobre o que significa ser o que somos, sobre “o que nos torna humanos?” e sobre todas as outras profundas questões que envolvem a natureza e a existência humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLADE RUNNER. Direção de Ridley Scott. Estados Unidos: Warner Bros. 1982.

CARROLL, Noel; CHOI, Jinhee. *Philosophy of film and motion pictures: an anthology*. UK: Blackwell Publishing, 2006.

DESCARTES, René. *Discourse on method, and Meditations on first philosophy*. 4th ed. Indianapolis: Hackett. 1998.

DICK, P. K. ‘Philip K. Dick on Philosophy: A Brief Interview,’ in L. Sutin (ed.), *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings* (New York: Vintage Books, 1995), pp. 44–7. 1980.

DICK, Philip K. *Do Androids Dream of Electric Sheep?*. Estados Unidos: Doubleday, 1968.

FRANCAVILLA, Joseph. The android as Doppelgänger. In *Retrofitting Blade Runner: Issues in Ridley Scott’s Blade Runner and Philip K. Dick’s Do androids dream of electric sheep?* ed. Judith B. Kerman, 2nd ed., 4–15. Bowling Green: Bowling Green University Press. 1997.

FLISFEDER, Matthew. *Postmodern theory and Blade Runner*. New York: Bloomsbury, 2017.

KUL-WANT, Christopher. *Philosophers on Film from Bergson to Badiou*. New York: Columbia University Press, 2019.

LIBRARY OF CONGRESS. 2022. Disponível em: www.loc.gov . Acesso em agosto de 2022.

LIVINGSTONE; PLANTIAGA. *The Routledge Companion to Philosophy and Film*. London: Routledge, 2009.

LIVINGSTONE, Paistely. *Theses on Cinema as Philosophy*. In: The Journal of esthetics and Art Criticism, Vol. 64, No. 1, Special Issue: Thinking through Cinema: Film as Philosophy (Winter, 2006), pp. 11-18. 2016.

LOCKE, John. 1690. *An essay concerning human understanding*, 2 Vols. New York: Dover Publications, 1959.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *The film and the new psychology*. In Sense and non-sense, 48–59. 1945. Trans. H. Dreyfus, and P. Dreyfus. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MORRISON, Rachela. *Casablanca meets Star Wars: The Blakean dialectics of Blade Runner*. In: Literature Film Quarterly 18 (1): 2–10. 1990.

MULHALL, Stephen. *On Film*. London: Routledge, 2001.

NORRIS, Andrew. 'How Can It Not Know What It is?': Self and Other in Ridley Scott's Blade Runner. In: *Film-Philosophy* 17.1. pp. 19-50. 2013.

PEARY, Danny. 1984. Directing Alien and Blade Runner: An interview with Ridley Scott. In *Ridley Scott: Interviews*. ed. L.F. Knapp and A.F. Kulas, 42–55. Jackson: University Press of Mississippi, 2005.

PLATÃO. *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1976.

RAWS; NEIVA; GOUVEIA. *Philosophy and film: bridging divides*. New York: Routledge, 2019.

SAMON, Paul. *Future Noir: The making of Blade Runner*. (revised & updated edition). New York: HarperCollins, 2017.

SHANAHAN, Timothy. *Blade Runner as Philosophy: The Replicants Are Us (Almost)*. In: *The Palgrave Handbook of Popular Culture as Philosophy*. UK: Palgrave, 2020.

SHANAHAN, Timothy. *Philosophy and Blade Runner*. UK: Palgrave Macmillan. 2014.



**OS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS E A PANDEMIA DE
COVID-19:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU DO ESTADO DO
PARÁ E A AMOSTRA DIÁRIO CONTEMPÔRANEO DE
FOTOGRAFIA 2020¹**

**CONTEMPORARY MUSEUMS AND THE COVID-19 PANDEMIC:
A CASE STUDY ON THE MUSEUM OF THE STATE OF PARÁ
AND THE CONTEMPORARY DAILY SAMPLE OF
PHOTOGRAPHY 2020**

**LOS MUSEOS CONTEMPORÂNEOS Y LA PANDEMIA DEL
COVID-19:
UN ESTUDIO DE CASO SOBRE EL MUSEO DEL ESTADO DE
PARÁ Y LA MUESTRA DIARIA DE FOTOGRAFÍA
CONTEMPORÁNEA 2020**

Lais dos Santos Fiel²
Jorge Eiró³

Resumo

A pandemia causada pelo SARS-CoV2, a Covid-19, afetou o comportamento e vida social das pessoas e das instituições culturais impondo-lhes desafios devido momento que passamos. No caso dos museus, um dos principais obstáculos foi a necessidade de repensar como se daria as atividades e as adaptações que precisariam ser feitas nas estruturas para oferecer ao público uma boa experiência com exposição, seja de modo presencial ou de modo virtual. A pesquisa foi feita utilizando o método observacional e tem o intuito de apresentar análises e apontamentos sobre as soluções tomadas pelos museus que afetaram positivamente sua relação com o público durante e pós-pandemia. Portanto, este trabalho busca mostrar como o Museu do Estado do Pará (MEP) e como seus espaços se adequaram para receber a 11ª mostra do Diário Contemporâneo de Fotografia⁴, e que melhorias essas adequações trouxeram

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Transversais do tempo: entre modernismo e o contemporâneo, entre melancolias e insurgências do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade da Amazônia (UNAMA). Voluntária PIBIC/UNAMA. E-mail: lais.leao11@gmail.com

3 Arquiteto e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: eirojorge@gmail.com

4 O Diário Contemporâneo de Fotografia é um evento de artes visuais realizado anualmente e que, em sua décima primeira edição, já alcançou grande projeção nacional.



diante das novas rotinas museológicas, sendo este um recorte da minha pesquisa realizada junto ao PIBIC.

Palavras-chave

Museus; Pandemia; Covid-19; MEP; DCF

Abstract

The pandemic caused by SARS-CoV2, Covid-19, affected the behavior and social life of people and cultural institutions, imposing challenges on them due to the moment we have been through. In the case of museums, one of the main obstacles was the need to rethink how the activities and adaptations that would need to be made in the structures would take place to offer the public a good experience with the exhibition, whether in person or virtually. The research was carried out using the observational method and aims to present analyzes and notes on the solutions taken by museums that positively affected their relationship with the public during and after the pandemic. Therefore, this work seeks to show how the Museu do Estado do Pará (MEP) and how its spaces were adapted to receive the 11th exhibition of the Diário Contemporâneo de Fotografia, and what improvements these adaptations brought to the new museological routines, this being a cut of the my research carried out with PIBIC.

Keywords

Museums; Pandemic; Covid-19; MEP; DCF

Resumen

La pandemia provocada por el SARS-CoV2, Covid-19, afectó el comportamiento y la vida social de las personas e instituciones culturales, imponiéndoles desafíos por el momento que atravesamos. En el caso de los museos, uno de los principales obstáculos fue la necesidad de repensar cómo se llevarían a cabo las actividades y adaptaciones que habría que hacer en las estructuras para ofrecer al público una buena experiencia con la exposición, ya sea de forma presencial o presencial. manera virtual. La investigación se llevó a cabo utilizando el método observacional y tiene como objetivo presentar análisis y notas sobre las soluciones tomadas por los museos que afectaron positivamente su relación con el público durante y después de la pandemia. Por lo tanto, este trabajo busca mostrar cómo el Museo del Estado de Pará (MEP) y cómo sus espacios fueron adaptados para recibir la 11ª exposición del Diário Contemporâneo de Fotografia, y qué mejoras han traído estas adaptaciones frente a las nuevas rutinas museológicas. , siendo este un corte de mi investigación realizada con PIBIC.

Palabras clave

museos; Pandemia; COVID-19; MEP; FCD



1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 alterou a forma do mundo de se relacionar com o aparecimento de um novo vírus, denominado coronavírus SARS-CoV-2, o qual é responsável pela doença infecto contagiosa Covid-19. Sendo decretado estado pandêmico dia 11 de março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pode-se ver ao redor do mundo o funcionamento padrão de comércios e instituições serem afetados. Para tentar impedir a propagação desse vírus vimos diversas medidas restritivas serem tomadas e o surgimento de normas e medidas sanitárias para resguardar a população de um vírus que pouco se sabia até o momento.

Em decorrência disso, inúmeras e complexas alterações e adaptações tiveram que ser implantadas em todos os lugares de convivência, em especial nos grandes centros urbanos que concentram a maior parte da população mundial. Nesse sentido, os equipamentos urbanos precisaram ser rapidamente adaptados e isso impôs mudanças inesperada na organização espacial e funcional desses lugares. Dentre esses locais destacamos, em nossa pesquisa, os museus em que ocorreram essas modificações.

Tendo em vista essas mudanças, esta pesquisa visa analisar e desenvolver apontamentos sobre as adaptações feitas nos museus durante a pandemia e a necessidade de se adotar novas soluções pela arquitetura para a adequação desses locais para a sociedade durante a pandemia e pós-pandemia, tomando como base o Museu do Estado do Pará (MEP).

Por conseguinte, o presente trabalho visa estudar e mostrar como o museu e seus espaços se adequaram, que melhorias essas adequações trouxeram diante das novas rotinas museológicas. Neste estudo de caso, tomaremos um evento expositivo de referência realizado no MEP em 2020, o Diário Contemporâneo de Fotografia, cuja mostra adotou soluções e estratégias muito criativas no espaço desse museal.

2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

O artigo tem como objetivo geral analisar os impactos sofridos pelos museus durante a pandemia de Covid-19 quanto a seu funcionamento e soluções arquitetônicas e expográficas que possibilitaram o funcionamento de

tais instituições no momento referido. Para isso foi adotado como estudo de caso a realização da 11ª Edição do Diário Contemporâneo de Fotografia nas dependências do Museu do Estado do Pará (MEP) em 2020, a partir dos recursos disponíveis principalmente no site da referida amostra. Diante disso, torna-se claro que o artigo trará uma análise sucinta das adequações que foram feitas no espaço museológico tanto em âmbito nacional quanto para realização da referida amostra.

3.RESULTADOS

3.1 Os museus e a Covid-19

Tendo em vista o momento crítico que a pandemia de Covid-19 nos trouxe, observamos os estabelecimentos dos mais diversos setores da atividade humana terem que restringir a capacidade de pessoas que recebiam ou até mesmo terem suas atividades suspensas. E este foi o caso dos museus e de centros culturais, dado que não foram considerados como serviços essenciais para a sociedade naquele momento. Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, UNESCO, mostra que os museus ficaram fechados por uma média de 155 dias no ano de 2020, enquanto sua reabertura ocorreu de forma gradual.

Observando o cenário e a reflexão que o novo coronavírus trouxe sobre a importância desses lugares para sociedade, vimos a criação de novos desafios e restrições que tiveram de ser enfrentados pelas instituições museais. Levando em consideração o momento, foi necessário mudar a rotina dos museus e ressignificar a forma dos mesmos se comunicar com o público durante o período de quarentena, tendo em vista que a única forma de os museus se comunicarem com seu público era fazendo uso do meio virtual. Quanto à abertura do espaço físico dos museus foi necessário a adequação dos ambientes internos levando em consideração medidas de prevenção ao covid-19 previstas no protocolo de reabertura instituído pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) e por órgãos competentes.

Segundo a reportagem presente no site da UNESCO os museus viveram uma crise global em 2020 onde 90% deles tiveram de ser fechados devido à pandemia, sendo que pelo menos 13% deles não tinham certeza se voltariam a

funcionar. Segundo ICOM Brasil em sua carta aberta à comunidade museal brasileira em decorrência do dia internacional dos museus, exposta em seu site no dia 18 de maio de 2020 " Precisamos reconfigurar a experiência museal para a comunidade, na comunidade, com a comunidade, de forma socialmente inclusiva e economicamente sustentável.". Ao longo da pandemia, nos mais diversos recantos do planeta, a arte se mostrou como um refúgio para a alma em tempos de crise, mas mesmo com as inúmeras manifestações sendo transmitidas ao vivo para todo o mundo e por intermédio das lives que proliferaram nas redes midiáticas conteúdos de a arte e cultura não foi possível suprir o contato real com a arte, por isso a conservação e reabertura dos museus nunca foi tão necessária quanto naquele momento em que passávamos.

À medida que a quarentena terminava nas diversas regiões do país, os museus foram reabrindo suas portas de forma gradual, tomando as devidas medidas sanitárias contra a Covid-19. Nesse sentido, o ICOM especificou algumas medidas básicas para proteger a saúde tanto dos funcionários do museu quanto a de seus visitantes, adotando os termos de cuidados dispostos no protocolo de reabertura. Que trata principalmente da questão sanitária e como esta deve ser tratada pela administração dos espaços museológicos.

Quanto aos cuidados para os visitantes, ações como a obrigatoriedade do uso de máscara e manter o distanciamento social de 1,5m durante toda a visita foram implementados de forma obrigatória. Também foram tomadas outras medidas para a prevenção de contágio como disponibilização de álcool em gel, pias para higienização das mãos, a redução de capacidade máxima e a utilização de ventilação natural sempre que possível. Mas além dessas medidas observamos ações referentes ao design arquitetônico aplicado a essas exposições, um exemplo disso foi a aplicação do percurso unidirecional ao longo de exposições, o que garantiu uma circulação mais segura para os visitantes.

3.2 Museus brasileiros e suas práticas de proteção contra a Covid-19

Em nosso estudo, adotamos como exemplo nessa questão de enfrentamento à Covid-19, três museus brasileiros: o Museu de Arte de São Paulo (MASP), a Pinacoteca de São Paulo (a "Pina") e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Estas instituições, além de aplicar as práticas citada

acima, tornaram-se exemplos para os museus brasileiros na utilização de recursos como o agendamento de visitas por meio eletrônico, instalação de barreiras acrílicas e implementação de Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) aos equipamentos usuais de trabalho já utilizados por seus funcionários. Assim como esses, tantos outros museus brasileiros poderiam ser citados aqui como exemplo de adequação às medidas sanitárias, mas estes se destacaram por sua inovação na forma de se comunicar com o público em meio a pandemia de covid-19.

Para além da medida de segurança que os museus tomaram para a sua reabertura é importante ressaltar o impacto da tecnologia para a cultura nesse momento que vivemos. Devido ao período de quarentena que acarretou no fechamento temporário dos museus, vimos que a única forma que os gestores encontraram de fazer os museus continuarem funcionando foi utilizando as ferramentas tecnológicas, uma vez que estas nos dão a possibilidade de estar em diferentes locais de forma não presencial. Desta forma, muitos museus criaram exposições virtuais com as exposições que já tinham em andamento, enquanto outros fizeram exposições especialmente para o ambiente virtual, mas além disso foi perceptível o fato de que muitos museus se tornaram ativos em redes sociais para se comunicarem com público e criarem uma nova relação.

Utilizando o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP) como exemplo podemos ver como ele buscou criar uma nova relação com seu público durante o período de quarentena utilizando a hashtag #mamnacidade e #mamonline em seu site e mídias sociais, propondo ações culturais e educativas. Além disso realizou tours, lives, cursos e atividades educativas que ocorreram de forma online nos canais digitais do museu, apresentando conteúdos inéditos ao grande público. E como resultado dessas ações se teve um maior alcance de pessoas e um incremento na fidelização de um público que pode ser visto no relatório anual do MAM-SP de 2020, que mostra que através das ações listadas acima o museu teve como alcance de público online um total de 1.319.976 acessos.

O MASP teve como ação de destaque o desafio “MASP desenhos em casa”, que, através da hashtag #maspdesenhoemcasa, deu a chance ao público

de apresentar sua releitura de diversas obras. Além dessa atividade durante esse período pandêmico o museu apresentou o projeto “Diálogos no acervo”, *live* com conversas entre curadores do museu e convidados e também apresentou seminários, palestras e entrevistas com os artistas em seus canais digitais além do tour virtual na exposição permanente do MASP disponibilizado no Google Arts & Culture. Essas iniciativas fizeram tanto sucesso que através das pesquisas feita pelo museu para seu relatório anual de atividades do ano de 2020 vemos um aumento no número de seguidores no Instagram do museu, a rede social mais ativa durante o período de quarentena, subiu 63% passando de 391.730 para 637.832 no intervalo de janeiro a dezembro.

Já a Pinacoteca utilizou as redes sociais para desenvolver a hashtag #pinadecasa, projeto buscou interagir com seu público apresentando obras de seu acervo e informações sobre elas diariamente durante o período de quarentena. Somado a essa ação, vimo o núcleo de ação educativa desenvolver várias atividades que apresentam esse universo museal de forma lúdica, além disso o museu buscou aperfeiçoar e acrescentar novas visitas virtuais em seu site. Mas mesmo diante de um grande alcance de público em suas mídias sociais, que segundo a revista exame foram 12 mil novos seguidores no Instagram do museu, essas atividades são dadas como complementares pela organização do museu, uma vez que o meio da visita virtual não substitui a experiência da visita presencial.

3.3 O Museu do Estado do Pará (MEP) e o Diário Contemporâneo de Fotografia

O Museu do Estado do Pará (MEP) iniciou suas atividades em 1986 no 4º pavimento do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), sendo posteriormente transferido para o Palacete Bolonha, onde ficou até 1994, quando foi transferido para o Palácio Lauro Sodré, local em que permanece até hoje. Símbolo do período colonial, o prédio foi construído no século XVIII em estilo neoclássico pelo arquiteto bolonhês Antonio Landi para ser moradia dos governadores e capitães gerais do Pará. No início do século XX, sob a gestão do governador Augusto Montenegro, a edificação sofreu uma ampla reforma adotando o estilo

eclético, introduzindo elementos referentes ao rococó, ao neoclássico e ao art nouveau.

Desde 1998 o MEP faz parte do Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIMM), sendo responsável por abrigar grande parte dos acervos dos demais museus integrantes do SIMM. O museu apresenta em seu acervo pinturas, mobiliários, fotografias, acessórios e tantos outros elementos que perpassam a história do Pará e que compõem a exposição de longa duração nos salões nobres. O museu também apresenta as galerias Manoel Pastana e Antônio Parreiras, que são destinadas a receber mostras de média e curta duração.

Como todos os museus do mundo, o MEP também foi pego de surpresa pelo novo coronavírus, tendo que fechar suas portas em março de 2020 e, em seguida, se adequar a medidas sanitárias empregadas para evitar a propagação da Covid-19. Segundo Armando Sobral, diretor do SIMM, para a reabertura dos museus paraenses foram adotadas medidas como distanciamento social, uso obrigatório de máscara, redução de 50% na capacidade dos museus, intensificação da higienização dos locais, monitoramento de público e informativos sobre essa doença e seus cuidados foram espalhados a partir de cartazes. Em Belém os museus retornaram às atividades de forma gradual após quatro meses de fechamento. No entanto, o MEP só retomou a suas atividades em outubro, devido às reformas que vinha sofrendo.

3.4 A 11ª edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia no MEP

Criado em 2010, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia é um projeto nacional que busca incentivar a cultura, a arte e a linguagem fotográfica e de sua diversidade, como: vídeo, instalações, projeções e trabalhos que misturam suportes. A mais de uma década ele vem buscando trazer reflexões culturais, sociais, estéticas e políticas através da imagem fotográfica, com o objetivo de consolidar a fotografia paraense como um espaço de reflexão e criação artística. O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia é uma realização do jornal Diário do Pará com apoio institucional do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, do SIM-Sistema Integrado de Museus, do Museu da UFPA, da SECULT- Secretaria de Cultura e do Governo do Estado do Pará além

de contar com a colaboração da Sol Informática, parceria da Alubar e patrocínio da Vale.

Instalado na galeria do MEP a 11ª edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia foi realizada entre os dias 21 de outubro e 20 de dezembro do ano de 2020. Esta edição foi marcada por desafios e restrições devido à pandemia de covid-19, mas, apesar de todas as perdas e receio que esse momento nos deixou através dele podemos olhar a vida de uma nova forma, como um recomeço. E foi justamente isso que a 11ª edição dessa mostra representou para o projeto: um novo ciclo.

E este novo começo foi marcado pela experiência de ter pela primeira vez uma curadora convidada para mostra geral, a arquiteta, pesquisadora e crítica de fotografia Rosely Nakagawa. Além dela, o comitê científico que atuou ao lado do curador geral da mostra, o artista e pesquisador Mariano Klautau Filho, que trabalharam na formulação das temáticas a serem tratadas nos ciclos de debates propostos para aquela edição e que ocorreram de forma virtual com o intuito de evitar aglomeração e, ao mesmo tempo, visando ampliar o acesso ao público.

Outra grande novidade que aquela edição trouxe foi a implementação do tour virtual da mostra do prêmio no MEP. A implementação da visita virtual no momento em que vivíamos a pandemia se justificou dada sua relevância para a sociedade, posto que disponibilizam de forma ampla e facilitada o acesso à arte e a cultura. O impacto dessa nova experiência tecnológica no cotidiano das pessoas tem se mostrado uma excelente ferramenta com o objetivo de despertar o interesse pela arte e pelo espaço museológico.

A exposição do 11º. Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia foi dividida em duas exposições, sendo estas: a mostra coletiva, sob a curadoria de Rosely Nakagawa, que teve como tema “*Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*”, uma referência direta ao romance de Rubem Fonseca, como uma crítica à realidade que estamos vivendo. Já a mostra individual contou com a curadoria de Mariano Klautau Filho para a exposição de “*O lago do esquecimento*”, da fotógrafa Paula Sampaio, na qualidade de convidada especial da mostra, com um trabalho que nos leva a refletir sobre a trajetória humana e a forma como lidamos com a vida e a morte.



3.4.1 Vastas emoções e pensamentos imperfeitos

A mostra coletiva teve como tema *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* que em suma vem retratar a angústia interna do homem contemporâneo e o modo que ele se manifesta exteriormente, assim como Rubem Fonseca em seu romance deslocou o poético para o real. Sob esse mote, as obras selecionadas para essa mostra tiveram em sua linguagem fotográfica um quê de misticidade que é capaz de fazer o expectador transpassar o plano visual para experiências concretas.

Nesse sentido é notório a provocação que este tema teve sobre a concepção artística dos fotógrafos, cujos trabalhos nos levam a refletir sobre uma realidade oculta em nosso cotidiano, bem como é possível sentir as experiências e as intensas emoções que cada um teve ao conceber seu projeto artístico-fotográfico. E foi justamente isso que Rosely Nakagawa buscou apresentar com sua expografia, explorando essa temática nas obras selecionadas para nos levar a uma reflexão sobre como nossos sentimentos e emoções são responsáveis pela relação do nosso mundo interior com o mundo exterior.

No que se refere à expografia, foi perceptível a integração entre o espaço, as obras que compõem a exposição e o tema, e como juntos acolhem a comunidade. Essa percepção estética se deu em grande parte pelo emprego de materiais facilmente encontrados em nosso dia a dia, que contribuíram para fazer o espaço dialogar de maneira concisa com as obras e trazer o universo museológico para a realidade do expectador. A utilização desses materiais se deu devido à preocupação com a grande quantidade de material que normalmente é desperdiçado por isso foram utilizados materiais que pudessem ser reaproveitados após a exposição.

Quanto à idealização do trajeto para a exposição da mostra, este foi desenvolvido a partir da ideia de um percurso único, onde cada sala apresentava um olhar singular do tema pensado. A distribuição das obras foi pensada de forma que apresentassem similaridade quanto a sua temática central e que juntas criassem harmonia entre si, corroborando com o tema da exposição. Desta forma a disposição dos ambientes fez com que o visitante pudesse

mergulhar gradativamente no assunto abordado e ao final do percurso levasse consigo uma experiência memorável.

3.4.2 O lago do esquecimento de Paula Sampaio

A exposição individual teve como artista convidada a fotógrafa Paula Sampaio, que tem em seu trabalho um forte cunho documental sobre temas como migração e colonização na região amazônica. Seus trabalhos em grande maioria retratam o cotidiano de pessoas que vivem à margem de grandes estradas, em áreas de exploração mineral e hídricas, em comunidades quilombolas e parte da área histórica de Belém. Mas diferente de seus trabalhos anteriores, "*O lago do esquecimento*" não traz como personagem principal pessoas, mas um cemitério de árvores fossilizadas que nos levam à reflexão do impacto do desenvolvimento sobre a vida das pessoas e da natureza.

Lançado em forma de livro em 2013, *O lago do esquecimento* é fruto da pesquisa de Paula Sampaio sobre os impactos causados pelo represamento do Rio Tocantins na região de Novo Repartimento. Foi buscando por comunidades que tivessem sido alagadas em decorrência da construção da hidrelétrica de Tucuruí que a fotógrafa se deparou com a paisagem trágica que deu origem a seu trabalho. Aquelas árvores se tornam objetos escultóricos com formas de pessoas e animais que encantam pela beleza, mas que revelam a crueldade em que foram submetidos em detrimento do desenvolvimento.

Tendo em mente o momento que vivemos e os impacto que a pandemia nos trouxe, foi perceptível uma sociedade aberta a reflexão de como lhe damos com a vida, desse modo Mariano Klautau Filho, curador da mostra individual, escolheu o projeto *O lago do esquecimento* de Paula Sampaio. Este trabalho nunca havia participado de uma exposição individual, mas que foi escolhido por se tratar de um "... trabalho inquietante e bastante atual porque trata do desprezo pela natureza e pelas comunidades que vivem na Amazônia, além de nos provocar um impacto visual que está relacionado diretamente ao aspecto trágico do tema", segundo o curador da mostra. Ainda para esta exposição foi escolhido para ser apresentado o vídeo-ação *Árvores*, que trata da libertação de uma árvore do afogamento.

Através dessa exposição podemos ver o preço do desenvolvimento materializado na paisagem fossilizada daquele cemitério de árvores, que em seu silêncio trazem a força expressas nos quadros. Mesmo que a floresta não possa falar ela grita em memória dos animais, das tribos indígenas e das cidades que tiveram suas histórias afogadas neste lago do esquecimento. E através desse lago é possível ver a trajetória de nossa sociedade e refletir sobre como ela lida com assuntos como a morte e a vulnerabilidade da vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo após dois anos do surgimento da pandemia de COVID-19 ainda é nítida as marcas deixadas por sua presença ao redor do mundo, embora muitos tenham acreditado que seria de breve duração e visível que ainda estamos longe do fim, e podemos ver isso através dos resquícios deixados por ela em nossa sociedade. Tendo como foco o cenário cultural, mais especificamente nos museus, não foi diferente, e seus fechamentos temporários levantou a necessidade de repensar as ações e as dinâmicas do espaço museal. Mas mesmo com todos os ajustes feitos para a reabertura dos museus, o momento de isolamento que vivíamos pedia mais do que um local adequado às medidas de segurança, ele pedia uma nova relação com o público.

Deste modo, a internet e as redes sociais foram ferramentas essenciais para quebrar a barreira entre museus e usuários, que mais do que nunca foram separados pela distância. As novas estratégias empregadas pelos museus no ambiente virtual tiveram como resultado o alcance de muitos usuários, que através das plataformas digitais puderam realizar visitas online, fazer cursos, participar de debates e entre outros recursos disponíveis. E a ampliação do acesso à cultura em um momento tão peculiar quanto o que vivemos nos faz refletir o quanto a arte pode interferir positivamente na vida das pessoas, dando a sensação de segurança em meio a tantas incertezas.

Portanto, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundar os estudos sobre os novos modos de uso e acesso aos nossos equipamentos urbanos, tomando o museu como espaço de investigação, com o propósito de discutir e propor novas formas de viver e vivenciar os espaços urbanos em um mundo profundamente impactado pela pandemia.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Estadão conteúdo. **Exame**, São Paulo, 27/04/2020. Disponível em:<<https://exame.com/casual/como-a-pandemia-do-coronavirus-afeta-os-museus-ao-redor-do-mundo/>>. Acesso em: 28 mai. 2022

Ibram-Instituto brasileiro de museus. **Ibermuseus - Ibermuseos**. Lisboa: Ibram,2020. Recomendações aos museus em tempos de covid-19. Disponível em:<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Recomendacoes_Museus.pdf >. Acesso 20 ago. 2021

ICOM- Conselho Internacional de Museus BRASIL. **ICOM-BRASIL**. São Paulo: ICOM-BRASIL,2020. Recomendações do ICOM Brasil em relação à covid 19. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/04/RECOMENDACOES_CONSERVACAO_15_ABRIL_FINAL-1.pdf >. Acesso em: 20 ago. 2021

Carta aberta à comunidade museal brasileira | dia internacional dos museus 18 de maio de 2020.**ICOM-BRASIL**, 2020. Disponível em:<<https://www.icom.org.br/?p=1928>>. Acesso em 20 ago. 2021.

Após 4 meses fechados, Parque da Residência e museus de Belém reabrem de forma gradual. **g1 Pará**. Belém,2020. Disponível em :<<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/07/23/apos-4-meses-fechados-parque-da-residencia-e-museus-de-belem-reabrem-de-forma-gradual.ghtml>>. Acesso 20 ago. 2021

MAM-Museu de Arte Moderna de São Paulo. **MAM**. São Paulo: MAM,2021. Relatório de atividade 2020. Disponível em: < <https://mam.org.br/wp-content/uploads/2021/07/2021-07-22-mam-ra-digital-compactado.pdf> >. Acesso em: 05 jul. 2022

MAM-Museu de Arte Moderna de São Paulo. **MAM**. São Paulo: MAM,2021. Protocolo de retorno museu de arte moderna de são Paulo. Disponível em:<<https://mam.org.br/wp-content/uploads/2022/05/2022-05-17-protocolo-publico.pdf>>. Acesso: 25 nov. 2021

MASP-Museu de Arte de São Paulo. **MASP**. São Paulo: MASP,2021. Relatório anual de atividade MASP 2020. Disponível em: <<https://assets.masp.org.br/uploads/about-governance-items/ldLmI5FhbcxYxoM8I2IEDs8KZszlnhHW.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2022

#maspemcasa. **Masp**. São Paulo, 2020. Disponível: <<https://masp.org.br/eventos/emcasa>>. Acesso 12 set. 2021

Tour virtual. **Pinacoteca**. São Paulo, 2020. Disponível: <
<https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/tipo/tour-virtual/>>. Acesso 12 set.
2021

ONU news, 2020. Disponível em: <
<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713972#:~:text=Segundo%20a%20Unesco,%2013%25%20dos,mais%20de%2085%20mil%20institui%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em 20 ago. 2021.

PROJETO | O Lago do Esquecimento. **Paula Sampaio**, 2012. Disponível em: <
<http://paulasampaio.com.br/projetos/lago-do-esquecimento/>> Acesso em 15 out.
2021.

Tour virtual. **Prêmio diário contemporâneo de fotografia**, 2020. Disponível em:
<https://dcf.dol.com.br/tour-virtual/>. Acesso em 20 jul. 2022

RETROSPECTIVA – 2010: O nascimento do Diário Contemporâneo. **Prêmio diário contemporâneo de fotografia**, 2019. Disponível em:
<<https://dcf.dol.com.br/retrospectiva-2010-diario-contemporaneo/>>. Acesso em:
20 jul. 2022.

Diário Contemporâneo abre exposições em novo ciclo do projeto. **Prêmio diário contemporâneo de fotografia**, 2020. Disponível em: <
<https://dcf.dol.com.br/diario-contemporaneo-abre-exposicoes/>>. Acesso em 02
Out 2021.

Paula Sampaio conversa com o público sobre O Lago do Esquecimento. **Prêmio diário contemporâneo de fotografia**, 2020. Disponível em: <
<https://dcf.dol.com.br/conversa-com-paula-sampaio/>>. Acesso em 04 Out 2021.
Unesco: pandemia pode levar a fechamento de 13% dos museus do mundo.



O DISCURSO MODERNISTA NO GUARDA-ROUPA DE TARSILA DO AMARAL

THE MODERNIST SPEECH IN TARSILA DO AMARAL'S WARDROBE

EL DISCURSO MODERNISTA EN EL ARMARIO DE TARSILA DO AMARAL

Resumo:

O presente artigo analisa como as roupas contribuíram para o projeto artístico de elaboração de uma estética moderna e nacional, expressa na chamada “brasilidade modernista”, que se inscreveu na aparência e nos trajes da pintora Tarsila do Amaral pela atenção que ela dedicou ao vestuário e pela maneira como os registros de suas roupas foram assimilados pelas narrativas sobre o modernismo de 22. O guarda-roupa modernista da pintora brasileira, destarte se tenha construído com roupas da alta-costura francesa, foi exatamente o que contribuiu para o projeto artístico de elaboração de uma estética moderna e nacional.

Palavras-chaves: Moda; Modernismo; Brasilidade; Tarsila do Amaral

Abstract:

This article analyzes how clothes contributed to the artistic project of elaborating a modern and national aesthetic, expressed in the so-called “modernist Brazilianness”, which was inscribed in the appearance and costumes of the painter Tarsila do Amaral due to the attention she devoted to clothing and by the way in which the records of her clothes were assimilated by the narratives about the modernism of 22. The Brazilian painter's modernist wardrobe, thus having been built with French haute couture clothes, was exactly what contributed to the artistic project of elaboration of a modern and national aesthetic.

Keywords: Fashion; Modernism; Brazilianness; Tarsila do Amaral

INTRODUÇÃO: A SEMANA DE ARTE DE 1922 E O MODERNISMO

O Modernismo brasileiro constitui-se num movimento de grandes e complexas mudanças na cultura artística do país, tendo seus primeiros sinais no ano de 1912 e atingindo seu apogeu em 1922, com a conhecida Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro, em São Paulo, que neste ano, 2022, completa 100 anos. O movimento brasileiro guarda certa semelhança, ainda que com diferenças de contexto, com a Exposição do Arsenal (*Armosy show*), ocorrida na cidade de Nova York, em 1913. Essa, uma combinação da produção de vanguarda europeia com a produção artística norte-americana, com obras de pintura, escultura e artes-decorativas. O *zeitgeist* do início do século XX era bem propício a esses movimentos, sendo as duas semanas citadas entendidas como os primeiros contatos do grande público das Américas com a arte moderna europeia.

O grande movimento de modernização da cultura brasileira, promovido inicialmente por intelectuais artistas na cidade de São Paulo, tem seus marcos iniciais na exposição da pintora Anita Malfati, em 1917, e como marco de ruptura, a Semana de Arte Moderna, em 1922, a princípio mal vista pela crítica conservadora, num país em que a escola artística tida como oficial era o Parnasianismo. Com características de um rigor formal, academicismo e elevada erudição, esse era um estilo que não mais vigorava no continente europeu, àquela altura vivendo a consequências das reviravoltas da Revolução Industrial, que impunham novas maneiras de viver, transformando as sociedades e modificando as relações humanas. E, por óbvio, a arte precisava acompanhar essas mudanças.

O Brasil, não obstante tenha virado do século XIX para o XX em um cenário de pouca relevância para a cultura, experimentava, na sequência, uma grande mudança quando o país começou a se modernizar, em especial no estado de São Paulo, que vivendo o apogeu da produção de café, e auferindo a grandiosa receita advinda de sua exportação, deu início ao processo de instalação de indústrias na capital. Não se pode negar que foi por causa desse desenvolvimento e do patrocínio de membros da burguesia industrial que a maior cidade brasileira foi palco da semana cujo objetivo era a renovação artística

nacional. Foi esse um dos motes da Semana: a atualização intelectual da consciência nacional.

As vanguardas artísticas propiciaram um tempo de grades experimentações e as tendências daí advindas deram aos artistas brasileiros a possibilidade de exercitar novas linguagens, de usar novos materiais, de ousar em suas propostas, rompendo com o academicismo, inaugurando um novo tempo para a cena artística nacional. “O modernismo nacional foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a inteligência nacional” (BRANDINO, 2022).

Esse cenário de portas abertas para a liberdade no que diz respeito à produção e à pesquisa estética no país contribuiu para o florescimento intelectual e artístico e também para o desenvolvimento da moda. A pintora Tarsila do Amaral, senhora de um estilo inconfundível, criou um “design de aparência” que colaborou para o fortalecimento e a definição estética do modernismo brasileiro nos anos de 1920.

Aliás, a ideia de “brasilidade modernista” se inscreveu na aparência e nos trajes não apenas da artista, mas do casal Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, o casal Tarsiwald, apelido que lhes fora dado por Mário de Andrade. (CASARIN, 2022, p. 16)

Se a aparência resulta do vínculo entre corpo e roupa, e o estilo nasce da relação entre aquilo que se veste (o objeto, a roupa) e o modo como se veste (o corpo), é interessante observar que o impacto que as aparências de Tarsila e Oswald causaram - e ainda causam-, é o resultado de uma ação calculada, consciente. O casal investiu maciçamente em seus trajes, dando medida de produto artístico à elaboração de suas personalidades. (CASARIN, 2022, p. 16).

COMEÇANDO PELO FIM: A LÁPIDE

“Quero ser a pintora do Brasil” é a frase que se lê na lápide do túmulo de Tarsila, no Cemitério da Consolação, em São Paulo. A inscrição, no meu entendimento é de total impropriedade, configurando-se numa daquelas interpretações descabidas a que figuras públicas podem estar sujeitas. Tarsila não ficou apenas no desejo, ela foi a pintora do Brasil, ela é a pintora do Brasil. O fato de estar a frase entre aspas quer significar que foi ela mesma quem disse

isso. Mas, na verdade, a pesquisa indica que não foi exatamente isso que ela escreveu na carta a sua mãe em abril de 1923. Ela escreveu: “Sinto-me cada vez mais brasileira: quero ser a pintora da minha terra”, expressão que tem um sentido “mais telúrico, em vez de sugerir a vontade grandiosa de se estabelecer como referência nacional”. (CASARIN, 2022, p. 24).

Desfrutando da companhia de Oswald, a temporada de 1923 foi decisiva para que Tarsila consolidasse sua formação, a ponto de declarar sua independência artística. Aproximou-se da técnica cubista por ser parecida com seu estilo de representação na pintura, e por meio dele afirmou sua brasilidade. Ao logo desse ano, o casal viajou pela Europa, animado com o interesse que a arte de vanguarda na França demonstrava por tudo aquilo que o olhar eurocêntrico considerava “exótico”. É nesse momento que Tarsila escreve uma carta a seus pais:

[...] Como agradeço por ter passado na fazenda a minha infância toda. As reminiscências desse tempo vão se tornando preciosas para mim. Quero, na arte, ser a caipirinha de São Bernardo. Brincando com bonecas de mato, como no último quadro que estou pintando. Não pensem que essa tendência brasileira na arte é malvista aqui. Pelo contrário. O que se quer aqui é que cada um traga contribuição do seu próprio país. Assim se explicam o sucesso dos bailados russos, das gravuras japonesas e da música negra. Paris está farto da arte parisiense. (CASARIN, 2022, p.24)

Nessa carta, Tarsila revela estar consciente da tendência moderna de valorização daquilo que era “exótico”, ou seja, tudo o que não fosse francês ou europeu. Nesse momento, ela anunciou seu novo direcionamento artístico devido às aulas de pintura que vinha tendo na França, e agradece sua infância por conta das memórias que àquela altura se transformavam em ferramentas no projeto de se firmar como artista modernista. A noção de modernidade para ela passa a estar vinculada à de brasilidade, posto que lhe permitia o uso de elementos da paisagem brasileira como a vegetação, animais, cenas urbanas, as favelas etc. elementos esses que foram convertidos em símbolos nacionais e projetados em suas produções artísticas e literárias.

A ENCENAÇÃO DO EXCÊNTRICO

Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade mantiveram uma relação amorosa que durou quase sete anos, de 1923 a 1929, período de intensidade do casal que corresponde a uma exuberante criação artística dos dois, momento decisivo da cultura brasileira, que continua a reverberar cem anos depois. Sem dúvida, essa relação foi um dos fatores que contribuíram para o sucesso da carreira de Tarsila como artista modernista brasileira, embora não o único. A próspera carreira da pintora também se deveu a sua posição social como integrante da alta burguesia de origem rural, assim como a sua adesão ao modernismo, e a sua aparência, aspecto esse muito explorado pela história e pela crítica do modernismo por sua sofisticação e relação com a alta-costura francesa.

A encenação do excêntrico integra o que Tarsila e Oswald construíram como a imagem da estética nacional, seja pelo “exotismo” de suas criações, pelo seu guarda-roupa ou por seus hábitos, como os almoços brasileiros oferecidos por eles no ateliê de Tarsila em Paris, com feijoada, compota de bacuri, pinga e cigarro de palha, elementos indispensáveis para marcar a nota exótica. (CASARIN, 2022, p. 99)

O guarda-roupa de Tarsila, em especial nos anos em que viveu com Oswald, revela uma criatura ambiciosa, confiante, que valoriza sua aparência. A forma suntuosa e sofisticada com que ela se vestia demonstrava o quanto ela investia na consolidação de sua posição como artista.

É o caráter de incompletude e inquietação do movimento modernista que tem a força de transformar a Tarsila mocinha caipira sonhadora na mulher moderna de vanguarda ou a pintora nacional: personagem construída por ela própria e mantida por processos de consagração que também submeteram sua gestualidade pública a certa celebração nacional.

As imagens de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade são continuamente exploradas pela história da cultura no Brasil – nas artes plásticas, na literatura, na imprensa- e reverberam há cem anos no imaginário nacional, gerando uma teia discursiva que cobre tanto a produção artística do casal quanto o próprio ato de vestir. À medida que os dois, cada um a seu modo de autorrepresentação, iam

construindo sua persona, criaram também uma aparência que colaborou para o fortalecimento e definição estética do modernismo brasileiro nos anos de 1920. (CASARIN, 2022, p. 15)

As roupas contribuíram para o projeto artístico de elaboração de uma estética moderna e nacional. A ideia de “brasilidade modernista” se inscreveu na aparência e nos trajes do casal pela atenção que dedicavam ao vestuário e pela maneira como os registros de suas roupas foram assimilados pelas narrativas sobre o modernismo de 22.

O impacto que as aparências de Tarsila e Oswald causaram, e ainda causam, foi resultado de uma ação calculada e consciente.

CONTEXTO HISTÓRICO: OS ANOS LOUCOS

Os anos de 1920 foram revolucionários, de grandes inovações por causa da velocidade em que as mudanças aconteciam, por isso foram chamados de “anos loucos”. (BRAGA, 2004, p. 72).

No alvorecer da década de 1920, o mundo vivia as consequências da Primeira Guerra Mundial, com grandes mudanças sociais, como o empobrecimento da Europa, com a ruína de fortunas; e como a emancipação das mulheres que durante a guerra tiveram que assumir os postos de trabalho masculinos, e finda a guerra, continuaram a trabalhar. Essa nova atividade passou a exigir mudanças nos trajes femininos, tais como a abolição do espartilho e o encurtamento das saias. A moda passa a ser dominada pelo conceito de funcionalismo, uma espécie de utilitarismo associado à simplificação.

Figura 01– Mulheres dos anos de 1920



Fonte: Blog História da Moda (2015)

Não é de se estranhar que essa nova estética da silhueta feminina curta e tubular fosse absorvida pelo modernismo, uma vez que ela era um eco dos novos padrões artísticos em vigor naquele momento, quando a Exposição de Artes Decorativas e Industriais, em 1925, oficializou o estilo *Art Déco*, que privilegiava as formas geométricas. A cintura foi deslocada para a altura dos quadris, o volume dos seios foi anulado com os chamados “achatadores”, elementos que conferiam um certo ar de androgenia às mulheres, o que era reforçado pelos cabelos curtos, cortados *à la garçonnette*¹. Na verdade, a única coisa que enfatizava o gênero feminino era a maquiagem acentuada: pó-de-arroz, batom vermelho e cílios longos. Os cabelos tornaram-se mais curtos, ficando o corte na altura do queixo.

Um novo tipo de mulher passara a existir. O novo ideal erótico era andrógino: as moças procuravam ter a aparência de rapazes tanto quanto possível. Todas as curvas – o atributo feminino admirado por tanto tempo – eram completamente abandonadas. E, como toque final nesse sentido, todas as jovens cortaram os cabelos[...] (LAYER, 1989, p. 232)

¹ Expressão francesa que significa como um rapaz (tradução livre)

Associada à questão do trabalho para a mulher que caminhava rumo a sua emancipação, a diversão passou a fazer parte da vida das pessoas, e a dança, um dos valores mais em voga na época, acabou contribuindo para o encurtamento das saias para facilitar as coreografias de ritmos como o Charleston, o Foxtrot e o Jazz. (BRAGA, 2004, p. 73). Nesse tempo, o cinema começava a ganhar importância, tornando-se um meio de divulgação de comportamentos, por isso, os Estados Unidos, que estavam à frente as produções cinematográficas, passaram também a influenciar a moda. Aspectos de praticidade e conforto faziam parte da concepção das roupas.

A MUSA E ALTA-COSTURA

O guarda-roupa de Tarsila, em especial entre 1923 e 1929, revela uma pessoa ambiciosa e confiante, que valorizava sua aparência e se vestia de modo suntuoso. Talvez tenha sido essa a forma que a pintora elegera para a consolidação de sua posição como artista.

A aparência de Tarsila foi, por certo, um fator facilitador de sua carreira: é difícil separar corpo e obra, isolar sua obra de seus vestidos e de sua aparência, em especial quando se observa seus autorretratos.

Figura 02 - Autorretrato ou *Le manteau rouge*, 1923, Tarsila do Amaral. Coleção Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.



Fonte: site Arte que acontece (2022)

Mas é à Tarsila-personalidade que desejamos nos referir primeiramente, antes mesmo de falar na pintora [...] cantada como Nêmesis, por Mário de Andrade, ou, como disse Menotti del Picchia: "Tarsila tinha um tipo tão interessante que dela fiz um personagem em *A tormenta*. Lá, ela é Sybilla, e todo o grupo está representado. Há pouco tempo lhe disse que eu fora o único que por ela não me apaixonara, porque todos, todos ficavam atraídos pela sua presença envolvente, o que causava em Oswald um ciúme terrível a ponto de nos bombardear com bilhetinhos... e eu era o confidente de Oswald naqueles tempos..." (JORNAL DO BRASIL, 1969).

Desde o início de sua carreira, no alvorecer dos anos 20, Tarsila esteve atenta à moda francesa em sua intenção de construir uma aparência moderna, autêntica e confiante. Por fazer parte da alta burguesia paulista, ela viajava muito para Paris, que àquela altura ocupava o centro da cultura do mundo e exalava um ar de liberdade e possibilidades artísticas que estimulavam e abraçavam a inovação. Nesse contexto em que a cultura parisiense se abria ao exótico e ao novo, foram os *ballets* russos de Saint Petersburg, com riqueza de colorido no figurino e decoração bizarra que foram traduzidos pelo costureiro Paul Poiret, que comandou a mudança fundamental da figura feminina, até então corpulenta e espalinhada, do início do século XX. A presença de Poiret é forte na avaliação

da trajetória artística de Tarsila e a figura do costureiro se tornou presente no discurso crítico do modernismo brasileiro.

A escolha de Poiret por Tarsila se deveu à necessidade do casal Tarsiwald de buscar originalidade e exuberância, e isso Poiret tinha por excelência, por ser um costureiro cujo estilo sempre esteve ligado à ideia de “exótico”, além do que Poiret era ligado às vanguardas e manteve uma importante coleção de arte. Em sua busca por reconhecimento como artista, Tarsila investiu em sua forma de se apresentar ao público, espelhada no seu guarda-roupa. E sua escolha não teria recaído em nomes como Chanel, pelo simples fato de que esta adotava um estilo minimalista, privilegiando o lado *clean*² da moda, enquanto que Poiret buscava o lado dramático e sensacionalista.

Tarsila vinha com vestidos sensacionais de Poiret. Tinham títulos. Lembro-me de uma chamado La Maréchale que lhe realçava a beleza. Foi uma das mulheres mais bonitas de seu tempo. Seu temperamento calmo e simples contrastava com o do marido sempre agitado, ansioso para estar sempre à la page, na crista da onda, a par da última novidade e ávido de publicidade”. (MORAES, 2011, p. 170)

O DISCURSO DO TRAJE

A alta-costura tem seu momento deflagrador na segunda metade do século XIX, quando Charles Frederick Worth, um costureiro inglês radicado em Paris, começou a confeccionar trajes ao seu gosto para depois apresentá-los às clientes de sua *Maison*, em sessões que podem ser consideradas como os primeiros desfiles de moda. Aliás, a figura do *couturier* (costureiro) e seus métodos de divulgação de seus trajes de luxo são pontos cruciais na história da alta-costura e na ampliação do desejo pela moda.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, houve um processo de internacionalização da alta-costura em função de seu consumo agora por personalidades das Américas e por causa da ruína da aristocracia europeia, até antes da guerra, os clientes daquele segmento. O cenário do final da década de 1910 era de profissionalização da alta-costura, estruturada no trabalho artesanal

² O termo “clean” foi adotado na moda para caracterizar looks e elementos simples, que tem o mínimo de informação, poucos acessórios, cores sóbrias e nenhum item que chame a atenção demasiadamente (WordPress.com <https://contandoestrelascomrapha.wordpress.com>, acesso em 12.08.2022)

nas chamadas *maisons*, espaços que passaram a concentrar não apenas a venda de tecidos, mas a criação e confecção de roupas femininas. Surge, então, uma nova categoria de homens de negócios, os chamados *hommes d'affair*, que eram os costureiros. Embora a expressão se refira ao sexo masculino, ela é enganosa, pois nos anos de 1920, o aumento extraordinário dos lucros no comércio de vestuário de luxo francês foi gerado por casas comerciais comandadas por mulheres como Gabrielle Chanel, Jeanne Lanvin e Madeleine Vionet.

Nesse novo cenário que a alta-costura passa a vivenciar, surge a necessidade de registrar as roupas no *Conseil de Prud'hommes*, uma instituição responsável pelo depósito legal das peças de vestuário. Eram os chamados *dépôts de modèle*³, cujo objetivo era garantir a propriedade intelectual das criações, num contexto de combate às cópias. Os criadores davam nomes aos trajes e os registravam. A cada coleção, os principais modelos de roupas eram registrados através de protótipos fotografados ou desenhos. No caso da Maison Poiret, onde Tarsila comprava, as roupas eram fotografadas de frente e costas, datadas e nomeadas, e, às vezes, o depósito também tinha a descrição da tipologia do traje. (CASARIN, 2022, p. 116).

Essas fotografias que registaram trajes que Tarsila comprou na *Maison* de Paul Poiret são documentos valiosos para a definição do guarda-roupa modernista da pintora brasileira, que destarte tenha construído seu estilo com roupas da alta-costura francesa, foi exatamente essa escolha que contribuiu para o projeto artístico de elaboração de uma estética moderna e nacional.

Pelas fotografias dos *dépôts de modèle*, pode-se analisar os trajes que aparecem em fotos de Tarsila: características tangíveis das roupas, tipo de tecido, forma de decotes, comprimento das mangas, posição da cintura, altura da saia e a proposta de silhueta que o visual deveria transmitir, e assim constatar a existência do discurso modernista inserido em cada traje.

Para ilustrar, a presente pesquisa apresenta três desses trajes.

³ Depósito de modelos, tradução livre da autora

Figura 03 - Traje Righi, maio de 1926



Fonte: site Arte que acontece (2022)

O traje formal de passeio em que Tarsila aparece com Oswald em uma de suas viagens é uma roupa de primavera-verão, com sobreposições: blusa reta, que parece uma túnica, sobre a saia pregueada. As mangas são curtas e ajustadas. O tecido parece ser lã. A blusa tem barra bordada com um ornamento na frente. A gola é em formato “V”, com acabamento em debrum. O nome do traje faz referência ao maciço montanhoso nos Alpes Suíços, conhecido como Rainha das Montanhas.

Figura 04 – Traje Riga, provavelmente de 1927



Fonte: MIS (2022)

O traje Riga, nome da capital da Letônia, cidade famosa por sua vasta e refinada coleção de edifícios *art nouveau*, é um vestido esportivo, com a parte superior lembrando um casaco arredondado com gola estreita, em tecido de veludo, com a saia em lã. Um adereço em pele ornamenta o pescoço, punhos e a barra do casaco. O fechamento do casaco e os punhos têm um bordado que remete aos bordados típicos daquela região. Mangas compridas, levemente mais abertas a partir do cotovelo e a saia tem a altura bem abaixo do joelho. A silhueta é tubular e o traje é complementado com chapéu *cloche*. Tarsila usa brincos arredondados, anéis e sapatos que deixam o peito do pé descoberto.

Figura 05 -Tarsila do Amaral veste o traje Lampion, da Maison Paul Poiret, na Fazenda Santa Teresa do Alto, 1927. Acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo.



Fonte: BVPS (2020)

O traje *Lampion* é delicado, com saia em camadas, lembrando a forma de uma lanterna veneziana de papel. Nos babados da saia e das mangas, o tecido é plissado. A estampa é uma folhagem delicada. O vestido tem uma faixa de organdi fino com pequenos poás, com a extremidade plissada. A silhueta é tubular, mas o tecido é maleável e os babados da saia facilitam o movimento. Mesmo sendo uma roupa de alta-costura, há nela características que remetem à ideia de ser um traje para reuniões mais íntimas: o fechamento traspassado, babados e o laçarote que ajusta o vestido atrás, aproximando-se ao modelo de uma robe (roupa para ser usada em casa).

Essas roupas contam a história de Tarsila do Amaral e só fizeram sentido no corpo da artista, que nelas imprimiu sua marca, transformando-se em parte integrante da cena modernista brasileira.

A moda é a mais humana das artes, pois o vestido que escolhemos atentamente na modista ou não tem moldura alguma que o contenha e nós completamos com o corpo, o colorido, os gestos, a obra que o artista nos confiou inacabada. (SOUZA, *apud* CASARIN, 2022, p. 18)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória de Tarsila é difícil separar corpo e obra, separar seus quadros da memória estética de seus vestidos. Vestir-se de forma suntuosa e sofisticada mostrava o quanto ela investia na consolidação de sua posição como artista. Sem dúvida, a opção de se vestir *chez*⁴ Poiret está relacionada ao desejo de construir uma aparência autêntica e autoconfiante.

As aparências que Tarsila e Oswald construíram ao longo de sua trajetória juntos foram importantes para suas trajetórias individuais, o que não esteve dissociado de seus discursos. Foram ambos possuidores de guardas-roupas ilustres, que acabaram por forjar o figurino da "brasilidade modernista" com a assinatura da alta-costura francesa. A encenação do excêntrico integra o que Tarsila e Oswald construíram como a imagem da estética nacional.

Por certo, ambos tiveram a intenção de ser vistos e admirados. Observa-se que a artista sempre revelava estar consciente da tendência da época de valorização daquilo que era considerado "exótico", ou seja, tudo o que não fosse francês ou europeu. Por isso, conclui-se que a sua noção de modernidade estava vinculada à de brasilidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **Aspectos da literatura brasileira**. 6ª edição. São Paulo: Martins editora, 1978.

ARTE QUE ACONTECE. **Livro explora relação entre Tarsila, Oswald e a moda**. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/livro-explora-relacao-entre-tarsila-oswald-e-a-moda/>. Acesso em 13 de ago. 2022.

BRANDINO, Luiza. **Semana de Arte Moderna de 1922**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/literatura/semana-arte-moderna-1922.htm>. Acesso em 12 de jul. de 2022.

⁴ Na casa de alguém (tradução da autora)



BRAGA, João. **História da Moda: uma narrativa**. 4ª ed., São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, 2004.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. **História da Moda no Brasil. Das influências às autorreferências**. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

BVPS. **Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social**. 2020
<https://blogbvps.wordpress.com/2020/10/12/12-de-outubro-de-1927-por-carolina-casarin/>, acesso em 13.08.2022

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CASARIN, Carolina. **O guarda-roupa modernista: O casal Tarsila e Oswald e a moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

HISTÓRIA DA MODA [blog]. **A Moda e o Tempo: os anos de 1920**. 2015.
Disponível em: <http://modahistorica.blogspot.com/2015/05/a-moda-e-o-tempo-os-anos-1920.html>. Acesso em 12 ago. 2022

JORNAL DO BRASIL. **Tarsila, pau-brasil, antropofagia e pintura**. Rio de Janeiro. Correio da manhã. ed. 23308.1969. p. 11.

LAVER, James. **A roupa e a moda**. Uma história concisa. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

MIS – Museu da imagem e som. **Acervo: Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral no convés de Marsília**. Disponível em: <https://acervo.mis-sp.org.br/fotografia/oswald-de-andrade-e-tarsila-do-amaral-no-conves-de-marsilia>, acesso em 13 de ago. de 2022.

MORAES, Rubens Borba de. **Testemunha ocular (recordações)**. [Org.] Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

SENAC, DN. **A moda no século XX**. Maria Rita Moutinho; Máslova Teixeira Valença. Rio de Janeiro. Ed. Senac Nacional, 2005.

SOUZA, Gilda de Melo e. **O espírito das roupas: A moda no século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; Ouro sobre Azul, 2019.



**ARQUITETURA DAS EMOÇÕES:
UM ESTUDO SOBRE O PALACETE BOLONHA SOB A
PERSPECTIVA DA NEUROARQUITETURA¹**

**ARCHITECTURE OF THE EMOTIONS:
A STUDY ON THE BOLONHA PALACETE FROM THE
PERSPECTIVE OF NEUROARCHITECTURE**

**ARQUITECTURA DE LAS EMOCIONES:
UN ESTUDIO SOBRE EL PALACIO DEL BOLONHA DESDE LA
PERSPECTIVA DE LA NEUROARQUITECTURA**

Maria Helena Castro de Vasconcellos.²
Jorge Eiró³

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados obtidos na pesquisa bibliográfica de caráter sócio-histórico referentes à neurociência aplicada à arquitetura, evidenciando como certas configurações e composições espaciais são capazes de promover sentimentos em um ser humano. A pesquisa mostra como determinados aspectos arquitetônicos exercem influência no cérebro humano, tendo como resposta sensações e emoções quando um indivíduo se encontra diante de certas características em um ambiente, como iluminação, cores, morfologias, materiais, sonoridade, organização espacial ou disposição de elementos. Neste sentido, este trabalho tem como foco do estudo o Palacete Bolonha, um ícone do imaginário belenense referente à Belle-Époque na Amazônia, e representa um recorte de minha pesquisa realizada junto ao PIBIC.

Palavras-chave

Palacete; Bolonha; Neurociência; Arquitetura; Neuroarquitetura; Belle-époque.

Abstract

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Transversais do tempo: entre modernismos e o contemporâneo, entre melancolias e insurgências do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade da Amazônia (UNAMA). Voluntária PIBIC/UNAMA. E-mail: heylenacastro@gmail.com

³ Arquiteto e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: eirojorge@gmail.com.

The objective of this article is to present the results obtained in the bibliographic research of a socio-historical nature referring to neuroscience applied to architecture, showing how certain configurations and spatial compositions can promote feelings in a human being. The research shows how certain architectural aspects influence the human brain, responding to sensations and emotions when an individual is faced with certain characteristics in an environment, such as lighting, colors, morphologies, materials, sound, spatial organization or arrangement of elements. In this sense, this work focuses on the study of the Palacete Bolonha, an icon of the Belenense imaginary referring to the Belle-Époque in the Amazonia and represents a clipping of my research carried out with the PIBIC.

Keywords

Palacete; Bolonha; Neuroscience; Architecture; Neuroarchitecture; Belle-époque.

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar los resultados obtenidos en la investigación bibliográfica de carácter sociohistórico referente a la neurociencia aplicada a la arquitectura, mostrando cómo ciertas configuraciones y composiciones espaciales son capaces de promover sentimientos en un ser humano. La investigación muestra cómo determinados aspectos arquitectónicos influyen en el cerebro humano, respondiendo a sensaciones y emociones cuando un individuo se enfrenta a determinadas características de un entorno, como la iluminación, los colores, las morfologías, los materiales, el sonido, la organización espacial o la disposición de los elementos. En ese sentido, este trabajo se centra en el estudio del Palacete Bolonha, ícono del imaginario belenense referente a la Belle-Époque en la Amazonía, y representa un recorte de mi investigación realizada con el PIBIC.

Palabras clave

Palacete; Bolonha; Neurociencia; Arquitectura; Neuroarquitectura; Belle-époque.



1. INTRODUÇÃO

Apesar de a Neuroarquitetura se tratar de um campo de estudo recente, há tempos a ciência reconhece que composições e configurações espaciais exercem influências consideráveis no ser humano. Isto pode ser muito bem percebido na arquitetura das igrejas góticas que, com suas monumentais alturas, tinham o intuito de colocar o indivíduo frente à grandiosidade divina, ou no estilo barroco, o qual era caracterizado por suas dualidades, contrastes de cores, teor dramático, manifesto através de sua exuberância formal, infligindo a ideia do bem contra o mau, forças divinas contra forças malignas.

De todo modo, ainda que tal noção não seja recente, somente nos últimos anos houve um aprofundamento sobre esse campo, a partir dos avanços nas pesquisas neurocientíficas que vêm contribuindo para o estudo sobre as influências neurológicas da arquitetura e como seus aspectos causam impactos nas emoções humanas. Através na neurociência, pode-se ter um maior entendimento sobre reações neurofisiológicas, como por exemplo a aceleração do coração quando um indivíduo se encontra diante de um ambiente com cores vívidas, ou a questão de como uma pessoa que sofre de transtorno depressivo se sente mais cabisbaixo em um ambiente mais acinzentado.

Diante disso, a pesquisa tem o intuito de estudar como os ambientes e suas cores, temperaturas e acústicas influenciam no campo das emoções humanas, através de estudos e análises de aspectos e organizações arquitetônicas. Com este propósito, adotaremos como objeto de estudo específico a configuração do Palacete Bolonha, em Belém.

Por se tratar de um marco da Belle Époque belenense, além de contar com uma história poética e romântica como plano de fundo, o Palacete Bolonha foi selecionado como a edificação ideal onde será desenvolvida a pesquisa, colocando em pauta aspectos objetivos e subjetivos da arquitetura, seu contexto, e a história das personagens envolvidas na criação do Palacete. A pesquisa tem como proposta não somente desenvolver um estudo sobre a neuroarquitetura em edificações históricas, como também mostrar que o tema se revela um amplo e instigante campo para o estudo da arquitetura em nossos tempos.

2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esse artigo tem como objetivo de analisar através da neuroarquitetura entendendo como determinados aspectos influenciam no ser humano, seja positivamente ou negativamente. A pesquisa pelo tema vem de questões próprias e da vivência da pesquisadora, a fim de entender e compreender como o uso da neuroarquitetura pode interferir nos sentimentos de um indivíduo. Através dessa pesquisa pude verificar dentro de um espaço a maneira como pisos, tetos, portas, janelas e até azulejos são capazes de transmitir determinadas sensações e emoções para com o cérebro humano.

Como objeto de estudo, o Palacete Bolonha se mostrou ideal para a pesquisa, não somente por esbanjar aspectos de uma arquitetura eclética que foi revolucionária na época, como o piso de vidro no hall social e o uso de ferro fundido, como também por retratar uma época de grandes avanços e riquezas da capital paraense, remetendo o espírito e nostalgia da época e encantando o público.

A obra, projetada por Francisco Bolonha para sua esposa, Alice Tem-Brink, foi cuidadosamente planejada, possuindo uma riqueza de detalhes que faz com que o palacete se assemelhe de fato a um palácio. O objetivo de Francisco era fazer com que Alice Tem-Brink, pianista do Rio de Janeiro, se mudasse para Belém, sendo assim, projetou uma residência única, na qual ela pudesse viver no centro da modernidade europeia na capital paraense.

Sendo assim, neste artigo abordaremos desde como aspectos da arquitetura em geral se comportam no cérebro humano, estudaremos o estilo arquitetônico eclético e a Belle-Époque belenense, e finalmente investigaremos as características do Palacete Bolonha e como elas interferem nas emoções do ser humano, averiguando como uma obra datada de uma época de grandes modernizações da cidade é capaz de inspirar sensações no público até os dias de hoje.



3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Sabendo que a Neurociência se trata do estudo do sistema nervoso e suas reações e manifestações, pode-se dizer que, aplicada à arquitetura, tal ciência se volta especificamente para as reações cerebrais quando um indivíduo se depara com determinadas características e aspectos arquitetônicos. Entende-se que tal estudo tem como objetivo estudar tais influências do meio externo na química cerebral do ser humano, analisando, assim, uma melhor forma de projetar uma composição arquitetônica a qual visa promover a sensação ideal no indivíduo que usufrua do projeto em questão. Logo, é dever de todo projetista levar em conta a intenção do local no momento de idealização do projeto, mantendo-se em mente os usuários de tal espaço. A partir disso, o estudo da neuroarquitetura se revela como de suma importância.

Muitas vezes não percebemos as influências do meio externo, pois muitas delas entram em nosso cérebro de forma inconsciente. Por isso, se este espaço for mal projetado, pode ainda prejudicar a saúde física e mental dos colaboradores. (BENCKE, 2018, p. 1).

Sendo assim, o espaço precisa de um desenvolvimento funcional e estético trabalhado em conjunto a fim de ser prático e humano, ou seja, capaz de proporcionar determinadas sensações em seu momento de uso.

Segundo Nassar (1998 *apud* REIS *et al.* 2014, p. 2). “[...] somos atraídos a ir e a voltar a ambientes esteticamente atraentes e a evitar ou a se recusar a ir a locais esteticamente desagradáveis”. Como a questão da iluminação que possui influência direta nas sensações, comportamentos, produtividade e bem-estar físico e mental, comprovando a importância de uma iluminação equilibrada e devida.

A respeito do estilo arquitetônico eclético, ele teve sua origem na França no final do século XVIII e início do século XIX, sendo tratado por muitos historiadores como um estilo pejorativo, sem personalidade. O eclético trata-se de uma rememoração de estilos anteriores, rompendo com as tradições quanto ao emprego de determinados elementos e estruturas arquitetônicas, buscando adaptar ao seu tempo, porém sem romper com a história. Portanto, procurou-se

a retomada de imagens sobreviventes de outros períodos históricos, como gótico e o rococó, classificando, assim, este estilo tão diversificado.

Para Pedone (2002), em sua dissertação de mestrado intitulada “O Espírito Eclético”, havia uma atitude de espírito em buscar pela beleza, contudo sem se submeter a doutrinas de tradições ou autoridades.

Tal ideal do estilo foi alavancado pelo crescimento das indústrias, que foram capazes de fornecer materiais e técnicas mais modernas, transformando, assim, o emprego de elementos e concepções arquitetônicas. O estilo chegou ao Brasil no final do século XIX. Com o intuito de “imprimir” os lemas de modernização, progresso, indústria e capital. A República passa a rechaçar por completo a imagem de colônia, rompendo inclusive com o neoclassicismo. (CASTRO, N., 2017).

No Pará essa marca esteve presente na gestão do intente Antônio Lemos, que marcou a época com a inauguração do Mercado de Ferro no Ver-o-Peso nos anos de 1901. Lemos seguiu os ideais de Haussmann, visando um urbanismo racionalista e técnico, deixando de lado questões históricas do local. Foi aprovada pela Câmara Municipal uma lei que regulamentava tais transformações na cidade, como por exemplo a remoção das casas de pessoas com menor poder aquisitivo para que houvesse reformas e fosse implementado um padrão de construções residenciais particulares, onde até mesmo a cor das fachadas teria de passar por aprovação do intendente.

Tais renovações da cidade favoreciam muito mais a elite do látex cada vez mais rica, que era vigente no final do século XIX e início do século XX (período do Ciclo da Borracha, Belle Époque, onde as relações com o exterior se estreitaram). Os cortiços dos centros foram demolidos e as famílias forçadas a se mudarem para as áreas mais periféricas, sem qualquer tipo de saneamento.

O autor Fábio Castro em sua obra “A cidade Sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade” trabalha muito bem essa dualidade entre o progresso das novas ideias e a dor e melancolia deixada para as massas mais abastadas. Entre as memórias e cartas guardadas nos grandes palacetes de Belém se preserva toda nostalgia das elites paraenses. Por outro lado, o autor destaca que:



marcada por fantasmagorias que se reproduziam, no plano urbano como no palco dos modos de ser, como miragens de modelos anteriores. Uma história marcada pela referência, pela alteridade. Uma história alegórica. (CASTRO, F., 1994, p. 189).

A obra ainda retrata a Belém da Belle-Époque como duas cidades diferentes existindo ao mesmo tempo: enquanto nos centros da cidade os planos do progresso eram colocados em prática, as periferias não desfrutavam de tais modernizações. Sendo assim, a cidade possui memórias que rodam o imaginário da época, que por mais distintos modos de vida e vivências que as pessoas tivessem, possuem um mesmo sentimento, devido a ícones datados de tal época que resistem até os dias de hoje. O tempo cronológico que liga a cidade ao ser, é fruto do próprio ser. O palacete Bolonha é fruto do ser humano de sua época.

Memória e Imaginação são termos ambíguos que têm sido confrontados, historicamente, à questão filosófica da emancipação do mundo sensível. Do sensualismo dos epicuristas e do intelectualismo dos escolásticos às formulações de Sartre e da Psicanálise, pergunta-se se memória e imaginação são fontes de conhecimento legítimas, se possuem uma potência projetiva além da sua óbvia potência perceptiva. (BERNNIS, 1987 *apud* CASTRO, F., 1994, p. 212).

As memórias são os sentimentos e sentidos culturais que aquele local nos passa, independente do tempo cronológico, dando assim uma retaguarda histórica para as vidas que aqui ali vivem. Já a imaginação por muita das vezes se dá pelas experiências próprias dos seres, carregadas ainda mais de sentimentos pessoais, da individualidade e da vivência. Ela responde a um único ser, que por muita das vezes carrega uma nostalgia ligada à sua própria experiência de vida.



4. RESULTADOS

Um exímio exemplo de edificação residencial datado da época da Belle Époque é o Palacete Bolonha.

Outro modelo singular da arquitetura residencial eclética é o Palacete Bolonha, pois esta edificação tem uma grande variedade de estilos e materiais, e foi idealizado pelo arquiteto Francisco Bolonha em 1905. Dentre os estilos que Francisco Bolonha utilizou no palacete podemos destacar o gótico, alguns elementos neoclássicos, Art Nouveau, além de alguns detalhes do Rococó. (CASTRO, N., 2017, p. 28).

O palacete se ergue na Av. Governador José Malcher. A obra foi idealizada pelo engenheiro Francisco Bolonha para presentear a sua esposa, a pianista carioca Alice Tem-Brink, dando, assim, vida a uma obra que desperta emoções por seus aspectos arquitetônicos e passado romântico até os dias de hoje.

Construído e idealizado nos anos 1905, sua construção se dá pelo amor que Francisco Bolonha tinha por ela, o fazendo idealizar um projeto aos moldes europeus, que na época residia no Rio de Janeiro (capital da República). Alice Tem-Brink por ser pianista, teve uma sala dedicada especialmente ao seu talento, onde a elite paraense se reunia para apreciar os seus recitais.

O Palacete construído durante o Ciclo da Borracha apresenta características do estilo barroco até o art-nouveau e o uso de elementos próprios do estilo eclético, tal qual eram vigentes na época. Localizado no bairro de Nazaré, centro da elite de época, ele se destacava pela beleza única em relação às demais casas, sendo um dos prédios mais altos da cidade na época, contando até com um mirante no andar mais alto. Devido a formação de Francisco como engenheiro e engenheiro hidráulico, o prédio contava também com redes de energia elétrica, água fria e quente, sistema de escoamento de águas pluviais, rede de esgoto e gás encanado.

O 1º pavimento possui decoração rebuscada e conta com uma entrada social com varanda coberta. A sala de música, presente neste pavimento, possui uma riqueza de detalhes escupidos tanto nas paredes como no teto em estuque, sendo deslumbrante aos olhos dos visitantes, tornando este um dos ambientes mais belos da construção, como pode ser visto na figura um.

Fotografia 1 — Sala de música

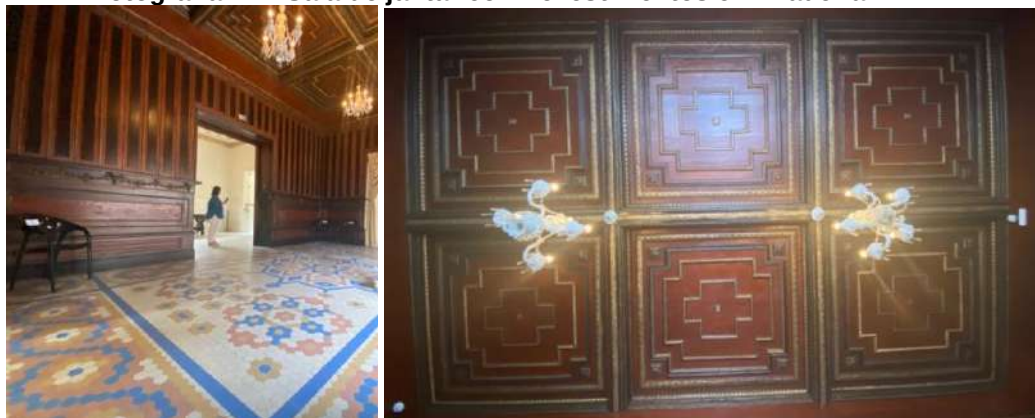


Fonte: elaborado pela autora, 2022.

A sala de jantar apresenta revestimentos nas paredes e forro em madeira, fator que torna o cômodo mais escuro se comparado aos outros do palacete. Segundo Heller (2012, p. 475), “na decoração de moradias, o marrom é avaliado positivamente. A sua naturalidade, a sua falta de artificialidade faz do marrom a cor do aconchegante. Semelhante a ele é também o acorde do sentimento de estar em segurança”.

Tendo em vista que se trata de um local para refeições, o uso deste material se torna ideal, como observa-se na fotografia dois.

Fotografia 2 — Sala de jantar com revestimentos em madeira



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

No banheiro social as flores dos azulejos se tratam de lírios, que, em contraste com o fundo azul claro, aparentam estar em meio às águas de um rio, novamente referenciando o meio ambiente, como posto na fotografia três abaixo. As cores deste ambiente proporcionam uma sensação de calma. Segundo a pesquisa de Heller (2012), o azul é a cor que mais vezes foi apontada como a cor que transmite simpatia, harmonia, amizade e confiança. Já o verde, o qual se encontra nas folhas das flores, “[...] é a quintessência da natureza. O verde é uma ideologia, um estilo de vida: consciência ambiental, amor à natureza, ao mesmo tempo a recusa a uma sociedade dominada pela tecnologia.” (HELLER, 2012, p. 191).

Fotografia 3 — Revestimentos da parede de azulejos com motivos florais no banheiro social e no hall social



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

O pé direito dos cômodos é alto, o que, juntamente com a presença de várias grandes janelas e o uso de materiais para revestimentos como gesso, estuque e madeira, contribui para amenizar o clima úmido e quente.

Conforme Rangel e Souza (2021, p. 70):

Algumas alternativas viáveis para evitar inconvenientes no clima quente e úmido são: Tetos altos, abertos e inclinados (para chuva correr e possibilitar ventilação), varandas abertas ao redor do ambiente para proteger da chuva, janelas grandes, piso elevado para evitar a umidade do solo, paredes finas (que não retêm muita umidade) e uso de materiais como madeira em boa parte da edificação, entre outros itens e materiais existentes no mercado.

Além disso, a presença de grandes janelas na maioria dos ambientes contribui para um maior aproveitamento da luz natural. Segundo Vargas (2016, p. 88),

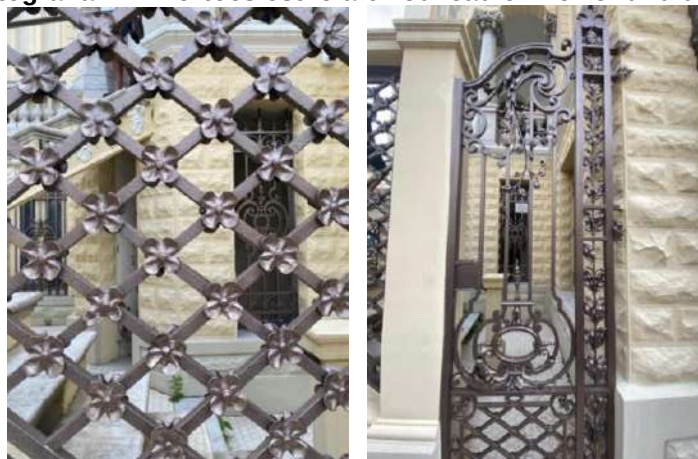
A luz é um potente agente biológico e terapêutico [...] Hoje, com as descobertas recentes de um novo sistema sensorio no olho que detecta os efeitos da luz e age na atividade neurocomportamental humana, procura-se estabelecer parâmetros, no que se refere às relações da arquitetura e da iluminação de ambientes, que impliquem na saúde e bem-estar dos usuários, envolvendo, ainda, os aspectos da performance e do conforto visual e da apreciação estética do espaço.

As cores claras promovem uma maior propagação da luz, sendo de grande auxílio ao aproveitamento solar e à diminuição das temperaturas internas.

A presença do branco nos revestimentos não se limita em exercer função de amenizar as temperaturas elevadas da capital belenense. O branco serve para ampliar ambientes, além de proporcionar uma sensação de leveza. De acordo com Heller (2012) “o que está vazio é leve. À leveza está associada a clareza. O branco, a mais clara das cores, é ao mesmo tempo a mais leve”. Em outras palavras, enquanto ambientes com cores vibrantes transmitem sensações fortes, como por exemplo o vermelho instigando ação, cores mais próximas do branco fazem o papel inverso, promovendo leveza e clareza. Isto, unido aos amplos ambientes do Palacete Bolonha, transmitem uma sensação de liberdade ao visitante.

Um material importante e que seu uso é característico do estilo art-nouveau é o ferro fundido. No Palacete Bolonha, ele se apresenta nas fachadas, em dutos de escoamento de águas pluviais, os portões do acesso principal e as grades das janelas do pavimento térreo, conforme a fotografia quatro.

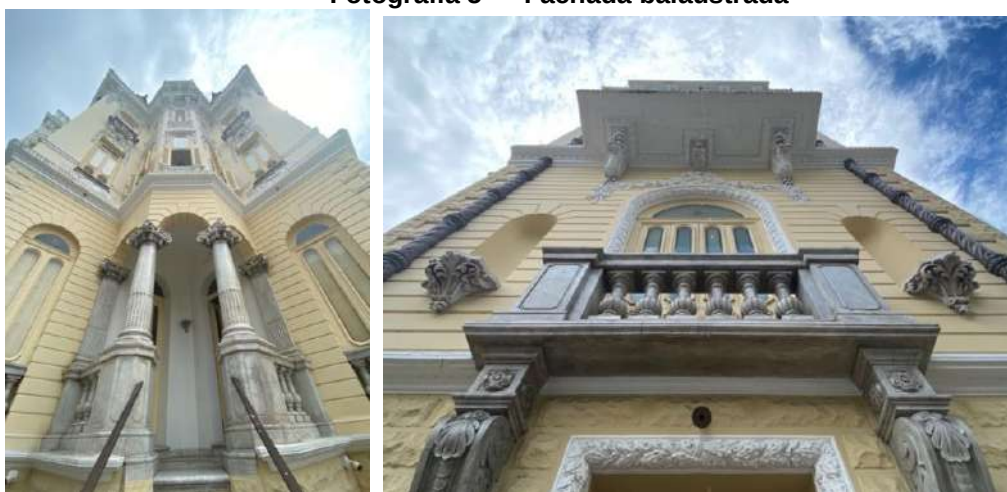
Fotografia 4 — Portões estilo art-nouveau em ferro fundido



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Nas fachadas principais, balaustradas em pedra e em argamassa, vãos e janelas em diferentes tipos de arco (diferenciados por pavimento), apliques de anjos, estátuas em nichos, além de outros elementos decorativos que caracterizam uma estética eclética são perceptíveis. Há uma abundância de elementos com formas orgânicas, o que, juntamente ao excesso de elementos decorativos, acentuam o aspecto de luxuosidade, remetendo a uma época de grandes progressos e embelezamento da cidade. Época perdida no tempo, mas que resiste e enche os olhos dos observadores. Observa-se a fotografia cinco.

Fotografia 5 — Fachada balaustrada



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, analisei o Palacete Bolonha sob a perspectiva dos conceitos da Neuroarquitetura e, a partir de um olhar mais crítico, me foi possível questionar quais sensações e o porquê elas são passadas quando nos defrontamos com certos detalhes arquitetônicos. Com base nesse referencial teórico, pude analisar os aspectos arquitetônicos do objeto de estudo e observar o quanto cada detalhe faz a diferença no momento de projetarmos, tanto a escolha de uma cor, formas ou revestimentos. O estudo da Neuroarquitetura se torna cada vez mais essencial aos arquitetos, afinal deve-se ter em mente a intenção do projeto, do contrário, o ambiente construído se torna desconfortável, inútil quanto a sua finalidade inicial. Segundo Paixão (2007, p. 51):

[...] a arquitetura refere-se à arte de construir, que identifica fatores da vivência do usuário. Com sua durabilidade no espaço, a neuroarquitetura de interiores é remetida a sensações, memórias e emoções, criando assim uma identificação própria, determinando comportamentos e sentimentos. Contudo o profissional ao projetar um espaço, deverá contar com a sensibilidade e cautela, pensando na interferência que o espaço como um todo sofrerá, sem deixar de lado a influência que esse projeto terá na vida dos usuários, pensando assim em fatores que garantam que o ser humano encontre o conforto, segurança, utilidade e beleza em sua condição espacial e existencial.

Através deste estudo foi possível também ampliar meus conhecimentos acerca da história de Belém, me aprofundando em memórias de uma época por muitas vezes esquecida ou ignorada. Considero essencial uma maior valorização de nossa história, afinal isto faz parte do que nos torna belenenses, do que nos traz a sensação de pertencimento e nostalgia em relação à cidade, e a arquitetura é uma forma de eternizar o passado. Apesar de esta pesquisa ter um enfoque maior no Palacete Bolonha, explorando seus aspectos e as memórias que os envolvem, assim como ele, outras obras arquitetônicas na cidade possuem histórias em seu legado edificado, embora muitas no momento se encontrem abandonadas.

Por fim, esta experiência foi extremamente agregadora para mim, não somente em termos profissionais, como também de uma forma pessoal. Passei a olhar e a valorizar mais a minha cidade, além de ter adquirido uma nova perspectiva acerca do propósito de minha futura profissão.

6. REFERÊNCIAS

BENCKE, Priscilla. Escritório para os 5 sentidos, 2018. 1 vídeo (39min). Publicado pelo canal Qualidade Corporativa Smart Workplaces. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WB68m8UpElw>. Acesso em: 04 set. 2022.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A cidade Sebastiana**: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade. 1994. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 1994.

CASTRO, Nathália Sudani de. **O Espaço sacro na arquitetura assistencial em Belém**: estética, ecletismo e sociedade. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2017. Disponível em:



<https://ppgau.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2017/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Nathalia%20Sudani%20de%20Castro.pdf>. Acesso em: 04 set. 2022.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

RANGEL, Veruska; SOUZA, Larissa. Neuroarquitetura e psicologia das cores: sensações e psicodinâmica no design de interiores. **Geometria Gráfica**, Pernambuco, v. 5, n. 2, p. 66-74, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/geometriagrafica/article/view/252739/40129>. Acesso em: 04 set. 2022.

REIS, Antônio Tarcísio; BIAVATTI, Camila Damiani; PEREIRA, Maria Lourdes. Composição arquitetônica e qualidade estética. **Ambiente construído**, v. 14, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-86212014000100015>. Acesso em: 04 set. 2022.

PAIXÃO, Luciana. **O Guia das cores e sensações na arquitetura de interiores e neurociências**. São Paulo: SENAC, 2007.

PEDONE, Jaqueline Viel Carbelon. **O Espírito eclético**. 2002. 252 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura. 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/2373>. Acesso em: 04 set. 2022.

VARGAS, Cláudia Rioja de Aragão. Os Impactos da iluminação: visão, cognição e comportamento. **Revista Caderno de Iluminação**, São Paulo, v. 5, p. 88-91, 2016. Disponível em: https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/artigos/o_impacto_da_iluminacao_no_comportamento_humano.pdf. Acesso em: 04 set. 2022.

Professores responsáveis

Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo (PPGC/UNAMA)

Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (PPGC/UNAMA)

Discute transversalidade como eixo mobilizador de aspectos disciplinares fechados e não dialógicos. Nessa condição disciplinar, se faz necessário discutir e possibilitar conexões pela tessitura transdisciplinar. Esse simpósio, então, anuncia um espaço de debates com as pesquisas científicas nas áreas da Comunicação, Linguagem e Cultura, Educação, Povos Originários e Comunidades Tradicionais, Relações de Gênero, etc., pois transversalizar se oportuniza criatividade e inovação estratégica interdisciplinar que ultrapassam os muros acadêmicos e epistemológicos.

ST

03 - TRANSVERSALIDADE EM TESSITURA COM AS
PESQUISAS CIENTÍFICAS EM ÁREAS DA COMUNICAÇÃO,
LINGUAGEM, CULTURA, EDUCAÇÃO, POVOS ORIGINÁRIOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS, RELAÇÕES DE GÊNERO,
ETC.



COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM EM PARALISIA CEREBRAL¹

ALTERNATIVE AND EXPANDED COMMUNICATION AS A LEARNING RESOURCE IN CEREBRAL PALSY

COMUNICACIÓN ALTERNATIVA Y AMPLIADA COMO RECURSO DE APRENDIZAJE EN LA PARÁLISIS CEREBRAL

Lícia Mara Oliveira²

Resumo

A linguagem oral se constitui como um dos principais meios de comunicação entre os seres humanos. Educandos com dificuldades motoras severas e privação da fala articulada, necessitam de recursos que os auxiliem a participar das interações sociais, bem como alcançar melhores níveis de aprendizagem escolar. O objetivo deste artigo de revisão é o de abordar a Comunicação Alternativa e Ampliada como recurso facilitador ao aprendizado de alunos com Paralisia Cerebral, além de fornecer subsídios para que os professores reflitam sobre a importância de utilizarem outras formas facilitadoras de comunicação no processo de inclusão educacional. O trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura embasada, principalmente, por (FIORIN, 1990; FRANCO, 2007; SCHIRMER, 2012). Assim, concluiu-se que é admissível a utilização de recursos facilitadores de aprendizagem, para alunos com dificuldades motoras na fala, sendo um deles a Comunicação Alternativa e Ampliada.

Palavras-chave: Paralisia Cerebral; Linguagem; Comunicação Alternativa.

Abstract

Oral language is one of the main means of communication among human beings. Students with severe motor difficulties and articulated speech deprivation need resources to help them participate in social interactions, as well as achieve better levels of school learning. The aim of this review article is to approach Alternative and Expanded Communication as a facilitating resource for learning students

¹Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Transversalidade em Tessitura com as pesquisas Científicas em Áreas da Comunicação, Linguagem, Cultura, Educação, Povos Originários e Comunidades Tradicionais, relações de Gênero, Etc. do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

²Bióloga. Fonoaudióloga. Advogada. Mestre em Neurociências (UFPA). Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação, para o Doutorado, em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). liciamara07@gmail.com. orcid.org/0000-0002-3477-0156.

with Cerebral Palsy, in addition to providing support for teachers to reflect on the importance of using other facilitating forms of communication in the educational inclusion process. The study was carried out through a bibliographical research, with a literature review based mainly on (FIORIN, 1990; FRANCO, 2007; SCHIRMER, 2012). Thus, it was concluded that it is permissible to use learning-facilitating resources for students with motor difficulties in speech, one of which is Alternative and Expanded Communication.

Keywords: Cerebral Palsy; Language; Alternative Communication.

Resumen

El lenguaje oral es uno de los principales medios de comunicación entre los seres humanos. Los estudiantes con dificultades motoras severas y privación articulada del habla necesitan recursos para ayudarlos a participar en las interacciones sociales, así como a lograr mejores niveles de aprendizaje escolar. El objetivo de este artículo de revisión es abordar la Comunicación Alternativa y Expandida como un recurso facilitador para el aprendizaje de estudiantes con Parálisis Cerebral, además de brindar apoyo a los docentes para que reflexionen sobre la importancia de utilizar otras formas facilitadoras de comunicación en el proceso de inclusión educativa. El estudio se realizó a través de una investigación bibliográfica, con una revisión bibliográfica basada principalmente en (FIORIN, 1990; FRANCO, 2007; SCHIRMER, 2012). Por lo tanto, se concluyó que es permisible utilizar recursos facilitadores del aprendizaje para estudiantes con dificultades motoras en el habla, uno de los cuales es la Comunicación Alternativa y Expandida.

Palabras-clave: Parálisis Cerebral; Idioma; comunicación alternativa.

1 INTRODUÇÃO

Ao considerarmos os aspectos que envolvem a linguagem, Saussure (1970) foi pioneiro ao afirmar que existe um meio para se comunicar, exclusivamente humano, vinculado à processos mentais – psíquicos, fisiológicos e acústicos de ambos os interlocutores, e este meio seria a linguagem. Para a demonstração da sua competência linguística inata, o indivíduo deve estar inserido em uma determinada cultura que, por relações interpessoais constantes, convencionam um sistema de signos linguísticos a ser utilizado - sua língua. Segundo o autor, as formas de expressão desse sistema de signos – língua – podem ser a fala, a escrita e a língua de sinais.

A linguagem compreende os processos através dos quais é possível a comunicação entre os seres humanos. Facilmente é possível nos comunicarmos com outras pessoas utilizando a palavra falada – linguagem de expressão oral;

a palavra escrita – linguagem de expressão escrita ou, ainda, gestos. Podemos, então, defini-la como um conjunto de símbolos linguísticos organizados de forma que o ser humano possa se comunicar, ou seja, é a faculdade humana e abstrata de representação de conteúdo (ISSLER, 1983).

No contexto da educação regular ou especializada, a presença de alunos com distúrbios da comunicação humana, em razão de problemas neurológicos, cuja a fala encontra-se prejudicada é, via de regra, assumida como perturbadora e, muitas vezes, como elemento incapacitante à aprendizagem. De fato, alguns alunos vivenciam tal condição de forma bastante dramática já que os prejuízos na mobilidade e na sequência articulatória advindos de seu quadro neuromotor de base, dificultam de forma acentuada a produção de fala inteligível ou mesmo impedem totalmente a sua realização. Não obstante, as limitações motoras impostas pelas especificidades de sua condição orgânica, comprometem qualquer manifestação gestual mais elaborada. Nessa dimensão, impasses interativos envolvendo professores e alunos são também evidenciados.

Nesse cenário, a educação especial e o processo de inclusão educacional são uma realidade brasileira amparados por diversas legislações e programas internacionais, dentre os quais: a Constituição Federal de 1988 em seus artigos 7º inciso XXXI; 204 inciso V; 208 inciso III; 203 inciso IV; a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência de 2009, dentre outros.

No que diz respeito aos distúrbios da comunicação humana, algumas crianças com paralisia cerebral apesar de terem inteligência normal, podem apresentar dificuldades de movimento tão graves que prejudicam a sua capacidade para falar, para escrever e para andar. Neste trabalho, justifica-se a escolha dos alunos com paralisia cerebral como objeto de estudo, em razão de, muitas vezes, apresentarem as funções cognitivas preservadas, estando aprisionados a um sistema motor que não funciona adequadamente impedindo-os de falar, de exprimir suas vontades e seus sentimentos. Desse modo, não é difícil imaginarmos o quanto de ajuda estes educando necessitam no processo educacional. Neste diapasão, alguns recursos e adaptações já foram desenvolvidos para ajudar na comunicação desses alunos, contribuindo para seu avanço na aprendizagem.

O termo Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), de acordo Glennem (1997) é definido como outras formas de comunicação, além da modalidade oral, que englobam o uso de gestos; de língua de sinais; de expressões faciais; de pranchas de alfabeto; de símbolos pictográficos; de sistemas sofisticados de computador com voz sintetizada, dentre outros. Dessa forma, a comunicação é considerada alternativa quando o indivíduo não apresenta outra forma de comunicação e, considerada ampliada quando o indivíduo possui alguma forma de comunicação, mas essa não é suficiente para manter elos comunicativos e estabelecer trocas sociais.

Os alunos com paralisia cerebral apresentam severos distúrbios de expressão através da linguagem falada, o que pode comprometer o processo de ensino-aprendizagem. Então, o presente estudo, tem como objetivo precípua abordar a temática da Comunicação Alternativa e Ampliada como recurso facilitador ao aprendizado de alunos com paralisia cerebral, além de fornecer subsídios para que os professores reflitam sobre a importância de se apropriar de outras formas de comunicação no processo de inclusão educacional.

A estratégia metodológica consistiu-se em pesquisa bibliográfica através de livros, artigos científicos, teses e dissertações que abordam a temática em comento.

Por fim, trata-se de um estudo qualitativo estruturado em três sessões: na primeira faz algumas considerações acerca da linguagem e do discurso; na segunda aborda o conceito de paralisia cerebral, bem como a relação destes alunos com o processo de aprendizagem e na terceira apresenta a Comunicação Alternativa e Ampliada como recurso facilitador de aprendizagem para alunos com paralisia cerebral.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Linguagem e discurso: algumas considerações

Conforme aponta Citelli (1991) a construção do discurso, depende de reconhecer a natureza dos signos linguísticos, pois é da inter-relação dos signos que se produz a frase, o período e o texto. Nesse contexto, Ferdinand de Saussure leciona que todo signo possui dupla face, quais sejam o significante e o significado. O primeiro constituído no aspecto concreto do signo –

materialidade ou imagem acústica. O segundo, constituído por um conjunto sonoro, fônico³, que torna o signo audível ou legível. O significado, portanto, é o aspecto imaterial, conceitual do signo e que nos remete a determinada representação mental evocada pelo significante.

Emile Benveniste, um linguista francês, avança um pouco mais as discussões em torno da natureza e das funções do signo linguístico. Segundo o autor, a relação entre palavras e coisas não está apenas determinada pela arbitrariedade, mas também, pela necessidade. Podemos, então, inferir que as circunstâncias históricas, o mundo concreto, os anseios espirituais, ao longo de seus processos de desenvolvimento, foram criando a necessidade de nomeação dos objetos. A arbitrariedade seria uma espécie de segundo momento, precedida pela necessidade. Nesse sentido, o homem precisa nomear e o faz arbitrariamente, criando o símbolo a que chamamos de signo ou palavra.

De acordo com Fiorin (1990), a primeira função da linguagem não é ser representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas expressão da vida real. Nos domínios da linguagem, parecem não existir afirmações apenas positivas ou só negativas, mas afirmações complexas, simultaneamente positivas e negativas.

Assim, em um contexto amplo, a linguagem pode ser considerada como uma capacidade do ser humano de se inter-relacionar de forma inteligente e compreensível. Esta função nos permite compreender os comandos que nos são transmitidos através de impulsos visuais ou auditivos e elaborar respostas por auto iniciativa ou reacionais a partir de algum estímulo externo, quando também transmitimos o nosso sentimento.

Segundo a American Speech-Language-Hearing Association (ASHA, 1991), cerca de um em cada duzentos indivíduos é incapaz de se comunicar oralmente devido a diversos fatores: cognitivo, físico, neurológico e emocional. Neste grupo de pessoas é possível encontrar indivíduos com: deficiência física, sensorial, intelectual ou múltipla, transtorno do espectro autista entre outros. Mesmo com estes achados, no que diz respeito à paralisia cerebral, muitas vezes, as funções cognitivas estão preservadas. No entanto, ainda assim, no

³ Relativo ao som da fala.

contexto escolar e da saúde é possível observar um certo desconhecimento sobre o real potencial de crianças, de jovens e de adultos que não possuem fala articulada. Dessa maneira, são muitos os alunos que necessitam da Comunicação Alternativa e profissionais que precisam de formação nessa área (SCHIRMER, 2012).

2.2 Paralisia cerebral no contexto de aprendizagem

Little, em 1843, descreveu, pela primeira vez, a encefalopatia crônica da infância e a definiu como patologia ligada a diferentes causas e características, principalmente, pelo aparecimento de rigidez muscular. A Síndrome de Little, então, Em 1862, estabeleceu a relação entre esse quadro e o parto anormal. Freud, em 1897, sugeriu a expressão paralisia cerebral, para os achados de Little, que mais tarde foi consagrada por Phelps, ao se referir a um grupo de crianças que apresentavam transtornos motores, mais ou menos severos devido à lesão do sistema nervoso central, semelhantes ou não aos transtornos motores da Síndrome de Little (ROTTA, 2002).

O termo paralisia cerebral designa um grupo de afecções do sistema nervoso central da infância, que não tem caráter progressivo e que apresenta clinicamente distúrbios na motricidade, isto é, alterações do movimento, da postura, do equilíbrio e da coordenação com presença variável de movimentos involuntários.

Segundo Salter (1985), há muitas causas de paralisia cerebral e qualquer condição que leve a uma anormalidade do cérebro pode ser responsável. As causas mais comuns são o desenvolvimento congênito anormal do cérebro, particularmente do cerebelo; anóxia⁴ cerebral perinatal, especialmente quando associada com prematuridade; lesão traumática do cérebro, ao nascimento, geralmente decorrente do trabalho de parto prolongado, ou uso de fórceps⁵; eritroblastose por incompatibilidade do fator Rh; infecções cerebrais na fase inicial do período pós-natal. A maioria das crianças afetadas por paralisia cerebral apresenta transtornos do desenvolvimento da fala. Estes transtornos

⁴ Ausência ou diminuição da oxigenação no cérebro.

⁵ Instrumento cirúrgico utilizado para auxiliar no parto normal e facilitar a passagem da cabeça do bebê pelo canal vaginal.

costumam ser devidos a uma alteração dos aspectos motores-expressivos da linguagem, o que significa que na maioria dos casos a compreensão da linguagem é satisfatória. No entanto, algumas crianças e inclusive adultos, com paralisia cerebral, podem apresentar problemas tanto na expressão quanto na compreensão da linguagem em associação com deficiência intelectual (PUYUELO; PÓO; BRASIL; LE MÉTAYER, 2001).

Ao se considerar um processo de ensino aprendizagem formal, a legislação vigente ampara todas as crianças e os adolescentes, favorecendo-lhes direito à educação. A Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205, garante a educação à todas as pessoas e diz que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Corroborando, a Lei nº 9.394/96 que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece que:

Art. 2.º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3.º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Portanto, nenhuma criança que apresente dificuldades de aprendizagem ou qualquer outra limitação pode ficar aquém do aprendizado, devendo a escola, a família e o Estado acionar o poder público para que a Lei em vigor seja respeitada e que o educando tenha direito ao aprendizado dos conteúdos formais. Para as crianças que precisam de atendimento especializado a Lei também deve ser garantida, havendo diversos instrumentos jurídicos que favorecem a implementação de políticas públicas neste sentido.

A Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de Fevereiro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, traz também determinações acerca das crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais:

Art. 4º Como modalidade da Educação Básica, a educação especial considerará as situações singulares, os perfis dos estudantes, as características biopsicossociais dos alunos e suas faixas etárias e se

pautará em princípios éticos, políticos e estéticos de modo a assegurar:
I - a dignidade humana e a observância do direito de cada aluno de realizar seus projetos de estudo, de trabalho e de inserção na vida social

Quanto aos aspectos segregadores, no contexto escolar, é possível considerar, também, o modelo educacional competitivo. Crianças com comprometimentos motores importantes nem sempre são bem vindas aos grupos de trabalho em sala de aula. O entendimento equivocado pode inferir que as funções cognitivas somente se desenvolvem se o sistema motor funcionar bem. No entanto, nos casos de paralisia cerebral, as aparências costumam enganar. Muitas dessas crianças, costumam ter um desenvolvimento cognitivo compatível com sua faixa etária e uma ótima compreensão que os habilita a participar ativamente de diferentes contextos sociais, ressalvadas as dificuldades motoras que exigirão uma maior atenção (FRANCO; GUERRA, 2015).

Desta forma, retomando as discussões sobre a segregação de crianças com comprometimento motor, podemos pensar que, na sala de aula, muitas delas deixam de participar de atividades devido aos seus limites motores. Os educadores, seja por desconhecimento teórico ou por inexperiência prática, costumam reproduzir modelos aplicados em protocolos de referência e elaborar ações pedagógicas que podem não contribuir efetivamente para o processo de inclusão de crianças deficientes. No caso da paralisia cerebral, o aspecto motor acaba por se sobrepor ao possível potencial cognitivo que, muitas vezes, não é devidamente estimulado, ficando a criança apenas por ocupar um espaço cativo na sala de aula (FRANCO, 2007). Assim, lidar com a diversidade e com a diferença tem sido um desafio para os professores. O que é questionável, nesse processo, é a tendência da escola em resolver as dificuldades de aprendizagem apresentadas em razão da diversidade, por meio de soluções práticas e pouco teóricas e reflexivas acerca do processo de inclusão e de participação efetiva da criança com deficiência. É comum a reprodução de discursos prontos e de senso comum, como, por exemplo: “essa criança tem problema de coordenação”, “ele tem problema de cabeça”, como, também, discursos que justifiquem o não-aprender ou o não-fazer pedagógico adequado à situação e demanda da criança.

Os docentes costumam se sentir à vontade para, a partir de conhecimentos superficiais, dizer que determinadas crianças não aprendem porque têm deficiências. No caso da paralisia cerebral, muitas vezes, o comprometimento motor se torna déficit cognitivo e, por conseguinte, justificativa para que o não-aprender seja álibi para equívocos pedagógicos (FRANCO; GUERRA, 2015).

2.3 Tecnologia assistiva: a comunicação alternativa e ampliada (CAA) como recurso de aprendizagem na educação especial

A presença ou ausência de comunicação tem um importante impacto no desenvolvimento, aprendizado, independência e inclusão do indivíduo. Por isso, quando um aluno possui uma dificuldade severa na fala e/ou escrita, que são as modalidades comunicativas mais comumente usadas, é muito importante a utilização de meios facilitadores para alcançar este fim e assegurar que o educando possa representar seus pensamentos, necessidades, desejos, que possa expressar opiniões, pedir informações ou tirar dúvidas de algum modo, assegurando interações sociais e, conseqüentemente, a inclusão deste no meio em que vive.

Na escola, não só o contexto físico e social se alarga e se diferencia, mas também as expectativas do meio social se tornam mais exigentes, a dependência é menos tolerada, as regras implícitas de convivência ficam mais complexas e o suporte está menos disponível. A exposição ao julgamento é mais evidente e instiga a criança a corresponder às expectativas da família, do professor e dos companheiros (MARTURANO, 2004).

No que diz respeito ao processo de inclusão, a escola regular pode utilizar um recurso facilitador denominado de Comunicação Alternativa e Ampliada que oferece condições a uma melhor interação professor-aluno, permitindo a participação com mais efetividade nas atividades no ambiente escolar. O material tem por objetivo auxiliar professores de escolas regulares e/ou especiais em seu trabalho pedagógico.

Na literatura nacional, encontram-se várias publicações sobre as indicações de recursos às crianças com paralisia cerebral que visam favorecer o desempenho escolar.

Em publicações distribuídas pelo MEC, o uso de recursos de Comunicação Alternativa, um tipo de Tecnologia Assistiva (TA); de materiais e atividades adaptadas; de recursos de adequação postural; de computador e o planejamento arquitetônico são apontados como suporte ao processo de aprendizagem do aluno com deficiência física e auxiliares aos profissionais de educação na busca de soluções para minimizar limitações funcionais, motoras e sensoriais do aluno com deficiência física (GODÓI; GALASSO; MIOSSO, 2002).

Nesse cenário, uma tecnologia é considerada assistiva quando é utilizada por um aluno com deficiência e tem por objetivo romper barreiras sensoriais, motoras ou cognitivas que limitam/impedem seu acesso às informações ou limitam/impedem o registro e expressão sobre os conhecimentos adquiridos por ele; favorecer seu acesso e participação ativa e autônoma em projetos pedagógicos; possibilitar a manipulação de objetos de estudos e informar que, em alguns casos, sem este recurso tecnológico a participação ativa do aluno no desafio de aprendizagem seria restrito ou inexistente (RODRIGUES, 2019).

O uso da TA pelo professor em sala de recursos multifuncionais, é citada na Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica - CNE/CEB nº 4/2009 em seu art. 13, inciso VII, que determina entre suas várias funções a de “ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação”. Nesse sentido, as crianças com PC e que apresentam expressão oral e escrita afetadas, de forma significativa, podem ter estes problemas minimizados com a implementação do uso de uma Comunicação Alternativa que eleva a comunicação para além da modalidade oral. Para tal, a comunicação é considerada alternativa quando o indivíduo não apresenta outra forma de comunicação e, considerada ampliada quando o indivíduo possui alguma forma de comunicação, mas essa não é suficiente para manter elos comunicativos e estabelecer trocas sociais (ZAPOROSZENKO; ALENCAR, 2008).

Nesse sentido, o Comitê de Ajudas Técnicas do Brasil, define as tecnologias assistivas como:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com

deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (ATA VII – Comitê de Ajudas Técnicas – CAT, 2007).

No que diz respeito ao seu conteúdo, a Comunicação Alternativa e Ampliada possui uma gama de sistemas de sinais que se adaptam às necessidades particulares de cada usuário e do seu ambiente. Este sistema pode ser dividido em dois grandes grupos, chamados de sistemas sem auxílio e sistemas com auxílio. Os sistemas sem auxílio são aqueles que não requerem apoios técnicos e consistem, fundamentalmente, no uso de mímica, de gestos ou de sinais manuais. Os sistemas com auxílio são aqueles em que a pessoa utiliza sinais tangíveis como objetos, miniaturas, fichas de palavras, dentre outros, para comunicar-se. Neste caso, requer um auxílio técnico, ou seja, um suporte mecânico ou eletrônico que contenha os sinais e que permita que o usuário os selecione e os transmita com a finalidade de comunicação (PUYUELO; PÓO; BRASIL; LE MÉTAYER, 2001).

A partir do entendimento de que os educandos com paralisia cerebral apresentam dificuldades em realizar sinais manuais, os sistemas com auxílio costumam ser mais os adequados para o uso escolar e, também, em sua vida cotidiana.

O desenvolvimento de CAA e sua utilização pelo aluno com dificuldade na fala possibilita não apenas à escola, mas à família o acompanhamento do processo de evolução da aquisição de conhecimentos escolares, bem como as vantagens óbvias de um processo de comunicação em que os dois atores se entendem. Assim sendo, a participação da família durante o processo de seleção, de implementação e de utilização dos recursos de comunicação alternativa e/ou suplementar é fundamental para o processo de uso efetivo do recurso nas atividades escolares. O desenvolvimento de ajudas para comunicação alternativa é um processo do qual participam todos: o aluno, a escola, os professores, os pais e os familiares. Todos devem ser parceiros potenciais para a comunicação. Dessa forma, os recursos a serem implementados necessitam de cooperação de todos os envolvidos nesse processo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem, forma de comunicação desenvolvida na interação social, representa um dos mais importantes marcos do desenvolvimento infantil.

A partir do estudo, foi possível concluir que é possível utilizar recursos facilitadores de aprendizagem e de interação social para alunos com dificuldades motoras na fala, através do recurso de Comunicação Alternativa e Ampliada, pois esta pode compensar limitações, auxiliar e possibilitar uma comunicação mais efetiva entre pares, no contexto educacional e, também, familiar/social. Dessa forma, se o aluno com paralisia cerebral não é capaz de estabelecer uma comunicação na forma oral com os outros, poderá ser estimulado o uso de gestos, de expressões faciais, de símbolos gráficos (escrita, desenhos, gravuras e fotografias) e, dessa maneira, possibilitar um meio de comunicação – que é alternativa.

No contexto da educação especial, os benefícios advindos da Comunicação Alternativa e Ampliada são inquestionáveis podendo ser, muitas vezes, a única forma para promover a interação social.

Neste cenário, observou-se, também, que o professor deve e pode procurar meios alternativos para suprir as necessidades e as peculiaridades de cada indivíduo, buscando estratégias que estimulem as habilidades dos alunos com distúrbios da linguagem falada, minimizando problemas no processo de aprendizagem, possibilitando um melhor aproveitamento educacional, além de melhorar a qualidade na interação social no ambiente escolar e familiar.

Por fim, considera-se importante que o professor em sua formação inicial e continuada possa adquirir conhecimentos básicos sobre a educação especial, além de acesso às novas tecnologias e aos novos recursos facilitadores do processo de ensino e de aprendizagem. A ausência de conhecimento, por parte dos docentes, acerca desse método alternativo pode dificultar a interação professor-aluno, considerada salutar no processo educacional, bem como frustrar o aluno quanto a sua possibilidade de interação com seus pares na comunidade escolar, aflorando dificuldades não somente educacionais, mas de ordem psicossocial.

REFERÊNCIAS

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION - ASHA. Position statement on nonspeech communication. v.23, p. 577-581, 1991.

BERSCH, Rita. Recursos Pedagógicos Acessíveis. Tecnologia Assistiva (TA) e Processo de Avaliação nas Escolas. p. 2, 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br>. Acesso em 09 jun. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 09 jun. 2022.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Resolução CNE/CEB nº 02/2001. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/Seesp, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Resolução CNE/CEB Nº 04 de 2 de outubro de 2009. Brasil. 2009b. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 10 jun. 2022.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos pedagógicos adaptados. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2022.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial Dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional Para Integração Da Pessoa Portadora De Deficiência. Ata VII Reunião Do Comitê De Ajudas Técnicas – CAT Corde / Sedh /Pr Realizada Nos Dias 13 e 14 de Dezembro de 2007.

CITELLI, Adilson. Linguagem e Persuasão. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Ana Rosimeri Araújo da; CORDEIRO, Elaine Tavares. Percursos e percalços no uso da comunicação aumentativa e alternativa. 2017. 1º Seminário Luso-brasileiro de educação inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-2/completo-4.pdf>. Acesso em: 10 jun.2022.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 1990.

FRANCO, Creso. Qualidade e equidade em educação: reconsiderando o significado de “fatores intraescolares”. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. [online], v. 15, n. 55, p. 277-298, abril 2007.

FRANCO, Marco Antônio; GUERRA, Leonor Bezerra. O ensino e a aprendizagem da criança com paralisia cerebral: ações pedagógicas possíveis no processo de alfabetização. Revista Educação Especial, v. 28 n. 52. p. 311-32 maio/ago. 2015. Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GODÓI, Ana Maria; GALASSO, Roberta; MIOSSO, Sônia Maria Pinc. Educação infantil: saberes e práticas da inclusão- dificuldades de comunicação e sinalização - deficiência física. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 06 jun.2022.

GLENNEN, Sharon. (1997) Introduction to augmentative and alternative communication. Sharon Glennen & Denise DeCoste (Eds). The handbook of augmentative and alternative communication, (pp. 3-20). San Diego, Singular.

GOMES, Vera Lúcia. Comunicação alternativa como possibilidade de inclusão educacional e interação com o ambiente. UFMS: Campo Grande, 2018.

ISSLER, Solange. Articulação e Linguagem. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

MARTURANO, Edna Maria. Fatores de risco e proteção no desenvolvimento sócio emocional de crianças com dificuldade de aprendizagem: Temas em educação especial avanços recentes. São Carlos: Ed. Eduscar, 2004.

PUYUELO, Miguel; PÓO, Pilar; BRASIL, Carmem; LE MÉTAYER, Michel. A Fonoaudiologia na Paralisia Cerebral: Diagnóstico e Tratamento. São Paulo: Santos Livraria e Editora, 2001.

ROTTA, Newra Tellechea. Paralisia Cerebral: novas perspectivas terapêuticas. Jornal de pediatria: Rio de janeiro, 2002.

SALTER, Robert. Distúrbios e Lesões do Musculo Esquelético. São Paulo: Medsi, 1985.

SCHIRMER, Carolina Rizzotto. Comunicação Alternativa e Formação Inicial de Professores para a Escola Inclusiva. Tese de Doutorado em Educação. 215f. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

RODRIGUES, Leandro. Tecnologia Assistiva: o que é e como aprender sem saber informática. 2019. Disponível em: <http://institutoitard.com.br>. Acesso em: 11 jun.2022.



ZAPOROSZENKO, Ana. ALENCAR, Gizeli Aparecida Ribeiro. Comunicação Alternativa e Paralisia Cerebral: Recursos Didáticos e de Expressão. Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Paraná. 2008, p. 6. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br>. Acesso em: 10 jun. 2022.



O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DA LINGÜÍSTICA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS¹

THE INTERDISCIPLINARY CHARACTER OF LINGUISTICS: POSSIBLE DIALOGUES

EL CARÁCTER INTERDISCIPLINARIO DE LA LINGÜÍSTICA: POSIBLES DIÁLOGOS

Rejane Santos Nonato²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

A linguística é definida como a ciência que se ocupa em estudar a linguagem. Como tal, ela se desdobra em observar os mecanismos de funcionamento das línguas naturais. Nessa tarefa, a linguística vem precisando dialogar com muitas outras ciências, o que a torna interdisciplinar por natureza. Este artigo tem o objetivo de demonstrar o caráter interdisciplinar da linguística por meio da descrição de suas principais correntes. Os autores que nos ajudaram nessa empreitada foram Fiorin (2008), Fazenda (2008) e Valandro et al. (2017) que buscam esclarecer o conceito de interdisciplinaridade. Trata-se de um estudo bibliográfico que se vale dos conceitos apresentados em um livro elaborado para introduzir os princípios básicos em linguística para alunos de graduação em Letras. Como resultados, constatamos o potencial interdisciplinar da linguística que mantém diversos diálogos com diferentes áreas por meio de suas correntes teóricas.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Linguagem; Linguística.

Abstract

Linguistics is defined as the science concerned with the study of language. As such, it goes about observing the mechanisms of how natural languages function.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 06 - Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões. do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestre em Letras pela UFPA. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: rejanenonato@yahoo.com. <https://orcid.org/0000-0001-6694-2779>

³ Doutora em Psicologia pela UFPA e professora permanente do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>

In this task, linguistics has had to dialogue with many other sciences, which makes it interdisciplinary by nature. This article aims to demonstrate the interdisciplinary character of linguistics through the description of its main currents. The authors who helped us in this task were Fiorin (2008), Fazenda (2008), and Valandro et al. (2017) who seek to clarify the concept of interdisciplinarity. It is a bibliographical study that uses the concepts presented in a book designed to introduce the basic principles in linguistics for undergraduate students in Letters. As a result, we verified the interdisciplinary potential of linguistics, which maintains several dialogues with different areas through its theoretical currents.

Keywords: Interdisciplinarity; Language; Linguistics.

Resumen

La lingüística se define como la ciencia que se ocupa del estudio del lenguaje. Como tal, se esfuerza por observar los mecanismos de funcionamiento de las lenguas naturales. En esta tarea, la lingüística ha tenido que dialogar con muchas otras ciencias, lo que la hace interdisciplinaria por naturaleza. Este artículo pretende demostrar el carácter interdisciplinar de la lingüística describiendo sus principales corrientes. Los autores que nos ayudaron en este empeño fueron Fiorin (2008), Fazenda (2008) y Valandro et al. (2017) que buscan aclarar el concepto de interdisciplinariedad. Se trata de un estudio bibliográfico que se basa en los conceptos presentados en un libro diseñado para introducir los principios básicos en la lingüística para los estudiantes de grado en Literatura. Los resultados muestran el potencial interdisciplinario de la lingüística, que mantiene varios diálogos con diferentes áreas a través de sus corrientes teóricas.

Palabras clave: Interdisciplinariedad; Lengua; Lingüística.

1. INTRODUÇÃO

A linguística ganhou o caráter de ciência autônoma a partir dos estudos do pesquisador suíço Ferdinand de Saussure. No entanto, a autonomia da linguística não fez dela uma ciência completamente dissociada das demais ciências. Muito pelo contrário. A partir de Saussure, a linguística começou a se desenvolver em uma perspectiva mais ampla, o que exigiu dos pesquisadores nessa área que dialogassem com pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, para assim, encontrar explicações para os fenômenos de linguagem.

A pesquisa desenvolvida neste trabalho objetivou demonstrar o potencial interdisciplinar da linguística. Para tanto, partimos das descrições das principais

correntes teóricas da linguística moderna. Neste propósito, tomamos mão de alguns dos conceitos apresentados no livro “Manual de Linguística”, organizado por Mário Eduardo Martelotta e publicado pela editora Contexto no ano de 2016.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: faremos um apanhado a respeito das diferentes formas de fazer científico para em seguida conceituar interdisciplinaridade e apresentar os resultados que comprovam o caráter interdisciplinar da linguística.

2. O FAZER CIENTÍFICO E A INTERDISCIPLINARIDADE

Antes de discorrermos sobre o conceito de interdisciplinaridade em si, parece-nos interessante começar este trabalho apresentando os dois paradigmas do fazer científico.

De acordo com Fiorin (2008, p. 32), “há dois tipos fundamentais de fazer científico: o da exclusão e o da participação, ou, em outras palavras, o da triagem e o da mistura”. Este autor pontua ainda que até meados do século XVII o fazer científico regido pelo princípio da mistura predominava. Segundo ele, não havia nessa época uma delimitação bem clara entre as áreas do conhecimento. Desta forma, o século XVII ficou caracterizado por um fazer científico interdisciplinar. A mistura, isto é, a interdisciplinaridade, foi perdendo força no século XVIII, momento em que o fazer científico passou a ser regido pelo princípio de triagem que se caracteriza pela definição de objetos precisos e pela decomposição desses objetos em elementos menores. A partir desse momento, as atividades científicas começaram a sofrer um processo de especialização, o que ficou caracterizado pelo estabelecimento de fronteiras entre uma área e outra. Sobre isso, Fiorin (2008, p. 33), nos diz ainda que “esse movimento de triagem chegou a seu apogeu no século XIX e atingiu dimensões alarmantes no século XX, com especializações cada vez mais restritas, mais particulares”.

Para Fiorin (2008), a especialização do fazer científico é danosa na medida em que ela cria um ambiente de concorrência entre os grupos de pesquisa que agora trabalham secretamente, guardando suas descobertas como um verdadeiro tesouro. Assim também como a especialização não favorece o desenvolvimento científico como um todo, uma vez que o trabalho

realizado pelo especialista permite com que a ciência se desenvolva apenas dentro de sua área.

Para demonstrar a importância do trabalho interdisciplinar para o desenvolvimento da ciência, Fiorin (2008) cita Durand (1991) que discorre a respeito da formação pluridisciplinar dos grandes criadores da humanidade do século XIX e início do século XX – nomes como Curie, Pasteur, Niels Bohr e Einstein. Neste sentido, a história registra a importância de uma formação menos especializada e mais interdisciplinar para o desenvolvimento de uma mente criadora e brilhante. Assim, se faz necessário aprender a olhar interdisciplinarmente para as coisas, mas, para tanto, é necessário entender o que significa de fato interdisciplinaridade.

O termo interdisciplinaridade popularizou-se nos últimos anos. No âmbito educacional, já há bastante tempo os documentos oficiais vêm advogando por uma prática pedagógica interdisciplinar que possibilite uma aprendizagem mais integrativa. Por outro lado, ainda se percebe uma confusão na hora de empregar este termo, confusão esta ocasionada pela existência de outros termos que compartilham com este, muitas similaridades. Fala-se hoje, por exemplo, em interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade. Para desenvolver um trabalho interdisciplinar é necessário entender as diferenças entre esses termos.

De acordo com Fiorin (2008, p. 37), os prefixos “multi” e “pluri” são equivalentes no português atual, apresentando, assim, o mesmo significado.

Na multidisciplinaridade (ou pluridisciplinaridade), várias disciplinas analisam um dado objeto, sem que haja ligação necessária entre essas abordagens disciplinares. O que se faz é pôr em paralelo diferentes maneiras de enfocar um tema, que são coordenadas com vistas ao conhecimento global de uma determinada matéria.

Para Fiorin (2008), portanto, não há distinções reais entre os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, pois em ambos os casos um mesmo tema é estudado por várias disciplinas sem que uma mantenha contato com a outra. Como exemplo, ele nos apresenta o tema “energia”, que pode ser discutido por várias disciplinas diferentes sem que de fato uma mantenha relação com a outra.

Uma vez que multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade correspondem ao mesmo conceito, cabe-nos estabelecer a diferença entre multi/pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade. Para diferenciar esses dois conceitos, Valandro *et al.* (2017, p. 31), retomando o trabalho de Pires (1998), nos dizem o seguinte:

na multidisciplinaridade, as disciplinas do currículo de uma determinada escola e os profissionais que nela atuam desenvolvem seu trabalho de maneira próxima, mas nunca conjunta, ou seja, cada qual atua em sua área de formação sem promover interação nenhuma entre as áreas do conhecimento. Já a interdisciplinaridade, ainda segundo a mesma autora, possibilita a desfragmentação das disciplinas escolares mediante a colaboração de duas ou mais disciplinas para a construção do conhecimento. Isto é, a interdisciplinaridade ainda não abandona a questão do estabelecimento de disciplinas no ambiente escolar, mas faz com que elas interajam entre si no intuito de resolver um dado problema por meio de discussão e construção conjunta de soluções.

Neste sentido, a palavra de ordem que estabelece a distinção entre esses dois termos é “interação”. Sobre isso, Fiorin (2008, p. 39) nos diz que “a interdisciplinaridade pressupõe uma convergência, uma complementaridade, o que significa, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e de metodologias e, de outro, a combinação de áreas”. Para Fiorin (2008, p. 39),

Poderíamos dizer que temos, basicamente, duas práticas interdisciplinares: a) transferência, que é a passagem de conceitos, metodologias e técnicas desenvolvidos numa ciência para outra; b) intersecção, em que duas ou mais disciplinas se cruzam para tratar de determinados problemas. Como se vê, a interdisciplinaridade não pressupõe a diluição das fronteiras disciplinares num ecletismo frouxo.

De acordo com Fiorin (2008), há duas maneiras de construir interdisciplinaridade: pode-se adotar métodos e técnicas de uma área, ou pode-se interagir com ela para criar conhecimento novo.

Fazenda (2008, p. 238), por sua vez, nos diz o seguinte:

O pensar interdisciplinar parte do pressuposto de que nenhuma linha de raciocínio é completamente absoluta ou contínua. Abrir-se a outras metodologias é possibilitar formas diferentes de aprendizagem, sendo que o saber individual quando abordado em conjunto, forma preceitos sociais que moldam a sociedade.

Neste sentido, a interdisciplinaridade possibilita novas aprendizagens, resultantes da interação de diferentes campos do saber. Estas novas aprendizagens permitirão conseqüentemente o desenvolvimento da sociedade numa perspectiva mais integradora.



3. O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DA LINGUÍSTICA

No presente tópico, iremos demonstrar o caráter interdisciplinar da linguística a partir de suas abordagens teóricas. Para tanto, valemo-nos das discussões presentes no livro “Manual de Linguística”, organizado por Mário Eduardo Martelotta e publicado no ano de 2016 pela editora Contexto.

No capítulo intitulado “Linguística”, Cunha, Costa e Martelotta (2016) definem a linguagem como uma capacidade eminentemente humana e a linguística como a ciência que estuda essa capacidade a partir de sua organização em línguas naturais. Para esses autores, a linguagem, enquanto objeto de observação da linguísticos, se caracteriza por ser (a) uma técnica articulatória complexa; (b) uma base neurobiológica composta de centros nervosos que são utilizados na comunicação verbal; (c) uma base cognitiva que rege a relação entre o homem e o mundo biossocial e, conseqüentemente a simbolização ou representação desse mundo em termos linguísticos; (d) uma base sociocultural que atribui à linguagem humana os aspectos variáveis que ela apresenta no tempo e no espaço; e (e) uma base comunicativa que fornece os dados que regulam a interação entre os falantes.

A partir dessas características da linguagem podemos depreender o seu caráter interdisciplinar, que se relaciona com a biologia na constituição do aparelho fonador, com a neurociência pela observação da relação linguagem e cérebro humano, com a cognição na relação mente e linguagem, com a sociologia e a antropologia, uma vez que a linguagem se organiza e se estrutura a partir de uma organização social, e com a comunicação, posto que a linguagem promove interação.

Cunha, Costa e Martelotta (2016) ainda buscam demonstrar o caráter científico da linguística. Neste sentido, eles discorrem a respeito das abordagens e métodos que fazem da linguística uma ciência autônoma. No entanto, eles esclarecem que a autonomia da linguística não significa que essa ciência trabalhe em isolamento. Ao tratar da relação da linguística com as demais ciências, os autores nos dizem que esta relação é por vezes tão íntima que nem

sempre conseguimos enxergar os limites entre uma e outra. De acordo com eles, há duas faces de relação entre a linguística e as demais ciências. Vejamos:

Por um lado, essa relação é de interface: ciências que não tem a linguagem como seu objeto de estudo específico passam a se interessar por ela, porque a linguagem faz parte de alguns aspectos do seu objeto de estudo. Ou seja, quando falamos em interfaces, nos referimos a pontos de interseção entre a linguística e outras ciências. A sociologia, por exemplo, se interessa pelo estudo da linguagem, uma vez que a vida em sociedade só é possível em função da comunicação entre os indivíduos. Outros exemplos podem ser vistos na filosofia, que se ocupa da natureza da relação entre linguagem e realidade, e na psicologia, que, estudando o funcionamento da mente, interessa-se por essa habilidade essencialmente humana que é a linguagem.

Por outro lado, essa relação é de proximidade ou semelhança: linguística, gramática tradicional, filologia e, em menor grau, semiologia estudam específica e exclusivamente a linguagem, diferindo na concepção que possuem da natureza da linguagem, do foco que dão aos seus diferentes aspectos, dos objetos a que se propõem e da metodologia que adotam (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2016, p. 22).

Percebe-se que as duas faces descritas por Cunha, Costa e Martelotta (2016) se assemelham à diferença entre interdisciplinaridade e multidisciplinaridade discutidas por Valandro *et al.* (2017). A relação de interface que promove a intersecção entre disciplinas é exatamente aquilo que eles classificaram como interdisciplinaridade, enquanto a relação de proximidade descrita aqui enquadra-se perfeitamente no conceito de multidisciplinaridade.

Para finalizar, Cunha, Costa e Martelotta (2016, p. 27) nos falam a respeito das aplicações dos estudos linguísticos. Neste ponto, eles nos apresentam a linguística aplicada como “uma abordagem multidisciplinar para a solução de problemas associados à linguagem”. De acordo com eles,

a linguística aplicada não está preocupada em descrever a linguagem em si mesma e, portanto, busca conhecimento também em uma variedade de outras ciências sociais, indo da antropologia, teoria educacional, psicologia e sociologia até a sociologia da aprendizagem, a sociologia da informação, a sociologia do conhecimento, etc. É portanto um campo interdisciplinar (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2016, p. 27).

Como podemos ver, na tentativa de solucionar problemas de linguagem, a linguística aplicada se associa a uma série de outras ciências sociais, o que fez dela um campo interdisciplinar por natureza.

É interessante destacar que Cunha, Costa e Martelotta (2016) não fazem distinção entre os conceitos ‘multidisciplinar’ e ‘interdisciplinar’, ora chamando a linguística aplicada de ‘uma abordagem multidisciplinar’, ora a classificando como ‘um campo interdisciplinar’. Uma vez que a linguística aplicada interage com outros campos do saber com o propósito de encontrar soluções para problemas de linguagem, esta se caracteriza de fato como um campo de atuação interdisciplinar, posto que a multidisciplinaridade implica falta de interação.

Mais adiante, no capítulo “Motivações pragmáticas”, Victoria Wilson (2016) nos diz que “a pragmática linguística está afiliada à filosofia, mais precisamente à filosofia da linguagem, ao pragmatismo filosófico e à semiótica; nasce com a ideia de signo, ou melhor, das relações que os signos estabelecem em vários âmbitos” (p. 88). Logo depois, ela completa: “assim como a filosofia, a pragmática também recebeu contribuições importantes da antropologia, da psicologia, da sociologia, da sociolinguística” (p. 89). Temos aqui, mais uma vez, a linguística interagindo com outras ciências, o que comprova o seu caráter interdisciplinar.

No capítulo intitulado “Estruturalismo”, Marcos Antonio Costa (2016, p. 114) aponta que, na teoria Saussuriana, a língua é definida como um sistema de signos: “um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente”. Quando Saussure classifica a língua como um sistema, ele adota um modelo já difundido em outras ciências (sistema solar, sistema respiratório, sistema digestivo etc.) para promover o caráter científico da linguística. Percebemos aqui uma interdisciplinaridade, uma vez que a transposição de método de uma disciplina para outra é uma das formas do fazer interdisciplinaridade tal qual nos apresentou Fiorin (2008).

Costa (2016) nos fala ainda que os linguistas estruturalistas da escola de Bloomfield desenvolveram seus trabalhos a partir do método da decomposição: o texto se divide em frases, as frases em sintagmas, os sintagmas em palavras, as palavras em morfemas, os morfemas em fonemas até chegar nos fones, menor unidade linguística, desprovida de significação. O método baseado na decomposição ficou conhecido como análise em constituintes imediatos. Ele em muito se assemelha com o método de pesquisa utilizado pelas ciências naturais,

no qual a célula é a menor unidade do corpo humano, o átomo da matéria etc. Mais uma vez, encontramos os linguistas estruturalistas adotando métodos de outras ciências.

De acordo com Costa (2016), o estruturalismo americano, que tem como principal nome o linguista Leonard Bloomfield, apoiou-se na psicologia behaviorista para a formulação de uma teoria mecanicista de linguagem⁴. Corroborando com Costa (2016), Kennedy (2016, p. 128) diz que

Para os behavioristas, dentre os quais se destacava o linguista norte-americano Leonard Bloomfield [e ao contrário da perspectiva skinnerianas], a linguagem humana era interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o organismo humano produzia mediante os estímulos que recebia da interação social. Essa resposta, a partir da repetição constante e mecânica, seria convertida em hábitos, que caracterizariam o comportamento linguístico de um falante.

Percebemos, assim, a forte influência da psicologia behaviorista que se afasta da proposta de Skinner sobre a construção do modelo estruturalista de análise linguística, o que nos revela mais um ponto de interdisciplinaridade, uma vez que temos aqui a apropriação de conceito de uma área para outra – neste caso, da psicologia para a linguística.

Posterior aos estudos estruturalistas, seguem os achados gerativistas. A linguística gerativa, tal qual descrita por Eduardo Kennedy (2016) no capítulo “Gerativismo”, apresenta um modelo teórico baseado na matemática.

Ao longo desse meio século, o gerativismo passou por diversas modificações e reformulações, que refletem a preocupação dos pesquisadores dessa corrente em elaborar um modelo teórico formal, inspirado na matemática, capaz de descrever e explicar abstratamente o que é e como funciona a linguagem humana (KENNEDY, 2016, p. 127).

⁴ Devemos ressaltar que o behaviorismo radical skinneriano enfatizam o papel ativo do ser humano ao modificar o contexto em que se encontra, gerando consequências que passam a alterar, de modo probabilístico, seu próprio fazer. É assim que o mundo em que vivemos é criação nossa, e não agente que oprime a nossa vontade. Ao contrário da proposta que liberta o ser humano de reducionismos, o behaviorismo clássico, de Watson, e o behaviorismo contemporâneo ao de Skinner, que ele denominou de metodológico, são exemplos da proposição “S – R”, segundo a qual o ser humano apenas reage a estímulos ambientais, em um modelo mecanicista de explicação do comportamento (SKINNER, 1974).

Corroborando com Kennedy (2016), Martelotta e Palomanes (2016, p. 178) afirmam:

A hipótese da autonomia da sintaxe tem relação com uma abordagem matemática das línguas. O gerativismo, tendo base racionalista, busca na matemática – que é uma forma de razão transcendental – a descrição dos processos mecânicos de manipulação de símbolos abstratos que se refletem na sintaxe das línguas. Em termos mais gerais, a linguagem é vista como um sistema formal interpretado no sentido lógico, isto é, as expressões são construídas por um sistema de regras exclusivamente formais que são posteriormente investidas de significação.

As citações acima demonstram que a linguística gerativa adotou métodos matemáticos para a formulação de sua teoria, comprovando assim a existência de interdisciplinaridade entre a linguística e a matemática.

O linguista gerativista de maior destaque é Noam Chomsky. Chomsky (1998) postula que todo ser humano é dotado da faculdade de linguagem que, segundo ele, é o resultado de um dispositivo inato, de uma capacidade genética de nossa espécie, pertencente à biologia do cérebro. Sobre isso, Kennedy (2016, p. 129) nos diz que “com o gerativismo, as línguas deixam de ser interpretadas como um comportamento socialmente condicionado e passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural. A morada da linguagem passa a ser a mente humana”. Nesse sentido, o gerativismo apresenta uma estreita relação com o cognitivismo, ou ciências cognitivas. Vejamos:

a linguística gerativa propõe-se a analisar a linguagem humana de uma forma matemática e abstrata (formal), que se afasta bastante do trabalho da gramática tradicional, da linguística estrutural e da sociolinguística, e se aproxima da linha interdisciplinar de estudos da mente humana conhecida como *ciências cognitivas* (KENNEDY, 2016, p. 130).

De acordo com Kennedy (2016), os gerativistas estão mais próximos dos cognitivistas do que dos gramáticos, estruturalistas e sociolinguistas.

No capítulo seguinte, intitulado “Sociolinguística”, Cezario e Votre (2016, p. 141) definem a sociolinguística como a área da linguística “que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. De acordo com esses autores, por considerar a língua como uma instituição social, a sociolinguística não pode estudá-la independentemente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas. Eles pontuam ainda que

Dell Hymes (1977), como antropólogo, concebe a sociolinguística como um campo que inclui contribuição de várias disciplinas, como a sociologia, a linguística, a antropologia, a educação, a poética, o folclore e a psicologia. Enfatiza que, apesar de englobar tantas áreas, a sociolinguística é uma disciplina autônoma, pois seu objetivo final é diferente dos objetivos de cada uma das disciplinas citadas. Interessa-lhe identificar, descrever e interpretar as variáveis que interferem na variação e mudança linguística (CEZARIO; VOTRE, 2016, p. 146).

A citação acima demonstra que a sociolinguística se relaciona com várias outras disciplinas, comprovando mais uma vez o caráter interdisciplinar da linguística.

Em capítulo posterior, Cunha (2016, p. 157) faz um apanhado a respeito da corrente linguística que ficou conhecida como funcionalismo. De acordo com essa autora, o funcionalismo é uma abordagem de estudo que concebe “a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre língua e sociedade”. Neste sentido, a abordagem funcionalista interpreta o fenômeno de linguagem humana a partir de seu viés interativo. Para os funcionalistas, a capacidade de linguagem é o resultado de uma capacidade cognitiva somada à experiência linguística da criança, resultante, por sua vez, de sua interação com os membros de sua comunidade de fala. Neste sentido, essa autora evidencia a relação entre os estudos funcionalistas e a psicologia sociointeracionista que compreende a aprendizagem como o resultado da interação social da criança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou demonstrar o caráter interdisciplinar da linguística por meio da descrição de suas principais correntes. A análise comprova que a linguística, enquanto ciência da linguagem, classifica-se como um campo interdisciplinar por natureza. Suas correntes se construíram a partir da interação com diferentes campos do conhecimento. Essa interação se deu ora por meio da adoção de métodos e técnicas de outras áreas (como fez o estruturalismo, que adotou métodos de pesquisa utilizados pelas ciências humanas e sociais, e o gerativismo, que construiu seu modelo teórico a partir de modelos matemáticos), ora pela apropriação de conceitos teóricos de diferentes



áreas, como tem feito a linguística aplicada, a pragmática, o próprio estruturalismo, o gerativismo, a sociolinguística, o funcionalismo etc.

Neste sentido, a autonomia da linguística não pressupõe um trabalho em isolamento. Muito pelo contrário. Este estudo demonstrou que, ao longo do tempo, a linguística tem buscado dialogar com diferentes áreas na árdua tarefa de explicar esse mecanismo tão complexo chamado linguagem humana.

5. REFERÊNCIAS:

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

FIORIN, J. L. Linguagem e interdisciplinaridade. **ALEA**, v. 10, n. 1, p. 29-53, 2008.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

VALANDRO, J. M. et al. Letramento digital: práticas interdisciplinares através da tela do computador. **Revistax**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 28 - 46, 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SKINNER, B. F. **About behaviorismo**. New York: Alfred A. Knopf, 1974.



SABERES CULTURAIS E CIENTÍFICOS: AS TRANSVERSALIDADES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO¹

CULTURAL AND SCIENTIFIC KNOWLEDGE: TRANSVERSALITIES IN FIELD EDUCATION

CONOCIMIENTOS CULTURALES Y CIENTÍFICOS: TRANSVERSALIDADES EN LA EDUCACIÓN DE CAMPO

Jefferson Luis da Silva Cardoso²

Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

O estudo é parte integrante do corpus teórico da tese de doutorado em desenvolvimento sobre a Formação de Professores da Educação do Campo Ribeirinha de Belém do Pará. O objetivo é analisar a percepção de professores sobre saberes culturais e científicos presentes na educação do campo e sua transversalidade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A metodologia tem abordagem qualitativa, investida bibliográfica e uso de questionário semiaberto para coleta das informações. A análise interpretativa foi usada na reflexão das impressões dos investigados. Como resultado principal foi possível perceber que as participantes têm claro o papel da transversalidade dos saberes científicos e culturais trabalhados em sala de aula para o ensino e aprendizagem de seus alunos. Na conclusão, é oportuna e viva, a reivindicação por uma política educacional efetiva de formação de professores direcionada à realidade do campo, ainda distante no Brasil.

Palavras-chave: Educação do campo; Saberes Culturais; Saberes Científicos; Transversalidade de saberes.

Abstract

The study is an integral part of the theoretical corpus of the doctoral thesis in progress on the Training of Teachers of Education in Campo Ribeirinha de Belém/PA. The objective is to analyze teachers' perception of cultural and scientific knowledge present in rural education and its transversality in the teaching and learning process of students. The methodology has a qualitative approach, bibliographic research and use of a semi-open questionnaire to collect information. Interpretive analysis was used to reflect on the impressions of those investigated. As a main result, it was possible to perceive that the

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho, ST3 - Transversalidade em Tessitura com as pesquisas científicas em áreas da Comunicação, Linguagem, Cultura, Educação, Povos Originários e Comunidades Tradicionais, Relações de Gênero, Etc., do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Doutorando do PPGCLC e professor da Universidade Federal Rural da Amazônia.

3 Doutora em Psicologia pela UFPA e Professora titular do PPGCLC e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia.



participants are clear about the role of the transversality of scientific and cultural knowledge worked in the classroom for the teaching and learning of their students. In conclusion, the demand for an effective educational policy for teacher training aimed at the reality of the countryside, still distant in Brazil, is timely and lively.

Keywords: Field education; Cultural Knowledge; Scientific Knowledge; Transversality of knowledge.

Resumen

El estudio es parte integral del corpus teórico de la tesis doctoral en curso sobre la Formación de Profesores de Educación en el Campo Ribeirinha de Belém/PA. El objetivo es analizar la percepción de los docentes sobre los saberes culturales y científicos presentes en la educación rural y su transversalidad en el proceso de enseñanza y aprendizaje de los estudiantes. La metodología tiene un enfoque cualitativo, investigación bibliográfica y uso de un cuestionario semiabierto para recolectar información. Se utilizó el análisis interpretativo para reflexionar sobre las impresiones de los investigados. Como principal resultado, se pudo percibir que los participantes tienen claro el papel de la transversalidad de los saberes científicos y culturales trabajados en el aula para la enseñanza y aprendizaje de sus estudiantes. En conclusión, la demanda de una política educativa eficaz para la formación de profesores dirigida a la realidad del campo, aún lejana en Brasil, es actual y viva.

Palabras llave: Educación rural; Conocimiento cultural; El conocimiento científico; Transversalidad del conocimiento.

1 INTRODUÇÃO

A educação como prática social secular carrega uma vasta manifestação de conhecimentos, saberes e práticas que se moldam a partir das mudanças sociais, excepcionalmente, pós-revolução industrial do século XVIII. As sociedades modernas elevam as exigências por mão de obra qualificada e profissional, para assumir os diversos postos de trabalho mundo a fora e que exigiu uma nova realidade à escola – a instrução cidadã e profissional. O conhecimento científico, agora visto como mais elaborado, confronta-se com os saberes locais, específicos de cada grupo social, resistem à escala da modernidade.

Nesse debate, saberes científicos e saberes culturais entrelaçam suas finalidades: àqueles direcionados ao conhecimento mais elaborados e fruto da evolução das sociedades contemporâneas. Assim, estes são voltados à

perpetuação da tradição passada de geração a geração, nas comunidades chamadas de tradicionais existentes, por exemplo, na Amazônia. Contudo, é na escola do campo que eles são evidenciados e caminham juntos no ensino e na aprendizagem dos atores sociais ali presentes os saberes científicos trazidos pelos professores e os saberes culturais que chegam às salas de aula por meio do aluno e de sua comunidade, na ousada transversalidade de saberes.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a percepção de professores sobre saberes culturais e científicos presentes na educação do campo e sua transversalidade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a partir da prática pedagógica do professor do campo.

2 SABERES CIENTÍFICOS E SABERES CULTURAIS: AS MARCAS DE UM ESPAÇO-TEMPO DE APRENDER NA ESCOLA DO CAMPO

O fenômeno educacional é diverso em sua essência, suas manifestações são o reflexo do lugar onde acontecem: seja em casa, nas diferentes religiões, nas crenças particulares, nas associações sociais e em outros tantos espaços em que o ensinar e o aprender sejam o foco para evolução social. Na história da humanidade os conhecimentos, saberes e práticas sociais têm revelado a contribuição das diferentes perspectivas de ciência para a consolidação da educação institucionalizada.

Assim, nessa discussão caberá uma breve análise da ciência e suas transversalidades pelos saberes científicos e culturais que estão presentes na educação em seus diferentes níveis e modalidades, a destacar, a educação campesina como singular na região Amazônia brasileira. Na escalada do saber elaborado no mundo é importante perceber que a ciência não pode ser vista como uma coleção de leis, fatos que não se relacionam, mas uma criação da mente do homem, com conceitos e ideias livres para mostrar que as teorias atravessam a realidade e as impressões subjetivas individuais (EINSTEIN; INFELD, 1976).

No processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a formação humana não poderá acontecer somente pelo discurso, mas pela construção de um

repertório de conhecimentos e saberes que lhes permita liberdades, respeito e responsabilidade, entre alunos e professores, no cotidiano da sala de aula (GALLO, 2000) e isso exige trabalhar o conceito de transversalidade, que

[...] diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade). (BRASIL, 1998, p. 30).

As ancoragens do conhecimento a ser apreendido pelos alunos recebe um incremento positivo, quando os professores conseguem fazer o processo de transposição didática usando, como mostrou a citação acima, o saber sistematizado e o saber da realidade. No caso da educação do campo, pode-se falar que os saberes culturais exercem forte influência na realidade dos alunos, até porque, segundo Campomori (2008), eles partem da identidade histórica dos homens, do reconhecimento da diversidade, da oportunidade de criação, do diálogo crítico, dos conflitos com as diferentes e, por fim, do entendimento da própria evolução humana.

Documentos oficiais da década de 1990 já indicam os caminhos para o acolhimento da diversidade de saberes, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), direcionados à educação básica, advertem sobre a valorização da cultura dos alunos no sentido de promover a dignidade de sua formação cidadão, não obstante é na escola que as vivências dos alunos são conduzidas à autocrítica e reflexão dos problemas sociais de suas próprias comunidades (BRASIL, 1998). E, na escola do campo, os conhecimentos científicos invadem as salas de aula imprimindo novos horizontes na instrução dos homens e mulheres do campo.

Cabe a visão de Hage (2011) sob a perspectiva de atuação dos professores a partir da transversalidade dos saberes na educação do campo, na medida em que é necessário

[...] repensar as práticas e formular novas propostas sintonizadas com a realidade dos sujeitos do campo, ou seja, do lugar dos sujeitos do campo, sem apartá-los do mundo global e do contexto urbano, com os quais o território do campo interage continuamente, constituindo-se sua identidade/subjetividade a partir dessa interação. (HAGE, 2011, p. 108).

Nesse repensar, é possível “reconhecer que os processos educativos, ou melhor, que a educação básica tem que prestar especial atenção às

matrizes culturais do homem, da mulher, do povo do campo” (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 22) bem como sua relação com os conhecimentos científicos da escola institucionalizada que “caracteriza-se por um conhecimento fortemente estruturado, que tem como exigência a necessidade de uma especialização cada vez maior e uma diferenciação de comunidades específicas no seio da sociedade” (SANTOS, 2006, p. 112) e que é confrontado pelos saberes culturais da educação do campo.

Aos professores cabe a compreensão de que

A ciência como prática cultural e social passa a ser vista, assim, como um componente curricular que pode contribuir para a construção da identidade de nossos alunos como indivíduos cidadãos, participantes ativos em possíveis processos de construção de uma sociedade democrática e socialmente justa. (CARVALHO, 2012, p. 358).

O autor evidencia a diversidade cultural e identitária dos alunos que a ciência presta o serviço de contemplar em seus diversos conceitos e regras na ação pedagógica do professor que associa a teoria à prática. Para Fazenda (2014) cada disciplina tem sua importância e valor, já que contemplam saberes e conceitos diferentes e que aliados à vivência dos alunos, carregam cientificidade para instrução social dos homens.

Nessa direção, sobre as escolas do campo, Lírio (2016, p. 65) indica ser necessário que “o espaço escolar não permaneça apenas como um ambiente que abriga sujeitos passivos, obedientes e desinteressados de suas realidades, mas sim sujeitos transformadores da realidade”, que para Barbosa (2018) é possível a partir da integração - transversalidade - dos conhecimentos sistematizados do currículo básico e dos conhecimentos populares historicamente acumulados pelo homem em suas diferentes comunidades.

3 TRANSVERSALIDADE METODOLÓGICA

O presente trabalho segue a abordagem qualitativa já que leva em consideração as impressões pessoais, relações e experiências sociais que permitem reconhecer as especificidades dos fenômenos observados e, assim, sugerir novas interpretações sobre as influências subjetivas dos sujeitos nos objetos de análise social (MINAYO, 2006). Dessa forma, recorre-se à pesquisa

descritiva como forma de descrever melhor as peculiaridades, atitudes e crenças (GIL, 2017) existentes na educação do campo e que atuam na transversalidade dos saberes científicos e culturais.

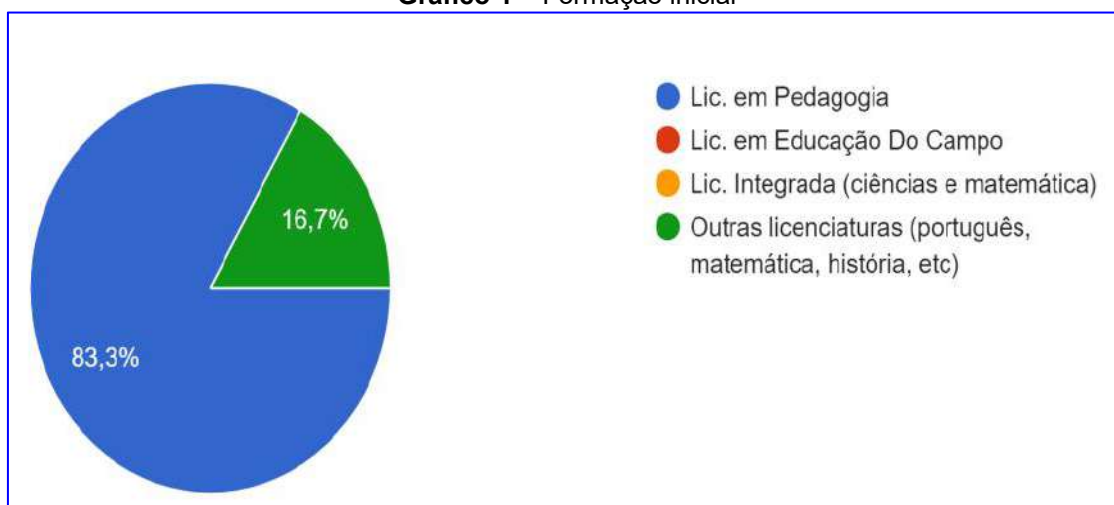
Para melhor compreensão sobre esse transversalizar, foi realizada pesquisa bibliográfica para levantamento de publicações científicas, obras e outros estudos já realizados para conhecer o que já foi produzido sobre o assunto em análise (SEVERINO, 2013). No sentido de captar as informações das participantes, foi aplicado um questionário semiaberto (GIL, 2017) de forma online via *Google Forms* com questões sobre os diferentes saberes que figuram a escola do campo.

Para a análise final, foi escolhida a concepção interpretativa ou triangulação de métodos, já que é a “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista” e que visa a compreensão do “contexto, da história, das relações, das representações [...], visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação” (MINAYO, 2005, p. 28-29) no sentido de perceber melhor as indicações da realidade vivida.

4 PROFESSORES E ALUNOS: A TRANSVERSALIDADE DE DIFERENTES SABERES

Em relação aos participantes da pesquisa, de dez professores contactados por e-mail e mensagens no *WhatsApp*, seis contribuíram com o estudo. Sendo 100% do gênero feminino, suas idades estão na faixa dos 37 aos 54 anos. Dados que já demonstra uma predominância das mulheres no professorado da escola do campo. Com vistas a manutenção do anonimato dos pesquisados, chama-se: *DC - Docente do Campo*, às professoras participantes. Assim, seguem os resultados apurados da pesquisa.

Gráfico 1 – Formação inicial



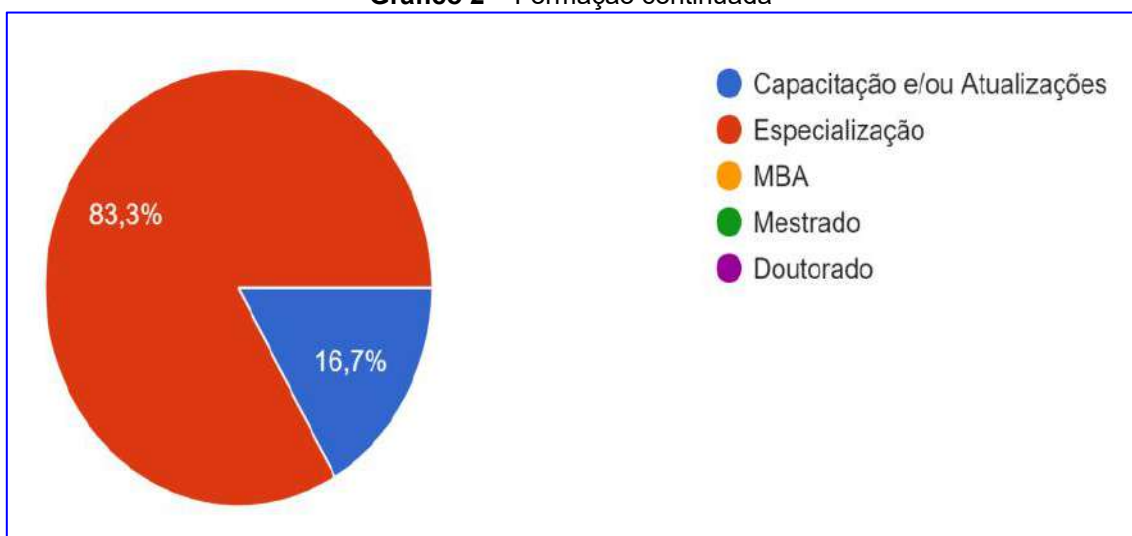
Fonte: pesquisa dos autores (2022).

Sobre a formação inicial das professoras, é possível perceber que a maioria expressiva é Licenciada em Pedagogia já que a educação proporcionada no campo é básica e de nível fundamental, sendo o professor um generalista - aquele que ensina todas as disciplinas. No entanto, seria importante que os docentes já tivessem suas formações direcionadas à educação do campo, no sentido da valorização dos saberes e práticas das comunidades rurais, até porque

Sabemos que um dos determinantes da precariedade da educação do campo é a ausência de um corpo de profissionais que vivam junto às comunidades rurais, que sejam oriundos dessas comunidades, que tenham como herança a cultura e os saberes da diversidade de formas de vida no campo. (ARROYO, 2007, p. 169).

Nessa perspectiva, é mais que urgente perceber a necessidade de ações das políticas públicas mais focadas no avanço das relações de pertencimento da classe professoral às áreas do campo, no sentido do fortalecimento das relações pedagógicas que são travadas nas salas de aula da escola rural. Porém, nas considerações de Molina (2007, p. 2) “é recente em nossa história a inserção da temática do rural nas políticas educacionais, pensada desde os direitos dos sujeitos do campo e de seu protagonismo na cena política nacional”, uma demanda antiga que requer urgência.

Gráfico 2 – Formação continuada



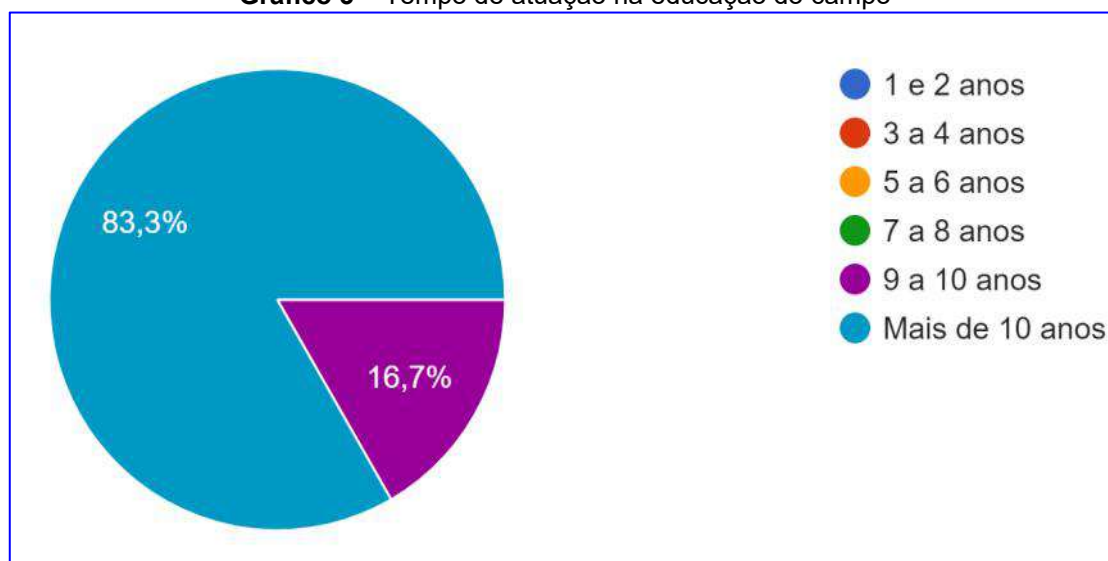
Fonte: pesquisa dos autores (2022).

No que se refere ao desenvolvimento profissional a nível de pós-graduação, a maioria tem Especialização, o que indica uma prática pedagógica mais elaborada em sala de aula, além da consolidação da carreira docente por meio da formação continuada, como afirmam Gatti e Barreto (2009, p. 203)

Nesta concepção de formação como um contínuo ao longo da vida profissional, o conceito subjacente é o de desenvolvimento profissional. O processo de formação é definido como um movimento orientado a responder aos diversos desafios que se sucedem no que se poderia identificar como diferentes fases da vida profissional: o início da carreira, o processo de desenvolvimento e os tempos mais avançados em que o professor consolida sua experiência profissional.

Para além da consolidação da carreira, estão as vivências pessoais ao longo da vida profissional, como os desafios, os limites e os novos horizontes que a própria carreira docente já possui. Há uma necessidade latente na vida de professores e professoras do engajamento cada vez mais forte com sua área de atuação, no sentido de responder de maneira pró-ativa às demandas da sala de aula, até porque deve ser entendida como “um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de construção permanente de uma identidade pessoal e profissional em interação mútua” (DALBEN, 2004, p. 8).

Gráfico 3 – Tempo de atuação na educação do campo



Fonte: pesquisa dos autores (2022).

Sobre o tempo de atuação como docente do campo, é importante o registro de que as participantes da pesquisa possuem mais de nove anos de experiência na área, o que pode demonstrar um profissional com uma prática pedagógica consolidada na área de atuação. Em especial para as escolas rurais,

[...] as práticas pedagógicas nas áreas do campo devem ser vistas com mais atenção. Pois, tanto o currículo como o modo de ensinar devem compreender as diversidades culturais e respeitá-las de acordo com o ambiente em que os alunos estão inseridos. (LOPES, 2015, p. 6).

Não obstante, “as necessidades presentes na escola do campo exigem um profissional com uma formação mais ampliada, mais totalizante, o mesmo tem de dar conta de uma série de dimensões educativas presentes nessa realidade” (MARTINS; ROCHA, 2009, p. 41) e articular os diferentes saberes e conhecimentos que são produzidos historicamente, tanto pela escola institucionalizada, quanto pelas comunidades tradicionais em que a escola do campo se faz presente.

Após o perfil das docentes, perguntou-se sobre saberes culturais, científicos, a diversidade entre eles e sua possível transversalidade, e assim se expressaram. Acerca da definição sobre os saberes culturais obteve-se as seguintes respostas:

São saberes adquiridos a partir da relação familiar e comunitária transmitidos através das relações ‘cotidianas’. (DC01).

É carga de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, transmitido por diversas gerações, que intensificam o sentimento de pertencer ao lugar, ao espaço, ao meio em que está. (DC02).

São os saberes que passam de geração em geração. (DC03).

Saberes da cultura. (DC04).

São os saberes construídos nas vivências dos sujeitos, que perpassam por gerações, compondo assim suas histórias, sua cultura. (DC05).

Acúmulo de saberes produzido pelas gerações. (DC06).

É possível perceber na fala das investigadas a objetividade com que tratam os conceitos. As marcas sobre os saberes culturais são fortes na relação das atividades cotidianas das comunidades tradicionais e vista como elementos que passam de geração para geração. No horizonte social, elas se configuram como práticas atreladas à determinada sociedade e “contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 18) que identificam, marcam e eternizam costumes, crenças e valores dos mais variados grupos sociais.

Nessa direção, Geertz (1973) já afirmava que a cultura é um padrão histórico que é transmitido como significados e símbolos, formando um sistema que é herdado e expresso de forma simbólica no desenvolvimento, na comunicação e na perpetuação de conhecimentos e atitudes sobre a vida. Contribui na discussão, Charlot (2000) ao falar da relação dos sujeitos com o saber, na medida em que a relação estabelecida entre eles, revela as atividades dos sujeitos sobre eles mesmos, com os outros que co-constroem, controlam, partilham e validam o saber. No fim, as ações sociais são submetidas a processos coletivos de avaliação e transmissão ao longo da história humana.

Já sobre a definição, conceito dos saberes científicos, obteve-se as seguintes respostas:

São conhecimentos adquiridos pela sociedade a partir de estudos comprovados. (DC01).

São dados, estatísticas, estudos sobre a temática objetivando principalmente soluções de possíveis problemas. (DC02).

São as descobertas feitas por cientistas. (DC03).

Saberes da ciência. (DC04).

São os saberes adquiridos por meio de estudos científicos, as teorias, as comprovações da ciência. (DC05).

Conhecimentos apreendidos pelas instituições de ensino científico. (DC06).

Os discursos observados apontam para o saber científico aquele que é sistematizado e instituído por organizações científicas – escolas, por exemplo. Também foi possível captar a noção de “ciência” como saber mais elaborado e consolidado junto às sociedades modernas. Nas considerações de Chauí (2000, p. 319)

A ciência distingue-se do senso comum porque este é uma opinião baseada em hábitos, preconceitos, tradições cristalizadas, enquanto a primeira baseia-se em pesquisas, investigações metódicas e sistemáticas e na exigência de que as teorias sejam internamente coerentes e digam a verdade sobre a realidade.

Ainda segundo a autora, são três as concepções de ciência: a Empirista, a Racionalista e a Construtivista. As duas primeiras são aproximadas pelas ideias das teorias científicas como verdades absolutas, já a última busca modelos explicativos da realidade para encontrar verdades aproximadas e que possam facilmente ser modificadas, corrigidas e, até mesmo, substituídas por outras que expliquem melhor os fenômenos sociais estudados (CHAUÍ, 2000). Desse modo, a ciência é instituída quando “os princípios gerais são submetidos à prova dos factos e quando os problemas práticos e as relações teóricas dos factores pertinentes são utilizados para manipular a realidade através da acção humana” (MALINOWSKI, 2009, p. 21)

A partir disso, foi questionado qual relação haveria entre os dois tipos de saberes e obteve-se as seguintes posições:

A relação entre estes dois conhecimentos e a ciência da comprovação e validade do saber pré-existente. (DC01).

Um move o outro, seria como a junção entre a teoria e prática. (DC02).

Com os saberes culturais podemos fazer as pesquisas. (DC03).

Toda relação um saber amplia outro saber. (DC04).

Os saberes culturais precisam ser preservados e assim fazer parte da formação dos sujeitos, para que junto com os saberes científicos, que

comprovam, validam e legalizam os saberes culturais, estes sujeitos se desenvolvam de maneira plena. (DC05).

Uma relação de fundamental importância, pois eles estão atrelados entre si. (DC06).

Ficou claro na fala das participantes da pesquisa, que os dois tipos de saberes aqui explorados têm ligação entre si pela validade que um tem para o outro. Os saberes culturais, assim, seriam o conhecimento básico e explorado em sua concretude pelo saber científico. Na avaliação de Freire (1987), não haveria essa distinção e/ou validação de um para outro, mas uma diversidade de saberes que não se sobreponham, mas que caminhem juntos e se completem nas suas diferenças.

Vale a observação do processo de ensino e aprendizagem presente nos PCNs, quando relacionam os diferentes saberes na prática educativa e sinalizam a transversalidade como eixo central entre eles, pois como já foi mencionado, ressalta-se a relação estabelecida entre os conhecimentos teoricamente estruturados e os saberes da realidade local (BRASIL, 1998), que com a prática pedagógica direcionada dos professores, os alunos possam resolver os problemas de ordem social de suas comunidades e contribuir de forma efetiva com a sociedade em geral.

Como última indagação, quis-se saber, como as professoras trabalham a questão da diversidade em sala de aula, uma vez que a diferença entre os vários tipos de saberes traria essa multiplicidade de vivências à escola. Assim, a manifestação das professoras foram as seguintes:

A partir da valorização das vivências dos alunos. (DC01).

Primeiramente no respeito e na valorização dos saberes de cada indivíduo, buscando fortalecer o sentimento de pertencer e ser; através de dinâmicas, leituras, atividades práticas e experimentais do nosso lugar (moro e trabalho em uma comunidade campesina). (DC02).

Através de conversas, vídeos e trabalhos de pesquisas. (DC03).

Com partilha de saberes em sala de aula. (DC04).

De maneira conjunta, promovendo a interação destes. Partindo dos saberes culturais para alcançar os saberes científicos, considerando as especificidades dos sujeitos, seu modo de vida, trabalho, identidade. (DC05).

Primeiramente a adaptação do currículo escolar, realizando um planejamento que abrange as diferenças e conscientizando cada criança que nós temos as nossas diferenças e devemos respeitar o 'diferente'. (DC06).

As posições foram bem diversas, porém em todas elas a questão do diálogo-valorização entre as diferentes formas de conhecimento e saberes está implícita nas escritas das participantes. Há uma conjunção entre o fazer sistematizado e organizado da escola e o cuidado com as vivências locais dos alunos no movimento dialético de ensinar e aprender a partir do novo e do existencial,

Por isso, um só saber não dará conta da tarefa de ensinar. Como o ensino ocorre em diferentes situações, não se pode utilizar um saber de forma isolada (no caso, o saber disciplinar, dos conteúdos), mas sim um conjunto de saberes de forma articulada para dar conta do processo. (CUNHA, 2014, p. 68).

Nessa direção, é importante o processo de contextualização da diversidade cultural existente na educação do campo, na premissa de identificar as experiências escolares, a ação educacional, a valorização dos saberes e identidades, bem como os modos de vida e produção do trabalho nas comunidades do campo (SPERANDIO, 2016). “No entanto, é bom que se esclareça que não se trata apenas de distribuir o conhecimento a todos, mas de articulá-los e de aplicá-los à realidade, observando o contexto em que os sujeitos se inserem” (LIMA, 2017, p. 65) e ajudá-los na elaboração crítico-reflexiva de suas posições de vida e mundo – desafios tácitos da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do campo no Brasil tem vivido, a partir da legislação educacional pós LDB 9.394/1996, cenários bastante diversos. Os movimentos sociais organizados no meio rural tiveram uma participação fundamental para o processo de consolidação da escola do campo. De maneira pontual o Movimento dos Sem Terra (MST), é um exemplo de luta pela oferta da educação básica, pública e gratuita para os homens e mulheres que vivem e são do campo. Nessa caminhada, a primeira década dos anos 2000 foi o auge das políticas públicas sociais destinadas às camadas populares e que viu na

educação, a base para uma vida mais digna nas zonas rurais, inclusive com a oferta e permanência da escola básica.

É nessa escola que os saberes culturais das diversas comunidades tradicionais – quilombolas, indígenas, assentados, ribeirinhas, e outros –, invadem o espaço escolar e na transversalidade com os saberes científicos elaboram, conduzem e reestruturam os conhecimentos dos alunos da educação do campo, com vistas à elevação da instrução de homens e mulheres que vivem e são do campo.

O estudo alcança como resultados sobre a transversalidade dos diferentes saberes da educação do campo os seguinte horizontes: a) não houve uma formação inicial ou continuada que seja *do* e *para* o campo; b) as participantes da pesquisa têm posições claras sobre os diferentes saberes e suas transversalidades; c) as participantes valorizam os saberes culturais dos alunos sem deixar de lado os conhecimentos científicos da educação institucionalizada e; d) a reivindicação por uma política educacional efetiva de formação de professores direcionada à realidade do campo no Brasil é oportuna e viva.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Políticas de Formação de Educadores(as) do Campo. Cad. Cedes, Campinas, v. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. Educação básica e o movimento social do campo. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo. Caderno 2. 1999.

BARBOSA, A. P. C. A educação ambiental no currículo da escola família agrícola. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2018.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOMORI, M. J. L. O que é avançado em cultura. *In*: BRANDÃO, C. A. L. (org.). A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2008.



CARVALHO, L. M. Entre conhecimentos específicos e conhecimentos pedagógicos: caminhos possíveis para o desejável diálogo de saberes. *In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino*. Campinas. Anais Endipe 2012.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHAUÍ, M. Convite à filosofia. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, E. R. Saberes docentes dos professores formadores: da necessidade de uma reflexão para a melhoria do trabalho de formação. *In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino*, Fortaleza. Anais Endipe 2014.

DALBEN, A. I. L. F. Concepções de formação continuada de professores. *In: Fórum permanente de formação continuada de professores*. Anais..., 2004.
EINSTEIN, A.; INFELD, L. A evolução da Física. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: didática, prática de ensino e direitos humanos? *In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino*, Fortaleza. Anais Endipe 2014.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. S. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: Unesco, 2009.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HAGE, S. M. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. *Em Aberto*, Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr. 2011.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

LIMA, A. F. O ensino de filosofia em perspectiva interdisciplinar no complexo integrado de educação em Itamaraju, BA. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2017.

LÍRIO, M. M. O MST como locus de pressão e proposição de políticas públicas voltadas para educação do campo no norte do Espírito Santo (2003-2016). 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2016.

LOPES, S. L. A prática pedagógica na educação do campo com foco na formação profissional. IX Colóquio Internacional, Educação e Contemporaneidade. Aracaju, 2015.

MALINOWSKI, B. Uma teoria científica de cultura. Tradução Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

MARTINS, A. A.; ROCHA, M. I. A. (org.). Licenciatura em educação do campo: Histórico e projeto político pedagógico. Educação do campo, deságios para formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MINAYO, M. C. S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. rev. e aprim. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOLINA, M. C. Desigualdades e direitos: Desafios para a qualidade da Educação Básica do campo. In: ANPAE: XXIII Simpósio Nacional, 2007.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SPERANDIO, W. B. Espaços escolares do campo no estado do Espírito Santo: diálogo de saberes nas diversidades educacionais. In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, Cuiabá. Anais Endipe 2016.



UM ESTUDO SOBRE LETRAMENTOS MÚLTIPLOS NOS TEXTOS DE SURDOS GRADUANDOS¹

A STUDY ON MULTIPLES LITERATURES IN THE TEXTS OF THE DEAF UNDERGRADUATES.

UN ESTUDIO SOBRE MÚLTIPLES ALFABETIZACIONES EN LOS TEXTOS DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS SORDOS

Cleuma Roberta de Souza Marinho²
Maria do Perpétuo Socorro Cardoso³
Ana D'Arc Martins de Azevedo⁴

Resumo

Neste estudo, investigou-se o processo de letramento de quatro alunos surdos graduandos e sua produção escrita em Língua Portuguesa. Neste trabalho é analisado o processo de letramento do aluno surdo e sua relação com a escrita em Língua Portuguesa no nível superior. Trata-se de um recorte da pesquisa que originou a dissertação de mestrado intitulada Um estudo sobre letramentos múltiplos nos textos dos surdos graduandos, defendida no segundo semestre de 2019, na UNAMA. Objetiva-se neste trabalho, Identificar os tipos de letramento que os sujeitos surdos têm acesso e sistematizar de que forma os letramentos influenciam na escrita do surdo graduando. A geração de dados foi realizada com quatro acadêmicos surdos de uma Faculdade localizada no município de Macapá, no Estado do Amapá. Neste estudo, serão analisados excertos do questionário e dos textos produzidos pelos acadêmicos, que foram analisados

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Transversalidade em tessitura com as pesquisas científicas em áreas da comunicação, linguagem, cultura, educação, povos originários e comunidades tradicionais, relações de gênero, etc. do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestra em Comunicação, Linguagem e Cultura (UNAMA). Doutoranda do PPGCLC da UNAMA. E-mail: cleumamarinho@yahoo.com. Orcid. 0000-0003-0837-275X

³ Doutora em Semiótica e Linguística Geral (USP/2002). Professora Titular e pesquisadora da UEPA, onde atua na Graduação em Letras, na Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado do PPGED/CCSE/UEPA na Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia) e na Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (mestrado do PPGELL/CCSE/UEPA, na Linha de Pesquisa em Linguística). E-mail: cardos_socorro@yahoo.com.

⁴ Doutora em Educação/Currículo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) (2011). Professora do Programa Stricto Sensu em Comunicação, Linguagens e Culturas e do Programa Mestrado Profissional em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento Socioambiental da UNAMA. E-mail: azevedoanadarc@gmail.com. Orcid. 0000-0003-4240-9579



com base em Bardin (2004), para a análise de conteúdo e a análise dos textos foram fundamentadas em Letramento como prática social, a partir de uma visão antropológica com base em Street (2014), adotado na pesquisa e na investigação empírica. Os resultados demonstram, a partir das análises, que existe dificuldade dos alunos surdos adultos fazerem uso de certas práticas de letramento que possibilitariam a melhor produção textual.

Palavras-chave: Múltiplos letramentos; Bilinguismo; Análise textual; Alunos surdos.

Abstract

In this study, we investigated the literacy process of four deaf undergraduate students and their written production in Portuguese. This paper analyzes the literacy process of the deaf student and his relationship with writing in Portuguese at the higher level. This is an part of the research that originated the master's thesis entitled A study on multiple literacies in the texts of deaf undergraduates, defended in the second semester of 2019, at UNAMA. The objective of this work is to identify the types of literacy that deaf subjects have access to and systematize how literacies influence the writing of the deaf undergraduate. Data were collected with four deaf academics from a college located in the municipality of Macapá, in the State of Amapá. In this study, excerpts from the questionnaire and the texts produced by the academics will be analyzed, which were analyzed based on Bardin (2004), for content analysis and the analysis of the texts were based on Literacy as a social practice, from an anthropological view based on Street (2014), adopted in research and empirical research. The results show, from the analyses, that there is difficulty for deaf adult students to make use of certain literacy practices that would enable better textual production.

Keywords: Multiple literacies. Bilingualism. Textual analysis. Deaf students.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa se justifica a partir da necessidade de se investigar o letramento do surdo graduando e sua dificuldade diante da escrita em Língua portuguesa e entender qual a língua e entender qual seria então, para os surdos o grupo de referência linguística? Uma vez que a maioria nasce em famílias de ouvintes e não tem acesso, a princípio, à língua de sinais e tão pouco consegue compreender a língua portuguesa em suas modalidades oral/escrita.

Buscou-se então entender, onde estava o problema? O que houve no percurso escolar destes alunos surdos? Por quais motivos os textos apresentavam tais problemas?



A partir dessas indagações apresentou-se a seguinte questão de pesquisa: Quais tipos de letramentos os graduandos surdos da Faculdade Atual têm acesso? Como o letramento influencia na escrita do surdo graduando em Língua Portuguesa? De que forma o acesso aos tipos de letramento influencia na constituição do sujeito surdo?

Para responder a elas definiu-se como objetivo geral: Analisar o processo de letramento do sujeito surdo e sua relação com a escrita em língua portuguesa no nível superior.

Por conseguinte, foi proposto como objetivos específicos: identificar quais tipos de letramentos os sujeitos surdos têm acesso; sistematizar de que forma os diversos tipos de letramentos influenciam na escrita do surdo graduando e caracterizar a dimensão do letramento e sua relevância para a constituição do sujeito surdo. A pesquisa apresentou percurso metodológico com base no método Quantiquantitativo, e teve como instrumentos para de pesquisa: o questionário fechado e a produção textual.

O aporte teórico foram autores como Bardin (2009), com a teorias de Análise do Conteúdo e Street (2014), de Análise do Discurso, estas foram as bases teóricas para as análise dos dados da pesquisa. Além desses, baseou-se a pesquisa em Rojo (2009), Letramentos Múltiplos e Dorziat (2011), com Surdez e Linguagem.

Na análise de dados da pesquisa com base no método quantiquantitativo foi desenvolvida durante toda a investigação, por meio de teorizações progressivas em um processo interativo com a coleta de dados. Os dados coletados foram analisados a partir da definição de categorias prévias que agruparam os principais temas relacionados à questão de pesquisa inicial. Dessa forma, foi possível uma leitura detalhada de todo o material tabulado, para identificação do conjunto de respostas assinaladas que tinham sentido para a pesquisa, e classifica-las em categorias.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 Aspectos legais e históricos

Neste item do texto, verifica-se a importância de se apresentar alguns aspectos históricos e legais sobre a educação para os surdos, levando em



consideração um recorte histórico sobre o seu desenvolvimento, e chegando ao um maior aprofundamento no que concerne a fatos contemporâneos que envolvem o tema. Sobre isso resumidamente seguem os seguintes fatos que marcaram historicamente a educação dos surdos no Mundo e no Brasil: A criação da primeira Escola pública para jovens e alunos surdos, o Instituto Abbé de Lépépé, no século XVIII (1750), é um aspecto determinante na história da educação dos surdos no mundo, pois foi nela que se percebeu que os gestos tinham as mesmas funções da fala, assim representando o primeiro passo para o reconhecimento de uma língua de sinais.

Em 1878, acontece em Paris o I congresso Internacional sobre a Instrução de surdos, onde se discutiu o papel da família na integração do sujeito com surdez, possibilitando também a partir disso alguns ganhos civis para os surdos, que saíram então da marginalidade em que se encontravam até aquele momento.

A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 (ONU, 2015), surgiu a ideia de uma escola acolhedora para todos, fundamenta-se em especial no seu artigo 26, incisos I e II, os quais dispõem que todo ser humano tem direito à instrução, e que esta será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.

No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império, com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto de meninos cegos em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos em 1854, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos- INES, ambos no Rio de Janeiro.

Pode-se partir do direito legal garantido pela Lei n 10.436 de 24 de abril de 2002 que assegura os meios e recursos que supram os impedimentos a aprendizagem e ao desenvolvimento afetivo e cognitivo, deixando evidente que a Libras é um dos meios legitimados de comunicação e expressão do surdo.

O uso da língua de sinais é um recurso necessário para as adequações sociais no contexto escolar para acesso do surdo ao conhecimento, por ser o alicerce principal de comunicação. Mesmo com a especificidade da lei

mencionada acima, que faz referência ao surdo no Brasil, o comportamento dos cidadãos diante à causa, não apresentou mudança em relação ao tratamento dado a este sujeito surdo, pois os pensamentos e valores das pessoas não se alteram com a assinatura de leis, mas com mudança de conceitos, o fator cultural ainda cria barreiras que a LBI – Lei Brasileira de inclusão (Lei 13.146/2015) denomina como barreiras atitudinais que claramente hoje se enquadra como preconceito.

Percebeu-se que com a oficialização da Libras que a educação da pessoa com surdez avançou significativamente, eles passaram a ter acesso à comunicação, à informação nos diferentes níveis sociais efetivando legalmente a inclusão social e educacional dos surdos no Brasil.

2.2 A Caracterização do indivíduo surdo e seu processo de aprendizagem

A surdez se caracteriza pela deficiência do sentido da audição, provocando alterações na recepção e enunciação de mensagens com uso da fala. Nessa perspectiva Santos, C.; Lima, P; Rossi (2003, p.71) enfatizam que “A audição é o meio pelo qual o indivíduo entra em contato com o mundo sonoro e com as estruturas da língua que possibilitam o desenvolvimento de um código estruturado, próprio da espécie humana.” Por isso, como os demais sentidos, o da audição tem primordial importância no desenvolvimento do ser dentro da sua individualidade e da sociedade.

Desse modo, para Costa e Reis,

Podemos definir uma pessoa surda como aquela que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem. (2009 p.20, apud SILVA, 2009 p.15).

O surdo então apresenta uma maneira distinta de aprender e faz o uso de linguagem própria para a comunicação. A aprendizagem do surdo se dá por padrões diferentes, mediante sua peculiaridade, a primeira língua do surdo é a língua de sinais. A criança ouvinte estabelece seus valores culturais ao nascer, por meio da linguagem oral, já a surda por meio da língua de sinais, a LIBRAS, que se caracteriza pela “forma de comunicação e expressão em que o sistema

linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria constituem sistema linguístico”.

A questão é considerar qual é a língua materna para o surdo, a L1 ou primeira língua para esses indivíduos é a Língua de Sinais, através dessa via de acesso ele poderá aprender, já que a organização do pensamento necessita de uma linguagem para ser estabelecida, então a partir do momento em que entra em contato com a linguagem que pode se expressar, o educando surdo está apto a receber todo tipo de informação.

2.3 Letramento e surdez: Perspectivas lingüísticas e culturais

Por estar inserido em um ambiente onde é a minoria, o povo surdo ou comunidade surda encontra diversas barreiras para conseguirem reconhecimento, a principal delas é a lingüística, pois para o surdo a sua primeira língua é a língua de sinais. Mesmo assim, sendo difundidos em grupos de surdos ou de ouvintes que corroboram com a identidade surda, eles conseguem ampliar suas manifestações e valorizar sua língua e modo de viver e se relacionar. Strobel (2009) afirma que há distinção entre comunidade surda e povo surdo, pois o primeiro compreende surdos e ouvintes militantes da causa surda, como os pais, interpretes e professores, já o segundo está ligado por uma característica comum, a surdez.

A lei de número 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), trata do reconhecimento da língua de sinais brasileira, como meio de legal de comunicação e expressão e outros recursos a ela associada. Esta deve ser garantida por parte do poder público em geral, forma institucionalizada em apoiar esse sistema lingüístico viso motora.

Neste sentido, o *status quo* deste indivíduo, permanecerá imóvel enquanto ainda apresentar dificuldades com a leitura e a escrita, ou seja, com a capacidade de se auto representar, um está vinculado ao a outro, ainda não é possível separar. Foucault quando fala da relação entre poder e o saber explicita que:

Temos que admitir que o poder produz saber [...]; que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito de conhecimento que seria livre ou não em relação ao

sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. (1995, p. 30).

É importante para o surdo se colocar no âmbito da sociedade letrada, pois dessa forma passará suas convicções e análises sobre a leitura de mundo a partir de suas próprias interpretações, sem que precise de um intermediário (intérprete) para isso. O letramento não é só uma questão de conhecer ou não a língua portuguesa, é sim um questão social, de práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. É o que faz com que se tenha voz e espaço dentro de um contexto social que ainda faz relações entre conhecimento e poder, sem levar em consideração as minorias e a diversidade cultural.

2.4 Letramento e seus desdobramentos

Sobre letramento, há várias abordagens, cada uma delas leva em consideração o tempo e o lugar onde foram desenvolvidas. É necessário então que se faça uma linha de tempo sobre as perspectivas do letramento no Brasil e no mundo, sob o prisma dos principais estudiosos da área, para que se compreenda os avanços sobre o tema.

O conceito de letramento segundo Kleiman (2008, p.15) “começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita”. Apesar de historicamente se pensar em letramento apenas no âmbito escolar, este se estende a muitas outras áreas, o letramento ocorre a todo momento e em todos os lugares onde os leitores possam utilizar a leitura e a escrita. Por isso é importante perceber que o letramento é diferente do conceito de alfabetismo.

O primeiro dá conta de aspectos que levam em consideração a leitura e a escrita sendo utilizada de maneira ética, crítica e democrática e que seu uso possibilitem que os indivíduos participem de várias práticas sociais utilizando tais habilidades.

Para Kleiman (2008, p.17) “A palavra letramento não está ainda dicionarizada. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito”. O conceito de letramento, para autora, passou a ser utilizado na academia para

distinguir os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização.

Na perspectiva da diferenciação entre alfabetização e letramento, Tfouni (2010, p.22) afirma que: “a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Nesse sentido, o termo alfabetismo tem foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) que se referem à leitura e a escrita (letramentos escolares e acadêmicos), enquanto que o letramento busca recobrir nas práticas sociais de linguagem envolvidas na escrita de outras maneiras, que podem ser valorizadas ou não, mas agregam contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, etc.), numa perspectiva que contemple os aspectos sociais, antropológicos e socioculturais, conforme a abordagem de Rojo (2009, p.98). Partindo desse enfoque, a autora argumenta que um dos objetivos da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita, de maneira ética, crítica e democrática

Neste sentido, alguns exemplos de tipos de letramento estão relacionados aos letramentos multisemióticos, que estão inseridos nos campos da imagem, da música e das outras semioses que não sejam a escrita:

O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o *design* e etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea. (MOITA LOPES & ROJO, 2004)

Pode-se afirmar que trabalhar com a leitura e a escrita envolve muito mais que considerar alfabetização ou alfabetismo, é necessário “trabalhar com letramentos múltiplos, com as leituras múltiplas – a leitura na vida e a leitura na escola – e que os gêneros discursivos e suas esferas de circulação podem nos ajudar a organizar esses textos, eventos e práticas de letramento.” (ROJO, 2009, p.118).

2.5 Letramentos sociais – abordagem de Brian Street

Brian Vincent Street atualmente é professor emérito do King's College London, vinculado ao setor de linguagem em Educação, e professor visitante da University of Pennsylvania. É formado em Letras, em um curso que envolveu basicamente o estudo de obras literárias e a análise de estruturas linguísticas.

Dentre as diversas abordagens apontadas pelo autor, destacam-se os novos estudos dos letramentos e suas implicações à Pedagogia, como, por exemplo, a necessidade de se ensinar às crianças não somente os aspectos técnicos das funções da linguagem, mas, fundamentalmente, ajudá-las a perceber a natureza social e ideológica das formas de uso dessa linguagem.

Do ponto de vista teórico é incorreto conceber o letramento isolado de outros meios de comunicação, “práticas letradas estão sempre encaixadas em usos orais, e as variações entre culturas são geralmente variações na *mescla* de canais orais/letrados” (STREET, 2014, p. 168).

Desta forma, pode-se compreender os fatores que levaram o Brasil, por exemplo, a utilizar a língua portuguesa, que foi a cultura linguística do país que o colonizou, o qual suprimiu a língua materna, a indígena, e impôs o uso de sua língua. Mas é importante que se diga que as populações foram resistentes a essas ações, adotaram ideologias novas e novas forma de letramento, mostrando-se que não foram passivos neste processo. As novas formas de letramento, foram adaptadas, assim, sendo característica de resistência à imposição da cultura dominante.

3. MÉTODO

Para alcançar os objetivos traçados nesta pesquisa, como identificar quais tipos de letramentos os sujeitos surdos têm acesso; e identificar a influência dos eventos de letramento na escrita do sujeito surdo, foi utilizado o método quantiquantitativo, as hipóteses como o letramento influencia na escrita do surdo graduando em Língua Portuguesa? De que forma o acesso aos tipos de letramento influencia na constituição do sujeito surdo? a partir da análise dos dados coletados foram testadas chegando aos resultados da pesquisa.

A pesquisa foi realizada na Faculdade Atual, localizada na cidade de Macapá, no Estado do Amapá, situado à avenida General Osório, 1341, Bairro

Laguinho, que oferta os cursos de Licenciatura em Letras-Libras e Licenciatura em Pedagogia. A escolha do lócus está relacionada ao trabalho exercido pela pesquisadora junto aos sujeitos, como docente nesta intuição de ensino superior. Participaram desta pesquisa 4 (quatro) acadêmicos da faculdade Atual, a princípio 10 (dez) sujeitos estavam listados para participar desta pesquisa, todos matriculados nos cursos de Licenciatura em Letras Libras e Licenciatura em Pedagogia, porém, no decorrer da pesquisa, que iniciou no primeiro semestre de 2017.

Quadro 1- Perfil dos sujeitos

Nº	Sujeito	Sexo	Idade	Tipo de surdez	Cursando na graduação
1.	Elvis	Masculino	31	Congênita	Letras - libras
2.	Hugo	Masculino	30	Adquirida	Letras - libras
3.	João	Masculino	47	Congênita	Pedagogia
4.	Renato	Masculino	26	Congênita	Letras - libras

Fonte: Elaboração do autor/2018.

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos, o questionário, com questões fechadas e a produção textual, que consistia na produção de um texto narrativo. Segundo Creswell (2009), a natureza de uma pesquisa pode ser qualitativa, quantitativa ou mista. A pesquisa adotada neste estudo é mista, pois incorpora elementos de origem qualitativo e quantitativo.

A análise dos dados produzidos na pesquisa foi desenvolvida durante toda a investigação, por meio de teorizações progressivas em um processo iterativo com a coleta de dados, pois de acordo com Trivinos (1987, p. 34):

[...] em estudo qualitativo o jeito certo para analisar dados é fazê-lo simultaneamente com a coleta de dados. Sem dúvida, sem análise contínua os dados podem não ter foco. A coleta e a análise de dados acontecem simultaneamente dentro e fora do campo.

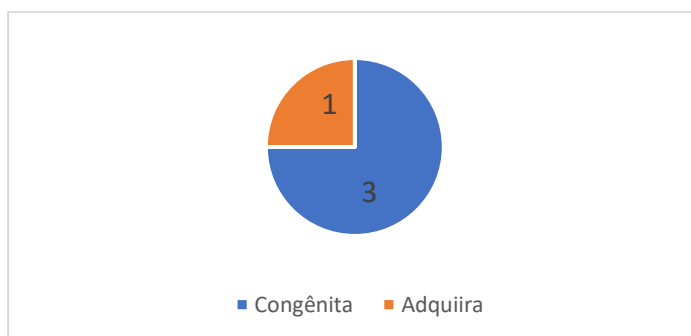
Os dados coletados foram analisados a partir da definição de categorias prévias que agruparam os principais temas relacionados à questão de pesquisa inicial. Dessa forma, foi possível uma leitura detalhada de todo o material tabulado, para identificação do conjunto de respostas assinaladas que tinham sentido para a pesquisa, e classifica-las em categorias.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

Aqui são apresentadas as análises os dados gerados através dos instrumentos utilizados no decorrer da pesquisa (questionário e produção textual), também são levados em consideração, as conversas informais com os sujeitos pesquisados, durante este percurso. Nas análises, foram consideradas as questões norteadoras, que se fundamentam na metodologia de análise do conteúdo proposta por Bardin (2009). As análise dos textos foram feitas à luz da Teoria do Letramento como prática social a partir de uma visão antropológica com base em Street (2014).

A partir desse aspecto, algumas respostas dos sujeitos entrevistados na pesquisa devem ser destacadas, como por exemplo: a pergunta 1). A surdez que você apresenta é? Para responder esse questionamento apresentou-se duas alternativas que são surdez congênita ou adquirida. Conforme gráfico a seguir se obteve as seguintes respostas.

Gráfico 1- Tipo de Surdez



Fonte: Elaboração do autor /2018.

Os acadêmicos têm idades que variam entre 26 e 47 anos, todos do sexo masculino, sendo que três apresentam surdez congênita e um disse ter adquirido aos 09 anos mas não esclareceu a causa da surdez. A incidência da surdez congênita é prevalente nos sujeitos pesquisados, dando margem ao entendimento que maioria dos surdos apresentam a deficiência desde o nascimento, o que torna imprescindível então o contato desses surdos ainda na infância com sua primeira língua. Fernandes (2015, p.21), ao tratar deste aspecto, assevera que:

A concepção de que a língua de sinais deve apresentar-se como a primeira Língua da criança surda transcende as questões do universo da comunicação e mostra as relações sógnicas como fundamentais para a concepção dos universos sociocultural e cognitivo do surdo. (..) Desse modo, se faz mister desde os primeiros anos de vida a aquisição de um sistema simbólico específico, um instrumental signifiante para as crianças surdas que permitam do desenvolvimento dos “conceitos intelectuais”, ou, como diria Pierce, “interpretantes”, um processo de transformação da experiência em cognição, processo dependente dos signos como representações mentais dessa experiência traduzida em semiose.

A idade em que o surdo passa a ter contato com a sua primeira língua pode refletir na aprendizagem deste indivíduo, quanto mais cedo o surdo tiver acesso à Libras, mais chances terá de desenvolver outras áreas na aprendizagem, inclusive a leitura e a escrita.

Para Fernandes et al (2015, p.30) “As crianças surdas têm tido acesso à língua de sinais brasileira tardiamente, pois as escolas não oportunizam o encontro adulto surdo-criança surda. Elas encontram os surdos na fase da adolescência, normalmente por acaso”.

Percebe-se neste aspecto, da aprendizagem da Libras, que existe grande diferença de idade entre os surdos, no que se refere ao primeiro contato com a L1, pois o mais velho, que aprendeu apenas aos 20 anos, é o que apresenta maior dificuldade, tanto na língua de sinais quanto na língua portuguesa. Ele afirmou também que só começou a estudar depois de adulto quando frequentou a Educação de Jovens e Adultos. Pois encontrou vários outros surdos com quem pode exercitar a linguagem de sinais e aprender mais sinais. Dorziart (2011, p.181) afirma sobre essa questão que,

Embora seja importante e válida a defesa pela aquisição da Libras nos primeiros anos de vida, deve-se salientar que há muitos casos de surdos que não a adquirem em tempo ideal. Fernandes (2003b) assevera que a criança deve aprender uma língua até os 12 anos de idade, pois, após essa fase ela tem seu desenvolvimento cognitivo comprometido, uma vez que a língua tem papel fundamental nesse processo. Essa é uma indicação de limite de idade para aquisição que possibilita trabalhar com a realidade do processo de aquisição de linguagem do surdo, pois, no Brasil, ainda há muitos casos em que o surdo tem acesso à Libras tardiamente.

Passa-se a compreender os motivos pelos quais os pesquisados tiveram contato com a língua de sinais tardiamente, assim como, o prejuízo que sofreram por esta ação. Não são casos isolados, ao contrário, é a situação mais comum

que se encontra na realidade da educação dos surdos e principalmente na aquisição da linguagem.

4.1 Análise da produção textual

Através desse instrumento, foi possível observar a questão da apropriação da escrita, em língua portuguesa, pelo surdo e a influência da Libras em tais produções e ainda o nível de letramento. Para isso, analisa-se a produção textual dos dois surdos feito a partir do instrumento que consiste na produção de uma narrativa, foi solicitado a cada participante que produzissem por escrito a história de a partir de imagens (fotos) apresentadas pelos próprios sujeitos, o material foi solicitado aos participantes.

A primeira fotografia mostrava o autor que aqui será chamado de “R” (Renato), sozinho em um estúdio de gravação de vídeos em Língua de sinais, com câmeras, luzes e fundo verde. Sobre a imagem, não mencionou detalhes, mas traçou a partir dela fatos sobre sua vida como aprendiz da Língua de sinais e enquanto estudante desde a infância. Sua maior preocupação era relatar sobre a dificuldade de comunicação e de socialização com as demais crianças na escola, ainda de como se sentia excluído dos grupos na escola.

Sobre o imagem então discorreu o texto a seguir:

Figura 1 – Produção do sujeito “R”

Passagem com criança 4 anos escola aqui sala todas surdos e surdo
nas línguas Libras L1 conversar muito também professor sei Libras
também estuda também Língua Libras está gostei há sempre escola depois para
em 2008 converter para escola sempre sala Língua Libras não só mudar
sala é com ouvir mas não ver fazer nada eu tenho está triste verdade
vós grupo ouvir coisas mas chamar é não de nada mim afastar outra eu
outra grupo surdo L1 conversa feliz depois volta sala inclusão também
não tem mais professor difícil não se social como mas vocês ter palavra é
bullying mim sendo muito mal muito aí gostei muito do não gosto mas
eu ter sério mas vocês fazer coisa não tem qual uma coisa fazer esquecer
é importante L1 n.º 10.436 o que Língua Libras social surdo e para
depois muito anos... ano 2017 chega vida eu o que fazer e aqui em inclusão
nada estuda sempre normal mas eu viver história L1 vida mais mas
ser igual para agora ao vivo sim com problema porque é pois deserta
professor gostei fazer de nada... amar nunca sempre vida etc...

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A análise do texto do “R” foi realizada a partir de uma reflexão sobre como os sentidos foram construídos ao longo de sua escritura, levando em conta a atividade de produção textual como uma atividade interacional entre sujeitos sociais (KOCH, 2013), em que o sujeito é:

Um sujeito planejador/organizador que, em sua inter-relação com outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções socioculturais. (p. 7)

A escrita do sujeito, aponta um nível de letramento que possibilita discutir e apresentar as habilidades de participar de discussões e inserção social, comprovações antropológicas demonstram que a autorreflexão e o pensamento crítico se encontram em sociedades e contextos supostamente não letrados. (STREET, 2014, p. 39). Na forma da organização frasal, comumente reflexo da organização mental do surdo, como foi mencionado no capítulo na seção I, sobre a aquisição da escrita pelo sujeito surdo, percebe-se uma forte influência da Libras, o que muitas vezes, pode parecer estranho e bastante diferente do que se está acostumado a ver em textos de sujeitos ouvintes, uma vez que não obedecem a estrutura de organização padrão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo partiu inicialmente da seguinte questão de pesquisa: Qual a influência do processo de letramento de quatro graduandos surdos da Faculdade Atual sobre os seus textos em Língua Portuguesa?

Para responder a essa questão definiu-se prioritariamente o objetivo geral: analisar o processo de letramento de quatro alunos surdos graduandos da Faculdade Atual, e a influência sobre os seus textos em Língua Portuguesa.

Percebeu-se então que o surdo por não estar em contato com a língua portuguesa oral desde a infância tem dificuldade sim de apreensão da língua portuguesa escrita, pois somente tem acesso à ela quando começa a educação formal dentro da escola, isso acontece também com a língua de sinais, pois é quando muitos surdos tem acesso a esta linguagem. Esse fator não se refere a

algum problema de apreensão de conhecimento ou cognição e sim da maneira como este conhecimento é repassado.

Porém, apesar dos problemas observados, constatou-se que ocorre vontade por parte dos sujeitos em buscar sanar as dificuldades, melhorar a qualidade dos textos e o envolvimento com a própria língua. É possível mudar essa realidade com instrumentos que auxiliem na comunicação e aprendizagem. A relação social é o fio condutor para os letramentos, não há como se pensar no ensino sem interação entre os que fazem parte deste processo.

Os resultados desse estudo apontam para necessidade de que ocorram práticas pedagógicas que contemplem o ensino da Libras dentro das escolas de ensino básico, como disciplina eletiva para os não surdos e obrigatória para os surdos. Ainda que, as práticas letradas sejam amplamente desenvolvidas que se oportunizem eventos de letramentos aos surdos nas mais variadas áreas.

Quanto à contribuição da pesquisa, pode-se dizer que compreender o processo de letramento do indivíduo com surdez traz à tona diversas oportunidades de modificar as práticas já existentes, pensando numa educação inclusiva, mas não apenas no sentido de inclusão da pessoa com surdez, mas também de sua língua e cultura.

De modo geral, o importante é que surge um grande desafio pela frente na Educação de Surdos, o compromisso de construir uma escola digna e humanamente inclusiva para todos os alunos, sejam surdos ou não.

Para finalizar este trabalho, espera-se que ele possa ter alguma contribuição para o esclarecimento quanto ao processo de letramento do graduando surdo, e quem sabe sirva de direcionamento para a mudança da realidade verificada nesta pesquisa.

6. REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDE, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.
- BAKTHIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DORZIART (org), Ana. Estudos Surdos: diferentes olhares. Editora Mediação. Porto Alegre, 2011.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.



KLEIMAN, Angela B. (org.) Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas. SP: Ed. Mercado das Letras, 2008.
ROJO, Roxane. Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo, SP; Editora Parábola, 2009.
STREET, BRIAN V. Letramentos Sociais. 1ed. São Paulo, SP: Editora Parábola, 2014.

Professores responsáveis
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Andrey Faro de Lima (EAUFPA)
Prof. Dr. Tony Leão da Costa (DFCH/UEPA)

ST

Pari Passu à própria concepção de cultura, as incursões acadêmicas em torno da cultura popular, seja como definição, tema ou fenômeno social, de modo algum desfrutaram de uma evolução linear e não contingencial. No entanto, observa-se que é justamente nesta aparente fraqueza que possivelmente se situa a relevância e a pertinência deste tema, uma vez que a cultura popular emerge no bojo das contradições, segmentações e distinções sociais que atravessam as diferentes realidades. Como já nos chamou a atenção Vicente Salles (1980), autor certamente balizador para esta proposta, a importância atribuída ao estudo da cultura popular decorre do reconhecimento de que o tema constitui viés privilegiado por meio do qual as diferentes realidades são tecidas, consoante os múltiplos modelos de cultura. Nestes termos, como se verifica, a evolução e a história da cultura popular se confundem com a própria narrativa sobre os diferentes universos sociais. Assim, este simpósio busca contemplar, considerado as potencialidades transversais que o tema traz consigo, trabalhos que abrangam a cultura popular e as culturas populares em seu sentido menos restrito, com especial atenção às expressões festivas e musicais, considerando a amplitude e as especificidades que este mote assume ou pode vir a assumir. Reflexões em torno do nacional/regional-popular, das concepções de tradição e de modernidade, do local e do global, classe, identidade e mestiçagem, patrimônio cultural, folclore, poesia, corpo, dança, educação, território, mercado, gênero, raça e nação, dentre tantas outras relevâncias, tornam-se notadamente pertinentes. Considerando ainda as possíveis abordagens e apreensões transversais a partir de áreas como História, Etnomusicologia, Antropologia, Sociologia, Comunicação, Artes e Literatura

04 - CULTURAS POPULARES EM TRANȘVERSALIDADE: TENSÕES, APROPRIAÇÕES E RE-EXISTÊNCIAS EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS

ARRASTÃO DO PAVULAGEM E A RETRATAÇÃO DOS ELEMENTOS DAS CULTURAS POPULARES NO FACEBOOK¹

ARRASTÃO DO PAVULAGEM AND THE PORTRAYAL OF POPULAR CULTURE ELEMENTS ON FACEBOOK

ARRASTÃO DO PAVULAGEM Y LA REPRESENTACIÓN DE ELEMENTOS DE LA CULTURA POPULAR EN FACEBOOK

Lucas Gil Corrêa dos Santos²
Manuela do Corral Vieira³

Resumo

O presente trabalho busca compreender de que forma os elementos característicos das culturas populares do estado do Pará, presentes nos cortejos do Arrastão do Pavulagem, foram retratados por meio do Facebook, a partir da transposição do evento para o ambiente digital, no contexto do isolamento social advindo da pandemia de Covid-19. Utilizou-se como metodologia netnografia, empregada no período de abril a julho do ano de 2020 e de junho e julho de 2021 – períodos nos quais ocorreram a preparação e realização dos eventos digitais. A fim de embasar os eixos de análise, serão utilizados os apontamentos de França (2008) sobre comunicação; Amaral Filho (2015; 2017; 2019) sobre espetáculos culturais e entretenimento; e de Castro (2012; 2020) acerca de Amazônia. Após as análises, percebeu-se que os usuários do Facebook puderam acionar e compartilhar, com sujeitos conhecidos e desconhecidos, a vivência dos cortejos como se estivessem em contato com o formato presencial do evento.

Palavras-chave

Arrastão do Pavulagem; Cultura popular; Comunicação; Covid-19; Belém.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 04 - Culturas populares em transversalidade: tensões, apropriações e reexistências em narrativas contemporâneas do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFGPA), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFGPA). E-mail: lucas.santos@ica.ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6986-9324>.

³ Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFGPA). Docente na Faculdade de Comunicação (FACOM) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da UFGPA. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFGPA). E-mail: mcorral@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2034-5359>.

Abstract

This paper seeks to understand how the characteristic elements of popular cultures of the state of Pará, present in the parades of Arrastão do Pavulagem, were portrayed through Facebook, from the transposition of the event to the digital environment, in the context of social isolation arising from the Covid-19 pandemic. Netnography was used as methodology, employed in the period from April to July 2020, and June and July 2021 - periods in which the preparation and realization of digital events occurred. In order to base the axes of analysis, the notes of França (2008) about communication; Amaral Filho (2015; 2017; 2019) about cultural shows and entertainment; and Castro (2012; 2020) about the Amazon will be used. After the analyses, it was noticed that Facebook users were able to trigger and share, with known and unknown subjects, the experience of the parades as if they were in contact with the face-to-face format of the event.

Keywords

Arrastão do Pavulagem; Popular culture; Communication; Covid-19; Belém.

Resumen

Este trabajo busca comprender cómo los elementos característicos de las culturas populares del estado de Pará, presentes en los desfiles del Arrastão do Pavulagem, fueron retratados a través de Facebook, a partir de la transposición del evento al entorno digital, en el contexto del aislamiento social derivado de la pandemia del Covid-19. Se utilizó como metodología la netnografía, empleada en el periodo de abril a julio del año 2020 y de junio y julio de 2021 - periodos en los que se produjo la preparación y realización de los eventos digitales. Para fundamentar los ejes de análisis, se utilizarán los apuntes de França (2008) sobre comunicación; Amaral Filho (2015; 2017; 2019) sobre espectáculos culturales y entretenimiento; y Castro (2012; 2020) sobre la Amazonia. Tras el análisis, se observó que los usuarios de Facebook podían desencadenar y compartir, con sujetos conocidos y desconocidos, la experiencia de los desfiles como si estuvieran en contacto con el formato presencial del evento.

Palabras clave

Arrastão do Pavulagem; Cultura popular; Comunicación; Covid-19; Belém.

1. Introdução e apresentação da pesquisa

No cenário de múltiplas ressignificações ocorridas em variadas esferas da sociedade, advindas da pandemia da Covid-19, no qual esta passou a ser propulsora de diversas mudanças (Incluindo nos rumos desta pesquisa), surgiu a questão norteadora desta pesquisa: De que forma as relações entre consumo,

sociabilidade e cultura material, que se referem ao evento Arrastão do Pavulagem, foram ressignificadas pelo cenário advindo da pandemia, em tempos de isolamento social?

Neste contexto, os cortejos do Arrastão do Pavulagem, outrora realizado nas ruas do centro da cidade de Belém, foram realocados para o ambiente online da internet, por conta do isolamento social decorrente da pandemia causada pela Covid-19. Os eventos, passaram a acontecer no formato de *lives*, denominados Arraial do Futuro, no ano de 2020, e Arraial Brincante, no ano de 2021, como se vê nas figuras 1 e 2, respectivamente. Em ambos os anos, os cortejos e as demais programações referentes a eles foram transmitidos via Facebook, Instagram e YouTube. Tal movimento pôde ser visualizado sob a lente do que Castro (2020) aponta como uma “tecnologização da vida social [...] que dizem respeito, em síntese, às formas e práticas sociais da comunicação” (2020, p. 88), segundo o qual trata-se de “um dos efeitos sociais de maior magnitude produzidos pela atual pandemia de Covid-19” (2020, p. 188), uma vez que experimentou uma ampliação por conta das condições de saúde decorrentes do período pandêmico.

Figura 1 – *Printscreen* da chamada do Arraial do Futuro



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook

Figura 2 – *Printscreen* da chamada do Arraial Brincante



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook

Assim, os processos de comunicação entre os sujeitos participantes do Arrastão do Pavulagem, sofreram modificações, uma vez que as próprias formas do “estar junto” também passaram por alterações. Desta forma, optou-se por utilizar o conceito da pesquisadora sobre a comunicação a partir das interações. A compreensão de comunicação para França (2008), atenta-se para as interações que nela acontecem. França (2008) embasa suas reflexões a partir dos estudos de Mead (2006) acerca da matriz conceitual das interações. Tal perspectiva foi adotada em razão de implicar uma mútua afetação entre os sujeitos envolvidos, mediada por ações, já que, de acordo com a autora, o processo comunicacional ocorre por meio de ações (ou gestos significantes), que o efetuam o papel de mediadora entre os sujeitos. Em outras palavras, pode-se dizer que a comunicação envolve desdobramentos de processos, de experiências sociais.

O Arrastão do Pavulagem é um evento que congrega elementos da cultura popular dos interiores do estado do Pará, como Bragança, Cachoeira do Arari e São Caetano ode Odivelas; e de estados próximos, tais como Amazonas, Maranhão e Amapá. Os quatros cortejos que compõem o evento são realizados durante quatro semanas, aos domingos, na cidade de Belém, há 35 anos. Neste período, as ruas do bairro da Campina são tomadas por centenas de pessoas a se divertir, cantar e dançar. Sob o escaldante sol das manhãs paraenses, os integrantes do Batalhão da Estrela, vestidos de azul e branco, com os rostos

pintados com maquiagem cheia de cores, tocam, ritmadamente, instrumentos de sopro e de percussão; se equilibram em pernas de pau; fazem acrobacias; enquanto, em uníssono, entoam músicas do grupo Arraial do Pavulagem e de demais artistas paraenses, animando o evento e os participantes desde a saída até a chegada dos cortejos.

Quanto ao público, seja reunido com a família e/ou amigos, seja sozinho, junta-se ao Batalhão, com seus tradicionais chapéus e formam um colorido mar de fitas de cetim a balançar no ar. Misturados por entre o Batalhão e o público, bandeirinhas, cavalinhos, “cabeções”, estandartes dedicados aos santos católicos celebrados durante a quadra junina e o próprio Boi Pavulagem – elementos característicos das culturas dos interiores do estado do Pará e do período junino – compõem os cortejos que formam o Arrastão do Pavulagem, que tornou a percorrer o trajeto iniciado no ano de 2019, antes da pandemia da Covid-19, com saída da Praça da República em direção à Praça dos Estivadores, em frente ao Instituto Arraial do Pavulagem.

Até o ano de 2019 e, novamente, no ano de 2022, ao chegar à Praça da República, atual ponto de concentração e de saída dos cortejos, sujeitos encontram-se com outros sujeitos e com grupos, grupos juntam-se com grupos ao som de músicas do repertório do grupo musical Arraial do Pavulagem, em meio a abraços e cambistas a vender chapéus com fitas e bebidas, tais como água, vinho e cerveja. Já nos anos de 2020 e de 2021, os sujeitos ressignificaram o estar junto presencialmente e passaram a conectar-se uns aos outros e com os cortejos, durante as transmissões dos arrastões digitais, diretamente dos locais nos quais se encontravam, por meio de plataformas como a página do grupo musical no site de rede social Facebook, o canal do grupo musical na plataforma de vídeos YouTube e no canal de televisão da TV Cultura do Pará, que apoiou o evento e transmitiu as programações digitais dos arrastões nos anos de 2020 e de 2021.

Para entendermos o cenário macro no qual este estudo desdobra-se, ou seja, a Amazônia, adotar-se-á a perspectiva defendida por Santos (2002), que atesta que território não se trata somente de demarcações físicas. Mas, sim, uma junção de demarcações de espaços com as apropriações feitas destes. “[...] em

outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e política (SANTOS, 2002, p. 87)". Assim, estabeleceu-se um diálogo com as proposições de Guattari e Rolnik (1986), nas quais os autores destacam que a noção de território é um conceito deveras abrangente, já que: "O território pode ser relativo, tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'" (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Desta forma, pode-se compreender "em casa" enquanto a Amazônia que cada sujeito carrega consigo, por meio de vivências experienciadas, de objetos materiais e de memórias, ainda que estes não residam no espaço físico da região amazônica, como pôde ser verificado com alguns usuários presentes nas redes sociais digitais do Arraial do Pavulagem. A Amazônia, aqui compreendida enquanto território atravessado por apropriações dos sujeitos, vai além daquela "idealizada, distante da realidade vivenciada pelas populações amazônicas" (FILHO; CASTRO; COSTA. 2015, p. 107), mas mergulha na Amazônia atravessada por processos de comunicação e sociabilidades que fortalecem a produção de identidades locais por meio do contato entre arte, política e da vida em si, que também influenciam processos de interação, segundo reflete Castro (2012): "[...] à medida que se aproximam arte, política e vida, em geral, os processos de sociação, de interação e de produção de significação se intensificam, produzindo recorrentes significações da experiência" (CASTRO, 2012, p. 442-443). Assim, objetiva-se compreender de que forma os elementos que caracterizam os cortejos do Arrastão do Pavulagem, inseridos no território da Amazônia, foram retratados no ambiente digital, entre os anos de 2020 e 2021.

As influências oriundas dos interiores do Pará e de regiões próximas ao estado são observadas a partir da junção de diversos elementos trazidos destas regiões, tais como danças e instrumentos musicais, o tradicional chapéu com fitas de cetim coloridas o Boi Pavulagem, instrumentos de sopro e percussão, "cabeções", bandeirinhas, cavalinhos, dentre outros, compõem o que Amaral Filho, Leão e Pelaes (2019) destacam como cultura do mundo rural, a partir das proposições de Loureiro (1995). Antes de adentrarmos no que os pesquisadores

definem como cultura rural, considerou-se oportuno evocar algumas definições do que seria cultura popular, uma vez que o Arraial do Pavulagem possui estreitas relações com a cultura popular. Neste sentido, traz-se as contribuições de Abreu (2003), que apresenta duas formas de observar cultura popular: a primeira, a partir de vozes outras, é equivalente ao folclore, “entendido como o conjunto das tradições culturais de um país ou região” (2003, p. 1).

Adiante, a pesquisadora traz outra definição de cultura – desta vez, de sua autoria – que é entendida como um instrumento que possibilita a compreensão da realidade social e cultural, em uma dimensão multifacetada, e complementa tal colocação ao pontuar que “[...] muito mais fácil do que definir cultura popular é localizá-la em países como o Brasil, onde o acesso à chamada modernidade não eliminou práticas e tradições ditas pré-modernas” (2003, p. 2). Observamos as contribuições de Abreu (2003), para o contexto da presente pesquisa de campo, quando analisamos o duplo significado atribuído à cultura popular nos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem, em que se destaca a presença de elementos tais como o Boi Pavulagem, Cabeções, Cavalinhos, Estandartes, Bandeirinhas, etc.

Ao considerar os elementos da cultura popular citados nos parágrafos anteriores, retorna-se novamente aos estudos de Amaral, Leão e Pelaes (2019), no qual os autores apresentam o conceito de cultura rural. De acordo com o trio de pesquisadores, cultura rural é aquela “cujas raízes provém, em sua grande maioria, de comunidades ribeirinhas, caracteriza-se pela preservação das experiências indígenas e caboclas” (2019, p. 5). Os estudiosos também destacam que a cultura, sobretudo a popular, é atravessada pela participação do povo, já que este “[...] produz e participa ao mesmo tempo, de acordo com as transformações que ocorrem no meio social” (2019, p. 4).

2. Referencial teórico-metodológico

Como procedimentos metodológicos utilizou-se as análises netnográficas embasadas nos aportes de Robert Kozinets (2014), na página do Facebook do Arraial do Pavulagem. O pesquisador define o método como sendo “a pesquisa

observacional participante em trabalho de campo online, que usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (2014, pp. 61-62). Kozinets ressalta que existem “[...] alguns fenômenos sociais que vão além da internet e suas interações sociais online” (2014, p.65), como é o caso dos cortejos que compõem o Arrastão do Pavulagem.

Optou-se por focar as análises na página do Facebook do grupo musical dado o significativo volume de informação e de questões para serem analisadas presentes na referida rede social digital. Chegou-se a tal conclusão após a análise dos conteúdos presentes na rede social, na qual a interlocutora destacou que o Facebook é considerado a rede social de maior alcance do grupo devido ao seu caráter popular, assim como o público-alvo do grupo musical. Destaca-se ainda que a escolha pelo método da netnografia deu-se, também, por conta das próprias restrições, por ocasião da pesquisa, quanto ao contato presencial entre os sujeitos, em meio à pandemia da Covid-19, e as possíveis aglomerações decorrentes destes. Assim, foram analisados conteúdos presentes na página do Facebook grupo Arraial do Pavulagem, no período de 16 de abril a 15 de julho de 2020 e 02 de junho a 18 de julho de 2021 – períodos correspondentes à divulgação dos arrastões digitais, com o objetivo de compreender semelhanças e diferenciações na divulgação dos eventos ao longo do período de análise.

3. Resultados obtidos

Na realização da pesquisa de campo, percebeu-se a presença da cultura popular nos cortejos e nas interações ocorridos no digital e realizados nos anos de 2020 e 2021, por meio dos elementos presentes durante a realização das *lives*, que remontam às tradições e raízes do grupo musical Arraial do Pavulagem - ligadas aos interiores do estado do Pará.

Neste sentido, ao percorrer os conteúdos presentes nas redes sociais do Arraial do Pavulagem, durante a preparação e realização dos cortejos digitais dos anos de 2020 e 2021, houve o prevalemento elementos típicos do Arrastão do Pavulagem, que proporcionavam aos usuários se sentir em meio aos cortejos

realizados. Por se tratar de uma manifestação expoente da cultura popular paraense, dialogamos com as considerações de Castro (2010, s/p), segundo o qual: “a cultura associada à mídia pode ser descrita como o ‘quinto poder’, como o elemento estruturante dos imaginários coletivos e, portanto, como uma peça estratégica na construção da visibilidade da cultura local”. Os elementos anteriormente mencionados, durante a divulgação da programação digital dos eventos realizados ao longo dos anos de 2020 e de 2021, são ilustrações do Boi Pavulagem, dos chapéus de fitas coloridas, de membros do Batalhão da Estrela, de bandeirinhas, estandartes, instrumentos musicais e “cabeções”, unidos por cores variadas – as mesmas cores presentes nas fitas dos chapéus dos membros do Arraial e do Batalhão da Estrela, como se vê nas figuras 3 e 4.

Figura 3 – Chamada para última *live* do Arraial do Futuro, no ano de 2020



Fonte: Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Figura 4 – Chamada para as *lives* do Arraial Brincante, no ano de 2021



Fonte: Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Em análise ao conteúdo de imagens e símbolos que remetiam às identificações dos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem, rememora-se Baitello (2007) ao destacar a capacidade que as imagens têm de fazer com que os sujeitos fujam do tempo, de sua cronologia e de sua inexorabilidade. Embora a proposição do pesquisador tenha sido feita no contexto das imagens internas, foi considerada pertinente neste estudo, na perspectiva do ciberespaço. Baitello (2007) afirma que o mundo é um ambiente permeado por imagens, sejam elas imagens internas, pinturas, fotografias, dentre outras. Diante de tal perspectiva, foi levada em consideração a proliferação de imagens presentes no ambiente digital e na vida do sujeito contemporâneo relacionadas à uma tentativa de ambientação e de recriação dos cortejos do Arrastão do Pavulagem no digital.

Ainda por meio da análise netnográfica, na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, notou-se uma intensificação na divulgação, entre junho e julho do ano de 2020, com ampla variedade de conteúdo, como se vê na tabela 1. Destaca-se que o tipo de conteúdo disponível nas postagens e o apelo emocional acionado a partir destes conteúdos influenciou no aumento do engajamento das postagens, conforme os dados disponíveis abaixo.

Tabela 1 – Dados coletados da página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, de abril a julho de 2020

Meses analisados				
	Abril	Maio	Junho	Julho
Publicações	1	1	39	20
Curtidas	1.100	852	12.670	4.287
Comentários	189	102	7.662	265
Compartilhamentos	549	412	2.852	380

Fonte: Produção do autor (2021).

Dentre os conteúdos que mais predominaram, devido à frequência com a qual tais conteúdos se fizeram presentes no material analisado, elencam-se os seguintes: quatro *lives* dos cortejos digitais, conteúdos dos ensaios digitais e conteúdos para o YouTube, respectivamente; homenagens em vídeo, rodas de conversa (*Podcasts*), atualização de dados e demais programações vieram em

seguida. Enquanto que, no ao de 2021, as divulgações realizadas na página do Facebook do grupo musical contaram com um espaço de tempo reduzido, englobando os meses de junho e julho, como se vê na tabela 2 - período de realização dos cortejos presenciais, até 2019, e dos cortejos digitais realizados nos anos de 2020 e de 2021.

Tabela 2 – Dados coletados da página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, de junho a julho de 2021

Meses analisados		
	Junho	Julho
Publicações	17	31
Curtidas	4.646	2.464
Comentários	300	73
Compartilhamentos	869	284

Fonte: Produção do autor (2021).

Em outra instância dos resultados obtidos, via análise netongráfica, verificou-se a expressão de alguns sentimentos e sensações, acionados nos usuários ao assistir a versão digital dos cortejos, tais como nostalgia por não poder vivenciar a programação de forma presencial, como era costume, ou por encontrarem-se longe da cidade de Belém, ao verificar a frequência da palavra “saudades”, por exemplo. Ao mesmo tempo, ao analisar os termos mais frequentes em comentários feitos pelos usuários nas postagens disponibilizadas, foram percebidos sentimentos como orgulho e exaltação da cultura popular local apresentada nos cortejos digitais dos anos de 2020 e de 2021, ao tomar como referência a palavra “viva”, costumeiramente utilizada em tons de exaltação e de homenagens nas celebrações e, neste caso, nos cortejos que formam o Arrastão. Cabe ressaltar que, independentemente do teor dos sentimentos, palavras como “arraial”, “pavulagem” e “cultura” evidenciaram a estreita relação que os usuários têm com os cortejos e com as manifestações da cultura popular expressas por meio do evento.

4. Considerações finais

O presente trabalho buscou analisar de que forma os elementos das culturas populares do estado do Pará, que caracterizam os cortejos juninos do Arrastão do Pavulagem, foram retratados por meio da plataforma de comunicação digital Facebook, a partir da transposição do evento para o ambiente digital, no contexto do isolamento social advindo da pandemia de Covid-19.

Após a realização das análises netnográficas percebeu-se que a retratação e disposição dos elementos culturais característicos do Arrastão do Pavulagem nos conteúdos disponibilizados no ciberespaço foi feita de modo a acionar, nos usuários da plataforma de comunicação analisada, a vivência dos cortejos como se estivessem em contato com o formato presencial do evento e com uma cidade que se abre dentro de outra cidade – aqui a cidade formada por simbolismos e sensorialidades e a cidade em eu sentido “físico”, em referência aos apontamentos de Jeudy (2005), a partir da reafirmação de uma identidade paraense, uma identidade local. Neste ponto, torna-se oportuno o questionamento, a partir das ponderações de Lima e Silva Júnior (2015): na busca da construção da (re)criação com das características desta identidade local, que caracteriza o Arrastão do Pavulagem, e do sentimento do estar junto, quais vozes são evidenciadas? Quais vozes, por outro lado, são deixadas de lado? O quanto este processo influencia no alcance conquistado pelo Arrastão do Pavulagem nas plataformas midiáticas? O poder, enquanto potência criadora, exerce influência até que ponto neste processo em nível individual e coletivo?

Em outra instância de análises, percebeu-se também que o sujeito contemporâneo mencionado por Baitello (2007), ao deparar-se com a divulgação dos cortejos digitais do Arraial do Pavulagem, realizados no ambiente online entre os anos de 2020 e 2021, nas plataformas de comunicação do grupo musical, viu-se inserido em um ambiente simbólico permeado por elementos visuais e sonoros, e por camadas outras de interação entre os usuários, de modo a vivenciar o evento de uma forma que não através da participação presencial, em uma época na qual recomendava-se enfaticamente evitar aglomerações, por conta da rápida propagação do vírus da Covid-19 a nível



mundial. Contudo, por meio das plataformas de comunicação do Arraial do Pavulagem, tais como página das redes sociais Facebook e Instagram, bem como a plataforma de vídeos YouTube, o sujeito pôde ter contato imagens e elementos que pudessem possibilitar que estes acionassem e compartilhassem entre si – seja com sujeitos conhecidos e desconhecidos - vivências e sentimentos experienciados outrora, durante os cortejos realizados de modo presencial, até o ano de 2019, antes do vírus causador da Covid-19 configurar-se como uma pandemia.

A variedade de conteúdos presentes na página do Arraial do Pavulgem, no período de abril a julho de 2020, deve-se, além da atração do público de antes e conquista de novos públicos, às experimentações realizadas pela equipe do Arraial do Pavulagem sobre a comunicação do evento, segundo uma das entrevistas realizadas para este trabalho: “A gente foi aprendendo fazendo, porque era tudo muito novo. Experimentando, na prática, para ver o que poderia funcionar e o que não poderia. Assim como saber o que poderia ser aproveitado para a divulgação do evento, no ano seguinte”, declarou a profissional responsável pela comunicação das redes sociais do grupo, no período da realização dos arrastões digitais. “Algumas coisas funcionaram super bem neste processo, outras nem tanto. Então, para 2021, decidimos enxugar um pouco mais a divulgação do Arrastão”, acrescentou.

Por conta das análises dos resultados obtidos, entendemos que, ainda que de uma forma diferenciada àquelas do formato presencial, as estratégias advindas destes anos de suspensão dos cortejos presenciais foram capazes de desenvolver e aprofundar formatos outros de interação entre o Arrastão e o público. Algumas destas estratégias, inclusive, se mantiveram presentes no Arrastão do ano de 2022, que voltou a ser no formato presencial, mas que contou com transmissões televisionadas e integradas ao digital, o que percebemos como um reflexo da experiência dos processos de midiaticização dos últimos dois anos. Estas contribuições e influências seguem em continuidade e desenvolvimento ao evento, como forma de multiplicar e pluralizar a participação nos cortejos e, sobretudo, na difusão deste festejo cultural e popular paraense.

A partir de tais estratégias de divulgação, foi possível perceber, ao analisar os resultados obtidos ao longo da realização deste trabalho, as variadas formas pelas quais estas emoções conectam, comunicam e são fontes de compreender o entretenimento, para além do lazer, e, as emoções, para além do instante. Desta forma, pode-se compreender o entretenimento e o lazer enquanto coisas/instantes continuados, que atravessam variados cenários e intencionalidades (pessoais, coletivas, políticas, culturais, sociais, mercadológicas, etc.). Deste modo, torna-se possível traçar uma ponte entre os resultados obtidos com as colocações de Castro e Rocha (2009), nas quais as pesquisadoras afirmam que o entretenimento, ao se tornar algo a ser consumido e perpassado pelas formas contemporâneas de comunicação midiática, pode proporcionar experiências de subjetivação dos sujeitos (2009, pp. 1-2).

Este trabalho não tem como finalidade encerrar as discussões acerca do tema ou responder todos os questionamentos surgidos. Entretanto, tem como objetivo provocar inquietações, despertar novos olhares e abrir possibilidades de diálogos acerca dos estudos sobre comunicação e cultura, bem como das (res)significações acionadas em diversas esferas sociais, políticas, econômicas e científicas a partir da pandemia causada pelo vírus da Covid-19.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Martha. **Cultura popular, um conceito e várias histórias**. In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel, Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

AMARAL FILHO, Otacílio; LEÃO, Bianca.; PELAES, Laís. **Surrealidade cotidiana: a teatralização do imaginário amazônico nos espetáculos dos Cordões de Pássaros** TÁCULOS DOS GRUPOS DE CORDÃO DE PÁSSAROS. Aturá, v. 3, p. 18-26, 2019.

_____; CASTRO, Fábio; COSTA, Alda. **Marca Amazônia: Estratégias de comunicação publicitária, ambientalismo e sustentabilidade**. Revista Comunicação midiática (online). Bauru/ SP, v.10, n.3, p. 105-118, set./dez. 2015.

_____; ALVES, Regina. **Os Espetáculos Culturais na Amazônia: Do Boi de Parintins ao Círio de Nazaré**. In: Fábio Fonseca de Castro, Otacílio Amaral Filho, Regina Lúcia Alves de Lima. (Org.).

COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA. 1ed. BELÉM: PPGCOM/UFPA, 2017, v. 1, p. 10-19.

BAITELLO, Norval. **Podem as imagens devorar os corpos**. Revista Sala Preta Eletrônica, v. 7, p. 77, 2007.

CASTRO, Fabio Fonseca de. **Impactos da Covid-19 sobre os processos comunicacionais**: Primeiras observações sobre dinâmicas, impasses e riscos. 2020. Disponível em:

<<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/download/8799/6270>>>.

Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. **As guitarradas paraenses**: um olhar sobre música, musicalidade e experiência cultural. Contemporânea – Comunicação e Cultura. v.10, n.2, p.442-443, maio./ago. 2012.

CASTRO, Gisela. ROCHA, Rose. **Consumindo o entretenimento**: dimensões comunicacionais de um processo sócio-cultural. In: 18^a 18^o Encontro Anual da Compós, 2009, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Compós, 2009.

FRANÇA, Vera. **Interações comunicativas**: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: A. PRIMO et al. (org.), Comunicação e Interações. Livro da Compós. Porto Alegre: Sulina, p. 71-91. 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Tradução de: Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KOZINETTS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LIMA, Regina Lúcia Alves de; SILVA JÚNIOR, Antonio Carlos Fausto da. **(In)conveniências identitárias a serviço da visibilidade midiática no carimbó e no brega produzido no Pará**. Revista Fronteira, v. 17, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário. Belém: Cejup, 1995.

SANTOS, Milton. O país distorcido. In: RIBEIRO, Wagner Costa. (Org.). São Paulo: Publifolha, 2002.

NARRATIVA DA CIDADE: 'CORTEJO VISAGENTO' UM OLHAR LOCAL CONTRA O HALLOWEEN.¹

NARRATIVE OF THE CITY: CORTEJO VISAGENTO A LOCAL LOOK AGAINST HALLOWEEN.

NARRATIVA DEL PUEBLO: CORTEJO VISAGENTO UNA VISIÓN LOCAL CONTRA HALLOWEEN.

Adrianne da Silva Peixoto²
Ivana de Ivana Guimarães de Oliveira³

Resumo

Este estudo aborda o evento cultural Cortejo Visageto, realizado do dia 31 de outubro anualmente no bairro do Guamá em Belém - Pará, questionando o seu olhar local contra o *Halloween*. Com objetivo de analisar as narrativas dos coordenadores sobre este evento e a resistência ao *Halloween*. O embasamento é composto por Jesus (2007) que aborda sobre o *Halloween*, Cancline (2007), Loureiro (2014), Lipovetsky e Serroy (2011 e 2015) trazendo sobre cultural global e local, Vieira (2006) e Oliveira (2013) que abordam sobre identidade cultural, e Bosi (2002) sobre a escrita dos excluídos. A metodologia é embasada por Mota (2013) com a análise das narrativas dos coordenadores do evento, identificando o plano da expressão e o plano da metanarrativa presentes. Como resultado é apresentado a existência do discurso em defesa do imaginário amazônico em contraponto ao *Halloween*, com apoio da lei da Semana Municipal da Matinta Perera, ocorrendo um embate cultural entre o global e local.

Palavras-chave: Cortejo Visageto. *Halloween*. Embate cultural. Imaginário Amazônico. Cultura global e local.

Abstract

This study approaches the cultural event *Cortejo Visageto* that is performed on october 31st annually on *Guamá* streets in Belém/Pará, questioning its local look against Halloween. Its aim is to analyse the narratives of coordinators about this event and the Halloween resistance. The theoretical bases are Jesus (2007) about Halloween, Cancline (2007), Loureiro (2014), Lipovetsky and Serroy (2011 and 2015) about global and local cultural, Vieira (2006) and Oliveira (2013) about cultural identity, and Bosi (2002) about excludes written. The methodology way is based by Motta (2013) to analyse the narratives, identifying the expression plane and the metanarrative plane present in it. The results present the existence of speech in

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Culturas populares em transversalidade: tensões, apropriações e reexistência em narrativas contemporâneas do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Graduada em Letras pela Universidade da Amazônia (2012). Mestranda no Curso de Comunicação, Linguagem e Cultura, da Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém/Pa, Brasil. E-mail: adriannepeixoto@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5735-3470>.

³ Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará, Brasil (2018). Professor Titular da Universidade da Amazônia, Brasil. E-mail: Ivana.professora2020@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3194-725>.

indefense of Amazonian imaginary in contrast to Halloween, with support of the low known in the city *Matinta Perera* Municipal week, occurring a cultural clash between local global.

Keywords: *Cortejo Visagento*. Halloween. Cultural Clash. Amazonian Imaginary. Global and local culture.

Resumen

Este estudio aborda el evento cultural *Cortejo visagento*, se realiza anualmente el 31 de octubre em el barruo Guamá de Belém – Pará, cuestionando la mirada look local frente a *Halloween*. Para analizar las narrativas de los coordinadores sobre este evento y la resistencia a *Halloween*. La fundación consta de Jesus (2007) que habla de *Halloween*, Cancline (2007), Loureiro (2014), Lipovetsky e Serroy (2011 e 2015) creando una cultura global y local, Vieira (2006) e Oliveira (2013) que abordan la identidad cultural, e Bosi (2002) sobre la escritura de los excluidos. La metodología se basa en Mota (2013) con el análisis de las narrativas de los coordinadores del evento, identificando el plano de expresión y el plano metanarrativo presentes. Como resultado, se presenta la existencia del discurso en defensa del imaginario amazónico en contraposición al Halloween, con apoyo de la ley de la Semana Municipal de Matinta Perera, con un choque cultural entre lo global y lo local.

Palabras-claves: *Cortejo Visagento*. *Halloween*. Choque cultural. Imaginario amazónico. Cultura global y local.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata sobre narrativas da cidade que se refere ao Evento Cultural Cortejo Visagento um olha contra o *Halloween*. Com o foco na análise das narrativas dos coordenadores deste evento acerca da defesa da cultura local em contraponto ao *Halloween*. O objetivo deste trabalho é analisar as narrativas (entrevistas) dos coordenadores sobre o Cortejo Visagento, reconhecendo seus discursos em defesa ao evento e resistência ao *Halloween*.

O cortejo visagento é um evento com foco na valorizar o imaginário amazônico, assim como as lendas urbanas. A ideia do cortejo visagento é fazer um evento em contraponto ao *Halloween*, que ocorre no dia 31 de outubro anualmente, nas ruas do bairro do Gaumá na cidade de Belém/Pará. Este foi embasado pela Lei Municipal nº 8330 de 16 de Junho de 2004, que determina a Semana Municipal da Matinta Perera, em contraponto ao *Halloween* e em fortalecimento da identidade local. Esta lei institui que a partir do dia 31 de outubro seja um período comemorativo acerca do folclore da região norte, em que as escolas devem realizar atividades lúdicas e educativas acerca dos personagens folclóricos paraenses.

Este evento é realizado pelo Espaço Cultural Nossa Escola (ECNE) localizada no bairro do Guamá. O ECNE surgiu em 1977, com o propósito de acolher crianças em situação de rua, proporcionando atividades de apoio pedagógico e lúdicos

mostrando a importância da leitura e interesse por esta. É localizada na travessa 25 de junho no bairro mais populoso da cidade – Guamá em Belém/Pará.

O bairro do Guamá possui este nome, pois é localizado às margens do Rio Guamá na zona sul na cidade de Belém/Pa. Abrange mais de 100 mil habitantes (IBGE 2000), considerado o bairro mais populoso da cidade. Historicamente o bairro do Guamá era visto como um bairro excluído pela sociedade, e por ser uma área que abrange uma parte da sociedade mais desprovida de benefícios sociais, e no passado acolhia as pessoas chamadas de “maléficas à sociedade” sendo eles leprosos, escravos e marginalizados pela sociedade, com a existência de um leprosário nesta região. O bairro do Guamá também é conhecido como um local de existências de lendas urbanas da cidade de Belém, dentre elas a “Moça do Táxi” chamada de Josephina Conte, diz a lenda que no dia do seu aniversário dia 19 de abril, seu pai pagava uma corrida de táxi para ir aos pontos turísticos de Belém, até ser morta em 1931 aos 16 anos.

A relevância pessoal deste artigo é apresentar um olhar local do evento cortejo visagento em contraponto ao *Halloween*, pois está diretamente ligado ao trabalho de dissertação da primeira autora, sendo um capítulo do trabalho em produção. A importância acadêmica é levantar a discussão acerca do embate cultural que ocorre neste evento entre o imaginário amazônico e o *Halloween* pelas narrativas dos coordenadores do evento. No âmbito social este estudo nos elucida a questão do local e global por este evento que defende a valorização do imaginário amazônicos e suas lendas urbanas locais em resistência a cultural global do *Halloween*.

O trabalho é embasado por Jesus (2007) que aborda sobre a festividade do *Halloween* no Brasil e no mundo, Cancline (2007), Loureiro (2014), Lipovetsky e Serroy (2001) que abordam o global e o local, Oliveira (2014) e Vieira (2006) sobre construção da identidade cultural, e por último Bosi (2002) sobre escrita dos excluídos.

A metodologia do trabalho é a análise narrativa propostas por Motta (2013), utilizando as estâncias do plano da expressão com foco no discurso das entrevistas e o plano da metanarrativa contidas netas. Foram realizadas duas entrevistas com os dois coordenadores do evento, e neste estudo ocorreu o recorte dos seguintes temas: os discursos existentes nas narrativas, objetivo do evento, data da realização



do evento, relação com a Lei da Semana Municipal da Matinta Perera e a percepção dos coordenadores sobre o evento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - O Festejo do Halloween no Brasil e no mundo.

O *Halloween*⁴ tem sua origem com o povo celta, os quais habitavam a região do Reino Unido, principalmente na região da Irlanda e Escócia. Para este povo o *Halloween* marcava o início do inverno e seu Ano Novo. Este estava relacionado como o festival *Samhain*, sempre comemorada em 1º de novembro, o qual era associado a agricultura, já o *Halloween* seria a noite anterior do festival, pois Jesus (2007, p. 24) afirma em seu estudo que o celtas acreditavam na imortalidade da alma, e no dia 31 de outubro os espíritos de seus antepassados voltavam para seu antigo lar para pedir comida aos seus familiares. E para serem confundidos com os mortos os celtas se vestiam com roupas que lembravam seres malignos para não serem reconhecidos.

Com o passar do tempo o povo celta foi se cristianizando, apesar de que muitos deles não renunciavam seus antigos costumes pagãos. Ao longo do tempo o *Halloween* ficou relacionado ao dia de todos os Santos celebrado em 1º de novembro pela igreja católica e no dia 2 finados, ocorrendo uma mescla entre os costumes cristãos e pagãos. A palavra *Halloween* foi então criada pela expressão “*All Hallow’s eve*”, o que significa véspera do dia de todos os santos, em 835 pelo Papa Gregório IV, DC.

O *Halloween* foi inserido nos Estados Unidos por imigrantes irlandeses e tornou-se parte da sua cultural, assim como outras celebrações advindas da região do Reino Unido e suas localidades ao redor. Com isso ocorreu um espécie de miscigenação de ambas as culturas, pois elementos norte-americanos também foram adicionados a esta celebração pagã, como as bruxas, fantasmas, duendes, Drácula e outros seres que eram narrados em histórias orais naquela região, como Jack O’ Lanter. No século XX o *Halloween* se tornou uma influência grande ao redor do mundo, principalmente por crianças que se vestiam com fantasias de monstros, pediam doces nas casas (*treat or trick*) e escupiam abóboras. No Brasil não foi diferente a cultural do *Halloween* iniciou-se com as escolas de idiomas e suas festividades específicas para o ensino daquela cultura, e com o tempo escolas de

⁴ Festa advinda de países anglo-saxônicos, que tem como origem celta e celebrava o início do Ano novo deste povo e relacionado com o festival *Samhain*.

ensino laico e também introduziram esta festividade no calendário. Porém, a cultura local foi sendo deixada de lado e ocorrendo sua desvalorização, pois a cultura de fora estava sendo mais forte entre as crianças, jovens e adultos que as nossas raízes foram sendo “esquecidas”. (JESUS, 2007, p; 28).

A proposta aos dias atuais em nosso país é trazer de volta o conhecimento da nossa cultura e sua valorização, com eventos que possam substituir a festividade do Halloween, como o dia do Saci (PROJETO DE LEI N.2.479^a, 2003) que foi escolhido com uma celebração nacional contra a festividade estrangeira e a Semana Municipal da Matinta Perera (LEI N.8330, DE 16 DE JUNHO 2004) na cidade de Belém/Pa.

A presença da hibridação de culturas para se chegar até o que conhecemos hoje de Dia das Bruxas ou Dia do Saci relacionado ao *Halloween* é um grande exemplo de que as culturas se modificam ao longo do tempo e espaço, e por muita das vezes sua origem se perde ou é esquecida, e em outras vezes modificada.

2.2 - Do global ao local.

Cancline (2007, p. 99) diz que as sociedades apresentam suas mudanças e conflitos entre todos os grupos que a compõem, sendo seus próprios nativos e imigrantes, fazendo que apareçam os mitos e estereótipos. Isso ocorre quando uma sociedade estipula algumas regras de convivências e acerca de sua origem, denominando que é cidadão ou não de uma determinada localidade. A existência de uma política cultural em uma sociedade denomina acerca de quem somos e o que nos faz ser semelhantes.

Apesar da multiculturalidade globalizada, as nações conservam seus costumes seculares de suas culturas, e adaptam as novas diferenças que chegam de outra localidade as suas maneiras. Resultando na maioria das vezes em confrontos culturais. Os movimentos globalizadores tentam trazer ao conhecimento mundial o relativismo intelectual que tem por objetivo fazer com que as nações entendam que há existência de outras culturas e devem ser respeitadas e que ocorra a aceitação do outro, para que haja a existência mútua de culturas diferentes ao redor do mundo. (CANCLINE 2007, p. 100).

Cancline (2007, p. 116) conclui que para que ocorra a democracia entre as nações e suas culturas, a política cultural deve além de respeitar e aceitar as diferenças do outro, criar condições e estratégias para que possa haver a convivência das culturas e ocorra a troca de aprendizado mútuo cultural.

Loureiro (2014, p. 32) afirma que o global não tem objetivo de anular com a cultural local, porém acaba por isolar este cada vez mais ou denominando-os como sacrários folclóricos de uma determinada região para ser utilizado por pesquisadores e turistas, perdendo o real sentindo daqueles costumes ou conhecimentos específicos, tornando-os uma espécie de laboratório para ser catalogado na história.

Tudo nasce do local e vai de encontra com global, sendo que o local torna-se algo delimitado, porém necessário para a continuação da história globalizada. Tudo pode se tornar universalizado inclusive um imaginário cultural, tudo depende do que é aceito, por outro lado a cultura nasce de um trajeto antropológico e social. Por outro lado percebemos a luta do que é local e global, uma resistência do particular e uma vitória do geral. (LOUREIRO, 2014, p. 32).

Lipovsky e Serroy (2001, p. 68), afirmam que a hipermodernidade tem por objetivo fazer com que a cultura se unifique com o capitalismo global, tornando-se uma hipercultura ou cultura-mundo.. “(...) Nos tempos da cultura-mundo, a cultura torna-se mundo de marcas e de consumo, e o mundo mercantil torna-se, mais ou menos, cultural.” (2011, p. 69). Esse movimento acaba por interferir em mutação da cultura tradicional de um povo, transformando ou adaptando estas para um mundo da hipermodernidade cultural.

Pode-se chegar ao entendimento de que a cultura-mundo é uma forma de hibridação da cultura americana com a local, havendo uma coexistência de ambas, porém sendo inserida em um contexto diferente dos EUA, ocorrendo um enriquecimento cultural mundial, que futuramente será absorvido e remodelado ao passar do tempo. (LIPOVETSKY E SERROY 2011, p. 126).

A ideia de um mundo absorvendo passivamente os produtos da América não corresponde à realidade; o que se vê é um processo de redefinição e de reciclagem desses produtos em função dos contextos culturais. (LIPOVETSKY E SERROY 2011, p. 126).

Lipovsky e Serroy (2015, p. 132), dizem que o mais importante para a cultura-mundo é proteger as culturas singulares ocorrendo um pluralismo mundial, porém não focando apenas em fins lucrativos, mas sim as realce a cultura local sabendo absorver de forma criativa o que vem de fora, adaptando-se ocorrendo a hibridação de culturas.

2.3 - Narrativa, Identidade e Performance: Entrelaces.

As construções identitárias são fenômenos constituídos do contexto histórico, social e cultural de um povo, os quais são relevantes para o surgimento das

identidades sociais, as quais são fluidas por serem diretamente influenciadas por mudanças ocasionadas ao longo do tempo que permite a mutação de pensamentos, sentimentos e modos de agir de uma comunidade que passa por um processo constante construção de identidade. “No processo de construção identitária ocorre o inter cruzamento de realidades macro (os contextos sociais, histórico e cultural) e realidades de ordem micro (discurso)”. (OLIVEIRA, L. 2013, p. 54).

Bauman (2000, p.1) apud Oliveira, L. (2013, p. 56) afirma ao construir uma identidade social são necessários dois recursos os afiliacionais e os identificacionais, os quais estão presentes na cultura de um determinado povo, ao ocorrerem trocas de experiências sociais as quais ajudam na contínua construção do indivíduo, do outro e da sociedade em que vivem.

Oliveira e Bastos (2001) apud Oliveira, L. (2013) afirmam que a construção identitária de um povo se interliga com a narrativa, pois ao narrar um ato contém muitas movimentações na ação e um contexto social específico, sendo esta a contribuição para a formação da identidade de um povo, sendo o resultado da ação de narrar, ou seja, a compreensão da comunidade. (OLIVEIRA, 2013, p. 71).

2.4 - Identidade cultural: construção e quebra.

A construção da identidade por muitas vezes é afetada pelo que se diz universal, pois ocorre um tipo de mistura cultural do que é local com o global, e a identidade cultural se desconstrói ocorrendo a hibridação cultural de um povo. Pois segundo Derrida (1973 apud Vieira 2006, p. 64) nunca houve ocorrência de relação binária dos opostos, por exemplo, o certo e errado, o claro e escuro, ou a luz e as trevas, sempre o movimento de mudança na identidade de um povo ocorre ao decorrer do tempo.

Derrida (1973 apud Vieira 2006, p. 63) faz a desconstrução do que do que se consideram as verdades absolutas e busca a imprecisão existente nessas, construídas de formas concretas e fechadas. Ele desconstrói a ideia gerada pela unidade da palavra colocando em dúvida o sentido do ser, pois o que conhecemos por pares opostos foram construídos por um discurso regidos por um determinado povo em uma temporalidade específica.

Vieira (2006, p. 69) diz que o hibridismo cultural ocorre ao longo do tempo ocorrendo uma mestiçagem de valores, formas e hábitos de uma comunidade, modificando o homem com sua tradição mítica ao homem da atualidade em uma mesma localidade. “Essa mescla expressa a própria dimensão do literário, como

linguagem plural dominante e que se expressa por camadas que se justapõem, sem ter uma forma dominante, com posições hierárquicas, mas no tempo circular da narrativa” (VIEIRA, 2006, p. 69).

Arguedas (1977 apud Vieira, 2006, p. 70) defende a ocorrência da harmonia entre culturas, etnias e classes sociais, pois a construção da identidade cultural de um povo não ocasiona a perda ou desaparecimentos de crenças e raízes, mas o agrupamento de convivências de várias formas de ser, tornando-se uma sociedade com uma cultura híbrida.

2.5 –A voz dos excluídos.

O excluído ou marginalizado se encontra em todos os lugares, na cidade, interior, sertão, zona rural, e até sendo trabalhadores formais e informais na sociedade. A crítica sociológica que embasa o assunto é a percepção de que estes são pessoas simples, mas com realidades complexas, mostrando uma realidade que muitas vezes não é perceptível ou não se quer ver, porém a narrativa sempre nos apresenta essas vozes que estão vivas e devem ser reconhecidas e valorizadas. (BOSI, 2002, p. 259).

A valorização da cultural *folk* (cultura popular) aos poucos crescendo e ganhando importância para a sociedade ao descrever a imagem do excluído ou marginalizado, abrangendo a cultura daquele que veio do sertão até o favelado da cidade grande, consideradas culturas de fronteira. Levar o conhecimento destes a todos é fazer com que seja compreendido como vivem, quais seus costumes e seu ambiente, para que possamos ter a consciência e respeito pelo outro e sua cultura. (BOSI, 2002, p. 261).

Bosi (2002, p. 269), defende que a cultura popular é um conhecimento que deve ser investigado e estudado a fundo, pois são ferramentas que podemos nos ajudar em nossa evolução social, econômica e educacional, estes conhecimentos ajudam em nossa formação intelectual, cultural e científica, tendo conseqüências benéficas para auxílio em soluções de problemas existentes. O respeito pelo conhecimento popular nos faz compreender como podemos viver melhor com as pessoas, animais e meio ambiente como um todo, enfim como podemos viver melhor em sociedade.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é caracterizada como sendo campo, pois investiga um evento cultural, o qual é analisado de forma qualitativa devido a análise das entrevistas

realizadas com os coordenadores do evento, além de ser exploratória e descritiva, ao apresentar detalhadamente o evento e suas peculiaridades. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um roteiro de entrevista, com perguntas abertas sobre o evento cultural Cortejo Visagento, aplicado para ambos os coordenadores. Uma das entrevistas foi realizada pessoalmente e gravada, obtendo sua transcrição posterior, a outra foi uma entrevista pelo aplicativo de conversas *whatsapp*, a qual foi copiada o conteúdo da entrevista para a realização da análise. As entrevistas foram concedidas em junho e julho de 2022, e autorizadas para serem analisadas de acordo com o objetivo deste estudo.

A análise das entrevistas dos coordenadores do evento Cortejo Visagento foi embasada por duas instâncias de análise de narrativas sobre propostas por Motta (2013), identificando o plano da expressão com foco no discurso das narrativas e o plano da metanarrativa, contidas nestas.

RESULTADOS

Após levantamento de dados qualitativos obtidos pelas respostas dos coordenadores do evento cultural Cortejo Visagento, realizado através do roteiro de entrevista, apresentaremos a seguir os posicionamentos sobre pontos relacionados ao objetivo do estudo, o qual tem seu ponto principal analisar as narrativas acerca deste evento e o posicionamento sobre o *Halloween*.

Os temas utilizados nos questionamento englobaram sobre o discurso do Cortejo Visagento e seu objetivo, sobre a data de realização do evento em 31 de outubro, a relação do evento com a Lei da Semana Municipal da Matinta Perera, e a percepção do evento pelos coordenadores em vista aos participantes e comunidade em geral.

O discurso sobre Cortejo Visagento segundo os coordenadores do evento nos apresenta ser um evento cultural em defesa na cultural local, no caso o imaginário amazônico e as lendas urbanas em contraponto a festividade do *Halloween*, uma cultura global. Tendo como objetivo ressignificar esta data com a cultura “visagenta” local, levando aprendizado e enraizamento desta através da leitura. Outro ponto a ser abordado é o aprendizado da história do bairro do Guamá, o qual é exposto em paradas estratégicas no decorrer do cortejo, e com isso mudar a imagem deste bairro que historicamente é visto como um bairro excluído.

[...] a gente precisa convencer o nosso povo que nós temos que lutar para mudar bairro, então vamos ressignificar tudo, nós vamos ressignificar o cemitério, nós vamos fazer uma briga contra o *Halloween*, porque, porque

que vai querer adorar os americanos, um bando de loucos que *tão* se matando. (OLIVEIRA, 2022)

Havíamos combinado de fazer uma discussão sobre a origem do cemitério e então contatamos com uma moça da SEURB e ela foi fazer uma palestra para gente lá dentro do cemitério. Foi assim uma coisa muito inusitada, muito rico. A ideia era fazer o evento em contraponto ao Halloween, ocorreu no mês de outubro para novembro. (CHAGAS, 2020)

O Cortejo Visagento nasceu para fortalecimento da lei da Semana Municipal da Matinta Perera em contraponto ao *Halloween*, pois se caracteriza contra este evento e valorização da cultura local. “A data dia 31 de outubro....por causa do *Halloween*, pelo contraponto ao *Halloween*.” (OLIVEIRA, R. 2022).

O Cortejo Visagento nasceu para fortalecimento da lei (do vereador Paulinho Fonteles) do Dia da Matinta como uma forma de contraposição ao Wallowin (não sei se é a escrita correta). (CHAGAS, 2022).

A percepção do evento pelos coordenadores nos apresenta uma visão de que não se trata de um evento híbrido, apesar da presença de pessoas com diversas fantasias de outras culturas, pois tem seu foco no imaginário amazônico e lendas urbanas locais. Ocasionalmente uma espécie de “luta” contra do *Halloween* em exaltação a cultura local, com a defesa de que não se pode celebrar algo que não é local ocorrendo uma sobreposição de culturas por falta de conhecimento do que é presente na realidade da comunidade os mitos e lendas locais. “No último, muitas pessoas foram fantasiadas de outros personagens. Mas o foco é o imaginário amazônico.” (CHAGAS, 2022).

Percebeu-se uma cultura pré-existente, que é essa do *Halloween* no Cortejo, é uma tal de globalização, mas o trabalho do cortejo é enfrentar isso só que não expulsar isso, nós não queremos dizer que a gente é melhor que aquele, nós queremos dizer que somos parte do que a gente é, e não substituir por algo que você não conhece, está me entendendo?! (OLIVEIRA, R. 2022)

O cortejo visagento é uma forma de enfrentar a globalização no que diz respeito a celebração do *Halloween*, pois primeiramente devemos conhecer o que é local e valorizar, para depois conhecer o que é do outro, outras culturas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÕES

No plano da expressão defendido por Motta (2013), o foco deste estudo se concentra nas narrativas dos coordenadores do evento relacionado ao discurso expressado no cortejo visagento, bem como seu objetivo, seguido da data de

realização do evento, a relação com a lei da Semana Municipal da Matinta Perera, e a percepção dos coordenadores em vista aos participantes e comunidade.

Ao defender o discurso de que o Cortejo Visagento é um evento contrário ao *Halloween* e valoriza o imaginário amazônico e as lendas urbanas locais, nos apresenta a discussão acerca da influência de uma cultura global em contato com uma local, gerando conflitos culturais, a não aceitação do que adentra em outra cultura por meio da globalização ocasiona um retardo na evolução cultural de uma comunidade. Cancline (2007, p. 99) diz que as sociedades apresentam suas mudanças e conflitos entre todos os grupos que a compõem, sendo seus próprios nativos e imigrantes, fazendo que apareçam os mitos e estereótipos e que apesar da multiculturalidade globalizada, as nações conservam seus costumes seculares de suas culturas, e adaptam as novas diferenças que chegam de outra localidade as suas maneiras. Resultando na maioria das vezes em confrontos culturais.

Loureiro (2014, p. 32) afirma que o global não tem objetivo de anular com a cultural local, porém ao negar o que vem de fora e favorecer apenas o que é de determinado povo, tornam-se apenas objetos de estudo de pesquisadores e/ou conhecimento para turistas, sem seu real sentido de existência, ocasionando um estagnamento da cultural local. Tudo nasce do local e vai de encontra com o global, sendo que o local torna-se algo delimitado, porém necessário para a continuação da história globalizada.

O objetivo de ressignificar o *Halloween* no que seria um Cortejo de Visagens, não a substituição de uma cultura por outra e sim a adaptação de um evento global, porém com características locais, neste caso o imaginário amazônico e as lendas urbanas representando um festejo de mitos sobrenaturais, semelhante o que podemos entender do que seria a festividade do *Halloween* em sua origem. Jesus (2007, p. 24) afirma em seu estudo que os celtas acreditavam na imortalidade da alma, e no dia 31 de outubro os espíritos de seus antepassados voltavam para seu antigo lar para pedir comida aos seus familiares.

Outro ponto de que nos chama atenção é a realização no dia 31 de outubro, ocasionando uma visão de que o Cortejo Visagento é um evento semelhante ao *Halloween* que é comemorado neste dia, e trazendo temáticas de medo, assombrações e magia. A proposta de contraponto a este evento com elaboração de leis como a do Dia do Saci (PROJETO DE LEI N.2.479^a, 2003) nacionalmente e a Semana Municipal da Matinta Perera (LEI N.8330, DE 16 DE JUNHO 2004) em

nossa cidade com a defesa de que devemos valorizar a cultura local ocasiona conflitos culturais e atrasos no desenvolvimento cultural da sociedade.

O evento do Cortejo Visagento sendo uma forma de enfrentar a globalização defendida por seus coordenadores é um ponto contraditório ao afirmarem que primeiramente é importante aprender o que é cultura local para depois aprender o que é global, pois a globalização traz consigo a ideia de compreender o global nos ajuda a respeitar a cultura do outro e a existência mútua e não exclusão ou sobreposição de culturas.

Os movimentos globalizadores tentam trazer ao conhecimento mundial o relativismo intelectual que tem por objetivo fazer com que as nações entendam que há existência de outras culturas e devem ser respeitadas e que ocorra a aceitação do outro, para que haja a existência mútua de culturas diferentes ao redor do mundo. (CANCLINE 2007, p. 100).

No plano das metanarrativas, sugerido por Motta (2013, p. 138) que aborda cerca dos temas inseridos nas narrativas, sendo situações éticas inclusas nos discursos dos coordenadores do evento. Foram pontuadas metanarrativas relacionadas a cultura local, social e econômica.

No âmbito cultural percebe-se o embate entre a cultural local, o imaginário amazônico e as lendas urbanas, em contraponto ao *Halloween* considerado uma cultura global. Ocorrendo uma valorização da cultural local pelo embasamento de uma lei municipal que defende ser a “Semana Municipal da Matinta Perera” com a tentativa de fazer com que as pessoas se voltem para o local e não supervalorizar o que é de fora. Bosi (2002, p. 269), defende que a cultura popular é um conhecimento que deve ser investigado e estudado a fundo, pois são ferramentas que podemos nos ajudar em nossa evolução social, econômica e educacional, estes conhecimentos ajudam em nossa formação intelectual, cultural e científica, tendo conseqüências benéficas para auxílio em soluções de problemas existentes.

No social eleva-se a construção de uma identidade cultural do bairro no que diz respeito ao aprendizado local como seus costumes, história, lendas e imaginário amazônico, tendo como base a leitura. Para que a construção de uma identidade cultural seja completa deve-se ocorrer uma mistura de culturas globais com as locais. “No processo de construção identitária ocorre o intercruzamento de realidades macro (os contextos sociais, histórico e cultural) e realidades de ordem micro (discurso)”. (OLIVEIRA, 2013, p. 54).

Na economia apresenta-se uma forma de reivindicação de um povo considerado “excluído”, por melhorias e reformas no bairro como macrodrenagem, asfalto, policiamento, iluminação e construções de locais para melhor desenvolvimento daquela comunidade como cinemas, praças, arenas, dentre outros. Segundo Bosi, o excluído ou marginalizado se encontra em todos os lugares, na cidade, interior, sertão, zona rural, e até sendo trabalhadores formais e informais na sociedade. A crítica sociológica que embasa o assunto é a percepção de que estes são pessoas simples, mas com realidades complexas, mostrando uma realidade que muitas vezes não é perceptível ou não se quer ver, porém a narrativa sempre nos apresenta essas vozes que estão vivas e devem ser reconhecidas e valorizadas. (BOSI, 2002, p. 259).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo as análises das narrativas dos coordenadores do evento cultural Cortejo Visagento, nos apresentou este evento como uma manifestação contra o *Halloween* com seu foco na valorização do imaginário amazônico e suas lendas locais, com base na lei que estabelece a Semana Municipal da Matinta Perera em Belém/Pa, que institui as manifestações folclóricas da região norte, com seu início no dia 31 de outubro.

O discurso do evento nos apresenta uma resistência ao que é global, neste caso a festividade do *Halloween* e traz uma manifestação cultural que nos faz reviver e conhecer através de leituras e contações de histórias sobre o imaginário amazônico e as lendas locais, além de fazer menção ao bairro do Guamá, este sendo o mais populoso da cidade de Belém e conhecido como um bairro de aparições “visagentas” como a lenda urbana local da mulher do táxi, que sai do cemitério de Santa Izabel e passeia na cidade no dia de seu aniversário, mesmo local de saída do Cortejo Visagento anualmente.

A oposição ao *Halloween* é apresentada nas narrativas dos coordenadores do evento como uma manifestação que não é permitida neste evento, pois não é aceito a cultura de outro país se sobrepôr a cultura local, neste caso a cultura amazônica. Porém o que é observado neste evento que ocorre uma mistura da cultura local com diversas culturas ao redor do mundo que se apresentam neste evento através das vestimentas dos participantes.

De acordo com os autores já mencionados neste trabalho, o global não se sobrepõe ao local, ou seja, a cultura que vem de fora ao chegar em uma

determinada localidade não toma o lugar do que já enrizado, mas acrescenta e ocorre a miscigenação desta cultura para o desenvolvimento da sociedade e da construção da identidade cultural de um determinado povo, o que é considerado um movimento natural em todas comunidades no mundo todo.

Na prática devemos repensar eventos que se denominam defensores de uma cultura local em contraponto a uma cultural global conhecida em várias partes do mundo. O *Halloween* é um festejo anglo-saxônico celebrado em diversos países, principalmente os de língua inglesa, advindos do povo celta com seus elementos e crenças sobrenaturais, e com a globalização chega em localidades que já possuem seu próprio imaginário, e ocorre uma forma de mistura cultural ao celebrar este dia ou dias próximos relacionados com os mortos e seres fantásticos. Em nossa localidade não seria diferente, o imaginário amazônico é forte na região norte e em Belém ainda existe as lendas urbanas locais, as quais ainda hoje são conhecidas e sua crença é grande. Há espaço para a coexistência de ambas as culturas em uma mesma região e não o embate com as culturas globais.

7 REFERÊNCIAS

- Assunção, Fernando. **19 de abril é dia da aparição da famosa visagem paraense 'Mulher do Táxi', reza a lenda.** O liberal, 2022. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/19-de-abril-e-dia-da-aparicao-da-famosa-visagem-paraense-mulher-do-taxi-reza-a-lenda-1.377071>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- **A triste história da origem do bairro do Guamá. Conheça!** DOL, 2020. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/598915/a-triste-historia-da-origem-do-bairro-do-quama-conheca?d=1>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- BELÉM. **Lei Ordinária nº8330, de 16 de junho de 2004.** Institui a Semana Municipal “Matinta Perera”, e dá outras providências: Belém: Câmara Municipal, [2004]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/lei-ordinaria/2004/833/8330/lei-ordinaria-n-8330-2004-institui-a-semana-municipal-matinta-perera-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- BOSI, Alfredo. **A escrita dos excluídos. Em literatura e Resistência.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2002 (Ensaio).
- CANCLINE, Nestor Garcia. **A GLOBALIZAÇÃO IMAGINADA.** São Paulo: Iluminuras, 2007.
- CHAGAS, Joana. Entrevista concedida ao Canal Paulo Maués Corrêa. Belém/Pará, 5 nov. 2020.
- CHAGAS, Joana. Entrevista concedida a Adrianne Peixoto. Belém/Pa, 5 jul. 2022.

- **Espaço Cultural Nossa Biblioteca.** SOMOS O ESPAÇO CULTURAL “NOSSA BIBLIOTECA”!!! Belém, 16 dez. 2012. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/ecnbiblioteca/about/?ref=page_internal. Acesso em 11 jul. 2022
- **Guamá.** Portal da Prefeitura Municipal de Belém. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Guama.htm>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- JESUS, João Jacinto do A. de. **A carnavalização das comemorações do Halloween em uma comunidade escolar segundo a percepção dos seus participantes.** Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzi, 2007.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **MUNDAMAZÔNICO: DO LOCAL AO GLOBAL.** Revista Sentidos da Cultura. Belém/Pará. V.1 N. 1. Jul-dez/2014. CUMA/EDUEPA. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view>>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- LIPOVESTSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
LIPOVESTSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver em uma era do capitalismo artista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- OLIVEIRA, Livia Miranda de. **A Performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo.** Tese do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br. Acesso em 07 jul. 2022.
- OLIVEIRA, Raimundo de. Entrevista concedida a Adrianne Peixoto. Belém/Pa 22 jun. 2022.
- VIEIRA, Alexandre. **José Maria Arguedas: O discurso do hibridismo cultural e da queda da identidade cultural.** Conexão das Letras, Rio de Janeiro, vol.2, n. 2, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55647/33821>. Acesso em: 04 jul. 2022.



MÚSICA E EMPODERAMENTO FEMININO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CLIPE FORMATION DE BEYONCÉ¹

MUSIC AND FEMALE EMPOWERMENT: A SEMIOTIC ANALYSIS OF BEYONCÉ'S FORMATION CLIP

MÚSICA Y EMPODERAMIENTO FEMENINO: UN ANÁLISIS SEMIÓTICO DEL CLIP DE FORMACIÓN DE BEYONCÉ

Amanda Karoline Pimentel Vieira²

Rosaly de Seixas Brito³

Resumo

Este artigo, de natureza teórico- analítico, consiste em uma análise acerca da ciência semiótica como instrumento na luta pela igualdade racial. Nesta pesquisa, abordo como a música, sobretudo os videocliques se utilizam de signos para denúncia social, sendo responsáveis por gerar repercussão na opinião pública trazendo à tona questões discutidas há anos na sociedade. Embasada na matriz de pensamento de Lúcia Santaella, Charles Peirce e outros autores que desenvolveram trabalhos pertinentes ao assunto. Duas obras paradigmáticas do pensamento semiótico e utilizadas nesta pesquisa foram O que é semiótica (1990) de Lucia Santaella e Semiótica (2005) de Charles Peirce, que serviram de base para a construção deste trabalho. Ler e interpretar o mundo no sentido semiótico, a partir das obras citadas acima e de outras complementares, alicerçaram a metodologia desta pesquisa.

Palavras-chave

Semiótica; Resistência; Videoclipe; Formation; Beyoncé

Abstract

This article, theoretical and analytical in nature, consists of an analysis of semiotics as a tool in the fight for racial equality. In this research, I discuss how

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Culturas populares em transversalidade: tensões, apropriações e re-existências em narrativas contemporâneas, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Mestranda do Programa de Pesquisa em Comunicação Cultura e Amazônia (PPGCom-UFGA), e-mail: amandavieira67@gmail.com.

3 Docente do Programa de Pesquisa em Comunicação Cultura e Amazônia (PPGCom-UFGA), e-mail: rosaly@ufpa.br.

music, especially music videos, use signs to denounce society, being responsible for generating repercussions in public opinion, bringing to light issues that have been discussed for years in society. Based on the thought matrix of Lúcia Santaella, Charles Peirce, and other authors who have developed works pertinent to the subject. Two paradigmatic works of semiotic thought and used in this research were What is semiotic (1990) by Lucia Santaella and Semiotics (2005) by Charles Peirce, which served as a basis for the construction of this work. Reading and interpreting the world in the semiotic sense, based on the above-mentioned works and other complementary ones, provided the foundation for the methodology of this research.

Keywords

Semiotics; Resistance; Music Video; Formation; Beyoncé

Resumen

Este artículo teórico-analítico consiste en un análisis de la ciencia semiótica como instrumento en la lucha por la igualdad racial. En esta investigación abordo cómo la música, especialmente los videoclips, utilizan signos de denuncia social, siendo los encargados de generar repercusión en la opinión pública, sacando a la luz temas discutidos en la sociedad durante años. Basado en la matriz de pensamiento de Lúcia Santaella, Charles Peirce y otros autores que han desarrollado trabajos relevantes para el tema. Dos obras paradigmáticas del pensamiento semiótico y utilizadas en esta investigación fueron O que é semiótica (1990) de Lucia Santaella y Semiótica (2005) de Charles Peirce, las cuales sirvieron de base para la construcción de este trabajo. Leer e interpretar el mundo en sentido semiótico, a partir de los trabajos mencionados anteriormente y otros complementarios, sustentó la metodología de esta investigación.

Palabras llave

Semiótica; Resistencia; Videoclip; Formación; Beyoncé

Apresentação

A elaboração deste artigo é decorrente da necessidade de tratar-se de temas relevantes atualmente em nossa sociedade como é o caso do racismo, preconceito este que vem acompanhando a população negra ao longo das décadas. E por este motivo vários artistas de âmbito nacional e internacional se utilizam da fama para evidenciar e tratar destes assuntos vivenciados até hoje pelo povo negro.



Para além disso, esta pesquisa tem por base a análise do videoclipe Formation, primeiro single do álbum intitulado Lemonade, esta canção obteve repercussão generalizada após seu lançamento, com elogios as referências líricas. Eleito o melhor videoclipe de todos os tempos pela revista Rolling Stone em 2016 e em 2019 foi eleita a melhor música da década pela revista Billboard. Formation faturou todas as seis nomeações pelas quais concorreu nos MTV Video Music Awards, sendo indicado também para três prêmios Grammy`s: Gravação do Ano, Canção do Ano e Melhor Videoclipe, do qual conquistou a última categoria.

Lançado em 2016, o clipe é dirigido por Melina Matsoukas, ambientado em Nova Orleans onde exalta negro através de concepções de vários aspectos da cultura negra desta localidade. Aclamado pela crítica, como dito anteriormente, Beyoncé com intuito de promover a música, cantou durante sua apresentação no Super Bowl edição nº 50, show que acontece durante o intervalo todo ano na final do campeonato de futebol americano, um dia após seu lançamento. Esta apresentação no Super Bowl gerou polêmica, pois haviam comentários alegando que a cantora estava propagando mensagens anti-policiais, após esse ocorrido a cantora veio a público e afirmou que o clipe e a canção não apresentam discurso de ódio aos policiais.

Esse videoclipe provocou questionamentos em toda sociedade, Beyoncé toca em assuntos que ainda são considerados tabu na sociedade como a segregação racial norte-americana, faz referências também à cultura creole (como ficou conhecida a cultura dos descendentes dos habitantes da Louisiana colonial), ao furacão katrina, homenageando o movimento Black Lives Matter (movimento este que tornou-se conhecido na luta contra a violência policial vivenciada pelo povo negro. Sendo assim, esta canção ficou famosa como um manifesto em forma de música, sendo escolhida como hino do movimento Black Lives Matter.

Desta forma, este estudo tem como principal objetivo fazer uma análise semiótica do videoclipe Formation, no contexto em que está inserido, o estadunidense, evidenciando as representações de questões históricas que

acometem a sociedade negra, para analisar visamos compreender de que maneira o clipe Formation carregado de representações e significados, pode trazer de volta assuntos na opinião pública existentes há décadas e que ainda não foram sanados em nossa sociedade, como o preconceito, tornando a discussão mais abrangente alcançando todos os âmbitos seja na internet ou televisão. É relevante atrair nossa atenção para a violência enfrentada pelo povo negro, bem como, o entretenimento negro e o modo como eles são justapostos na sociedade. A priori o presente artigo terá como alicerce central a análise semiótica, procuramos através desta análise entender a significação por trás de cada cena do clipe.

1. MANIFESTOS MUSICAIS: A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA.

A música é vista para muitos como uma maneira de expressão de sentimentos, e atualmente muitas canções utilizam-se dessa premissa para expor questões cotidianas, além de expressar seus sentimentos. Isto por que, ao longo dos anos a música foi sendo vista como uma forma de libertação da humanidade para temáticas vigentes em nossa sociedade, o preconceito, a opressão e outros. Muitos artistas, utilizam dessas temáticas numa tentativa de mudar a realidade em que estamos inseridos, buscando assim por meio da canção a libertação das amarras e convenções da sociedade.

No Brasil, a música também ganhou essa característica, sendo um importante instrumento na luta contra a ditadura militar, caracterizada pela falta de liberdade e opressão. Tendo em vista que parte da população que não concordava com os ideais ditatoriais decidiram enfrentar de diferentes formas o sistema ditatorial. Segundo Manu Pinheiro, em seu livro intitulado Cale-se - A MPB e a Ditadura Militar No Brasil (2010), a música no período da ditadura militar sempre esteve presente mesmo como forma de oposição “sempre que se fala no período do regime militar instalado no Brasil, principalmente entre os anos de 1964 a 1974, não se pode deixar de mencionar a música popular brasileira” (pág.10).

Segundo Pinheiro (2010) a única maneira encontrada pelos artistas de esquerda, para mostrar oposição ao sistema ditatorial, foi a elaboração de

canções questionadoras ao sistema em vigência. A figura da música deixou de ser meramente mais uma manifestação artística passando a se caracterizar como uma forma de resistência contra o regime autoritário.

Com a censura instaurada pelo governo militar, as composições passaram a ser analisadas pelas gravadoras com o intuito de impedir manifestações contra o regime dominante. Os artistas, por sua vez, criaram uma maneira de burlar a censura de suas obras com jogo de palavras que ganhavam significado real somente em voz alta, segundo a interpretação do cantor. A canção Cálice de Chico Buarque e Gilberto Gil é um exemplo desse tipo de composição, conhecida por muitas como uma música de protesto. Composta em 1973 e proibida no mesmo ano, sendo lançada apenas em 1978, nesta composição o jogo de palavras estaria na transformação da palavra Cálice por Cale- se, imperceptível ao se ler a letra da canção, mas perceptível quando interpretada pelo cantor. Sendo assim, a análise dessas canções uma forma de contar a história do Brasil não nos limitando apenas aos livros e noticiário da época, a música neste caso seria um registro histórico de um momento dito por muitos como sombrio em nosso país.

No contexto Estadunidense, ritmos como o Folk, Blues e Rock and Roll serviram como instrumento de resistência na luta contra a segregação e violência fundamentadas em discursos raciais. Estes gêneros musicais são relevantes na história e experiência da população afro- americana estando ligados a temáticas como a escravidão, a segregação institucionalizada pelas leis de Jim Crow.

A importância do ritmo Blues quanto a resistência negra e ao poder da música quanto manifesto, sendo fundamental, não restrito a maneira de exprimir do ser humano mas também quanto a questão da musicalidade presente no movimento dos direitos civis. Sendo representativo para o povo negro, responsável por constituir a vertente que mais tarde culminou no ritmo Rock and roll, que desencadeia vários protestos no final da década de 1960, representando também uma das primeiras manifestações culturais contra a institucionalização da segregação, as leis Jim Crow. Trazendo a noção de pertencimento por parte do povo negro, esse ritmo significou a comunidade negra o compartilhamento

dos problemas e injustiças que os acometiam, expondo os sentimentos comuns a toda comunidade.

Assim, é notável a ressignificação das canções negras em músicas de protesto e resistência, como exemplo podemos citar o cantor de Folk Bob Dylan, artista branco que protestava e denunciava o racismo através de suas músicas, algo que em 1960 havia se tornado popular nos Estados Unidos. O Rock and roll tem como fundamento o Blues, utilizando algumas músicas desta vertente e oferecendo à artistas brancos como Elvis Presley, porém com o sucesso de astros como Bob Dylan o rock deixa de ser algo visto como secundário ou apenas uma vertente do Blues apresentando significativa relevância e influência no mundo musical. Esses ritmos são tidos como as raízes da música de resistência negra nos Estados Unidos que originaram ritmos populares atualmente como o rap, que consiste em uma fala repleta de rimas e ritmada por uma batida eletrônica, este gênero musical ganhou força no final da década de 80 em comunidades negras norte-americana. Sendo caracterizado como música de resistência apenas na modernidade.

2. BEYONCÉ ÍCONE NA REPRESENTATIVIDADE NEGRA.

"Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo". Discurso idealizado pela Filósofa e ativista feminista Angela Davis durante a conferência de abertura da Escola de Pensamento Feminista Negro, em 17 de julho de 2017, na cidade de Cachoeira-BA. Esse discurso retrata exatamente o que vem sendo realizado por Beyoncé nos últimos anos tanto em sua discografia quanto em sua vida fora dos palcos. A cantora se tornou fundamental para o debate acerca da identidade negra em sua carreira há várias músicas que exaltam a beleza negra como no trecho traduzido a seguir da canção Formation: "Gosto do cabelo do meu bebê, com cabelo de bebês afro. Eu gosto do meu nariz negro com narinas Jackson Five", este fragmento da música evidencia as singularidades e exalta a beleza negra, como o cabelo afro que por muito tempo

foi sinônimo de algo a se esconder, por isso muitas pessoas optavam por alisar suas madeixas para se enquadrarem no estereótipo imposto pela sociedade.

A relevância da cantora nas questões identitárias negra é ainda mais evidente na abertura de seu filme musical intitulado *Black is king*, que a cantora pontua em entrevista ao programa *Good Morning América* que “*Black is king* significa que negro é realeza, rico em história, propósito e linhagem. Espero que todos vocês gostem”. Nos minutos iniciais de *Black is King*, a voz da cantora surge em uma breve narração, exprimindo a seguinte frase: “Negro é sinônimo de glória”, contestando o retrato negativo e depreciativo do povo negro repassada ao longo dos anos pela sociedade.

A artista em seus trabalhos seja audiovisual ou fonográfica, utiliza da sua fama para alavancar ou até mesmo valorizar artistas negros que estejam em evidência ou não como o fotógrafo etíope Awol Erizku, autor do famoso ensaio fotográfico de sua gestação de gêmeos da cantora. Uma singularidade em seus shows que chama a atenção do seu público é que suas dançarinas que fazem parte de seus espetáculos são todas negras, de tons de pele variados, evidenciando a beleza negra em seus diferentes tons.

No fragmento retirado de sua música intitulada *Formation*, a cantora convoca as mulheres negras para entrar em formação uma analogia de que a mudança real e concreta na sociedade de fato só acontecerá quando as mulheres negras se unirem e por fim, evidencia que a retirada da mulher negra da margem para o centro da sociedade ocorrerá por meio do esforço e trabalho duro para chegar em outro patamar, interligando o conhecimento seja ele empírico ou não como responsáveis por essa mudança de patamar, assim discorre Beyoncé na letra de sua canção:

Tabela 1: Canção *Formation* como instrumento de igualdade racial.

You just might be a black Bill Gates in the making (cause I slay)	Você seria o Bill Gates negro em construção (porque eu arraso)
I just might be a black Bill Gates in the making!	Eu seria a Bill Gates negra em construção!

Okay, ladies, now let's get in formation (I slay)	Ok, senhoras, agora vamos entrar em formação (eu arraso)
Okay, ladies, now let's get in formation	Ok, meninas, vamos ficar em formação
You know you that bitch when you cause all this conversation	Você sabe que causa toda essa conversa
Always stay gracious, best revenge is your paper	Sempre fique graciosa, a melhor vingança é o seu dinheiro

Fonte: Canção Formation, tabela produzida pelo autor.

Beyoncé é a artista mais influente do mundo musical, demonstrando ainda mais o seu poder de representatividade perante a sociedade. Sendo capaz em único show, de balançar o sistema conservador norte americano, provocando sentimentos divergentes simultaneamente. A cantora e a canção Formation refletem o momento histórico que estamos vivenciando no qual há maior inserção de jovens músicos negros em ascensão nas paradas musicais, atuando como instrumentos de mudanças políticas e sociais em nossa sociedade.

3. NAS TRILHAS METODOLÓGICAS.

O presente artigo busca analisar os signos representados no videoclipe Formation, sendo assim este objeto será analisado a partir do método semiótico. Esta metodologia se apropria da ciência semiótica que nada mais é que o estudo de todos os signos nas etapas de significação na natureza e cultura. Para Santaella(1990), a ciência semiótica é compreendida como aquela que abrange as variadas linguagens se diferenciando da linguística, que analisa o signo da linguagem verbal, essa ciência todo fenômeno como um conjunto repleto de signos que busca a produção de sentido. Santaella define como:

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. Seu campo de indagação é tão vasto que chega a cobrir o que chamamos de vida[...]. Caracterizado o campo de abrangência da Semiótica, podemos repetir que ele é vasto, mas não indefinido. O que se busca descrever e analisar nos fenômenos é sua

constituição como linguagem. (LUCIA SANTAELLA, 1990, P. 2 e 3).

Com o intuito de compreender, identificar e analisar as representações intrínsecas neste videoclipe optou-se pelo método semiótico. A abordagem desta metodologia terá por base análise signo por signo em busca da interpretação e compreensão dos significados. Nesta análise, cada cena do videoclipe será compreendida por meio da associação das teorias semiótica com cada cena. O teórico lasbeck destaca a relevância trabalho semiótico:

Trabalhar semioticamente um objeto de pesquisa significa relacioná-lo com o maior e o mais significativo número e natureza de possibilidades que ele comporta, buscando compreendê-lo em movimento, dinâmico e operante, ainda que tais relações possam, eventualmente, estabelecer paradoxos incontornáveis. É, pois, pensar para os lados, alastrando o espectro de sua atuação, adensando as possibilidades de sentido e projetando tendências e novas frentes de atuação desse mesmo objeto. (ASSIS IASBECK, 2009, P. 203).

Esta metodologia servirá de base para obtenção de respostas às indagações que foram ponto de partida para este artigo, que é como a semiótica adquire o papel de real importância na luta pela igualdade a partir da construção de sentidos em vídeos. A partir desta pergunta, é notável a relevância deste método científico para conclusão deste artigo, visto que, esta metodologia é o ponto fundamental para análise do presente objeto de estudo e somente ela nos possibilita a análise e compreensão das significações presentes no clipe Formation.

Santaella (1990) expõe que imagens, gestos e sons musicais, também podem ser caracterizadas e utilizadas como uma forma de linguagem e, como definido por Santaella, a ciência Semiótica apresenta como intuito investigar todas as possíveis configurações da linguagem. Algo relevante para a análise do objeto de estudo deste artigo já que se trata de um videoclipe onde imagens, gestos e sons musicais estão presentes.

Charles Peirce (2005) nos apresenta o conceito de signo, como sendo tudo o que chega de real, o que nos é perceptível, isto é, apenas uma parcela da realidade ou uma parte que o representa, assim entende-se como signo a necessidade do ser humano de representar o mundo com intuito de melhor

compreensão, interpretação, averiguação e conhecimento do mundo. Desde uma simples sensação até os discursos mais complexos, como um filme, nossa mente convive com signos que geram uma intermediação com a realidade que nos cerca. Tudo que compreendemos do mundo a nossa volta, os registros e as interpretações, a transmissão de informações, são responsáveis por completar o processo de comunicação baseado nos sistemas de signos que compõem toda e qualquer linguagem.

Essa definição exposta acima por Peirce está presente no videoclipe, na maneira como a cantora Beyoncé representa a realidade vivenciada pela comunidade negra americana. Os signos apresentados no videoclipe têm por objetivo a compreensão e identificação da realidade que nos cerca.

Santaella (2002) expõe, apresenta e analisa a tricotomia composta por Peirce, segundo exposto em sua obra, o objeto de estudo deste trabalho se encaixa na terceiridade onde há a relação do signo com o seu interpretante (rema, dicente e argumento). Os signos presentes em Formation estão especificamente contidos na secundidade e terceiridade já que Beyoncé não pretendeu com este videoclipe passar algo quantitativo e sim fazer uma reflexão através da identificação dos signos representados através do audiovisual.

4. AS SIMBOLOGIAS INTRÍSECAS NO VIDEOCLÍPE.

Prontamente partimos para a função central deste artigo que é a análise do videoclipe Formation. O videoclipe inicia com a cantora em cima de um carro de polícia numa paisagem completamente inundada, uma referência clara ao furacão Katrina, que aconteceu em 2005 na cidade de Nova Orleans causando muitos prejuízos para a comunidade negra, por se tratar de uma cidade do Sul dos Estados Unidos é uma cidade onde a cultura negra é exaltada, rica, sendo esta cidade berço de vários movimentos e costumes da comunidade negra.

Após essa referência ouvimos a declaração da Youtuber e rapper Messy Mya retirada de um dos vídeos de seu canal no Youtube, assassinado misteriosamente em 2010, baleado ao voltar de um chá de bebê. O rapaz acusado pela sua morte veio a ser solto um ano e meio depois. Com o intuito de chamar a atenção da opinião pública para a negligência e impunidade em

relação à violência contra a população negra. No decorrer do clipe, Beyoncé surge vestida de preto em companhia de homens ao fundo com uma roupa bem tradicional fazendo referência aos funerais tradicionais ocorridos em Nova Orleans, em analogia mais uma vez a violência e genocídio sofridos pela comunidade negra.

Na sequência, trechos com imagens de igrejas norte- americanas são exibidos, demonstrando a importância dessas comunidades religiosas, sobretudo no movimento dos direitos civis americano e vale lembrar que Martin Luther King era pastor. Logo após, Beyoncé reaparece em uma casa colonial, vestida com uma roupa tradicional da época, cantando o trecho que fala que ela está arrasando num vestido caro, alterando a estrutura tradicional da sociedade. Nesta época, as mulheres negras não eram essas pessoas que moravam na casa grande e usavam este tipo de vestimenta tradicional, elas estavam nas senzalas, sendo escravizadas. Beyoncé ressalta neste trecho que os tempos mudaram agora ela pode ser a dona da casa grande e usar vestidos caros. A cantora aparece na sequência nos corredores dessa casa exaltando o orgulho de suas raízes negra. Mais do que sua autoafirmação, demonstrando o poder financeiro que agora obtém.

Na continuação desta cena, Beyoncé usa a letra da sua música para mais uma vez exaltar os traços negros. E na sequência aparece a filha mais velha da cantora Blue Ivy, em resposta às críticas de alguns internautas que criticavam o cabelo de Blue, as pessoas fizeram uma petição online pedindo para a cantora pentear o cabelo de sua filha, pois as pessoas se incomodam com o cabelo crespo. A resposta da cantora é a valorização dos estilos de cabelo tradicionalmente negros, além disso, exalta o orgulho aos seus traços negros e de sua filha. Logo após, a artista na letra da música relata que independente do seu poder aquisitivo ela não deixou de ser negra, carregando consigo toda sua história, a cantora surge de tranças rastafari penteado tradicionalmente negro.

A música reinicia, e a cantora reaparece em uma piscina vazia com outras mulheres negras, local escolhido para evidenciar a grande tensão racial por trás deste lugar, como dito anteriormente, nos Estados Unidos aconteceu a

segregação racial, onde negros e brancos não podiam compartilhar os mesmos lugares, sendo assim, tudo era dividido, segregado. A segregação racial acontecia também nas piscinas comunitárias, estes locais existiam no território americano por uma questão de saúde pública. As pessoas brancas incomodavam-se de tomar banho junto com pessoas negras, pois os homens negros na época eram estereotipados como estupradores e maníacos sexuais, assim as pessoas tinham medo de que as mulheres brancas fossem estupradas. Por este motivo, houve a divisão de piscina para negros e brancos e com o movimento dos direitos civis muitas pessoas negras começaram a entrar nas piscinas onde eram permitidos somente brancos em forma de protesto. Com o intuito de inibir e retirar os negros, muitos policiais entravam para retirar essas pessoas e conduzi-las presas, outra forma de retirar era a realizada pelos donos de hotéis da época que jogavam ácido nas piscinas para retirar os negros de lá.

Um episódio emblemático, que mostra a tensão racial da época, aconteceu com a atriz e cantora negra Dorothy Dandridge, primeira mulher negra da história a ser indicada ao prêmio de melhor atriz no Oscar. Neste episódio, o dono do hotel onde ela foi se apresentar ordenou que esvaziassem a piscina que a artista entrou com o intuito de que os outros hóspedes brancos não se contaminassem com a água onde uma negra tomou banho. Essa cena do clipe é uma referência a este acontecimento.

Na sequência, surge algumas cenas de jogadores de basquete, em referência ao poder de ascensão social que o esporte concedeu ao povo negro. Em seguida, o videoclipe faz menção a Martin Luther King onde é exposto um jornal com a frase emblemática de Luther King, na qual está escrita: “Mais que um sonhador”, e vale ressaltar o discurso famoso de Luther King chamado “Eu tenho um sonho”, onde ele mencionava que sonhava com uma sociedade em que não houvesse segregação racial. Neste momento, o videoclipe faz referência a um dos maiores líderes negros da história, e líder do Movimento de direitos civis americanos responsável por acabar com a segregação racial no país. Logo após, Beyoncé surge ao lado de outras mulheres negras na casa colonial uma metáfora sobre a ascensão social negra, isso pois, o empoderamento negro não pode ser encarado como uma questão individual,

não representando nenhuma mudança na estrutura racista da sociedade. O empoderamento para ela somente é realidade quando é coletivo.

Em seguida, a cantora aparece acompanhada por outras mulheres negras em um estacionamento sendo filmada por câmeras de segurança. Uma metáfora a maneira como a sociedade vigia a comunidade negra com receio de que façam algo contra lei. E essas mulheres negras estão posicionadas em forma de X em referência a outro líder negro Malcon X, ativista negro contrário aos ideais de Luther King, na visão de Malcon era um absurdo acreditar que as pessoas brancas iriam abrir mão de privilégios inerentes a eles em nome da igualdade.

Na cena seguinte, Beyoncé e suas dançarinas começam a dançar e dizer “Eu arraso” aqui ela ressalta o empoderamento da mulher negra, inclusive os próprios movimentos da dança, as dançarinas e a cantora fazem gestos de força, demonstrando a força da mulher. Na continuação da música a cantora diz “Okay, senhoras, agora vamos entrar em formação (porque eu arraso)”, considerado um chamado para as mulheres negras se organizarem tanto politicamente quanto intelectualmente contra a estrutura racista da sociedade.

Após, vemos a cena mais emblemática do videoclipe, onde vemos vários policiais brancos de frente para um garoto negro dançando, vestindo um casaco preto de capuz. Uma referência clara a Trayvon Martin, um adolescente negro de 17 anos morto por uma agente de segurança que em seu julgamento foi inocentado pela justiça. O assassinato deste garoto foi o estopim para o movimento denominado Black Lives Matter, a mobilização é contra a violência policial e genocídio negro. E no videoclipe há uma referência a este movimento quando a cena mostra uma pichação em um muro onde está escrito “Parem de atirar em nós”. Formation com base em tudo que vimos é um videoclipe que denuncia a violência policial e o genocídio contra a comunidade negra americana.

Considerações finais

Este trabalho buscou contribuir para o estudo da semiótica em audiovisuais, sendo de grande relevância para o campo da comunicação, pois



se apropria da semiótica, para compreender e analisar os signos intrínsecos no videoclipe. Para esta pesquisa, trouxemos formas de entender como as questões expostas e enfrentadas pelo povo negro no audiovisual Formation são expostas no audiovisual e como elas refletem na opinião pública.

A metodologia Semiótica nos possibilitou relacionar o objeto de pesquisa com a maior quantidade e natureza de possibilidades que ele contém, procurando entender as relações que possivelmente podem estabelecer. Além disso, esse procedimento se apropria da ciência que se dedica ao estudo de todos os signos nas etapas de significação na natureza e cultura, pois esse estudo é o ponto crucial de análise do nosso objeto de estudo somente com esse método foi possível analisar e compreender as significações presentes no videoclipe.

A partir da aplicação dessa metodologia, analisamos cena a cena do videoclipe buscando as possíveis interpretações geradas por elas. Para isso, foi necessária também a compreensão dos aspectos envolvidos em Formation. O videoclipe utilizou destes signos expostos nesta pesquisa com o intuito de nos fazer refletir através desse manifesto antirracista que este videoclipe se tornou. Os signos presentes no audiovisual provocam no espectador uma reflexão acerca da desigualdade racial, do preconceito e da violência contra os negros.

Observamos ao longo de nossa pesquisa que o audiovisual apresenta várias possibilidades de significações por meio de símbolos e imagens. Notamos também que a letra canção auxilia na construção dessas interpretações. Cada cena com intuito de associá-la aos fatos históricos preconceituosos que vitimaram o povo negro. Analisamos no primeiro momento a referência exposta no videoclipe a violência policial contra o povo negro. No decorrer vemos a exaltação da beleza negra e suas características, como penteados afro. Logo após, o videoclipe evidencia a forma como o povo negro era tratado nos Estados Unidos na época da segregação racial instituída no país. Chegamos ao final da análise exaltando figuras conhecidas por lutarem pela igualdade racial no período do movimento dos direitos civis até a atualidade quando é evidenciado o movimento Black lives matter.

Portanto, Formation nos faz refletir acerca da desigualdade racial, do preconceito e da violência contra os negros, e que tais problemáticas mais do que estruturais, não são restritas ao território estadunidense, sendo assim, algo universal.

Referências

Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Disponível em: <
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html>
Acesso em :13/07/2022.

BUARQUE, Chico e NASCIMENTO, Milton. Cálice. Gilberto Gil, Chico Buarque. In: BUARQUE, Chico. Chico Buarque. Philips/ PolyGram, 6349 398, 1978. 1 LP, lado A, faixa 2.

BRASIL, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

FORMATION. Intérprete: Beyoncé Knowles. Compositor: Beyoncé, Mike Will, Swae Lee, Pluss. In: Lemonade (álbum). Los Angeles: Parkwood Columbia, 2016. Disponível em: https://youtu.be/WDZJPJV__bQ Acesso em: 09/07/2022.

IASBECK ASSIS, Luiz. Análise Semiótica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

LINS, Flávia. Publicação do perfil do Instagram da mãe da pequena Teodora Lins. Disponível em <
https://www.instagram.com/p/CCwg23uAxYu/?utm_source=ig_web_copy_link>
Acesso em: 14/07/2022.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Semiótica Aplicada. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

_____. Comunicação e Semiótica. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PEIRCE, Charles. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PINHEIRO, Manu. Cale-se: a MPB e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2010.



ESTRUTURA MUSICAL E PERFORMATIVA DOS BTMs¹

MUSICAL AND PERFORMATIVE STRUCTURE OF BTMs

ESTRUCTURA MUSICAL Y PERFORMATIVA DE BTMs

Euclides Moreira Neto²

RESUMO – Apresenta-se uma narrativa objetiva de como são desenvolvidas as estruturas musicais e performáticas dos grupos de Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) na ilha de São Luís, área considerada região metropolitana da capital maranhense. Relaciona-se cada instrumento utilizado pela manifestação conceituando-se sua utilidade, assim como descreve-se os personagens que são caracterizados cenicamente no ato performativo pelo grupos da categoria. Apresentam-se também ações de inovações praticadas na atualidade. Nessa perspectiva discute-se conceitos de cultura popular, tradição e como adequaram-se esses grupos culturais do campo carnavalesco.

Palavras-chave: Carnaval; Blocos Tradicionais do Maranhão; Cultura Popular; São Luís e Tradição Inventada.

ABSTRACT – An objective narrative is presented demonstrating how the musical and performance structures of the groups of Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) are developed on the island of São Luís, an area considered to be the metropolitan region of the capital of Maranhão. Each instrument used by the group is related, distinguishing its usefulness, as well as describing the characters that are scenically characterized in the performative act by the groups of that category. Actions of innovations practiced today are also presented. From this perspective, concepts of popular culture, tradition and how these cultural groups in the carnival field have adapted are discussed.

Keywords: Carnival; Traditional Groups of Maranhão; Popular culture; São Luís and Invented Tradition.

RESUMEN – Se presenta una narrativa objetiva de cómo se desarrollan las estructuras musicales y de actuación de los grupos de Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) en la isla de São Luís, área considerada región metropolitana de la capital de Maranhão. Se relata cada instrumento utilizado por la manifestación, conceptualizándose su utilidad, así como describiendo los personajes que son caracterizados escénicamente en el acto performativo por los grupos de la categoría. También se presentan acciones de innovaciones practicadas hoy. Desde esta perspectiva, se discuten conceptos de cultura popular, tradición y cómo se adaptaron estos grupos culturales en el campamento del carnaval.

Palabras llave: Carnaval; Bloques Tradicionales de Maranhão; Cultura popular; San Luis y la tradición inventada.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Culturas Populares em transversalidade: tensões, apropriações e reexistências em narrativas contemporâneas” do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestre em Comunicação (MINTER:UFF-UFMA-UNIVIMA); doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (UNAMA); Email: euclidesbmn@gmail.com; Orcid: <http://lattes.cnpq.br/1050807927658848>



INTRODUÇÃO

A prática da bateria de um grupo de Bloco Tradicional do Maranhão (BTM)³ é composta por ritmistas de tambor grande que tocam com a mão, com a exceção de um a três ritmistas que tocam seu tambor com baquetas⁴, além de cabaças, reco-reco e retinta. Os percussionistas que tocam o tambor grande com baqueta fazem a marcação aguda no grupão, destacando-se dos demais, pois dão ritmo e cadência ao momento performativo.

A retinta também é tocada com baquetas, só que elas são finas e mais compridas que as utilizadas pelo marcador dos tambores grandes, pois estas são mais curtas e grossas e, nas pontas, geralmente têm panos amarrados (ou fixados com fitas colantes) para dar consistência ao som, assim como evitar que a pele do instrumento seja rasgada/furada prematuramente, tendo em vista os violentos contatos das baquetas na pele, por meio de batidas realizadas pelos percussionistas que as tocam.

No corpo de ritmistas, além dos integrantes da bateria que tocam e dançam performaticamente conforme a cadência e o ritmo da música, há os instrumentos que são acoplados na aparelhagem de som, como violão, cavaquinho e instrumentos de sopro, principalmente, nas apresentações oficiais. Os músicos que tocam instrumentos de corda normalmente compõem a “ala de harmonia” do grupo BTM.

Durante as apresentações de permuta, como eventualmente ocorre nas quadras de escolas de samba ou de outros grupos de BTM ou outra manifestação cultural da localidade, o equipamento essencial é o violão ou cavaquinho para dar base harmônica⁵ ao conjunto percussivo da bateria. Os ins-

³ Os BTMs são grupos culturais do ciclo carnavalesco atuantes na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão (Brasil).

⁴ Baquetas são peças auxiliares que os ritmistas usam para tirar uma sonoridade mais veemente do instrumento. No caso do tambor grande, o percussionista usa uma ou duas baquetas (uma em cada mão) e, dependendo da cadência do ritmo, pode tocar com as duas baquetas ou só com uma. Esse ritmista é chamado de marcador, pois ele dá o ritmo aos demais componentes da bateria. Por ser tocada com muita força, eventualmente, a baqueta escapole de sua mão e voa por entre os ritmistas, provocando às vezes acidentes que podem ferir, mas, que, em geral, são relevados em função da intensidade da apresentação.

⁵ Normalmente, em São Luís, a base harmônica é viabilizada por instrumentos de cordas, como o violão, banjo ou cavaquinho. Os instrumentos de sopro só são usados quando o tema pede algum tipo de intervenção (ex.: já foram utilizados clarins para anunciar que o bloco estava entrando na passarela, pois o tema era relacionado a histórias medievais). Fora deste contexto, raramente são utilizados.

trumentos de corda foram introduzidos de maneira tímida nas apresentações das baterias percussivas dos BTMs para realçar sua harmonia, considerando que essa manifestação executa peças musicais de vários estilos nas apresentações espontâneas ou contratadas previamente.

Uma corrente defende que a introdução de instrumentos de corda foi também para conquistar a simpatia dos jovens como adeptos, principalmente, pelo surgimento de novos ritmos musicais, como o afoxé e axé baiano, que caíram rapidamente no gosto das massas. Nos BTMs, essa prática inovadora foi implementada a partir da década de 1970. Inicialmente, houve muitas críticas a essa inovação sob a alegação de que a tradição estava sendo agredida por interferências ou imposição da indústria da cultura⁶.

No meio cultural ludovicense, os blocos tradicionais são grupos de pessoas que se destacam pela sonoridade musical produzida por seus percussionistas e pelas coreografias saltitantes de suas balizas. Percussionistas (que, nesta tese, são chamados de ritmistas) e balizas integram o conjunto grupal, destacando que os ritmistas compõem a bateria, em uma unidade singular entre seus participantes. Em síntese, uma bateria de um grupo de BTM utiliza os seguintes instrumentos musicais: contratempo (tambor grande), retinta, cabaça, reco-reco, agogô (ou chocalho), ganzá, roca, afoxé, apito.

ELEMENTOS QUE COMPÕEM A BATERIA DOS BTMs

Abaixo é feita uma conceituação de cada instrumento que compõe a bateria de um BTM, ilustrando-se, por meio de fotografia (vide anexo), como cada um é posicionado no corpo do ritmista, ou como parte dele é desempenhada para se obter o som característico que emite. Vale lembrar que essa conceituação é baseada, sobretudo, no conhecimento empírico do investigador e nos depoimentos recolhidos ao longo da investigação.

Contratemplos: São tambores feitos de compensado de 4mm, medindo 1 metro e 10 centímetros de comprimento por 80 centímetros de largura, cobertos com pele de animal (bode, carneiro ou veado), e uma sustentação de

⁶ Nessa época, também, as peles dos instrumentos de percussão, que eram peles de animal, começaram a ser substituídas por peles de material sintético (nylon) fabricado pela indústria, o que também foi visto com muita desconfiança e resistência, provocando, entre os mais apaixonados pela prática cultural tradicional, intenso debate.

ferro para afinação, contendo um aro e um semiaro, elos de sustentação das tarraxas, porcas e parafusos. Cada bloco mantém a média de vinte tambores. Para o investigador Silva (2009, p. 27), o instrumento contratempo, “na verdade, é mais um instrumento singular do folgado momesco: é tocado com as mãos”. Esse instrumento pode ser tocado por homens adultos e adolescentes que tenham habilidade para controlar o conjunto harmônico musical, pois os tambores grandes (contratempos) ao lado das retintas comandam todos os outros instrumentos da bateria de um BTM.

Retintas: São instrumentos feitos de alumínio, ferro, inox ou cano plástico, medindo 14 centímetros de comprimento por 15 centímetros de largura, cobertos com pele de nylon, com sustentação de um semiaro e tarraxas para afinação. Cada bloco mantém a média de oito retintas. De acordo com Silva (2009, p. 25) “versa a oralidade que, nas turmas de samba, quando eram dados os primeiros toques, esse instrumento servia para requintar o samba, daí a origem do nome retinta”⁷.

Cabaças: Instrumentos de percussão feitos com uma cabaça (fruto com casca dura com que se fazem cuias) coberta de contas plásticas coloridas ou de sementes de uma trepadeira chamada de Santa Maria. Cada grupo mantém a média de três cabaças. Normalmente, esse instrumento é confeccionado pelo próprio ritmista que a toca, portanto tem característica bastante artesanal.

Reco-recos: Instrumentos de percussão feitos de ferro, inox, cano, medindo um metro, todo retalhado de um lado, que é tocado por um ferro pequeno para dar o ritmo cadenciado. Cada bloco mantém a média de dois reco-recos. O instrumento pode ter uma variação diversificada de formato, mas o som que emite assemelha-se à pressão feita em dentes de um serrote por meio do vai-e-vem do pequeno ferro ao ser acionado pelo ritmista.

⁷ Outra curiosidade sobre o instrumento retinta reside no fato de que, até a década 70 do século passado, mais precisamente até o ano de 1975, as retintas eram feitas de ferro, com as mesmas medidas; só que elas eram cobertas com pele de animal (couro de bode, cabra, carneiro, cobra, gato, camaleão etc.). Foi partir do ano de 1976 que houve a mudança, para instrumentos industrializados, ou seja, retintas fabricadas pela indústria sonora, pois elas eram também utilizadas pelas baterias de escolas de samba.

Agogôs: Instrumentos de percussão feitos de ferro, inox, com a forma de chocalho com dupla face, que são tocados com um ferro pequeno para dar harmonia ao ritmo. Cada bloco mantém a média de dois agogôs. O instrumento agogô tem também uma variação muito grande de formatos, porém o som que emite assemelha-se ao chocalho que é colocado no pescoço do gado bovino e caprino, valendo, sobretudo, a forma com que o ritmista consegue produzir esse som original e característico.

Ganzás: Instrumentos de percussão confeccionados em ferro inox, recheado em seu interior por sementes ou cabeças de prego (taxinhas). Cada bloco mantém a média de dez ganzás, que são tocados por homens ou mulheres em um movimento rápido, conforme a cadência musical do samba tema. Esse instrumento é segurado pelas duas mãos, e, ao se fazer o movimento rápido para a frente e para trás, ou para cima e para baixo, intercalando trepidações, faz as sementes (ou taxinhas) que estão no seu interior produzirem um som agudo, enfatizando a harmonia musical do BTM.

Rocas ou Chocalhos: Instrumentos de percussão industrializados, feitos de madeira, medindo 70 centímetros de comprimento, com várias tampinhas (ou círculos) de inox. Cada bloco mantém a média de 10 rocas. Esse instrumento é também segurado pelas duas mãos, e a execução do movimento rápido para a frente e para trás, para cima e para baixo, causando trepidações, faz as tampinhas arredondadas produzirem um som agudo, enfatizando a harmonia musical do grupo.

Afoxés: Instrumentos cilíndricos de percussão industrializados, feitos de materiais plásticos, cobertos de contas plásticas. Cada bloco mantém a média de dois afoxés. Esse instrumento é segurado por uma das mãos, enquanto a outra serve de apoio ao marcar a sonoridade com paradas ritmadas conforme a cadência musical. Os movimentos são rápidos, circulando o formato arredondado do pequeno tambor para a frente e para trás, produzindo um som suave, pontuando a harmonia musical do grupo.

Apito: Instrumento industrializado feito de inox (apito prolongado) que tem a finalidade de dar os comandos para a evolução da bateria, em geral com as paradas (breques, harmonia), exclusivas do diretor de bateria (ou mestre de bateria). O instrumento é preso por um cordão, que fica em volta do pescoço do

diretor de bateria, o qual o leva à boca toda vez que precisa usá-lo para dar coordenadas aos demais integrantes do grupo. O apito produz um silvo muito agudo, que sobressai diante dos demais instrumentos que compõem a bateria do BTM.

A partir da década de 1980, alguns blocos, objetivando se tornarem mais bem-aceitos pelo público jovem, começaram a programar a introdução de elementos novos no seu ato performativo — iniciada na década anterior — como ocorreu com a mudança das retintas de ferro fabricadas artesanalmente para as retintas industrializadas. Entre as mudanças ocorridas, uma das mais significantes foi a introdução de elementos de corda e sopro, dando ao ritmo uma sonoridade mais flexível, facilitando o acompanhamento de músicas de outros gêneros musicais, como sucessos dos *hit parades*, temas de novelas, músicas românticas, axé baiano, boleros, entre outros.

Essas mudanças também foram vistas como inovações ocorridas com a práxis dos BTMs, pois se abriram as possibilidades de interagir com outros segmentos socioculturais, e parte do público jovem se sentia representado com esse tipo de prática. Além disso, os cuidados da produção artística também davam sinal de que eram necessárias medidas empreendedoras para fazerem os grupos crescerem como agentes sociais e comunitários, reforçando a tese de que o BTM é prática inventada, como pensaram Hobsbawm & Ranger (1997), Hall (2005) e Geertz (2013).

Há uma personagem que tem um papel vital para a manutenção da ordem e disciplina do grupo enquanto está em atividades de recreação, entretenimento ou cumprindo compromissos contratuais: o Mestre de Bateria. Esse Mestre de Bateria (ou Comandante⁸) é a pessoa responsável pela direção rítmica do bloco, chamado também de diretor de bateria, que tem a responsabilidade de manter a interação grupal do conjunto, de modo que, na rua, quem manda é o comandante do grupo, e não a diretoria.

⁸ O termo comandante, formalmente baseado na hierarquia militarista, pode ainda ser simbolicamente entendido e utilizado nos BTMs, pois os comandados dos grupos são levados a seguir uma personagem que impõe rígida disciplina, no sentido de alcançar os resultados desejados durante o desempenho das atuações.

Sobre essa interação grupal exercida junto aos componentes da bateria do BTM, em decorrência da liderança do Mestre de Bateria, percebe-se que há uma semelhança na análise desenvolvida por Piaget (2005) ao investigar a interação grupal de crianças com a aprendizagem exterior, pois ali a aprendizagem dos membros da bateria é feita por meio dos processos de abstração que refletem as experiências do sujeito com o meio, considerando que os ritmistas, assim como as crianças, internalizam gradualmente noções e se apropriam de conceitos culturalmente constituídos.

De acordo com o próprio Piaget (2005), essa prática transforma-se em aprendizagem, e, por conseguinte, em habilidade (grifo do investigador), pois “o encontro do objeto exterior desencadeará a necessidade de manipulá-lo, sua utilização para fins práticos suscitará uma pergunta ou um problema teórico” (PIAGET, 2005, p. 16). Assim, de forma similar, crianças, adultos, homens ou mulheres, no exercício de sua função dentro de uma bateria, são agentes sociais em estado de aprendizado permanente, prontos a obedecer às orientações do Mestre de Bateria⁹.

A internalização de noções é explicitada por Piaget (2005) por meio dos diferentes níveis de desenvolvimento intelectual que cada ritmista passa no percurso de construção do conhecimento. Portanto uma bateria percussiva de BTM, quanto mais integrada, produzirá um melhor resultado em nível de qualidade, de sonoridade, de afinação instrumental e envolvimento entre seus pares, constituindo, dessa forma, concepções construtivas.

Percebe-se, ainda, de acordo com Piaget (1972b), que são concepções construtivas justamente porque consistem em estruturas que permitem os avanços conceituais na apropriação dos conhecimentos elaborados pela humanidade, o que significa que cabe ao Mestre de Bateria do BTM exercer a função de comandante junto aos seus comandados, passando a multiplicidade de regras próprias e regras internas do grupo para que se obtenha um resultado de excelência musical.

⁹ A grande maioria dos integrantes de uma bateria de BTM não frequentou escolas de música para exercer como profissão ou participar de um grupo cultural. Suas habilidades são apreendidas no próprio grupo, com a orientação do Mestre de Bateria.

O Mestre de Bateria tem a responsabilidade de fazer toda a direção do espetáculo, ter o controle de todo o pessoal do grupo e é quem faz as mudanças de ritmo, como, por exemplo: comanda com o apito as mudanças, iniciando cadenciadamente, puxando para o acelerado, sempre apitando e voltando para o lento, sem deixar o ritmo cair, realizando paradas improvisadas (breques), sendo a pessoa responsável pela saudação tradicional¹⁰ que geralmente ocorre nas apresentações espontâneas dos grupos BTMs.

Essa saudação funciona como uma marca registrada nas turmas de samba da capital maranhense, nas quais se incluem os BTMs. É quase um desempenho teatral puxado pelo comandante do grupo, no momento de suas apresentações, e que ocorre quase sempre ao final das audições. Essa saudação tem um texto padronizado de perguntas e respostas que os BTMs cumprem, modificando pouca coisa, mas adaptando o texto padrão para encaixar algum aspecto da apresentação do grupo, como está demonstrado no exemplo abaixo:

Pergunta (comandante) - **Vai querer, vai querer?!**

Resposta (todos os participantes do grupo) - **Vai!**

Pergunta (comandante) - **Vai querer, vai querer?!**

Resposta (todos os participantes do grupo) - **Vai!**

Pergunta (comandante) - **Para o nosso bloco?** (*normalmente utiliza-se o nome do bloco*)

Resposta (todos os participantes do grupo) - **Nada!**

Pergunta (comandante) - **Para o público presente?** (*normalmente utiliza-se o nome do dono da casa, ou de quem convidou o grupo, ou de alguma autoridade que se faz presente ou chegou repentinamente, ou ainda para valorizar algum patrocinador, político, artistas, atletas, etc.*)

Resposta (todos os participantes do grupo) - **Tudo!**

Saudação final do comandante - **Uma salva de palmas.** (*todos os brincantes dão uma salva de palmas, tocando os seus instrumentos, fazendo surgir uma calorosa saudação instrumental. Quem não tem instrumento, como as balizas, bate palmas*).

¹⁰ Essa saudação era desenvolvida também por outras manifestações culturais — como as Turmas de Samba e Escolas de Samba — durante suas apresentações avulsas. Esse ato performativo do comandante é/era in-

Merece ser ressaltado que, até o ano de 1974, o comandante do bloco tradicional também se destacava diante de todos, apresentando a sua fantasia de maneira diferenciada, pois ela devia ter algum detalhe ou característica diferente da dos demais integrantes do grupo, tendo como principais destaques: um chapéu especial, uma maior quantidade de plumas ou a própria fantasia — por inteiro — era de cor diferente, mas com o mesmo estilo da roupa dos outros participantes, ou seja, era mantida a padronagem do figurino que se estava apresentando durante cada temporada carnavalesca.

Essa diferenciação do comandante do grupo em relação aos demais participantes da “brincadeira” ou do BTM pode ser remetida às análises de Bourdieu (1989, p. 154) quando interpretava que capital pode ser conceituado como “recursos que são ou podem se tornar operantes, eficientes, a exemplo dos trunfos em um jogo” na concorrência pela apropriação dos bens raros existentes em um determinado campo. No jogo dos BTMs, o comandante do grupo é mais poderoso, pois ele tem conhecimento de todos os atalhos e caminhos para conduzir o seu grupo.

DIFERENÇAS DAS APRESENTAÇÕES ESPONTÂNEAS E OFICIAIS

Durante as apresentações dos BTMs, podem-se perceber várias ações performativas no grupo: nas apresentações avulsas ou para cumprir contratos, verifica-se que o grupo posta-se num círculo imaginário, no qual todos se voltam para o ponto central onde normalmente se posiciona o comandante, seguido por outras linhas imaginárias em que se posicionam os ritmistas que tocam retintas, marcações e os ritmistas secundários.

Nas linhas imaginárias limítrofes, posicionam-se os ritmistas que tocam os tambores grandes — geralmente essas personagens ficam em estado de êxtase quando estão a tocar, como se estivessem em transe para emitir uma sonoridade única e exclusiva no momento do ato performativo — e, finalmente, circulando em volta dos tambores grandes, as balizas, em uma espécie de “zigue-zague”, em que uma passa pela outra de forma saltitante e com graciosidade.

interpretado como uma maneira simbólica de conceder e conquistar prestígio, reforçando a necessidade de se garantirem futuros apoiadores (padrinhos) dentro do contexto da teoria da dependência local.

Ainda durante as apresentações, os ritmistas que tocam os instrumentos menores como roca, cabaça, reco-reco, ganzá, chocalho, agogô, etc. também desenvolvem uma coreografia saltitante e circulando entre si, sem atrapalhar o desempenho dos ritmistas que conduzem os tambores grandes, que são responsáveis pelo ponto alto da sonoridade ao lado dos ritmistas que fazem as marcações (em especial os contratempos tocados com baquetas e as retintas).

Para evitar acidentes, muitos integrantes dos grupos reforçam seus dedos, parte da palma da mão e/ou punhos, com um produto farmacêutico chamado esparadrapo ou outro material que possa auxiliar para evitar machucados com o contato violento entre a pele dos instrumentos e essas partes do corpo. Todavia, mesmo com esses cuidados, são observados ritmistas com vários calos em dedos e mãos ao final das apresentações. Muitos desses ritmistas veem esses calos como troféus (prêmios compensatórios) pela sua dedicação, em se dar ao máximo, em favor do desempenho grupal.

Verificam-se, ainda, marcações cênicas que ocorrem durante as apresentações do repertório do grupo. Por exemplo, durante o XVII Festival de Blocos Tradicionais, promovido pelo grupo “Os Brasinhas”, no dia 7 de novembro de 2015, no largo da Capela de São Pedro, no bairro Madre Deus, o BTM “Os Apaixonados”, no meio de sua apresentação, ao iniciar uma determinada peça musical (que não era nenhum de seus sambas oficiais), interpretou “à capela” a metade da música (somente com as vozes dos intérpretes oficiais) acompanhado de uma marcação de tambor grande, que fazia uma marcação pausada, enquanto os demais ritmistas levantaram seus instrumentos para o alto (acima de suas cabeças) durante todo esse momento inicial.

Esse desempenho configurou-se num momento original e diferente, que chamou a atenção dos apreciadores e, com sua constância, terminou por ser copiado por outros grupos. Vale lembrar, ainda, que, durante as apresentações oficiais dos grupos nos concursos que ocorrem na passarela do samba, o posicionamento grupal obedece a essa mesma hierarquia, todavia o desfile competitivo ocorre com o bloco andando sempre para a frente, e suas balizas circulando entre si e os demais componentes do grupo. A elegância, o sorriso, e

a sutileza são características individuais que cada componente deve demonstrar durante o seu desempenho pessoal.

Nesse caso, os ritmistas de tambor grande são distribuídos pelas laterais e pelo meio, mas obedecendo a um posicionamento predeterminado pelo Mestre de Bateria, enquanto os demais componentes tocam seus instrumentos circulando, de acordo com a cadência do samba entre os ritmistas de tambor grande, evitando o contato físico entre si para não prejudicar o desempenho sonoro. Os integrantes balizas são posicionados na frente e executam suas coreografias saltitantes também entre os demais integrantes, sem deixar buracos, tendo cuidado especial com a parte frontal.

Dependendo do tema escolhido pelo grupo, é permitido o uso de elementos alegóricos, mas essa prática é bastante questionada pelos mais conservadores, todavia os mais abertos a esse tipo de comportamento veem essa ação como uma inovação coreográfica que atrai a atenção do público e torna o desfile mais agradável e misterioso. Assim, alguns grupos podem apresentar novidades como elementos cenográficos, personagens místicas ou folclóricas (como fez o BTM “Os Reis da Liberdade”, no carnaval de 2016, quando apresentou as personagens Pai Francisco e Catirina — da manifestação Bumba Meu Boi, do ciclo junino), etc.

INOVAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DOS BTMs

Outros grupos também têm introduzido uma espécie de baliza formando uma comissão de frente, levando elementos alegóricos como balões ou fogos-de-artifício, ou outras peças sugeridas pelo tema escolhido. Mas, no final, o que pesa e colabora de maneira decisiva nesses julgamentos são a sonoridade e as fantasias, que, a cada ano, se tornam mais extravagantes e requintadas. Todos sabem disso, por isso os gestores se empenham para cumprir essas etapas com um afinho redobrado.

Vale destacar que algumas inovações que vêm surgindo nos BTMs, ao longo do tempo, recebem críticas dos tradicionalistas, como a crítica transcrita abaixo do investigador de cultura popular maranhense Henrique Machado, que destaca:

O que me incomoda nos blocos tradicionais mesmo é a inclusão do que chamam nas escolas de samba de Comissões de Frente. Se vem com violino, pandeirão, matraca, flauta, ou prato, pra mim, tanto faz, fica mais belo ainda. O pior já fizeram quando deixaram para segundo plano a batucada. Primeiro, diminuindo o tamanho dos contratempos e depois acelerando demais o ritmo. Hoje vc só escuta retinta e as cordas, bem como esses cantores soltando gritinhos na passarela. Seria tão bom se cantassem da forma que gravam suas músicas (MACHADO, depoimento publicado no Facebook, 14.02.2018).

Quanto ao elemento fantasia, esse é um caso à parte, pois o luxo, que é visto como “consumo suntuoso”, tem caracterizado quase cem por cento dos grupos dessa categoria¹¹. Claro que a referida fantasia tem que estar de acordo com o tema escolhido pela direção do BTM ou que tenha sido escolhida por meio de processo seletivo que envolvesse a diretoria e os participantes do grupo, como ocorre na prática desenvolvida por muitos grupos de cultura popular atuantes na região metropolitana de São Luís. Em alguns casos, até eventuais colaboradores e/ou patrocinadores opinam sobre o tema a ser desenvolvido na temporada carnavalesca seguinte.

O ato festivo de produzir fantasias luxuosas — como tem ocorrido com a confecção das fantasias dos BTMs nas últimas décadas — ou festas coletivas com a tática de “consumo suntuoso”, que é visto como uma tentativa de sedução e demonstração de poder, recebe de Canclini (1998) as seguintes considerações:

[...] em todas as sociedades, houve práticas “gratuitas e inferiores” como pintar o corpo ou realizar festas nas quais uma comunidade gasta todo o excedente de todo um ano e muito tempo de trabalho para preparar ornamentos que serão destruídos em um dia. Os homens sempre fizeram arte preocupando-se com algo mais que seu valor pragmático; por exemplo, pelo prazer que proporciona, quando seduz ou comunica algo de nós (CANCLINI, 1998, p. 113).

¹¹ O investigador Eugênio Araújo (2014), analisando os altos custos dos grupos carnavalescos, destaca que isso “trata-se de uma categoria antropológica chamada ‘consumo suntuoso’ — esse ato de gastar tudo, o máximo possível, no menor espaço de tempo e mostrar que gastou! Aqui não funciona a lógica ocidental puritana da ‘economia’, da austeridade”. Diz ainda esse investigador que gasto “É realmente puro exibicionismo, para demonstração de riqueza e poder, para impressionar. Não é para quem quer, é para quem pode! Mas, eventualmente, até quem não pode extrapola seus limites, consome além da conta. (...) Mas o consumo suntuoso coletivo é recorrente em várias culturas, especialmente em dias de festa. Festa boa é farta, exagerada, rica. E, entre nós, o carnaval é aquela que melhor encarna esse espírito, que remonta ao bom materialismo (sim, ele existe!), aquele no qual as coisas são postas à disposição das pessoas, e não ao contrário — como acontece no materialismo maléfico, quando as pessoas vivem em função das coisas”. (ARAÚJO, 2014, p. 125).

Para Araújo (2014, p. 125), “guardadas as devidas proporções, qualquer um, individualmente, pode ter seu dia de consumo suntuoso, quando compra aquela coisa muito cara, fora dos padrões de consumo”. Explica esse autor que, eventualmente, a pessoa gasta o que não tem, ou “estoura o seu cartão de crédito, se endivida pelo prazer do momento e passa o ano inteiro pagando — se isso for ocasionalmente, faz até bem à saúde psíquica. De vez em quando, gastar além da conta levanta a moral”. Com base nessa reflexão, percebe-se que a maioria dos gestores dos grupos de BTM são consumidores suntuosos, o que leva muitos a se enquadrarem na “teoria da dependência”, como analisou o antropólogo José de Ribamar Caldeira (1976), estabelecendo um jogo dialético de negociação entre grupos e agentes públicos e privados.

Ainda sobre o item fantasia, dois elementos são observados como prática obrigatória, no caso de concurso oficial, os quais se relacionam a um manto posicionado nas costas dos brincantes (elemento também denominado de costeiro) e a bota que calça os pés e pernas de cada participante. O primeiro item — manto¹² — de acordo com o conceito que é empiricamente relatado pelos praticantes, está relacionado à indumentária real cultuada pelos reis europeus, pois, no mundo imaginário da folia do Rei Momo, os súditos querem também se sentir integrantes desse reino imaginário, nem que seja em uma ação de fazer de conta, em que os subalternos se sintam, mesmo que ilusoriamente, detentores desse poder simbólico concedido pela elite opressora, naqueles três dias que antecedem a quaresma, como ocorre no período carnavalesco.

Enquanto isso, o segundo item também se relaciona a esse mundo imaginário dos reinos europeus — a bota — que vai calçar todos os integrantes do grupo. Normalmente, essa bota é feita sob medida, com base na pontuação do pé de cada brincante e de acordo com o estilo da fantasia. Considerando que o uso de botas não é muito comum na região onde se localiza a cidade de São Luís, por ter clima muito quente, esse elemento também não é encontrado com

¹² Os mantos utilizados nas fantasias dos BTMs são uma prática quase que obrigatória nos desfiles oficiais e nas apresentações de gala, sem que seja descrito em nenhum tipo de edital ou regulamento. É, pois, uma prática naturalizada e apreendida pelos praticantes e gestores dos BTMs, assim como a ala de baianas é uma das obrigаторiedades dos desfiles das escolas de samba. Assim, o manto é peça indispensável na estrutura da fantasia dos BTMs.

facilidade no comércio local, assim como não há muitos profissionais capacitados para realizar sua confecção. Dessa forma, a bota se constitui em um elemento alegórico considerado bastante oneroso para a produção da fantasia do participante, e por ser utilizado quase sempre em apresentações especiais como os concursos oficiais.

Assim, o manto e a bota são elementos essenciais para o complemento da fantasia do grupo, excetuando-se casos em que o tema dispense esses elementos. Já houve alguns momentos em que o grupo de BTM não tenha desfilado com o elemento manto — o costeiro real — mas, quando isso acontece, os grupos sofrem muitas críticas desfavoráveis, relacionadas, sobretudo, à violação da tradição praticada pelos grupos dessa categoria. Apesar de não contar pontos especificamente, os grupos têm mantido essa forma de desfilar nos concursos competitivos do carnaval de São Luís.

Observa-se, também, que a escolha do tema tem possibilitado uma flexibilidade na concepção visual das fantasias contemporâneas, pois, dependendo do que foi idealizado pelo figurinista, há inserções ou supressões de elementos visuais, bem como a readequação de elementos para o cumprimento de itens considerados tradicionais, como, por exemplo, se a fantasia é inspirada em elementos da natureza, como a borboleta do grupo “Os Apaixonados”, no carnaval de 2016. Nesse ano, o manto da fantasia foi adaptado como se fossem “asas” de uma borboleta confeccionadas em placas de PVC pintadas de branco, fugindo, portanto, à característica de manto real da nobreza europeia, mas cumprindo esse item considerado tradicional na estrutura da fantasia.

Esse assunto já vem sendo tratado nos editais que regulam os desfiles oficiais promovidos pela Prefeitura de São Luís. Por outro lado, a Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão foi a primeira a cobrar dos grupos culturais a presença de suas fantasias nas apresentações contratadas por aquela pasta. Dessa maneira, a SECMA entrou nessa discussão, obrigando os grupos contratados a desfilarem com a fantasia do ano em que ocorreu o referido contrato, penalizando os grupos que não atendessem a essa exigência com descontos no valor do cachê a ser pago aos grupos infratores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a manifestação cultural BTM tem se adequado ao longo do tempo, desenvolvendo, na prática, hibridizações, inovações e, ao mesmo tempo, tentando conservar sua característica essencial, dentro do campo cultural ludovicense: a tradição. Essa práxis dá aos grupos dessa manifestação o reconhecimento, prestígio e a legitimidade de manifestação única em um cenário de diversidade cultural extremamente complexo e sensível e força os praticantes, apreciadores e estudiosos a classificá-los como fenômeno identitário da região maranhense, especialmente a parte abrangida geograficamente pela chamada pré-Amazônia brasileira, a qual é carregada de mistérios que carecem de estudos aprofundados.

Nas apresentações avulsas realizadas na pré-temporada, na temporada e em outras épocas do ano, os grupos BTMs tentam padronizar uma indumentária para esse tipo de apresentação, o que lhes dá certo grau de qualidade performativa, uma vez que há uma unidade visual e, sobretudo, disciplina comportamental, pois, nessas apresentações, normalmente, os grupos não utilizam as fantasias oficiais utilizadas nos desfiles competitivos e, quando usam, fazem-no somente com parte das fantasias, considerando que elementos como plumas são retirados para futuro reaproveitamento.

Essa padronização, com uma indumentária alternativa, dá aos grupos BTMs um nível de organização responsável, deixando boa referência junto ao público apreciador e aos contratantes dessa manifestação cultural, em contraste com aqueles grupos que consideram esse comportamento irrelevante. Esse tipo de providência, a priori, pode ser vista como desnecessária, mas, ao final, há uma avaliação informal que passa percebida positivamente para o meio social. A cobrança sobre esse item de qualidade é considerada como forma de impor-se como fenômeno capaz de atrair a atenção de apreciadores locais e estranhos para gerar, criar, conquistar e ampliar espaços na cadeia produtiva da cultura e do turismo, tornando-se geradores de emprego e renda para a população afim.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Eugênio. *Sufocação de Azulejo — Reflexões sobre a dinâmica cultural em São Luís*. São Paulo, Brasil: Editora Nelpa. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico*. Lisboa, Portugal/Rio de Janeiro, Brasil: DIFEL/Bertrand Brasil. 1989.
- CALDEIRA, José Ribamar. *Mudanças sociais no Maranhão* (pp. 06-09). São Luís. 1976.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Brasil: Editora da Universidade de São Paulo. 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Brasil: LTC. 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* (Tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacra Lopes Louro). Rio de Janeiro, Brasil: DP&A. 2005.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra. 1997.
- PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia* (Tradução de Maria Alice D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva). Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária. 2005.
- PIAGET, Jean & INHELDER, Barbel. *De la logica del niño a la logica del adolescente*. Buenos Aires, Argentina: Paidós. 1972.
- SILVA, Fábio Henrique Monteiro. *O reinado de Momo na terra dos tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Piauí). 2009. [Link: https://fdocumentos.tips/document/o-reinado-de-momo-na-terra-dos-tupinambas-o-reinado-de-momo-na-terra-dos-tupinambas.html?page=1](https://fdocumentos.tips/document/o-reinado-de-momo-na-terra-dos-tupinambas-o-reinado-de-momo-na-terra-dos-tupinambas.html?page=1)

Professores responsáveis
Prof. Dr. Paulo Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Vânia Torres (PPGCOM/UFGA)

TRANSVERSALIZAR implica em criar, recriar e transcriar em diferentes perspectivas na busca de alternativas ao convencional. Este ST pretende reunir estudos das diversas representações "trans" na comunicação, literatura e demais enunciações culturais similares que são propícias às experimentações hibridizadas que tornem a vida em sociedade mais dinâmica e passível de ações de vivências e resistências. "Ser trans" ou "estar trans" compreende discussões contemporâneas de conhecimento de que a prática acadêmica não pode deixar de considerar.

ST

OS - TRANS NA LITERATURA, COMUNICAÇÃO E OUTRAS REPRESENTAÇÕES

**FORA DE CONTROLE:
ADAPTAÇÃO LITERÁRIA E PÓS-MODERNIDADE¹**

**OUT OF CONTROL:
THE LITERARY ADAPTATION AND POST-MODERNITY**

**FUERA DE CONTROL:
ADAPTACIÓN LITERARIA Y POST-MODERNIDAD**

Fabricio de Miranda Ferreira²
Luis Heleno Montoril del Castillo³

Resumo

A intensificação das adaptações entre expressões artísticas estão relacionadas às revoluções tecnológicas que marcaram as expressões culturais do contemporâneo. Nesse contexto pós-moderno, de múltiplas vozes e signos simultâneos, intensificou-se a prática da adaptação, tornando-se recorrente. A arena pós-moderna é o palco que abre espaço a essa intensidade de adaptações, reescrituras, recriações e ressignificações. Assim, pretende-se estabelecer uma relação entre os estudos da pós-modernidade e a intensificação de adaptações de obras literárias na contemporaneidade, a partir da teoria da adaptação, a qual se baseia na intertextualidade: o texto baseia-se em outros textos para se criar, existindo completamente por meio de uma relação intertextual com os primeiros. Para isso, serão tomados como ponto de partida os autores Hutcheon (2013), Stam (2006), Lyotard (2009), Jameson (2002) e Derrida (2005), entre outros.

Palavras-chave

Adaptação; Pós-Moderno; Intertextualidade; Literatura.

Abstract

The intensification of adaptations between artistic expressions are related to the technological revolutions that marked contemporary cultural expressions. In this postmodern context, with multiple voices and simultaneous signs, the practice of adaptation intensified, becoming recurrent. The postmodern arena is the stage

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 05 - Trans na literatura, comunicação e outras representações do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Universidade Federal do Pará. Email: fmferreira815@gmail.com.

3 Universidade Federal do Pará. Email: heleno@ufpa.



that opens space for this intensity of adaptations, rewritings, recreations and resignifications. Thus, it is intended to establish a relationship between the studies of postmodernity and the intensification of adaptations of literary works in contemporary times, based on the theory of adaptation, which is based on intertextuality: the text is based on other texts to be created, existing completely through an intertextual relationship with the former. For this, the authors Hutcheon (2013), Stam (2006), Lyotard (2009), Jameson (2002) and Derrida (2005), among others, will be taken as a starting point.

Keywords

Adaptation; Post-modern; Intertextuality; Literature.

Resumen

La intensificación de las adaptaciones entre expresiones artísticas está relacionada con las revoluciones tecnológicas que marcaron las expresiones culturales contemporáneas. En este contexto posmoderno, con múltiples voces y signos simultáneos, la práctica de la adaptación se intensificó, tornándose recurrente. La arena posmoderna es el escenario que abre espacio para esta intensidad de adaptaciones, reescrituras, recreaciones y resignificaciones. Así, se pretende establecer una relación entre los estudios de la posmodernidad y la intensificación de las adaptaciones de obras literarias en la época contemporánea, a partir de la teoría de la adaptación, que se fundamenta en la intertextualidad: el texto se basa en otros textos para crear, existiendo completamente a través de una relación intertextual con el primero. Para ello se tomará como punto de partida a los autores Hutcheon (2013), Stam (2006), Lyotard (2009), Jameson (2002) y Derrida (2005), entre otros.

Pallabras Llave

Adaptación; posmoderno; intertextualidad; Literatura.

1. INTRODUÇÃO

Não se pode negar que as adaptações estão relacionadas às revoluções tecnológicas que marcaram as expressões culturais do mundo contemporâneo. Ou seja, as adaptações obedecem a uma lógica de massificação, em que a arte passa a ser “adaptada” para outros meios mais “reproduzíveis”, que têm maior popularidade. Com isso acentua-se uma fusão de linguagens, a partir das adaptações, intensificando-se no cinema e entre tantas outras expressões, como animações, televisão e quadrinhos.

Nesse contexto de multiplicidade de signos e mídias, numa proporção nunca vista, a adaptação é uma prática recorrente. Não que ela já não existisse antes, como mostra Linda Hutcheon – a arte desde seus primórdios já adaptava – mas, “nós, pós-modernos, claramente herdamos esse hábito, mas temos ainda outros novos materiais à nossa disposição [...]. O resultado? A adaptação fugiu do controle” (HUTCHEON, 2013, p. 11). Sim, a arena pós-moderna de múltiplas vozes e signos é o palco que abre espaço a essa intensidade de adaptações, reescrituras, recriações e ressignificações.

A prática da adaptação se intensificou quase simultaneamente ao surgimento da chamada sétima arte – o cinema, no século XIX, vindo a se popularizar a partir da tentativa, por parte dos produtores, de se atingir a camada burguesa da população no final da década de 1920 (SKYLAR apud AMORIM, 2013). Atualmente, filmes adaptados de obras preexistentes – literatura, quadrinhos, pintura etc. – já dominam boa parte da produção do cinema mundial, ganhando destaque, até mesmo, em importantes premiações como o Oscar, o Globo de Ouro e o Emmy (HUTCHEON, 2013).

Porém, até hoje ainda persiste uma crítica da fidelidade em relação às adaptações, que coloca na adaptação uma obrigação em relação ao texto que foi adaptado. Para essa crítica, uma boa adaptação é aquela que procura ser ao máximo “parecida” com a obra adaptada. Ou seja, não há espaço para inserção nem supressão de elementos, nem mudanças de qualquer tipo, e quando isso ocorre nas adaptações, estas são reprovadas. Logo, a adaptação é vista de uma ótica profundamente moralista, como um desserviço à literatura. Tal discurso geralmente lamenta o que foi “perdido” na transição do romance ao filme, ao mesmo tempo em que ignora o que foi “ganhado” e reafirmando uma pretensa superioridade da obra adaptada à adaptação. Stam (2006) faz um questionamento contundente a essa exigência de fidelidade, apoiado nas mudanças no pensamento ocidental a partir da segunda metade do século XX (2006). Nesta pesquisa, essas mudanças estão dentro de um contexto artístico do cenário pós-moderno, do declínio das metanarrativas, da fragmentação e da intertextualidade.

Hutcheon, em *Teoria da Adaptação* (2013) não aborda especificamente a relação entre adaptação e pós-modernidade, deixando uma lacuna por onde esta pesquisa caminha. Portanto, o objetivo deste artigo é relacionar as adaptações, principalmente de obras literárias, a partir da teoria da adaptação, ao contexto da pós-modernidade. Para, isso optou-se por abordar a adaptação *no contexto da arte pós-moderna*, no processo de recriação de uma nova obra autônoma, uma vez que tal processo corrobora tanto a intertextualidade quanto a inversão da relação hierárquica dos binarismos, entre eles o “original” e a “cópia” – fatores caros à pós-modernidade, como veremos a seguir.

2. NADA SE CRIA, TUDO SE ADAPTA

2.1 Nem tanto ao moderno, nem tanto ao pós

Foi o filósofo francês François Lyotard, em seu *A Condição Pós-Moderna*, que atestou como a falência do chamado projeto da modernidade daria luz à pós-modernidade⁴. Nesse projeto, a ciência teria papel fundamental, legitimada por esse ideal moderno. Atinge seu ápice na virada do século XIX para o XX, com o positivismo, as vanguardas artísticas e as revoluções socialistas (COELHO, 2001). O que Lyotard enfatizou foi que, no contexto da perplexidade do pós-guerra, a incredulidade em relação às metanarrativas – grandes narrativas com função de legitimação da vida como um todo, incluindo aí o iluminismo, o marxismo, o liberalismo, a filosofia, e a ciência – pôs em xeque o projeto da modernidade. No entanto, tais metanarrativas ainda mantêm sua força, sejam renovadas – “neoliberalismo” –, adaptadas – “marxismo cultural”, – ou ainda existindo em uma nova configuração – “racionalismo crítico”, “pós-humanismo”.

Dessa forma, segundo Jameson (2002), houve uma ruptura na arte, após, segundo as palavras do autor, a “canonização e institucionalização acadêmica do movimento moderno” (2002, p. 30). Para ele, essa é uma das explicações

⁴ Vale lembrar que o projeto da modernidade, segundo Teixeira Coelho, “recobriria de modo amplo e geral os últimos três séculos da cultura ocidental de extração europeia” (2001, p. 20). Tem sua base firmada a partir do iluminismo e do humanismo, quando se acreditou que a razão levaria o homem a alcançar um estágio ideal de civilização.

mais plausíveis para o aparecimento do pós-modernismo, uma vez que a geração de 60 vai se confrontar com o movimento moderno, dando início a uma série de mudanças que dariam luz ao novo fenômeno a ser estudado e nominado. Entende-se, porém, nos estudos atuais sobre o pós-moderno, que os movimentos artísticos das décadas de 1950 e 1960 não promoveram uma “ruptura” na arte, mas sim uma radicalização do modernismo. Mas não se pode negar que tais movimentos abriam caminho para as mudanças que viriam nos anos posteriores.

Além da incredulidade em relação às próprias metanarrativas, como saberes únicos e totalizantes, e os novos rumos da arte dos anos 1960 em diante, outras características mais citadas em relação à pós-modernidade são: o homem não tem mais uma identidade fixa, cujo centro é a sua personalidade única (HALL, 2003, 12); a intertextualidade e a valorização de uma multiplicidade de estilos ao invés da originalidade modernista; e, por fim, uma reescritura do passado, com as metaficções historiográficas, estabelecendo uma ponte, diferente do modernismo, que via o passado como algo a ser superado.

Portanto, neste trabalho, trataremos sobre a arte pós-moderna por meio da ótica de Hutcheon, quando afirma que “apesar da retórica apocalíptica que muitas vezes a acompanha, o pós-moderno não assinala uma mudança utópica radical nem uma lamentável queda em direção aos simulacros hiper-reais. Não existe –, ou ainda não existe –, de forma alguma, nenhuma ruptura” (1991, p. 16)

2.2 Seguindo os passos da adaptação

O que é exatamente adaptação? Sabe-se que na biologia se refere às mudanças que os seres vivos sofrem para sobreviver ao meio. Ou seja, o conceito de adaptação, em si, já traz consigo duas nuances bem marcadas: a mudança e o meio. E se há mudança, há a passagem de um momento para outro, uma adequação ao meio. Nas artes, a ideia é representar a mudança de uma obra de arte para outro meio, no caso, outra linguagem. Dessa forma, a adaptação, necessariamente, pressupõe a existência do que se poderia chamar de obra prévia ou obra original. No entanto, em questão de arte, estamos falando de formatos diferentes, obedecendo cada qual a sua linguagem, o seu formato,

seus recursos, pois são artes distintas e precisam ser tratadas com tal distinção. Portanto, Hutcheon (2006) afirma que, de acordo com o dicionário, adaptar se refere a ajustar, alterar, o que pode ser feito de diferentes maneiras, já que, para adaptar uma obra literária para o cinema, por exemplo, deve-se considerar a transposição aí realizada como uma apropriação e interpretação criativa, além de uma atividade de engajamento intertextual.

Portanto, para esta pesquisa, utilizaremos o conceito de adaptação de Hutcheon (2006), uma vez que a autora canadense elaborou um conceito que abarca a adaptação em sua dupla natureza de processo e produto, afinal é um processo de recriação ao mesmo tempo em que resguarda um diálogo intertextual inerente a esse processo. Tal conceito será adaptado para a análise da obra a ser estudada, para que se possa entender o contexto em que se situa a adaptação. Antes, no entanto, veremos um pouco do histórico do estudo da adaptação ao longo do tempo.

Se a prática da adaptação existe desde muito tempo, por que somente no século XX foi problematizada? O fato é que a prática da adaptação se intensificou com as facilidades inseridas pelas novas tecnologias no processo artístico, dentro da lógica de mercado da indústria cultural, começando a ser caracterizada, a partir dessa ótica, como simples massificação da obra artística; passando pelo estruturalismo, considerada como uma tradução de uma linguagem para outra; pelo pós-estruturalismo, vista como prática intertextual; e, chegando ao enfoque cultural, como adaptação intercultural. Tal associação é apenas para efeito didático, uma vez que os três enfoques podem ser aplicados ao estudo da adaptação: a tradução intersemiótica, a teoria da adaptação e a adaptação intercultural.

No enfoque da teoria da adaptação, a qual vai trabalhar a adaptação como um diálogo intertextual, Robert Stam (2006) propõe uma linguagem alternativa para discutir a questão da adaptação de obras literárias para o cinema – e, por consequência, a questão do processo de adaptação como um todo. Para esse autor, a crítica especializada lida com as adaptações de uma forma extremamente moralista, usando termos como infidelidade, traição, violação e vulgarização para descrever adaptações que, segundo os críticos, não alcançam

seu objetivo: ser “fiel” ao texto original (STAM, 2006). De acordo com Stam (2006), para superarmos a crítica da fidelidade, é necessária a percepção de que, quando classificamos uma obra como infiel ao original, expressamos, na verdade, nosso desapontamento, ao sentirmos que a adaptação falha, ao captar o que nós, como leitores, consideramos os aspectos fundamentais da narrativa, temática e estética da fonte literária. A palavra “infidelidade” é, então, uma forma de exteriorizar nossos sentimentos em relação à obra de chegada (adaptação) que, por vezes, consideramos inferior ao texto de partida (obra adaptada).

Assim, para Stam (2006), é necessário enxergarmos a adaptação não como subordinada à obra de partida, mas sim entendê-la como uma nova obra, produto de outro ato criativo, com suas próprias especificidades. Uma das formas consideradas pelos estudiosos é, dessa maneira, a percepção do texto de chegada como a leitura de um romance, poesia ou drama fonte, um texto de partida, leitura essa que “[...] é inevitavelmente parcial, pessoal e conjectural”. Stam (2006) propõe, então, que entendamos o processo de adaptação como uma forma de dialogismo intertextual, sugerindo que todas as formas de texto são, na verdade, intersecções de outras faces textuais.

Ainda nesse enfoque, Linda Hutcheon (2013) defende que as adaptações, de qualquer espécie, estão em todo lugar nos dias atuais. Considerando tal pressuposto, a autora promove um questionamento sobre a prática de se classificar as adaptações como secundárias, como trabalhos derivados. Para a autora, a rotulação da obra adaptada como inferior ou cópia do original é derivada de uma concepção pejorativa sobre o próprio processo de adaptação (HUTCHEON, 2013). Para Hutcheon (2013), é necessária, dessa forma, a percepção de que adaptar não significa ser fiel, e, bem como Stam, a autora defende que fidelidade não deve ser um critério de julgamento ou foco de análise para as obras adaptadas.

Em sua obra, Hutcheon (2013) propõe o estudo dessa prática sob três diferentes perspectivas: (1) vista como uma entidade ou um produto formal; (2) vista como um processo de recriação; e (3) vista a partir do seu processo de

recepção⁵. Por entidade formal ou produto, entenderíamos a adaptação como transposição particular de uma obra ou obras, uma espécie de transcodificação de um sistema semiótico a outro. Como processo de recriação, entende-se a adaptação por meio de um processo de reinterpretação e recriação, processo no qual primeiramente se apropria-se da obra adaptada para depois recriá-la como uma obra autônoma, mesmo estabelecendo uma relação de dialogismo intertextual (HUTCHEON, 2013).

2.3 Fora de controle: adaptação e pós-modernidade

Não é muito difícil estabelecer um paralelo entre adaptação e pós-modernidade. Os movimentos da teoria na segunda metade do século minariam alguns ideais caros ao modernismo, como a originalidade e seus derivados, isto é, a hierarquia entre original e cópia, o autor como ponto de partida da obra de arte e a aura da obra artística, que permaneceria nas instâncias da alta cultura. Dessa forma, ao mesmo tempo em que contribuíram para desfazer a visão negativa da adaptação (que falamos no item anterior), direcionaram para o questionamento do modernismo e consequente desenvolvimento da teoria pós-moderna.

Portanto, a adaptação deixou de ser vista como mera técnica de massificação ou como produto artístico inferior à obra adaptada para ser estudada como um fenômeno cultural intrínseco a nossa época. E esse movimento teórico – de valorização das adaptações como obras autônomas – pode ser inserido em um amplo contexto artístico da segunda metade do século XX, no qual o pós-moderno está inserido, e que permite o paralelo feito aqui entre adaptação e arte pós-moderna.

Hutcheon, que teorizou tanto sobre o pós-modernismo como sobre adaptação, não abordou especificamente a relação entre esses dois pontos, mas justificou seu empenho nesses temas da seguinte maneira:

⁵ Para esta pesquisa, abordaremos apenas as duas primeiras perspectivas, visto que nos interessa muito mais a relação entre obra adaptada e adaptação, embora em diversos momentos recorreremos à recepção tanto da obra adaptada como da adaptação.

Em primeiro lugar, sempre tive grande interesse pelo que veio a ser chamado de “intertextualidade” ou relações dialógicas entre textos [...]. uma segunda constante foi o impulso talvez perverso de desierarquizar, o desejo de desafiar a avaliação cultural explícita e implicitamente negativa de coisas como pós-modernismo, paródia e, agora, adaptação, não raro vistas como secundárias e inferiores (HUTCHEON, 2013, p. 12).

Ou seja, neste trecho podemos perceber o que a autora estabelece uma relação entre a teoria pós-moderna e a teoria da adaptação partindo de duas características comuns: a intertextualidade e a inversão da hierarquia entre as categorias obra adaptada versus adaptação, por meio da valorização da adaptação como obra de arte autônoma e não devedora à obra adaptada. Ou seja, há nesses dois pontos o esforço de desafiar uma hierarquia entre categorias que remete à superioridade de uma categoria a outra, como nas categorias espírito x físico, voz x escrita, original x cópia etc.

Como vimos anteriormente, Stam (2006), em seu artigo *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*, faz uma crítica à chamada *crítica da fidelidade*, defendendo que a adaptação possui uma relação não hierárquica com a obra original, mas dialógica e intertextual. A crítica da fidelidade se baseia em um moralismo hierarquizante em que a adaptação é uma obra que deve ser fiel à obra original, recaindo em uma avaliação um tanto quanto subjetiva da qualidade das adaptações (STAM, 2006). Nesse artigo, Stam baseia sua crítica em movimentos teóricos reunidos sob a rubrica do *pós*, para mostrar como eles contribuíram para dar uma nova ótica para a crítica das adaptações.

Para subverter o preconceito com as adaptações, Stam mostra como desenvolvimentos teóricos do estruturalismo e do pós-estruturalismo causaram impacto direto no aprofundamento do estudo das adaptações. Dessa maneira, interessa para esta pesquisa Stam dois aportes teóricos apontados por ele para estabelecer o paralelo entre os estudos da adaptação e da arte pós-moderna, para situarmos a adaptação no contexto cultural da arte pós-moderna: a *intertextualidade* de Kristeva e o *suplemento* de Derrida.

A teoria da **intertextualidade** de Kristeva enfatiza a interminável permutação de textualidades, ao invés da “fidelidade” de um texto posterior a um

modelo anterior. Stam entende o conceito de adaptação como um “dialogismo intertextual”, em que todas as formas de texto são intersecções de outras faces textuais. Dentro de um mundo extenso e inclusivo de imagens e simulações, a adaptação se torna apenas um outro texto, fazendo parte de um amplo contínuo discursivo” (STAM, 2006, p. 24). Ou seja, mesmo o texto dito “original” também carrega consigo ecos de outros textos, e indefinidamente, não havendo qualquer hierarquia entre os textos. Dessa forma, a intertextualidade opõe-se à originalidade modernista, ao confrontar essa pretensa originalidade com a ideia de hipertextos, os ecos de outros textos que qualquer obra carrega consigo. Nesse sentido, a ideia de intertextualidade, ao opor-se ao antigo conceito de influência, derruba a ideia de modelos a serem seguidos, inserindo a literatura em um contexto de sistema amplo de signos, marcado pela troca constante, onde a questão da propriedade e da originalidade se relativizam e a questão da verdade se torna impertinente.

No contexto do pós-estruturalismo, o conceito de **suplemento** de Derrida desfez binarismos excessivamente rígidos, ao propor a inversão da primazia de uma categoria sobre outra, como no caso do “original” sobre a “cópia”. Numa perspectiva derridiana, o prestígio aural do original não vai contra a cópia, mas é criado pelas cópias, sem as quais a própria ideia de originalidade perde o sentido. O filme enquanto “cópia”, ademais, pode ser o “original” para “cópias” subsequentes. Uma adaptação cinematográfica como “cópia”, por analogia, não é necessariamente inferior à novela como “original”. Na crítica derridiana, pode-se dizer que o “original” sempre se revela parcialmente “copiado” de algo anterior; A Odisseia remonta à história oral anônima, Don Quixote remonta aos romances de cavalaria, Robinson Crusoe remonta ao jornalismo de viagem, e *ad infinitum*. Os signos não têm um sentido único, estável ou permanente, mas encontram-se constantemente à deriva, num *jogo* aberto de significações. Estando em jogo, o sentido de uma palavra só existe em função da forma como essa palavra se relaciona com outras palavras, e esse sentido está sempre adiado e diferido em intermináveis remessas de significações, num movimento de *suplementariedade*. O *suplemento* é um extra adicionado a completar e compensar uma lacuna, em algo que deveria ser completo em si mesmo.

Portanto, o suplemento de Derrida corrobora a intertextualidade, ao questionar a hierarquia entre “cópia” e “original”, uma vez que esse “original” também é um texto/suplemento da realidade: “nunca houve nada exceto a escrita, nunca houve nada exceto suplementos e significações substitutas que poderiam somente surgir numa cadeia de relações diferenciais” (DERRIDA, 1995. p. 243-245). Portanto, entendendo-se os signos como suplementos de outros suplementos, sem nunca se chegar à realidade propriamente dita, desfaz-se qualquer relação hierárquica entre obras que dialoguem entre si, na clássica relação fonte/influência; mas, se toda obra é suplemento de outra, a adaptação seria um suplemento da obra adaptada que também é suplemento de outra e infinitamente, num jogo aberto de suplementações/significações.

Assim, foi impulsionado o avanço de uma teoria da adaptação sem a tutela da crítica da fidelidade e da hierarquia original/cópia. Tal avanço permitiu situar a adaptação em um contexto cultural e artístico amplo, no qual ela é ao mesmo tempo processo e produto, como veremos a seguir.

Hutcheon, em *A teoria da adaptação* (2013), procura estabelecer uma teoria da adaptação ao abordar *a adaptação como adaptação*, ou seja, enfocando o processo em si de adaptação e o produto gerado no processo. Isso porque quando nos referimos à adaptação, o conceito pode ser direcionado tanto ao processo como ao produto resultante do processo.

Hutcheon pontua que, como produto formal, a adaptação é um produto resultante de uma transcodificação intersemiótica, que pode ser comparada à tradução e à paráfrase. Da analogia com a tradução, temos que a adaptação acaba sendo uma recodificação em um novo conjunto de signos; da analogia com a paráfrase, temos que adaptar é oferecer uma nova versão de uma passagem ou texto, como, por exemplo, a adaptação livre de palavras em imagens, em adaptação cinematográficas, por exemplo (HUTCHEON, 2013).

Por outro lado, a adaptação enquanto processo é uma reinterpretação e uma recriação, isso porque os adaptadores são primeiramente intérpretes, depois criadores. Ou seja, o que está envolvido na adaptação pode ser um processo de apropriação, de tomada de posse da história de outra pessoa, que é filtrada, de certo modo, por sua própria sensibilidade e talento (HUTCHEON,

2013). Dessa forma, a adaptação gera uma obra autônoma, mas em diálogo intertextual natural com a obra original.

3. A ADAPTAÇÃO COMO PROCESSO DE RECRIAÇÃO E REINTERPRETAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS NO CONTEXTO PÓS-MODERNO

Como vimos, foi Barthes quem disse no nível da denotação, dos signos, é impossível obter uma correspondência; imagem e palavra são irredutíveis. No nível da conotação, porém, é possível, através de signos diferentes, veicular ideias semelhantes (BARTHES, 1977, p. 36). Adaptar seria uma forma de analisar ou ler a obra literária e isso não a define como inferior ao seu texto-base, pela capacidade plurissignificativa das obras literárias, sendo possíveis infinitas adaptações geradas a partir de uma mesma fonte. Portanto, a adaptação é uma **recriação** dessa obra, não somente em outra linguagem, mas a partir de uma outra leitura, a do adaptador, cujo olhar é outro.

Por isso Hutcheon, ao falar sobre a adaptação como um processo, fala em “arte cirúrgica” (2013, p. 43): geralmente em romances longos, o trabalho do adaptador é de subtrair e contrair, ou seja, de cortar personagens importantes, e com eles subtramas, acontecimentos marcantes e descrições relacionadas

Assim, podemos entender como a adaptação está inserida no contexto da arte pós-moderna. Como vimos anteriormente, a ideia de intertextualidade de Kristeva, ao opor-se ao antigo conceito de influência, derruba a ideia de modelos a serem seguidos, inserindo a literatura em um contexto de sistema amplo de signos, marcado pela troca constante, onde a questão da propriedade e da originalidade se relativizam e a questão da verdade se torna impertinente. Essa intertextualidade vai ser intrínseca ao contexto da arte na chamada pós-modernidade, em que a adaptação, aos poucos, deixa de ser vista como secundária ou inferior.

Consequentemente, essa intensificação da adaptação contribuiu para a inversão do binarismo entre “original” e “cópia”. Na perspectiva de Derrida, como vimos, o prestígio aural do original não vai contra a cópia, mas é criado pelas cópias, sem as quais a própria ideia de originalidade perde o sentido. Estando

em um jogo aberto de significações, o sentido de uma palavra só existe em função da forma como essa palavra se relaciona com outras palavras, e esse sentido está sempre adiado e diferido em intermináveis remessas de significações, num movimento de *suplementariedade*. Dessa forma, o suplemento de Derrida corrobora a intertextualidade, ao inverter a hierarquia entre “cópia” e “original”, uma vez que esse “original” também é um texto/suplemento da realidade. Destarte, tanto a obra literária como a adaptação (seja cinema ou quadrinhos etc.) são suplementos, sempre vão ser remetidos a significados anteriores e remeter a novas significações, em uma rede de significações sem fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao transpor uma obra para outra linguagem, os autores adaptadores (re) criam, (re) escrevem em imagens, a partir de sua própria expressão artística, o texto de outro autor.

Mas, afinal, não temos aqui a definição de intertextualidade: o texto baseia-se em outros textos para se criar, existindo completamente por meio de uma relação intertextual com os primeiros? Os textos literários também não ressoam textos anteriores desde tempos imemoriais? Desde a Odisseia de Homero, passando pelas tragédias históricas de Shakespeare, pela Divina Comédia de Dante e pela sátira aos romances de cavalarias em Dom Quixote, até o moderno clássico Ulysses de James Joyce, as obras literárias sempre se criam a partir de textos preexistentes. Ou seja, mesmo o texto dito original também carrega consigo ecos de outros textos, e indefinidamente, não resistindo qualquer hierarquia entre os textos. Logo, as adaptações também podem ser grandes obras de arte, sem qualquer prejuízo para as obras literárias que servem de fonte de inspiração.

Por isso a intertextualidade foi um dos pontos de convergência entre a adaptação e a arte pós-moderna, valendo-se do suplemento de Derrida. Como vimos, o *suplemento* é um extra adicionado a completar e compensar uma lacuna, em algo que deveria ser completo em si mesmo. Os signos não têm um sentido único, estável ou permanente, mas encontram-se constantemente à

deriva, num jogo aberto de significações. Por isso, inverte-se a hierarquia entre “cópia” e “original”, ou poderíamos dizer “fonte” e “influência”, “obra adaptada” e “adaptação”, uma vez que esse “original” também é um texto/suplemento da realidade. A literatura, então, entre os signos desse jogo, seria apenas mais um suplemento. Na arte pós-moderna vê-se que a originalidade deixa de ser um objetivo, visto que toda a linguagem é suplemento numa cadeia de relações sem fim.

Interessante é que até recentemente se falava em fim da literatura, como se falava também do fim de muitas coisas: da arte, da filosofia, do jornalismo, da história. Talvez um fim aconteceu, mas não exatamente como pensávamos: houve o fim das coisas como se acreditava, separadas caprichosamente em rótulos, para uma rede imensa e intensa de troca de signos e mais signos, significações flutuantes, vozes múltiplas, linguagens, identidades, tudo móvel e líquido. A literatura, no entanto, permanece ao longo dos séculos, resistindo, renascendo, reinventando-se. *Adaptando-se.*

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marcel Alvaro de. Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado da arte e perspectivas futuras. **Itinerários**, Araraquara, n. 36, p.15-33, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/5652>. Acesso em: 23 abr 2018.

ARRUDA, A. M. de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. **Estação Literária Londrina**, Volume 9, p. 220-237, jun. 2012.

BARTHES, Roland. **Image – Music – Text**. Essays selected and translated by Stephen Heath. Londres: Fontana Press, 1977. Disponível em: <http://dss-edit.com/prof-anon/sound/library/Barthes__Roland_-_Image_Music_Text.pdf>. Acesso em 22 jan. 2018.

CANCLINI, Néstor García. La modernidad después de la posmodernidad. In: BELUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina**. São Paulo: UNESP, 1990.

COELHO, T. **Moderno Pós-Moderno: Modos e Versões**. 4ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

COSTA, J. Pós-modernidade, cultura e pastiche: algumas considerações acerca da contemporaneidade. **Anais**. Anais do III Seminário Linguagem e Identidades: múltiplos olhares. São Luiz: UFMA, 2012.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Tradução de Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, 2(2): 1-200, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

_____. **Uma Teoria da Adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

JAMESON, F. **Pós-Modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa; 12a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SOUSA, Marta Noronha e. **A Narrativa na Encruzilhada**: A Questão da Fidelidade na Adaptação de Obras Literárias ao Cinema. Edição Electrónica. Braga: Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2012.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Ilha do Desterro** - A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, n.º 51. Florianópolis: jul./dez. 2006. p. 019- 053. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19>>. Acesso em: 22 fev 2014.



MÍDIA VERSUS CAMPO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS MIDIATICAS Á ENTREVISTA NARRATIVA¹

**Media versus Field: analysis of media narratives to narrative
interview**

**Medios versus campo: análisis de las narrativas de los medios
a la entrevista narrativa**

Erika Mourão Ferreira²
Vânia Maria Torres Costa³

Resumo

As praias do Atalaia e Farol velho, no município de Salinópolis, possuem um grande e importante registro fossilífero da Formação Pirabas, objetos raros e não renováveis. Partindo disso, abordaremos a presença desses fósseis na imprensa local, relacionando com a narrativa de Sebastião, um morador local que realiza a coleta e preservação desses bens. Os métodos aplicados foram a pesquisa exploratória na internet e a aplicação de entrevista aberta com o colecionador que possui um conjunto de fósseis no quintal de sua casa. Nota-se que há conflitos informacionais na reportagem analisada e que a coleção de Sebastião vem sofrendo com ações antrópicas. Considera-se que as mídias em geral, precisam continuar fomentando narrativas sobre esses bens, mas acompanhadas de políticas públicas de proteção do patrimônio paleontológico de Salinas.

Palavras-chave

Fósseis; Mídias; Narrativa; Patrimônio

Abstract

The Atalaia and Farol Velho beaches, in the municipality of Salinópolis, have a large and important fossiliferous record of the Pirabas Formation, rare and non-renewable objects. Based on this, we will address the presence of these fossils in the local press, relating them to the narrative of Sebastião, a local resident who

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar nome do Simpósio para qual o trabalho será submetido –ST 04 - Culturas populares em transversalidade: tensões, apropriações e reexistências em narrativas contemporâneas do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestranda no Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA). E-mail: erikaferreira402@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9451-0279>

³ Doutora em Comunicação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: vaniatorres@ufpa.br <https://orcid.org/0000-0002-0493-8763>

collects and preserves these goods. The methods applied were exploratory research on the internet and the application of an open interview with the collector who has a set of fossils in the backyard of his house. It is noted that there are informational conflicts in the analyzed report and that Sebastião's collection has been suffering from anthropic actions. It is considered that the media in general need to continue promoting narratives about these goods, but accompanied by public policies to protect the paleontological heritage of Salinas.

Keywords

Fossils; Media; Narrative; Heritage

Resumen

Las playas de el Atalaia y Farol Velho, en el municipio de Salinópolis, poseen un amplio e importante registro fosilífero de la Formación Pirabas, objetos raros y no renovables. A partir de esto, abordaremos la presencia de estos fósiles en la prensa local, relacionándola con la narrativa de Sebastião, un vecino del lugar que recolecta y conserva estos bienes. Los métodos aplicados fueron la investigación exploratoria en internet y la aplicación de una entrevista abierta al coleccionista que tiene un conjunto de fósiles en el patio trasero de su casa. Se nota que hay conflictos de información en el informe analizado y que la colección de Sebastião viene sufriendo acciones antrópicas. Se considera que los medios de comunicación en general necesitan seguir impulsando narrativas sobre estos bienes, pero acompañados de políticas públicas de protección del patrimonio paleontológico de Salinas.

Palabras clave

Fósiles; Medio; Narrativa; Herencia

INTRODUÇÃO

O conceito de patrimônio, segundo Sandra Pelegrini (2009), passou a ser mais explorado na cultura ocidental em obras de artes e demais objetos de valor afetivo, econômico e religioso que remetessem a outras culturas e “carecessem” de iniciativas de preservação, atividade bastante praticada no final do século XVIII e que ganhou novos contornos após a Revolução Francesa, afinal ela gerou políticas para proteger esses bens (PELEGRINI, 2009; CHOAY, 2001).

Com o passar dos anos outras categorias patrimoniais foram sendo reconhecidas e valorizadas internacionalmente. Dentre elas a do patrimônio natural que, de acordo com a UNESCO (1972), abrange os monumentos naturais



compostos por valores estéticos e científicos. Eles fazem parte de uma rede⁴ de bens culturais que remetem a cultura, a identidades e afins (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006).

De toda forma, os bens culturais tomados como “legado vivo” que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, reúnem referenciais identitários, memórias e histórias - suportes preciosos para a formação do cidadão (PELEGRINI, 2009.p. 23).

Existem diversos “legados vivos” que recebemos do passado, dentre eles temos os sítios patrimoniais que podem ser naturais e/ou culturais. Eles são compostos por bens imateriais/intangíveis e materiais/tangíveis como os fósseis, que são os principais recursos do patrimônio paleontológico inclusos na Constituição Federal Brasileira de 1988, art.216, como pertencentes a Nação (BRASIL, 1988; PELEGRINI, 2009). Os fósseis são restos ou vestígios de organismos que viveram há no mínimo 11 mil anos e são testemunhas da evolução geológica e biológica da Terra (CARVALHO, 2011). Eles são raros, não renováveis e possuem um potencial científico, educativo e cultural que justifica a sua preservação e comunicação entre as gerações (VIANA; CARVALHO, 2019; CASSAB, 2010; FRANÇA, 2019; ENDERO; PRADO, 2015).

A região Amazônica é rica desse conteúdo⁵, um exemplo é a Formação Pirabas⁶, uma unidade geológica⁷ que se estende das regiões do Maranhão, Piauí e Pará. Na cidade paraense de Salinópolis, especificamente nas praias do Atalaia e Farol velho, encontram-se esses afloramentos, todavia, conforme Silva e Costa (2019) as informações sobre eles encontram-se bastante reduzidas ao âmbito acadêmico, carecendo de maiores ações de preservação e divulgação, por exemplo, do jornalismo paraense (SILVA et al. 2015). Leonardo Silva et al.

⁴ As tradições orais, as paisagens, as culinárias e os sítios arqueológicos são exemplos de componentes desse conjunto de bens (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006)

⁵ Espécimes de crustáceos, Sirênios, Equinodermatas, Moluscos e outros grandes grupos representativos paleofauna local (FERREIRA *et al*, 2019).

⁶ Compreende um período de 23 a 24 milhões de anos representando um momento de avanço e recuo do oceano atlântico sobre o continente que em grande parte era coberto pelo mar, sendo assim é possível encontrar organismos fósseis desse período nessas regiões (TÁVORA *et al*, 2010; ROSSETTI; GÓES, 2004, GÓES, 1990).

⁷ São rochas agrupadas que possuem características semelhantes como idade, modo como foram formadas, tipos de rochas. Esses agrupamentos que formam uma unidade geológica (LEITE et al, 1997)

(2015) desenvolveram pesquisas documentais em jornais impressos⁸ da cidade de Belém. Estipulando um recorte temporal de 14 anos (2000 a 2014), eles(as) encontraram apenas quatro notícias⁹ (Figuras 1, 2 e 3) do jornal O Liberal com informações sobre os vestígios fossilíferos de Salinópolis.

Figura 1, 2 e 3- As imagens de Jornais retratando os achados da formação Pirabas



Fotos: Ceadas por Leonardo Silva, 2015

Esse é um quantitativo problemático, afinal a Formação Pirabas é pesquisada desde o século XIX (SILVA; COSTA. 2019.p.3) e Salinópolis é uma das cidades de maior potencial turístico do Pará, principalmente durante o mês de julho, período no qual os turistas costumam adentrar as praias locais com veículos, comprometendo a integridade dos afloramentos (SILVA, 2021.p.14).

Pensando neste conteúdo encontrado e interpretado pelos(as) autores (as), mais a ausência da abordagem midiática local sobre os fósseis de Salinópolis, este trabalho resolveu dar continuidade ao levantamento começado pelos(as) pesquisadores(as), pois consideramos que os meios de comunicação são a tessitura que nos aproximam das realidades, portanto que as mídias são cruciais para os processos comunicacionais, uma vez que elas fazem o elo entre o eu e o outro (MARTINEZ; HEIDEMANN, 2019; BAITELLO JUNIOR, 2012;

⁸ Dados coletados na Biblioteca Arthur Viana

⁹ Em 2007 foi publicada uma matéria sobre a formação Pirabas que ressalta que os registros do nordeste do Pará são o testemunho da invasão marinha há 25 milhões de anos atrás; Já em 2014 o assunto ressurgiu na mídia, dando destaque ao geólogo Raimundo Martins que “descobriu” fósseis em Salinas e que afirmou ter comunicado o fato ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) que este faria uma vistoria para confirmar o achado; e no ano de 2015, o destaque é por conta do Museu Goeldi que afirmou que os fósseis de Salinópolis são pertencentes a Formação Pirabas e que o museu apresentaria trabalho na área, comprovando que os depósitos fossilíferos são conhecidos pela comunidade científicas paraense e nacional.

CONTRERA, 2009; MIKLOS; ROCCO, 2018). Por meio dos meios de comunicação (internet, revistas, jornais, televisão etc), nós somos informados e instigados criticamente com notícias que percorrem a sociedade, ou seja, eles são recursos essenciais para sensibilizar e informar o público (DIAS et al, 2003; CALTELLS, 2000; FONSECA, 2011).

Dito isso, fizemos uma pesquisa exploratória¹⁰ no *Google* com os dizeres “Fósseis Salinópolis” e encontramos a reportagem “Fósseis com mais de 2 milhões de anos são encontrados nas praias de Salinópolis, no Pará”¹¹, publicada pelo portal G1 Pará no dia 21 de setembro de 2020. O conteúdo da reportagem será analisado neste artigo, mas vale destacar que os fósseis de Salinópolis são o tema da minha pesquisa de mestrado, portanto a reportagem recente criou-me inquietações que me levaram a campo, onde entrevistei de forma aberta¹², em 06 de agosto de 2022, um morador que mantém uma coleção particular de fósseis e que apresenta uma outra perspectiva sobre o assunto. Dessa forma, a metodologia deste artigo consistiu em pesquisa exploratória e entrevista aberta.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA NARRATIVA RETRATADA NA REPORTAGEM

Depois das reportagens encontradas e interpretadas por Silva et al. (2015), o patrimônio fossilífero de Salinas voltou a ser conteúdo midiático no dia 21 de setembro do ano de 2020, em reportagem do G1 Pará composta por texto e um vídeo com duração de seis minutos e sete segundos exibido pelo jornal Bom - dia Pará, 1ª edição. O vídeo executado pelo repórter Noriel Magalhães teve a chamada “Fósseis com mais de 2 milhões de anos são encontrados nas

¹⁰ A pesquisa exploratória, de acordo com José Júnior (2011), é compreendida como uma preparação do pesquisador. Antes de ir a campo, ele procura informações na internet, bibliotecas e etc. com a intenção de adquirir informações sobre o seu objeto. No caso deste artigo, a pesquisa exploratória deu início com o levantamento bibliográfico sobre a divulgação dos fósseis de Salinas e continuou com a minha investigação no Google. A reportagem de 2020 foi resultado dessa exploração e por meio dela surgiu a necessidade de ir a campo conversar com o Sebastião, o responsável pela coleção que apareceu na TV.

¹¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/09/21/fosseis-com-mais-de-2-milhoes-de-anos-sao-encontrados-nas-praias-de-salinopolis-no-para.ghtml>>. Acesso em 25 de agosto de 2022.

¹² Segundo Maria Cecília Minay (2007) A entrevista aberta é como uma conversa informal, mas direcionada para o interesse da pesquisa, neste caso os fósseis de Salinópolis.

praias de Salinópolis, no Pará” (Figura 4). Na tabela abaixo destacamos as principais narrativas presentes na reportagem para que assim possamos explicar a reportagem sob a nossa interpretação.

Figura 4 - Fósseis com mais de 2 milhões de anos são encontrados nas praias de Salinópolis, no Pará”



Tabela 1- Descrição da Reportagem.

Repórter	Entrevistado
Noriel: É muito curioso tudo isso, a gente imagina que todo mundo que frequenta as praias de Salinópolis, vê tanta beleza, mas não imagina que ali, enterrado na areia, nas margens das praias tem uma parte da história vamos ver na reportagem. A coleção reúne várias peças de fósseis encontrados no litoral de Salinópolis, são partes de animais que morreram a mais de dois milhões de anos. Ossos de tartarugas marinhas, conchas, peixe bois, e até de baleias que foram trazidos pelos movimentos das marés até a costa de Salinópolis, entre essas peças tem um caracol gigante fossilizado e pedras polidas em forma de machados usados por povos antigos. De acordo com moradores daqui de Salinas esses fósseis foram encontrados recentemente nas faixas de areia entre as praias do Atalaia e Farol velho.	Rogerio Barros (Professor de Kite Surf): Sempre fui muito amante da natureza, e sempre passeando aqui pelas praias e pelas pedras eu comecei a pegar essas peças e juntar e guardando. Preciso de alguém pra fazer uma análise e um estudo desse material.

Noriel: O achado de ossos fossilizados na costa de Salinópolis, chamou atenção deste geólogo que costuma frequentar as praias do município.	Isadir Araújo (Geólogo): A dez anos atrás eu encontrei um fóssil aqui que é de um vegetal que tem meio metro, e um diâmetro de vinte centímetros. E sempre me passou pela ideia de haver um estudo profundo aqui.
Noriel: Inês Ramos curadora do acervo de Paleontologia do Museu Goeldi, destaca que esses fósseis são encontrados na Formação Pirabas. Unidade geológica com mais de 23 milhões de anos que envolve o litoral de Salinópolis, até o município vizinho de São João de Pirabas área banhada pelo oceano atlântico.	Inês Ramos: Aqui tem alguns exemplares como os gastropodas, esses gastrópodas eles atingem alguns tamanhos expressivos de um metro de diâmetro. Aqui temos os decapodas parentes dos caranguejos, e temos também amostras muito expressivas da bacia do Amazonas.
Noriel: Sue Anne Ferreira coordenadora de Museologia do Museu Emílio Goeldi. Ela desenvolve pesquisas em museus e acervos e Patrimônio da História Natural da região Amazônica. Ela diz que os restos de animais encontrados na costa de Salinópolis, tem grande valor histórico e geográfico e devem ser preservados, para estudos de especialistas.	Sue Anne Costa: Eles possibilitam que a gente compreenda não só como se formou a costa paraense em termos de geografia, mas também pra gente compreender como é que surge essa biodiversidade. Então esses fósseis são fundamentais pra que a gente possa compreender, cuidar de todo material biológico e geológico que tá presente na costa do Pará.
Noriel: Sue Anne diz ainda que o material não pode ficar na posse de qualquer pessoa, para não haver danos que descaracterize os fósseis.	Sue Anne: Eles são considerados bens, legalmente bens da União, e como bens da União eles precisam serem enviados ou pro Museu ou pra uma universidade, porque nesses locais você vai encontrar espaços, que tem não só profissionais museólogos, como também conservadores, que podem cuidar desse material que ele se preserve por maior parte do tempo, mas também são locais de acesso público, ou seja, esses fósseis podem ser apresentados por um maior número de pessoas possíveis.
Noriel: A intenção é usar o acervo para a criação de um museu histórico em Salinas.	Ronaldo Nóbrega (Comerciante): Pra mostrar que temos uma história, que temos um legado a preservar né! a partir de hoje, a partir do conhecimento que nós estamos tendo hoje por essas descobertas de fósseis que estão acontecendo aqui na nossa região.

Noriel: Realmente muito interessante Márcio e Tayse esses achados, lá no município de Salinópolis. Sobre esse assunto o museu Goeldi, informou que precisa receber uma solicitação oficial de quem encontrou os fósseis em Salinópolis, para poder auxiliar no estudo e aquisição do material. Por outro lado, o coordenador do campus da UFPA de Salinópolis, professor Adilson Oliveira Espirito Santo, informou que vai pedir a transferência dos fósseis para a casa de cultura que a universidade deve inaugurar lá no município. Portanto é importante que se der valor a essa parte da história né Marcio e tayse e que as pessoas que encontre, leve esse material e que faça contato tanto com o museu Emílio Goeldi na capital do estado, como com a UFPA lá no município de Salinópolis, para que esse material não se perca e que como disse aí a pesquisadora: O máximo de pessoas possam ter acesso por meio de uma exposição de uma casa da cultura, algum lugar mais adequado, pra que não fique só na casa de alguém como uma lembrança de algo que ele encontrou na praia, e que não sabe exatamente o que é.

Fonte: Elaborada pelas autoras

Essa foi a narrativa da reportagem abordada pela emissora, o que se analisa contém alguns termos intrigantes. Paul Ricoeur (1994) argumenta que para ter clareza da história é necessário entender ao mesmo tempo a linguagem, juntamente com a tradição cultural de onde procede os tipos de intriga (RICOEUR, 1994, p.91). Levando isso em consideração, percebe-se que há alguns pontos interessantes para ressaltarmos.

Primeiramente, em relação ao tema da reportagem, a datação apresentada poderia ser mais exata, pois ela destaca que os fósseis encontrados apresentam mais de 2 milhões de anos, entretanto os fósseis da Formação Pirabas possuem cerca de 23 a 24 milhões de anos, ou seja, há uma grande diferença temporal entre o dito e o não dito na chamada (TÁVORA *et al*, 2010; ROSSETTI; GÓES, 2004, GÓES, 1990). Outro ponto intrigante é a descrição “Preservação da Biodiversidade - Fósseis achados em Salinas revelam formação geológica da costa Paraense” (Figura 5).

Figura 5 - Fósseis achados em salinas revelam formação geológica da costa Paraense.



A reportagem dá a entender que os fósseis foram encontrados recentemente - provavelmente os que estavam sendo exibidos foram de fato encontrados agora, contudo, a Formação Pirabas é descrita a mais de um século por meio das descobertas do naturalista Domingos Soares Ferreira Penna em 1876:

“A descoberta dos depósitos fossilíferos dessa formação deve-se ao naturalista Domingos Ferreira Penna que, em 1876, excursionando pelo litoral paraense logrou localizá-los na Ilha de Fortaleza, situada na baía de Pirabas” (FERREIRA; CUNHA. 1937. p.3).

E a narrativa final da reportagem destaca que o Museu Goeldi precisa receber uma solicitação oficial de quem encontrou os fósseis para poder auxiliar no estudo do material, mas, por outro lado, o coordenador do campus da UFPA de Salinópolis informou que vai pedir a transferência dos fósseis para a casa de cultura que a universidade deve inaugurar. Ou seja, existiu um conflito, pois os dois órgãos queriam esses bens e nada foi feito até agora.

NARRATIVA DE UM SURFISTA

Existe comunicação desde os primeiros meses de vida, quando a criança ainda se encontra no útero, e ao nascer ela emite o seu primeiro som, permitindo que identifiquemos que está tudo bem com ela (LUKSENBURG, 2019). Consequentemente, vivemos cercados por oralidades transmitidas dos mais velhos aos mais novos como as lendas, as crenças, e histórias que revelam memórias do passado reinventadas no presente. É o que Walter Benjamin (1985) chamava de tradição, uma narrativa própria, que vai sendo moldada com o tempo. Ou seja, a nossa vida e o que somos passa a ser uma narrativa pessoal, sempre relatando nosso cotidiano por diversos meios, seja ele virtual ou não (MOTTA, 2013. p. 27).

E como narrativa sempre há alguém nos ouvindo, lendo e observando, pois de acordo com Erving Goffman (2009) a construção da nossa imagem depende muito das interações e relações que vamos construindo ao longo da vida. Portanto, nós aparecemos em sociedade, somos inseridos em vários contextos de interação e vamos aprendendo a nos portar dentro de um cenário específico. Dependendo do ambiente em que estivermos inseridos, o nosso eu

estará interagindo de maneiras específicas. E com o passar do tempo, o cenário, as atuações, os figurinos, o contexto e os comportamentos passam por alterações, juntamente com a maneira de nos comunicarmos (GOFFMAN, 2009).

Toda essa experiência é revelada por meio das narrações, afinal somos seres comunicantes que narram acontecimentos, sejam eles fictícios ou não e esses enredos são compreendidos a partir de entrevistas (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2008). Foi com esse pensamento que parti a campo para conversar com o responsável pela coleção televisionada. Lembremos que o ato de colecionar leva a comunicação. França (2008) considera que a ação de comunicar o objeto perpassa por diversas modificações, ocasionando outros significados, pois por meio do gesto ou ação de coletá-los, eles se tornam símbolos, ocorrendo assim um sentido de compartilhá-lo (FRANÇA, 2008.p.71. 141).

Depois da reportagem abordada no tópico anterior ser divulgada, fui convidada para realizar coletas de fósseis na praia do Atalaia, juntamente com um grupo composto por paleontólogos e museólogos. Dentre essa ida a Salinas a pesquisadora encarregada pelas coletas conseguiu marcar uma entrevista com a pessoa responsável pelos fósseis coletados na praia e que apareceram na TV. Quando chegamos ao local da entrevista, rodeando a casa havia um quintal grande cujo chão e copas das árvores continham fósseis de diferentes espécies marinhas. Conseguimos criar laços com o dono do local, inclusive ele chegou a participar de uma exposição conosco na praia do Atalaia sobre o tema. A partir daí surgiu a ideia de escrever sobre o assunto.

Partindo dessas questões mandei uma mensagem pelo *Whatssap* para o seu Sebastião, o homem que possui vários fósseis em seu quintal, visando realizar uma entrevista. No dia 06 de agosto de 2022 a entrevista foi realizada, utilizando um caderno de campo, caneta e gravador. Atentando sempre para a observação participante e uma escuta ativa, a entrevista foi gravada com autorização do entrevistado. Foram no total oito perguntas, e dentre elas apenas uma irei reportar aqui.

Sebastião Palheta é um homem de 43 anos que se intitula como nativo da cidade de Salinópolis e foi morar no farol velho quando tinha apenas 11 anos, época

em que aprendeu a surfar. Sua casa é simples, a sua vida é humilde e ele é um homem curioso e sempre muito disposto a aprender sobre o patrimônio que expõe em sua casa que, quando visitei, apresentava algumas diferenças em relação a primeira vez que a vi. A primeira coisa que percebi foi que os fósseis não estavam mais espalhados pelo quintal e nas copas das árvores como era antigamente. Perguntei sobre isso e Sebastião respondeu que:

Foi, recolhi porque até levam. Estavam levando uns, então decidir recolher eles. Na verdade só tem esses, os outros levaram, tinha uns aqui, outros nos vasos. Foram levando, aí por isso eu comecei a recolher eles, eu guardo eles agora. Tem também menos aqui era cheio oh! Aí cheguei outro dia, olha eu alugo aqui e quarta quando cheguei, dei falta de um pedaço de coral que ficava lá encima. As pessoas vão olhando, aí levam, quando pensar não tem mais nada, guardo esses agora senão, risos... não vai sobrar mais nada. Porque vem muita gente e o quintal é aberto, as vezes eu não tou, as vezes eu saio de manhã cedo e chego só a noite pra cá, aí fica por conta só do cachorro!

Sebastião também destacou que a reportagem corroborou para o aumento do fluxo de pessoas em seu quintal, o que ocasionou esses furtos, uma vez que a sua casa é demarcada por pequenas cercas. Porém, a matéria também trouxe reconhecimento para o local que é esquecido pelo poder público. Lembremos que Varine (2013) destaca que o desenvolvimento sustentável e real se faz em harmonia com o patrimônio, contribuindo para a sua vida e seu crescimento. O patrimônio, sob suas diferentes vertentes, é o húmus para o desenvolvimento local, mas isso só ocorre se houver uma participação efetiva, ativa e consciente da comunidade que o rodeia. Portanto, podemos compreender que a divulgação dos fósseis ajuda a fomentar essa interação tão necessária.

Devido a essa situação, penso que se um dos órgãos que em 2020 se disponibilizaram a recolher esses bens para o centro de cultura ou para o Museu, houvesse concretizado a iniciativa, os fósseis não teriam sido roubados. A coleção estaria segura e sendo utilizadas para fins educativos e científicos. Considerando essa realidade dos roubos e da ausência de um espaço cultural para os fósseis, podemos interpretar que a permanência da coleção por Sebastião (Figura 6) é um ato de resistência.

Figura 6 - Sebastião e sua coleção



Fonte: Arquivo Pessoal

CONCLUSÃO

Pensando em Salinas e lembrando das complexidades acerca do fato de estarmos na região amazônica investigando um povoado de origem tradicional que lida com vários atravessamentos modernos¹³ e que conta com esse conteúdo fossilífero praticamente comunicado entre os nossos pares acadêmicos, podemos considerar que verificar a presença dos fósseis de Salinas na mídia, encontrar e conversar com o Sebastião são atos de suma importância e relevância para a sociedade.

Lembremos que a mídia retrata narrativas da realidade (WOLTON, 1997) e que o patrimônio fossilífero de Salinas encontra-se suscetível ao esquecimento, afinal o poder público não tomou iniciativas para protegê-lo e ações isoladas como a de Sebastião não são suficientes para tal, ainda mais considerando que vem ocorrendo furtos dos fósseis presentes em seu quintal. Com isso, encerramos este artigo ressaltando que a atuação midiática precisa ser ampliada e deve acontecer com mais frequência para assim ensejarmos uma

¹³ Grande urbanização, turistificação e criação de grandes empreendimentos, e em processo se encontra uma atividade de licenciamento ambiental para exploração de petróleo e gás (SOUZA, 2014; PETROBRAS/EGIS, 2020).

maior presença e atuação de órgãos públicos de proteção ao patrimônio na região. Os fósseis de Salinas apresentam potencial de transformação educacional, turística e cultural, mas não podemos imaginá-los distantes e desconhecidos por parte das pessoas, seja por falta de divulgação ou políticas públicas voltadas para o patrimônio, neste caso paleontológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO J. N. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e ima-gens.** São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BENJAMIN, W. **O narrador.** Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: Obras escolhidas, v. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CALTELLS, M. 2000. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra.
CAMPOS, D. R. B., 1980. Novos fósseis da Formação Pirabas, no Baixo Parnaíba, Piauí(Mollusca-Bivalvia). Anais da Academia Brasileira de Ciências 52(4):807-810.

CARVALHO, I.S. **Paleontologia.** 3ª edição, v.2. Ed. Interciência, Rio de Janeiro, 531p. 2011.

CASSAB, R.C.T. **Objetivos e Princípios.** In: Paleontologia,3.ed., v.01. Rio de Janeiro: **Interciência**, 2010.p.3-11

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Editora Unesp, 2001, pp. 95-124.

CONTRERA, M. **Do lado de fora do jardim encantado: comunicação e desencantamento do mundo.** E-compós, Brasília, v. 12, n. 3, set./dez. 2009. p.1-14

DIAS G., BRILHA J., ALVESM. I. C., PEREIRA D. I., FERREIRAN., MEIRELES C., PEREIRA P., SIMÕES P. (2003).**Contribuição para a valorização e divulgação do patrimônio geológico com recurso a painéis interpretativos: exemplos em áreas protegidas do NE de Portugal.** Ciências da Terra(UNL), no esp. V, CD-ROM,I32- I35.

ENDERE, M. L.; PRADO, J. L.. **Characterization and Valuation of Paleontological Heritage: A Perspective from Argentina.** Geoheritage, v. 7, n.2, p. 137-145, 2015.

FERREIRA C.S.; CUNHA R. O. **Notas sobre a Formação Pirabas com descrições de novos invertebrados fósseis. Contribuição à Paleontologia do Estado do Pará.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Geologia, 1937.

FONSECA, F. **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação.** Rev. Bras. Ciênc. Polít.[online].2011, n.6, pp. 41-69.

FRANÇA, V.R.V. **Interações comunicativas: a matriz conceitual de GH Mead.** In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, Ana Claudia; NASCIMENTO, Geraldo Carlos do; RONSINI, Veneza Mayora. Comunicação e Interações. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 71-91.

GÓES, A. M.; ROSSETTI, D. F; NOGUEIRA, A. C. R.; TOLEDO, P. M. **Modelo deposicional preliminar para a Formação Pirabas, nordeste do Estado do Pará.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 2, n.1, p. 3-15, 1990.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis – RJ, 2009.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa.** In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINEZ, M.; HEIDEMANN, V. **Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas.** Lumina, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 4–14, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.26055. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/lumina/article/view/26055>. Acesso em: 26 ago. 2022.

MIKLOS, J., ROCCO, A. de S. A. **Ecologia da comunicação: desafios para a concepção de uma comunicação social cidadã.** PAULUS: Revista De Comunicação Da FAPCOM, 2(3), pág. 93–110. <https://doi.org/10.31657/rcp.v2i3.44>. 2018

MOTTA, L.G. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2013.

PELEGRINI, S. **Patrimônio cultural: consciência e preservação.** São Paulo: Brasiliense, 2009, 136 p.

PETROBRAS/EGIS. RIMA – **Relatório de Impacto Ambiental das atividades de perfuração Marítima nos blocos BM-BAR-3 e BM-BAR-5.** Egis consultoria e Engenharia Ltda, 2020.

RICOUER, P.. **Tempo e Narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994, Vol. 1

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro**. Galáxia, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009.

SILVA, L.S.; COSTA, S. A. R. F.. **Uma proposta de fomento à salvaguarda do patrimônio paleontológico da praia do Atalaia, Pará, Brasil**. RIDPHE_R REVISTA IBEROAMERICANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO, v. 5, p. e019014-29, 2019.

SILVA, L.S; SILVA, R.A.S; COSTA, S.AR.F. **Afloramentos fossilíferos da Praia do Atalaia: A importância da mídia para a (re)construção de um discurso**. In: II Seminário Brasileiro de Museologia, 2015, Recife. Anais II Sebramus. 2015a, v. 2. p. 144.

SILVA, R. A. S. da .; COSTA, S. A. R. F. da. Praia, mar e fósseis: o patrimônio paleontológico da Amazônia Paraense a partir das contribuições do pensamento complexo. RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, Campinas, SP, v. 7, n. 00, p. e021019, 2021. DOI: 10.20888/ridpher.v7i00.15556. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/15556>. Acesso em: 4 set. 2022.

SOUZA, D. L. de. Produção do espaço, infraestrutura turística e desenvolvimento sócio-espacial: uma análise do complexo orla do maçarico e da urbanização da praia do atalaia em salinópolis-pa. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, p. 184. 2014

TÁVORA, V. A., SANTOS, A. A. R. Dos.; ARAÚJO, R. N. **Localidades fossilíferas da Formação Pirabas (Mioceno Inferior)** in bol. Mus. Pará. Emilio Goeldi. Cienc. Nat. Belém, v. 5, n.2, p. 207-224, maio- ago.2010.

UNESCO – **Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. UNESCO, 1972.

WOLTON, D. **Pensar a comunicação**. Paris: Flammarion, 1997.
VARINE, H..**As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**: Trad. De Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013. 256p.

VIANA, M. S; CARVALHO, I.S. **Patrimônio Paleontológico** – 1. ed. – Rio de Janeiro. 2019.

ZANIRATO, S. H.; RIBEIRO, Wagner C. **Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não rendável**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 26, n. 51, 2006.



TEA, NEURODIVERSIDADE E LINGUAGEM EM REDES SOCIAIS ON-LINE¹

ASD, NEURODIVERSITY AND LANGUAGE IN ONLINE SOCIAL NETWORKS

TEA, NEURODIVERSIDAD Y LENGUAJE EN LAS REDES SOCIALES ONLINE

Luna Carvalho de Lucena²

Resumo

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) tem uma história complexa de significações e representações. Após diversos deslocamentos, o atual diagnóstico de TEA compreende uma variedade em espectro de sintomas e necessidades de suporte, graças a diálogos com modelos sociais da deficiência defendidos por movimentos sociais como o da neurodiversidade. No entanto, isto nos leva a indagar sobre a importância representativa do movimento da neurodiversidade, e como este afeta práticas de comunicação em meios sociais diversos. Para cumprir o objetivo de analisar se, e como a criação e crescimento do movimento da neurodiversidade em sites e fóruns de redes sociais influenciou práticas de comunicação e uso da linguagem, buscamos empregar a Pesquisa Bibliográfica para explorar e discutir o tema. Concluimos que novas maneiras de significar o autismo enquanto conceito deram origem à novas formas de comunicá-lo por estas comunidades, e que estas significações foram compartilhadas com outras redes sociais e meios.

Palavras-chave

Neurodiversidade; TEA; Comunicação; Linguagem; Redes Sociais.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) has a complex history of meanings and representations. After several shifts, the current diagnosis of ASD comprises a variety of symptoms and support needs, thanks to dialogues with social models of disability advocated by social movements such as neurodiversity. However, this leads us to ask about the representative importance of the neurodiversity

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Trans na literatura, comunicação e outras representações do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

²Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). E-mail: luna.lucena2@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0365-0127>.



movement, and how it affects communication practices in different social environments. To fulfill the objective of analyzing whether and how the creation and growth of the neurodiversity movement on social networking sites and forums influenced communication practices and language use, we sought to employ Bibliographic Research to explore and discuss the topic. We conclude that new ways of meaning autism as a concept gave rise to new ways of communicating it by these communities, and that these meanings were shared with other social networks and media.

Keywords

Neurodiversity; ASD; Communication; Language; Social Networks.

Resumen

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) tiene una historia compleja de significados y representaciones. Después de varios cambios, el diagnóstico actual de TEA comprende una variedad de síntomas y necesidades de apoyo, gracias a los diálogos con los modelos sociales de discapacidad defendidos por movimientos sociales como la neurodiversidad. Sin embargo, esto nos lleva a preguntarnos sobre la importancia representativa del movimiento de la neurodiversidad, y cómo afecta las prácticas comunicativas en diferentes entornos sociales. Para cumplir con el objetivo de analizar si y cómo la creación y el crecimiento del movimiento de la neurodiversidad en los sitios y foros de redes sociales influyeron en las prácticas de comunicación y el uso del lenguaje, buscamos emplear la Investigación Bibliográfica para explorar y discutir el tema. Concluimos que nuevas formas de entender el autismo como concepto dieron lugar a nuevas formas de comunicarlo por parte de estas comunidades, y que estos significados fueron compartidos con otras redes sociales y medios.

Palabras clave

Neurodiversidad; TEA; Comunicación; Lenguaje; Redes Sociales.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno de Espectro Autista, ou TEA, é um transtorno com déficits nas capacidades de interação e comunicação social, com uma variedade de sintomas em níveis de gravidade que se manifestam de formas diversas (VOLKMAR, WIESNER, 2018; ONZI, GOMES, 2015). Tendo uma história complexa de critérios diagnósticos e construções representativas, o TEA ainda é considerado controverso (VOLKMAR, WIESNER, 2018).

Apesar de movimentos políticos que têm como finalidade reivindicar direitos a pessoas com deficiência já existirem, a introdução do conceito de

“Neurodiversidade” por Judy Singer (SINGER, 2019) na década de 1990, partindo de influências pós-estruturalistas e construcionistas (ORTEGA, 2009), nomeou uma forma particular de compreensão da diversidade neurológica e cognitiva (HUGHES, 2015). Inspirado na criação do conceito, Neurodiversidade posteriormente nomeou um movimento social (ORTEGA, 2009).

Sendo que a Internet teve papel central na popularização do conceito da neurodiversidade, assim como na criação do movimento social homônimo, alguns autores argumentam mesmo que o ciberespaço (LÉVY, 1999) não seria apenas palco destas transformações, mas um ambiente propício para que acontecessem (SILBERMAN, 2017; ORTEGA, 2009; DAVIDSON, 2008; JAARSMA, WELIN, 2012). Isto se faz possível pois se trata não de uma tradução direta de dinâmicas e estruturas sociais pré-existentes à ele, mas um espaço com suas próprias características, no qual se transformam modos de comunicação e linguagem (FERRARA, 2007).

Há a possibilidade do ciberespaço transformar e mesmo permitir formas de comunicação, mas também há a sugestão de que, em uma relação dialógica, estas comunidades que se formam no ciberespaço, como o movimento da neurodiversidade, também contribuem com transformações que impactam a linguagem. Aqui, compreendemos a linguagem a partir de uma abordagem construcionista social e culturalista, enquanto meio no qual se produzem e compartilham significados e representações (HALL, 2016).

A partir da pergunta “A criação e crescimento do movimento da neurodiversidade em *sites* e fóruns de redes sociais influenciou práticas de comunicação?”, buscamos cumprir o objetivo de analisar se, e como a criação e crescimento do movimento da neurodiversidade em *sites* e fóruns de redes sociais influenciou práticas de comunicação e uso da linguagem. A metodologia utilizada é a Pesquisa Bibliográfica, ou “estado do conhecimento” (MACEDO, 1995) - definição que implica um mapeamento do conhecimento em determinado tema -, com a pesquisa, compilação e discussão das produções científicas existentes sobre a criação do movimento da neurodiversidade a partir de redes sociais on-line, e como este movimento dialoga com a cultura em suas várias práticas sociais e formas de comunicação, a partir dos

conceitos de circuito da cultura e redes sociais (LÉVY, 1999; HALL, 2016; RECUERO, 2017).

2. A HISTÓRIA DO TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

O TEA foi primeiramente descrito como um “distúrbio do contato afetivo” (VOLKMAR; WIESNER, 2018, p. 2) pelo psiquiatra e pesquisador Leo Kanner em 1943. De maneira independente, o então estudante de medicina Hans Asperger descreveu em 1944 uma condição que incluía como sintomas interesses específicos e dificuldades na socialização, no entanto, com bom desenvolvimento das habilidades cognitivas, e amplo vocabulário.

Ora rara condição psiquiátrica que significava um isolamento psíquico quase completo pelas descrições de Kanner, ora mais aproximado a um traço de personalidade ou forma de funcionamento pelas concepções de Asperger (VOLKMAR, WIESNER, 2018; SANTOS, SANTOS, 2012), o TEA é visto com grande interesse pela comunidade científica e acadêmica (SANTOS; SANTOS, 2012). Atualmente definido pelo Manual do Espectro do Autismo - DSM-V (2013) como um transtorno do desenvolvimento com diferentes níveis de gravidade para o qual não há cura, merge-se no DSM-V (2013) as anteriores concepções de Autismo e Síndrome de Asperger, vendo seu funcionamento em um espectro de sintomas possíveis, e de níveis de suporte variáveis.

Segundo Santos e Santos (2012), mesmo após estes deslocamentos na concepção científica do autismo, o que influencia as formas de diagnóstico e tratamento, as imagens mentais do isolamento das descrições de Kanner ainda têm peso demarcado - a partir de metáforas tais como “tomada desligada” (Leo Kanner), “ovo de pássaro” (Margareth Mahler) e “fortaleza vazia” (Bruno Bettelheim), entre outros - tanto em construções representativas psiquiátricas e psicológicas quanto do senso comum, afetando diretamente a vida de indivíduos autistas. Além das representações biomédicas do TEA, Silberman (2017) aponta as décadas de 1980 e 1990 enquanto um período de grandes mudanças nas atitudes em relação ao autismo, também por tensionamentos externos à comunidade científica. O autor ressalta um aumento na quantidade de representação de indivíduos autistas na mídia a partir do relato

autobiográfico de Temple Grandin e de filmes como *Rain Man* (1989). A imagem do indivíduo autista tornava-se próxima, familiar, despertando o interesse de indivíduos fora da comunidade médica.

Edyvean (2009) e Campbell (2006) ressaltam a importância da representação midiática na construção das percepções sobre o autismo, concluindo que a familiaridade com o assunto e a exposição a pessoas com TEA - sejam elas conhecidos ou personagens fictícios - resultam em atitudes mais positivas em relação a pessoas autistas reais. A partir do conceito de “circuito da cultura” de Hall (2016), o estabelecimento de uma cultura prevê um “compartilhamento de significados”, uma troca de sentidos que media interpretações e expressões comuns ao grupo, fazendo-no mutuamente inteligível.

Não estamos apenas trocando significados pré-existentes, no entanto - nós os construímos e transformamos na ação linguística e comunicacional. De acordo com Hall (2016, p. 22), o “sentido relaciona-se a todos os diferentes momentos ou práticas em nosso “circuito cultural” — na construção da identidade e na demarcação das diferenças, na produção e no consumo, bem como na regulação da conduta social”.

Definimos culturalmente as categorias significativas, inclusive as identitárias, assim como normalizamos as práticas sociais e atitudes face a elas, a partir destas construções culturais compartilhadas. Isto explicaria, por exemplo, como a inserção de representações do indivíduo autista em mídias televisivas e cinematográficas, assim como a interação com indivíduos na vida social, podem afetar atitudes de maneira positiva.

3. REDES SOCIAIS ON-LINE E O MOVIMENTO DA NEURODIVERSIDADE

O computador e a Internet foram fatores centrais em descentramentos e transformações na comunicação e compartilhamento de informações (LÉVY, 1999). Foi na *World Wide Web* enquanto rede interconectada de *websites* que se construiu o ambiente chamado por Lévy (1999) de “ciberespaço”.

O conceito implica não apenas em uma tradução ou configuração às antigas dinâmicas comunicativas a partir das diferenças técnicas, mas

especialmente, em transformações nas práticas sociais e linguísticas. Isto se dá pois o “espaço é suporte que se transforma em meio e linguagem interferindo na dinâmica cultural, através do modo como organiza o material a comunicar” (FERRARA, 2007, p. 31). Em outras palavras, estudar o ciberespaço perpassa não apenas as técnicas formadas na rede material de computadores, como também as redes sociais e suas práticas.

Quando mencionamos redes ou redes sociais, nos referimos não apenas aos *websites* e aplicativos de interação social, mas a uma abordagem de análise social que tem como proposta aplicar teoremas sistemáticos para representar relações. As redes sociais são assim chamadas por ilustrarem cadeias complexas de ligações entre indivíduos em um grupo social: “observam-se os atores e suas interações, que por sua vez, vão constituir relações e laços sociais que originam o “tecido” dos grupos. Essas interações proporcionam aos atores posições no grupo social” (RECUERO, 2017, p. 21).

As formas interacionais, portanto, passam por constantes mudanças, influenciando as normas e estruturas sociais, os vínculos identitários, “localizando” cada indivíduo dentro de uma rede de oportunidades e limitações, e mediando suas interações, criação de laços e expressividade. É a cultura mesma, enquanto produção humana, que acontece no ciberespaço (MARTINO, 2014).

A partir de Lévy (1999), inserimos o conceito de “cibercultura” enquanto o conjunto de técnicas, práticas sociais e modos de funcionamento que se desenvolvem nas redes sociais. As ferramentas sociais na Internet, no entanto, acabam por influenciar como se dão as estruturas sociais e comunicacionais devido a diversos fatores, como disponibilidade de acesso, perenidade da informação, possibilitando comunicações assíncronas, mesclando linguagens escritas, orais e visuais (RECUERO, 2017).

Encontramos na influência dos Estudos Culturais britânicos a busca para compreender a cibercultura enquanto local de disputas de discursos e representações. Não apenas uma ferramenta para manifestação política, a Internet se insere enquanto disposta de suas próprias capacidades e articulações, que permitem aos ciberativistas ações híbridas (on-line e off-line)

expandindo limites espaço-temporais de participação (MORAIS, 2018; RODRIGUES, PIMENTA, 2015).

O conceito de “Neurodiversidade” foi criado por Judy Singer. Político desde seu nascimento, o termo reconhece uma variabilidade natural nas formas neurais e de funcionamento humano, as admitindo enquanto traços da existência do ser que devem ser respeitados (FRANCO, 2013; SINGER 2019). O termo foi popularizado em fóruns e comunidades on-line, principalmente entre pessoas com as condições então nomeadas de Autismo e Síndrome de Aspergers, pela forma como centralizava as experiências e concepções dos próprios indivíduos autistas (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009).

O movimento da neurodiversidade fez parte de um período marcado pela criação de redes de “contra-poder” a nível global, com a finalidade de “resistir formas de dominação estabelecidas a favor dos interesses, valores e projetos que são excluídos ou sub-representados” (CASTELLS, 2013, p. 47, tradução nossa). Dois dos efeitos descritos foram a propagação de uma “cultura autista” construída a partir de estilos particulares de comunicação destas comunidades que encontraram na Internet um meio acomodante (ORTEGA, 2009; SILBERMAN, 2017; DAVIDSON, 2008), e o desenvolvimento destes movimentos sociais, centralizando de maneira inédita as discussões relativas ao autismo nos relatos dos próprios indivíduos autistas ao invés da retórica psiquiátrica (ORTEGA, 2009; SILBERMAN, 2017).

4. LINGUAGEM, TEA E RESISTÊNCIA

Após revisão bibliográfica e pesquisa dos termos “neurodiversidade” ou “neurodiversity”, “autismo” ou “autism”, comunicação ou “communication” e “Internet”, no Portal de Periódicos da Capes, fizeram parte da pesquisa 11 artigos científicos lançados nos últimos oito anos (2014-2022). Não foram encontrados artigos na língua portuguesa, apenas na língua inglesa.

Segundo algumas das pesquisas encontradas (KENNY *et al.*, 2016; FLETCHER-WATSON *et al.*, 2017; LEI, JONES, BROSNAN, 2021), há divergências na linguagem preferida por indivíduos autistas para qualificar a condição, e sua própria identidade. De acordo com Lei, Jones e Brosnan

(2021), o uso da linguagem *person-first* (pessoa-primeiro) ou *identity first* (identidade-primeiro) - pessoa com autismo, ou pessoa autista - mesmo que ainda seja um embate controverso, atravessando diversos meios desde o profissional ao familiar, sofreu diversas mudanças culturais.

Apesar de sempre existir uma diversidade de construções de significado e formas de expressão dentro de um grupo ou sociedade, este compartilhamento de significados comuns estrutura, negocia e define significados estáveis, como as cognições do que é “normal”, “aceitável” ou “bom”. É importante pensarmos, por conseguinte, nas diferenciações (HALL, 2016) e oposições assumidas quando classificamos algo, quase sempre implicando-o enquanto um “não-outra-coisa”.

Mesmo com pesquisas indicando a preferência por linguagem *person-first* principalmente em meios profissionais, enquanto indivíduos no espectro autista adultos indicaram preferência por *identity-first* (KENNY *et al.*, 2016; BURY *et al.*, 2020), foi notado que a prática de se referir à pessoa com deficiência a partir de seu nome ou humanidade se originou nos movimentos de direitos de pessoas com deficiência na década de 1970, a fim de ressaltar a condição não define o indivíduo, sendo apenas uma parte de sua construção identitária (LEI; JONES; BROSNAN, 2021).

No entanto, movimentos de direitos de pessoas autistas e o movimento da neurodiversidade trouxeram questionamentos sobre esta expressão não rejeitar a própria concepção de normalidade em si, propondo um deslocamento de uso da própria palavra “autismo”, ou “autista” (O'REILLY, LESTER, KIYIMBA, 2020; LEI; JONES; BROSNAN, 2021), enquanto características individuais, que contém dificuldades e capacidades que exigem suportes específicos, assim como qualidades e capacidades (ANGULO-JIMÉNEZ; DETHORNE, 2019), e isto se reflete no uso da língua: “Uma preferência por linguagem *identity-first* foi associada com ser autista ou reconhecimento do movimento da neurodiversidade” (LEI; JONES; BROSNAN, 2021, p. 3, tradução nossa).

Aqui retomamos Hall (2016) quando afirma que, dentro do circuito da cultura, as significações e representações de determinado tema, inseridas na

linguagem, estruturam pensamentos e ações sociais. Apesar da linguagem *person-first* evitar a diferenciação entre as pessoas no espectro autista e pessoas não-autistas a nível humano, ela admite o autismo em si enquanto algo dissociável, implicando que o estigma pode ser evitado ou minimizado a partir desta possibilidade de dissociação.

Butler (2016, p. 17, tradução nossa) afirma que a linguagem é essencial à construção identitária humana: “as ideias produzidas por um discurso [...] podem ser habitadas pelos gestos e ações do indivíduo, até mesmo sendo compreendidos enquanto essenciais a quem somos”. É por esta configuração que, segundo a autora, a questão da identificação e de formas de expressão social alternativas se inserem enquanto resistência: na ótica da neurodiversidade, o autismo enquanto indissociável é mesclado com o autismo enquanto vínculo identitário, em um processo de desconstrução de seu significado nascido no meio biomédico, como forma de resistência linguística.

Isto é visível no movimento da neurodiversidade através também da introdução de novos códigos de linguagem, compondo um novo vocabulário que reposiciona o indivíduo para além da deficiência enquanto diagnóstico médico, no entanto, abraçando a diversidade neurológica enquanto característica identitária”. Dyck e Russel (2020) comentam que “linguagem foi desenvolvida descrevendo pessoas enquanto ‘neurotípicas’ (NT, não estão no espectro autista) ou ‘neurodivergentes’, ou seja, pessoas como eles mesmos (não-NT)”. Estes termos foram amplamente adotados na pesquisa acadêmica neurocientífica, por influência de sua popularização em comunidades on-line.

Transpondo lógicas anteriores de diferenciação, estes termos revelam uma visão interna de “normalidade”, não mais naturalizada, mas consciente de suas próprias estruturas normativas, de suas exigências hegemônicas de perfeição funcional. O “típico”, opondo-se ao “normal”, não é essencialmente desejável ou ideal - por vezes, é apenas o comum, o prevalente.

Em concordância com pesquisas anteriores (DAVIDSON, 2008), resultados de análises e pesquisas também indicaram um nível elevado de compatibilidade entre indivíduos no espectro autista e a comunicação mediada por computadores ou CMC (PAULUS *et al.*, 2020). Segundo os autores

(PAULUS *et al.*, 2020; GILLESPIE-LYNCH *et al.*, 2014), há uma facilidade entre indivíduos autistas no uso de CMCs, em relação a outros tipos de comunicação, e isto pode se dar pela interação entre os sintomas e o meio on-line: este permite interações com maior controle e tempo, menos distrações sensoriais e não exige reconhecimento de expressões faciais, ou comunicação não-verbal da mesma forma que interações off-line (PAULUS *et al.*, 2020).

Enquanto alguns autores argumentam que o uso de CMC é menor em pessoas autistas, e que dificuldades de comunicação fora da Internet se traduzem nela (MAZUREK, WENSTRUP, 2013 *apud* PAULUS *et al.*, 2020), Gillespie-Lynch *et al.* (2014) denota resultados de maior uso de CMCs por pessoas autistas, que relataram ver vantagens específicas a ela, como o uso da linguagem escrita, e a possibilidade de comunicação centralizada em interesses e tópicos de conversa específicos. Utilizando-as de maneira diferente de pessoas não-autistas para socialização (fazer novas conexões *versus* manter conexões feitas off-line), os autores também argumentam que pode existir a própria possibilidade de inserção em uma cultura própria: “Acesso a uma cultura autista on-line pode prover pessoas autistas com o senso de que podem se expressar melhor on-line” (GILLESPIE-LYNCH *et al.*, 2014 p. 16, tradução nossa). Em outras palavras, o sentimento de perceber menos dificuldades pode ser também atribuído a adequações mútuas das comunidades autistas on-line em como interagem entre si.

Para Hall (2016; 2005), a cultura é um sistema de representações naturalizantes, ou seja, é imbricada de discursos que constroem e mantêm estruturas sociais, representadas enquanto essenciais e, por vezes, indiscutíveis. Porém, por mais que estas estruturas e delimitações se digam naturais, estão em constante embate, vivendo na cultura a possibilidade de sua própria transformação.

Isto suporta a apresentação da possibilidade não apenas de descentramentos culturais na significação de TEA que atingem meios cada vez mais abrangentes, mas até mesmo de uma “cultura autista” apresentada nas pesquisas e na revisão bibliográfica (GILLESPIE-LYNCH, 2014; HUGHES, 2015; O'REILLY, LESTER, KIYIMBA, 2020; DAVIDSON, 2008; ORTEGA,

2009), que se deu na Internet, graças à possibilidade de estreitar espaços físicos em um mutável e fragmentado ciberespaço que constrói espacialidades, criando nele mesmo pequenos meios culturais (FERRARA, 2007).

A utilização de indicadores de tom enquanto adequações em comunidades autistas para a comunicação, caíram em uso popular em outras comunidades e meios sociais, em plataformas como o *Twitter*. Pela dificuldade de reconhecer complexidades e detalhes na intenção por trás do texto, foram criados códigos para a indicação de tonalidade, utilizados no fim da frase: “/s para ‘sarcasmo’, /j para ‘piada’, /srs para ‘sério’ e assim por diante” (CHRISTIANI; MARDANI; FADHILA, 2022, p. 7-8, tradução nossa). Os autores, além de atribuir sua popularização à comunidade neurodivergente, comentam estes códigos motivaram uma disponibilidade à compreensão mútua dentro e fora destas comunidades, perpassando usuários autistas e não-autistas em redes sociais focadas em um interesse mútuo.

Reading (2018) discute como, além de como a comunicação é utilizada para qualificar pessoas no espectro autista, as éticas comunicativas, ou estruturas de normalização da comunicação a partir da cultura, marginalizam pessoas com modalidades neurodivergentes de comunicação. A normatividade comunicativa, ela mesma, é o ponto principal, e adequações como os indicadores de tom propõem novas maneiras de comunicação especialmente adequadas, e feitas por usuários autistas.

Emprestando o conceito de “neuroqueer”, de Nick Walker, que significa “criar artefatos que põem em primeiro plano a neurodiversidade incluindo mostrar e usar formas neurodivergentes de comunicação que desafiam ou apontam para reinterpretações da comunicação e cultura neurotípica” (READING, 2018, p. 113, tradução nossa), a autora centraliza a criação de formas próprias de comunicação on-line enquanto ações de resistência.

Citando artistas como Judy Endow, ativista, artista digital e autista não verbal que representa sua experiência e vivência visualmente, a ativistas no espectro do gênero feminino que resistem à forte presunção de masculinidade nas representações do TEA, aos vídeos de Amanda Baggs sobre sua linguagem própria, Reading (2018, p. 119, tradução nossa) argumenta que

suas expressões "queer normas comunicativas através da valorização e reconhecimento da divergência humana em percepções e cognições sensoriais".

Queer enquanto ato, portanto, é reconhecer-se divergente e, ao mesmo tempo, válido. É resistir e desafiar estruturas normativas, construindo significados próprios. Como exemplo, Amanda Baggs, em seu vídeo *In My Language*, apresenta uma comunicação que desvaloriza o contato visual olho-a-olho, demonstrando visualmente seu cotidiano enquanto convida o olhar do espectador a presenciar o mundo como ela o faz, e a como interage com o mundo a seu redor (READING, 2018).

Estas novas compreensões e significações do autismo se tornaram amplamente visíveis e discutidas na Internet em meios sociais fora de seu meio inicial, o que pode ser explicado pelo que Recuero (2017) chama de *clusters* e pontes. Sendo os primeiros redes sociais de conexões interligadas ou redundantes, nos quais se compartilham informações similares, resultando no que a autora chama de "homofilia" - a similaridade que permite este estreitamento de laços e identificação mútua que Hall (2016) conceitua de maneira mais ampla na cultura.

Os segundos são, portanto, interações entre grupos diferentes que passam a compartilhar informações e, segundo Hall (2016), a interação em si desloca, constrói e acrescenta significações. Sendo ter interesses intensos e específicos um sintoma comum em diversos indivíduos no espectro autista, sua prevalência em comunidades que se orientam a partir de uma temática foi demarcadamente mencionada enquanto um fator de compatibilidade deles com o ambiente on-line (FLETCHER-WATSON *et al.*, 2017; PAULUS *et al.*, 2020; GILLESPIE-LYNCH *et al.*, 2014), o que implica fortes tendências à criação de pontes com comunidades de não-autistas que compartilham seus interesses.

Esta troca de informações também pode facilitar, dentro destas possibilidades de criação de pontes, a propagação de formas de comunicação próprias destas comunidades autistas em outras redes sociais. Christianti, Mardani e Fadhila (2022) citam uma comunidade de jogadores de *Minecraft*

(2011) como um exemplo de meio que adotou os indicadores de tom, inclusive por pessoas que se identificavam enquanto neurotípicas.

5. CONSIDERAÇÕES

Diálogos entre o conceito médico de TEA e compreensões sociais da deficiência já vinham mudando o diagnóstico e a representação da condição no senso comum, graças a diversos movimentos sociais como o movimento da neurodiversidade. Isto nos leva a indagar sobre a importância representativa deste movimento criado e popularizado on-line, e como afeta práticas de comunicação em meios sociais diversos. Para cumprir o objetivo de analisar se, e como a criação e crescimento do movimento da neurodiversidade em *sites* e fóruns de redes sociais influenciou práticas de comunicação e uso da linguagem, empregamos a Pesquisa Bibliográfica para exercitar uma pesquisa exploratória, assim como para discutir o tema a partir dos conceitos de circuito da cultura e redes sociais.

Por fim, a construção de uma identidade e cultura autista por pessoas autistas foi o maior deslocamento representativo gerado pela criação destes movimentos on-line, o que permitiu tanto estas reapropriações de palavras existentes (autista), quanto a criação de novos termos e conceitos construídos por pessoas autista on-line (neurodivergente, neurotípico, etc.), quanto descentramentos, adequações e mesmo novas práticas de comunicação que permitem mediar modos comunicacionais neurodivergentes e neurotípicos, servindo como pontes para uma compreensão mútua, ou desafiando formas normativas de compreensão da linguagem e comunicação em si.

O arcabouço linguístico da neurodiversidade trouxe consigo novas significações do autismo que, ao se imbricar em diversos meios culturais através de pontes (RECUERO, 2017) em redes sociais on-line, foram propagadas por um número crescente de pessoas de diferentes vivências e, por conseguinte, se inseriram em um contexto cultural mais amplo enquanto novas formas de se pensar, estruturar e reagir ao autismo enquanto conceito, e a indivíduos com TEA.

REFERÊNCIAS

ANGULO-JIMÉNEZ, Henry; DETHORNE, Laura. Narratives about autism: An analysis of YouTube videos by individuals who self-identify as autistic. *American Journal of Speech-Language Pathology*, v. 28, n. 2, p. 569-590, 2019.

BURY, Simon *et al.* "It defines who I am" or "It's something I have": What language do [autistic] Australian adults [on the autism spectrum] prefer?. *Journal of autism and developmental disorders*, p. 1-11, 2020.

BUTLER, Judith. *Rethinking Vulnerability and Resistance*. In: Vulnerability in resistance. Durham: Duke University Press, 2016. p. 12-27.

CAMPBELL, Jonathan. Changing children's attitudes toward autism: *A process of persuasive communication*. Journal of Developmental and Physical Disabilities, v. 18, n. 3, p. 251-272, 2006.

CASTELA, Catarina Andrade. *Representações sociais e atitudes face ao autismo*. Faro, Portugal: Universidade do Algarve, 2013.

CASTELLS, Manuel. *Communication power*. Oxford: OUP Oxford, 2013.

CHRISTANTI, Maria Febiana; MARDANI, Puri Bestari; FADHILA, Khansa Ayu. Analysing The Meaning Of Tone Indicators By Neurodivergent Community in Twitter. *International Journal of Social Science Research and Review*, v. 5, n. 1, p. 5-15, 2022.

DAVIDSON, Joyce. *Autistic culture online*: virtual communication and cultural expression on the spectrum. *Social & cultural geography*, v. 9, n. 7, p. 791-806, 2008.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. *Deficiência, direitos humanos e justiça*. In: Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 6, p. 64-77, 2009.

DSM-V. *Manual estatístico de transtornos mentais*. American Psychiatric Association, 2013.

DYCK, Erika; RUSSELL, Ginny. Challenging psychiatric classification: Healthy autistic diversity and the neurodiversity movement. In: *Healthy minds in the twentieth century*. Palgrave Macmillan, Cham, 2020. p. 167-187.

EDYVEAN, Carrie. *Attitudes Toward Autism: Reducing Discrimination with Contact*. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado não-publicada, Ball State University, Indiana, Estados Unidos da América.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio, Org. *Espaços Comunicantes*, Anna Blume, 2007.

FLETCHER-WATSON, Sue et al. Attitudes of the autism community to early autism research. *Autism*, v. 21, n. 1, p. 61-74, 2017.

FRANCO, José Luiz de Andrade. *O conceito de biodiversidade e a história da biologia da conservação*: da preservação da wilderness à conservação da biodiversidade. *História* (São Paulo), v. 32, p. 21-48, 2013.

GILLESPIE-LYNCH, Kristen et al. Intersections between the autism spectrum and the internet: Perceived benefits and preferred functions of computer-mediated communication. *Intellectual and developmental Disabilities*, v. 52, n. 6, p. 456-469, 2014.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC, 2016.

HUGHES, Jessica. *Changing conversations around autism*: A critical, action implicative discourse analysis of US neurodiversity advocacy online. Tese de Doutorado. University of Colorado at Boulder, 2015.

JAARSMA, Pier; WELIN, Stellan. *Autism as a natural human variation*: Reflections on the claims of the neurodiversity movement. *Health care analysis*, v. 20, n. 1, p. 20-30, 2012.

KENNY, Lorcan et al. *Which terms should be used to describe autism?* Perspectives from the UK autism community. *Autism*, v. 20, n. 4, p. 442-462, 2016.

LEI, Jiedi; JONES, Lauren; BROSAN, Mark. Exploring an e-learning community's response to the language and terminology use in autism from two massive open online courses on autism education and technology use. *Autism*, v. 25, n. 5, p. 1349-1367, 2021.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica*. Edições Loyola, 1995.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais*. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014. Capítulo: Conceitos básicos (p. 19-54).

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *A inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista na sala de aula*. In: Revista on-line de Política e Gestão Educacional, v. 22, n. 2, p. 905-919, 2018.

MORAIS, Marina Magalhães de. *Net-Ativismo*. ICNOVA: Lisboa, 2018.

O'REILLY, Michelle; LESTER, Jessica Nina; KIYIMBA, Nikki. Autism in the twentieth century: An evolution of a controversial condition. In: *Healthy minds in the twentieth century*. Palgrave Macmillan, Cham, 2020. p. 137-165.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta. *Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação*. In: Revista Caderno Pedagógico, v. 12, n. 3, 2015.

ORTEGA, Francisco. *Deficiência, autismo e neurodiversidade*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, p. 67-77, 2009.

PAULUS, Frank et al. Gaming disorder and computer-mediated communication in children and adolescents with autism spectrum disorder. *Zeitschrift für Kinder-und Jugendpsychiatrie und Psychotherapie*, v. 48, n. 2, p. 113-122, 2020.

PEREIRA, Ana Maria Baila Albergaria. *Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista*. 2008. Tese de Doutorado.

READING, Anna. Neurodiversity and communication ethics: how images of autism trouble communication ethics in the global age. *Cultural Studies Review*, v. 24, n. 2, p. 113-129, 2018.

RECUERO, Raquel. *Introdução à análise de redes sociais online*. Ondina: EDUFBA, 2017.

RODRIGUES, Luciana Ribeiro; PIMENTA, Francisco José Paoliello. *Discussões sobre o conceito de ciberativismo e suas práticas atuais através de uma abordagem pragmática*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, v. 7, n. 9, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Michele Araújo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. *Representações sociais de professores sobre o autismo infantil*. In: Psicologia & Sociedade, v. 24, n. 2, p. 364-372, 2012.

SILBERMAN, Steve. *Neurotribes: The legacy of autism and how to think smarter about people who think differently*. Atlantic Books, 2017.

SINGER, Judy. *What is neurodiversity?*. 2019. Disponível em: <https://neurodiversity2.blogspot.com/p/what.html>. Acesso em: 11 nov. 2021.

VOLKMAR, Fred; WIESNER, Lisa. *Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento*. Artmed Editora, 2018.



TRADIÇÃO ORAL EM PLATAFORMAS DIGITAIS: CONTAR HISTÓRIAS NO YOUTUBE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

ORAL TRADITION ON DIGITAL PLATFORMS: THE CRAFT OF STORYTELLING ON YOUTUBE DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Ana Selma Barbosa Cunha¹
Paulo Jorge Martins Nunes²

Resumo

A presença é algo que define o contar histórias, a proximidade, o olho no olho, o respirar junto acompanhado o ritmo da narrativa são próprios do momento em que a performance oral acontece, mas em 2020 a interação narradora-ouvintes, foi tomada pela necessidade do isolamento social, imposto pela pandemia da COVID-19. Desta forma, a contadora de histórias viu seu ofício ser atravessado pela necessidade de recorrer às plataformas digitais da internet, por meio da postagem de vídeos, que narrassem histórias em suas redes sociais. Ressalte-se que neste artigo, o foco será as narrativas gravadas em vídeos postados no YouTube. As narrativas tradicionais em performance são o fio condutor deste estudo, visto que o ato de narrar é uma forma exemplar de comunicação, que se ressignifica ao longo do tempo e, mais ainda na contemporaneidade pela mediação das plataformas digitais. Objetiva-se compreender como se deu o ato de contar histórias na Internet no ano de 2020, durante o período de isolamento social da pandemia da COVID-19, através de uma aproximação de estudo de caso do canal “Ana Selma conta” no YouTube.

Palavras chaves: Narrativas Orais; Internet; Pandemia

Abstract

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 05 - Trans na literatura, comunicação e outras representações; –, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022. Doutoranda no PPGCLC/UNAMA, SEMEC, SEDUC.

² Professor Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-UNAMA)



Presence is something that defines storytelling, proximity, eye to eye, breathing together accompanied by the rhythm of the narrative are typical of the moment in which the oral performance takes place, but in 2020 the narrator-listeners interaction was taken by necessity of the social isolation imposed by the COVID-19 pandemic, so the storyteller saw her craft being crossed by the need to resort to digital internet platforms, through the posting of videos narrating stories on her social networks, it should be noted that in this article, the focus will be on the narratives recorded in videos posted on YouTube. As already mentioned, traditional narratives are the guiding thread of this study, as it understands that the act of narrating is an exemplary form of communication, which is resignified over time and, even more so in the contemporary world through the mediation of digital platforms, so this article aims to understand how the act of storytelling on the Internet took place in 2020, during the period of social isolation of the COVID-19 pandemic, through a case study approach, from the channel Ana Selma account on YouTube.

Keywords: Storytelling; Internet; Pandemic

1. O percurso

O fazer de contadora de histórias ao longo de vinte anos, em presença, nos mais diversos espaços da cidade Belém: praças, universidades, feiras, hospitais parques e que se expandiu para outros municípios do estado e fora dele compõe este estudo. Contar histórias, ofício marcado pela interação narrador/ouvinte, há muito, pressupõe presença (física).

Na última semana de dezembro de 2019, entretanto, uma notícia gerou mudanças de rota da prática de muitos narradores orais, como ocorreu a narradora supracitada e, que, conseguinte, gerou consequências nos estudos para o doutorado que se processavam.

2020 começa com o anúncio, nos mais diversos canais de comunicação, sobre um vírus altamente contagioso e letal. Em poucos dias, no Brasil, se confirma a primeira contaminação e, no início de março daquele ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a pandemia. De Covid-19.

O avanço da covid-19 foi acelerado, pois, em menos de um mês, saltamos da confirmação do primeiro contágio para os primeiros mil casos e daí, para uma curva crescente, algo sem precedentes em nosso país. Em 2022, registramos mais de 700 mil vidas perdidas e, ainda que tenhamos já a vacina,



o contágio em todo o mundo é uma realidade, conforme dados dos órgãos oficiais da saúde de vários países.

Antes de ser decretada a referida pandemia, Ana Selma estava com a agenda de espetáculos narrativos e oficinas formativas repleta até o segundo semestre de 2020, mas, em 18 de março, Belém entra em *lockdown*, isolamento social máximo, aulas, home office suspensos ... Ficar em casa era imperativo para manter-se vivo. Começaram os adiamentos de eventos agendados, que logo em seguida foram cancelados. O corpo e a voz que estavam se preparando para o encontro retraíram e silenciaram, assustados com a realidade que se impunha o que estava por vir.

Ressalto que, embora desde 2015 a contadora tivesse um canal no Youtube para postar vídeos de narrações, o narrar presencialmente sempre foi mais forte na realidade da “performer”; o gravar histórias para o canal era preterido, visto que contar histórias diante de uma câmera de celular parecia algo distante da vivência de performance, o contexto da pandemia, no entanto, provocou o repensar sobre a performance mediada pela tecnologia.

Como professora da rede municipal de Belém, desde janeiro de 2020, a contadora havia iniciado as aulas em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Honorato Filgueiras, localizada no bairro do Jurunas, Belém, Pará. Em 18 de março, a direção da escola convocou toda comunidade escolar para comunicar que o município de Belém seguiria o decreto estadual que instituía o isolamento social total (*lockdown*), as aulas estariam suspensas até que o decreto fosse revogado; a orientação era a de atualizar os contatos telefônicos, pois a comunicação escola/comunidade dar-se-ia via WattzApp.

As professoras e professores passaram a reunir, quase que diariamente, com a direção e coordenação pedagógica para traçar o plano emergencial de atendimento das turmas; foram ofertadas, no modo *on-line*, oficinas de como utilizar as plataformas digitais, para o trabalho pedagógico; professoras e professores que tinham mais afinidade com algumas ferramentas compartilharam seus saberes com os demais...



2. A voz como tecnologia

Pode-se constatar que os seres humanos, desde os mais primitivos, já apresentavam, em sua estrutura fisiológica, órgãos com funções diversas à da produção de sons, mas que juntos integram o que se convencionou chamar de aparelho fonador ou aparelho vocal.

Antes da fala, o corpo humano foi estruturado para a sobrevivência da espécie, sendo os pulmões um dos órgãos responsáveis por essa sobrevivência; estes, articulados com outros órgãos que possuem outras funções, em algum momento, possibilitaram a produção de sons para expressar as sensações primeiras, dos primeiros humanos e, posteriormente, a produção da voz. Zumthor (2010) afirma que a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que nela se transforma em presença.

A voz humana é o resultado de um processo de construção em que lhe são atribuídos aspectos pessoais e socioculturais. Na voz refletem-se as interações com as quais o indivíduo teve contato ao longo de sua vida. Nela também se expressam as marcas da individualidade, as quais são acompanhadas de uma série de elementos simbólicos de natureza social do indivíduo que, por meio da interação com os grupos, passa a ser expressa na oralidade de uma comunidade.

Quando a voz humana se entremeou aos sons da natureza e passou a dizer o que estava articulado no pensamento dos primeiros humanos para representar o mundo à sua volta, em conformidade com Bordenave (1997), ela fez surgir a linguagem como tecnologia de expressão criadora humana, que passa a nomear tudo o que existe.

3. A quebra do silêncio: a voz no app

Com o olhar voltado para a uma formação sensível, por meio das narrativas orais (tema apresentado na dissertação de mestrado O SENSÍVEL NA ESCOLA: oralidade e performance em Jaques Flores, da Academia do Peixe Frito, orientada pelo professor Dr. Paulo Nunes), o primeiro momento

houve a preocupação com as crianças em como poderiam estar se sentindo, devido a todo contexto pandêmico, refletindo sobre a prática cotidiana, na qual a oralidade era presença de todos os dias, através de leituras de livros de literatura infanto-juvenil, dos mais diversos gêneros, além da narração de histórias da tradição oral, agora, de modo virtual, fazia-se necessária.



Assim, enquanto não se fechava o plano de atendimento pedagógico, a contadora utilizou um grupo de WhatsApp com os responsáveis dos alunos e alunas, para enviar áudios com leituras para mantermos os laços de afetividade que as poéticas da oralidade haviam criado, de forma presencial, abaixo alguns dos livros os quais a leitura foi gravada em áudio e enviada ao grupo da turma.

A voz da professora/contadora de histórias, quebrou o silêncio imposto pelo medo que se instaurou naquele momento e, as alunas e alunos também se expressavam e enviam alguns áudios, falando sobre as leituras.

4. O ato de narrar “em presença”

Voltemos a refletir sobre o ato de contar histórias. A performance é um ato expressivo que se dá num momento único, haja vista que, ao finalizar uma narrativa, mesmo que o performer a repita logo em seguida, não será igual à primeira, tendo em vista que o processo modifica-se e o circuito de afetos intercambiados entre os sujeitos envolvidos amplia-se ao âmbito das significações. Segundo Frederico Fernandes, a performance não se repete porque durante uma performance:

Os sentidos encontram-se, além daqueles gerados pelas partes, suas variáveis e pelo significado. Há um extrato significativo nas narrativas em que são entrevistados, num primeiro momento, a recorrência das histórias na performance, os embates discursivos, o gesto, a voz, o espaço e tempo em que são atualizados os arquétipos [...] Cada performance desperta uma situação inovadora, à medida que o narrador atualiza suas histórias, seja por encadear uma mesma narrativa numa forma poética diferente, seja pelo contexto em que é atualizada (FERNANDES, 2007, p. 309-310).

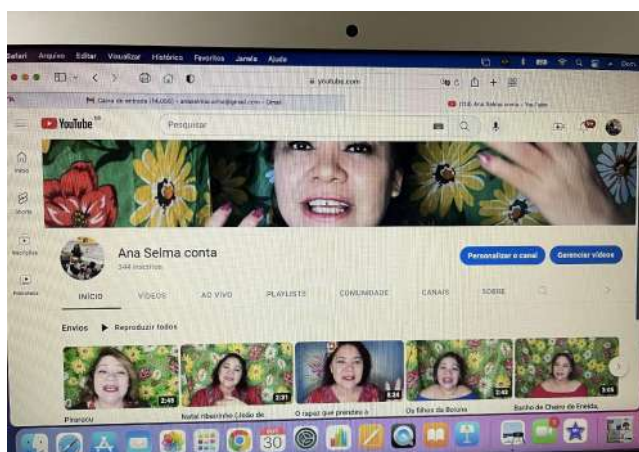
A performance não se repete porque abre possibilidade para exercitar e alternar emoções, pois mobiliza sentimentos diversos, mas tais sentimentos emergirão apenas a partir das experiências do narrador e do ouvinte no momento em que o processo de comunicação ocorre.

5. A voz e o corpo no vídeo em performance

Como citamos acima, a performance é única, mobilizadora de emoções, através da troca de olhares, reações e respostas da plateia com o narrador e, naquele momento, em presença, não sendo possível o encontro entre narradora e ouvintes, a professora/contadora de histórias toma a decisão de gravar com a câmera do celular mesmo, vídeos narrando histórias para enviar às alunas e alunos.

Para montar o repertório a ser narrado, a contadora de história faz um “mergulho” em sua memória, opta por gravar as narrativas que mais gostava de contar e as que o público demonstrava gostar mais em momentos anteriores. O equipamento utilizado para as gravações foi um celular, uma luminária e um pedestal improvisado, como cenário, panos coloridos e um mitão florido, bem característicos dos trajes dos dançarinos de carimbó, passou a ser a “marca registrada” da contadora.

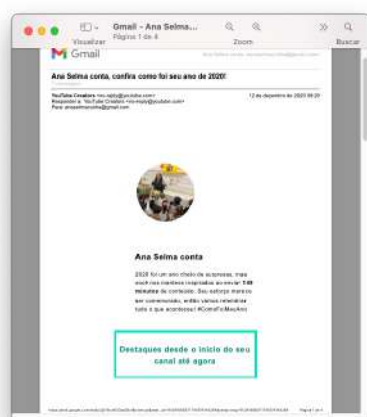
Muitas vezes, as gravações foram feitas de madrugada, quando a insônia entrava em ação, nessas horas, contar histórias, fazia o sono voltar, no avançado da noite, ou pela manhã bem cedo, para garantir uma boa qualidade de som, livre de ruídos,



Os vídeos gravados foram baixados para o canal “Ana Selma Cunha” que, foi renomeado para “Ana Selma conta”, para, além de compartilhar no grupo dos pais dos alunos e alunas da escola, também compartilhar em outros grupos, sendo repostados em outras plataformas como Facebook e Instagram.

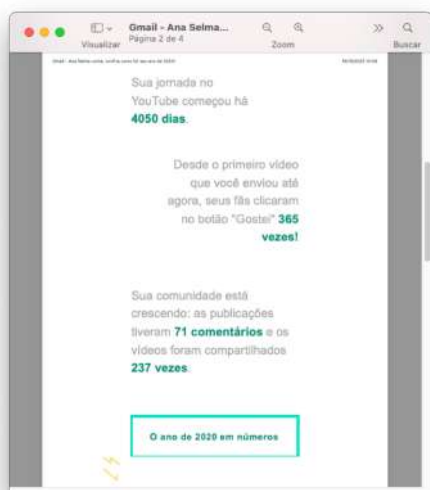


As postagens dos vídeos no canal, geraram um crescimento acentuado no número de inscritos em abril de 2020. Veja o resumo enviado pelo Youtube em abril de 2020, após as primeiras postagens de vídeos e o balanço final sobre +-o canal no ano de 2020:



Abril de 2020

Balanco do ano 2020-1



Balanco do ano 2020-2

Balanco do ano 2020-3

O canal teve um salto no número de inscritos; antes de abril, ele tinha pouco mais de vinte inscritos, a partir daquele mês, como pode se constatar na imagem 1, teve um acréscimo de 46 inscrições, e em novembro de 2020, o canal havia ganho 220 novos inscritos, conforme o relatório final enviado pelo Youtube Creators, figura 3.

Em paralelo à decisão de gravar histórias para enviar aos alunos, ainda em março daquele ano, surge um convite pelas redes sociais da Rede Brasil de Contadores de Histórias de Todos os Cantos, para participar das comemorações do dia internacional do contador de histórias, que é 20 de março, por meio do envio um vídeo gravado por celular para fazer parte de uma programação de vinte e quatro horas de histórias que seria veiculado pelo Youtube da rede.

Ingressar na Rede virtual de contadores de histórias proporcionou conhecer muitos outros contadores de histórias dos quatro cantos do país e as trocas foram riquíssimas, passamos a compartilhar experiências, por meios de oficinas e palestras (lives), via Instagram, Facebook e Youtube. Um sentimento se fortaleceu: o de pertencimento à Amazônia e a necessidade de apresentar as narrativas amazônicas gravadas, foram agrupadas em uma “playlist” que foi bem visitada em 2020 e ainda o é nos dias atuais.

6- Narrativas no ciberespaço

Como se tem conhecimento, o ciberespaço é um espaço de comunicação mediado por computadores, tablets, celulares ligados em rede, segundo Martino, 2014:

É um espaço que existe entre os computadores, quando há uma conexão entre eles que permite aos usuários trocarem dados. É criado a partir de vínculos, e não se confunde com a estrutura física - os cabos, as máquinas, os dispositivos sem fio - que permite essa conexão. Uma das características do ciberespaço é sua arquitetura aberta, isto é, a capacidade de crescer indefinidamente. É fluido, em constante movimento - dados são acrescentados e desaparecem, conexões são criadas e desfeitas em um fluxo constante. (MARTINO, 2014, p. 29).



Martino argumenta que o ciberespaço é o meio de comunicação que emerge da conexão dos computadores, mas que este não se restringe à estrutura material da comunicação digital, a conexão precisa ser alimentada por dados, os quais dependem da intervenção humana, para sua permanência, ou não, na rede. Ressalta ainda que:

O mundo virtual do ciberespaço, portanto, não se opõe ao que seria um mundo “real”, das coisas desconectadas. Ao contrário, a noção de cibercultura leva em consideração que essas duas dimensões se articulam. A expressão “mundo virtual” pode se opor a “mundo físico”, mas não a “mundo real”. O mundo virtual existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que ele não seja real. (MARTINO, 2014, p. 30).

Como no “mundo real”, a professora/contadora de histórias, acreditou que, no “mundo virtual”, poderia seguir alimentando seus alunos e alunas com as poéticas da oralidade e, mais ainda, acreditou que poderia contribuir para a disseminação de narrativas de tradição oral, principalmente amazônica, nas redes sociais, passou a fornecer conteúdo direcionado a pessoas que estivessem buscando, naquele momento, algo diferenciado, quer seja para seus filhos e filhas ou para si mesmo, afinal ouvir histórias agrada à todas as idades, é uma experiência que compõe o poético, que:

[...] diferente de outros discursos) tem de profundo, a fundamental necessidade, para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos, da presença ativa de um corpo: de um sujeito em sua plenitude psicofisiológica particular, sua maneira própria de existir no espaço e no tempo e que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não, depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. (ZUMTHOR, 2000).

No momento de pandemia, as pessoas procuravam no discurso poético, das mais variadas expressões artísticas que se apresentaram nas telas, um “respiro”, um alento, para suas tensões. Naquele momento em que passaram a gerar conteúdos, contadoras e cantadores de histórias, no Brasil e mundo à fora, passaram a fazer parte de uma mudança, segundo Jenkins; Green (2014), no que diz respeito à:

Distribuição para circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais

visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica. (JEN- KINS; GREEN; FORD, 2014, p. 24)

Tal mudança citada, reflete de fato o comportamento dos criadores de conteúdo e no público que busca por perfis específicos, com conteúdos específicos que atendam suas concepções de vida e seu modos de pensar, expondo uma mentalidade esclarecida com definições a cerca do que quer ou não consumir e passar ou não a diante.

7- (In)Conclusões

A (in)conclusão deste estudo se dá a partir do interesse em compreender o fazer de professora/contadora de histórias que, durante a pandemia da Covid-19 passa a ser também criadora de conteúdo digital, caminho trilhado e renovado a cada dia.

O ciberespaço é, assim como a sociedade em que vivemos, um espaço a ser ocupado, um espaço de disputas de concepções, de visões de mundo, sabemos que há uma grande parcela da população mundial que não tem acesso ao ciberespaço, que luta pela garantia de direitos humanos básicos para sua sobrevivência.

Na sociedade em que vivemos, contar histórias pode ser considerado um ato de resistência, é a luta pelo direito à oralidade estetizada, aos conhecimentos tradicionais, à cultura oral dos povos. Assim também no ciberespaço, narrar é resistência e busca por humanidade e poesia no mundo virtual.

Contar histórias durante a pandemia, momento de incertezas e isolamento para o mundo, trouxe o desafio para a contadora de histórias de olhar para sua prática, eminentemente presencial até então, e buscar seus elementos poéticos vitais que pudessem ser compartilhados e alcançassem espectadores por meio da plataforma *on-line* Youtube, o que gerou um

conteúdo que, está além da conexão digital, reverberando nas pessoas que acessaram o canal encantamento, alegria, além da possibilidade de conhecer um pouco da cultura amazônica, por meio das narrativas orais em performance possibilitada pelas novas tecnologias.

8- Referências bibliográficas

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. A voz e o sentido: poesia oral em sincronia. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. Cultura da conexão. ALEPH, 2014.

MARTINO, L. M. S. Teoria das Mídias Digitais. Petrópolis: Vozes, 2014. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.



FESTIVIDADE DO SILÊNCIO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS FOLIÕES DE SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA, NA AMAZÔNIA PARAENSE, DURANTE A PANDEMIA¹

FESTIVITY OF SILENCE: ANALYSIS OF THE NARRATIVES OF SÃO BENEDITO FOLIONERS FROM BRAGANÇA, AMAZON CITY, IN THE PANDEMIC

FIESTA DEL SILENCIO: ANÁLISIS DE LAS NARRATIVAS DE LOS MIEMBROS DE LA FIESTA DE SAN BENEDICTO, EN BRAGANÇA, REGIÓN AMAZÓNICA, DURANTE LA PANDEMIA

Adison Cesar Sousa dos Santos²
Vânia Maria Torres Costa³

Resumo

Este artigo tem como foco as narrativas dos integrantes das comitivas de esmolação de São Benedito de Bragança, nordeste paraense, durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19. Caracterizada como um ritual de devoção popular ao santo preto na Amazônia, esses grupos se configuram por meio de uma prática conhecida como esmolação do santo, realizada por meio de três cortejos, levando a imagem do São Benedito para os mais distantes lugares da região. Os depoimentos dos foliões, como são chamados os integrantes dessas comitivas, serão analisados a partir da Análise Crítica da Narrativa, de Luiz Gonzaga Motta. A pesquisa mostra que, além dos sentimentos de tristeza e frustração em relação ao momento atípico, a pandemia também intensificou a condição de vulnerabilidade social vivida por esses grupos.

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Culturas Populares em Transversalidade: Tensões, Apropriações e Reexistências em Narrativas Contemporânea do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Jornalista, mestre em Ciências da Comunicação (UFPA), doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: adison.santos@ilc.ufpa.br

3 Doutora em Comunicação (UFF). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), da Faculdade de Comunicação (FACOM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: vaniatorres@ufpa.br

Palavras-chave: Comitivas de esmolação, São Benedito, narrativa, pandemia.

Abstract

The objective of this objective to analyze is the narratives of the producers of the devotion groups of São Benedito, in the city of Bragança, state of Pará, during the first year of the Covid-19 pandemic. Characterized as a manifestation of resistance of popular culture from Amazonia. These groups are configured through a known practice with alms of holy, performed by three processions, taking the image of São Benedito to the most distant places in the region. The testimonies of the revelers, as the members of these entourages are called, will be analyzed from the Critical Analysis of Narrative, by Luiz Gonzaga Motta. The research shows that, in addition to feelings of sadness and frustration regarding the atypical moment, the pandemic also intensified the condition of social vulnerability experienced by these groups.

Keywords: Devotion groups, São Benedito, narrative, pandemic.

INTRODUÇÃO

Marcada por dias festivos, multidão de devotos, reencontros, rezas, danças e alegria, a festividade de São Benedito de Bragança, nordeste paraense, ocorrida tradicionalmente entre os dias 18 a 26 de dezembro foi substituída pelo silêncio em 2020. Nos dias 25 e 26, o ápice da festividade, as sonoridades da mazurca e do retumbão, ritmos característicos da manifestação, foram caladas. As danças de marujos em forma de agradecimento ao santo e as aglomerações de turistas e devotos ao redor do barracão da Marujada foram trocadas pelo vazio do isolamento social gerado pela pandemia de Covid-19.

O Museu da Marujada, palco das apresentações de danças, manteve-se de portas fechadas. A imagem do local em nada lembrava as festas do passado. Não houve música, não tiveram danças, nem o tradicional leilão ao lado da igreja. Não houve aglomeração de marujos e marujas caminhando com seus trajes oficiais e nem ambulantes vendendo recordações da festa. É como se a alegria habitual da festividade estivesse suspensa, distante do seu local de origem.

É a partir do cenário descrito acima que este artigo analisa as narrativas dos integrantes das comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança, um dos principais elementos de construção da devoção ao santo preto

no município, durante o primeiro ano de pandemia. As comitivas se caracterizam por três grupos formados por devotos de São Benedito, a maioria⁴ do gênero masculino, que saem anualmente entre final de abril e início de maio da cidade de Bragança, distante 210 km de Belém, para percorrerem a região bragantina levando as imagens peregrinas do santo (Figura 1) de casa em casa, angariando donativos para a festividade oficial, em dezembro⁵.

Figura 1 – Imagens peregrinas de São Benedito conduzidas pelos foliões.



Fonte: Acervo pessoal. Adison Santos, 2020.

Denominadas de comitivas de “São Benedito da Colônia”, “São Benedito dos Campos” e “São Benedito da Praia”, cada grupo é responsável por percorrer a sua área geográfica específica. Vale destacar que o fato dessas comitivas saírem da cidade nos meses descritos acima obedece a um significado. “É a partir de maio que as águas começam a baixar, bem como o índice de chuvas diminuir na região, facilitando assim a visita dos foliões⁶ e do Santo às casas dos ‘irmãos’” (SILVA, 1997, p. 5). Desse modo, toda a peregrinação das esmolações costuma ser realizada no período conhecido popularmente como verão amazônico.

⁴ Utilizo as expressões “majoritariamente” ou “a maioria” porque, apesar das 3 comitivas que saem da Igreja de São Benedito para os 8 meses de esmolação serem compostas apenas pelo gênero masculino, existe relatos de mulheres que se juntam às comitivas para peregrinarem como folionas em algumas casas de comunidades do interior de Bragança. Essa dinâmica é descrita em mais detalhes no tópico 3.3 do capítulo 3.

⁵ O ápice da Festividade ocorre entre os dias 18 a 26 de dezembro, sendo este último o ponto culminante da festa, dia em que é realizada a procissão de São Benedito pelas ruas da cidade.

⁶ Nome como são chamados os integrantes das comitivas de esmolação.

Cada comitiva é formada por 10 a 12 integrantes que se identificam como devotos de São Benedito. Liderados por um encarregado, pessoa indicada pela Irmandade da Marujada e pela Diocese da Igreja Católica para coordenar cada grupo, essas comissões percorrem durante oito meses os lugares mais remotos da região bragantina, incluindo parte da região litorânea dos estados do Pará e Maranhão. São localidades onde muitas vezes nem a Igreja está presente, como as pequenas ilhas e vilas de pescadores.

Durante o período de peregrinação, as comitivas visitam diariamente as casas de devotos do santo, levando as imagens de São Benedito para dentro de cada lar. Ainda com relação ao espaço da esmolação na cotidianidade dos bragantinos é válido citar aqui o minucioso relato feito por Silva (1997, p. 5) ao descrever o serviço de esmolação:

O serviço de esmolação, que se caracteriza pelo deslocamento, se inicia diariamente às cinco horas da manhã, com o cantar da folia de alvorada, inaugurando o trabalho cotidiano da Comissão e do grupo doméstico. A saída de cada Comissão das residências que a alojou se dá de forma variada: pode ocorrer de manhã bem cedo ou de tarde. Durante estes períodos, suas tarefas são de “esmolar com o santo”, isto é, recolher de casa-em-casa os donativos e as esmolos ofertados pelos devotos e promesseiros, até chegar àquela que aceitou ficar com o Santo para promover a pernoita d’Ele. Aqui a comissão permanecerá para, no dia seguinte, retomar a sua jornada. (SILVA, 1997, p.26)

O simbolismo presente na esmolação é marcado por vários rituais. De acordo com Silva (1997), o momento da reza é o mais importante de todos, pois corresponde ao agradecimento do devoto. Dentre outros cerimoniais estão a sonoridade de tambores, pandeiros e reco-recos e a prática de cantar uma folia, isto é, uma quadra de versos com temas bíblicos, entoados na casa dos devotos em troca de um donativo que pode assumir a forma de dinheiro ou de um gênero alimentício⁷.

É importante demarcar que esta pesquisa se utiliza do conceito de ritual proposto pelo antropólogo Victor Turner. Nas obras *O Processo Ritual* (1974) e *Floresta de Símbolos* (2005), o autor define ritual como uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogênese ou a aspectos diretamente ligados ao cotidiano

⁷ De acordo com Silva (1997) é muito comum alguns devotos doarem aos membros das comitivas sacas de farinha d’água ou outras monoculturas produzidas em suas terras como feijão, macaxeira, milho.

da sociedade. Para Turner (1974), este aspecto é muito importante para a definição de ritual, pois sem a representação simbólica – através de movimentos, bandeiras e outros objetos – não é possível o estabelecimento de uma atmosfera ritual, ou seja, de um ambiente diferenciado da realidade cotidiana, onde o ritual se desenvolve.

Para se referir a esse momento diferenciado da realidade, o antropólogo se apropria de um termo inicialmente utilizado por Van Gennep (2011) e afirma que o ritual se realiza em um momento que é liminar. Segundo Turner (1974, p. 117),

os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas se ou escapam furtam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial.

Nesse sentido, o processo ritual é realizado de modo que nem o tempo, o espaço e nem os indivíduos nele envolvidos são os mesmos da vida cotidiana. Pessoas, tempo e espaço estão sob influência de uma atmosfera simbólica que os ressignifica e transforma seus atributos e status. Este é o momento liminar do ritual, que segundo atribuições de Van Gennep (2011) adotadas por Turner (1974), é precedido por um momento de ruptura – quando o indivíduo é separado de sua vida cotidiana – e posterior a este momento liminar (agregação) – quando o indivíduo se reintegra à sociedade.

Neste artigo, gerado a partir das pesquisas de Santos (2022) e Santos e Torres (2020), sobre as memórias e narrativas das comitivas de esmolação, temos como objetivo compreender como a pandemia afetou os foliões de São Benedito, em Bragança, no Pará, em relação ao presente e ao futuro dos rituais de devoção ao santo preto. Desse modo, estaremos observando as estratégias narrativas desses sujeitos, a partir das produções de sentido transmitidas na tessitura narrativa.

Para alcançar nossos objetivos, utilizamos a metodologia de Luiz Gonzaga Motta (2013), que propõe três instâncias de análise narrativas: plano da expressão (discurso); plano da estória (conteúdo) e plano da metanarrativa

(tema de fundo). De acordo com o autor, o plano da expressão é o que evidencia a intencionalidade do narrador e suas estratégias de linguagem para produzir determinados efeitos de sentido (comoção, medo, riso, etc.). O plano da estória é onde se concentra o conteúdo da narrativa, baseado na representação dos significados imaginados da trama. E o plano da metanarrativa é o que destaca situações éticas fundamentais constituídas pelo narrador no momento em que ele se dispõe a narrar.

O local da devoção

Fundado no século XVII, o município de Bragança, localizado a 210 quilômetros de Belém, é um dos mais antigos do Pará. Segundo Nonato da Silva (2006), os franceses foram os primeiros brancos a conhecerem a região habitada no ano de 1613 por indígenas da etnia Tupinambás. Mas somente anos mais tarde, com a criação do primeiro núcleo populacional organizado por portugueses que a cidade passou a se desenvolver economicamente nos moldes europeus, sendo elevada à categoria de vila em 1763.

Situada às margens do rio Caeté e próxima ao litoral, em uma zona de transição onde o rio encontra o mar, chamada de Amazônia Atlântica, a cidade possui uma rica geografia que lhe permite alicerçar sua economia na exportação de pescado e na agricultura ao mesmo tempo. Com uma área de 2.124,734 Km² e uma população estimada em aproximadamente 130 mil habitantes⁸, a cidade abriga uma série de manifestações culturais muito peculiar, adquirido pela miscigenação de etnias diversas: populações originárias, brancos europeus e negros africanos.

A localização estratégica entre os estados do Pará e Maranhão facilitou durante muitos anos a entrada de vários migrantes na cidade, principalmente nordestinos vindos dos estados do Ceará e Maranhão. Este fato foi determinante para a formação da identidade “Caeteuara”, expressão derivada da palavra Caeté, rio que banha o município e que na língua Tupi significa “mato bom”.

⁸ Estimativa populacional fornecida pelo IBGE em 2021. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/braganca.html> Acesso em: 09 Jan. 2022

Nesse sentido, Rosário (2000, p. 31) é bastante pertinente ao descrever a formação da sociedade Caeteuara:

A sociedade Caeteuara – “Sociedade da Farinha”, em oposição à “Sociedade do Látex” referente à Amazônia da borracha – formou-se paralela, porém atrelada ao processo de formação da sociedade amazônica durante, sobretudo, a conquista e a dominação política e cultural, tendo, todavia, o processo bragantino percorrido marginal à generalização do extrativismo de toda a Amazônia, visto que a Sociedade Caeteuara escapa a essa modalidade produtiva, pois emergiu em função de sua produção agrícola, especializando-se no fornecimento de gêneros alimentícios num primeiro plano como farinha e feijão e num segundo plano fumo e pesca.

Segundo o antropólogo Dedival Brandão da Silva (1997), a devoção a São Benedito em Bragança tem sua provável origem no final do século XVIII, auge do período escravocrata. A relação de proximidade com o santo inicia oficialmente com o Primeiro Compromisso ou Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB). O documento, assinado no dia 3 de setembro de 1798, estabelece no seu primeiro artigo que “A Irmandade do Glorioso São Benedito desta cidade será composta de pardos e pretos de ambos os sexos”.

O historiador Ubiratan Rosário (2000) explica que o culto ao santo preto chegou às margens e cercanias do rio Caeté, principal rio da região bragantina, através dos colonizadores leigos europeus e não do Clero, como acontecia no caso de outros santos católicos. Esse diferencial, segundo Rosário (2000), é determinante para a criação da Irmandade de São Benedito em Bragança. Outro fator decisivo é a identificação imediata dos negros escravizados com a cor e a história do santo preto.

“No Brasil, São Benedito obteve imediata devoção, uma vez identificado com os negros escravos necessitados de socorro e consolação. Santo de pais africanos, tinha na Itália, fama de taumaturgo, fama que se espalhou pelo Brasil, atingindo as senzalas” (ROSÁRIO, 2000, p. 207). É nesse cenário de santo milagroso e padroeiro dos pretos, pobres e oprimidos que os negros escravizados da então Vila de Bragança⁹ abraçam essa devoção.

⁹ O município de Bragança só foi elevado à categoria de cidade no ano de 1854, através de resolução sancionada pelo então Presidente da Província, o Conselheiro Sebastião do Rego Barros.

Conforme reitera Rosário (2000), o santo agigantou-se, sendo visto como um irmão negro. Por isso, os cativos sentiram a necessidade de irmanarem-se nessa identificação humana e divina do santo. Alencar (2014) destaca que a representação de São Benedito durante o período escravocrata surge notadamente para o apaziguamento dos negros, numa relação de identificação através das origens do santo, filho de escravos, aflorando um sentimento de pertencimento étnico-cultural.

Dessa forma, a representação simbólica da imagem do santo preto na Irmandade do Glorioso São Benedito, em Bragança, “possui uma força que vai além da religião católica, nuances da cultura afrodescendente também são observáveis e agregam sentidos a devoção ao santo” (ALENCAR, 2014, p. 31). Neste quesito, é válido citar aqui o conceito de representação simbólica descrito por Stuart Hall (2016, p. 31). Segundo o autor, “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso de linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”.

Alencar (2014) reforça que a senzala era o único lugar em que se podiam reproduzir os cultos africanos, seus terreiros e rituais com danças e sonoridades particulares. Portanto, a estratégia dos negros escravizados na época, de tomarem para si um culto mais abrangente, em um espaço em que pudessem sair de suas restrições, só poderia ocorrer diante da religião dos dominadores, ou seja, o Catolicismo. Desta forma, “os negros pós-diáspora¹⁰ ressignificavam os ícones da ortodoxia católica, se apropriando em parte de uma concessão de liberdade para reproduzirem significamente os sentidos dos cultos que prestavam nas suas origens africanas” (ALENCAR, 2014, p.31).

Nesse cenário, a figura de um santo negro surge como um elemento unificador, integrando o ritual católico aos ritos originários pré-diáspora. Para Alencar (2014), a imagem do santo passa a assumir “uma conotação de

¹⁰ A palavra diáspora é de origem grega e significa dispersão. Aplicada inicialmente com o movimento espontâneo de judeus pelo mundo, atualmente aplica-se também à desagregação, tráfico de escravos que espalhou negros africanos por todos os continentes. De acordo com Nei Lopes (2004, p. 236): “O termo ‘Diáspora’ serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram”.

proximidade com o sagrado e o que, talvez, fosse mais respeitável para uma atmosfera religiosa em que não se consentia a espiritualidade de ascendência africana” (ALENCAR, 2014, p. 31). Por outro lado, os senhores utilizavam a organização da irmandade como uma estratégia política, pois, temiam as ameaças crescentes das revoltas de escravos e as fugas para os quilombos.

Os foliões e a interrupção da festividade

Este artigo destaca o depoimento de três foliões de São Benedito (Quadro 1) a respeito do cancelamento da festividade do santo em 2020, primeiro ano na pandemia. Os foliões entrevistados foram Antonio Ribeiro, 41, encarregado da Comitiva dos Campos; Valdeci Silva dos Santos, 55, encarregado da Comitiva da Colônia; e José Moraes de Brito, o Zezinho, 47, encarregado da Comitiva da Praia. A entrevista foi realizada em 2020 durante a pesquisa de dissertação de mestrado “Foliões Mensageiros: memórias e narrativas das comitivas de esmolação de São Benedito, em Bragança/PA” de Santos (2022).

Quadro 1 – Relação de entrevistados na pesquisa de campo em Bragança/Pa.

NOME	OCUPAÇÃO	TEMPO DE DEVOÇÃO	CLASSIFICAÇÃO SOCIAL NA PESQUISA
Antonio Ribeiro	Folião	41anos	Encarregado da comitiva dos Campos
Valdeci Silva dos Santos	Folião	55 anos	Encarregado da comitiva da Colônia
José Moraes de Brito, “Zezinho”	Folião	47 anos	Encarregado da comitiva da Praia

Fonte: Entrevistas/Pesquisa de campo/2021.

O questionário direcionado aos sujeitos investigados se centrou em dois tópicos. O primeiro relacionado à devoção do folião com o santo e o afeto dele com a festividade. As perguntas foram: “Conte um pouco sobre a sua história. Qual o seu nome, onde nasceu, onde cresceu e desde quando a devoção por

São Benedito é presente na sua vida”? O segundo tópico se propôs a entender como a pandemia afetou a devoção com o São Benedito na região. Os questionamentos foram: “Como a pandemia afetou o trabalho realizado pelas comitivas e a dinâmica da devoção ao santo preto?”

A pesquisa mostrou que o cancelamento do ritual de esmolação em 2020, devido às restrições impostas pela pandemia, gerou um sentimento de angústia coletiva entre os foliões, sobretudo em relação ao futuro das comitivas. O sentimento de tristeza em não sair nas caminhadas de peregrinação e a aflição em não saber quando o ritual voltará às ruas foram alguma das situações citadas por eles. “Não ter a caminhada foi muito triste não apenas para os integrantes das comitivas, mas para os devotos também. A gente ficou sem saber o que fazer, ficou com medo, angustiado. Eu nunca na vida imaginei que a esmolação ficaria suspensa, sem ter ideia de quando a gente voltará para as caminhadas”, relata Antonio Ribeiro.

“Quando uma festividade termina a gente já fica planejando a caminhada com o santo para a próxima festividade. Sempre foi assim ou pelo menos, era assim”, explica o encarregado da Comitiva da Colônia, Valdeci Silva dos Santos. “Geralmente passamos só 4 meses em casa, mas na expectativa de a partir de abril sairemos com o São Benedito para as esmolações e só retornaremos no final do ano. Mas em 2020 não foi isso que aconteceu”, conta Valdeci. Ele afirma que a notícia sobre a interrupção das esmolações o deixou muito abatido. Pois, foi a primeira vez, em 30 anos como folião, que não saiu de casa para peregrinar com o santo. “Eu senti uma tristeza tão grande em saber que não estaria caminhando com meu santinho”, relembra.

“Eu reagi com tristeza. Pois eu pensava que isso não chegaria pra nossa terrinha de Bragança. Pra quem estava acostumado a sair todos os anos na comitiva foi um baque grande”, afirma José Moraes de Brito, conhecido como Zezinho. O encarregado do Santo da Praia lembra que antes da pandemia se alastrar pelo país, entre final de fevereiro e início de março¹¹, todos os três

¹¹ Segundo o portal de notícias G1, o primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020 na cidade de São Paulo (SP). Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 10 Dez. 2021.

encarregados ainda participaram de uma reunião com os padres da igreja de São Benedito e Irmandade da Marujada, em fevereiro, para começar a definir o cronograma da caminhada de 2020. Mas semanas depois os planos precisaram mudar em razão das medidas sanitárias.

Além da melancolia, a paralisação das atividades também representou a ausência de recursos financeiros para os foliões. Como nenhum deles possui emprego ou renda fixa, a falta de dinheiro provocada pela interrupção das esmolações, que significava uma fonte de renda garantida durante 8 meses no ano, acabou intensificando a pobreza e a vulnerabilidade social entre a maioria dos integrantes das comitativas, conforme explica o folião José Moraes de Brito:

A verdade é que durante esse tempo ficamos desamparados tanto pela Igreja como pelo poder público, que fala tanto em preservar a cultura de Bragança, mas numa hora dessas não faz nada. Ninguém nos procurou, nem Igreja, nem Secretaria de Cultura do município, ninguém. Não tivemos auxílio, nenhuma ajuda dessas autoridades, nada. Eu reconheço que a minha situação era até bem melhor que muito dos meus colegas de comitiva, pois, mesmo não possuindo uma renda fixa, eu tenho casa própria, não pago aluguel e a minha esposa é funcionária pública. É ela que tem me dado esse suporte nesse momento de crise. Mas essa não é a realidade da maioria, infelizmente. Muitos dos meus colegas moram em casa alugada e não têm nenhuma outra fonte de renda. O dinheiro que sustentava eles, vinha das comitativas. Mas sem as esmolações como, eles vão receber? Isso é muito triste. Cheguei a ver gente em situação de miséria, passando necessidade mesmo. Eu tive que tirar do meu bolso, com a ajuda de amigos para ajudar. Isso não deveria acontecer, pois essas pessoas são trabalhadores, fomentam a cultura popular no município e ajudam a manter uma tradição de mais de duzentos anos [...] e por isso deveriam ser mais valorizadas. (José Moraes de Brito, agosto/2021. Informação verbal)

O desabafo do folião descreve a situação de vulnerabilidade vivida pelos integrantes das comitativas e ao mesmo tempo cobra posicionamentos de instituições que deviam fornecer amparo social a esses homens que, como afirma Zezinho, “fomentam a cultura popular no município”. A reivindicação levantada pelo encarregado da Comitativa da Praia é compartilhada pelos foliões Valdeci Santos e Antonio Ribeiro, das comitativas da Colônia e dos Campos, respectivamente, que também reclamam da falta de apoio da Igreja e do poder público durante o período de paralisação das atividades.

As denúncias apresentadas pelos foliões a respeito da falta de atendimento e acompanhamento social tanto por parte da Igreja quanto da Prefeitura Municipal de Bragança, através da secretaria de cultura, foram

encaminhadas às instituições citadas pelos entrevistados. Durante a pesquisa, Santos (2022) em contato com a secretária da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, responsável pela administração da festividade do santo, e com a secretaria de cultura do município, mas ambas não responderam aos questionamentos levantados pelos foliões.

Mesmo após insistentes contatos por e-mail e telefone, destacando a importância do posicionamento dos dois órgãos para a consolidação desta pesquisa, Igreja e prefeitura ignoraram o pedido de esclarecimento sobre a falta de apoio aos foliões durante o período mais crônico da pandemia.

Narrativas dos foliões

Para analisar os discursos dos produtores do ritual de esmolação destacados neste artigo, o trabalho utilizou os aportes teórico-metodológicos da Análise Crítica da Narrativa, elencados por Luiz Gonzaga Motta (2013). Segundo o autor, todos nós somos seres narrativos e narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Portanto, fazer uma análise crítica da narrativa significa “assumir uma atitude analítica aguçada e compreensiva: lançar sobre o objeto um olhar escrutinador, sistemático e rigoroso, através de processos que permitam relacioná-lo ao seu contexto de produção e de recepção” (MOTTA, 2013, p. 19).

Motta defende que toda narrativa possui uma intencionalidade. Seja na modalidade factual ou fictícia, o sujeito narrador dispõe tática e estrategicamente de sucessão de fatos com o objetivo de tecer uma totalidade compreensiva. Em outras palavras, toda narrativa se origina em uma estratégia enunciativa. A respeito da intencionalidade dos interlocutores no processo de produção do sentido, o autor escreve:

Ao tomar a decisão de contar uma estória, seja um conto maravilhoso, um filme, uma biografia, ou uma simples piada alguém tem em mente uma intencionalidade (um efeito de sentido pretendido) que é transferido para o ato de fala narrativo e que interfere na configuração da estória. Ninguém conta uma história ingenuamente. (MOTTA, 2013, p. 38)

Para o autor, as narrativas nunca podem ser analisadas isoladamente, sob pena de perderem seu objeto determinante. É impossível desconsiderar as manobras e ferramentas discursivas decorrentes das intenções do autor/narrador na análise, sejam elas conscientes ou inconscientes. Motta (2013) afirma que as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais, inseridos em certos contextos históricos cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira.

Segundo Motta (2013), cabe ao analista da narrativa evidenciar pistas de efeito de real (veracidade) e contribuir para a constatação dos possíveis efeitos estéticos de sentido (a comoção, a ironia, a esperança, etc.) no receptor da mensagem. “As narrativas realistas utilizam uma linguagem referencial para vincular sempre os fatos ao mundo físico, mas criam efeitos catárticos, como na ficção” (MOTTA, 2013, p. 196). Para ele, a retórica dessas narrativas estimula um permanente jogo entre as intenções do narrador e as interpretações do receptor.

O autor afirma que as narrativas enquanto objetos de estudo podem ser analisadas em três instâncias expressivas – que ocorrem de forma superpostas umas às outras, sem hierarquia entre tais divisões. Essas três instâncias de análise são: plano da expressão (linguagem ou discurso); plano da história (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema de fundo). “Podemos, talvez, considerar os dois primeiros planos predominantemente estéticos, enquanto o terceiro seria predominantemente ético (cultural e/ou ideológico)” (MOTTA, 2013, p. 135).

O plano da expressão é apontado por Motta (2013) como o plano de superfície do texto, através do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador. De acordo com o teórico, é nesse plano que a intencionalidade do narrador e suas estratégias de linguagem para produzir determinados efeitos de sentido (comoção, medo, riso, etc.) podem ser reveladas. A partir dessa leitura, nota-se nas falas dos sujeitos investigados a existência de sentimentos de angústia e incertezas em relação ao futuro da festividade.

Entre as falas que destacam esse sentimento de melancolia estão: “Não ter a caminhada foi muito triste não apenas para os integrantes das comitivas,

mas para os devotos também”, do encarregado Antonio Ribeiro. “A gente ficou sem saber o que fazer, ficou com medo, angustiado”, do folião José Moraes de Brito. E “Eu senti uma tristeza tão grande em saber que não estaria caminhando com meu santinho”, relatada por Valdeci Santos.

A segunda instância, também chamada de plano da estória, concentra a atenção do intérprete no plano de conteúdo da narrativa. Motta (2013) explica que é neste nível que ocorre uma análise centrada na representação dos significados imaginados, evocadas através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama). “É o plano de conteúdo da estória, plano dos mundos possíveis da ficção, embora ocorra igualmente, com grau e dimensões diferentes, nas narrativas fáticas” (MOTTA, 2013, p. 137).

A partir dessas afirmações, podemos constatar que o plano da estória está concentrado na ordem cronológica das narrativas, que apresenta um breve panorama do passado, contextualiza o presente e faz projeções para o futuro. Nos relatos dos foliões, observamos o problema, apresentado como a devoção ao santo e a dinâmica das comitativas de esmolação aguardada anualmente pelos devotos de São Benedito (passado); a interrupção da festividade e o abandono dos foliões pelas autoridades do município de Bragança em relação a falta de suporte financeiro (presente) e a incertezas sobre a continuação ou não das caminhadas dos grupos de esmolação e o retorno da festividade (futuro). Essa construção de começo, meio e fim relatada na estória é organizada pela própria ordem dos relatos.

A terceira instância ou plano da metanarrativa está relacionada ao tema de fundo. Segundo Motta (2013), é nesta etapa que os motivos de fundo ético ou moral são encontrados na estória. O autor destaca que a metanarrativa é o plano da realização da fábula, da cosmovisão ou do *mythos* aristotélico. Em outras palavras, são as situações éticas fundamentais constituídas pelo narrador no momento em que ele se dispõe a narrar.

Com base nessas afirmações, podemos constatar que o plano de metanarrativa dos relatos analisados ressalta a forte devoção a São Benedito na cidade de Bragança e região, validada através de depoimentos dos foliões. Esse

discurso é reforçado quando os foliões se apresentam como instrumentos de intercessão do santo com os devotos. São as comitivas que percorrem os lugares mais remotos da região bragantina, indo de casa em casa, alimentando e retroalimentando a devoção do santo preto muito além do período da festividade.

Ao retirar o santo do espaço formal do altar/igreja/Clero e colocá-lo dentro de casa, num espaço informal e intimista, sem o controle institucional da Igreja naquele recinto, as comitivas de esmolação ampliam e ao mesmo tempo humanizam o diálogo/interação do devoto com o “intercessor direto de Deus”. O santo que já foi humano, oprimido e pobre, sente-se acolhido na simplicidade da casa do anfitrião e ao mesmo tempo acolhe quem o procura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste artigo nos mostra o fortalecimento da apropriação de São Benedito pelos moradores da região bragantina. Essa apropriação é construída cotidianamente através das narrativas compartilhadas pelos sujeitos investigados. Sant'anna (2016) afirma que essas narrativas funcionam como suporte de devoção. As histórias de São Benedito formam os emaranhados das narrativas que vão ligando promesseiro, encarregados e todos os devotos do santo às festividades. Tal afirmação dialoga com os conceitos de Fernandes (2011) sobre narrativas que delimitam o “espaço de devoção” a São Benedito no território de Bragança.

Para o autor, as narrativas dos devotos carregam a marca de uma territorialidade que vai além do espaço geográfico. Esses discursos, que formam a devoção, representam modos de demonstrar a ação dos sujeitos no sentido de demarcar a ocupação do espaço da bragantidade de teor beneditino, revelando “um uso específico – a devoção – que implica no controle da região cultural – o entorno de Bragança – por uma prática ritual, garantindo-se a identidade, por uma rede estável de relações, entre devotos” (FERNANDES, 2011, p.133).

A rede de relações, citada pelo pesquisador, pode ser entendida como um espaço onde a promessa e o pagamento desta garantem o *feedback* constante

com a identificação com o santo, gerando uma retroalimentação na atmosfera local. Esse processo faz com que “todos os sujeitos desse território e região cultural sintam-se ligados e permaneçam coesos pela identificação com o ritual, seja pela Marujada ou pela esmolação” (FERNANDES, 2011, p.133).

Ao longo da pesquisa foi possível identificar o quanto a pandemia de Covid-19 alterou os sentimentos e comportamentos dos devotos e foliões que pela primeira vez na vida não puderam receber o santo e nem sair com a imagem nas ruas na tradicional caminhada dos grupos de esmolação. Em todos os relatos ouvidos durante os dois anos de investigação, que coincidiram com a interrupção das comitivas, devido às restrições das autoridades sanitárias, os sujeitos investigados descreveram sentimento de tristeza, angústia e incertezas quanto ao retorno do ritual de esmolação,

É válido destacar que a interrupção inédita dos grupos de esmolação em 222 anos de festividade também afetou os produtores do ritual em aspectos diferentes. No caso dos foliões, os sentimentos de frustração e impotência em relação ao momento atípico tiveram uma maior intensidade devido a condição de vulnerabilidade social vivida por eles, conforme detalhado anteriormente.

É importante ressaltar que as narrativas compartilhadas frequentemente pelos devotos e foliões também ajudam a reverberar os discursos e as práticas de apropriação de São Benedito pelos devotos bragançinos. Seja através das experiências de agradecimento por uma graça alcançada ou de relatos de humanização do santo, essas histórias atravessam as memórias e o imaginário da população, reafirmando-se a cada novo ciclo da festividade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Larissa Fontinele de. **No rastro dos “pés descalços”**: da Marujada à narrativa literária. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança. Curso de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança, 2014.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que andam, pés que dançam**: Memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA, 2011, pp. 147.

GENNEP, A. Van. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NONATO DA SILVA, Dário Bendito Rodrigues. **Os donos de São Benedito**: convenções e rebeldias entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Belém: [s.n.], 2006. f.: 202.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté**: folclore, história, etnografia e jornalismo na cultura amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará. Coleção Caeté. Belém: CEJUP, 2000.

SANT'ANNA, Elcio. **"Não brinca com São Benedito"**: um estudo antropológico das narrativas nas devoções beneditinas de Bragança/PA. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016.

SANTOS, Adison C.S; COSTA, Vania Maria Torres. **Narrativas de devoção**: análise do documentário "Beneditos", da TV Cultura do Pará. In: Trabalho apresentado no IV Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, realizado entre os dias 17 e 20 de novembro de 2020 em formato remoto, Belém, 2020.

SANTOS, Adison C. S. dos. **Foliões Mensageiros**: memórias e narrativas das comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança/PA. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia do Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2022.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os Tambores da Esperança**. Belém: Falangola, 1997.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

Professores responsáveis

Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGC/LC/UNAMA)

Profª. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (PPGC/LC/UNAMA)

Profª. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGC/LC/UNAMA)

Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha)

Profª. Dra. Terezinha Barbagelata (UNAMA)

m uma década que desde o seu início é marcada por desafios de diferentes ordens, transversalizar é um termo que convida para a união de esforços em favor da vida. Este Simpósio de Trabalho objetiva favorecer o compartilhamento de alternativas de solução de questões relacionadas aos campos da Literatura,

Semiótica e Psicologia, assim como diálogos entre eles. A identificação de pontos de resistência em produções de diferentes frentes é outra possibilidade de fomentar o diálogo que transversaliza. Estudos teóricos e/ou crítico-analíticos, e relatos de pesquisa e de experiência devem destacar temas com foco na construção de conhecimento que integra e fortalece sentidos de pertencimento.

ST

06 - LITERATURA, SEMIÓTICA E PSICOLOGIA: CONSTRUINDO CONEXÕES

A SORORIDADE NA CRÔNICA COMPANHEIRAS¹

SISTERHOOD IN THE COMPANIONS CHRONICLE

SORORIDAD EN COMPAÑERAS CRÓNICAS

CASTRO, Milena²

CASTRO, José Guilherme³

TEIXEIRA, Lucilinda Ribeiro⁴

Resumo

O estudo tem como objetivo analisar os conceitos de sororidade na crônica *Companheiras* da escritora Eneida de Moraes. A investigação tem como foco o movimento feminista e conceito de sororidade dentro da sociedade. Para o desenvolvimento da pesquisa, o aporte teórico foi buscado nos teóricos Silva (2016), Souza (2016) e Roschel (2020). No decorrer do artigo, foram discutidos os conceitos sororidade, sua origem etimológica e como aparece dentro do texto *Companheiras*, que narra as vivências de vinte e cinco mulheres presas no período do governo Vargas. Ao final, obtiveram-se os seguintes resultados: A narrativa da cronista reflete o pacto e a aliança feitos pelas mulheres para se poíarem diante dos fatos ocorridos na prisão, a essa união é chamada de sororidade.

Palavras-chave

Sororidade; Eneida de Moraes; *Companheiras*; Crônica

Abstract

This research intends to analyze the concepts of sorority in the chronicles *Companions* of the writer Eneida de Moraes. Focusing the feminist movement and the concept of sorority into society. To research development, the authors Silva (2016), Souza (2016) and Roschel (2020) were considered. The concepts of the sorority, its etymological origin and its presence in *Companions* were discussed throughout the article. *Companions* narrates the experiences of twenty-five women arrested in the period of president Vargas government in Brazil. The following results were obtained: the narrative of the chronicler reflects the pact and the alliance made by women to stand up before the events that occurred in prison, this union is called sorority.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar nome do Simpósio para qual o trabalho será submetido – ver anexo II] do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestre em Comunicação Linguagem e Cultura pelo PPGCLC. Doutoranda do PPGCLC – castroarqui@gmail.com

³ Mestre e Doutor em Teoria Literária pela PUCRS – jgpsico.letras@gmail.com

⁴ Mestre e Doutor em Semiótica pela PUCSP – lucilind@uol.com.br



Keywords

Sorority; Eneida de Moraes; Companions; Chronicles.

Resumen

El estudio tiene como objetivo analizar los conceptos de sororidad en la crónica *Companheiras* de la escritora Eneida de Moraes. La investigación se centra en el movimiento feminista y el concepto de sororidad dentro de la sociedad. Para el desarrollo de la investigación se buscó el aporte teórico en los teóricos Silva (2016), Souza (2016) y Roschel (2020). En el transcurso del artículo, se discutieron los conceptos de sororidad, su origen etimológico y cómo aparece dentro del texto *Companheiras*, que narra las vivencias de veinticinco mujeres encarceladas durante el gobierno de Vargas. Al final se obtuvo los siguientes resultados: La narración del cronista refleja el pacto y alianza que hicieron las mujeres para sustentarse ante los hechos ocurridos en la cárcel, a esta unión se le llama sororidad.

Palabras-clave: Sororidad; Eneida de Moraes; compañeras; crónica

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge das reflexões realizadas na disciplina Discursos, Ficção e Literariedade do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura – PPGCLC, ministrada pelos professores Dr. Lucilinda Teixeira e Dr José Guilherme de Oliveira Castro.

A investigação se volta para o estudo da sororidade na crônica *Companheiras* da escritora Eneida de Moraes, ou simplesmente Eneida, como gostava de ser chamada.

Eneida nasceu em Belém do Pará, com toda honra e glória, como gostava de dizer (ENEIDA, 2006) e, sempre em suas obras, trazia lembranças da Belém da infância e da juventude, momentos do cotidiano e até mesmo as memórias de quando foi presa por ser filiada ao partido comunista.

Grande parte da obra de Eneida são crônicas. Segundo Ápio Campos (1964), a crônica é a literatura do povo, em que o autor procura convencer o leitor acerca da sua análise sobre o assunto exposto. Para o cronista, não interessa o furo de reportagem, a novidade, mas os conceitos sobre o que foi apresentado. É neste

campo que surge a obra de Eneida, transformando acontecimentos do cotidiano em lirismo, sem perder o olhar também crítico diante da realidade.

Portanto, na crônica *Companheiras* que faz parte do livro *Aruanda* (1957), Eneida conta memórias de situações vividas entre ela e suas companheiras de cela, no Pavilhão dos Primários:

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. [...] Problemas de uma, problemas de todas (MORAES, 1957, p. 105-106).

Nesse trecho da crônica, notam-se a cumplicidade, a empatia e a aliança feitas entre as detentas presas por causas políticas. Essa prática é chamada de sororidade.

A sororidade surgiu a partir das causas feministas que reivindicaram o direito igualitário entre homens e mulheres, espaço na sociedade, voz e *status*. A sororidade nasceu neste campo, a partir da necessidade de as mulheres dividirem experiências, de compartilharem relações harmoniosas e solidárias entre si⁵.

Logo, Eneida usa como pano de fundo a ditadura da Era Vargas, em que vários escritores, artistas e intelectuais foram presos acusados de comunismo e de subversão. É nesse momento duro e de escuridão na história do Brasil, que surge a crônica *Companheiras*, que expõe a sororidade entre as detentas e o quanto esse pacto foi importante para a sobrevivência dentro das celas do Pavilhão dos Primários.

2. ENEIDA DE MORAES, SEMPRE VIVA, SEMPRE AMOR

Eneida de Moraes nasceu na cidade de Belém do Pará, em 23 de outubro de 1903, filha de um comandante de navio - gaiola e de uma professora. Aprendeu francês com a babá. Foi interna no Colégio Sion de Petrópolis – Rio de Janeiro.

⁵ Disponível em: <<https://www.justificando.com/2016/06/02/o-que-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>>

Ao regressar à terra Natal, cursou o preparatório no colégio Gentil Bittencourt e se formou em cirurgia-dentista, pela Faculdade de Odontologia do Pará, mas nunca exerceu a profissão (CASTRO, 1982).

A paixão pela literatura começou cedo. Com seu pai, Eneida conheceu as lendas nativas da região amazônica. Escreveu seu primeiro conto aos 7 anos. Nunca teve restrições em casa para ler livros. Sua casa possuía uma biblioteca sempre aberta, pois, para sua mãe, não existia idade para ler livros e nem livros imorais. Existiam sim livros com assuntos que crianças não entenderiam e rápido cansariam destes.

Iniciou a carreira literária ainda adolescente, aos dezesseis anos colaborando nos pequenos jornais de Belém, e nas revistas *A Semana* e *Guajarina*, dirigidas por Peregrino Júnior, onde publicou as primeiras crônicas e poemas, usando o pseudônimo Miss Fidelidade (CASTRO, 1982).

Mesmo tendo uma educação ríspida junto a outras meninas ricas da época, Eneida não tinha um comportamento tradicional como as mulheres de sua época. Ela queria trabalhar fora e ter voz própria, atos até então reprovados pela sociedade: “Mas eu vivia tranquilamente. Nunca escandalizei ninguém. O que eu tinha era alegria e juventude. E nunca tive medo de homens. Para mim eles não ofereciam o menor perigo” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 1971, p. 1)

A primeira publicação de Eneida, “Terra Verde”, em 1930, sofreu grande influência da corrente modernista da época. Esse livro é um poema moderno e de cunho ufanista, exaltando as festas, os costumes e as lendas da terra. Todos esses temas aparecem envolvidos de um profundo lirismo.

Influenciada pelas leituras socialistas que fizera, em 1932, ingressou no Partido Comunista. Participou de debates, usando como meio de comunicação a imprensa escrita. Foi presa várias vezes, sob acusação de comunismo, e para fugir, chegou a viver no interior de São Paulo na clandestinidade, adotando falsas identidades.

Segundo Castro (1982), Eneida circulou nas rodas intelectuais da época. No Rio de Janeiro, morou no mesmo prédio que o poeta Manuel Bandeira, com quem fez amizade e de quem teria grande influência. Depois, mudou-se para a Lapa, cenário de encontros de compositores do carnaval, de estudantes, de

intelectuais e de boêmios, frequentando assim a vida intelectual e boêmia carioca.

Em 1936, foi presa novamente, vindo a ficar presa seis meses na Casa de Detenção e, meio a torturas e a uma vida de privações, se dedicou à literatura. Neste período, conheceu o escritor Graciliano Ramos que a menciona em “*Memórias do Cárcere*”. Graciliano Ramos a descreve como uma mulher atuante, em meio aos presos políticos e intelectuais daquele período, que lideravam greves e atitudes de resistência contra os maus tratos recebidos na prisão (CASTRO, 1982).

Na crônica “Companheiras”, a cronista faz um relato das prisões ocorridas, no período de 1935 a 1938. Este texto é, sobretudo, um depoimento sobre as consequências do golpe de 1937 ocorrido no país.

Para Fares (1997), Eneida conduz o leitor a sensações táteis ao descrever o Pavilhão dos Primários, em que ficavam os presos políticos:

Durante todo o ano a sala era úmida, tão fria [...]; no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas. [...] mais tarde adiante, impregna nossas narinas com cheiro forte que os aparelhos sanitários exalavam [...]. Por maior que fosse a nossa luta para mantê-los limpos nunca conseguíamos fugir do cheiro. (MORAES, 1957, p. 105)

Eneida também leva o leitor à emoção. Nesta mesma narrativa, onde transitam vinte e cinco mulheres de diversas situações econômico-sociais: datilografas, médicas, domésticas, advogadas, intelectuais e operárias:

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia as louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; roupas caras e trajes modestos. [...] Foi naquela tarde que tenho gravada na memória que ela entrou na Sala das Mulheres. Nunca esquecerei seu ar de espanto, nem aqueles sapatos que haviam sido brancos. Estavam manchados de terra ou de sangue? Nunca esquecerei o vestido sujo as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos.[...] Uma de nós adiantou-se e lhe disse:- eu sou comunista. Foi com esse grito que a mulher despertou[...] – camarada minha camarada! O olhar com que envolvia as vinte e cinco mulheres era diferente; queria entender as palavras nas paredes, perguntava, sorria[...] Contou com a voz firme o quanto sofrera. [...] minutos depois voltou o guarda. Explicou que fora engano. A prisão para ela seria outra e sorrindo:-muito pior. Quando partiu, deixara vinte e cinco amigas. Não dissemos adeus, não tivemos um momento de fraqueza. Mas,

quando as grades se fecharam atrás dela, cinquenta olhos choravam.
(MORAES, 1957, p. 104-111)

Em suas vindas a Belém, Eneida não deixava de mostrar seu descontentamento com o abandono da cidade. Dizia-se triste em ver sua cidade amada destruída, sem o viço e a exuberância de outra época e o descaso com o patrimônio cultural, chegando a declarar que tinha medo ao encontrá-la assim.

Quinze anos passei sem ver Belém, a não ser em minhas constantes e imaginárias viagens. Quando realizei o meu desejado encontro, em 1945, encontrei-a morta, terrivelmente morta. A miséria comendo de rijo aquelas carnes morenas; capim crescendo livremente nas ruas e praças, cobrindo espadas de generais e corpos de mulheres nuas: as estátuas da Praça Batista Campos [...] Foi difícil encontrar, naquela cidade abandonada, minha cidade. Tive medo de rir alto; medo de mostrar alegria – essa minha constante companheira – diante da Belém tão destruída. (MORAES, 1962, p. 15)

Segundo Alvarez (2000), grande parte de seus escritos autobiográficos reportam-se à participação, à emancipação feminina e às inúmeras prisões pelas quais passou. Dessas vozes do cárcere que narram histórias de dor e de opressão, nascem os seus textos, testemunhos transfigurados em um canto à liberdade. Surgem, assim, “Aruanda” e “Banho de cheiro”, nos quais Eneida defende que liberdade rima com felicidade.

Em 1946, passou a escrever no jornal *Momento Feminino* e participou da organização do I Congresso de Escritores Brasileiros, ajudando assim a fundar a UBE – União Brasileira dos Escritores. Neste momento, Eneida mostra um grande poder de liderança em um meio ainda muito massificado por homens. O poeta Carlos Drummond registra em seus diários as reuniões lideradas pela escritora.

Sábado à tarde, reunião na casa de Aníbal Machado, para tratar da organização do Congresso da Associação Brasileira de Escritores e firmar uma linha corrente de ação. Compareceram Lia Correia Dutra, Eneida, Osório Borba, Dalcídio Jurandir, Moacir Werneck de Castro. A discussão é dirigida por Eneida, com sua vocação de caudilho consegue extrair algum resultado da pequena assembleia, mais inclinada à pilheria do que ao exame dos problemas. (DRUMMOND apud ALVAREZ, 2000, p. 20)

No ano de 1949, Eneida seguiu para Paris, onde fez cursos de sociologia e se aprofundou nos estudos literários, tendo a oportunidade de conhecer escritores e artistas como Arago, Elsa Triolet, Jean Marsenac, Picasso e Ferreira de Castro (FARES,1997).

Segundo Santos (1995 apud Castro, 1982), Eneida conquistou um grande público com seus textos, pois imprimiu a eles, não só um senso e objetivo, mas também poético para da realidade. O cotidiano é mostrado e vivido como se estivesse todas as dores e dificuldades do coletivo, contestando valentemente a decadência social e moral da sociedade brasileira.

Assis (1997) complementa esta consideração ao afirmar que, nos textos de Eneida, tudo leva à cumplicidade entre o leitor e a voz que flui da narrativa; a simplicidade da linguagem e o coloquial da conversa dissolvem a escritora, criando-a na forma de uma amizade de vizinhança, modelada por uma vida de conversas de janelas.

Outro dado importante sobre a vida de Eneida é que ela era uma apaixonada por carnaval. Por isso, não só escreveu *História do Carnaval Carioca*, documento histórico que registra o carnaval enquanto festa folclórica, mas também idealizou, em 1957, o *Baile do Pierrot*⁶ que foi realizado durante onze anos consecutivos, no Rio de Janeiro, reunindo intelectuais e artistas da época. Para Eneida, carnaval e literatura deveriam caminhar juntos, e por tal motivo, condenou a transformação da tradicional festa de rua e de salões, em instituição marcada por marketing e dinheiro. Para ela, esses interesses não poderiam ficar acima da brincadeira e do espírito festivo do povo.

Procuramos reviver pelo menos uma noite a aqueles tempos que se ia a um baile a fantasia para brincar e mostrar uma bela fantasia, e não um baile onde a fantasia tem um sentido comercial e alegria dos foliões é falsidade... como certas marcas de uísque (DAMATA, O LIBERAL, 14 fev. 1968).

Em 1966, com a intenção de promover o intercâmbio cultural entre Rio de Janeiro e Belém, transferiu o Baile do *Pierrot* para a cidade paraense. Para isso, trouxe

⁶ Personagem da comédia *dell'Arte*. A sua maior característica é ser um palhaço triste, apaixonado pela Colombina, que inevitavelmente lhe parte o coração e o deixa pelo Arlequim.

do Rio 1800 *pierrots* representados por intelectuais e artistas nacionais, entre eles a cantora Elizeth Cardoso, um dos expoentes da música popular brasileira. Em 1968, realizou o último baile e declarou que os *pierrots* não tinham ambições políticas e era preferível acabar antes que sofressem qualquer represália. Portanto, não queria mais chateações para seu lado.

Em 1962, escreveu “Banho de cheiro”, livro de memórias, dedicado à cidade de Belém e à filha Léa. Eneida justificou o porquê de escrever suas lembranças, pois, na sua concepção, recordar é uma forma de antecipar o futuro. Como se lê no prefácio:

Fatos, personagens, histórias, contam aqui um pouco de minha vida sempre vivida em profundidade. Não pretendo escrever memórias acompanhando no tempo tudo que vi, senti, sofri. Para quê? O melhor é deixar apenas pequeninos trechos, fazer o levantamento de lembranças mais profundas, ocorrências gravadas na memória. Geralmente os memorialistas temem recordar coisas banais. Este é um livro banal (MORAES, 1962, p.5).

O relacionamento de Eneida com os livros era de amor. Adorava passar horas em meio a leituras. Quando cresciam a um número exagerado, doava a bibliotecas públicas e particulares, ou os vendia para sebos, sempre com o cuidado de retirar as folhas autografadas e guardá-las em pastas de recordação. Em relação à morte, Eneida, já enferma, em janeiro de 1971, declarou ao jornal *Pasquim* que achava chato morrer, não queria morrer e só iria forçada ao seu enterro.

Eneida faleceu em 27 de abril de 1971, no Rio de Janeiro. O corpo da escritora foi trazido para Belém para ser sepultado como era sua vontade, embaixo de uma frondosa mangueira e do lado esquerdo do cemitério de Santa Isabel.

3. SORORIDADE: IRMANDADE ENTRE AS MULHERES

O primeiro movimento pelo direito das mulheres ocorreu entre no final do século XIX e início do século XX, chamado de Sufrágio. Esta mobilização pleiteava o direito ao voto para as mulheres. Neste período, também ocorria a revolução industrial na Europa e nos Estados Unidos, as jornadas de trabalho eram

exaustivas, a remuneração era menor em relação aos homens, além de condições precárias de trabalho⁷.

É neste contexto que surge o grupo de ativismo denominado feminismo que reivindica direitos iguais entre mulheres e homens. Segundo Oliveira (2018), o feminismo abrange a luta política e social por meio de políticas e teorias filosóficas em prol da causa feminina de diferentes classes, culturas e religiões para propagar, reafirmar e defender entre mulheres e homens.

Oliveira (2018) ainda acrescenta que o movimento feminista critica as estruturas e ideologias patriarcais cujas ações tendem a dominar, a oprimir, e condicionar a mulher a papéis subalternos principalmente no ambiente familiar como, tarefas domésticas, função de mãe, de esposa e além da inferioridade dentro do planejamento da família.

O feminismo acredita na liberdade, no respeito e na expressão da subjetividade da mulher, além de lutar contra sistemas de dominação e de hierarquização. Hoje, os conceitos sobre feminismo abrangem um universo complexo como, o feminismo negro, o feminismo interseccional, o feminismo indígena, o feminismo radical, o feminismo liberal, o feminismo marxista, o feminismo anarquista (anarcofeminismo), o transfeminismo, entre outras vertentes⁸.

Portanto, é a partir disso que o feminismo como forma de fortalecer o empoderamento das mulheres, extinguir o pilar estrutural do patriarcado, do sexismo e de fortificar das relações, além do compartilhamento de experiências e de solidariedade entre as mulheres.

Neste sentido, surge a sororidade, uma aliança entre mulheres, baseada na empatia, na irmandade e no companheirismo. A palavra foi integrada há pouco tempo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)⁹, na 6ª edição do documento que não era atualizado desde 2019¹⁰.

⁷ Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/movimento-sufragista.htm>>

⁸ Disponível em: <<https://www.justificando.com/2019/03/28/a-importancia-do-feminismo-na-desconstrucao-da-estrutura-de-poder-patriarcal-e-sexista/>>

⁹ Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/sororidade-covid-e-home-office-entram-no-dicionario-da-lingua-portuguesa>>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-letras-disponibiliza-6a-edicao-do-vocabulario-ortografico-da-lingua>>

O termo sororidade provém do latim para irmã, *soror*. Nos EUA, muitas freiras ainda usam *soror* para se designarem com o mesmo sentido que se usa irmã, no português, como sinônimo de freira. Também nos EUA, as organizações femininas de universitárias são chamadas *sorority* como sinônimo de *sisterhood* (PENKALA apud SILVA, 2016, p. 47).

Hoje, o conceito de sororidade está relacionado como um pacto político, ético e solidário entre as mulheres, para estimular a proteção e a solidariedade para o enfrentamento da estrutura patriarcal ainda vigente.

Outro aspecto importante da sororidade é a crítica à misoginia¹¹, ou seja, observar e apontar para os próprios comportamentos de reflexos machistas, o que empobrece os movimentos feministas e por consequência as próprias relações entre as mulheres.

Para Tiburi (2016), a rivalidade feminina é um mito criado e que é próprio da ideologia da dominação masculina que coloca esse conflito como algo naturalizado e tradicional para manutenção do poder patriarcal. Ou seja, a união feminina é um mal que necessita ser evitado para que a ordem continue estabelecida e não seja questionada. Logo, as mulheres naturalmente não podem estabelecer laços de irmandade e de ajuda mútua por serem eternas rivais.

Segundo o pensamento de Souza (2016), a descrença na capacidade de gentileza entre as mulheres e que naturalmente se tornam rivais é resultado de um discurso machista e que reforça a sustentação da estrutura patriarcal.

Entretanto, a partir do momento em que a empatia e as alianças se formam de forma segura e com a identificação da sororidade, as mulheres passam a trilhar um caminho mais forte e seguro, pois é a partir do reconhecimento e das experiências trocadas que se caminhará para a equidade de gênero almejada pelo movimento feminista (ROSCHEL, 2020, p.141).

¹¹ Ódio ou aversão às mulheres

4. A SORORIDADE NA CRÔNICA COMPANHEIRAS

Na crônica Companheiras, a escritora Eneida de Moraes transmite suas experiências do Pavilhão dos Primários. A cronista conviveu em uma cela com mis 25 mulheres, estas de diferentes profissões e classes sociais:

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia as louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; roupas caras e trajes modestos. Datilografas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias (MORAES, 1957, p.105-106).

A prática da sororidade existia entre as detentas da sala diariamente, ao compartilharem a vida familiar, os problemas com os filhos, o desaparecimento dos companheiros e as memórias, pois havia a compreensão de que os “problemas de uma, era o problema de todas” (MORAES, 1957).

Eneida era feminista e acreditava na força da mulher, assim como na igualdade de gênero. Portanto, ao relatar suas vivências junto às suas companheiras, dentro da sala úmida, demonstra a força que carregavam dentro de si, além de dividirem seus conhecimentos para confortar e passar o tempo: Valentina ensinava literatura inglesa (como estudava e lia Valentina) e queríamos à viva força que Nise desse lições de psicologia (MORAES, 1957, p. 107) É uma referência à médica psiquiatra e intelectual brasileira Nise da Silveira, que ajudou as amigas na superação das amarguras do cárcere, usando técnicas terapêuticas.

Dentro dos acontecimentos na prisão, a escritora narra a chegada de mulher de estatura mediana, vestido estampado, olhos curiosos e com sapatos que um dia foram brancos, mas estavam manchados ou de terra ou de sangue. Essa mulher era Elise Saborovski, a Sabor Berger, esposa de Henry Berger, que após algum tempo foi entregue ao governo alemão e que morreria nas mãos dos nazistas. Ao chegar na sala das detentas, Elise permaneceu calada, porém em um ato de coragem alguém se revelou comunista, Berger logo exclamou: “Camarada, minha camarada!”

A partir desse momento, Sabo Berger se sentiu pertencente ao grupo, e em um ato de sororidade, pois todas as mulheres acolheram-na como companheira:

Houve um corre-corre geral. Todas queriam dar-lhe roupas, todas queriam dar-lhe um pedaço de pão, de doce, uma fruta. Comia sorrindo. Sua fome tinha dois meses, seu sofrimento mais algum tempo. [...] Quando partiu deixava 25 amigas (MORAES, 1957, p. 116).

Eneida traz também a sua visão de Sabo ao afirmar que jamais conheceu mulher tão culta, tão humana, valente e bela. Isso demonstra mais uma vez, os conceitos de sororidade, pois, ao elevar e admirar as qualidades de Elise, a escritora também eleva as qualidades da colega de cela e não tenta rivalizar, a distanciando do grupo.

Ao final da crônica, Eneida demonstra que Elise deixou para trás ao partir cinquenta olhos chorando e vinte e cinco amigas. O companheirismo criado entre elas as fazia temer o futuro da companheira que aprenderam a amar e a admirar. Logo, as memórias trazem à tona as vivências na prisão e como as experiências de vinte cinco mulheres que praticaram a sororidade se tornaram importantes para a escritora, que não só em um ato de testemunho, mas também de resistência registra as marcas deixadas por elas em suas lembranças. Eneida em suas palavras deixa claro, então, que não era apenas uma homenagem, mas um dever não deixar essas mulheres serem esquecidas pelo tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível verificar a importância dos conceitos sobre movimento feminista e da sororidade, pois, por meio desses conhecimentos, a sociedade passa a compreender a importância da luta pela igualdade de gênero e a relevância da mulher no meio social.

É importante afirmar que o feminismo acompanha e resgata a memória histórica política, social e cultural da luta das mulheres por igualdade, assim como, o movimento preza por tudo que as mulheres lutaram até os dias atuais

Entretanto, ainda há muito a se caminhar em um sentido comum entre mulheres e homens, pois a estrutura e a ideologia patriarcal ainda regulam muitas áreas da sociedade, além de muitas mulheres ainda se verem como rivais e não aplicarem os conceitos de sororidade.

A palavra sororidade, apesar de ter entrado há pouco tempo no Volp (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) a prática já era realizada por várias mulheres. A escritora Eneida, na crônica Companheiras, narra as vivências de suas camaradas dentro de uma sala no Pavilhão dos Primários. É possível perceber, nas palavras da cronista, o quanto o problema de uma, era o problema de todas. Esta fala reafirma, portanto, o pacto de irmandade e a aliança estabelecidos por todas que estavam naquele ambiente.

Outro fato relevante é que o texto tem poder sinestésico, fazendo o leitor entrar na cela que no inverno era tão úmida, tão fria que enregelava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado; e no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas a qualquer momento (MORAES, 1957, p. 104).

O texto de Eneida se torna atemporal, por apontar a força das vozes femininas marcadas pelas experiências dentro da sala do Pavilhão dos Primários. Eneida se diz cumpridora de um dever ao dar voz e registrar os nomes de suas companheiras. Fato este importante, pois se cumpre também o outro papel da crônica, fazer uma reflexão, levar o leitor a meditar sobre os acontecimentos expostos. E, Eneida sempre lírica, porém crítica diante dos fatos, realiza esse ato de forma clara sem perder nunca a doçura. Eneida sempre viva, sempre amor.

6. REFERÊNCIAS

ACADEMIA Brasileira de Letras disponibiliza a 6ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Academia Brasileira de Letras. 19 jul. 2021. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-letas-disponibiliza-6a-edicao-do-vocabulario-ortografico-da-lingua> Acesso em 15 ago. 2021

ALVAREZ, Vânia do S. HISTÓRIA E MEMÓRIA, EM BANHO DE CHEIRO. 2000. 155f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

ASSIS, Rosa. Asas da palavra, Belém, v.4, n. 6, p.80, jun. 1997.

BERTAZZA, João Marcelo. O que é sororidade e por que precisamos falar sobre? Justificando. 2 jun. 2016. Disponível em:

<https://www.justificando.com/2016/06/02/o-que-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/> Acesso em 15 ago. 2021

CAMPOS, Ápio Paes. Algumas anotações estilísticas – linguísticas sobre a crônica brasileira. Lisboa: Revista de Portugal, 1964.

CASTRO, José Guilherme. O LIRISMO IMAGÍSTICO DE ENEIDA DE MORAES – Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, 1982.

DAMATA, Gasparino. Vontade de viver e baile do Pierrot são metas atuais de Eneida. O Liberal, Belém, 14 fev. 1968.

ENEIDA. Eneida: depoimento [1967]. Entrevistadores: Dalcídio Jurandir e Miécio Tatti. João Carlos Pereira (org.) Belém: Unama, 2006.

FARES, Josse. Asas da palavra, Belém, v.4, n. 6, p.75-79, jun. 1997.

LIÇÃO da juventude Eneida é a grande. A Província do Pará, Belém, 15 nov. 1968.

MORAES, Eneida. Aruanda: crônicas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

_____. Banho de cheiro. Coleção Vera Cruz. Vol 41. São Paulo: Civilização Brasileira, 1962.

MORREU Eneida, de vida intensa. A Província do Pará, Belém, 28 abr. 1971.

OLIVEIRA, Cassiane Sant'ana de. UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE SORORIDADE EM *HIBISCO ROXO*, DE CHIMAMANDA ADICHIE – Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

OLIVEIRA, Leone. Sororidade, covid e home office entram no dicionário da língua portuguesa. Tribuna Online. Vitória, jul. 2021. Seção Notícias Cidade. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/sororidade-covid-e-home-office-entram-no-dicionario-da-lingua-portuguesa>> Acesso em 15 ago. 2021

DECRESCIMENTO NO NORTE GLOBAL E QUALIDADE DE VIDA¹

DEGROWTH IN THE GLOBAL NORTH AND QUALITY OF LIFE

DECRECIMIENTO EN EL NORTE GLOBAL Y CALIDAD DE VIDA

Christoph Helmold²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

O conceito de decrescimento e os questionamentos aos quais ele conduz tornaram-se imprescindíveis diante das diferenças extremas que caracterizam os chamados Norte e Sul Global. O crescimento econômico dos países ricos gera desigualdades sociais e injustiças ambientais preocupantes. Diante deste quadro, o objetivo deste estudo é refletir acerca do conceito de decrescimento em meio a controvérsias e a movimentos que representam tentativas de transformação social. Tomamos como base modelos apresentados e discutidos por autores como Schmelzer e Vetter (2021) e Burkhart, Schmelzer e Treu (2017). Verificamos que, diante do enriquecimento de uma parcela da população do planeta, estão sendo buscadas alternativas que valorizem a dignidade humana e a sustentabilidade ambiental. Assim, a proposta de decrescimento também leva os países do Sul Global à necessidade de reflexão, em busca de crescimento compatível com o bem-estar social e a sobrevivência do planeta.

Palavras-chave

Decrescimento; Norte e Sul Global; Justiça Social; Sustentabilidade Ambiental.

Abstract

The concept of degrowth and the questions to which it leads have become indispensable in the face of the extreme differences that characterize the so-called Global North and South. The economic growth of rich countries generates social inequalities and worrying environmental injustices. Against this background, the objective of this study is to reflect on the concept of degrowth amidst controversies and movements that represent attempts at social transformation. We take as a basis models presented and discussed by authors

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões” do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Graduado em Serviço Social pela Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha. E-mail: christoph.helmold@gmx.de. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1757-2817>

³ Doutora em Psicologia pela UFPA e professora permanente do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>.

such as Schmelzer and Vetter (2021) and Burkhart, Schmelzer, and Treu (2017). We verified that, in the face of the enrichment of a portion of the planet's population, alternatives that value human dignity and environmental sustainability are being sought. Thus, the degrowth proposal also leads the countries of the Global South to the need for reflection, in search of growth compatible with social welfare and the survival of the planet.

Keywords

Degrowth; Global North and South; Social Justice; Environmental Sustainability.

Resumen

El concepto de decrecimiento y las cuestiones a las que conduce se han vuelto indispensables ante las diferencias extremas que caracterizan al llamado Norte y al Sur Global. El crecimiento económico de los países ricos genera desigualdades sociales y preocupantes injusticias medioambientales. En este contexto, el objetivo de este estudio es reflexionar sobre el concepto de decrecimiento en medio de controversias y movimientos que representan intentos de transformación social. Tomamos como base modelos presentados y discutidos por autores como Schmelzer y Vetter (2021) y Burkhart, Schmelzer y Treu (2017). Comprobamos que, ante el enriquecimiento de una parte de la población del planeta, se buscan alternativas que valoren la dignidad humana y la sostenibilidad ambiental. Así, la propuesta de decrecimiento lleva también a los países del Sur Global a la necesidad de reflexión, en busca de un crecimiento compatible con el bienestar social y la supervivencia del planeta.

Palabras clave: Decrecimiento; Norte y Sur Global; Justicia Social; Sostenibilidad Ambiental.

1. Introdução

Diante das crescentes desigualdades e injustiças em nível global, tanto políticos quanto economistas costumam defender a necessidade de crescimento econômico. No entanto, há quase cinquenta anos o conceito de crescimento econômico começou a ser questionado por economistas ecológicos, com o argumento de que ele contribui não para diminuir, mas para aumentar as desigualdades sociais e injustiças ambientais em todo o mundo. A partir da crítica ao crescimento, debates sobre desenhos sociais e políticos de uma sociedade de decrescimento vêm ganhando força nos meios ativistas e acadêmicos. Em tal contexto, decrescimento é entendido como um termo

guarda-chuva que tem o potencial de reunir diferentes movimentos e estratégias de transformação.⁴

Dando seguimento a propostas semelhantes, apresentadas na América Latina já nos anos 1980, um campo internacional de debate e pesquisa foi estabelecido desde 2008 sob o termo “decrescimento” ou “pós-crescimento”, com destaque às seguintes questões: as economias dos países do Norte Global seriam grandes demais? É desejável um crescimento econômico constante? Como alterar as estruturas básicas das sociedades modernas de forma que se mantenham estáveis sem crescimento econômico? Como conceber sociedades em que, com menor uso de matérias-primas, uma vida de qualidade pode ser alcançada para todas as pessoas? E, de um modo mais amplo, o que essas perguntas significam para a ideia do que seria uma vida de qualidade? (SCHMELZER; VETTER, 2021).

No centro da crítica ao decrescimento estão princípios econômicos que promovem uma ordem social de competição onipresente em todas as áreas da vida. Por um lado, isso leva à necessidade de aceleração social, o que faz com que muitas pessoas fiquem sobrecarregadas e muitas outras sejam excluídas. Por outro lado, a economia fixada no crescimento destrói a base natural da vida para seres humanos e para a natureza, de forma que a valorização do crescimento parece ser uma causa central para problemas sociais e ecológicos (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017).

O movimento em direção ao decrescimento é um processo que afeta as sociedades como um todo e diferentes áreas estão se envolvendo nessa discussão. Segundo Boccato-Franco (2013), é o caso da filosofia, da sociologia, das ciências políticas, da ecologia e, é claro, da economia.

Neste estudo conceitual, formulamos a seguinte pergunta norteadora: justiça social em nível mundial e a sobrevivência do planeta poderiam ser favorecidas pela concretização de propostas de decrescimento? Neste sentido, objetivamos refletir acerca do conceito de decrescimento em meio a

⁴ Para uma melhor compreensão do termo decrescimento, vale considerar a divisão entre Norte e Sul Global. Segundo Mitlin e Satterthwaite (2012, p. 13), “o ‘Sul Global’ inclui todas as nações classificadas pelo Banco Mundial como de baixa e média renda, localizadas na África, na Ásia, na América Latina e no Caribe”. O Norte Global, portanto, engloba os Estados Unidos, o Canadá e os países da Europa, mas também a Austrália e a Nova Zelândia (ODEH, 2010).

controvérsias e a movimentos que representam tentativas de transformação social. Partimos de controvérsias em torno do que seria decrescimento, que correspondem a perspectivas não necessariamente coerentes com a amplitude do conceito. Em seguida, acrescentamos argumentos que tentam esclarecer uma visão teórica e prática do que significa a proposta de decrescimento e situamos relações desiguais entre Norte e Sul Global.

2. Decrescimento: controvérsias e movimentos

O potencial e os pontos fracos do decrescimento são controversos, já que diferentes autores apresentam entendimentos diferentes e às vezes contraditórios acerca do significado do conceito. A compreensão de cada autor depende fundamentalmente do ponto de vista próprio e de experiências e contatos anteriores com o decrescimento.

Para alguns, o decrescimento é muito teórico e científico (JORDAN, 2017; STELLMACHER; BRECHT, 2017) enquanto, para outros, é justamente mais ativista (BARTH; GRAN; EGAN-KRIEGER, 2017). Segundo Bernau (2017), o decrescimento não deveria permanecer apenas como uma “ofensiva de comunicação” e, conforme Rätz e Patemoga (2017), deveria também intervir em discussões práticas. Outros, ainda, exigem que o perfil de conteúdo do decrescimento seja aguçado (STELLMACHER; BRECHT, 2017).

Um argumento frequentemente encontrado é referente à autossuficiência que, na discussão sobre sustentabilidade, tem, como aspecto central, esforços para minimizar o consumo de matérias-primas e energia. Autossuficiência e renúncia individual são apontados frequentemente como elementos centrais do decrescimento por autores de língua alemã, embora essa perspectiva reflita apenas uma pequena parte do movimento (PAECH, 2019). Neste sentido, o próprio termo “decrescimento” é criticado, com a justificativa de que ele desperta uma moral ecológica de renúncia (JORDAN, 2017; FLEMMING; REUTER, 2017). Outra ideia errônea relaciona o decrescimento a uma redução do produto interno bruto (PIB), sem qualquer visão positiva ou ideias alternativas (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017).

Alguns autores argumentam que a crítica ao crescimento não deve ficar em primeiro plano, uma vez que o crescimento econômico não é negativo em si, como no caso das necessidades presentes no Sul Global. Em vez do foco no “menos”, o foco deveria ser em um “mais”, que fosse positivo e desejável (JORDAN, 2017; KNY, 2017; NEUMANN; WINKER, 2017; MASCHKOWSKI et al., 2017). Assim, Embshoff, Müller-Plattenberg e Giorgi (2017) indicam que o foco deveria ser em princípios – como solidariedade, democracia, participação, igualdade e inclusão social –, que complementem construtivamente a perspectiva.

O exame crítico do crescimento econômico é a parte mais avançada do debate acerca do decrescimento (SCHMELZER; VETTER, 2021). Desde os anos 1970, estudiosos de diferentes disciplinas, com diferentes perspectivas e muitas vezes em estreita troca com os movimentos sociais, têm trabalhado no desenvolvimento de uma linha teórica e empírica de argumentação acerca de diferentes aspectos das sociedades modernas (SCHMELZER, 2017). O decrescimento pode assim ser entendido como uma convergência de diferentes vertentes da crítica social e de crescimento que analisa a dinâmica de crescimento nas sociedades modernas a partir de diferentes perspectivas.

Schmelzer e Vetter (2021) distinguem sete vertentes de crítica de crescimento: as críticas ecológica, socioeconômica, cultural, do capitalismo, feminista, do industrialismo, do Sul-Norte. Todas essas formas de crítica desenvolvem argumentos a partir de seus próprios contextos históricos e diferentes contextos sociais, em diferentes níveis, e têm um foco diferente. No entanto, todas as vertentes têm em comum o desejo de desconstruir a crença hegemônica de que o crescimento econômico é algo bom em si mesmo e inquestionável. Todas argumentam contra a lógica e os pressupostos centrais da economia neoclássica ortodoxa e mostram que seres vivos, humanos e não-humanos, se movem em teias complexas de relacionamento.

Embora o decrescimento não possa ser entendido como um movimento de massa, ele encontrou ressonância nos círculos intelectuais e na academia, no Norte Global. Na Universidade de Jena, na Alemanha, há uma faculdade de “Sociedades Pós-Crescimento” financiada pela Fundação Alemã de Pesquisa.

Assim, é inegável que parte significativa do potencial crítico da Alemanha esteja próximo do conceito de decrescimento ou até mesmo seja influenciado por ele.

Isso também pode ser visto em outros países do Norte Global. Entre 2008 e 2021, a Conferência Internacional de Decrescimento para Sustentabilidade Ambiental e Justiça Social foi realizada oito vezes, sempre com milhares de participantes. Ao primeiro encontro em Paris se seguiram os de Barcelona, Montreal, Leipzig, Budapeste, Malmö, Viena e Manchester, juntamente com Haia.

Um primeiro olhar sobre os movimentos, correntes e iniciativas reunidas em torno do tema mostra que o decrescimento tem o potencial de reunir várias perspectivas e debates. O livro “Degrowth in Bewegungs(en)” (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017) lista, conforme consta em seu subtítulo, trinta e dois caminhos alternativos para uma transformação socioecológica. Dentre eles, destacamos “movimento da renda básica para todos”, “movimento de direitos dos animais”, “movimento ambiental”, “movimento de jardinagem urbana” e “movimento anti-carvão”, “bem viver”, “economia do bem comum”, “revolução do cuidado”, “desmonetização”, “soberania alimentar”, “justiça climática”, “economia plural” e “economia solidária”.

Em linhas gerais, defensores da ideia de decrescimento o apresentam justamente como um caminho de transformação em direção a formas de atividade econômica e de auto-organização social com foco no bem-estar de todos e na preservação ambiental.

Assim, o objetivo mais marcante do decrescimento corresponde a encontrar condições que possam criar uma *vida boa para todos*. As seguintes perguntas tornam-se cruciais: “como uma sociedade fundamentalmente melhor poderia ser projetada?”; “o que podemos fazer hoje para chegar lá?”; “que abordagens e estratégias já existem, com as quais podemos aprender?”; e “como as várias alternativas se complementam?” (BURKHART, SCHMELZER; TREU, 2017).

O decrescimento é principalmente um movimento de busca que fornece uma estrutura para vários movimentos alternativos, como um termo guarda-chuva (SCHMELZER; VETTER, 2021). É certo que a redistribuição desempenha

um papel central: o decrescimento “exige uma redução da produção e do consumo nos países industrializados [...] como um meio para alcançar a sustentabilidade ambiental, a justiça social e o bem-estar” (DEMARIA et al. 2013, apud SCHMELZER; VETTER, 2021, p. 148). Prevê-se, portanto, uma economia com estruturas de abastecimento estáveis e nível de consumo relativamente reduzido, sem crescimento do PIB (PAECH, 2019).

No geral, as definições de decrescimento enfatizam o caráter processual e político da transformação necessária e se referem às instituições e valores políticos:

O decrescimento sustentável é um projeto político multifacetado que aspira a mobilizar apoio para uma mudança de direção, no nível macro das instituições econômicas e políticas e no nível micro dos valores e aspirações pessoais. A renda e o conforto material são reduzidos para muitos ao longo do caminho, mas o objetivo é que isto não seja experimentado como perda de bem-estar (KALLIS, 2011, apud SCHMELZER; VETTER, 2021, p. 148).

Neste sentido, ganha destaque a questão da organização social, das instituições sociais e do sistema econômico.

O decrescimento representa uma sociedade com um metabolismo reduzido, mas mais importante, uma sociedade com um metabolismo que tem uma estrutura diferente e cumpre novas tarefas. O decrescimento não requer fazer a mesma coisa em uma escala menor. O objetivo não é tornar o elefante mais magro, mas transformá-lo em um caracol (D'ALISA; DEMARIA; KALLIS, 2016, p. 20).

Em outros termos, trata-se de

moldar as áreas até então dependentes do crescimento das estruturas e instituições de nossa sociedade e economia de tal forma que elas continuem a cumprir suas funções, mas não sejam mais dependentes existencialmente do crescimento econômico (SEIDEL; ZAHRT, 2010, apud SCHMELZER; VETTER, 2021, p. 150).

Outras abordagens enfatizam uma transformação fundamental da sociedade que vai claramente além da independência do crescimento de certas instituições e consiste em uma transformação socioecológica que objetiva uma economia que assegure direitos sociais para todos, sem exceder os limites ecológicos. Uma tal mudança no estilo de vida prevê uma redução democraticamente organizada da produção e do consumo (SCHMELZER; PASSADAKIS, 2011).



Ficam destacados o caráter transformador e a necessidade de mudanças fundamentais na cultura orientada para o crescimento.

O decrescimento representa um caminho de transformação para formas de atividade econômica e (auto-) organização social em que o bem-estar de todos é central e os fundamentos ecológicos da vida são preservados. Isto inclui uma mudança fundamental nas práticas cotidianas de lidar uns com os outros e uma mudança cultural abrangente, bem como limitações de crescimento, concorrência e lucro (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017, p. 108).

Diferentes buscas de solução para a concretização do decrescimento convivem com diferentes direções do debate que, acima de tudo, se sobrepõem em muitos pontos. Schmelzer e Vetter (2021) distinguem cinco correntes que lidam com ideias e visões de transformação, com base no que identificam como sendo os pontos focais centrais de cada corrente: corrente orientada para a instituição, para a autossuficiência, para a economia comum ou alternativa, corrente feminista e corrente capitalista-crítica e de globalização.

Além disso, Schmelzer e Vetter (2021) reúnem os pontos-chave das propostas de definição de decrescimento com as declarações centrais das diferentes correntes de modo a propor três dimensões-alvo que consideram centrais para a compreensão de uma sociedade pós-crescimento que seja suficientemente aberta para incluir diferentes propostas e suficientemente específica para delinear os contornos desse tipo de sociedade. As dimensões-alvo correspondem à possibilidade de justiça ecológica global, fortalecimento da justiça social, permitindo uma boa vida para todos, e independência do crescimento. Consequentemente, trata-se de compreender uma sociedade em processo de transformação democrática.

Complementarmente, Schmelzer e Vetter (2021), seguindo o sociólogo Erik O. Wright, propõem três estratégias de transformação, diferentes e complementares: estratégias de espaço livre (que criam espaços livres de dominação dentro das estruturas existentes que não seguem uma lógica ecológica), reformas sem reforma (que transformam políticas e instituições no nível da sociedade como um todo), e estratégias de construção de contra-hegemonia e contra-poder (que permitem uma ruptura com a lógica de crescimento em setores sociais individuais e regiões, com base em estratégias

parcialmente conflitantes). Assim, a transformação rumo a uma sociedade pós-crescimento precisaria de uma compreensão da interação complementar dos três tipos de estratégias de transformação, sendo importante concentrar-se mais na construção da contra-hegemonia.

Vale destacar o caráter do decrescimento enquanto projeto em construção, que, segundo Muraca, 2017 (apud BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017, p. 9), é permanente. “O decrescimento é muito mais ‘em movimento’ do que um movimento com um caráter claramente definido e estruturas estabelecidas”.

Aberto o debate no Norte Global, acompanhado da concretização de iniciativas conjuntas e paralelas, devemos considerar com mais esperança o futuro da humanidade e do planeta? Qual o papel do Sul Global, que ainda está distante de se permitir parar de crescer, nas discussões acerca de limitação do consumo e da produção? Vários novos questionamentos se abrem quando os resultados do crescimento beneficiam apenas uma parcela da população, mas com o apoio daqueles que são prejudicados pelas decisões tomadas.

3. Dois mundos: decrescimento e relações entre Norte Global e Sul Global

O crescimento econômico no Norte Global está ligado a um status periférico dos países do Sul Global, que servem como fornecedores de matérias-primas e mão-de-obra baratas, caracterizando diferentes formas de exploração, exclusão e hierarquização.

Assim, a corrente teórica do pós-desenvolvimento questiona a ideia de que há um caminho de desenvolvimento universal. Contra isso, argumenta-se que o crescimento e a prosperidade do Norte Global não podem ser entendidos sem o colonialismo e a apropriação e destruição no Sul.

“Civilização”, “desenvolvimento” e “progresso” são invenções do século XX, usadas para criar ou manter relações de dependência (neo-) colonial entre regiões, de forma que modos de vida industrializados e capitalistas possam ser impostos no Sul Global (SCHMELZER; VETTER, 2021).

Já o Iluminismo trouxe consigo a proposta de “melhorar” territórios e povos colonizados caracterizados como “primitivos” e mais tarde desvalorizados por

teorias raciais. Na maioria das discussões em torno do decrescimento, o lado destrutivo do iluminismo e da modernidade no contexto do colonialismo vem à tona (BENDIX, 2017).

Em 1949, o presidente Truman, dos EUA, prometeu às pessoas de regiões subdesenvolvidas do mundo uma integração na economia mundial capitalista e uma consequente melhoria no padrão de vida. Entretanto, esta promessa serviu apenas para legitimar uma estratégia de expansão do Norte Global em direção ao Sul Global. De acordo com Bendix (2017), impor a economia e o modo de vida capitalistas não só é inalcançável para todos (devido, por exemplo, a estruturas globais e limitações ecológicas), como também é indesejável, pois prejudica a diversidade dos modos de vida.

O decrescimento vê alternativas nas tradições e práticas de subsistência das comunidades locais, bem como em movimentos do Sul Global que se opõem às políticas de desenvolvimento (zapatistas, quilombolas, comunidades indígenas etc.).

Como exemplo, o conceito e a prática do Bem Viver, formulado nas últimas duas décadas. O Bem Viver surgiu nos Andes, principalmente na Bolívia e no Equador, mas também no Peru e na Colômbia, enquanto conceito político que se baseia no conhecimento tradicional. Ele está fortemente ligado às visões de mundo, perspectivas e lutas dos grupos indígenas, e representa a inseparabilidade e interdependência das pessoas e da natureza para uma vida em equilíbrio (ACOSTA, 2015), marcada por justiça social e ambiental (TAMBURINI MALLONI, 2011).

De modo semelhante às propostas europeias de decrescimento, o Bem Viver critica tanto as formas capitalistas quanto as socialistas de desenvolvimento, pois ambas se baseiam na destruição social e ecológica. A crítica se baseia em séculos de experiência do colonialismo e se dirige contra toda civilização capitalista com seus pressupostos básicos de progresso, competição, melhoria, racionalização, produtividade ou eficiência, seu antropocentrismo, separando pessoas e natureza, e seu domínio patriarcal profundamente enraizado (BENDIX, 2017).

Em estreita conexão com o Bem Viver, o conceito de pós-extrativismo se desenvolveu a partir das lutas dos últimos vinte anos, dirigidas contra o neo-extrativismo na América Latina. Segundo Acosta e Brand (2018), o conceito de pós-extrativismo é uma condensação da crítica das comunidades afetadas e movimentos sociais e intelectuais frequentemente marginalizados. É uma crítica tanto do neo-extrativismo, quanto do neoliberalismo.

O neo-extrativismo é criticado como uma ideologia e prática ligada às depredações coloniais, relativas à extração de recursos fósseis e minerais, ocorridas desde o início do colonialismo e associada a uma visão hierárquica da natureza como um objeto de exploração. Consequências ecológicas e sociais negativas são cada vez mais ligadas à disseminação de monoculturas, com a conversão da floresta tropical em pastagens de rápida degradação.

Além disso, há uma crítica ao “capitalismo verde” e à valorização da natureza, que nos últimos tempos tem sido dirigida sobretudo contra as tentativas de resolver a crise climática às custas das pessoas no Sul Global. As práticas atuais de compensar as emissões de carbono no Norte Global com economias no Sul Global também contribuem para perpetuar as desigualdades neocoloniais, deslocando as pessoas de seus territórios, além de não protegerem o clima. A “economia verde” e a “economia sustentável” são projetos de dominação que não superam a desigualdade e também oferecem apenas pseudo-soluções para as crises ecológicas (BRAND, 2017).

Por fim, vale destacar o conceito de “sociedade da externalização”. Nos últimos anos, foram publicadas análises feitas no contexto do debate acerca do decrescimento, que destacam críticas ao colonialismo e ao capitalismo, focalizando a produção e o estilo de vida dos países do Norte Global, com sua produção de crescimento e riqueza local e de destruição ecológica e pobreza no Sul Global (LESSENICH, 2016).

A externalização é uma característica estrutural indispensável do capitalismo moderno, que depende não apenas da incorporação contínua de um “exterior” (mão-de-obra barata), mas também da terceirização dos custos. As assimetrias globais de poder e as relações de exploração, socialmente estabilizadas pelo hábito de externalização das pessoas nos países ricos, estão

na base da noção de sociedade da externalização (LESSENICH, 2016). Em outros termos, a prosperidade e o estilo de vida no Norte Global foram sistematicamente realizados por meio da externalização dos custos sociais e ecológicos, tanto historicamente como hoje.

Além disso, por meio de práticas socialmente generalizadas de “não querer saber”, os processos de externalização e a violência estrutural associada são sistematicamente ocultados e projetados sobre outros, conforme Johan Galtung (GALTUN, 1975; GOLDSTEIN, 2019). No entanto, diante das mudanças climáticas e dos crescentes movimentos de fuga e migração no Sul Global, efeitos negativos podem ser observados no Norte Global. A sociedade da externalização está sendo cada vez mais confrontada com as consequências de seus próprios atos.

Por fim, diferentes perspectivas da crítica em torno de relações entre o Norte e o Sul Global desempenham um papel central na discussão de decrescimento. Entretanto, fica ressaltado o risco de atitudes acríticas no discurso pós-desenvolvimento, em relação às comunidades locais e tradições culturais do Sul Global, legitimarem as formas tradicionais de dominação. Além disso, críticas culturais irrefletidas acerca de formas estatais de organização e bem-estar social podem encorajar uma legitimação cínica do neoliberalismo. Também é importante não perder de vista uma análise de classe ao investigar relações hierárquicas e de exploração entre centros e periferias para não considerar sociedades inteiras de modo generalizado como categorias centrais de análise (SCHMELZER; VETTER, 2021).

4. Considerações finais

Ao contrário do dogma neoliberal, segundo o qual não há alternativas para o modelo socioeconômico atual, fica claro que inúmeras propostas já existem e muitas outras podem surgir. Os diferentes movimentos, correntes e iniciativas comprometidos com essas alternativas estão surgindo em cada vez mais lugares, em projetos que são colocados em prática e mesmo em lutas sociais.

O decrescimento reúne propostas que têm em comum a demanda por uma mudança de paradigma. Ele exige um afastamento do foco exclusivo na

competição, no lucro e na exploração, em direção a mais cooperação, solidariedade e orientação para necessidades concretas. Em outros termos, ele representa um espaço de ação e discussão sobre uma vida e uma economia diferentes, socialmente justas e ecologicamente sustentáveis.

Em linhas gerais, os seres vivos não podem ser apreendidos adequadamente através de relações exclusivamente econômicas. Pelo contrário, uma lógica econômica obscureceria, em vez de explicar, as relações sociais e socioecológicas. A crítica fundamental que o decrescimento traz consigo é, portanto, da absolutização e racionalidade abstrata do crescimento e da orientação para o crescimento, ou do fato de que redes complexas de relações e interesses são substituídas por um número que pretende ser totalmente determinante: o PIB (SCHMELZER; VETTER, 2021).

Assim sendo, o decrescimento é muito mais do que apenas uma crítica ao crescimento. Como o termo a ele equivalente, *pós-crescimento*, deixa claro, um ponto central é a visão de uma nova sociedade, que atingiu um excelente patamar de crescimento e optou por não crescer mais.

Em resposta à nossa pergunta norteadora pode ser destacado que justiça social em nível mundial e a sobrevivência do planeta poderiam ser favorecidas pela concretização de propostas de decrescimento. No entanto, isso exigiria uma revisão em diferentes níveis, em se tratando do Norte Global, como aqui foi destacado. Mudanças também precisariam ocorrer no Sul Global, para que as ações que sustentam um decrescimento em alguns países não necessariamente se deparasse com um crescimento acrítico, opressor e destruidor, em outros.

Objetivamos refletir acerca do conceito de decrescimento em meio a controvérsias e a movimentos que representam tentativas de transformação social. Em uma sociedade como o Brasil, que dá tão pouco crédito a direitos humanos e ao equilíbrio ambiental, há muito o que refletir. Podemos não causar destruição na proporção que causa o Norte Global, com os impactos que geram sobre os países pobres de forma a se manterem em situação de crescimento. No entanto, a busca de revisão de medidas adotadas pelos países ricos, visando o equilíbrio em suas mais diversas formas, não exime o Sul Global do

compromisso com medidas de crescimento compatíveis com justiça social e ambiental.

5. Referências

ACOSTA, Alberto. *Buen vivir*. Vom Recht auf ein gutes Leben. München: Oekom, 2015.

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. *Radikale Alternativen*. Warum man den Kapitalismus nur mit vereinten Kräften überwinden kann. München: Oekom, 2018.

BARTH, Jonathan; GRAN, Christoph; EGAN-KRIEGER, Tanja von. Plurale Ökonomik als wesentliche Voraussetzung für die wirtschaftswissenschaftliche Bearbeitung von Degrowth. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 272-283.

BENDIX, Daniel. Post-Development: Beim globalen Umgang mit dem kolonialen Erbe geht es um mehr als Wachstumskritik. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 284-295.

BERNAU, Olaf. Flucht- und migrationspolitische Bewegung: Vom Kampf um gleiche Rechte zur Kritik an wachstumsbezogenen Ursachen von Flucht und Migration. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation,. München: Oekom, 2017, p. 140-153.

BOCCATO-FRANCO, Alan Ainer. Decrescimento em dez perguntas: perspectivas para o debate social, econômico e ambiental. *Ambiente & Sociedade*, v. 16, n. 3, p. 145-150, 2013.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. *Imperiale Lebensweise*: zur Ausbeutung von Mensch und Natur im globalen Kapitalismus. München: Oekom, 2017.

BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina. *Degrowth in Bewegung(en)*. 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017.

D'ALISA, Giacomo; DEMARIA, Federico; KALLIS, Giorgos. *Degrowth*: Handbuch für eine neue Ära. München: Oekom, 2016.

EMBSHOFF, Dagmar; MÜLLER-PLATTENBERG, Clarita; GIORGI, Giuliana. Solidarisches Ökonomie: Initiativen, Ketten und Vernetzung zur Transformation. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation, München: Oekom, 2017, p. 344-355.

FLEMMING, Jana; REUTER, Norbert. Gewerkschaften: Wer kann es sich leisten, zu verzichten? In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 188-199.

GALTUNG, Johan. *Strukturelle Gewalt*. Beiträge zur Friedens- und Konfliktforschung. Reinbek: Springer, 1975.

GOLDSTEIN, U. *Strukturelle Gewalt nach Johan Galtung*. München: Grin, 2019.

JORDAN, John. Artivism: Degrowth mit Fantasie beleben. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 46-57.

LESSENICH, Stephan. *Neben uns die Sintflut*. Die Externalisierungsgesellschaft und ihr Preis. München: Hanser Berlin, 2016. KNY, Josefa. FUTURZWEI: Gelebte Geschichten einer anderen Wirklichkeit erzählen. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*. 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 166-175.

MASCHKOWSKI, Gesa et al. Transition-Initiativen: Vom Träumen, Planen, Machen und Feiern des Wandels, den wir selbst gestalten. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 368-379.

MITLIN, Diana; SATTERTHWAITE, David. *Urban poverty in the global South – scale and nature*. Londres: Routledge, 2012.

NEUMANN, Matthias; WINKER, Gabriele. Care Revolution: Ressourcen für Sorgearbeit erkämpfen. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en)*: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 84-95.

ODEH, Lemuel Ekedegwa. A comparative analysis of global north and global south economies. *Journal of Sustainable Development in Africa*, v. 12, n. 3, p. 338-348, 2010.

PAECH, Niko. *Befreiung vom Überfluss: auf dem Weg in die Postwachstumsökonomie*. 11 Ed. München: Oekom, 2019.

RÄTZ, Werner; PATEMOGA, Dagmar. Attac: Eine ganz andere Welt ist möglich! In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en): 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation*. München: Oekom, 2017, p. 58-69.

SCHMELZER, Matthias. Wachstum und Wohlfahrt. Eine zwiespältige Allianz. 29. Jan 2017. *Geschichte der Gegenwart*. Disponível em: <https://geschichtedergegenwart.ch/wachstum-und-wohlfahrt-eine-zwiespaeltige-allianz/>. Acesso em: 5 set. 2022.

SCHMELZER, Matthias; PASSADAKIS, Alexis. *Postwachstum: Krise, ökologische Grenzen und soziale Rechte*. Hamburg: VSA, 2011.

SCHMELZER, Matthias; VETTER, Andrea. *Degrowth/Postwachstum zur Einführung*. Hamburg: Junius, 2021.

STELLMACHER, Michael; BRECHT, Norma. Recht auf Stadt: Degrowth in Boomtowns oder das gute Leben in der Stadt für alle. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). *Degrowth in Bewegung(en): 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation*. München: Oekom, 2017, p. 332-343.

TAMBURINI MALLONI, Leonardo. El movimiento indígena originario. Su rol en la construcción de la sociedad y el Estado boliviano. In: OPN – UARGM. *El Estado Plurinacional Autnómico*. Alcances y límites. Santa Cruz: OPN - UARGM, FBDM, UARGM, 2011.

**HUMBERTO DE CAMPOS:
JORNALISTA E POETA NA BELÉM DA BELLE ÉPOQUE ¹**

**HUMBERTO DE CAMPOS:
JOURNALIST AND POET IN BELÉM OF BELLE ÉPOQUE**

**HUMBERTO DE CAMPOS:
PERIODISTA Y POETA EN BELÉM DE LA BELLE ÉPOQUE**

Luis Fernando Ribeiro Almeida²
José Guilherme de Oliveira Castro³

Resumo

O escritor maranhense Humberto de Campos (1886-1934), assim como muitos jovens de sua geração, foi em direção à região amazônica, motivado, sobretudo, pela crença da prosperidade, advinda da riqueza gerada pela economia da borracha. Sendo o espaço amazônico múltiplo, quer seja em sua biodiversidade, quer em sua formação humana, é comum, tanto em narrativas ficcionais quanto no traçado mais memorialístico, a descrição da paisagem local adornada, por um lado, pelo exotismo, e, por outro, pelas aproximações entre a floresta e a cidade. Nessa perspectiva, este artigo discute as impressões de Humberto de Campos sobre o espaço amazônico, especificamente, sobre a cidade de Belém (PA), a partir do exame do que o escritor deixou registrado em suas Memórias. De modo geral, a partir da “lente” humbertiniana, foi possível observar o reflexo da economia gomífera nas transformações urbanísticas da capital paraense, notadamente no primeiro decênio dos anos 1900.

Palavras-chave: Amazônia; Espacialidades; Ciclo da borracha. Interdisciplinariade.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 06 – Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Professor da rede pública de ensino no estado do Maranhão. E-mail: profalmeidafernando@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9580-6231>.

³ Doutor em Letras (PUC/RS). Universidade da Amazônia – UNAMA. E-mail: jgpsico.letras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3602-7734>

Abstract

The writer from Maranhão Humberto de Campos (1886-1934), like many young people of his generation, headed towards the Amazon region, motivated, above all, by the belief in prosperity, arising from the wealth generated by the rubber economy. As the Amazonian space is multiple, whether in its biodiversity or in its human formation, it is common, both in fictional narratives and in the more memorialistic layout, to describe the local landscape adorned, on the one hand, by exoticism, and, on the other, by the approximations between the forest and the city. In this perspective, this article discusses the impressions of Humberto de Campos on the Amazonian space, specifically, on the city of Belém (PA), from the examination of what the writer left recorded in his Memoirs. In general, from the Humbertinian “lens”, it was possible to observe the reflection of the rubber economy in the urban transformations of the capital of Pará, notably in the first decade of the 1900s.

Keywords: Amazon; Spatialities; Rubber cycle. Interdisciplinarity

Resumen

El escritor maranhense Humberto de Campos (1886-1934), como muchos jóvenes de su generación, se dirigió hacia la región amazónica, motivado, sobre todo, por la creencia en la prosperidad, proveniente de la riqueza generada por la economía del caucho. Como el espacio amazónico es múltiple, ya sea en su biodiversidad o en su formación humana, es común, tanto en las narrativas ficcionales como en el trazado más memorialístico, describir el paisaje local adornado, por un lado, por el exotismo, y, por otro, por las aproximaciones entre el bosque y la ciudad. En esa perspectiva, este artículo discute las impresiones de Humberto de Campos sobre el espacio amazónico, específicamente, sobre la ciudad de Belém (PA), a partir del examen de lo que el escritor dejó registrado en sus Memorias. En general, a partir del “lente” humbertiniano, fue posible observar el reflejo de la economía del caucho en las transformaciones urbanas de la capital de Pará, notablemente en la primera década del 1900.

Palbras-clave: Amazonia; Espacialidades; Ciclo de goma. Interdisciplinariedad

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Brasil, muitos foram os autores que escreveram sobre diferentes aspectos desse imenso território: cultura, comportamentos, modelos sociais, paisagem etc. Nesse pormenor, o escritor maranhense Humberto de Campos, assim como muitos jovens de sua geração, qual seja os

primeiros anos do século XX, foi em direção à região amazônica em busca de prosperidade, muito em decorrência do comércio aquecido por conta da economia da borracha. Nessa perspectiva, este artigo discute as impressões de Humberto de Campos sobre o espaço amazônico, especificamente, sobre a cidade de Belém (PA), a partir do exame do que o escritor deixou registrado em seus suas *Memórias (1866-1900)* e *Memórias inacabadas*.

Este trabalho está dividido em dois momentos: de início, tecemos considerações sobre dados da vida e da obra de Humberto de Campos, com destaque para o período em que morou na cidade de Belém (PA), qual seja os primeiros anos do século XX, apogeu da economia da borracha na região; já o segundo momento está reservado à observação de espaços da capital paraense, via a escrita memorialística do autor.

2. HUMBERTO DE CAMPOS: DO NASCIMENTO ÀS PARAGENS AMAZÔNICAS

Humberto de Campos (Humberto de Campos Veras) nasceu na cidade de Miritiba,⁴ interior do Maranhão, no dia 25 de outubro de 1886, e morreu no Rio de Janeiro, Capital Federal, no dia 5 de dezembro de 1934.⁵ Humberto de campos nasceu em um contexto bem peculiar da história do Brasil: a abolição da escravatura e o fim do império. Dois anos após seu nascimento, em maio de 1888, a Princesa Isabel, então regente do Império, assinou a *Lei Áurea*, que acabava com a escravidão no Brasil; já em novembro de 1889, por meio de um golpe militar, instaurava-se o regime republicano no território brasileiro, pondo fim à monarquia de D. Pedro II. Humberto de Campos era filho de Joaquim Gomes de Farias Veras e de Ana de Campos Veras, conhecida como Dona Anica.

⁴ A cidade de Miritiba está inserida no espaço geográfico do movimento da *Balaçada* (1838-1841), revolta provincial ocorrida durante o *Período Regencial* (1831-1840).

⁵ Em 1928, Humberto de Campos foi diagnosticado com hipertrofia da hipófise, doença degenerativa que causa inchações, deformidades, paralisia, surdez e cegueira. Depois de anos de sofrimento, Humberto de Campos morre no dia 5 de dezembro de 1934, aos 48 anos, decorrente de uma parada cardíaca, após uma cirurgia.

Dividindo a infância e o início da juventude entre São Luís do Maranhão, terra natal de seu pai, e a pacata cidade de Parnaíba, no Piauí, berço de sua mãe, em 1903, Humberto de Campos parte para o Pará. Assim como muitos jovens de sua geração, o jovem Humberto foi em direção à região amazônica, motivado, sobretudo, pela crença na prosperidade, advinda da riqueza gerada pela economia da borracha. Vejamos como Humberto de Campos conta, em suas *Memórias*, o que representou o período áureo da borracha no imaginário dos jovens de sua geração:

Ter um tio no Pará era, então, em todo o Meio Norte, o mesmo que possuir, feita, metade da fortuna [...] O tio do Pará era, sempre, um tio de Nova York ou da Califórnia. Aos olhos de um nordestino, valia mais ser mendigo em Belém ou em Manaus, do que fazendeiro no Ceará ou usineiro em Pernambuco. E o meu tio Antoninho vinha do Pará. Vinha, e trazia fraque e chapéu-coco, e um guarda-chuva de seda. De cabo de prata. (CAMPOS, 2009, p.296-297).

Neste ponto, cabe fazer uma pequena exposição do que representou a economia da borracha para a história do pensamento amazônico. No percurso da historiografia da Amazônia, uma página singular merece destaque, não só pelo efeito que tivera em âmbito local, mas em suas repercussões para além das fronteiras nacionais: esse capítulo foi intitulado de *Ciclo da Borracha*. Esse fausto episódio tem uma trajetória que remonta à segunda metade do século XIX, até meados de 1910, quando essa matéria-prima passou a ser produzida em território asiático, quebrando o monopólio amazônico.

2.1 A Amazônia e a economia gomífera

Falar sobre o contexto histórico da passagem de Humberto de Campos pela Amazônia é voltar o olhar para um momento histórico importante na região: período da *Belle Époque*, expressão francesa traduzida como “bela época”, período compreendido entre fins da década de 1870 até o romper da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Nesse intervalo de tempo, certo espírito de prosperidade e paz reinava sobre os países europeus, ladeados pelo desenvolvimento tecnológico-científico, o crescimento dos meios de transporte, bem como o alvorecer do cinema. Todas essas transformações mudaram o

comportamento dos sujeitos, influenciando a arte e a cultura. Para Hobsbawm, em *A era dos impérios 1875-1914*, durante esse período da história, “os dirigentes da maioria dos países ocidentais, embora preocupados talvez com o futuro, não estavam com medo do presente.” (HOBBSAWM, 2017, p. 422).

Do outro lado do Atlântico, no Brasil, esse período coincidiu com a queda do regime monárquico e a instauração da República. O novo regime, gestado sob os ideais positivistas, busca, de certa forma, incorporar na sociedade brasileira as ideias de avanço civilizatório. Segundo Del Priore e Venancio (2016), a passagem do século XIX para o século XX foi marcado por uma visão otimista do presente e do futuro, sendo que no Brasil, passou-se a seguir a “moda europeia”, não só no ambiente doméstico, mas incorporando-se nas políticas públicas.

Em relação à região Norte do Brasil, esse período teve como “enredo” a grande procura pelo látex, extraído da *hevea brasiliensis* (nome científico da seringueira), uma vez que a indústria automobilística necessitava basicamente de duas matérias-primas para o motor de combustão interna: o petróleo e a borracha. Assim, instaurava-se o que ficou conhecido como *Ciclo da Borracha*. A borracha, por sua vez, ainda no trabalho de Hobsbawm (2017, p. 103), era “um produto exclusivamente tropical, extraída com uma exploração atroz de nativos nas florestas equatoriais do Congo e da Amazônia, alvo de protestos anti-imperialistas precoces e justificados”.

A riqueza gerada por essa matéria-prima favoreceu um desenvolvimento importante na região, principalmente nos grandes centros: Manaus e Belém. Toda essa atenção voltada para a borracha, o “ouro negro” da Amazônia, também tem sua explicação na razão do crescimento do mercado internacional de produtos primários, no bojo de uma espécie de *boom* econômico, onde o tom da prosperidade passeava como protagonista, no lugar de um tom de depressão. (HOBBSAWM, 2017).

Em trabalho sobre esse “ciclo” econômico, Souza (1999, p. 15, grifo do autor), acertadamente, aponta que “O Amazonas nunca mais seria tão alucinado quanto durante o *ciclo da borracha*”. Um exemplo dos efeitos dessa abundância pode ser verificado na arquitetura, com a construção de grandes

edificações, a exemplo do Teatro Amazonas, em Manaus, e os casarões do centro de Belém. Esse certo estado de “empolgação” amazônica foi bem registrado pelo escritor De Campos Ribeiro, na crônica *Prático do Purus*, um dos textos da obra *Gostosa Belém de outrora*. Com uma ironia peculiar, o escritor retrata as extravagâncias do período:

A conquista do Acre e muito mais o fastígio da borracha, ao tempo chamado “ouro negro”, deram a Manaus e Belém, com predominância desta em veleidades de Paris tapiocana, os dias, ou melhor dito, as noites famosas de caricatural “Belle Époque”.

Já estafantemente recantadas foram as esbórrias no “Moulin-Rouge” indígena, com cancanistas de contrafação e maxixeiros autênticos, sobretudo nos episódios que tanto embasbacavam os escribas, das “cocotes” de importação, todas “francesas”, acendendo, em velas ou candeeiros, com cédulas de quinhentos bagarotes, os “havanás” de baludos coroneis seringueiros...

Verdade que os ricos da terra, se praticavam, embora que de socapa, com as “madamas” de evidente duvidança quanto à origem na distante Lutécia, na realidade empavonavam-se em farpelas de “tailleurs” parisienses, lenços metidos nos punhos duros de goma, empapados de extrato “Flor de Amor” ou “Coração de Joazinha”, legítimos da “Cidade Luz”... (DE CAMPOS RIBEIRO, 2005, p. 85).

Das irônicas palavras de De Campos Ribeiro, destaca-se o caráter pitoresco dos costumes de uma Amazônia que, como um decalque europeu, à moda tupiniquim, era a imagem da opulência tropical. Nesse sentido, o fluxo de pessoas para a região criou uma atmosfera cosmopolita, pois indivíduos de diferentes espaços coabitavam. Em relação a esse movimento populacional, Souza (1999, p. 17) afirma: “No fim do século XIX, centenas de aventureiros chegavam como deportados, e a mão de obra do nordestino começava a ser desviada para os seringais”.

Os novos contornos comerciais da Amazônia na *Belle Époque*, e o seu contexto do Ciclo da Borracha, fomentaram o desenvolvimento de uma organização de trabalho, uma espécie de “regime feudal”. Essa forma de exploração pode ser entendida como uma *Belle Époque* às avessas, na medida em que não havia nada de *belle*, visto que a degradação no interior da floresta amazônica configurava-se como uma espécie de prisão, ou para usar um termo de Euclides da Cunha, uma “prisão celular”.

Para Daou (2004) os seringais e seus trabalhadores corresponderam a uma página singular na região, tanto em decorrência do alargamento da área de atuação dos mercados europeus, por volta dos anos finais do século XIX, quanto pelo aumento no consumo, propiciado pelo ‘sonho’ de um período de constante prosperidade. Todavia, é importante destacar que todo esse crescimento da região não foi suficiente para “à modificação das miseráveis condições de vida dos seringueiros que extraíam a borracha no interior” (FAUSTO, 2015, p. 251). No que diz respeito à penetração do novo sistema econômico da borracha na cidade de Belém, Márcia Nunes (2017), em sua tese *Rumo ao Boulevard da República: entre a cidade imperial e a metrópole republicana*, destaca que “as mudanças econômicas transformaram Belém em centro de negócios e, ao mesmo tempo, em local de residência e convívio da classe alta e da ampla classe média.” (NUNES, 2017, p. 231).

3. HUMBERTO DE CAMPOS NA BELÉM DA BELLE ÉPOQUE

Bem, foi justamente nesse contexto peculiar da história da Amazônia, que o adolescente Humberto de Campos aporta em Belém. Na capital paraense, consegue emprego como auxiliar de escritório na firma *Montenegro e Cia*. Segundo Benício Medeiros, na obra *Humberto de Campos: cadeira 20, ocupante 3*, o escritor maranhense

de chapéu de palha e roupas quase andrajosas, viaja a cavalo, durante dois anos ou mais, pelo sul do Amazonas, percorrendo os seus grandes rios — Madeira, Purus, Juruá — e impressionando-se com o esquema de exploração imposto pelos donos das terras aos seringueiros (MEDEIROS, 2010, p. 24).

A esse respeito, podemos considerar a vivência de Humberto de Campos pelo interior amazônico como importante para o que viria escrever depois. À guisa de exemplificação, destacam-se os contos de temática amazônica contidos em *O Mostro e outros contos*, como a narrativa *O Seringueiro*; além dos poemas que tomam o espaço amazônico como inspiração, a exemplo dos sonetos do conjunto *Símbolos selvagens*, da obra *Poeira 1ª Série*.

Em Belém, Humberto de Campos escrevia poemas, sonetos em sua maioria, encarnando o espírito *neoparnasiano*, assinando ao lado do nome como *Helios*, fato que pode ser verificado em edição da *Revista do Norte*, de novembro de 1905 (número 3). O citado pseudônimo de Humberto de Campos é mencionado por Brito Broca, em seu importante trabalho *A vida literária no Brasil – 1900*. Pela data, Humberto de Campos contribuía com a revista estando em suas andanças pelo interior da Amazônia.

Em 1908, é contratado para administrar seringais na região do Mapuá, no Baixo Amazonas. Essa experiência nos seringais representou uma página particular na vida de Humberto de Campos. Em seu estudo biográfico, Benício Medeiros afirma:

Humberto de Campos começa a pensar numa grande obra, que jamais viria à luz, denunciando o drama daqueles trabalhadores da floresta que, como constatou, viviam em condição desumana e praticamente escravizados pelos patrões, a mais de uma década da Abolição (MEDEIROS, 2010, p. 25).

Neste particular, cabe a observação que o desejo de Humberto de Campos de escrever sobre o drama dos seringais tem paralelo com o que desejava Euclides da Cunha, que, em cartas a amigos, indicou a vontade de escrever *Um Paraíso Perdido*, a fim de, tal qual o fizera em *Os Sertões*, denunciar outro tipo de “guerra”, agora no interior da floresta. Após seu período de trabalho nos seringais e padecendo de males (paludismo, fígado inflamado, neurastenia e asma), viaja para tratamento de saúde. Em estado melhor, volta para Belém.

Nessa sua segunda volta à capital paraense, começa a exercer a função de jornalista. De início, trabalha como revisor no jornal *Notícias*. Com a ajuda do amigo José Chaves, funda a revista *Alma Nova*. Sobre a experiência na redação do *Notícias*, assim conta em suas *Memórias*: “A vida, na redação do *Notícias*, diário paraense em perpétua agonia, era uma espécie de campeonato de resistência à fome, em que entravam todos os trabalhadores do jornal” (CAMPOS, 2009, p. 356).

Em 1909, aos 23 anos, começa a trabalhar na *Folha do Norte*. Foi justamente nesse periódico que Humberto de Campos publica seus primeiros

poemas e artigos, textos que eram enviados durante suas andanças pelo interior da Amazônia. A passagem de Humberto de Campos na *Folha do Norte* é comprovada a partir da segunda reportagem do periódico maranhense *Pacotilha*, em edição de 16 de julho de 1909, em que se destaca uma “resenha”, por parte do maranhense, ao livro *Os Novos Atenienses*, de Antonio Lobo: “Na Folha do Norte, do Pará, de 28 de junho passado, o distinto jornalista e poeta maranhense Humberto de Campos ocupa-se do último livro de Antonio Lobo”.⁶

Por influência do político paraense Antônio Lemos (Conselheiro Lemos), Humberto de Campos torna-se editor do importante periódico *A Província do Norte*. Ainda pelas mãos de Antônio Lemos, então intendente de Belém, Humberto de Campos ingressa na política. Nesse período, publica seu primeiro livro de poemas *Poeira* (1910). Em Belém, conhece sua futura esposa, Catarina Vergolino. Humberto de Campos casa-se e tem três filhos.

Todavia, a Belém de Antonio Lemos, no período áureo da borracha na Amazônia, não durou muito. Assim como as sociedades europeias viram o período da *Belle Époque* ser consumido pelos horrores Primeira Guerra Mundial, os grandes seringalistas e toda a cadeia produtiva da borracha brasileira, das empresas exportadoras até a mão de obra nordestina (os seringueiros) presenciaram a queda no preço dessa mercadoria, em consequência da entrada no mercado internacional da borracha produzida na Ásia.

A explicação para essa mudança nas relações econômicas com o Brasil repousa em uma ação do inglês Henry Wickman que em 1876 conseguiu tirar da Amazônia um grande número de sementes da *hevea brasiliensis* (seringueira), que foram implantadas no Ceilão e da Malásia. Segundo Ariadne Araújo (2015), em *Soldados da borracha: os heróis esquecidos*, “a borracha produzida nas colônias inglesas não tinha a mesma qualidade que a brasileira, mas inundou o mercado comprador com quantidades e preços imbatíveis” (ARAÚJO, 2015, p. 39), fato que contribuiu para a crise econômica na região amazônica.

⁶ Pacotilha – Jornal da Tarde. Ano XXIX. Número 166, p. 1. Sexta-feira, dia 16 de julho de 1909.

Nesse contexto, em 1912, em face da crise da borracha, Antônio Lemos é deposto pelos seus adversários. Humberto de Campos, assim como todos os “apadrinhados” do Conselheiro, sofrem duras perdas. Depois de quase uma década na Amazônia, Humberto de Campos, em 1912, embarca para o Rio de Janeiro. Todavia, como observamos em seus contos e poemas de temática amazônica, o escritor maranhense soube bem guardar as lembranças de suas experiências pelos seringais, bem como todo o universo mítico da região.

3.1 Os espaços de Belém da Belle Époque pelas memórias de Humberto de Campos

O escritor maranhense Humberto de Campos, como pontuado, teve a oportunidade de vivenciar uma Belém do Pará em plena época da *Belle Époque*. Todo esse cenário serviu de matéria-prima para a escrita memorialística de Humberto de Campos. Em seu livro *Memórias* (1866-1900) e nos escritos de suas *Memórias inacabadas*, a região amazônica é um dos temas apresentados pelas reminiscências do autor. Para Le Goff (1996, p. 423) a memória pode ser entendida como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Dessa maneira, é na memória “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1996, p. 477). Isto posto, Humberto de Campos, valendo-se da escrita memorialística, volta à cidade de Belém, no horizonte de suas experiências advindas dos sentidos, ao modo de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa: “E os meus pensamentos são todos sensações”. (CAEIRO, 1981, p.235).

Assim sendo, se situarmos Humberto de Campos em uma Belém que segue em passos largos o processo de urbanização, movimento tributário do período áureo do ciclo da borracha, iremos observar a força do comércio local, tendo por cenários pontos comumente conhecidos da cidade, a exemplo do Ver-o-Peso e da Catedral da Sé.

Vejamos a descrição dos espaços da Belém da primeira década do século XX, na perspectiva memorialística de Humberto de Campos:

I. Região da Praça Batista Campos

“O velho Raimundo Lobo morava, em Batista Campos, acima da praça deste nome, isto é, em uma das extremidades da cidade. Para ir de Ver-o-Peso à sua residência, tinha-se que atravessar Belém de lado a lado.” (CAMPOS, 2009, p. 363).

II. Sobre as ruas da região central de Belém:

“[...] Subi a Travessa Marquês de Pombal. Subi a Pedro Raiol. Saí no Largo da Sé. O jardim estava deserto. Em frente, erguia-se a catedral, vetusta, severa, imponente”. (CAMPOS, 2009, p. 360).

“Na água-furtada do pequeno sobrado da Travessa Marquês de Pombal, à doca do Ver-o-Peso, em cujo andar térreo zumbiam as moscas nas prateleiras vazias de R.S. Lobo & Cia., firma em que meu tio era guarda-livros, residiam três estudantes, caricatura melancólica e faminta dos três mosqueteiros” (CAMPOS, 2009, p. 362).

III. Sobre a região do Reduto:

“[...] local em que eram numerosas as casas comerciais, cada uma com a sua trompa estrondante [Humberto de Campos refere-se ao gramofone], via-me obrigado a dar grandes voltas pelas ruas centrais do bairro, para ir tomar o bonde alguns quarteirões adiante” (CAMPOS, 2009, p. 259).

IV. Sobre o Ver-o-Peso:

“Certa manhã, tendo regressado do *Notícias* pela madrugada, não pude dormir um só instante, com fome. Tinham-me faltado, nesse dia, como em muitos

outros, os trezentos réis para o café com pão dos canoeiros, vendidos em carrocinhas, na doca do Ver-o-Peso” (CAMPOS, 2009, p. 360).

A partir das passagens citadas, observamos a descrição pormenorizada dos espaços da cidade de Belém. Assim, no que diz respeito à ideia de espaço, ele, juntamente com o tempo, representa uma categoria importante para a relação homem x universo. Dessa consideração, desponta uma primeira reflexão: é no/pelo espaço que o ser humano localiza-se do ponto de vista territorial. E, nesse sentido, o território pode ter dimensões urbanas, rurais, público, privado, com indivíduos que podem compartilhar, ou não, a mesma língua, cultura, ideologias, enfim, falar em espaço é localizar o ser humano no “aqui”.

Dessa forma, alinhando-se às discussões sobre a experiência de Humberto de Campos no espaço amazônico, Lucrécia Ferrara (2018), em texto *Espacialidades do espaço*, afirma que o espaço conhecido — aquele localizado no horizonte de idas e vindas do indivíduo — é fruto da proporção e da construção, ou seja, entre composição e reprodução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o espaço amazônico múltiplo, quer seja em sua biodiversidade, quer em sua formação humana, é comum, tanto em narrativas ficcionais quanto no traçado mais memorialístico, a descrição da paisagem local adornada, por um lado, pelo exotismo, e, por outro, pelas aproximações entre a floresta e a cidade. Isto posto, o escritor maranhense Humberto de Campos, quando teve a oportunidade de experienciar o cenário amazônico, em um contexto histórico bem pontual: o ciclo da borracha, pôde, acompanhar a “remodelação” de uma cidade que acompanhava os “ventos” civilizatórios apregoados pela ideologia da *Belle Époque*. Assim, cabe considerar o espaço urbano de Belém como a forma mais sublimada da tentativa de urbanização à moda tropical, na primeira década do século XX.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Humberto de. *Memórias e Memórias inacabadas*. São Luís: Instituto Geia, 2009.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. *De “Cativo” a “Liberto” – O processo de constituição sócio-histórica do seringueiro no Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2011.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DE CAMPOS RIBEIRO. *Gostosa Belém de outrora*. Belém: SECULT, 2005.
DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira – vol. 3: República – Memórias (1889- 1950)*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio (Org). *Espaços Comunicantes*. São Paulo: AnnaBlume, 2018.

GIANNOTTI, Carlos Ugo. *A saga dos soldados da borracha: o Brasil na II Guerra Mundial – Memória & História*. Goiânia: Kelps, 2014.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. 24. ed. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MEDEIROS, Benício. *Humberto de Campos: cadeira 20, ocupante 3*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. *Rumo ao Boulevard da República: entre a cidade imperial e a metrópole republicana*. Tese.Doutorado. História. UFPA, 2017.

SOUZA, Márcio. *Silvino Santos: o cineasta do ciclo da borracha*. Rio de Janeiro: Funarte, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão [et. al]. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

CAEIRO, Alberto. O Guardador de rebanhos. In: TUFANO, Douglas. *Estudos de literatura portuguesa*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981.



IMPACTOS DA DICOTOMIA SOCIAL ENTRE PENSAR E AGIR SOBRE MÃES ADOLESCENTES: UMA PESQUISA DE CAMPO MEDIADA PELA INTERNET ¹

IMPACTS OF THE SOCIAL DICHOTOMY BETWEEN THINKING AND ACTING ON TEENAGE MOTHERS: AN INTERNET- MEDIATED FIELD RESEARCH

IMPACTOS DE LA DICOTOMÍA SOCIAL ENTRE PENSAR Y ACTUAR EN LAS MADRES ADOLESCENTES: UNA INVESTIGACIÓN DE CAMPO MEDIADA POR INTERNET

Rosiana Silva da Silva²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

A gravidez na adolescência gera riscos de diferentes ordens à gestante. Ainda que combatida verbalmente, o número de adolescentes grávidas no Brasil permanece alto, o que parece indicar a presença de contradições na concretização de valores aparentemente compartilhados. Este estudo de campo mediado pela internet objetiva analisar impactos da dicotomia social entre pensar e agir sobre mães adolescentes. Quinze mulheres que se tornaram mães durante a adolescência responderam a um questionário online e por meio da utilização de metodologia de análise de conteúdo, três categorias de análise foram criadas: “orientação referente à prevenção da gravidez”, “apoio e críticas diante da gravidez” e as “consequências da gravidez”. Verificamos que a dicotomia socialmente compartilhada entre o pensar e o agir acerca da sexualidade na adolescência interfere negativamente sobre as causas e as consequências da maternidade precoce, sendo provavelmente repassada à geração seguinte.

Palavras-chave: gravidez; adolescência; sexualidade; pesquisa mediada pela internet

Abstract

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar nome do Simpósio para qual o trabalho será submetido – ver anexo II] do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Estudante de graduação do curso de Psicologia da UNAMA e bolsista do Programa de Iniciação Científica (2021/2022). E-mail: psicologia.r.2020@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3037-2473>.

³ Doutora em Psicologia pela UFPA e professora permanente do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>.



Adolescent pregnancy generates risks of different orders for the pregnant woman. Although verbally combated, the number of pregnant adolescents in Brazil remains high, which seems to indicate the presence of contradictions in the realization of apparently shared values. This internet-mediated field study aims to analyze impacts of the social dichotomy between thinking and acting on teenage mothers. Fifteen women who became mothers during adolescence answered an online questionnaire and through the use of content analysis methodology, three categories of analysis were created: "guidance regarding pregnancy prevention", "support and criticism of pregnancy", and the "consequences of pregnancy". We verified that the socially shared dichotomy between thinking and acting about sexuality in adolescence interferes negatively on the causes and consequences of early motherhood, probably being passed on to the next generation.

Keywords: pregnancy; adolescence; sexuality; internet-mediated research

Resumen

El embarazo en la adolescencia genera riesgos de distinto orden para la mujer embarazada. Aunque se combata verbalmente, el número de adolescentes embarazadas en Brasil sigue siendo elevado, lo que parece indicar la presencia de contradicciones en la realización de valores aparentemente compartidos. Este estudio de campo mediado por Internet pretende analizar el impacto de la dicotomía social entre el pensamiento y la acción en las madres adolescentes. Quince mujeres que fueron madres durante la adolescencia respondieron a un cuestionario en línea y, mediante el uso de la metodología de análisis de contenido, se crearon tres categorías de análisis: "orientación sobre la prevención del embarazo", "apoyo y crítica antes del embarazo" y las "consecuencias del embarazo". Descubrimos que la dicotomía socialmente compartida entre pensar y actuar sobre la sexualidad en la adolescencia interfiere negativamente en las causas y consecuencias de la maternidad temprana, probablemente transmitiéndose a la siguiente generación.

Palabras clave: embarazo; adolescencia; sexualidad; investigación a través de Internet

1. INTRODUÇÃO

A gravidez configura-se como um fenômeno biológico, social e cultural, que carrega uma série de simbologias e interpretações próprias de cada sociedade e cultura. De modo geral, a gravidez costuma ser bem recebida, mesmo porque significa o sucesso reprodutivo da espécie e a ampliação de núcleos familiares (BERNARDI; FÉRES CARNEIRO; MAGALHÃES, 2018). No entanto, a gravidez na adolescência não é tão bem recebida socialmente, visto que gera riscos às púberes, tanto de origem biológica e obstetrícia, quanto em relação à propensão a impactos nos aspectos psicológicos, sociais e

econômicos (PARIZ; MENGARDA; FRIZZO, 2012; DA SILVA AVELINO; DE ARAÚJO; ALVES, 2021).

A gravidez na adolescência passou a ser problematizada a partir de uma série de mudanças históricas e sociais, desde a definição da adolescência como período distinto do desenvolvimento humano até a integração da mulher no mercado de trabalho e a articulação do Estado efetivando políticas públicas de controle de fertilidade (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010; MORAES; WEINMANN, 2020).

Os índices de gravidez na adolescência permanecem altos. Em 2020, com a pandemia de Covid-19, apesar das medidas de isolamento, a cada mil adolescentes brasileiras, 53 tornaram-se mães (PEDROSO, 2021). Tal circunstância demonstra a ineficácia das iniciativas voltadas à diminuição dos índices de gravidez na adolescência, representados pela dificuldade de acesso à informação e orientações adequadas sobre a sexualidade durante a adolescência

Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) realizaram uma revisão da literatura a fim de investigar a presença e o papel da educação sexual nas famílias, bem como percepções dos pais sobre gravidez na adolescência. Os diferentes estudos investigados apontaram para a ausência de diálogo entre as gerações, justificada pelo valor negativo atribuído à sexualidade. Furlanetto et al. (2018) também realizaram uma revisão sistemática da literatura sobre educação sexual em escolas brasileiras, relacionando igualmente a dificuldade no enfoque ao tema “sexualidade” nas escolas com embasamento em crenças morais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento criado pelo governo para conduzir o ensino nas escolas brasileiras (BRASIL, 2018). Não se trata de um currículo pronto, que deve ser seguido à risca, mas sim uma orientação que visa igualar os conteúdos repassados pelas instituições de ensino do país.

Os sistemas de ensino e as escolas devem construir seus currículos e suas propostas pedagógicas considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes. Nesse contexto, os itinerários formativos, previstos em lei, devem

ser reconhecidos como estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, possibilitando opções de escolha aos estudantes (BNCC, 2018, p. 471).

É exatamente por essa flexibilização que a educação sexual dificilmente faz parte do currículo escolar, e até mesmo projetos e iniciativas que visam disponibilizar informação neste sentido nas escolas acabam sendo coibidos. Além disso, o modo como as instituições de ensino abordam a temática da reprodução humana dificulta a criação de um espaço no qual os adolescentes possam tirar dúvidas e obter informações concretas (FURLANETTO et al., 2018; RIBEIRO, 2021).

A família é o primeiro referencial utilizado por adolescentes para enfrentar o mundo e experimentar o que está por vir (SANTOS; NOGUEIRA, 2009). Portanto, deveriam partir do ambiente familiar as discussões sobre aspectos relativos ao desenvolvimento sexual. No entanto, os pais costumeiramente evitam proporcionar aos filhos uma educação sexual de qualidade por medo de incitá-los a manter relações sexuais. Tal concepção origina-se em parte da associação equivocada de que falar sobre sexualidade se reduz a falar sobre sexo. Esse entendimento equívoco demonstra a existência de um ciclo de desinformação, dado que os responsáveis pelos adolescentes demonstram também não haver recebido as informações que precisam repassar a eles, o que reproduz a existência de estigmas e tabus. Nascimento e Carvalho (2021, p. 61) chamam a atenção especialmente aos casos das meninas. A escassez de diálogo e orientação em contexto familiar e escolar gera, como efeito, a gravidez que se pretende evitar.

Este estudo parte justamente da necessidade de compreensão de fatores que afastam instituições sociais de alcançar o objetivo de evitar a gravidez indesejada na adolescência e neste sentido foi construído o seguinte problema de pesquisa: a dicotomia social entre pensar e agir contribui para os altos índices de gravidez na adolescência, com consequências negativas para as mães? Como possibilidade de resposta apresentamos a hipótese segundo a qual a postura social adotada em relação às adolescentes favorece que engravidem na adolescência e que abdicuem de seus planos de vida para vivenciar as

responsabilidades precoces oriundas da maternidade. Assim sendo, temos, como objetivo, analisar impactos da dicotomia social entre pensar e agir sobre mães adolescentes.

2. Materiais e métodos

2.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa de campo mediada pela internet é de caráter descritivo, utilizando a abordagem qualitativa para análise do conteúdo investigado, com aplicação de questionário online (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; FLICK, 2008). Foi utilizada metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

2.2 Participantes

Participaram desde estudo quinze mulheres que se tornaram mães na adolescência. Elas foram divididas em três grupos, cada um com cinco participantes, de acordo com a idade atual de cada uma delas. Assim sendo, elas são identificadas pela letra “G” e um número que indicam a qual grupo pertencem (G1, G2 ou G3), seguido da letra “P” e numeração em ordem crescente, com base na idade atual de cada uma delas (por exemplo, G1P1 é a participante mais nova do G1 e G3P5, a mais velha do G3).

O G1 é composto pelas participantes que estão, no máximo, com 23 anos (entre 19 e 23 anos), o G2, pelas participantes na faixa dos 30 anos (entre 34 e 38 anos) e o G3, pelas participantes na faixa de 40 e 50 anos (entre 40 e 56 anos). As participantes do G1 e do G3 engravidaram entre 14 e 18 anos, e as do G2, entre 15 e 17 anos.

Todas as participantes do G1 tiveram apenas um filho. No G2 e no G3, todas as participantes tiveram outros filhos (entre dois e três filhos). A escolaridade alcançada avançou com o tempo, de modo que todas as participantes do G1 completaram o ensino médio, todas as do G2 completaram o ensino fundamental e uma do G3 (G3P3) não concluiu o ensino fundamental. Em meio a ocupações variadas, três participantes do G1 e uma do G2 são donas de casa.

2.3 Aspectos ético-legais

A pesquisa-ação do qual este estudo faz parte, “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, foi submetida para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Amazônia, via Plataforma Brasil, obtendo parecer favorável no 3.777.809 e CCAE: 24782619.9.0000.5173. A participação na pesquisa decorreu de assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelas participantes, de acordo com a resolução 466/12 do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos.

2.4 Instrumentos de coleta de dados

Foi utilizado um questionário online para a coleta de informações, com vinte e uma perguntas. As oito primeiras perguntas apresentaram caráter objetivo, com a função de formação do perfil das participantes, e as treze perguntas seguintes buscaram investigar como as participantes vivenciaram as dicotomias sociais apresentadas como hipótese deste estudo.

2.5 Procedimento

Em novembro de 2021, demos início a distribuição de convites para participação da pesquisa em grupos voltados para a maternidade nas redes sociais Instagram e Facebook.

Após aceitarem participar da pesquisa, as participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o link de acesso ao formulário Google que as direcionava ao questionário online. O envio do TCLE e dos links foi realizado por meio do aplicativo WhatsApp.

2.6 Análise dos dados

Para análise dos dados coletados, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Assim sendo, criamos as seguintes categorias de análise: “orientação referente à prevenção da gravidez”, “apoio e críticas diante da gravidez” e “consequências da gravidez”

3. Resultados e discussão

Da proposta de analisar impactos da dicotomia social entre pensar e agir sobre mães adolescentes tomamos como base as seguintes categorias de análise: “orientação referente à prevenção da gravidez”, “apoio diante da gravidez” e “consequências da gravidez”.

Respostas à primeira categoria de análise compõem o Quadro 3.

Quadro 3. Orientação referente à prevenção da gravidez

Fonte	Orientação			Total
	G1	G2	G3	
Pais e escola	G1P1 G1P3 G1P4 G1P5	G2P3	-	5
Pais	G1P2	-	G3P4	2
Escola	-	-	G3P1 G3P2 G3P5	3
Nenhuma	-	G2P1 G2P2 G2P4 G2P5	G3P3	5

Dez participantes receberam algum tipo de orientação em referência à prevenção da gravidez (todas as participantes do G1, apenas G2P3 do G2, e G3P1, G3P2, G3P4 e G3P5). Assim sendo, dentre aquelas que não receberam qualquer orientação, quatro são participantes do G2 (G2P1, G2P2, G2P4 e G2P5) e uma do G3 (G3P3).

Temos, como exemplo de ausência de orientação, o relato mais direto de G2P4 (“não houve conversa em momento algum”). G2P1 e G2P5 confirmam o silêncio na família e o destacaram na escola: segundo G2P1, “não tive esse diálogo com ninguém! Na época era tabu esses assuntos na escola”. G2P2 apresentou uma conclusão concreta: “não tinha esse tipo de conversa. Acredito que por conta disso acabei engravidando, por não entender nada sobre o assunto”.

Duas participantes receberam orientação apenas dos pais (G1P2 e G3P4). Outras três participantes (G3P1, G3P2 e G3P5) receberam orientação apenas da escola e as outras cinco participantes, tanto dos pais quanto da escola, sendo quatro do G1 (G1P1, G1P3, G1P4 e G1P5) e uma do G2 (G2P3).

G3P1, que recebeu orientação apenas da escola e, no entanto, “quase nenhuma, eram as aulas sobre reprodução humana, mas sem se aprofundar muito no assunto”. G3P2 e G3P5 confirmaram a deficiência do conteúdo repassado pela escola, como “somente os conteúdos do livro” (G3P5). Esta participante acrescentou que não tinha muita ciência do que fazia, pois era criança.

As orientações que as participantes relataram ter recebido dos pais e da escola demonstram diferenças que merecem destaque. Segundo G1P4, os pais a orientaram dizendo “que era para me prevenir de todas as formas”, enquanto na escola foi informada apenas que “existem várias formas de não engravidar”. G1P5 destacou claramente a proibição, por parte dos pais, quanto ao início de sua vida sexual na adolescência: “meus responsáveis na época me orientaram de forma coercitiva a não realizar essas práticas”.

Verificamos, que, das cinco participantes que receberam orientação dos pais e da escola, três se referiram à necessidade de cuidado para não engravidar (G1P1, G1P4, G2P3), uma relatou claramente que tomava anticoncepcional (G1P3) e apenas uma foi proibida de ter relações sexuais (G1P5).

Além disso, novamente observamos uma espécie de evolução. A grande maioria das participantes que recebeu alguma orientação sexual dos pais e na escola são as mais jovens. No entanto, mesmo quanto às participantes que relataram ter recebido orientações, percebemos a presença mais frequente de questões biológicas ou de simples palestras, o que não se define como um educação sexual adequada, que vai muito além de explicações rasas sobre doenças sexualmente transmissíveis e como não engravidar (FURLANETTO et al., 2018).

Vale ressaltar que explicações didáticas e palestras costumam ter sua efetivação tardia, uma vez que a Base Nacional Comum curricular não torna obrigatório a efetivação de uma educação sexual nas escolas. Assim, o assunto passa a ser abordado apenas quando chega o período em que, didaticamente, se torna obrigatória a efetivação das aulas sobre sistema reprodutor humano (SILVA, 2021).

Um outro ponto a ser destacado é que todas as participantes afirmaram manter diálogo com seus filhos e filhas sobre sexualidade, mesmo aquelas que não desfrutavam desse tipo de espaço com seus pais. As participantes com filhos ainda muito pequenos demonstraram a intenção de agir da mesma forma, oferecendo orientação no momento adequado.

No entanto, a este respeito verificamos algumas contradições, que refletem justamente o tema deste estudo: o que é dito e o que é feito divergem de maneira importante. Por exemplo, a participante G2P1 relatou não ter recebido orientações sobre sexualidade, nem dos pais e nem da escola que frequentava, uma vez que o assunto era tido como tabu. A participante afirmou que conversa com o filho sobre sexualidade, namoro e sexo com os filhos, porém, quando foi questionada sobre o que faria se a namorada de seu filho passasse por uma gravidez indesejada durante a adolescência, a participante respondeu que atribuiria inteira responsabilidade ao filho, afirmando que por ter acesso à internet e estar na escola, ele já tem o conhecimento necessário para evitar a gravidez.

Assim é perpetuado um ciclo de desinformação, já que a escola, como foi afirmado anteriormente, começa a debater o assunto de forma tardia e a internet pode levar a distorções na percepção da sexualidade em virtude do contato com informações falsas ou até mesmo com a indústria pornográfica. O Quadro 4 é referente a reações sociais diante da gravidez das participantes.

Quadro 4. Apoio e críticas diante da gravidez

	Apoio dos pais			Total
	G1	G2	G3	
Apoio imediato	G1P1 G1P4	G2P1	G3P4 G3P5	5
Apoio tardio	G1P2 G1P3 G1P5	G2P2 G2P3 G2P4 G2P5	G3P1 G3P2 G3P3	10
Críticas	G1P1 G1P2 G1P3 G1P4 G1P5	G2P1 G2P2 G2P3 G2P4 G2P5	G3P1 G3P2 G3P3 G3P4 G3P5	15

Todas as participantes, de forma imediata (cinco) ou posterior (dez) receberam apoio dos pais ou familiares. O apoio que as adolescentes que engravidam recebem é, na maioria das vezes, tardio. Em um primeiro momento, elas vivenciam o susto (inclusive delas próprias) e críticas variadas por parte de seus pais, mas principalmente de pessoas mais afastadas, inclusive com o afastamento de amigos e conhecidos.

As consequências da gravidez na adolescência, relatadas pelas participantes, estão divididas entre positivas, negativas e positivas e negativas no Quadro 5.

Quadro 5. Consequências da gravidez

Consequências	Participantes			Total
	G1	G2	G3	
Positivas	-	-	-	0
Negativas	-	G2P2 G2P4	G3P2	3
Positivas e Negativas	G1P1 G1P2 G1P3 G1P4 G1P5	G2P1 G2P3 G2P5	G3P1 G3P3 G3P4 G3P5	12

Relatos das participantes dos três grupos acerca de consequências tanto positivas, quanto negativas da gravidez foram mais frequentes (todas as participantes do G1, G2P1, G2P3 e G2P5, e todas do G3, com exceção de G3P2). Nenhuma participante relatou consequências apenas positivas, enquanto três (G2P2, G2P4 e G3P2) citaram consequências apenas negativas de terem engravidado na adolescência.

Percebemos que as consequências em comum elencadas por elas se constituem em dificuldades de cunho acadêmico, emocional e social. Dificuldades acadêmicas se deram pelo fato de as escolas não aparecerem em seus relatos como um espaço que possibilite assistência a essas adolescentes, de forma que elas se veem diante da necessidade de adiar, modificar ou abandonar planos que tinham estabelecidos antes da gestação.

Assim sendo, o fato de os projetos precisarem ser adiados não decorre simplesmente de elas terem que se recuperar das gestações, mas por não receberem assistência nem da escola e nem das demais instituições das quais

fazem parte. Percebemos que esse apoio poderia significar muito para as adolescentes, uma vez que elas, em sua maioria, não abandonaram seus objetivos, apenas os adiaram ou os modificaram para se adequar às demandas das responsabilidades oriundas de gestar uma criança.

Quanto às dificuldades emocionais, observamos o medo das participantes de “não dar conta” de suprir as necessidades de seus filhos. Tal temor pode estar apenas sendo amplificado pela instabilidade que acompanha uma gestação na adolescência.

Outro ponto negativo que aparece com bastante frequência seria o julgamento social direcionado às mães adolescentes. Sobre a condição das adolescentes ainda é direcionado um estranhamento, no sentido de a gravidez ser vista como um empecilho para a vida profissional e, assim, para o futuro delas, de forma que são vistas pelos demais com desgosto ou estranheza.

Quanto às consequências positivas, a maioria das participantes destacou o seu amadurecimento pessoal em virtude das responsabilidades que recebeu. Isso, no entanto, parece estar relacionado com o apoio familiar que receberam durante a gestação, pois apenas as que receberam apoio conseguiram ver o lado positivo da gestação. Percebemos aí uma situação ainda mais complexa, uma vez que, quando as participantes percebem a responsabilidade como algo positivo, parecem perder um pouco da noção do que isso significa, considerando que essa responsabilidade é, acima de tudo, precoce e, infelizmente, como foi relatado por elas, significa abdicar de uma adolescência e muitas vezes dos estudos.

4. Considerações finais

Neste estudo, investigamos a hipótese segundo a qual um forte motivo de as adolescentes engravidarem é a dicotomia social entre o pensar e o agir. Essa dicotomia é percebida no relato das participantes quando se observam as críticas constantes que elas receberam durante a gestação, a forma como as famílias regiram à notícia da gravidez e a maneira como essas adolescentes foram recebidas e amparadas nas intuições de ensino que frequentavam. É notório que muitas participantes, em alguma medida, receberam algum tipo de

orientação sobre sexo, mas é perceptível que tais orientações eram escassas, esporádicas e pautadas, principalmente, no estudo biológico do sistema reprodutor humano.

Entende-se que um dos principais caminhos para a redução dos índices de gravidez na adolescência é a educação sexual (FARIAS et al., 2020). Todavia, devido a crenças morais que se mantêm há séculos e qualificam a educação sexual como algo obsceno e exclusivamente associado a “falar sobre sexo” (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013), temos um panorama no qual a sociedade passa a agir, mesmo que indiretamente, contra políticas públicas voltas para a redução dos índices de gestação na adolescência.

Além disso, quando as adolescentes engravidam, as consequências das incoerências sociais são escancaradas. Temos, como resposta da sociedade, a crítica. Não se pode negar que o jovem atual tem acesso ampliado a informações e, até mesmo, a métodos contraceptivos. No entanto, quando a sociedade assume essa postura rígida de negação à mudança, ao progresso e à manifestação da sexualidade desses adolescentes, temos um corpo social que impossibilita, através do pensar, o agir sobre problemáticas como a gravidez na adolescência.

O relato das participantes também permitem perceber que, quando adolescentes engravidam, elas passam a ser criticadas, e a sociedade, que antes negava a necessidade de debate sobre sexualidade em virtude da imaturidade das adolescentes, passa a cobrar dessa jovem mãe o desenvolvimento de uma maior responsabilidade.

Observamos que poucas participantes receberam apoio imediato dos pais (cinco participantes). Assim, podemos reforçar um padrão observado por Dias e Gomes (1999), no qual, após a descoberta da gestação, os pais passam a se questionar sobre o que fizeram de errado, e só então refletem sobre a forma como dialogavam sobre sexualidade com as filhas. No entanto, a partir do momento em que a criança nasce, conforme o relato das participantes G1P3; G1P5; G2P3; G3P1; G3P2 e G3P3, os avós se apegam aos netos e a relação com as filhas que, foram abaladas, retornam à normalidade.

Vale ressaltar, no entanto, que, ao passo que os pais se adaptam às necessidades de suas filhas e netos, a escola, uma das principais instituições sociais que as adolescentes frequentam cotidianamente, não consegue lhes proporcionar apoio. A escola, além de frequentemente não conseguir atuar amplamente na prevenção da gestação na adolescência (BARBOSA; GUIZZO, 2014; FURLANETTO, 2018), também não consegue proporcionar assistência a essas jovens, o que leva a uma das consequências mais debatidas da gravidez na adolescência: a evasão escolar (RAMOS et al., 2020).

A maioria (catorze) das participantes conseguiu dar continuidade aos estudos, mesmo que com dificuldade, mas verificamos que, quanto mais próxima da atualidade a ocorrência da gravidez, mais foi possível avançar nos estudos. Assim, as participantes mais jovens, com maior apoio familiar, conseguiram conciliar melhor maternidade e vida escolar.

A dicotomia social entre o pensar e o agir se manifesta através das críticas. O ato de pensar, correspondendo a valores sociais e econômicos favoráveis à prevenção da gravidez na adolescência, se concretiza em um agir limitado ao silêncio e à repressão da sexualidade. A dicotomia surge quando a própria sociedade, que questiona o motivo de as adolescentes engravidarem, não reconhece a sua contribuição para a perpetuação dessa problemática.

De fato, os adolescentes, atualmente, têm acesso a muita informação, inclusive quanto aos métodos contraceptivos mais diversificados, porém seria necessário saber como utilizá-los e mesmo onde ter acesso a eles. Três de nossas participantes (G1P3, G1P5 e G3P1) relataram que utilizavam anticoncepcionais, e mesmo assim, engravidaram, pois receberam o remédio sem saber, exatamente, como utilizá-lo.

A ausência de diálogo prejudica a efetivação das poucas intervenções que são postas em prática. Os pais pensam que proibir que as filhas tenham relações sexuais é o suficiente para evitar que elas engravidem. Assim, as adolescentes que dão início à vida sexual permanecem, mesmo nos dias de hoje, despreparadas e sujeitas a engravidar ou contrair uma infecção sexualmente transmissível.

De acordo com o artigo 7º do Estatuto da Criança e do Adolescente, “a criança e o adolescente têm direito à proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais e públicas que permitam o nascimento e o seu desenvolvimento sadio e harmonioso” (BRASIL, 1990). Diante disso, é dever da sociedade, manifestada nas instituições familiar e escolar, promover, aos adolescentes, ações e diálogos contínuos sobre a sexualidade e suas diversas formas de manifestações.

É necessário que o pensar social se reconstrua, que abarque a mudança e a realidade atual das crianças e adolescentes do Brasil, de forma que o agir não se manifeste como uma contradição, e sim, como intervenções em forma de educação sexual e incentivo à criação de novas políticas públicas e espaços saudáveis de diálogo voltados para a promoção de saúde sexual dos adolescentes e, assim, da vivência plena dessa fase fundamental da existência.

4. Referências

BARBOSA, D. M.; GUIZZO, B. S. Gênero e Sexualidade: interfaces entre as diretrizes curriculares e práticas pedagógicas. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, v. 1, n. 12, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2018.

DA SILVA AVELINO, C.; DE ARAÚJO, E. C. A.; ALVES, L. L. Fatores de Risco da Gravidez na Adolescência no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 1426-1447, 2021.

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 79-106, 1999.

FARIAS, R. V. et al. Gravidez na adolescência e o desfecho da prematuridade: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 56, p. e3977-e3977, 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FURLANETTO, M. F. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. . Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

MORAES, B. R.; WEINMANN, A. O. Notas sobre a história da adolescência. **Estilos da clínica**: revista sobre a infância com problemas, v. 25, n. 2, p. 280-296, 2020.

NASCIMENTO, S.; CARVALHO, L. C. S. A gravidez na adolescência em Paraíba do Sul/RJ: reflexões no contexto de pandemia. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 24, n. 50, p. 47-75, 2021.

PARIZ, J.; MENGARDA, C. F.; FRIZZO, G. B. A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão da literatura. **Saúde e sociedade**, v. 21, n. 3, p. 623-636, 2012.

PEDROSO, M. Fala, adolescente! **Agência Brasília**, Secretaria de Saúde do Distrito Federal, 2021.

RAMOS, L. S. et al. A gravidez na adolescência produzindo evasão escolar: um exame bibliográfico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 52, p. e3621-e3621, 2020.

RIBEIRO, M. A conversa sobre sexualidade na escola: da Educação Infantil ao Ensino Médio. Rio de Janeiro: Wak, 2021.

SANTOS, C.; NOGUEIRA, K. Gravidez na adolescência: falta de informação? **Adolescência & saúde**, v. 6, n. 1, p. 48-55, 2009.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia**: teoria e pesquisa, v. 26, p. 227-234, 2010.

SILVA, R.; DARWICH, R. A. Gravidez na adolescência: pensar e agir social resistente à pandemia. In: *Confluências: Cultura e Resistência em tempos de Necropolítica*, VII., 2021, Belém. **Anais**, [...] Belém: UNAMA, p. 11, 2021.

VIEIRA, K. J. et al. Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2021.



**LOGOTERAPIA E LITERATURA:
A MORTE COMO GERADORA DE SENTIDO EM “A MORTE DE IVAN
ILITCH”¹**

**LOGOTHERAPY AND LITERATURE:
DEATH AS MEANING GENERATOR ON «THE DEATH OF IVAN ILITCH »**

**LOGOTERAPIA Y LITERATURA:
LA MUERTE COMO GENERADORA DE SENTIDO EN "LA MUERTE
DE IVAN ILITCH**

Matheus Reichelt Flores²
Kalebe da Silva de Lima³
Rosângela Araújo Darwich⁴

Resumo

Este estudo objetiva refletir sobre princípios que conectam psicologia e literatura como forma de relacionar os temas “morte” e “sentido da vida”. Para isso, estudamos parte do vasto arcabouço teórico produzido por Viktor Frankl, fundador da Logoterapia e Análise Existencial, e alguns de seus comentadores, além de psicólogos que relacionam essa abordagem com a literatura. Também analisamos a obra “A morte de Ivan Ilitch”, de Leon Tolstói, sob a perspectiva da Logoterapia, a fim de ilustrar e confirmar a relação entre morte e sentido da vida. Percebemos, ao fim do estudo, que a morte gera sentido para a vida de duas maneiras: apressando a realização das três categorias de valores (valores criadores, vivenciais e de atitude) e dando oportunidade de realizar uma categoria específica, os valores de atitude, se bem vivida mesmo diante de sofrimentos inevitáveis.

Palavras-chave: Psicologia; Literatura; Interdisciplinaridade; Logoterapia e Análise Existencial; A Morte de Ivan Ilitch.

Abstract

This study aims to reflect on principles that connect psychology and literature as a way to relate the themes of “death” and “meaning of life”. For that, we studied part of the vast theoretical framework produced by Viktor Frankl, the founder of

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões” do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Estudante de graduação do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: theasponi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2483-3491>.

³ Estudante de graduação do curso de Psicologia do Centro Universitário do Pará (Cesupa). E-mail: k4lebelima@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6520-503X>.

⁴ Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa pela UFPA e professora permanente do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>.

Logotherapy and existential analysis, and some of his commentators, besides some psychologists who relate this approach to literature. We also analyzed the work "The death of Ivan Ilitch", by Leon Tolstoi, under the perspective of Logotherapy, in order to confirm and illustrate the relation between death and the meaning of life. We realized, at the end of the study, that death generates meaning for life in two ways: by hastening the realization of the three categories of values (creative, experiential, and attitudinal values) and by providing the opportunity to realize a specific category, the attitudinal values, if lived well even in the face of inevitable suffering.

Keywords: Psychology; Literature; Interdisciplinarity; Logotherapy and Existential Analysis; The Death of Ivan Ilyich.

Resumen

Este estudio pretende reflexionar sobre los principios que conectan la psicología y la literatura como forma de relacionar los temas de la "muerte" y el "sentido de la vida". Para ello, estudiamos parte del amplio marco teórico elaborado por Viktor Frankl, fundador de la Logoterapia y análisis existencial, y algunos de sus comentaristas, así como psicólogos que relacionan ese enfoque con la literatura. También analizamos la obra "La muerte de Iván Ilitch", de León Tolstoi, desde la perspectiva de la Logoterapia, para ilustrar y confirmar la relación entre la muerte y el sentido de la vida. Nos dimos cuenta, al final del estudio, de que la muerte genera sentido para la vida de dos maneras: acelerando la realización de las tres categorías de valores (valores creativos, experienciales y actitudinales) y proporcionando la oportunidad de realizar una categoría específica, los valores actitudinales, si se vive bien incluso ante el sufrimiento inevitable.

Palabras clave: Psicología; Literatura; Interdisciplinarietà; Logoterapia y Análisis Existencial; La Muerte de Ivan Ilich.

INTRODUÇÃO

A importância de um sentido para a vida é bem notada pelo senso comum e por autores consagrados, como Nietzsche (2017, p. 10): "tendo seu 'porquê?' da vida, o indivíduo tolera quase todo 'como?'". Ciente desta importância descoberta através de seus estudos e, especialmente, de sua vida, Viktor Frankl elaborou a Logoterapia e Análise Existencial, a terapia do sentido da vida, a fim de ajudar as pessoas a alcançar saúde psíquica a partir desse pilar existencial tão importante.

Objecções comuns levantadas contra a existência de um sentido para a vida apoiam-se em visões materialistas da realidade ou na finitude do existir humano (FRANKL, 2019). Frankl, como neuropsiquiatra, assumia que "de fato,

o ser humano é um computador. Porém, ao mesmo tempo é infinitamente mais do que um computador” (FRANKL, 1990, p. 17).

Em relação a tais questões, Frankl (2019) afirma que a estrutura de um sentido ultrapassa a coisa em si e os elementos que a constituem. Em outras palavras, a existência humana é profundamente marcada pela sua realidade autotranscendente. O ser humano é uma existência que transcende a matéria, por isso ele não é “somente uma série de processos bioquímicos” e ter consciência da morte é precisamente o que dá sentido a cada momento da vida, pois apressa o ser humano a realizar os valores em potencial que possui, lembrando-o de que não pode adiar esta realização indefinidamente.

Este estudo trata da relação estreita que há entre uma vida com sentido e uma morte feliz e tranquila, além da consciência da própria finitude como requisito para uma vida com sentido, baseando-se principalmente na obra de Viktor Frankl como suporte teórico e tomando um exemplo da literatura que é analisado criticamente para ilustrar e confirmar o ponto de vista exposto: “A Morte de Ivan Ilitch” (TOLSTÓI, 2018).

Ivan Ilitch sofreu muito devido à doença que o debilitou. Diversas angústias físicas e existenciais foram experimentadas por ele durante o tempo em que esteve moribundo. Porém, essa mesma enfermidade que tanto o maltratou foi ocasião para que ele finalmente realizasse algum valor que desse sentido à sua existência – o valor de atitude perante seu flagelo lhe possibilitou uma espécie de redenção pessoal depois de uma vida frívola.

Objetivamos refletir sobre princípios que conectam psicologia e literatura como forma de relacionar os temas "morte" e "sentido da vida". Para tanto, apresentamos uma visão geral acerca da Logoterapia e Análise Existencial, de Viktor Frankl, bem como de psicólogos que relacionam essa abordagem com a literatura. Por fim, fazemos uma análise de um obra de Tolstói por meio de recursos teóricos da Logoterapia e Análise Existencial.

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Logoterapia é a terapia do *logos*, que pode ser traduzido como espírito ou sentido. Assim, a logoterapia é a “psicoterapia ‘a partir do espírito’” (FRANKL,

2019, p. 42) e uma psicoterapia do sentido da vida, pois busca “trazer o homem à consciência do seu ser-responsável. [...] Mas responsabilidade significa sempre responsabilidade perante um sentido” (p. 81).

A questão do sentido da vida é particularmente importante na obra frankliana pois é a partir do sentido da vida, o sentido da própria vida concreta, que o homem alcança a autotranscendência e, a partir dela, a autorrealização (FRANKL, 2020). Há, no ser humano, uma “vontade de sentido”, “uma vontade de encontrar sentido no mundo objetivo, interpretando sua existência em um contexto de sentido” (AQUINO, 2013, p. 53). Essa vontade, se frustrada, leva ao “vácuo existencial”, um sentimento de vazio que leva muitos indivíduos à busca por psicoterapia.

“Wille zum Sinn” (vontade de sentido) também pode ser traduzida como vontade de significado. O ser humano quer que sua vida signifique algo, quer que suas ações falem por algo maior que elas mesmas. Ele quer transcender-se. Isto é um desejo presente, ainda que de modo oculto, em todo ser humano: “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida” (FRANKL, 2020, p. 124). Portanto, sem a satisfação dessa vontade, o ser humano se frustra existencialmente, o que causa as “neuroses noogênicas”.

Neuroses noogênicas (do termo grego *noos*) são neuroses “do espírito” ou da mente, localizadas na parte especificamente humana do indivíduo e representam conflitos que não seriam devidos à guerra entre os impulsos internos, mas a problemas existenciais (FRANKL, 2020). A neurose noogênica ou o vácuo existencial é um fenômeno em que muitos veriam nada mais que um distúrbio bioquímico ou um complexo de Édipo mal resolvido, mas em que Frankl vê o clamor do que há de propriamente humano no ser humano querendo se realizar. É a sede do ser humano por um significado objetivo da sua vida. Assim, não é necessariamente um problema, mas pode levar a um problema existencial, sendo o ponto de partida para uma transformação positiva na vida (FRANKL, 2019).

A Logoterapia e Análise Existencial ficou conhecida como a terceira escola de psicologia vienense, pois sucedeu a psicanálise de Sigmund Freud e a psicologia individual de Alfred Adler. Enquanto a psicanálise enfatiza no ser

humano o ser-consciente e a psicologia individual o ser-responsável, a logoterapia olha na perspectiva do dever-ser (FRANKL, 2019), das possibilidades que deve realizar respondendo às exigências que os valores objetivos fazem a ele.

Para Frankl (2019), existem três categorias de valores: os valores criadores, os vivenciais e os de atitude e é a partir deles que o ser humano dá sentido, ou significado, à sua vida.

Os valores criadores são os relacionados ao trabalho, à execução de uma tarefa que foi dada ao indivíduo pelas circunstâncias de vida em que se insere. É o cumprimento de algo que ele, como pessoa irrepetível, é chamado a fazer. Segundo Frankl (2019, p. 112),

é indiferente o lugar em que um homem profissionalmente se situa ou o trabalho que faz [...] o que importa fundamentalmente é o modo como trabalha e, além disso, o preencher deveras o lugar em que, afinal, se acha inserido. O que tem importância não é, portanto, a grandeza do seu raio de ação, mas apenas o fato de se desempenhar no círculo das suas obrigações.

Portanto, não é o tamanho da influência que seu trabalho e a realização de seus deveres pessoais exercem no mundo que dá sentido à existência de uma pessoa, mas o esforçar-se por cumprir bem tudo aquilo que é “chamada” pela vida a cumprir.

Depois dos valores criadores, há os vivenciais (FRANKL, 2019). Estes não são realizados pela transformação que o ser humano opera no mundo, mas na sua abertura a ele, na entrega às diversas belezas nele existentes: amor, natureza, arte. Portanto, os valores vivenciais podem ser realizados “experimentando algo ou alguém” (FRANKL, 2021, p. 135). Embora os valores criadores não estejam relacionados diretamente a um dever específico, há ocasiões em que realizá-los pode ser uma espécie de imperativo. De acordo com Frankl (2019, p. 115),

alguém que encontrando-se sentado num ônibus e, ao presenciar um pôr do sol soberbo ou ao notar o aroma de acácias em flor, em vez de se entregar a esta possível vivência da natureza, continua a ler seu jornal, de certo modo poderia ser classificado, nesse momento, como “esquecido do seu dever”.

Em terceiro lugar, há os “valores de atitude”. Estes são valores que o ser humano pode realizar diante de uma situação irremediável de sofrimento,

miséria ou doença, assumindo uma postura de enfrentamento serena, de superação interior, dando sentido ao que está vivenciando. Segundo Frankl (2019, p. 192), os valores de atitude podem ser realizados apenas “quando algo de inelutável, qualquer coisa de fatal se tem que aceitar precisamente tal qual é. No modo como cada um assume estas coisas, verifica-se uma série incalculável de possibilidades de valor”.

A possibilidade de realização de sentido mesmo em condições adversas, quando irremediáveis, demonstra como a proposta frankliana considera todos os seres humanos como sendo capazes de viver uma vida com sentido, uma vida que valha a pena. Para Frankl (2019, p. 193), “falta de êxito não significa falta de sentido”, em contraposição aos pensamentos comuns de nossos dias, que costumam considerar essas duas realidades como sinônimas. Este estudo alerta para a grande diferença que há entre essas duas coisas e como ignorar tal diferença pode tornar-se catastrófico para a vida de uma pessoa.

Algo importante a destacar sobre os valores de atitude é uma condição específica que precisa estar presente para que eles sejam realizados: a irremediabilidade do mal de que se padece. Só há sentido em aceitar um sofrimento inevitável. Diz Frankl (2019, p. 199): “o pressuposto da verdadeira realização dos valores de atitude consiste em se tratar realmente de qualquer coisa de irremediável”. E ainda: “sofrer desnecessariamente é ser masoquista, e não heroico” (FRANKL, 2021, p. 138).

Essa observação também previne o conformismo que possa existir diante de uma situação ruim. Uma vida sofrida também tem sentido, mas somente se este sofrimento for inevitável. Uma pessoa com recursos econômicos escassos, por exemplo, deve buscar a ascensão social, se esta estiver ao seu alcance, para melhorar suas condições de vida; porém, se esta for impossível de ser obtida, a vida dessa pessoa não perderá seu sentido.

A morte é utilizada como argumento por aqueles que negam a existência de um sentido para a vida. Porém, a consciência desse evento da existência humana pode encher de sentido a vida. Isto ocorre de duas maneiras. A primeira é que, ao perceber a finitude da vida, o ser humano pode apressar-se para realizar o sentido que a própria vida o chama a realizar.

Se fôssemos imortais, poderíamos, com razão, adiar cada uma das nossas ações até o infinito. [...]. Em compensação, tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos e a não deixar passar em vão as ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem, ocasiões essas cuja soma “finita” representa precisamente a vida toda (FRANKL, 2019, p. 145).

Dessa forma, a consciência da morte apressa o ser humano a realizar os valores criadores e vivenciais, aproveitando ao máximo as oportunidades que a vida lhe dá para fazê-lo, pois tem consciência de que essas oportunidades serão finitas.

Além disso, a proximidade da morte também constitui ocasião para a realização de valores atitudinais. Afinal, a morte iminente, em muitos casos, é um mal irremediável do tipo necessário para realizar-se um valor de atitude. “[...] pode uma doença e a proximidade da morte fazer brotar do fundo de um homem as últimas reservas, depois de ter passado a vida numa ‘frivolidade metafísica’, sem prestar atenção às próprias possibilidades” (FRANKL, 2019, p. 202).

Veremos, em breve, que, Ivan Ilitch, carecendo da consciência da morte que apressa a realização dos valores durante a vida, percebeu, ao confrontar sua iminência, em seus últimos instantes, que todo aquele sofrimento fazia sentido.

LITERATURA E PSICOLOGIA

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung afirma, no seu ensaio "Psychology and Literature", que a psicologia e a literatura são filhas de uma mesma mãe, porque “a mente humana é o útero de todas as ciências e artes” (JUNG, 2014, p. 84). Assim como Jung, muitos outros estudiosos que buscaram compreender a psique também perceberam essa relação intrínseca existente entre a literatura e a psicologia. Essa relação, tão íntima, se deve ao fato de que a arte literária busca articular todos os atos humanos em um compêndio multifacetado da realidade, tendo como sua matéria primordial a mesma matéria de grande parcela da psicologia: a mente humana.

A literatura é vista como uma ferramenta análoga à ciência psicológica, pois há na arte literária um caráter universal, que diz respeito a todos os seres

humanos, de todos os povos, épocas, lugares, raças e crenças. Essa linguagem é intimamente psicológica. Como diz o psicólogo Dante Moreira Leite (2002, p. 31),

Afinal, toda literatura considerada universal é, fundamentalmente, uma literatura histórica e socialmente datada. Sófocles, Dante, Cervantes Cavafy, Faulkner, Kazantzakis, Shakespeare e Dostoiévski foram homens de seu tempo e de seu grupo; todavia, nesse tempo e nesse grupo descobriram e revelaram dramas permanentes do nosso espírito e de nossa carne.

A literatura corresponde a uma forma muito precisa de rastrear e alcançar os dramas humanos. Sigmund Freud recorreu diversas vezes às obras de Dostoiévski para montar o seu arcabouço teórico e psicanalítico. Vemos isso de forma explícita no seu artigo “Dostoiévski e o parricídio” (FREUD, 1961). Também não é por acaso que Viktor Frankl escolheu uma linguagem literária, narrativa e biográfica para a gênese e síntese da sua psicologia (FRANKL, 1946/2021).

O mesmo acontece com a filosofia, e os exemplos são inumeráveis. Sem as tragédias de Sófocles e Ésquilo não haveria o projeto socrático. Sem a Comédia Humana de Balzac, não haveria uma visão estruturada do capitalismo por Marx. Sem as Confissões, de Santo Agostinho, não teríamos a psicologia moderna.

Podemos considerar a literatura como uma ferramenta indispensável a todos aqueles que almejam conhecer aquilo que é o ser humano, e aquilo que está para além do ser humano. Assim como a psicologia, ela abarca o ser como um todo, em todas as suas dimensões. Em sua perspectiva própria, sem compromisso com a realidade, a literatura fornece as possibilidades máximas e mínimas do ser, havendo nela o arcabouço poético que reinventa aspectos ocultos do cotidiano. Na arte literária não há somente aquilo pelo qual todo ser humano já passou, mas há tudo aquilo que ele ainda vai passar, ou ainda aquilo que todo ser humano reconhece ser passível de passar. Podemos afirmar que a estrutura da literatura é semelhante à estrutura da vida e, por isso, compreender a literatura é um esforço parecido ao de compreender a própria narrativa humana.

“A MORTE DE IVAN ILITCH”

Existem diversas interpretações psicológicas de obras literárias, especialmente baseadas nas visões da psicanálise, da psicologia analítica e da Gestalt (LEITE, 2002). Sob a visão da Logoterapia e Análise Existencial, as interpretações são menos frequentes, mas partimos dela para fazermos nossa análise de “A morte de Ivan Ilitch” (TOLSTÓI, 2018).

Segundo Lewis (2014), ao buscarmos a manifestação dos principais aspectos da Logoterapia e Análise Existencial nos personagens de uma obra literária, devemos procurar por sinais da perda de sentido (vácuo existencial) e de neuroses noogênicas, da vontade de sentido e sua satisfação por meio das três categorias de valores nos personagens. Além disso, devemos explorar os conceitos de liberdade e responsabilidade, bem como o diálogo que a obra pode realizar com o leitor.

O livro de Tolstói (2018) tem início com os colegas de Ivan, personagem principal, lendo um jornal que noticiava sua morte e se surpreendendo. Não tarda, porém, para que eles comecem a pensar sobre os cargos em que cada um e seus amigos seriam alocados com a mudança de cenário provocada pela morte do colega.

Neste início já é notável que, embora Tolstói (2018, p. 11) diga que “Ivan Ilitch era colega dos cavalheiros ali presentes e muito estimado por todos”, aqueles homens não eram seus amigos de verdade pois, tão logo ele morreu, eles começaram a refletir e tentar averiguar de que modo seria útil aquela morte. Além da surpresa provocada pelo fato que, embora pudesse causar dor, dificilmente se surpreenderia um amigo que acompanhava de perto uma enfermidade tão grave quanto a dele: “como assim?” foi a primeira reação de um deles. A visita de Piotr Ivánovitch à casa do morto ilustra bem que os colegas de Ivan estavam mais preocupados com os olhares que a sociedade teria sobre eles naquele momento do que com a morte do colega.

Tolstói (2018, p. 20) descreve a vida de Ivan como “das mais simples, das mais vulgares e, contudo, das mais terríveis”. Não era uma vida de pobreza extrema ou de constantes abusos (embora seja dito que sua mulher o perturbava com suas reclamações e outras atitudes). O autor a chama não de terrível, mas

“das mais terríveis”, pois era uma vida sem sentido. Ivan não procurou viver abraçando valores, pois suas preocupações estavam direcionadas a viver uma vida “conveniente – agradável e digna” (p. 28). O que ele compreendia por dignidade está distante dos valores descritos por Frankl (2019) e mais próximos de “levar-se uma vida que, pela correção, a sociedade aprove” (p. 27).

Na perspectiva de Sadigh (2014), o erro de Ivan foi encarar, como missão da sua vida, a tarefa de torná-la agradável aos sentidos, um meio para alcançar a felicidade – o que paradoxalmente gera frustração e vazio existencial. E foi justamente essa postura que fez, da vida de um juiz bem-sucedido, uma das mais terríveis.

Já nos dois primeiros capítulos do livro de Tolstói (2018) percebemos algumas oportunidades perdidas por Ivan de realizar valores e dar sentido à sua existência. Seu casamento foi uma oportunidade que a vida lhe deu, mas que ele negligenciou, para realizar valores vivenciais, os quais são, segundo Frankl (2019), também uma espécie de dever quando se mostra uma oportunidade de realizá-los. Fugir desses deveres em nome do trabalho ou da comodidade seria uma forma de se contrapor à vontade de sentido.

A esposa e os filhos de Ivan poderiam ser objeto do seu amor. Ele poderia ao menos tentar entendê-los e sanar suas queixas, fazendo pequenos sacrifícios em sua rotina para lhes dar a atenção e o afeto que mereciam. Mas, como a relação familiar atrapalhava seu plano de viver uma vida confortável, “todo o interesse da sua existência se concentrou no mundo judiciário, e esse interesse o absorvia” (TOLSTÓI, 2018, p. 28). Ele evitava estar em casa e, quando estava, cercava-se de pessoas estranhas. Assim, a fuga dessa espécie de missão que a vida lhe apresentava, de amar sua família e de fazê-la feliz, tornou-se uma das suas metas de vida e Ivan se tornou um pai e marido distante.

Outra maneira de encontrar sentido na vida, como vimos, é pelo trabalho, realizando valores criadores. Ivan foi alguém que teve esta oportunidade: lhe foi confiado o cargo de juiz, que pode ser aproveitado de forma nobre, em nome da justiça. Porém, o que mais lhe interessava era contemplar as próprias habilidades na corte e seu poder, influência e sucesso entre superiores e subalternos (TOLSTÓI, 2018).

O personagem pode ser colocado como antítese daquelas pessoas que dão sentido à própria vida por meio de valores criadores, muitas vezes apesar da humildade de suas ocupações e da baixa influência de seu trabalho no mundo. O emprego de Ivan, um cargo importante e, até hoje, almejado por muitos, não garantiu que sua vida tivesse sentido, porque sua intenção não estava nos valores que poderia realizar, não estava no objeto de suas ações, mas em si mesmo. Ele não queria gerar justiça, fazer o bem por meio de sua prática profissional, mas os louros, a fama que acompanha o bom exercício dela, tornando-a simples instrumento para satisfazer egoisticamente a sua vaidade.

O foco muito grande na autorrealização esvazia uma vida. A realização pessoal não deve ser buscada em si mesma, mas ser o fruto, a consequência da autotranscendência.

O verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da psique humana, como se fosse um sistema fechado. [...] Em outras palavras, a autorrealização só é possível como um efeito colateral da autotranscendência (FRANKL, 2020, p. 135).

A enfermidade foi a última oportunidade que Ivan teve de dar sentido à sua vida, realizando um valor de atitude. Aqui encontra-se o clímax da obra, ponto no qual conseguimos notar, também, traços de neurose noogênica e manifestações da vontade de sentido, além de, finalmente, a realização de um valor. De início, porém, ele não abraça seu sofrimento e não vê sentido nele. “Mas para quê tanto sofrimento?” (TOLSTÓI, 2018, p. 66), ele se pergunta.

Como dissemos acima, a consciência da morte apressa a realização dos valores e a satisfação da vontade de sentido (FRANKL, 2019). Porém, essa consciência de finitude pode ser terrivelmente incômoda, especialmente para aqueles que se acostumaram a reprimir sua vontade de sentido com diversas distrações. O sofrimento é muito ambíguo diante da experiência humana porque ao mesmo que ele é uma possibilidade de elevação do indivíduo, ele também é a possibilidade de degeneração. No entanto, a vontade de sentido atua e, diante da possibilidade de a vida se findar sem ter tido sentido, ela “perturba” o sujeito, tentando obrigá-lo a encarar seu destino com profundidade.

Isto pode ser visto em Ivan Ilitch: “a ideia voltava” (TOLSTÓI, 2018, p. 50). Esta “ideia” era a da real e razoável possibilidade de morrer e ele a reprimia de

diversas maneiras, reorganizando salas, incomodando-se com o trato dado a objetos da casa por sua família, com atitudes que se assemelhavam a sintomas do que hoje se chama transtorno obsessivo-compulsivo. Sadigh (2014) aproxima-se de perspectivas centrais da ciência psicológica ao pontuar que sintomas como esses podem ser fruto de algum conflito bem mais profundo e que, talvez, não se devesse apressar em aplicar técnicas que os sanem rapidamente, mas buscar sua origem mais interna. Parece claro que, se Ivan conseguisse confrontar, verdadeiramente, a possibilidade da sua morte (“aquilo”, como a chamava), seus sintomas ansiosos desapareceriam, pois era a evitação a fonte deles, como Tolstói (2018) deixa claro.

Além da dificuldade em encarar a morte, Ivan encontra dificuldade em encarar sua vida. Os fatos que destacamos na vida do personagem como oportunidades negligenciadas de realização de sentido parecem ter sido apenas lentamente percebidos por ele. De início, houve frases como “talvez eu não tenha vivido como deveria” (TOLSTÓI, 2018, p. 65) ou “talvez houvesse uma explicação, se se pudesse admitir que não vivi como deveria” (p. 68). No entanto, ele sempre negava essa possibilidade: “mas de que sorte, se eu sempre procedi como era preciso?” (p. 65). Ou ainda: “mas é absolutamente inadmissível” (p. 68). Essas convicções ainda o impediam de dar sentido ao sofrimento pelo qual estava passando, pois a explicação que ele precisava alcançar era de que sua existência tinha sido mal aproveitada e aquela era sua última chance de reparar seus atos.

A doença de Ivan foi a ocasião que ele precisava para forçar-se a encarar o sentido da sua existência e descobrir que a maior parte dela, salvo a infância, segundo ele próprio havia sido desperdiçada. Foi a ocasião em que, livre de distrações, poderia encarar de frente sua vida e sua morte, reconhecendo suas culpas e reparando-as. O modo como adoeceu e morreu fez sentido, portanto, porque o modo como viveu não fez – e isto precisava de redenção. Isto foi descoberto pelo próprio Ivan.

Sentiu que sua agonia era devido à penetração no saco negro e ainda mais pelo fato de não poder escorregar logo para dentro dele. E o que o impedia era a convicção de que sua existência tinha sido boa. E tal justificativa o retinha, impedia de ir para frente e o torturava mais que tudo (Tolstói, 2018, p. 71).

Então, depois de seu filho agarrar sua mão no leito de morte, “Ivan Ilitch caía no fundo do saco, divisava a luz e percebia que sua vida não fora o que deveria ter sido, mas poderia ser reparada” (Tolstói, 2018, p. 71). E a reparação foi amar, nos seus últimos instantes, sua mulher e seu filho, e entregar-se, finalmente, à morte. Esta entrega o realizou de tal modo que pôde exclamar em alta voz: “que alegria!” (p. 73)

Pode ser paradoxal o fato de o personagem só se sentir realmente bem depois de verificar um fato doloroso, ou seja, que sua vida não tinha sido bem vivida. Mais interessante ainda é o fato de esta ideia, apesar de dolorosa, não parar de vir à sua mente durante seu tormento. Parece haver aí uma das mais claras manifestações da vontade de sentido, algo maior e mais profundo que a simples vontade de prazer, pois ela enfrenta até o sofrimento para ser realizada e esta realização coexiste com ele ao fim de tudo. E ela se deu, em Ivan, em dois aspectos: arrependimento e aceitação do sofrimento.

O arrependimento, segundo Frankl (2019, p. 195) pode constituir uma realização de sentido: “o arrependimento do culpado é como se o fizesse ressuscitar, libertado de sua culpa”. O moribundo já não poderia mudar seu passado. Porém, pelo arrependimento, pôde redimir-se, ao menos interiormente, “ressuscitando”.

O segundo aspecto, a aceitação do sofrimento, também pode ser compreendida à luz de Frankl (2019, p. 194): “se sofremos por causa de uma coisa, é precisamente porque não quereremos sofrer por causa dela [...] Se uma coisa nos faz sofrer é porque interiormente lhe voltamos as costas”. Ivan parou de sofrer porque encarou de frente sua enfermidade e sua morte, aceitando-as: “ah! Ei-la! E daí? É deixá-la doer” (TOLSTÓI, 2018, p. 73).

Ivan, então, morreu realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte faz parte da vida. Sem a consciência de que ela chegará, não é possível viver uma vida com sentido e, sem sentido durante a vida, a morte se torna um peso. Ao contrário, para aqueles que realizam valores, dando sentido à própria vida, a morte não se torna assustadora. “A certeza da morte só

representa um horror para aqueles a quem pesa a consciência da vida” (FRANKL, 2019, p. 218).

É muito clara a mudança de perspectiva de Ivan Ilitch em relação à morte ao longo da história narrada por Tolstói (2018). Ela mudou de algo cujo nome era, para ele, impronunciável, para algo aceitável, diante do qual pôde, inclusive, se alegrar. A permissão que ele deu a si para encarar a morte de frente, tomando consciência de sua realidade concreta na existência dele foi o que lhe permitiu olhar para o seu passado com criticidade. E foi este olhar crítico que permitiu que se arrependesse e se esforçasse, em seus últimos instantes, para reparar seus erros, agindo amavelmente com seus entes queridos e encarando a morte de “cabeça erguida”. De acordo com Frankl (2019, p. 193), essa atitude corresponde a atingir “uma grandeza interior que, retrospectivamente, confere a toda a vida passada – não obstante a sua aparente inutilidade – uma plenitude de sentido”.

Portanto, com o suporte teórico da obra de Viktor Frankl, com a ilustração da obra de Tolstói e com o auxílio de comentadores de ambos os autores, refletimos acerca de a consciência da morte ser um fator que auxilia o ser humano na sua busca de sentido por meio da realização das três categorias de valores e, se bem vivida, especialmente dos valores de atitude, necessários diante de sofrimentos inevitáveis.

Além disso, este estudo torna claras relações estabelecidas entre morte e sentido da vida e entre literatura e psicologia, valorizando a comparação entre obras de ambas as áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos de logoterapia e análise existencial*. 7 ed. São Paulo: Quadrante, 2019.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 51 ed. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2020.

FREUD, Sigmund. Dostoevsky and parricide. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Volume XXI (1927-1931): The Future of an Illusion, Civilization and its Discontents, and Other Works. 1961. p. 173-194.

JUNG, Carl Gustav. Psychology and Literature. In: JUNG, Carl Gustav. *Collected Works of C.G. Jung*, volume 15. Princeton: Princeton University Press, 2014. p. 84-105.

LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e literatura*. 5 ed. rev. São Paulo: Unesp, 2002.

LEWIS, Marshall H. Logotherapy and existential hermeneutics. In: The International Forum For Logotherapy. 2014. p. 76-81.

TOLSTÓI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch & Senhores e Servos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

SADIGH, Micah. *Existential Journey: Viktor Frankl & Leon Tolstoy on Suffering, Death, and the Search for Meaning*. Lima, Ohio: Wyndham Hall Press, 2014.



O SOBRENATURAL COMO FERRAMENTA DE CONHECIMENTO DO SER HUMANO EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*¹

THE SUPERNATURAL AS A TOOL OF KNOWLEDGE OF THE HUMAN BEING IN *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

LE SURNATUREL COMME UNE OUTIL DE CONAISSANCE DE L'ÊTRE HUMAIN EN *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Felipe Gomes Bastos²
José Guilherme de Oliveira Castro³

Resumo

Este artigo se propõe a investigar o elemento sobrenatural no romance “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago, com o objetivo de compreender se tal elemento exerce a função de promover o conhecimento do ser humano. Para tanto, utilizou-se o método de pesquisa qualitativa e bibliográfica. Os referenciais teóricos adotados incluem os estudos de Todorov (1992) sobre a literatura fantástica, bem como os de Chiampi (2015) sobre o realismo maravilhoso. A análise do romance feita com base nesses referenciais revelou que o elemento sobrenatural integra um projeto estético-filosófico de representação da cegueira humana em suas diversas conotações metafóricas, promovendo dessa forma um maior conhecimento a respeito do ser humano.

Palavras-chave

Ensaio sobre a cegueira; Sobrenatural; Conhecimento do ser humano

Abstract

This paper intends to investigate the supernatural element in the novel “Ensaio sobre a cegueira”, by José Saramago, aiming to comprehend whether such element have the function of promoting the knowledge about the human being. To do so, it was adopted the method of qualitative and bibliographical research. The theoretical framework comprehends the studies of Todorov (1992) about the fantastic literature, and those of Chiampi (2015) about the marvelous realism. The analysis of the novel made based on these references revealed that the

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões”, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC). E-mail: felipebastos101@gmail.com, ORCID: 0000-0002-1189-253X.

³ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: jgppsico.letras@gmail.com, ORCID: 0000-0003-3602-7734.

supernatural element integrates an esthetic and philosophic project of representation of the human blindness on its several and metaphoric connotations, promoting therefore a bigger knowledge about the human being.

Keywords

Ensaio sobre a cegueira; Supernatural; Knowledge about the human being

Résumé

Cet article vise à étudier l'élément surnaturel dans le roman "Ensaio sobre a cegueira", de José Saramago, dans le but de comprendre si cet élément remplit la fonction de promouvoir la connaissance de l'être humain. À cette fin, la méthode de recherche qualitative et bibliographique a été utilisée. Les références théoriques adoptées incluent les études de Todorov (1992) sur la littérature fantastique, ainsi que celles de Chiampi (2015) sur le réalisme merveilleux. L'analyse du roman faite à partir de ces références a révélé que l'élément surnaturel intègre un projet esthétique et philosophique de représentation de la cécité humaine dans ses diverses connotations métaphoriques, favorisant ainsi une plus grande connaissance de l'être humain.

Mots-clés

Ensaio sobre a cegueira; Surnaturel; Connaissance de l'être humain

1. INTRODUÇÃO

Já se atribuiu à literatura, bem como às artes de um modo geral, a função de ferramenta de exploração do ser humano. Porém, diferentemente da ciência e da filosofia, que exercem a mesma função pela via da razão, a literatura se vale de outros métodos. Não há experimentação, formulação de hipóteses ou cálculos matemáticos em uma obra literária. Há, em vez disso, um exercício de (auto)reflexão por meio da linguagem. A literatura reduz o mundo à palavra para que possamos lê-lo, escutá-lo e, quem sabe, compreendê-lo.

Porém, é questionável se toda obra literária possui a capacidade (ou mesmo a intenção) de promover essa compreensão da humanidade por meio da linguagem. Este trabalho se propõe a concentrar esse questionamento sobre um tema específico da literatura: o sobrenatural. Selecionou-se, para essa finalidade, uma obra que aborda esse tema: Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago. Pretende-se, por meio do estudo desse romance, responder ao

seguinte problema: pode o elemento sobrenatural, na literatura, ser utilizado como uma ferramenta de conhecimento do ser humano?

A fim de responder a essa pergunta, será feito, em um primeiro momento, um levantamento teórico a respeito da capacidade da obra literária em criar conhecimento. Em seguida, serão expostas as principais características do gênero fantástico a partir da obra de Todorov (1992) em sua Introdução à literatura fantástica, e do Realismo Maravilhoso, a partir da obra de Irlemar Chiampi (2015). Por fim, de posse desse instrumental teórico, proceder-se-á à análise do romance de Saramago, com foco nos acontecimentos insólitos que permeiam a narrativa e em como eles se prestam à reflexão acerca da condição humana. Por fim, serão tecidas as considerações finais.

2. A LITERATURA COMO FORMA DE CONHECIMENTO

A relação entre literatura e conhecimento já foi muito debatida por pensadores de diversas áreas. Afinal, pode uma obra de ficção, como um romance ou um conto, promover, para além da fruição estética, algum tipo de aprendizado sobre o mundo? Cândido (1999), ao refletir sobre as funções do texto literário, formulou esse problema da seguinte forma:

Chegamos agora ao ponto mais complicado. Além das funções mencionadas (isto é, satisfazer à necessidade universal de fantasia e contribuir para a formação da personalidade) teria a literatura uma função de conhecimento do mundo e do ser? Por outras palavras: o fato de consistir na construção de obras autônomas, com estrutura específica e filiação a modelos duráveis, lhe dá um significado também específico, que se esgota em si mesmo, ou lhe permite representar de maneira cognitiva, ou sugestiva, a realidade do espírito, da sociedade, da natureza? (CÂNDIDO, 1999, p. 85)

O teórico e crítico literário não tarda a responder esse questionamento, reconhecendo na literatura uma função de “representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade” (CÂNDIDO, 1999, p. 86). Ou seja, a despeito de se constituir enquanto objeto semiologicamente autônomo, como o querem as correntes estruturalistas, o texto literário não rompe o cordão umbilical com a realidade que busca representar, nem perde sua capacidade de atuar sobre ela. É por essa razão que o leitor, ao entrar em contato com a visão de mundo apresentada pelo autor, é capaz de incorporá-la à sua própria experiência humana.

Régis (2001), seguindo essa mesma linha de pensamento, busca desconstruir os pressupostos que sustentam a separação entre literatura e ciência, para os quais apenas esta seria uma forma de conhecimento. Segundo a autora, há antes uma continuidade entre as duas, visto que ambas compartilham características em comum.

Por exemplo: tanto a ciência quanto a literatura apreendem o mundo a partir de um enquadramento conceitual e linguístico. Isso afasta a concepção de que o pensamento literário é subjetivo ao passo que o científico é objetivo, visto que ambos se assentam sobre formulações conceituais e estas, por sua vez, sobre uma língua humana. O conhecimento científico não se erige, portanto, a partir um terreno neutro, como pretendiam os iluministas, mas sim da realidade humana, a mesma que dá à luz a literatura.

É verdade, porém, que há diferenças entre as duas formas de conhecimento. Ainda de acordo com Régis, a literatura não tem (ao menos não necessariamente) a mesma intenção sistematizadora da ciência, já que não tenta reduzir tudo a critérios lógicos. Nas palavras da autora:

A literatura é a relembração constante das harmonias encontradas ou perdidas, porque é a capacitação mais lícita de nossa experiência de conhecimento, sem se submeter a nenhum parâmetro sistemático de verdade. (RÉGIS, 2001, p. 199)

Partindo de uma visão similar, porém sob outro ângulo conceitual, Cortázar (1999) se refere à literatura não como uma forma de conhecimento, mas sim de conquista da realidade. Por essa visão, a leitura e escrita de obras literárias se assemelha a uma empresa de apoderamento da realidade, na medida em que as coisas são reduzidas a “temas” e aprisionadas nos livros que compõem o crescente patrimônio literário da humanidade.

Uma consequência da adoção desse ponto de vista é uma resignificação da história da literatura. O surgimento dos gêneros e a variação nas preferências temáticas seriam explicados como mudanças estratégicas nessa empresa de conquista verbal do mundo. Empresa essa que, segundo Cortázar, avança primeiro sobre a realidade externa. É por essa razão que a literatura clássica – veja-se a épica grega – é focada na ação. Mesmo os aspectos psicológicos das

personagens são traduzidos em acontecimentos (a cólera de Aquiles se percebe nos ataques de sua lança). Somente com a modernidade a literatura se voltou para a realidade interna do ser humano.

Essas considerações se coadunam ao que diz Lukács a respeito da cultura helenística:

Aí não há ainda nenhuma interioridade, pois ainda não há nenhum exterior, nenhuma alteridade para a alma. Ao sair em busca de aventuras e vencê-las, a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta, e jamais põe a si mesma em jogo; ela ainda não sabe que pode perder-se e nunca imagina que terá de buscar-se. Essa é a era da epopéia. (LUKÁCS, 2000, p. 26)

Essa preferência da epopeia pela realidade externa, e sua falta de interesse pela dimensão interna do ser humano, parecem bastante pertinentes para um estudo sobre a função do sobrenatural na literatura, se considerarmos que a era da poesia épica é ricamente povoada por elementos dessa natureza: deuses, heróis, monstros e todo tipo de evento maravilhoso. Com essa reflexão em mente, pode-se adentrar agora no estudo dos gêneros literários que se valem desses elementos temáticos.

3. O FANTÁSTICO E O REAL-MARAVILHOSO

Ao abordar o tema da fantasia, já se carrega, inevitavelmente, uma certa noção advinda do senso comum, que normalmente associa o fantástico a elementos que ultrapassam as fronteiras do que é considerado possível. Porém, é necessário um conceito mais sofisticado se se pretende analisar com profundidade uma obra do gênero. Neste trabalho, tomamos como ponto de partida a definição oferecida por Todorov (1992), que o autor assim formula:

Chegamos, assim, ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. (TODOROV, 1992, p. 15)

Assim, não é apenas a ocorrência de um evento a princípio inexplicável que caracteriza a literatura fantástica; é preciso que alguém, diante desse evento, oscile entre duas possíveis explicações: uma racional, que harmonizaria o elemento insólito às leis conhecidas do mundo; outra sobrenatural, que colocaria em dúvida a validade dessas leis.

Mas quem seria esse “alguém”? Segundo Todorov, o leitor. Não o leitor concreto, cuja experiência de leitura nunca é a mesma, mas um leitor médio, hipotético – uma “função leitor” presente no texto. No entanto, não é raro que essa hesitação ante as possíveis explicações de um evento fantástico seja experimentada por um personagem da obra, embora isso não seja uma regra.

Há, ainda, uma terceira característica que Todorov aponta como essencial ao gênero fantástico: a incompatibilidade com a alegoria e a poesia. Uma história fantástica, segundo o autor, deve ser lida como uma série de eventos “reais” dentro do universo fictício que ela cria. Da feita que a obra é lida como uma representação de uma ideia (alegoria) ou como uma sequência verbal exaltada como tal (poesia), perde-se a característica do fantástico.

De posse dessa definição, é possível avançar à seguinte questão: pode o fantástico promover o conhecimento do ser humano? Todorov aponta uma característica do gênero que traz uma primeira luz a essa pergunta: as obras fantásticas, geralmente, têm foco no desenvolvimento da ação. Isso porque, segundo o autor, “O elemento sobrenatural resulta ser o material narrativo que melhor cumpre esta função precisa: modificar a situação precedente e romper o equilíbrio (ou desequilíbrio) estabelecido” (TODOROV, 1992, p. 86).

Essa vocação do fantástico ao impulsionamento do enredo, por meio da quebra do equilíbrio, demonstra um certo parentesco com a poesia épica, que, conforme as já mencionadas observações de Cortázar (1999) e Lukács (2000), ignora a introspecção em favor das aventuras no mundo exterior. Assim, a literatura fantástica, a princípio, não possuiria nenhuma inclinação às sondagens da alma humana. O sobrenatural, pelo contrário, atrai nossa visão para a realidade externa: o fantasma, o monstro, o portento etc.

Porém, a essa primeira conclusão pode-se opor a voz de Cândido:

A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CÂNDIDO, 1999, p. 83)

Dessa forma, é possível pensar no fantástico como expressão da realidade humana, a despeito de sua inclinação para o sobrenatural. Este, aliás, nem sempre é contraposto ao que chamamos de “realidade”, podendo mesmo ser parte integrante dela. É o que marca a modalidade literária conhecida como realismo mágico/fantástico/maravilhoso (as nomenclaturas variam), com a qual Saramago possui afinidade de acordo com os estudos de Branco (2014) e Lopes (2011), e cujas características, portanto, vale a pena conhecer.

Enquanto o fantástico tradicional é marcado pela tensão entre o natural e o sobrenatural, gerando no leitor uma hesitação entre duas possíveis interpretações, o realismo maravilhoso, conforme Chiampi (2015), promove uma contiguidade entre essas duas esferas, harmonizando-as por meio de dois procedimentos simétricos: a naturalização do sobrenatural e/ou a sobrenaturalização do real.

O primeiro desses procedimentos consiste em apresentar, de forma casual e livre de estranhamento, fenômenos a que o senso comum atribui a qualidade de sobrenaturais. O segundo corresponde ao que Lopes (2011) chama de realismo mágico metafísico, e consiste na criação de um efeito de espanto diante de eventos comuns, que passam a ser percebidos de forma desfamiliarizada e insólita.

O efeito produzido pela aplicação desses recursos, de acordo com Chiampi, é a negação de certas dualidades que limitam a visão de mundo do leitor, pois “Neste resgate de uma imagem orgânica do mundo, o realismo maravilhoso contesta a disjunção dos elementos contraditórios ou a irredutibilidade da oposição entre o real e o irreal” (CHIAMPI, 2015, p. 61).

Assim, uma das maneiras pelas quais o realismo maravilhoso promove o conhecimento do ser humano é, paradoxalmente, colocando em crise o

conhecimento que se tem dele, minando os pressupostos racionais pelos quais a humanidade apreende a si mesma e ao mundo e, com isso, permitindo um contato mais puro e livre de preconceitos com a realidade.

Feitas essas considerações, pode-se prosseguir à análise da obra eleita como objeto deste estudo, a fim de verificar como se concretiza nele a função cognitiva da literatura e que papel tem nela o elemento sobrenatural, seja pelo viés do fantástico ou do real maravilhoso.

4. ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

A premissa básica de *Ensaio sobre a cegueira* revela desde já sua vinculação ao sobrenatural: um homem conduz seu veículo costumeiramente pelas ruas quando, sem razão aparente, cega. Mas não é uma cegueira ordinária que o acomete, pois, ao invés de enxergar tudo escuro, é uma brancura insondável que lhe invade a vista, como se “um mar de leite” lhe entrasse pelos olhos, nas palavras do próprio personagem. Esse mal súbito e inexplicável logo começa a se alastrar de forma epidêmica, chegando quiçá a cobrir a humanidade inteira, criando um verdadeiro mundo de cegos.

A vacilação diante das possíveis razões desse fenômeno se faz presente na obra, na medida em que alguns personagens, entre eles o oftalmologista, procuram, sem sucesso, encontrar uma causa científica para a nova cegueira. Com isso, resta preenchido o requisito mínimo do gênero fantástico. No entanto, após uma análise detida, é necessário reconhecer que o romance de Saramago não se enquadra perfeitamente na definição de Todorov.

Um primeiro dado que indica essa conclusão é a presença constante de digressões de caráter reflexivo no romance, o que, segundo Todorov, seria pouco comum em obras fantásticas, cujo foco, como já se viu, é o desenvolvimento da ação. No *Ensaio sobre a cegueira*, por outro lado, a narração é frequentemente interrompida para que o narrador (ou por vezes um personagem) faça algum tipo de reflexão como esta:

A consciência moral, que tantos insensatos têm ofendido e muitos mais renegado, é coisa que existe e existiu sempre, não foi uma invenção

dos filósofos do Quaternário, quando a alma mal passava ainda de um projeto confuso. Com o andar dos tempos, mais as actividades da convivência e as trocas genéticas, acabámos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas, e, como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca. (SARAMAGO, 1995, p. 26)

Tais momentos de contemplação filosófica são assaz frequentes para serem tratados como mera característica periférica da obra, sendo forçoso reconhecer o seu papel estruturante na narrativa. A cada digressão desse tipo, fica mais claro que o projeto literário de Saramago se assemelha à criação de um microcosmo que representa, em menor escala, a totalidade do ser humano. É o que sugere uma das personagens que, ao observar os cegos internados em um manicômio, declara: “o mundo está todo aqui dentro” (SARAMAGO, 1995, p. 102)

Mas é preciso questionar se essa empreitada estético-filosófica ocorre de forma paralela ao elemento fantástico, ou se este assume algum papel nela. Para elucidar esse ponto, convém observar que o evento misterioso que inicia o movimento narrativo (a perda da visão) é muitas vezes usado como uma metáfora das situações vividas pelos personagens. Ao longo das mais de 300 páginas do romance, a cegueira foi comparada a: loucura, medo, luta, matança, falta de esperança, falta de entendimento, entre outras coisas.

Nesse ponto, o texto inverte um dos procedimentos apontados por Todorov como característicos do gênero fantástico: a antecipação, por meio de comparações figurativas, de algo que irá acontecer de forma literal em algum ponto da narrativa:

Neste caso, a aparição do elemento fantástico está precedida por uma série de comparações, de expressões figuradas ou simplesmente idiomáticas, muito frequentes na linguagem comum, mas que, tomados literalmente, designam um acontecimento sobrenatural: precisamente aquele que terá que produzir-se ao final da história. (TODOROV, 1995, p.43)

Na obra de Saramago, ocorre o oposto: o evento fantástico tem lugar no início da história, constituindo-se como parâmetro de comparação para os eventos que virão em seguida. Sem esmiuçar todas essas comparações (pois isso seria roubar o trabalho do leitor), vale destacar uma delas, que parece de

maior relevância para a obra, e que foi resumida por Teixeira (1999) da seguinte forma:

A esse respeito, Saramago, em *Ensaio sobre a cegueira*, ao se utilizar do insólito, deseja criar um momento de transição, representando o caos, mas aponta para a chegada de um novo mundo, simbolizado pela saída dos cegos das trevas da cegueira. A situação caótica, absurda serve para revelar a autêntica cegueira das personagens: a alienação. Dessa maneira, o caos instalado é instrumento de revelação e de depuração. (TEIXEIRA, 1999, p.7)

Essa leitura é sustentada pelo trecho final do romance, em que, após as pessoas começarem a recuperar a visão de forma tão repentina quanto a haviam perdido, o médico oftalmologista e sua mulher têm o seguinte diálogo:

Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.” (SARAMAGO, 1995, p.310)

Dessa forma, percebe-se a existência de (pelo menos) duas camadas de sentido no texto. A primeira é constituída pelos acontecimentos que compõem o enredo, e exige uma interpretação literal: a cegueira existe, as pessoas de fato perdem o sentido da visão. Há, porém, uma segunda camada que permite uma interpretação metafórica, localizada em um nível mais profundo da obra, mas que aflora à superfície textual nos momentos em que a cegueira é comparada a outros males que afligem o ser humano.

É importante ressaltar que a existência de um sentido figurado subjacente à superfície do texto não anula a possibilidade de uma interpretação literal, pois esta é condição de ser do fantástico. Como já visto na definição de Todorov, a leitura estritamente alegórica é incompatível com o discurso fantástico. O *Ensaio sobre a cegueira* pode, sim, ser lido como uma analogia da alienação, mas nem por isso deixa de ser a história de pessoas cujos olhos misteriosamente perdem a capacidade de ver.

Por fim, é preciso observar que, segundo Lopes (2011), o romance ora analisado se vale do procedimento de sobrenaturalização do real, típico do realismo maravilhoso, uma vez que conceitos pertencentes à esfera do real (como a visão e a cegueira) são apresentados sob uma ótica de estranhamento.

Cumpramos investigar que papel esse recurso exerce no projeto de Saramago de promover o conhecimento do ser humano por meio da fantasia.

Relembremos que, segundo Régis (2011), a literatura, assim como a ciência, se propõe a conhecer o mundo a partir de um enquadramento conceitual e linguístico. Ou seja, os dados da realidade são apreendidos conforme certos pressupostos, com a ressalva de que a literatura não teria a mesma pretensão científica de sistematizar esses dados em termos lógicos.

É preciso reconhecer, no entanto, que a literatura já teve essa pretensão. A prosa realista-naturalista é a prova disso, com sua tentativa de se apropriar da razão científica para fins literários. Segundo Chiampi (2015), é justamente visando superar esse paradigma racionalista que o realismo maravilhoso surge, questionando a validade das oposições binárias entre o verdadeiro e o falso, o natural e o sobrenatural.

Assim, se o *Ensaio sobre a cegueira* convida o leitor a contemplar o ser humano e as múltiplas cegueiras que o acometem, o prisma conceitual através do qual se dá essa contemplação não é o da razão científica, mas sim o da harmonização entre o real e o irreal, o ordinário e o maravilhoso. O enquadramento lógico é prescindível na leitura do romance, de modo que até mesmo a oposição entre as duas interpretações (literal e metafórica) pode ser superada, integrando-se as duas em um todo harmônico e indivisível.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar um texto literário adotando como parâmetro as características do gênero ao qual se vincula é um trabalho que exige um cuidado particular. Não se pode incorrer no erro de tratar a obra individual como reprodução de um modelo geral. O próprio Todorov, tão citado neste artigo, adverte que apenas a subliteratura se comporta dessa forma mecânica. Nenhuma obra literária digna desse nome se insere em um determinado gênero sem trazer alguma novidade que modifique a noção que se tem dele.



Como se viu, o *Ensaio sobre a cegueira* não se enquadra perfeitamente na noção de fantástico apresentada. Tampouco o realismo maravilhoso lhe serve de espelho, pois a dúvida quanto ao caráter natural ou sobrenatural do evento em torno do qual a estória gira ainda existe. No entanto, deve-se igualmente fugir do outro extremo, que seria tratar a obra como um caso *sui generis*, desvinculado do universo da produção literária. Cumpre recorrer aos modelos gerais na medida em que contribuem para a compreensão do fenômeno particular, contrapondo-os de forma dialética às peculiaridades do objeto.

No caso do romance de Saramago, o uso do elemento insólito não se presta apenas à função estritamente narrativa – o impulsionamento da ação – mas assume uma função no projeto global do texto quanto à representação da cegueira humana em suas múltiplas formas, criando uma imagem concreta que serve de analogia às abstrações do espírito. Nesse sentido, o título do livro poderia ser pluralizado: trata-se de um verdadeiro *Ensaio sobre as cegueiras*.

Dessa forma, pode-se responder ao questionamento proposto na introdução deste trabalho: o tema sobrenatural pode servir de ferramenta para conhecer o ser humano? A obra do romancista português nos mostra que sim: seja de uma perspectiva fantástica ou realista maravilhosa, o sobrenatural pode ser incorporado de forma proveitosa às reflexões a respeito da condição humana, oferecendo um ângulo não estritamente racionalista a partir do qual essas reflexões podem ser feitas, além de figuras metafóricas que permitem penetrar mais profundamente nas questões que permeiam a humanidade.

Porém, é importante não perder de vista que a capacidade que a literatura tem de promover o conhecimento do mundo e do homem foi tratada aqui como um processo de revelação: o texto literário nos revela algo sobre o objeto narrado. Isso logicamente pressupõe a preexistência desse objeto ao texto que o tematiza. No entanto, isso não é algo indiscutível. Há perspectivas teóricas segundo as quais o texto não apenas se *refere* a um objeto do mundo, mas *cria*, em alguma medida, esse objeto. Seria interessante adotar essa perspectiva a fim de investigar como a fantasia e o sobrenatural contribuem não apenas para revelar o ser humano, mas para construir a visão que se tem dele.



6. REFERÊNCIAS

BRANCO, Isabel Araújo et al. El “realismo mágico portugués”: las propuestas de José Saramago y João de Melo. **Colindancias-Revista de la Red de Hispanistas de Europa Central**, n. 5, p. 131-142, 2014.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de males**, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>. Acesso em: 03 set. 2022.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CORTÁZAR, Júlio. **Obra crítica 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LOPES, Tania Mara Antonietti. O realismo mágico e seus desdobramentos em romances de José Saramago. 2011. 128 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102368>. Acesso em: 23 jun. 2022.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

RÉGIS, Sônia. Literatura e conhecimento. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, n. 1, 2001.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TEIXEIRA, Eliane de Alcântara. O fantástico e o dialogismo em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. **Revista Letras**, Curitiba, v.52, p. 143-164, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

O CONCEITO DE "MUNDO BANI" E O FOCO NO NEGATIVO: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES E JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS ¹

THE CONCEPT OF "BANI WORLD" AND THE FOCUS ON THE NEGATIVE: A STUDY WITH TEENAGERS AND YOUNG PEOPLE FROM PUBLIC SCHOOLS

EL CONCEPTO DE "MUNDO BANI" Y EL ENFOQUE EN LO NEGATIVO: UN ESTUDIO CON ADOLESCENTES Y JÓVENES DE ESCUELAS PÚBLICAS

Cinthyia Souza Simas²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

A situação de pandemia de Covid-19 agrava efeitos negativos do mundo atual, relacionados a termos como “violência neuronal” e “sociedade do cansaço”. Este estudo de campo mediado pela internet objetiva refletir acerca de impactos da pandemia sobre relatos de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Para tanto, lançamos mão da noção de “mundo BANI” (“Frágil”, “Ansioso”, “Não Linear” e “Incompreensível”) (CASCIO, 2018). Dez participantes, estudantes de ensino médio de escolas públicas da região metropolitana de Belém, responderam a um questionário online com seis perguntas abertas. A análise dos dados foi realizada com base na metodologia de análise de conteúdo. Verificamos que a pressão representada pelo conhecimento considerado como acadêmico, somada àquela advinda da avaliação de desempenho nas escolas, pode ter favorecido a construção de uma perspectiva negativa dos participantes sobre si mesmos e o mundo. A possibilidade de a apresentação do conceito de “mundo BANI” ter influenciado negativamente a perspectiva chama a atenção para efeitos indiretos de questões que são direcionadas a adolescentes e jovens.

Palavras-chave: adolescentes; internet; mundo bani; violência neuronal; pandemia de Covid-19.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Graduanda em Psicologia da UNAMA e voluntária do Programa de Iniciação Científica (2021/2022). E-mail: cinthya.simas.psicologia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4168-291X>.

³ Doutora em Psicologia pela UFPA e professora permanente do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>.



Abstract

The Covid-19 pandemic situation exacerbates negative effects of the current world, related to terms such as "neuronal violence" and "burnout society". This internet-mediated field study aims to reflect on the impacts of the pandemic on reports of adolescents and youth in situations of social vulnerability. To do so, we used the notion of "BANI world" ("Brittle," "Anxious," "Nonlinear," and "Incomprehensible") (CASCIO, 2018). Ten participants, high school students from public schools in the metropolitan area of Bethlehem, answered an online questionnaire with six open-ended questions. Data analysis was performed based on the content analysis methodology. We verified that the pressure represented by the knowledge considered as academic, added to that resulting from performance evaluation in schools, may have favored the construction of a negative perspective of the participants about themselves and the world. The possibility that the presentation of the concept of "BANI world" may have negatively influenced the perspective calls attention to indirect effects of questions that are directed to adolescents and young people.

Keywords: teenagers; internet; BANI world; neuronal violence; Covid-19 pandemic.

Resumen

La situación pandémica de Covid-19 agrava los efectos negativos del mundo actual, relacionados con términos como "violencia neuronal" y "sociedad de la fatiga". Este estudio de campo mediado por Internet pretende reflexionar sobre los impactos de la pandemia en los informes de adolescentes y jóvenes en situación de vulnerabilidad social. Para ello, hacemos uso de la noción de "mundo BANI" ("Frágil," "Ansioso," "No lineal" e "Incomprensible") (CASCIO, 2018). Diez participantes, estudiantes de secundaria de escuelas públicas del área metropolitana de Belém, respondieron a un cuestionario en línea con seis preguntas abiertas. El análisis de los datos se realizó a partir de la metodología de análisis de contenido. Verificamos que la presión representada por el conocimiento considerado como académico, sumada a la proveniente de la evaluación del desempeño en las escuelas, puede haber favorecido la construcción de una perspectiva negativa de los participantes sobre sí mismos y el mundo. La posibilidad de que la presentación del concepto de "mundo BANI" haya influido negativamente en la perspectiva llama la atención sobre los efectos indirectos de las preguntas que se dirigen a los adolescentes y jóvenes.

Palabras clave: adolescentes; internet; mundo BANI; violencia neuronal; pandemia de Covid-19.

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Byung-Chul Han (2017), filósofo coreano, classifica as duas primeiras décadas do século XXI como uma sociedade do cansaço. Neste sentido, a violência neuronal atinge diretamente o funcionamento dos neurônios e é

manifestada pelo esgotamento e exaustão dos indivíduos, além de sufocamento frente à demasia.

A sociedade do cansaço se manifesta por meio da pressão de desempenho, que se revela em sentimentos de inferioridade, angústia e autoagressão frente à maximização da performance, resultando em pessoas depressivas e fracassadas. O indivíduo está sujeito a um excesso de estímulos e informações que resultam de super comunicação, super desempenho e superprodução, amplamente difundidos no espaço virtual, com manipulações de emoções e percepções de acordo com o imperativo de desempenho, gerando estresse (HAN, 2017).

O conceito de pressão de desempenho foi desenvolvido em um período da história que foi identificado, desde o final dos anos 1980, como “mundo VUCA”, um acróstico derivado de *Volatile* (volátil), *Uncertain* (incerto), *Complex* (complexo) e *Ambiguous* (ambíguo) (BODENHAUSEN; PEERY, 2009). Recentemente, no entanto, o antropólogo Cascio (2018) apresentou a noção de “mundo BANI”, um acróstico de *Brittle* (frágil), *Anxious* (ansioso), *Non-linear* (não Linear) e *Incomprehensible* (incompreensível). Em decorrência da pandemia, a ideia de um mundo suscetível a catástrofes imprevisíveis foi consolidada. Devido à internet, a constatação de fragilidade repercute, como o coronavírus, por todo o planeta, gerando ainda mais ansiedade.

A pandemia escancarou a vulnerabilidade da vida humana, causando um senso de urgência capaz de influenciar tomadas de decisão de diferentes ordens. O isolamento social levou ao esgotamento e estranhamento, fazendo com que eventos parecessem desconectados e pouco estruturados. Um mundo em constante mudança – essa não-linearidade dá espaço à incompreensão e ao estresse (CASCIO, 2020; ROSOLEN, 2021).

Entende-se que o “mundo BANI” possui uma natureza sem precedentes, de forma que confunde a compreensão das circunstâncias e dificulta o estabelecimento de parâmetros para futuras decisões. A linguagem e os conceitos até então formulados não são capazes de explicar completamente a dimensão do mundo atual e suas configurações.

Diante da coexistência de real e virtual e de interfaces estéticas e performáticas, a *psique* se consolida como mais uma ferramenta de exploração, resultando em uma hipermodernidade de múltiplos sentidos, que contribui para a normalização da violência identificada como sistêmica e neuronal (LIPOVESTKY; SERROY, 2015; SIMAS; DARWICH, 2021).

Sendo assim, a internet promove conexões estéticas e comportamentais, permitindo a apropriação e o impacto das características de um “mundo BANI” sobre a subjetividade, a reformulação na concepção de indivíduo e de liberdade, além de transformações das noções de espaço e tempo, no espaço híbrido. Daí derivam coerções sistêmicas e o prejuízo na capacidade de compreensão e enfrentamento das adversidades (HAN, 2017). Cascio (2020, n.p) complementa

Tentamos encontrar respostas, mas as respostas não fazem sentido. Além disso, informações adicionais não são garantia de melhor compreensão. Mais dados – até mesmo big data – podem ser contraproducentes, sobrecarregando nossa capacidade de entender o mundo, tornando difícil distinguir ruído de sinal. A incompreensibilidade é o estado final da sobrecarga de informações (tradução nossa).

Adolescentes são extremamente suscetíveis às condições de mundo em que estão inseridos. Segundo Oliveira (2019), o cérebro de adolescentes não está totalmente formado, visto que o pico da maturação atinge seu clímax aos 21 anos de idade.

Este estudo pretende contribuir na ampliação do conhecimento acerca de temas como “mundo BANI”, autoavaliação, enfrentamento positivo e resistência a pressões externas, em contexto de estudo das múltiplas possibilidades de uso da internet, especialmente em situação de pandemia, quando as relações sociais foram mais restritas ao ambiente virtual.

Avaliar o sofrimento psíquico das pessoas exige um posicionamento ético e político sobre o mundo social e psicológico, o que inclui a problemática que envolve as características do mundo atual e sua influência na vivência de adolescentes e jovens. Daí deriva a relevância teórica e prática deste estudo que traz, como objetivo, refletir acerca de impactos da pandemia de Covid-19 sobre relatos de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de campo mediada pela internet é de caráter descritivo, utilizando a abordagem qualitativa para análise do conteúdo investigado, com aplicação de questionário online (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; GIL, 2008). Foi utilizada metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

Os dez participantes eram estudantes de ensino médio, entre 15 e 20 anos. Eles foram identificados com a letra “F” ou “M”, de acordo com o gênero, seguidos por numeração em ordem crescente. Sete são do gênero feminino e três, do masculino. Cinco estavam cursando o 1º ano do ensino médio (F1, F2, F3, F4 e M1), três, o 2º ano (F5, F6 e M3), e dois, o 3º ano (F7 e M2). Enquanto os participantes mais novos (F1, F2 e F3), com 15 anos, estavam no 1º ano, a participante mais velha estava com 20 anos (F7), mas ainda cursando o 3º ano.

Todos os participantes eram moradores de bairros da periferia de Belém e de Ananindeua, viviam em situação de vulnerabilidade social e haviam voltado a frequentar a escola na modalidade presencial em agosto de 2021.

Em outubro de 2021, demos início ao convite para participação da pesquisa ao entrar em contato com os coordenadores de duas escolas públicas da região metropolitana de Belém. Apresentamos ofício, explicamos a pesquisa e o formulário a ser preenchido. Após aprovação dos coordenadores, compartilhamos o vídeo explicativo com os alunos do ensino médio das respectivas escolas⁴.

Foi utilizado um questionário online com seis perguntas abertas, gerado por meio de um formulário Google. Ele foi enviado aos participantes por meio de um link de acesso, via WhatsApp.

A pesquisa-ação do qual este estudo faz parte, “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, foi submetida para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Amazônia, via Plataforma Brasil, obtendo parecer favorável no 3.777.809 e CCAE: 24782619.9.0000.5173. A participação na pesquisa decorreu de assinatura de um Termo de Consentimento Livre e

⁴ Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1ChBk4bRbz82Cou97ii508_4BbCwT-UNI?usp=sharing. Acesso em: 20 ago. 2022.

Esclarecido (TCLE), pelas participantes, de acordo com a resolução 466/12 do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A possibilidade de vivências características de um “mundo BANI” por adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social foi investigada neste estudo por meio da utilização das seguintes categorias de análise: “desafios na pandemia”, “enfrentamento”, “autoavaliação” e “pressão externa”. As categorias foram formadas seguindo os critérios de Bardin (2011).

Para avaliar as perspectivas adotadas pelos participantes diante dos desafios enfrentados na pandemia (primeira categoria de análise), duas perguntas foram direcionadas às experiências deles – em 2020 e em 2021. Assim, para além do impacto inicial da pandemia de Covid-19, avaliamos a possibilidade de mudança para melhor diante dos avanços ocorridos em 2021. Mesmo no âmbito escolar, as aulas haviam retornado ao modo presencial ou híbrido em agosto e as entrevistas foram realizadas em novembro.

Como resposta às duas primeiras perguntas, os participantes deveriam resumir a experiência vivida nos anos de 2020 e 2021 (“escolha algumas palavras para expressar a sua experiência no ano de 2020”; “escolha algumas palavras para expressar a sua experiência no ano de 2021”). As perspectivas adotadas por eles são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2. Perspectivas adotadas diante de desafios na pandemia

Perspectiva	Participante	Total
Negativa nos dois anos	F1, F4, M3	3
Negativa em 2020 e positiva em 2021	F2, F3, M1, M2	4
Positiva nos dois anos	F5, F6, F7	3
Positiva em 2020 e negativa em 2021	-	0

30% dos participantes apresentaram perspectivas negativas sobre os anos de 2020 e 2021 (F1, F4, M3), enquanto 40% consideraram apenas 2020 negativamente, reconhecendo aspectos positivos em 2021 (F2, F3, M1 e M2). Além disso, 30% dos participantes consideraram tanto 2020, quanto 2021 de modo positivo (F5, F6 e F7). Assim sendo, se 70% dos participantes

apresentaram perspectivas negativas sobre o ano de 2020, o resultado total caiu para 30% a respeito de 2021.

Vale ressaltar que ninguém apresentou perspectivas positivas em 2020 e negativas em 2021, o que favorece a hipótese de que os participantes realmente se dedicaram a investigar suas vivências. Além de vacinas iniciadas em 2021 (CRISTALDO; BRANDÃO, 2021), as escolas voltaram a um modelo presencial ou híbrido em agosto daquele ano (G1, 2021), o que pode ter trazido novos problemas, mas a literatura voltada a impactos da pandemia sobre adolescentes e jovens não demonstra um crescimento de impactos negativos generalizados sobre eles em 2021, em comparação com 2020 (OLIVEIRA; BARBOSA; FILHO, 2022). Como a situação econômica do país seguiu se agravando, nesta área é possível que 2021 tenha sido mais negativo do que 2020 (CARRANCA, 2022), o que, no entanto, não foi citado pelos participantes.

Considerando que posturas absolutamente negativas correspondem mais de perto à noção de vivência em um “mundo BANI”, destacamos que apenas 30% dos participantes demonstraram uma visão mais coerente com este conceito, não reconhecendo apenas aspectos positivos nos dois anos, como fizeram F5, F6 e F7, e nem mesmo avanços entre 2020 e 2021, como F2, F3, M1 e M2.

Os termos utilizados pelos participantes para expressar o que pensam sobre as vivências nos anos 2020 e 2021 são apresentados no Quadro 3.

Quadro 3. Termos descritivos de vivências em 2020 e 2021

P	2020	2021	Perspectiva
F1	“Saudade”	“Saudade”	Negativa
F4	“Tristeza”	“Complicação”	
M3	“Muito ruim”	“Muito ruim, de novo”	
F2	“Medo, ansiedade, solidão”	“Esperança, cansaço”	Negativa e Positiva
F3	“Decepcionante, tristeza, medo, tédio, desprezo”	“Medo, felicidade”	
M1	“Sofrimento”	“Felicidade”	
M2	“Foi um ano difícil por conta da pandemia. Não tive nem aula e isso foi alguma coisa chata...”	“Voltar às aulas”	
F5	“Nada fácil, mas cada dia a gente tenta melhorar”	“Foi nada fácil, mas parabéns por chegar até aqui”	Positiva
F6	“Conhecimento (aprender a viver fora do normal)”	“Sobrevivência”	

F7	“Aprendizagem e maturidade”	“Paciência (entrar em contato com uma nova realidade não foi muito bom, mas ajudou a desenvolver uma nova habilidade)”	

Como exemplo de manutenção de perspectiva negativa, F1 repetiu o termo “saúde” e M3 enfatizou a diferença respondendo sobre 2020 “muito ruim” e sobre 2021, “muito ruim de novo”. Quanto à mudança de perspectiva, M1 avançou de “sofrimento” para “felicidade” e M2, que identificou a dificuldade enfrentada em 2020 e com a pandemia com a ausência de aulas, em 2021 respondeu “voltar às aulas”.

Verificamos que, quando as perguntas foram direcionadas a algo concreto e pontual como as experiências pessoais na pandemia, os resultados, no geral, foram mais positivos.

A pergunta seguinte teve como foco o uso da internet (“o papel da internet na sua vida sofreu mudanças de 2020 para 2021? Comente”). Utilizamos as respostas dos participantes de modo a compreender como eles lidavam com a internet, no sentido de escolhas que poderiam estar sendo efetuadas. Assim, cada um deles poderia utilizar as saídas possíveis como forma de abrandar os impactos da pandemia, ou seja, reagir diante de circunstâncias negativas. Neste sentido, estamos diante da categoria de análise “enfrentamento”. As respostas são apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4. Enfrentamento na pandemia

P	Internet	Perspectiva
F2	“Durante o ano de 2020 só me comuniquei com outras pessoas através da internet. Infelizmente fiz do celular o meu refúgio”	Negativa
F4	“A internet é uma coisa tóxica”	
F5	“Continuo usando sem muito controle kkk”	
F1	“Com a pandemia foi melhor de falar com as pessoas”	Positiva
F3	“Na maioria das vezes eu só queria ficar longe de más notícias sobre tudo e o celular ajudava”	
F6	“Trouxe mais conhecimento”	
F7	“Passei a me viciar mais na Internet, porém, mudei de visão quanto a isto! Estou sabendo lidar e conciliar meu tempo quanto a este assunto!”	
M1	“Não mudou muita coisa, não. Ajudou”	
M2	“Eu continuo usando do mesmo jeito e é um apoio”	
M3	“Precisei a usar mais para as coisas da escola”	

30% dos participantes (F2, F4 e F5) descreveram perspectivas negativas acerca da alteração do mundo em favor próprio, implícita na categoria “enfrentamento”. Assim sendo, permanecemos com a mesma porcentagem de participantes com este tipo de visão. No entanto, F4 foi o único a apresentar uma perspectiva totalmente negativa em relação à pergunta anterior (perspectiva negativa nos dois anos), de modo que F2 (perspectiva negativa em 2020 e positiva em 2021) e F5 (perspectiva positiva nos dois anos), o que indica que os acontecimentos externos afetam esses dois últimos participantes de forma mais positiva ainda que eles não ajam de forma a lidar melhor com eles, pelo menos no que diz respeito ao uso da internet.

Assim sendo, temos 70% de participantes agindo de forma a combater efeitos negativos provenientes do contexto em que se encontravam.

A quarta pergunta (“como você lida com os seus erros?”) possibilitou a investigação da autoavaliação dos participantes não necessariamente restrita ao período de pandemia (ver Quadro 5).

Quadro 5. Autoavaliação

P		Autoavaliação
F1	“Uma vez que eu tirei 0 em uma prova, quando eu recebi, fiquei desesperada”	Negativa
F2	“Sinto um peso quando erro, e eles me deixam ansiosa. Ex: tirei 8 em biologia (matéria que eu acho essencial), depois disso passei o resto do ano todo me cobrando por isso”	
F3	“Me julgo o tempo todo”	
F4	“Sou muito idiota e erro frequentemente”	
F6	“É difícil me deparar com meus erros”	
M3	“Acredito que erro muito”	
F5	“Às vezes não me importo de perceber um erro”	Positiva
F7	“Um dia na hora de entregar a atividade de inglês eu estava super errada e estava discutindo com uma colega, mas me dei conta e aceitei que coisas assim acontecem”	
M1	“Muitas vezes acho meus erros até muito engraçados”	
M2	“Dependendo do tipo de erro, costumo aceitar melhor”	

Apesar de 70% dos participantes conseguirem lidar com a internet a seu favor, 60% deles apresentaram uma autoavaliação negativa. Isso é indicativo de uma discrepância entre fatores externos, a forma de lidar com eles e a forma de lidar consigo próprio.

A aceitação incondicional da pessoa, para além de seus comportamentos, caracteriza uma alta autoestima. Ela resulta do impacto de demonstrações de afeto que são igualmente incondicionais (GUILHARDI, 2002). Neste sentido, aceitar-se de modo favorável diante de erros demonstra que a estima da pessoa por ela própria é saudável e a motiva a persistir.

Os participantes que demonstraram ter autoaceitação positiva (F5, F7, M1 e M2) apresentaram perspectivas positivas acerca de 2021 (M1 e M2) e dos dois anos iniciais de pandemia (F5 e F7). Quanto ao enfrentamento de dificuldades por meio do uso da internet, apenas F5 escreveu uma perspectiva negativa, porém conseguiu rir da própria resposta, adicionando leveza à situação (“continuo usando sem muito controle kkk”). Dois outros participantes (M1 e M2) já lidavam bem com o uso da internet desde antes da pandemia e F7 reconhece avanços recentes neste sentido (“passei a me viciar mais na Internet, porém, mudei de visão quanto a isto! Estou sabendo lidar e conciliar meu tempo quanto a este assunto!”).

Nas duas últimas perguntas, referentes à categoria “pressão externa”, a noção de “mundo BANI” foi utilizada para contrastar perspectivas teoricamente negativas acerca do mundo atual com aspectos positivos que os participantes poderiam identificar nele (“você acha que vivemos em um mundo frágil, ansioso, não linear e incompreensível – e, portanto, BANI? Comente”; “o que você acha que este nosso mundo tem de bom?”). As respostas dos participantes, novamente classificadas como “negativas” ou “positivas”, são apresentadas no Quadro 6.

Quadro 6. “Mundo BANI” e pressão externa

P	Mundo BANI	Aspectos positivos do mundo	Perspectiva
F1	Muito ansioso	Comida	Negativa
F3	Mundo frágil que fica mais frágil a cada dia	Não sei dizer	
F4	“É um mundo complicado”	“Nada”	
F5	“Pessoas se fazem de fortes, mas no fundo não são”	“Acho difícil ter algo bom hoje em dia”	
F6	“Eu acho que o mundo é normal”	“Nada”	
F7	“A incompreensão tem se tornado uma das causas de ansiedade. Por não serem compreendidas, as pessoas tendem a se fechar. Dizer o que sente virou motivo de	“O mundo não tem nada de bom a nos oferecer. É apenas onde podemos nos preparar para a vida eterna”	

	fraqueza, por isso as pessoas estão cada vez mais frágeis e ansiosas"		
M2	"Muito complicado e estressante"	"Se todas as pessoas fossem bem com todo mundo, não teria bullying, nem assédio, assalto etc."	
M3	"Bastante cansativo"	"Algumas músicas"	
F2	"A pandemia piorou a nossa vida"	"Jovens fortes que cuidam uns dos outros, e tem mais em empatia com o que as pessoas sentem"	Positiva
M1	"Acho que as pessoas estão mais ansiosas"	"Algumas amizades"	

80% dos participantes, ao compreender a noção de mundo BANI, concordaram com ela, identificando aspectos predominantemente negativos no mundo atual e, portanto, pressões externas sobre si. Mesmo quando perguntados sobre aspectos positivos do mundo, 50% deles (F2, F3, F4, F5 e F6) responderam "nada" ou algo semelhante. 20% referiram-se apenas a algo em particular (F1, "comida" e M3, "algumas músicas"). Sendo assim, quando deparados com um conceito e a abstração de um mundo abalado teoricamente, o direcionamento à vida de cada um, em particular, não foi suficiente para que os participantes avaliassem positivamente suas experiências.

O Quadro 7 permite a visualização das perspectivas adotadas por cada participante em relação a cada categoria de análise.

Quadro 7. Perspectivas negativas de cada participante

	Desafios na pandemia	Enfrentamento	Autoavaliação	Pressão externa	Total
F1					3
F2					2
F3					2
F4					4
F5					2
F6					2
F7					1
M1					0
M2					1
M3					3
Tot	3	3	6	8	-



Verificamos que as perspectivas positivas presentes diante das duas primeiras categorias de análise são substituídas por perspectivas predominantemente negativas, nas duas seguintes.

Apenas uma participante (F4) adotou uma perspectiva 100% negativa, assim como apenas um participante (M1) adotou uma perspectiva 100% positiva. Ambos os participantes, com 16 anos e cursando o 1º ano do ensino médio na mesma escola, assumiram perspectivas e condutas totalmente diferentes em relação ao período de pandemia. Além disso, 70% dos participantes assumiram um enfrentamento positivo das dificuldades no período de pandemia e no que tange à utilização da internet.

Podemos verificar que a forma como os participantes se autoavaliam influencia a maneira como percebem o mundo ao seu redor, se considerarmos as duas últimas questões. No entanto, apesar de identificarem aspectos negativos no ambiente externo, eles desenvolvem estratégias para lidar com essas circunstâncias, o que corresponde a uma perspectiva resiliente. De acordo com Zhang (2020), “resiliência e o enfrentamento positivo levam a um melhor estado de saúde psicológica e mental dos estudantes. Em contraste, o enfrentamento negativo é um fator de risco para a saúde psicológica e mental” (ZHANG, 2020, p. 8).

Por outro lado, 60% dos participantes apresentaram uma autoavaliação negativa e, ao serem confrontados com o conceito de “mundo BANI”, a avaliação do mundo em que vivem foi apresentada por eles de modo extremamente negativo, mesmo quando diretamente perguntados acerca do que consideram que o mundo atual tem de positivo (apenas 20% de respostas com perspectivas positivas). Aí estamos diante do fator de risco ao qual Zhang (2020) se referiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível que a mudança em direção à adoção de perspectivas negativas diante das duas últimas categorias de análise derive de um possível impacto de pressões da escola em torno de acertos e erros sobre a avaliação e, portanto, sobre a autoavaliação, bem como o que podemos considerar como pressão acadêmica, já que o conceito de “mundo BANI”, que foi apresentado (“você acha

que vivemos em um mundo frágil, ansioso, não linear e incompreensível – e, portanto, BANI? Comente), foi aceito pela grande maioria dos participantes.

Assim sendo, verificamos que a pressão representada pelo conhecimento considerado como acadêmico, somada àquela advinda da avaliação do desempenho nas escolas, pode ajudar a compreender a construção de uma perspectiva negativa dos participantes sobre si mesmos e sobre o mundo (verificados por meio das categorias de análise “autoavaliação” e “pressão externa”), apesar da visão mais positiva em relação a experiências concretas e pontuais na pandemia e à utilização de meios para o enfrentamento dessa situação de crise mundial (verificada por meio das categorias de análise “desafios na pandemia” e “enfrentamento”).

Diante de tantas perspectivas e imersos nas condições de um mundo que se apresenta de múltiplas formas e permite diversas interpretações, refletir sobre a violência neuronal, tentar classificar as características desse mundo, seja fragilidade, complexidade, incompreensibilidade, volatilidade, entre outras, além de buscar compreender a maneira como adolescentes e jovens se sentem e reagem a essas condições, pode significar a adoção de um posicionamento positivo diante das atuais circunstâncias.

Tal movimento também chama a atenção para efeitos de discussões como aquelas que acompanham o conceito de “mundo BANI”, caracterizadas pelo foco no negativo, pois acreditar que o mundo apresenta pressões destrutivas é um passo importante para reconhecer o lado negativo dos acontecimentos e da própria pessoa, indefesa diante de pressões externas. Isso foi verificado, neste estudo, mesmo no caso de participantes que, anteriormente ao contato com o conceito de “mundo BANI”, deram exemplos de posturas positivas diante da pandemia e de movimentos de enfrentamento de adversidades.

Nosso objetivo de impactos da pandemia de Covid-19 sobre relatos de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social foi alcançado. No entanto, mais do que isso, o estudo mudou de direção mediante a relação identificada entre pressões externas cotidianamente enfrentadas pelos

participantes e uma visão de mundo que as confirma, como é o caso do conceito de “mundo BANI”.

Em linhas gerais, notamos que os adolescentes e jovens se apropriaram do conceito de “mundo BANI” que lhes foi apresentado como exemplo de leitura da situação atual, dando força ao conceito por meio de suas próprias experiências, que então passaram a ter um foco em aspectos negativos, o que implicou uma concordância entre teoria e prática. É preciso que pesquisadores tenham consciência dos efeitos negativos que o simples fato de fazer perguntas pode gerar sobre os participantes. Novas pesquisas sobre o tema devem aprofundar as conclusões aqui fundamentadas com poucos participantes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARRANCA, T. PIB: Economia brasileira cresce 4,6% em 2021, mas 4 riscos trazem nuvens carregadas para 2022. **BBC News Brasil**, São Paulo, 4 março de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60617541>. Acesso em 23 de ago. de 2022.

CASCIO, J. Facing the Age of Chaos. **Medium**, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@cascio/facing-the-age-of-chaos-b00687b1f51d>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CRISTALDO, H. C.; BRANDÃO, M. Vacinação contra a Covid-19 começa em todo o país. **Agência Brasil**, p. 2021-01, 2021.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Plageder, 2009.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. 2 ed. Petrópolis. Vozes, 2017.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Editora Companhia das Letras, 2015.

G1 PA. Governador do PA anuncia retorno das aulas presenciais em 2 de agosto na rede estadual. **G1.globo.com**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/06/28/governador-do-pa-anuncia-retorno-das-aulas-presenciais-em-5-de-agosto.ghtml>. Acesso em: 20 de ago. de 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUILHARDI, H. J. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. In: BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZAROBBA, S. M. B. (Eds.). **Comportamento humano**: tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor. São Paulo: ESETec, 2002, p. 63-98.

OLIVEIRA, A. J. D. et al. Redução da maioria penal e maturidade enquanto construto neuropsicológico: uma revisão de literatura. **Revista Uniandrade**, v. 20, n. 1, p. 44-52, 2019.

OLIVEIRA, M. C. D. P.; BARBOSA, L. N. V.; FILHO, J. H. C. M. Consequências da pandemia da Covid-19 na saúde mental, qualidade de vida e atividade física de adolescentes: revisão integrativa. **Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**. v. 14, n. 1, p. 2, 2022.

SIMAS, C.; DARWICH, R. A. Violência sistêmica e neuronal: do mundo VUCA ao mundo BANI. In: Confluências: Cultura e Resistência em tempos de Necropolítica, VII., 2021, Belém. **Anais**, [...] Belém: UNAMA, p. 11, 2021.

ZHANG, C. et al. The psychological impact of the COVID-19 pandemic on teenagers in China. **Journal of Adolescent Health**, v. 67, n. 6, p. 747-755, 2020.



**RELAÇÕES SOCIAIS E NARRATIVAS VISUAIS: UM
ENCONTRO COM NAY JINKNSS¹**

**SOCIAL RELATIONS AND VISUAL NARRATIVES: A MEETING
WITH NAY JINKNSS**

**RELACIONES SOCIALES Y NARRATIVAS VISUALES: UN
ENCUENTRO CON NAY JINKNSS**

Ana Clara Solon Rufino²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a relação das narrativas visuais de identidade regional presentes nos registros fotográficos de Nay Jinknss em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que evidenciou os dados necessários para traçar essa relação, destacando suas contradições e singularidades inerentes às possibilidades de interpretação dessa relação.

Palavras-chave: arte; narrativas visuais; identidade; cultura; transversalidades.

Abstract

This article aims to investigate the relationship of visual narratives of regional identity present in Nay Jinknss's photographic records in their transversalities, with an emphasis on social aspects. For that, a bibliographical research was carried out that evidenced the necessary data to trace this relationship, highlighting its contradictions and singularities inherent to the possibilities of interpretation of this relationship.

Keywords: art; visual narratives; identity; culture; transversalities.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar la relación de las narrativas visuales de identidad regional presentes en los registros fotográficos de Nay Jinknss en

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 06 - Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Mestranda pelo Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura PPGCLC-UNAMA. E-mail: clara.solon@hotmail.com. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-9366-003X>.

³ Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>.

sus transversalidades, con énfasis en los aspectos sociales. Para eso, se realizó una investigación bibliográfica que evidenció los datos necesarios para rastrear esta relación, destacando sus contradicciones y singularidades inherentes a las posibilidades de interpretación de esta relación.

Palabras clave: arte; narrativas visuales; identidad; cultura; transversalidades.

1. INTRODUÇÃO

O entendimento da arte sobre as produções artísticas em suas mais variadas formas de textos, desenhos, músicas, gestos corporais, pinturas, dentre outros podem constituir com sua linguagem própria para essa compreensão da arte impregnada de narrativas visuais de identidade e que contribui para o fomento do debate sobre cultura e identidade e suas possibilidades de significados aos elementos artísticos supracitados, infere que a relação da arte através de seu significado vem atrelado a determinadas narrativas.

No que diz respeito aos registros fotográficos, especificamente, a fotografia é entendida como “portadora de um discurso na medida em que se presta a traduzir um instante repleto de intencionalidades” (SANTOS, 2008, p. 142). E, assim, pode-se afirmar ainda que, com relação ao enfoque sobre as narrativas visuais e sua relação com a identidade, o olhar sobre a Amazônia deve ser pautado de forma diferenciada, pois é impregnado de heterogeneidades que se manifestam em diversos contextos, onde se consideram as especificidades dos fenômenos socioculturais. Nesse contexto, a Amazônia “precisa ser lida e sentida além das narrativas opacas, contra os estereótipos e os ecos do pensamento hegemônico europeu que ainda hoje reverberam sob velhas e novas formas narrativas” (MIRANDA et. al., 2020, p.13).

Para Motta (2013, p. 71):

A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis.

Com base nisso, assim também se pauta a construção da relevância desta pesquisa nos âmbitos pessoal, acadêmico e social por compreender a importância de se debater a respeito dessa temática evidenciando as peculiaridades que tratam da arte a partir das narrativas visuais de identidade cultural regional representadas nas fotografias de Nay Jinknss em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais. Diante disso, esta pesquisa se propõe a compreender qual a relação das narrativas visuais com a identidade cultural regional presente nas fotografias. Para tanto, aponta-se como objetivo geral: Compreender a relação das narrativas visuais com a identidade cultural regional presente nas fotografias de Nay Jinknss em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais.

Sendo assim, utilizou-se a pesquisa do tipo bibliográfica documental, com uma abordagem qualitativa contemporânea no que tange ao trato com a coleta dos dados que foi baseada em documentos escritos, fundamentando os referenciais de embasamento teórico para o diálogo com os autores que traçam as discussões pertinentes aos conceitos evidenciados neste artigo, e documentos não escritos, composto por fontes primárias e secundárias a partir das fotografias de Nay Jinknss.

2 ANÁLISE DAS NARRATIVAS VISUAIS PRESENTES NA OBRA DE NAY JINKNSS EM SUAS TRANSVERSALIDADES, COM ÊNFASE EM ASPECTOS SOCIAIS

Lima (2008) aponta que:

Sabe-se que uma das primeiras formas de comunicação do homem se deu através das pinturas e desenhos feitos nas cavernas. Até hoje estas imagens são utilizadas para investigar como era a vida na Pré-História. Por milhares de anos o homem vem contando sua história por meio das imagens o que produz e o que mudou ao longo dos séculos foi a tecnologia utilizada para a confecção destas imagens, principalmente com a descoberta da fotografia e de outros meios como o cinema e o computador (LIMA, 2008, p.3).

Sendo assim, entendendo que o uso de registros fotográficos, se fazem presente no cotidiano das pessoas, também consegue-se compreender a importância que uma imagem representa para a construção histórica da

sociedade contemporânea que é cercada de significados e possibilidades de leituras e interpretações.

Nesse sentido, o processo de construção e apreensão dos significados que emanam dos registros visuais são evidenciados a partir da observação. Acredita-se que a visualização já vem atrelada à interpretação dos seus significados, mesmo que de forma rasa, inicialmente, para, posteriormente, poder desenvolver a elaboração do sentido mais aprofundado do que pode-se entender da imagem. Com isso, as imagens fotográficas apresentam determinadas peculiaridades, onde podem compor universos sociais que explicitam:

Modos de vida, agentes sociais, hábitos e costumes, gestos, comportamentos e transformações dos aspectos físicos e culturais de uma sociedade ao longo do tempo, possibilitando o aumento dos horizontes da comunicação visual, através da compreensão dos significados dos elementos gráficos presentes no cotidiano social, mas passam despercebidos pelos atores sociais desse cenário dinâmico das atividades diárias (NOBRE, [s.d.], p.70).

E, desse modo, a fotografia, se apresenta enquanto narrativa visual e não apenas como um registro, mas como um signo, com representatividade pela semelhança com o objeto fotografado sendo evidenciado através do olhar do fotógrafo que produz o registro narrando determinado momento através da imagem que captura, conseguindo eternizá-lo historicamente a partir dos códigos visuais organizados no momento do enquadramento (NOBRE, [s.d.], p.70).

Pensando nisso, e em contato com as fotografias de Naiara Jinknss (1991) percebeu-se a relevância de evidenciar a temática das narrativas visuais em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais a partir da leitura dos significados de suas fotografias. Jinknss é paraense, formada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem, Narrativa da imagem na arte contemporânea e assessoria de imprensa pela UNAMA – PA, e se identifica como uma fotógrafa documentarista, filmmaker e educadora social, enfatizando, em seu trabalho, a representatividade de pessoas negras e nortistas, com forte viés político e social.

Percebe-se que, em seus registros fotográficos, é latente sua proximidade com as pessoas que retrata, de crianças a idosos, uma vez que Jinknss destaca que sua relação com as pessoas de suas fotografias vai para além do momento do registro, estabelecendo uma troca em seu trabalho que supera a autorização de uso de sua imagem. Em suma, Jinknss torna evidente sua militância através de seu discurso e em suas fotografias. Destaca que “as pessoas que aparecem nas fotos não são apenas um corpo no registro, mas que faz questão de conhecê-las e criar vínculos antes de pedir permissão para fotografá-las” (VIVIANI e NORONHA, 2021, P.283).

Outro aspecto de extrema importância em seus registros fotográficos é o mercado Ver-o-Peso e seus arredores, em Belém, que é apresentado como personagem constante em suas narrativas visuais de fotógrafa, pela relação pessoal e de identificação com este local, transmitindo sensações através de seus registros fotográficos (NÍTIDA, 2020). Outro objeto de interesse de Jinknss é a comunidade do bairro da Terra Firme, também em Belém, e seu cotidiano, onde através de seus registros destaca a vida de pessoas em situação de risco – assaltantes, traficantes e moradores, são alguns terreiros de resistência que são retratados em suas fotografias (IHATEFLASH, 2018).

De acordo com o que foi exposto e com o enfoque das narrativas visuais evidenciado por Jinknss em suas fotografias, a primeira fotografia analisada é “Solar da beira” que traz uma visão poética do Ver-o-Peso a partir da luz do sol que invade o registro que retrata um prédio aberto ao público que pertence ao complexo do Ver-o-Peso, chamado Solar da beira, e proporciona um olhar privilegiado do ponto turístico que é parada quase obrigatória para quem visita a cidade de Belém, que envolve construções importantes e praças, como pode-se observar no registro abaixo:



Foto: Solar da beira (2020)

Pode-se inferir ainda que esta fotografia transporta a um passeio através da imersão na cultura da região amazônica às margens da Baía do Guajará, mostrando parte do complexo localizado estrategicamente na zona portuária de Belém, onde barcos vindos de outras cidades e estados, conseguem ancorar para a descarga de produtos. Essa região passou por transformações ao longo dos tempos que trouxeram a modernização no que diz respeito à infraestrutura do local sem perder sua característica essencialmente comercial e propondo um convite irrecusável à contemplação desse espaço enquanto ponto turístico.

O registro consegue trazer ainda a sensação térmica do calor fortemente marcado pelo sol que invade as janelas do Solar da beira, característico da região, para dar um toque de vivacidade propondo múltiplas possibilidades que permitem olhar para a cidade através da relação do homem com a natureza e os momentos de ação cultural sobre esse espaço explorado de forma natural, retratando o arranjo total com a disposição da iluminação.

Outra fotografia a ser analisada é “Exercício de composição”, onde Jinkns registrou um momento de descanso dos barqueiros que atracam na

doca do Ver-O-Peso para estabelecer relações de compra e venda de suas mercadorias na chamada “Pedra do peixe”:



Foto: Exercício de composição (2019)

Neste registro fotográfico, pode-se observar as condições as quais estes barqueiros ficam expostos, considerando que seus barcos são suas moradias quando se encontram ali atracados. Esse contexto remete à narrativa visual de vulnerabilidade que sugere uma condição negativa de necessidade de cuidado e resiliência inerente à fragilidade a que estão sendo submetidos nessa relação, onde a condição de vulnerabilidade está associada a “estar sujeito a ser atacado, derrotado, prejudicado ou ofendido” (MIRANDA et. al., 2020, p.31) e faz parte do cotidiano desses sujeitos que trabalham e vivem nos barcos e muitas vezes fazem parte da mesma família, incluindo até mulheres e crianças nessas condições de moradia retratada na fotografia de Jinknss.

Sobre isso, Miranda (2020, p.35) aponta ainda que:

Esse entendimento da vulnerabilidade operacionaliza-se a partir da dicotomia “normal” e “anormal” (ou “fora da norma”), na qual uma dada condição de vida, um conjunto de valores e uma realidade histórico-social são homogeneizados e tornados parâmetro para outras, cuja ausência de ao menos parte dos atributos “de referência” as torna frágeis e vulneráveis. Nessa perspectiva, definir pessoas e grupos como vulneráveis resulta de uma atitude autoritária e etnocêntrica, às vezes bem-intencionada, que ou exclui ou subcategoriza do humano esses e essas tornadas “outros”.

Outro aspecto que vale ressaltar sobre esse registro é o fato de se identificar a marcação étnica nos corpos dos sujeitos presentes na fotografia.

Todos são homens e negros, o que estabelece relação com a narrativa visual de desigualdades sociais construídas historicamente e que “invisibilizam determinados corpos em detrimento de outros, em que há uma clara marcação de raça, etnia, gênero, sexualidade e região, entre outros, e as formas de existência e resistência que urgem” (VIVIANI e NORONHA, 2021, p.268) através do pressuposto da racionalidade eurocêntrica, onde as raças não-brancas seriam inferiorizadas por estarem mais próximas da natureza e mais distante da civilização, enquanto as raças brancas se encontraram numa relação oposta, que representa a civilidade e, com isso, se distanciam da natureza estabelecendo um grau de superioridade racial (VIVIANI e NORONHA, 2021).

O registro fotográfico subsequente proposto para análise nesse artigo é intitulado de “Há mistérios em quase tudo” e capturou a imagem do que parece ser uma criança com um balaio – grande cesto feito de palha ou bambu que é utilizado para o transporte de frutas, peixes, mercadorias, em geral – na sua cabeça, parado no meio da rua por onde a venda de mercadorias ocorre.

Nesta fotografia de Jinkss remete a um contraste que evidencia o olhar de uma criança que possivelmente tenha crescido nesse ambiente de relações do homem com o trabalho e, por tradição familiar, já esteja inserida nessa relação de exploração capitalista, onde o brincar é negado pela exigência da perpetuação do trabalho familiar. Resta a essa criança, brincar com o que lhe é comum ao seu ambiente – no caso, o balaio. A própria legenda que intitula a fotografia, talvez de forma proposital, instiga à tentativa de compreensão dessa relação, onde a narrativa de expropriação cultural é fortemente representada quando o que é inerente a uma criança, que é o brincar, acaba sendo negado como direito, sendo que ela tem que recorrer a recursos de seu cotidiano para garantir a manutenção de sua criatividade, como pode-se observar abaixo:



Foto: Há mistério em quase tudo (2020)

“O futuro é o próximo instante” é outro registro de Jinkns escolhido para ser analisado, onde pode-se identificar a exuberância das garças, presença constante no ambiente do Ver-o-Peso que se apresenta até mesmo em forma de contraste a outra figura tão marcante e presente quanto ela – os urubus, que mesmo sem aparecer na fotografia de forma explícita, é de conhecimento comum sua marcante presença nesse ambiente:



Foto: O futuro é o próximo instante (2018)

Analisando o todo que é contemplado na imagem que retrata os barcos atracados no porto do Ver-o-Peso ao fundo e as garças em primeiro plano, pode-se inferir que há uma intencionalidade na proposta desse registro, principalmente quando é atrelado a sua legenda, onde, mais uma vez, Jinknss, ao propor a garça enquanto sua protagonista na fotografia, traz uma representatividade do futuro estabelecendo uma hipótese coerente para o entendimento da intencionalidade que pode ser definida a partir da captura específica do momento de preparação da garça antes do seu voo.

Dessa forma, consegue remeter à ideia do que vem adiante ser o futuro e ao fato de estar mais perto do que se imagina em alusão ao ato de voar da garça. Essa relação também se concretiza com a leitura de mais significados impregnados na fotografia que contrastam à calma em que o porto se encontra no momento do registro de Jinknss em relação ao cenário movimentado que este porto abriga no ápice da feira quando amanhece.

Por fim, o último registro fotográfico intitulado “Meu povo tem cor quente”, Jinknss em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais consegue promover a reflexão sobre os agentes sociais presentes na fotografia que compõem a rotina do mercado do porto da beira do Ver-o-Peso na pedra do peixe, onde os feirantes e outros trabalhadores estabelecem relações de compra e venda com os clientes que consomem as mercadorias desse espaço:



Foto: Meu povo tem cor quente (2017)

Neste registro, Jinknss capta as cores predominantes da paisagem que compõe o cenário que é iluminado pela luz do sol ao amanhecer e com as múltiplas cores das vestimentas das pessoas que transitam na feira. Acredita-se que, propositalmente, a legenda que nomeia essa fotografia sugere o trato com a narrativa relacionada ao corpo afro-amazônico, identificando a identidade cultural desses personagens através da pluralidade da condição humana, que trata dessas pessoas enquanto sujeitos históricos.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Tendo como tipo de pesquisa a bibliográfica documental, com uma abordagem de pesquisa qualitativa contemporânea para lidar com a coleta dos dados através do trato com documentos escritos, com referenciais para aporte teórico que discorrem acerca dos conceitos abordados e, não escritos, compostos por fontes primárias, secundárias e registros fotográficos de Nayara Jinknss, buscou-se atingir o objetivo proposto inicialmente, e que serviram para embasar as conclusões desta pesquisa.

Rios, Costa e Mendes (2016, p.101) apontam que “as imagens são ambíguas e passíveis de múltiplas interpretações. Por isso, é necessário um aprendizado desse código e uma cuidadosa discussão teórico-metodológica”. Com base nisso, a fotografia se apresenta nesta pesquisa como fonte de dados, como objeto de pesquisa, como o instrumento e também como o resultado.

O levantamento bibliográfico traçou um diálogo com os autores que discorrem acerca das temáticas levantadas nessa pesquisa, que destaca a pesquisa do tipo qualitativa-descritiva exploratória, por se compreender como investigação de pesquisa empírica que objetiva a formulação de questões ou um problema com a finalidade apontar hipóteses, e poder aumentar a familiaridade do pesquisador com a temática pesquisada (LAKATOS, 2003, p.187). Sendo assim, pode-se compreender a complexidade e os detalhes das informações adquiridas acerca desta temática, bem como foi possível traçar um diálogo crítico com esses autores visando buscar o aprofundamento dos conhecimentos elaborados pelos mesmos.

No que diz respeito a coleta de dados, analisaram-se obras que tratam, dos conceitos de identidade, vulnerabilidades, narrativas visuais, regionalismo, signos, cultura e, mais especificamente, os registros fotográficos de Nayara Jinkns em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais, que serviu de base para interpretação dos significados de forma analítica fazendo menção às narrativas nelas imbricadas. Para tanto, considerou-se como procedimento metodológico, a análise pragmática na tentativa de compreender criticamente a intencionalidade da comunicação entre os registros fotográficos e as narrativas que são desveladas nesta pesquisa, bem como em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais, considerando suas condições que “determinam tanto o emprego de um enunciado concreto por parte de um emissor concreto em uma situação comunicativa concreta, como sua interpretação por parte de um destinatário concreto” (MOTTA, 2013, p.128).

Em suma, uma análise qualitativa dos dados coletados constituídos por materiais de texto e audiovisual foi utilizada para interpretação baseada em todo arcabouço teórico tratado nesta pesquisa para traçar de forma crítica o trato com o conhecimento em evidência, destacando suas contradições e singularidades que o cercam.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fotografia dentre suas mais diversas funções, pode possuir valor e função de imagem poética (CASTILO, 2017, p.70). Partindo desse pressuposto, a fotografia pode possibilitar a provocação, o pensar e o reconhecer das coisas aproximando a funcionalidade do aspecto crítico frente às narrativas visuais que produz.

Com relação às narrativas, Motta (2013, p.203) aponta que:

A narrativa é por natureza um dispositivo dramático, os efeitos de sentido estéticos estão já na própria composição da intriga (a diegese) e são reforçados pelas marcas neste rumo deixadas em toda a linguagem e nos conteúdos das narrativas. Não seria necessário dizer muito mais. A linguagem narrativa é por natureza dramática e sua retórica é tão ampla e rica quanto à arte em geral

No que tange às análises realizadas ao longo desta pesquisa sobre as fotografias de Nayara Jinknss em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais, pode-se inferir que seus registros fotográficos estão impregnados de intencionalidades que refletem, como um meio de expressão, as informações e as representações a partir da sua visão, como fotógrafa, considerando-se, assim, “a atuação do fotógrafo enquanto intermediário entre as necessidades do cliente e as representações contidas na fotografia já produzida” (SANTOS, 2008, p.142-143).

Por entender essa intencionalidade, pode-se compreender também as narrativas visuais que seus registros propõem ao destacar a vida cotidiana dos sujeitos que trabalham no Ver-o-Peso e as relações que estabelecem com a natureza que os cercam diante de sua condição humana e as críticas que são evidenciadas a partir disso e, assim, Jinknss expõe seus vínculos criados com os personagens de suas fotografias, bem como estabelece outros com quem tem contato com elas através das interpretações das narrativas visuais que emanam de seus registros em suas transversalidades, com ênfase em aspectos sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, apropriou-se da ideia de que a arte é necessária para que o indivíduo conheça sua origem, sua história e sua subjetividade. A arte exerce também o poder sobre a expressão de sentimentos e sensações das quais os sujeitos tomam para si o conhecimento a partir de seus mais variados significados e interpretações para a vida.

Portanto, compreende-se que, para uma real compreensão das imagens e de todas as suas narrativas visuais aqui representadas, faz-se necessário a possibilidade de acesso a um amplo repertório de imagens para que o entendimento do contexto que cerca essas manifestações artísticas possam permitir a apreensão do entendimento das narrativas estabelecidas de acordo com suas vivências pessoais.

Conseguindo compreender os significados através do trato com os registros fotográficos de Nayara Jinknss em suas transversalidades, com

ênfase em aspectos sociais, por exemplo, pode-se também compreender como é importante a busca pelo enfoque das relações sociais que se inserem nesse tipo de arte, remetendo ao mesmo ambiente, rico em narrativas que dão margem às mais variadas possibilidades de interpretações para pautar uma visão crítica sobre as relações entre as narrativas que ressaltam a identidade, a vulnerabilidade e a cultura dos espaços sociais que marcam o norte brasileiro e os elementos que o cercam.

Assim sendo, entende-se que o que foi discutido neste artigo servirá de arcabouço para ampliar estudos acerca da temática pois o conhecimento continua em constante movimento de construção do saber e necessita desse movimento para superar a visão de senso comum e, com isso, este artigo deve ser tratado como mais um ponto de referência, que possibilita a apropriação do conhecimento e evolução significativa para embasar discussões acerca do que ele representa a partir da arte e suas expressões artísticas presentes nos registros fotográficos e nas composições musicais.

REFERÊNCIAS

- CASTILO, Luís Heleno Montoril del. *Literatura dos afogados: Literatura, História e Cidade em meio à selva*. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.
- FRIGOTTO, Venâncio. O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional. In: **Metodologia da Pesquisa Educacional** - 11ª ed. – São Paulo: Cortez, 2008. Ivani Fazenda (organizadora).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HARVEY, D. (1992). **Condição pós-moderna**. (10. ed.) São Paulo: Loyola.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- LIMA, Cristiane Rodrigues de. **O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual**. Paraná, 2008.
- NÍTIDA ENTREVISTA – NAY JINKNSS. [Entrevista concedida à] Leli Baldissera. Nítida, 2020.
- NOBRE, Itamar de Moraes. **A fotografia como narrativa visual**. In: Revista Inter-Legere nº 05 – Reflexões, [s.d.].
- MULHERES QUE FOTOGRAFAM: NAIARA JINKNSS – A paraense que faz de Belém sua modelo favorita. [Entrevista concedida à] Beatriz Medeiros. I hate flash, Janeiro, 2018.
- MIRANDA... [et al.]. **Vulnerabilidades, narrativas, identidades** [recurso eletrônico]/ Organizadores Cynthia Mara– Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2020.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araujo e MENDES, Vera Lucia Peixoto Santos. **A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa**. In: discursos fotográficos, Londrina, v.12, n.20, p.98-120, jan./jul. 2016.
- SANTOS, Francieli Lunelli. **KOSSOY, Boris**. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista. In: Revista de História Regional 13(1): 141-143, Verão, 2008.
- VIVIANI, Maria Cristina Simões e NORONHA, Danielle Parfentieff de. **Práticas decoloniais: A representação dos corpos pelo olhar de Naiara Jinknss**. In: Esferas, ano 11, vol. 3, nº 22, setembro-dezembro de 2021.



SAÚDE MENTAL DE DOCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19: EDUCAÇÃO EM AMBIENTE VIRTUAL E SEUS DESDOBRAMENTOS¹

MENTAL HEALTH OF TEACHERS IN THE PANDEMIC OF COVID-19: EDUCATION IN VIRTUAL ENVIRONMENT AND ITS CONSEQUENCES¹

Francimar dos Santos Pinto²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

O objetivo deste estudo é refletir sobre a saúde mental dos docentes em meio à pandemia de covid-19 e o trabalho remoto, respondendo o seguinte questionamento – como os professores estão lidando com essas mudanças no sistema de ensino? Para chegar a esse objetivo foram utilizados os procedimentos metodológicos embasados em levantamento de informações através de jornais, revistas, reportagens sobre o tema, instituições na área da saúde e educação, notas técnicas e pesquisas bibliográficas. O resultado desta pesquisa revela vários estudos que apresentam comprometimento na saúde mental dos docentes. Muitos profissionais que não estavam preparados para trabalhar com aulas remotas e tiveram que aprender. Além de ter que lidar com as suas demandas, tiveram que saber lidar com as limitações dos alunos. Alunos sem acesso a computador, celular ou a uma boa internet.

Palavras-chave

Trabalho docente na pandemia; Covid-19; Saúde mental de docentes.

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST6 - Literatura, Semiótica e Psicologia: Construindo conexões - do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

2 Psicóloga Clínica, especialista em Neuropsicologia e Terapia Cognitivo Comportamental. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA).

3 Doutora em Psicologia pela UFPA e Professora titular do PPGCLC e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia.

Abstract

The aim of this study is to reflect on the mental health of teachers in the midst of the covid-19 pandemic and remote work, answering the following question – how are teachers dealing with these changes in the education system? To reach this goal, methodological procedures based on information gathering were used through newspapers, magazines, reports on the subject, institutions in the area of health and education, technical notes and bibliographic research. The results of this research reveal several studies that present impairment in the mental health of teachers. Many professionals who were not prepared to work with remote classes and had to learn. In addition to having to deal with their demands, they had to know how to deal with the limitations of the students. Students without access to computer, mobile phone or a good internet.

Keywords

Teaching work in the pandemic; Covid-19; Mental health of teachers.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre os casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província Hubei em Wuhan, na República Popular da China. Sendo identificada uma nova cepa (tipo) de coronavírus que ainda não havia sido identificada em seres humanos. E em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Tendo recebido em 11 de fevereiro de 2020, o nome de (SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. Sendo a COVID-19 caracterizada em 11 de março de 2020 pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo (OPA, 2020).

A pandemia do novo coronavírus trouxe junto, às suas incertezas, um cenário inédito na educação mundial, com grandes impactos na educação brasileira. Os professores tiveram que enfrentar uma série de desafios, embora estando confinados em suas casas se sentiram na obrigação de se reinventarem

e encontrar alternativas para que a educação não continuasse paralisada e fosse negligenciada (SANTOS et al., 2021).

O impacto da pandemia, não é apenas uma questão de saúde pública. As respostas necessárias para contê-la, assim como a pandemia, terão impactos na vida social, econômica e política da população (REIMERS; SCHLEICHER, 2020). Consideramos que os impactos vão mais além. Dados do Ministério da saúde revelam resultados preliminares da pesquisa sobre saúde mental da população durante a pandemia do novo coronavírus. E a primeira fase da pesquisa revelou que a ansiedade é o transtorno mais presente nesse período. Os dados foram levantados entre 23 de abril a 15 de maio de 2020 (PAGNO, 2020).

Nesse contexto, a pandemia só intensificou a precariedade que já existia. “O neoliberalismo gera crises financeiras e econômicas repetidas, ao mesmo tempo que a insegurança permanente, o estresse, a ansiedade e a depressão num grande número de assalariados” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 243). Um sistema que, em vez de gerar crescimento, aumenta a desigualdade.

Além desse cenário econômico, vivemos a era da velocidade e superatividade, “o digital gera uma existência abstrata descorporizada, sem laço tátil com o outro”. Tornando-o cada vez mais uma vida abstrata, digitalizada, sem vínculo tátil, em que o mundo sensível e inter-humano estaria em vias de desrealização avançada (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 243 - 245).

Considerando o período da pandemia de covid-19 como um período que pode gerar grandes impactos na vida dos docentes, o nosso interesse é refletir sobre a saúde mental desses profissionais com a chegada da pandemia e o ensino remoto e responder o seguinte questionamento – como os professores estão lidando com essas mudanças no sistema de ensino?

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é refletir sobre a saúde mental dos docentes em meio à pandemia de covid-19 e o trabalho remoto.

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa estão embasados em levantamento de informações através de jornais, revistas,

reportagens sobre o tema, instituições na área da saúde e educação, notas técnicas e pesquisas bibliográficas.

2. TRABALHO DOCENTE

A atividade docente, que era caracterizada em tempos passados como uma profissão vocacional com grande satisfação pessoal e profissional, tem dado lugar ao profissional de ensino excessivamente ligado a questões tecnoburocráticas. Há uma diminuição da extensão de atuação do trabalho, as atividades de alto nível são transformadas em rotinas, falta tempo para executar o trabalho, para atualização profissional, lazer e convívio social, bem como pouquíssimas oportunidades de trabalho criativo (CARLOTTO, 2011).

De acordo com Gatti (2016), a formação dos professores, a forma como participa em sala de aula, em um programa educacional, sua inclusão na instituição e no sistema, são essenciais. No sistema de educação à distância, verifica-se a importância do professor em todo o processo, desde a criação/produção/ revisão/recomposição dos materiais didáticos, até as interações com os alunos, mais diretos ou indiretos, em diversos momentos, por diferentes modalidades: na disposição de temas, de problemas, em consultas, em tutoria, em revisões, em processos de recuperação, etc., por e-mails, por webcam, por telefone, em bases de atendimento, etc.

Sabemos que um profissional do ensino é alguém que deve habitar e construir seu próprio espaço pedagógico de trabalho de acordo com limitações complexas que só o mesmo pode assumir e resolver de maneira cotidiana, apoiado necessariamente em uma visão de mundo, de homem e de sociedade. Nesse sentido, o ensino torna-se um processo de trabalho constituído de diferentes componentes que podem ser isolados abstratamente para fins de análise. Esses componentes são o objetivo, o objeto, as técnicas e os saberes dos trabalhadores, o produto do trabalho e, finalmente, os próprios trabalhadores e seu papel no processo de trabalho. A análise de tais componentes objetiva evidenciar seus impactos sobre as práticas pedagógicas (FERREIRA et al., 2021, p. 326).

A formação dos profissionais da Educação no Brasil, segue orientações e normas do Governo Federal. E a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBE) no seu Artigo

62, parágrafos 2 e 3, estabelece sobre o uso de recursos e tecnologias de educação a distância (PLANALTO, 1996).

2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009). 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009) (PLANALTO, 1996).

Mesmo com a liberação do uso de recursos e tecnologias de educação à distância para a capacitação dos profissionais de magistério em 20 de dezembro de 1996, antes da pandemia, apenas 57% achavam importante o uso da tecnologia no processo de aprendizagem, mudando para 94% depois da pandemia segundo dados da pesquisa do (INSTITUTO PENÍNSULA, 2020).

3. TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA

A pandemia de covid-19 mudou radicalmente o cotidiano de professores e estudantes. Os professores tiveram que lidar com a situação, que para muitos, pode ter sido uma “nova” forma de dar aula, mas não só isso, mudou todo o contexto, desde o formato das aulas até o calendário escolar. “A pandemia de covid-19 fez com que professores de todo o país trocassem os quadros e as carteiras escolares pelas telas e pelos aplicativos digitas” (COSTA; TOKARNIA, 2020, p. 1). Tudo isso aconteceu quando o Ministro da Educação através da Portaria nº 343, decretou em 17 de março de 2020, a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19 (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2020).

A situação precária do trabalho docente em nosso país é resultado da desvalorização da educação brasileira, que atinge, principalmente as escolas públicas. Tudo isso agrava-se, com a chegada da pandemia de COVID-19, que se instaurou pelo mundo, intensificando a precarização do trabalho docente (FERREIRA et al., 2021).

De acordo com Tostes et al., (2018), enquanto diminui a valorização dos professores, aumenta a cobrança para que a escola cumpra funções antes

legadas a outras instituições sociais, como a família. O professor vem assumindo várias funções, além daquelas tradicionalmente atribuídas à especificidade de seu trabalho, e ao mesmo tempo, sendo desqualificado e sobrecarregado na sua rotina de trabalho.

A pandemia, causada pela propagação do novo coronavírus, imprimiu novas formas de precarização do trabalho docente, com aumento da carga horária de trabalho, mais despesas para os trabalhadores em *home office*, cortes dos benefícios salariais, congelamento dos salários, imposição do ensino remoto emergencial e as reais condições de desenvolvimento de seus trabalhos neste formato de ensino (FERREIRA et al., 2021).

O ensino remoto emergencial trouxe grandes desafios. Um dos principais problemas enfrentados é a dificuldade de acesso à internet, falta de estrutura e a distância. Mediante esse contexto os profissionais de educação tiveram que aprender a fazer uso e recursos digitais e ferramentas tecnológicas para atender a essa nova realidade de ensino (FERREIRA; SANTOS, 2021).

Quase que instantaneamente os professores saíram do campo da aula presencial, estabelecida nas inter-relações diretas entre professor-aluno-conhecimento e os demais segmentos que configuram o universo da educação, para aulas não presenciais, mediadas, na maioria, por dispositivos e interfaces digitais. Situação esta, que demanda, entre outras questões, o investimento em formação para estes profissionais e no suporte tecnológico e metodológico para a realização das aulas. O que implica em algo para além do que é ofertado aos professores e alunos (FERREIRA et al., 2021).

Os docentes estão vivenciando uma intensa carga nas funções referentes ao seu trabalho. Há uma demanda incessante das escolas, dos pais e/ou cuidadores e dos (as) próprios (as) estudantes. Os resultados de pesquisas revelam a falta de controle para tirar dúvidas, dentre outras necessidades, solicitações em horários (não comerciais) e dias (feriados, sábados e domingos), implicando na falta de privacidade dos profissionais. Sendo esse contato, realizado de inúmeras formas, como, por exemplo, ligações telefônicas, mensagens no *WhatsApp* e videochamadas (BRANCO; NEVES, 2020; SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020 apud COELHO et al., 2021, p. 21).

Para Baganha et al., (2021), considerando os desafios impostos a educação pela pandemia da COVID-19, como a utilização das TDIC, manter a qualidade do processo de ensino e aprendizagem no formato remoto, entre outros. O autor considera ser necessário o domínio das TDIC por parte dos professores, e para isso, seria importante que fosse incluído nos cursos de formação, em suas práticas e conteúdos pedagógicos o uso das TDIC.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS DOCENTES NA PANDEMIA

De acordo com Oliveira; Santos (2021), pesquisas recentes sobre adoecimento mental na docência, a tarefa de lecionar tem gerado preocupação aos profissionais da educação e saúde. Têm sido revelados a presença de vários sintomas mentais nessa categoria, devido as condições de trabalho. Sintomas que estão causando longos afastamentos do trabalho por doença.

O professor, em seu trabalho, enfrenta grandes desafios e assume muitas responsabilidades, constituindo uma das classes profissionais mais sujeitas a apresentar sofrimento mental (TOSTES ET AL., 2018). Sendo considerada pela (OIT) como uma das atividades mais estressantes e desgastantes, gerando repercussões na saúde física, psicológica e profissional (REIS et al., 2006).

Se antes, o cenário do trabalho docente era sobrecarregado, com a pandemia ficou pior. As demandas excessivas de trabalho imposta pelo ensino remoto tem prejudicado a saúde mental dos professores e isso tem contribuído diretamente na qualidade de vida destes profissionais (FERREIRA; SANTOS, 2021).

Os sinais de sofrimento que são apresentados pelos professores, estão associados, sobretudo, ao descontentamento causado pelas lacunas existente nessa profissão. Sinais estes, que podem ser observados na rotina do professor, e podem ser percebidos pelos demais colegas de trabalho, ou mesmo pelo próprio profissional quando toma consciência da situação (OLIVEIRA; SANTOS, 2021).

Na área da educação, sintomas de depressão, ansiedade e estresse são considerados como as principais causas de afastamento de professores, pois a cada dia cresce esse número por causa das grandes demandas e da forma como as atividades são impostas no ambiente de trabalho, o que contribui para o adoecimento dos docentes (FREITAS, *et al.*, 2021).

Estudo feito por Cruz et al., (2020) para rastrear indicadores de saúde mental dos docentes de uma instituição de ensino, revela que as alterações na saúde mental mais frequentes nos docentes foram a ansiedade e a depressão, sendo o sexo feminino, solteiros e com faixa etária de 46 a 56 anos as maiores possibilidades de desenvolver estes problemas. *Esses dados corroboram com o estudo feito pelo Instituto Península (2020), na fase intermediária no período de 11/03 a 14/05/2020 sobre “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil”* revelou ansiosos (67%), entediados (36%), cansados (38%), estressados (34%), sobrecarregados (35%), frustrados (27%). As duas pesquisas identificaram que as alterações na saúde mental mais frequentes nos docentes foram a ansiedade.

5. RELATOS DE PROFESSORES

Neste item, utilizamos dados da Agência Brasil e colheu informações de professores de todas as partes do país, tanto da rede pública quanto privada, sobre as mudanças do período e as novas atribuições e papéis dos docentes, nas diferentes modalidades da educação básica, com a chegada da pandemia e o ensino remoto.

Relato 1: professora Carolina Moraes Lino

“Eu me deparei com situações que me deixaram muito frustrada”. “Do mesmo jeito que os alunos ficam desmotivados, tenho muitos alunos que não tinham problemas e [desenvolveram quadros de] síndrome do pânico, depressão, tenho colegas também nessa situação”.

Fonte: Costa; Tokarnia (agenciabrasil/2020)

Relato 2: professor Jonailson Xisto

“Logo que começou a pandemia, eu cheguei a dizer que eu não estava realizando o trabalho de professor. Em uma turma de 30 alunos, eu conseguia atender, no máximo, cinco alunos, pela dificuldade no interior do Amazonas”. “O atendimento é intenso. A gente sabe que, para os alunos que moram no interior, não é todo tempo que o sinal pega. Há alunos esforçados que vão para outra comunidade no final de semana, onde pega sinal. Recebo mensagens com dúvidas, às vezes, às 3h, às 20h, 22h. Eu sempre falo que estou disponível”.

Fonte: Costa; Tokarnia (agenciabrasil/2020)

Relato 3: professora Lizianne Tenório dos Santos

“Todo o meu contato com eles foi na pandemia, por plataformas de vídeo, por WhatsApp”. “Comecei a brincar e aprender durante a pandemia e a fazer com que os vídeos pudessem ser atrativos para os alunos, para não ser monótono e chato. Educação física é movimento e se eu trabalhasse de uma forma que não tivesse movimento, eles iam achar ruim. Educação física, para eles, é uma coisa fantástica, ficam contando as horas para ter aula e eu não poderia deixar de fazer algo prazeroso”. “Quando gravo os vídeos para os meninos, eu desarrumo a sala, adapto aquele espaço porque a luz é melhor, e faço ali a minha quadra”. “Ouvi de uma aluna: professora, você traz esportes de outros países, esportes diferentes para a gente conhecer e é muito bom”.

Fonte: Costa; Tokarnia (agenciabrasil/2020)

Esses relatos revelam o quanto tem sido desafiador para esses profissionais esse período da pandemia com a suspensão das aulas presenciais. Período de incertezas, preocupação e sobrecarga de atividades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi possível perceber o grande interesse por pesquisas sobre a saúde mental dos docentes neste período da pandemia da Covid-19. Isso reflete a preocupação pela saúde mental desses profissionais pelas mudanças ocorridas no sistema de ensino e a sobrecarga de atividades.

A pandemia intensificou os problemas vividos pelos profissionais docentes. Uma categoria que sofre com a desvalorização dos seus serviços e aumento de suas atividades. Com a pandemia os professores tiveram que mudar toda a sua rotina para dar conta das suas atividades que ficaram sobrecarregadas.

Na área da educação, sintomas de depressão, ansiedade e estresse são considerados como as principais causas de afastamento de professores. O resultado desta pesquisa revela vários estudos que apresentam comprometimento na saúde mental dos docentes. Estudo feito por Cruz et al., (2020) revela que as alterações na saúde mental mais frequentes nos docentes foram a ansiedade e a depressão. Enquanto na pesquisa do Instituto Península (2020) foi identificado ansiosos (67%), entediados (36%), cansados (38%), estressados (34%), sobrecarregados (35%), frustrados (27%) dos professores nas últimas semanas entre 13/04 a 14/05/2020.

Para responder ao questionamento – como os professores estão lidando com essas mudanças? Utilizamos relato de professores que foram publicados por Costa; Tokarnia no site da (Agência Brasil, 2020). É possível observar a dinâmica desses profissionais ao lidar com os desafios surgidos com a pandemia. Muitos que não estavam preparados para trabalhar com aulas remotas e tiveram que aprender. Além de ter que lidar com as suas demandas, tiveram que saber lidar com as limitações dos alunos. Muitos alunos sem acesso à internet, computador ou mesmo celular.

No resultado da entrevista publicado por Costa; Tokarnia no site da Agência Brasil (2020), a professora Carolina Moraes Lino relata: “Eu me deparei com situações que me deixaram muito frustrada”. “Do mesmo jeito que os alunos ficam desmotivados, tenho muitos alunos que não tinham problemas e [desenvolveram quadros de] síndrome do pânico, depressão, tenho colegas também nessa situação”. O professor Jonailson Xisto relata que “O atendimento é intenso. A gente sabe que, para os alunos que moram no interior, não é todo tempo que o sinal pega. Há alunos esforçados que vão para outra comunidade no final de semana, onde pega sinal. Recebo mensagens com dúvidas, às vezes, às 3h, às 20h, 22h. Eu sempre falo que estou disponível”.

Fica evidenciado que entre os desafios enfrentados pelos docentes nessa pandemia, a utilização dos recursos tecnológicos pode ser considerado um dos mais difíceis por falta de habilidade de muitos desses profissionais e pelas limitações dos alunos em poder acompanhar as aulas remotas. Tudo isso,

pode influenciar na qualidade de vida desses profissionais agravando a saúde mental dos mesmos.

7. REFERÊNCIAS

BAGANHA, R. J.; BERNARDES, A. C. B.; ANTUNES, L. G. Educação, formação docente, TDIC e saúde em tempos de pandemia pela COVID-19: uma revisão de literatura. *Temas em Educ. e Saúde*, Araraquara, v. 17, n. 00, e021017, 2021. e-ISSN 2526-3471. DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v17i00.15261>.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Out-Dez 2011, Vol. 27 n. 4, pp. 403-410.

COSTA, G.; TOKARNIA, M. 2020. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-10/pandemia-de-covid-19-fez-ensino-e-papel-do-professor-mudarem>.

CRUZ, R. M.; ROCHA, R. E. R. da.; ANDREONI, S.; PESCA, A. D. Retorno ao trabalho? Indicadores de saúde mental em professores durante a pandemia da COVID-19. *Polyphonia*, v. 31/1, jan/jun. 2020.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2020. https://www.gov.br/mec/pt-br/media/aceso_informacao/pdf/PORTARIAN342DE17DEMARODE2020Del egacompetenciaaoSecretrioExecutivo.pdf.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D.; FERRAZ, R. de C. S. N. Trabalho docente na pandemia: discursos de professores sobre o ofício. *Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista* v. 13, n. 1 jan./jun. 2021.

FERREIRA, S. F.; SANTOS, A. G. M dos. Dificuldades e desafios durante o ensino remoto na pandemia: um estudo com professores do município de queimadas – Pb. *Revista científica semana acadêmica*. Fortaleza-Ce. Edição 207. v.9. 2021.

FREITAS, R. F.; RAMOS, D. S.; FREITAS, T. F.; SOUZA, G. R. DE.; PEREIRA, E. J.; LESSA, A. do C. Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. *J Bras Psiquiatr.* 2021;70(4):283-92.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. *Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)*, Itapetininga, v. 1, n.2, p. 161-171, 2016.

HISTÓRICO DA APANDEMIA DA COVID-19. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

INSTITUTO PENÍNSULA (2020). Relatório de pesquisa: Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil. Estágio intermediário – maio de 2020. <https://www.institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil/>

OPA - Histórico da pandemia de COVID-19. 2020. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

Oliveira, V. de. Pesquisas mostram o impacto da pandemia em diferentes áreas da educação. <https://porvir.org/pesquisas-mostram-os-impactos-da-pandemia-em-diferentes-areas-da-educacao/>.

OLIVEIRA, E. C. de; SANTOS, V. M. dos. Adoecimento mental em professores brasileiros. Mental sweetness in brazilian teachers. 10º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação. 2021.

PLANALTO (1996). https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

PAGNO, M. 2020. <https://www.canalsaude.fiocruz.br/noticias/noticiaAberta/ministerio-da-saude-divulga-resultados-preliminares-de-pesquisa-sobre-saude-mental-na-pandemia01102020>.

REIMERS, F. M.; SCHLEICHER, A. (2020). Um roteiro para guiar a resposta educacional à Pandemia da COVID-19 de 2020.

REIS, E. J. B. et al. Docência e exaustão emocional. *Educ. Soc.*, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.

SANTOS, D. R. dos.; OLIVEIRA, K. F.; SOARES, Z. C. B. Desafios enfrentados pelos professores no cenário pandêmico e no pós pandemia: professores e os desafios encontrados em tempo de pandemia. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 15, e02101523083, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i15.23083>.

TOSTES, M.V; ALBUQUERQUE, G.S.C.; SILVA M.J.S.; PETTERLE, R. R. Sofrimento mental de professores do ensino público. *SAÚDE DEBATE* | RIO DE JANEIRO, V. 42, N. 116, P. 87-99, JAN-MAR 2018.

**VÍDEO *ESTE É O LOBO*: LEITURA E HABILIDADES
SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA¹**

**VIDEO THIS IS THE WOLF: READING AND SOCIAL-
EMOTIONAL SKILLS IN BASIC EDUCATION**

**VIDEO ESTE ES EL LOBO: LECTURA Y HABILIDADES
SOCIALES Y EMOCIONALES EN LA EDUCACIÓN BÁSICA**

Vanda do Socorro Furtado Amin²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

Este estudo apresenta um relato de experiência com o objetivo de refletir sobre a vivência online numa escola pública federal de Belém do Pará em 2021, no contexto da pandemia de Covid-19. Foi realizada uma ação didática com turmas do 7º ano, relacionando leitura e desenvolvimento de habilidades socioemocionais por meio da visualização do vídeo *Este é o lobo*, de contação de história. O vídeo serviu como base para o exercício da oralidade, reflexão e elaboração escrita de gêneros relato pessoal ou crônica. A situação narrada foi contrastada à experiência de vida dos alunos, que foram incentivados a desenvolver a perspectiva de enfrentamento de uma situação causadora de medo. Constatou-se que práticas de leitura literária mediadas pela internet estimulam a reflexão e a expressão de sentimentos e emoções relevantes para o amadurecimento cognitivo, emocional e social de crianças e adolescentes. A aprendizagem colaborativa mostrou-se significativa aos alunos e aos professores.

Palavras-chave: Educação; Habilidades socioemocionais; Leitura; YouTube; Pandemia de Covid-19.

Abstract

This study presents an experience report with the objective of reflecting on the online experience in a federal public school in Belém do Pará in 2021, in the

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica e Psicologia: Construindo Conexões do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA e professora do Colégio Tenente Rego Barros/Força Aérea Brasileira. E-mail: vandaamintrb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-002-6899-704>

³ Doutora em Psicologia pela UFPA e professora permanente do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>

context of the Covid-19 pandemic. A didactic action was carried out with 7th grade classes, relating reading and the development of social and emotional skills through the viewing of the storytelling video This is the wolf. The video served as a basis for oral exercise, reflection, and written elaboration of the genres personal report or chronicle. The narrated situation was contrasted to the life experience of the students, who were encouraged to develop the perspective of facing a situation that caused fear. It was found that literary reading practices mediated by the internet stimulate reflection and the expression of feelings and emotions that are relevant to the cognitive, emotional, and social maturation of children and adolescents. Collaborative learning proved to be meaningful to students and teachers.

Keywords: Education; Social-emotional skills; Reading; YouTube; Covid-19 Pandemic.

Resumen

Este estudio presenta un informe de experiencia con el objetivo de reflexionar sobre la experiencia en línea en una escuela pública federal en Belém do Pará en 2021, en el contexto de la pandemia de Covid-19. Se realizó una acción didáctica con las clases de 7º grado, relacionando la lectura y el desarrollo de habilidades sociales y emocionales a través del visionado del vídeo This is the wolf, de storytelling. El vídeo sirvió de base para el ejercicio de la oralidad, la reflexión y la elaboración escrita del informe o crónica personal de los géneros. La situación narrada se contrastó con la experiencia vital de los alumnos, a los que se animó a desarrollar la perspectiva de enfrentarse a una situación que les provocaba miedo. Se comprobó que las prácticas de lectura literaria mediadas por Internet estimulan la reflexión y la expresión de sentimientos y emociones relevantes para la maduración cognitiva, emocional y social de niños y adolescentes. El aprendizaje colaborativo resultó ser significativo para los alumnos y los profesores.

Palavra chave: Educação; Habilidades socioemocionais; Lectura; YouTube; Pandemia de Covid-19.

Introdução

A crise sanitária gerada mundialmente pela pandemia de Covid-19 desencadeou mudanças de perspectiva, de ações e comportamentos em vários segmentos da vida social e pessoal, principalmente em decorrência do distanciamento físico e do isolamento social. No Brasil, a utilização de tecnologias comunicacionais digitais foi determinante para a continuidade do processo ensino-aprendizagem, a despeito das grandes desigualdades sociais

e regionais relativas ao acesso à internet.

No Colégio Tenente Rêgo Barros em Belém, Pará, inicialmente foi um desafio ministrar aulas remotas online para crianças e adolescentes do ensino fundamental, em atendimento ao calendário e planejamento desenhados sob a ótica da modalidade presencial. Todavia, em 2021 os docentes puderam adaptar-se ao molde remoto, buscando manter a interação e os resultados satisfatórios verificados nas práticas educacionais presenciais. Uma dessas práticas resultou no objeto deste trabalho: um relato de experiência docente na no Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB), no momento em que o novo coronavírus ainda ensejava a manutenção do ensino remoto online, com ênfase no desenvolvimento de habilidades socioemocionais relevantes à formação integral dos estudantes.

De acordo com as diretrizes da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o processo ensino-aprendizagem deve vincular aspectos cognitivos e socioemocionais à prática educacional, objetivando a formação integral dos estudantes, para além do âmbito estritamente intelectual ou meramente profissional. Assim, o direito de aprendizagem contém o direito de desenvolvimento socioemocional e transcende o espaço escolar.

Neste trabalho demonstraremos percepções, sentidos e significados a partir da ação didática do componente curricular Língua Portuguesa em turmas do 7º ano do ensino fundamental, por meio do projeto *Poesia em Metodologias Ativas – reflexão, oralidade e produção textual*, cujos objetivos destacaram a importância da leitura para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como autoconhecimento, autocuidado, empatia, engajamento, criatividade, resiliência e cidadania. O projeto enfatizou o reconhecimento da importância das tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos do cotidiano do aluno-cidadão, valendo-se de recursos educacionais digitais e tradicionais, como plataforma Microsoft Teams, YouTube, sites, e-book, livros impressos e textos digitados e manuscritos.

Uma das ações do projeto resultou neste relato de experiência. A partir da visualização do vídeo *Este é o lobo*, da playlist *Lendo com o Grupo Vivenciais*,

disponível no YouTube⁴, nas aulas pela plataforma Microsoft Teams, os alunos realizaram atividades de leitura, reflexão e de produção textual, de acordo com o planejamento anual de Língua Portuguesa.

Com o apoio teórico-metodológico dos Grupos de Pesquisa “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência” e “Interfaces do Texto Amazônico” (GITA), vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/Unama), desenvolvemos o referido projeto de leitura com manejo de metodologias ativas a fim de aplicar práticas de linguagem – oralidade, leitura, produção de textos – estimuladoras a habilidades socioemocionais imprescindíveis à formação sensível, crítica e cidadã dos estudantes leitores-protagonistas que compuseram as turmas do 7º ano do CTRB em 2021 e integram a vida social belenense.

Apresentação

Este estudo constitui um relato de experiência docente vivenciada com estudantes do 7º ano do ensino fundamental durante o projeto *Poesia em Metodologias Ativas – reflexão, oralidade e produção textual*, a partir da ação didática do componente curricular Língua Portuguesa nos meses de setembro e outubro de 2021 no CTRB. Com o objetivo de destacar a importância da leitura para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como autoconhecimento, autocuidado, empatia, engajamento, criatividade, resiliência e cidadania, o projeto selecionou o audiovisual *Este é o lobo*, que compõe a playlist *Lendo com o Grupo Vivenciais*, disponível no YouTube.

Esse vídeo apresenta a leitura do livro *Este é lobo*, escrito e ilustrado por Alexandre Rampazo, publicado em 2016, cuja referência a algumas narrativas que conhecemos desde a infância, com personagens ameaçadores como o lobo da Chapeuzinho Vermelho e o lobo dos Três Porquinhos, possibilita o interesse do público: alunos do 7º ano, com 10 a 12 anos. No vídeo, crianças leem o livro, em que o tamanho do lobo mau diminui de acordo com o progresso da leitura e

⁴ Vídeo *Este é o lobo*, produzido por Grupos Vivenciais/Unama – playlist *Lendo com os Grupos Vivenciais*. Disponível no YouTube: <https://youtu.be/S8VSxIrljGBg>. Acesso em: 02 jun. 2021.

a diminuição da ameaça do lobo, cuja solidão enseja a necessidade de uma amizade; ao fim da leitura, os pequenos leitores, que fazem parte dos Grupos Vivenciais / Unama, são apresentados ao público.

A ação se realizou em dois momentos. Na primeira etapa – Exercitando a Oralidade e a Reflexão –, ocorreu a visualização do vídeo, seguida da estimulação com perguntas referentes ao conteúdo recepcionado. Então, os alunos expuseram oralmente um pouco de sua percepção. Como a aula foi pela plataforma Teams, a interação efetivou-se pelo recurso “Levantar a mão”. Assim, individualmente, os alunos assinalaram que o vídeo era interessante porque os reportou a momentos da infância na família ou na escola, quando ouviram ou leram histórias com os lobos maus, porquinhos e princesas.

Ao ser mencionado o YouTube, alguns alunos destacaram que conheciam canais da plataforma e que gostavam dessa ferramenta, mencionando que conhecer um livro por meio do YouTube era diferente de ler o livro físico e que isso estimulava a leitura em meio impresso.

Questionados sobre a intenção do autor Alexandre Rampazo ao produzir o livro “Este é o lobo”, os alunos destacaram terem visto uma nova versão do lobo mau, sugerindo que talvez o lobo não fosse tão mau assim e que a amizade e a gentileza poderiam ajudar na superação de problemas, conflitos e medos. Registraram que a aparência (tamanho, traje, expressão facial) poderia provocar receio, desconfiança, afastamento entre as pessoas.

Perguntados sobre a intenção do projeto *Grupo Vivenciais* ao produzir esse conteúdo audiovisual a partir do livro “Este é o lobo” e publicar no YouTube, os alunos apontaram a novidade trazida pela internet, destacando que essa plataforma de vídeos era uma ferramenta muito utilizada para a promoção de conteúdos distintos, e os livros e a leitura corresponderiam à parte positiva desse meio de divulgação.

A segunda etapa – Exercitando a Produção Textual – gêneros relato pessoal e crônica, iniciou na aula remota e finalizou em momento assíncrono (após aula), quando os alunos foram orientados a produzir individualmente um texto manuscrito em que apresentassem uma situação na qual eles (ou outra pessoa) vivessem ou sentissem a ideia de um “lobo mau”: dificuldade, problema,

medo, preocupação, podendo ser real ou fictício, imaginário. Depois, eles pensariam na solução/superação do medo/conflito: ajuda, apoio, sossego, equilíbrio, nova compreensão ou releitura da questão vivida.

Durante a aplicação do comando de produção textual aos alunos, surgiram várias dúvidas sobre o tema a ser abordado, principalmente concernente à autoria: a história deveria ser real? Percebemos que tal questionamento dos estudantes advinha da possibilidade de falar de si, de sua vida, de seu cotidiano e de sua fantasia. Em resposta, eles ficaram à vontade para vivenciar seu processo criativo. A liberdade para escrever talvez fosse a chave para o autoconhecimento.

Referencial teórico-metodológico

A escola contemporânea é responsável pela promoção da leitura e da escrita não somente de base alfabética tradicional, mas também de base digital e imagética. Não há como negar que, de acordo com a classe social e com questões de cunho subjetivo, ocorram distinções quanto à disponibilidade, ao acesso, à posse e ao uso das novas tecnologias da comunicação e da informação. Ressalvada a generalização, podemos dizer que crianças/adolescentes/estudantes atuam como leitores de suportes e materialidades digitais (computador, *smartphone*, *tablet* etc.) em formato de *e-book* ou *e-readers*, assim como navegam nas telas em busca de informações, entretenimentos, interações ou relacionamentos online.

De acordo com Ralph Bannel et al. (2016, p. 116), a escola corresponde a um espaço de convivência, a uma “comunidade de aprendizagem”, em que todos os seus membros podem ensinar e aprender mutuamente mediados pelas tecnologias tradicionais ou digitais, visando a um processo de transformação. Nesse espaço, são desenvolvidas habilidades cognitivas e socioemocionais indispensáveis à formação integral do estudante, à construção de uma sociedade com cidadania. A História Cultural assinala tem demonstrado que a leitura, informativa ou ficcional, em materialidades impressas ou digitais, contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de cada leitor, uma vez que este expressa na leitura suas próprias características e sua relação

com o mundo. Nas palavras de Roger Chartier (1998, p. 22), o leitor constitui “um ser único, porém se assemelha com as pessoas de sua comunidade”, refletindo uma das práticas culturais mais importantes do seu tempo.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, no eixo Oralidade, aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais. No eixo Leitura/Escuta, amplia-se o letramento, mediante a progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente. No eixo Produção de Textos, busca-se a progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais. Essas diretrizes reportam à concepção sociointeracionista da aprendizagem de Lev Vigotsky (2007), segundo a qual a influência da mediação da cultura e das interações sociais nos sujeitos é fundamental à aprendizagem. Nesse sentido, o desenvolvimento das emoções faz-se imprescindível às práticas educacionais e de linguagem.

Desse modo, o meio social e toda sua carga afetiva repercute no processo de aprendizagem, considerando que cada estágio e contexto da vida oferecem ao sujeito variados desafios que potencializam o seu desenvolvimento. A interação aguça fatores biológicos e sociais atrelados ao histórico (VIGOSTKY, 2007). Para Canettiéri, Paranyhyba e Santos (2021), diretrizes da BNCC conduzem à exigência de ações educacionais voltadas à abordagem de competências sociais e emocionais nas esferas de ensino público e privado. Todavia, os autores destacam a necessidade de compreender criticamente a emoção como uma habilidade humana, como inerente ao educando, cuja desenvolvimento é, ao mesmo tempo, individual e social.

Referenciando a teoria da afetividade na aprendizagem de Henri Wallon, Canettiéri, Paranyhyba e Santos (2021) assinalam que as emoções promovem a sociabilidade, cuja função integradora e mediadora possibilita a humanização e a relação do sujeito com o mundo físico e suas materialidades. Nessa linha de raciocínio, Lemos e Macedo (2019) asseveram que as condições socioemocionais dos estudantes são circunstanciais e relativas, variando de acordo com cada pessoa em formação, portanto não cabe à escola e ao

professor idealizar um tipo único de habilidade socioemocional para todo e qualquer estudante.

Por isso, o projeto *Poesia em Metodologias Ativas* propiciou que cada aluno pudesse manifestar suas percepções a partir de experiências emocionais e interacionais e, assim, iniciasse o processo de autoconhecimento autoconsciência diante de uma situação de medo, ansiedade, preocupação, desconforto ou tristeza. Perceber e reconhecer as influências e as implicações das emoções em nosso desenvolvimento e em nossa subjetividade contribuem para a superação de questões pessoais que se estendem ao social.

Para a formação do leitor-fruidor, o desenvolvimento de Metodologias Ativas (BERGMANN; SAMS, 2018; HORN; STAKER, 2015) faz-se adequado e promissor. Por isso o recurso ensino por projeto foi mobilizado na prática docente de Língua Portuguesa no CTRB. A estimulação às habilidades cognitivas e socioemocionais dos estudantes do 7º ano promoveu vivências de experiências, e de aprendizagens, assim como situações de interação mediadas pela internet.

Resultados

Durante a realização da primeira etapa – Exercitando a Oralidade e a Reflexão –, em que ocorreu a visualização do vídeo, seguida dos questionamentos para o diálogo e a troca de ideias, foi possível perceber pela expressão oral dos alunos sentimentos da saudade da recente infância, principalmente do tempo em que as aulas eram presenciais, e os encontros aconteciam, a convivência era no mesmo espaço: a escola, com seus rituais, suas normas e seus prazeres; nela havia o exercício cotidiano muitas emoções: empatia, tolerância, conflitos, expectativas, curiosidades. A leitura da obra literária, com inúmeros personagens da vida real, ensejou o engajamento dos alunos e a reflexão sobre relacionamento e julgamento, solidão e amizade, tristeza e empatia.

Após o recebimento dos textos dos alunos, a professora procedeu à leitura e à avaliação, não necessariamente dos aspectos técnicos da redação, mas sobretudo das emoções ali expressos. Dessa forma, foi possível verificar a diversidade dos contextos e da “natureza dos medos”: medo de inseto e de

trovão, medo de repreensão, medo de montanha-russa e de andar de bicicleta sem rodinhas, medo assombração, medo de não esquecer a morte de um amigo, medo de assalto, medo de reprovação na escola, medo de mudar de cidade, medo de abandono e de preconceitos, etc. A diversidade dos medos possibilitou confirmar a relação intercambiante entre aspectos cognitivos, emocionais, culturais e sociais.

Para cada medo (receio ou preocupação), as formas de superação ou resolução também foram distintas: conversa e encorajamento de amigos, novas amizades, apoio da família, apoio de professores, empatia de pessoas conhecidas, crenças religiosas, esquecimento, etc. A importância da amizade foi refletida em um dos textos em que o aluno aborda seu sentimento de sofrimento por ter presenciado a morte de seu melhor amigo por atropelamento de carro na saída da escola. Ele reconheceu a dor, o não esquecimento da cena e a não superação da perda por mais de um ano. Então, admitiu que a resolução da questão ocorreu de forma lenta quando se permitiu construir uma nova amizade na escola. De igual modo, a importância da honestidade, da colaboração e da serenidade diante de um fato desconfortável foi manifestada no episódio narrado por uma aluna que por ter derramado comida na cama e enfrentara o medo da bridade de sua mãe e a provável repreensão/castigo. Porém, com apoio de sua prima, a aluna limpou a cama e depois contou a verdade à mãe, que reagiu com serenidade.

A diversidade de formas de superação sinaliza para a influência das condições sociais e emocionais sobre o comportamento do sujeito em situação de medo ou sofrimento: o enfrentamento depende da qualidade da interação com o outro, que está perto, que escuta, que dialoga, assim como da postura de cuidar de si: o autocuidado e autoestima.

Quanto à estrutura e à linguagem dos gêneros textuais escritos solicitados, constatou-se que grande parte dos alunos conseguiu atender satisfatoriamente aos requisitos da língua escrita e aos propósitos sociocomunicativos.

Dessa forma, entende-se que o trabalho educacional pode conciliar recursos tecnológicos digitais e tradicionais com vistas a promover o



desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos estudantes. De igual modo, a utilização de textos literários nas aulas viabiliza a reflexão e a formação de habilidades socioemocionais relevantes para o sujeito em interação com a realidade social.

Considerações finais

A prática do ensino remoto online durante a pandemia de Covid-19 nas escolas brasileiras promoveu desafios e sofrimentos. Todos, professores, alunos, gestores e famílias, precisaram se adaptar e descobrir formas de continuar aprendendo e se relacionando. Assim procedemos por meio do projeto *Leitura em Metodologias Ativas* com alunos do 7º ano no Colégio Tenente Rêgo Barros em 2021, com o desenvolvimento de atividades de estímulo a habilidades socioemocionais mediadas pela internet.

O recurso das práticas de leitura literária evidenciou a dimensão social da leitura, da oralidade e escrita, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, cultural e, sobretudo, socioemocional dos estudantes. Emoções como medo, julgamento, solidão, amizade, autoconhecimento, autocuidado, tristeza, empatia, luto, cooperação, apreensão, saudade, curiosidade foram percebidas no desenvolvimento das atividades didáticas e integraram o amadurecimento cognitivo e psicossocial dos estudantes do CTRB.

Desse modo, podemos afirmar que por meio da observação de si e dos outros no cotidiano escolar e social manifestam-se o cuidar e o cuidar-se com vistas à construção de uma realidade socialmente acolhedora, incluyente e igualitária. Defendemos que o movimento de democratização das tecnologias digitais na educação e nas famílias brasileiras faz-se necessário para a promoção de garantias sociais e o enfrentamento de desigualdades socioeconômicas e culturais de nosso tempo.

Referências

BANNEL, Ralph Ings et al. **Educação no Século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Rio de Janeiro: Vozes, Editora PUC/2016.



BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

CANETTIERI, Marina Kurotusch; PARANAHYBA, Jordana de Castro Balduino; SANTOS, Soraya Vieira. Habilidades socioemocionais: da BNCC às salas de aula. **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 6, n. 2, e4406, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4406/4023>. Acesso em 02 set. 2022.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

HORN, M. B; STAKER, H. **Blended**: Usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

GRUPO DE PESQUISA INTERFACES DO TEXTO AMAZÔNICO (GITA). Disponível em: <https://gitaunama.wixsite.com/gita>. Acesso: 10/12/2021.

GRUPO DE PESQUISA POESIA NO DIA A DIA: GRUPOS VIVENCIAIS E RESILIÊNCIA. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCXXCqPTNaySHa_I3ZrCVjig. Acesso: 18/12/2021.

LEMO, Guilherme Augusto Rezende; MACEDO, Elizabeth. A incalibrável competência socioemocional. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 25, p. 57-73, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/24582>. Acesso em: 02 set. 2022.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Barreto e Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA PESQUISA MEDIADA PELA INTERNET¹

ADOLESCENTS IN SITUATIONS OF SOCIAL VULNERABILITY: AN INTERNET MEDIATED RESEARCH

ADOLESCENTES EN SITUACIONES DE VULNERABILIDAD SOCIAL: UNA INVESTIGACIÓN MEDIADA POR INTERNET

Sarah Teruko Navegantes Machado²
Rosângela Araújo Darwich³

Resumo

Este estudo mediado pela internet objetiva refletir sobre estratégias de enfrentamento de estudantes de escolas públicas em situação de vulnerabilidade social nos dois primeiros anos de pandemia de Covid-19. Consideramos que as aulas online foram somadas às dificuldades já tradicionalmente enfrentadas pela educação brasileira. Utilizando um questionário online, investigamos emoções, pensamentos e ações vivenciados por dez estudantes de ensino médio de escolas públicas de Belém, Pará. Para a análise dos resultados, lançamos mão da metodologia de análise de conteúdo. Verificamos que, mesmo diante de vivências consideradas como negativas, os participantes, no geral, procuraram por alternativas de ação – e as encontraram. A proatividade dos participantes revela resiliência, característica importante para a permanência na escola, tendo em vista os altos níveis de evasão escolar em escolas públicas da região e no país.

Palavras-chave: vulnerabilidade social; escolas públicas; resiliência; pandemia de Covid-19; pesquisa mediada pela internet.

Abstract

This internet-mediated study aims to reflect on coping strategies of public school students in situations of social vulnerability in the first two years of the Covid-19 pandemic. We consider that online classes have added to the difficulties already traditionally faced by Brazilian education. Using an online questionnaire, we investigated emotions, thoughts, and actions experienced by ten high school students from public schools in Belém, Pará. To analyze the results, we used the

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar nome do Simpósio para qual o trabalho será submetido – ver anexo II] do IX Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 20 de outubro de 2022.

² Estudante de graduação do curso de Psicologia da UNAMA e bolsista do Programa de Iniciação Científica (2021/2022). E-mail: sarahnavegantes@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4769-7314>.

³ Doutora em Psicologia pela UFPA e professora permanente do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>.

content analysis methodology. We verified that, even when faced with experiences considered negative, the participants, in general, sought and found action alternatives. The proactivity of the participants reveals resilience, an important characteristic for staying in school, considering the high dropout levels in public schools in the region and in the country.

Keywords: social vulnerability; public schools; resiliency; Covid-19 pandemic; internet-mediated research.

Resumen

Este estudio mediado por Internet pretende reflexionar sobre las estrategias de afrontamiento de los alumnos de la escuela pública en situaciones de vulnerabilidad social en los dos primeros años de la pandemia de Covid-19. Consideramos que las clases en línea se sumaron a las dificultades que ya tenía tradicionalmente la educación brasileña. Mediante un cuestionario online, investigamos las emociones, pensamientos y acciones experimentadas por diez estudiantes de secundaria de escuelas públicas de Belém, Pará. Para el análisis de los resultados, se utilizó la metodología del análisis de contenido. Comprobamos que, incluso ante experiencias consideradas como negativas, los participantes, en general, buscaban alternativas de acción, y las encontraban. La proactividad de los participantes revela resiliencia, una característica importante para permanecer en la escuela, teniendo en cuenta los altos niveles de abandono escolar en las escuelas públicas de la región y del país.

Palabras clave: vulnerabilidad social; escuelas públicas; resiliencia; pandemia de Covid-19; investigación mediada por Internet.

1. A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

No Brasil, os direitos garantidos por lei muitas vezes não passam de utopias. Na área da educação, há escolas que não possuem estrutura física adequada, falta de alimentos, greves de professores por baixa remuneração ou até mesmo salários atrasados, desvio de verbas, dentre outros tantos problemas. Portanto, é evidente que os alunos sofrem consequências em seu desempenho escolar, o que muitas vezes provoca inúmeras repetências, desmotivação em frequentar aulas e, por fim, evasão escolar (IOSIF, 2007; RIBEIRO; GUSMÃO, 2011). Segundo Melsert e Bock (2015, p. 4),

Os jovens mais pobres ingressam mais cedo no mercado de trabalho, em condições geralmente precarizadas, e também abandonam os estudos mais cedo quando comparados aos jovens das camadas mais ricas. Esses dedicam-se exclusivamente ao estudo durante um período maior de anos, frequentemente acessando o ensino superior, e ocupam cargos de maior prestígio e maior qualificação no mercado de trabalho.

Diante de todos esses problemas, anualmente fazemos inúmeras promessas, não perdemos a esperança de dias melhores. Entretanto, em 2020 foi diferente, pois não estávamos preparados para lidar com um vilão invisível, o novo coronavírus, que representou ameaça e preocupação com a sobrevivência em todo o planeta. Para evitar mais mortes, além de medidas sanitárias eficazes a serem adotadas, uma providência penosa, porém extremamente importante, foi necessária: o isolamento social. Esse isolamento prejudicou todos os contextos de vida das pessoas e com a educação não foi diferente (RICCI; VIEIRA, 2020).

Uma das soluções encontradas por escolas públicas e privadas para a minimização dos impactos provocados pela pandemia foi a adoção do ensino remoto. Todavia, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), seis milhões de estudantes não possuem acesso à internet em suas residências, sendo que esse quadro se agrava ainda mais na área rural. Desse cenário se destaca o Pará como sendo o segundo estado brasileiro com o maior número de alunos sem internet, perdendo apenas para a Bahia. Assim sendo, problemas anteriores à pandemia que alunos de escolas públicas já enfrentavam foram ampliados nesse período de pandemia (BRASIL, 2020; GATTI, 2020).

Vieira e Silva (2020) questionam a capacitação de educadores para lidar com o uso de tecnologias, bem como se os estudantes dispõem de incentivos para operar com essa nova modalidade de ensino. Paralelamente a essa realidade, Faustino e Silva (2020) realizam um breve apanhado acerca das adversidades enfrentadas por estudantes em momentos de pandemia, aproximando-se também da realidade de gestores escolares, professores, dentre outros profissionais da educação que são sobrecarregados pelo excesso de funções e com jornadas de trabalho exaustivas.

Percebemos que, em situação de pandemia, adolescentes em situação de vulnerabilidade social foram novamente prejudicados em suas vidas estudantis pelas diferenças que demarcam a situação em que se encontram. Essa perspectiva revela efeitos graves de uma crise sanitária e humanitária, conforme descrita por Lima, Buss e Paes-Sousa (2020) e justifica este estudo, que objetiva refletir sobre estratégias de enfrentamento de estudantes de

escolas públicas em situação de vulnerabilidade social nos dois primeiros anos de pandemia de Covid-19.

2. METODOLOGIA

Este estudo de campo mediado pela internet lança mão de abordagem qualitativa para análise do conteúdo investigado, o qual foi categorizado também em termos numéricos, como forma de dar maior sustentação às conclusões (POCINHO; MATOS, 2022; SOUZA; KERBAUY, 2017).

A pesquisa-ação do qual este estudo faz parte, “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, foi submetida para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Amazônia, via Plataforma Brasil, obtendo parecer favorável no 3.777.809 e CCAE: 24782619.9.0000.5173. A participação na pesquisa decorreu de assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a resolução 466/12 do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos.

Participaram do estudo dez estudantes de ensino médio, entre 15 e 19 anos. Eles são identificados com a letra “F” ou “M”, de acordo com o gênero, seguidos por numeração em ordem crescentes, conforme a idade. Sete participantes são do gênero feminino e três, do masculino, sendo que todos estudavam em escolas públicas estaduais. Dois participantes estavam cursando o 1º ano do ensino médio (F1 e M1), seis, o 2º ano (F2, F3, F4, F7, M2, M3), e dois, o 3º ano (F5 e F6). Apenas uma participante estava com 19 anos (F7), enquanto dois outros estavam com 15 (F1, M1) ou 17 (F5, M2) ou 18 anos (F6, M3), e três estavam com 16 anos (F2, F3, F4).

A coleta de dados se deu por meio de um formulário Google, referente a um questionário online com um total de dezesseis perguntas. Em novembro de 2021, quando os estudantes foram submetidos à entrevista, a escola estava oferecendo o modelo presencial e o híbrido.

Investigamos a relação entre interpretação de acontecimentos públicos ou externos e privados (como pensamentos e sentimentos positivos ou negativos) e ações de enfrentamento ou de esquivas. Assim foi possível verificar as habilidades dos estudantes em lidar com adversidades por meio das atitudes

que descreveram. Para a análise dos dados foram utilizadas as seguintes categorias de análise (BARDIN, 2011): “emoção”, “pensamento”, “ação” e “acontecimento externo”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora todas as perguntas apresentadas no formulário Google permitissem respostas que destacassem o conteúdo das quatro categorias de análise, os participantes ficaram livres para responder e, assim, destacaram os aspectos que lhes parecesse relevantes a cada pergunta. Por exemplo, em resposta à primeira pergunta, sete participantes ressaltaram pensamentos negativos e nenhum pensamento positivo. Fica subentendido, portanto, que três participantes não se referiram a seus pensamentos em suas respostas (ver Tabela 1).

Tabela 1. Aspectos positivos e negativos das respostas

Perg.	Pensamento		Sentimento		Ação		Acontecimento externo	
	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
1	0	7	0	8	4	1	0	5
2	0	8	0	8	0	1	0	2
3	1	3	0	0	1	1	0	1
4	1	1	2	0	1	2	0	2
5	4	1	1	0	5	3	1	1
6	4	5	0	0	3	1	1	3
7	6	2	1	0	1	1	0	1
8	6	0	0	0	0	0	1	2
9	6	2	0	1	1	2	1	2
10	1	7	1	7	0	2	1	4
11	1	9	0	0	0	1	2	4
12	6	1	0	0	6	0	7	2
13	7	2	3	0	3	0	5	1
14	1	2	0	0	8	2	2	2
15	2	0	0	0	2	0	5	4
16	2	8	0	1	0	2	0	4
Total	48	58	8	25	35	19	26	40
Geral	106		33		54		66	

Com base nas respostas dos participantes, verificamos a expressão de 106 pensamentos, na maioria negativos (10 a mais do que os positivos); 33 sentimentos, na maioria negativos (17 a mais do que os positivos); 54 ações, na

maioria positivas ou proativas (16 a mais do que as negativas, referentes a posturas de acomodação e resignação) e 66 acontecimentos externos, na maioria negativos (14 a mais do que os positivos).

Em resposta à primeira pergunta (“conte um pouco da sua experiência no início da pandemia”), sete participantes incluíram pensamentos em suas respostas, todos negativos (F1, F2, F3, F4, F6, F7 e M1). Segundo F1, “tudo isso foi algo muito novo, creio que para todos. No início achei que fosse algo passageiro, até que, de quinze dias sem aula, passou para um mês, de um mês, dois e assim se passaram quase dois anos”.

Oito participantes expressaram sentimentos, também todos negativos (F1, F2, F3, F5, F6, M1, M2 e M3). Segundo F1, “me senti presa muitas vezes ou até mesmo cansada das pessoas de casa”. F5 também citou uma sensação de aprisionamento. Segundo F3, “eu já tinha ansiedade e parece que piorou. Não está sendo fácil, tanto nos estudos, quanto em casa”.

Cinco participantes indicaram como costumavam agir, com posturas principalmente proativas (F1, F5, F6 e M3). F1 e M3 citaram o engajamento no estudo. Segundo F6, “não podia sair pra trabalhar e as coisas iam ficando apertadas, e então fomos dando um jeitinho de nos encaixar nesse momento difícil”. Apenas F3 descreveu uma postura negativa: “ficava deitada, só vendo o tempo passar”.

Cinco participantes citaram acontecimentos externos, todos negativos (F2, F3, F4, F5 e F7). Segundo F3, “a pandemia levou muitas pessoas que eu amo” e, para F3, “tudo piorou desde que começou essa bendita pandemia de Coronavírus”.

As respostas dos participantes acerca dos impactos negativos da pandemia sobre a saúde mental deles estão de acordo com diferentes estudos, que apontam repercussões negativas importantes em situações de pandemia (SCHDMIT et.al, 2020; WANG et al., 2020).

A segunda pergunta (“conte como foi a sua reação quando soube que não poderia mais ir para a escola por um tempo”) levou à expressão de pensamentos totalmente negativos. Em oito respostas, os participantes (F1, F2, F3, F4, F6, F7, M1 e M3) demonstraram ansiedade sobre o futuro em seus pensamentos. No

relato de F6 podemos perceber a sua preocupação: “ficava me perguntando ‘e agora, como vamos ficar, sem aulas, sem cursos, sem faculdades?’ Isso causou muitos problemas, não só para mim, e sim para vários outros estudantes”.

Assim como quanto aos pensamentos, sentimentos, ações e acontecimentos externos também foram completamente negativos, totalizando respectivamente oito (F2, F3, F4, F5, F6, F7, M1 e M3), uma (F7) e duas respostas (F6 e M1). F3 comentou o quanto essa realidade a prejudicou: “acabou comigo. A escola era um meio de eu me distrair para aprender, sair. Quando disseram que iam parar as aulas, fiquei muito mal”. No relato de M3 é notório o quanto as aulas online não possuíam a mesma qualidade de aulas presenciais: “eu aprendo mais facilmente com um professor me ensinando pessoalmente”.

Os pensamentos de ansiedade e outras sintomatologias psicológicas referidas pelos participantes estão de acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Lemann, em parceria com o Instituto Natura entre 16 de junho e 7 de julho de 2021 (ALBUQUERQUE, 2021).

Em relação à terceira pergunta (“no início das aulas remotas, você tinha acesso ao canal da TV Cultura? Conte a sua experiência”), de um total de expressão de quatro pensamentos, três foram negativos (F1, F2, F3) e apenas um demonstrou ser positivo (M2). Houve uma referência a ações positivas (M2) e outra, a negativas (F6), bem como a um acontecimento externo negativo (M3).

Segundo F1: “tinha acesso, mas não foi uma boa experiência”. Verificamos que não apenas os alunos acreditavam que as aulas não eram de qualidade, como também seus pais e responsáveis, conforme percebe-se na fala de M3: “não tive acesso, pois eu mal ficava na TV por conta que a minha mãe ‘pegava no meu pé’ para eu criar meus próprios assuntos das matérias”.

A quarta pergunta (“você possuía um dispositivo digital – celular, tablet, notebook ou computador – para acompanhar as aulas e as outras informações repassadas pelo aplicativo e pelo portal Cultura? Conte a sua experiência”) gerou, nas respostas, a presença de apenas um pensamento negativo (F2) e outro positivo (M1), dois sentimentos positivos (F6, M1), três ações (F2, F5, M3), sendo duas negativas (F2, F5) e uma positiva (M3), e dois acontecimentos externos negativos (F1, M3).

F5 possuía aparelho celular, mas não fazia tanta questão de estudar: “eu tenho dispositivo, porém não acompanhava”. No entanto, F6 mesmo com as dificuldades encontradas, não desistiu de tentar entender a matéria escolar: “era difícil, porém muito bom. Queria logo terminar o ensino médio para poder ingressar na faculdade”. Verificamos também o quanto o acesso à internet ainda é um problema grave em muitos municípios do Brasil, conforme aponta F4: “eu sempre tive meu celular, porém, passei alguns meses no interior, onde não tinha acesso à internet”. Este fato foi confirmado por Bianchi, Pereira e Avila (2021)

A quinta pergunta (“comente essa afirmativa com a sua experiência: (“enfrentei dificuldades, mas fui me adaptando às novidades e tudo foi melhorando”) levou, no geral, a resultados positivos. Os participantes expressaram cinco pensamentos, dos quais quatro foram positivos (F2, F3, M1, M2); um sentimento que também foi positivo (F3), um total de oito ações (F1, F2, F4, F4, F5, F5, M2, M3), sendo cinco positivas (F1, F2, F4, F5, M2) e três negativas (F4, F5, M6) e dois acontecimentos externos (F7, F7), sendo um positivo (F7) e um negativo (F7).

M2 demonstra o quanto o ser humano consegue se adaptar a inúmeras realidades, por mais difíceis que possam ser: “comecei com muitas dificuldades por questões de não ter um aparelho celular ou um computador, mas fui me adaptando com o ensino que era abordado na TV”. Para complementar essa fala, F5 ainda traz a adaptação à ausência de contato físico: “esse novo modo de viver, com pandemia, foi realmente difícil, porém já me adaptei com ausências de abraços, aperto de mãos e outros”.

Na sexta pergunta (“conte como foi a sua experiência com as atividades repassadas para você em formulários Google”), dentre nove citações de pensamentos, cinco foram negativas (F6, F7, M1, M2, M3) e quatro foram positivas (F1, F3, F5, M1). Segundo F1, “achei fácil e prático”. Nenhum participante lançou mão de sentimentos, mas no total de quatro ações (F1, F2, F7, M2), três foram positivas (F1, F2 e F7), e quanto a quatro acontecimentos externos (F2, F3, F7, M3), apenas um foi positivo (F2). F7 deu exemplo de ação positiva: “em um momento de dificuldade, me foquei nos meus estudos e até hoje faço isso”.

A sétima pergunta (“conte a sua experiência com podcasts que os professores lhe enviaram com recados educativos e comentários acerca das disciplinas”) gerou mais experiências positivas do que negativas em se tratando dos pensamentos expressos, pois dentre oito, seis foram positivos (F1, F3, F4, F5, M1, M2) e apenas dois foram negativos (F2, M3). Houve apenas o posicionamento de um sentimento (M1), o qual foi positivo, duas ações (M3, M3) sendo uma positiva (M3) e outra negativa (M3) e um acontecimento externo negativo (F2).

F5 desatacou um ingrediente importante para qualquer ação humana, a motivação: “achei que foram bastante motivadores”. Quanto à expressão de sentimento, M1 relatou: “é algo que gosto muito, é prazeroso e interessante quando se trata de educação”.

A oitava pergunta (“o que você achou do programa ‘Enem Pará’? Conte a sua experiência”) definitivamente foi a que mais chamou a atenção porque houve a expressão de seis pensamentos e por unanimidade todos foram positivos (F1, F3, F7, M1, M2, M3) e nenhuma resposta referente a sentimentos e ações. Quanto a acontecimentos externos, dois relatos foram negativos (F2, F4) e um, positivo (F1).

F1 escreveu o seguinte: “achei muito importante, pois as pessoas com baixa renda têm acesso a esse programa e, o principal, respeitando o isolamento social”. É importante salientar que esse programa ajudou até mesmo os estudantes que ainda não iriam prestar o Enem, pois apresentava o modelo da prova, assim como foi relatado por M2: “foi excelente. Não prestei o Enem, mas fui fazendo os exercícios, pois achei muito interessante”.

Em se tratando da nona pergunta (“conte como foi a sua experiência com as atividades impressas que a sua escola disponibilizou para complementar as aulas remotas”), houve a expressão de oito pensamentos, sendo seis positivos (F1, F2, F3, F5, F6, M1) e dois negativos (M2, M3), de um sentimento negativo (M3), três ações, duas delas positivas (F6 M3) e uma negativa (F4) e de três acontecimentos externos, um positivo (F7) e dois negativos (M2, M3).

F2 considerou que as atividades impressas “foram bastante úteis para um melhor aprendizado e para acrescentar no ensino das aulas”. M2 demonstrou

um posicionamento contrário: “acho que não aprendi muito, pois, na maioria das vezes eram só exercícios. Seria bom se viesse um texto pra completar as perguntas abordadas nas atividades”.

A décima pergunta (“como você se sentiu diante da notícia de que no restante do ano de 2020 as aulas permaneceriam remotas?”) levou à expressão de oito pensamentos, sendo sete negativos (F1, F2, F3, F4, F7, M2, M3) e um positivo (M1), sete sentimentos negativos (F1, F2, F4, F6, F7, M2, M3) e um positivo (F5), duas ações negativas (F4, M3) e cinco acontecimentos externos, sendo que quatro foram considerados negativos (F3, F4, M2, M3) e um, positivo (M1).

A resposta de F3 destaca sua experiência com a perda de pessoas amadas. “Queria apenas que tudo isso acabasse e tudo voltasse a ser como era antes. Queria ter podido abraçar aquelas pessoas que se foram. Queria que isso nunca tivesse acontecido”. M2 demonstrou uma certa adaptação ligada à religiosidade ao expressar seu pensamento negativo acerca da notícia recebida. “eu não gostei muito da ideia no começo, pois não tinha muitas informações, todavia é muito provável que existiu um motivo maior para isso ter acontecido”.

A décima primeira pergunta (“conte como foi a sua experiência com os processos avaliativos em 2020”) levou a dez expressões de pensamentos negativos (F1, F1, F2, F3, F5, F6, F7, M1, M2, M3) e apenas um positivo (F1) e não houve menção a sentimentos, mas de uma ação negativa (M2) e seis acontecimentos externos, sendo quatro negativos (F1, F4, F5, M2) e dois positivos (F1, M2).

Segundo M2, “não aprendi muito. Sinceramente eu estudo até agora para tentar compreender os assuntos abordados em 2020, pois só foi exercícios e pouco aprendizado”. F1 foi a única usuária que demonstrou pensamento positivo e negativo ao mesmo tempo, com essa experiência: “De certa a experiência forma foi ruim e boa. Ruim por não ter um professor para tirar alguma dúvida, e boa porque querendo ou não estava no conforto de casa”. Acerca de acontecimentos externos que a afetaram, F4 relatou: “na minha escola não houve avaliações este ano, só mesmo cadernões de atividades. Foram quatorze cadernões distribuídos ao longo do ano”.

A décima segunda pergunta (“E em 2021, como foi a sua experiência com o processo avaliativo? O que mudou do ano passado para cá?”) levou a respostas mais positivas. Devemos considerar que, quando da coleta de dados, as aulas já eram presenciais ou híbridas. Embora sentimentos não tenham sido mencionados, do total de sete pensamentos (F1, F4, F6, M1, M2, M2, M3), apenas um foi negativo (M2), as seis ações citadas foram todas positivas (F1, F2, F3, F4, F5, M2) e, dos nove acontecimentos externos (F1, F2, F3, F4, F7, M1, M2, M3, M3), apenas dois foram negativos (M2, M3).

F1 comentou: “muita coisa mudou. Antes era via internet e hoje é pessoalmente, com professores e alunos”. A resposta de M2 é um complemento: “alguns professores agora, quando não podem vir para a aula presencial, mandam os trabalhos, exercícios e até fazem videoaula”.

A décima terceira pergunta (“conte como tem sido a sua experiência de retorno às aulas presenciais) também levou a respostas significativamente positivas. Houve a expressão de nove pensamentos (F1, F3, F5, F5, F6, F7, M1, M2, M3), sendo que apenas dois foram negativos (F1, F5), de três sentimentos positivos (F4, F5, M3), três ações igualmente positivas (F7, M1, M3) e seis acontecimentos externos, dos quais cinco foram positivos (F2, F5, F7, M1, M2) e apenas um (F1), negativo.

F1 destacou um ponto negativo: “está tudo um pouco complicado. Como ano passado o aprendizado foi muito embaraçoso, as matérias acabam ficando mais difíceis”. F7 destacou a importância do aprendizado, mas, em referência a acontecimentos externos, comentou que sua escola estava oferecendo todas as medidas protetivas contra a pandemia.

A décima quarta questão (“nos anos de 2020 e 2021, enquanto as aulas eram remotas, como você desenvolveu a sua rotina de estudos?”) não levou à expressão de sentimentos, mas a dois pensamentos negativos (F5, M2) e um positivo (F3), e quatro acontecimentos externos, sendo dois positivos (F7, M1) e dois negativos (F4, M2). Os participantes demonstraram proatividade, pois, no total de dez respostas referentes a ações (F1, F2, F3, F5, F6, F7, M1, M2, M2, M3), oito se referiram a ações positivas (F1, F2, F3, F6, F7, M1, M2, M3).

M1 destacou as seguintes ações: “eu não tinha um planejamento regulado, porém estava sempre observando o e-mail institucional, os aplicativos de EAD e estudando os conteúdos que os professores mandavam, juntamente com alguns vídeos do YouTube e aulas da TV”. F1 mencionou a importância da organização: “pelo horário de aula, eu estudava e via as atividades que estava faltando, tentava me organizar o máximo possível”. Quanto a acontecimentos externos negativos, F4 declarou: “não pude assistir à grande maioria das aulas remotas, pois eu ficava ocupada com as atividades domésticas”.

A décima quinta questão (“em 2020, como se deu, na sua escola, o processo de aprovação para o ano letivo seguinte?”) levou à expressão de dois pensamentos positivos (F6, M1), duas ações positivas (F6, M1) e nove acontecimentos externos, sendo cinco positivos (F1, F2, F4, F5, M2) e quatro negativos (F3, F7, M1, M3).

Quanto a acontecimentos externos, M2 escreveu: “o governador fez com que todos passassem de ano. Não sei se as notas das avaliações ajudaram em algo, mas creio eu que sim. Saber que os alunos estavam mandando atividades era uma forma de entender que eles estavam ativos”.

A décima sexta pergunta (“conte como foi a sua experiência com aulas remotas”) levou à expressão de dez pensamentos (F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7, F7, M1, M2), dos quais oito foram negativos (F1, F2, F4, F5, F6, F7, M1, M2), de um sentimento negativo (M3), duas ações negativas (F1, F5) e quatro acontecimentos externos negativos (F5, F6, M1, M2).

Quanto a acontecimentos externos, M2 relatou: “nem sempre tinha tempo com meu aparelho, pois ajudava minha tia com a taberna e com os afazeres de casa”. Já F5 relatou dificuldade com o aprendizado: “foi complicado porque eu não compreendia as metodologias dos professores”.

Com a divulgação de um formulário que buscava dar voz aos estudantes de nível médio escolas públicas e privadas acerca das aulas remotas, Sousa et al. (2021) conseguiram a participação de um total de 291 estudantes, 95,5% dos quais pertencentes à rede pública de ensino. Assim, consideraram a possibilidade de o interesse muito maior de alunos de escolas públicas refletir a necessidade de mostrar as dificuldades enfrentadas.

A comparação entre as expressões positivas e negativas dos aspectos investigados por meio das categorias de análise é apresentada na Tabela 2, ao lado do cálculo de variações entre respostas positivas e negativas, apresentadas por meio dos sinais de “+” (mais) e de “-” (menos). Levamos em conta o total de aspectos positivos destacados, tendo como referência os negativos.

Tabela 2. Comparação entre aspectos positivos e negativos das respostas

CA	Pensamento		Sentimento		Ação		Acontecimento externo	
	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
Total	48	58	8	25	35	19	26	40
Dif. pos.	- 10 (- 6%)		- 17 (-10%)		+ 16 (+10%)		- 14 (-9%)	

Verificamos uma visão predominantemente negativa de pensamentos e sentimentos negativos (10 e 17 a mais do que positivos, respectivamente, o que corresponde a 6% e 10%). Do mesmo modo, expressões negativas acerca de acontecimentos externos aos quais os participantes foram submetidos em 2020 e 2021 se sobressaíram (14 respostas negativas a mais do que positivas, correspondendo a 9%). Assim, a visão do mundo interno e do externo foi, no geral, negativa.

Por outro lado, houve um maior número de ações que podem ser consideradas como positivas do que ações negativas (16 respostas positivas a mais do que negativas, correspondendo a 10%), o que demonstra, em termos numéricos, a presença de proatividade e resiliência dos participantes diante das adversidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É errado inferir que, a partir de março de 2020, a pandemia causou a ineficácia da educação pública brasileira. Na verdade, ela apenas agravou um problema antigo. Embora os estudantes brasileiros não estivessem acostumados com uma modalidade de ensino remoto, é incontestável que estudantes de escolas particulares estiveram mais preparados para lidar com essas adversidades. Estudantes de escolas públicas, além de dispor de internet de baixa qualidade, ainda tiveram que lidar com outros acontecimentos externos

que prejudicaram o seu aprendizado, como a realização de atividades domésticas no momento das aulas e a necessidade de dividir o aparelho celular com responsáveis que estavam em regime de *home office* ou com outros estudantes da casa.

Nosso objetivo de refletir sobre estratégias de enfrentamento de estudantes de escolas públicas em situação de vulnerabilidade social nos dois primeiros anos de pandemia foi alcançado, na medida em que o instrumento utilizado e a análise realizada nos levaram a conclusões importantes. Verificamos que, em situação de pandemia, estudantes de ensino médio de escolas públicas foram novamente prejudicados pelas diferenças sociais que demarcam a situação de vulnerabilidade em que se encontram.

Apesar de tudo, vale ressaltar que esta pesquisa indicou um número alto de ações positivas diante da pandemia por parte dos participantes. Eles buscaram montar seus próprios horários de estudos e organizar da melhor forma possível as atividades escolares, além de terem procurado sentido para os acontecimentos negativos na espiritualidade, o que contribuiu positivamente para que soubessem como lidar com o caos advindo pandemia. De uma maneira geral, foram identificadas atitudes de resiliência, proatividade, paciência e determinação, medidas necessárias para o entendimento da importância de não desistir dos seus sonhos.

5. Referências

ALBURQUEQUE, F. Com pandemia, 44% das crianças e adolescentes se sentiram mais tristes. *Agência Brasil*, 2021.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIANCHI, B; PEREIRA, H; AVILA, S. Impactos da pandemia na educação brasileira de jovens e adultos, *Íntegra Agência Experimental*, 2021.

BRASIL. Lei. N 9394 de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 20. Dez. 1996.

BRASIL. *Seis milhões de estudantes não tem acesso à Internet em casa*. Rio de Janeiro, 2020.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 34, n. 100, 2020.

HALL, R. C. W; HALL, R. C. W; CHAPMAN, M. J. O surto de Ebola Kikwit de 1995: lições que hospitais e médicos podem aplicar a futuras epidemias virais. *Psiquiatria Hospitalar Geral*, v. 30, n. 5, p. 446-452, 2008.

IOSIF, R. M. G. *A qualidade da educação na Escola Pública e o comprometimento da cidadania global emancipada: implicações para a situação de pobreza e desigualdade no Brasil*. 2007. 309 f. Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LIMA, N. T; BUSS, P. ; SOUSA, R. P. A pandemia de Covid-19: uma crise sanitária e humanitária. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 7, p. 1-4, 2020.

MATOS, F. N; POCINHO, M. Violência doméstica e atuação da justiça portuguesa sob a óptica dos profissionais de instituições de apoio. *New Trends in Qualitative Research*, v. 14, p. 584, 2022.

MELSERTE, A. L. M; BOCK, A. M. B. Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educação e pesquisa*, v. 41, n. 3, p. 773-789, 2015.

MIRANDA, K. K. C. O. et al. Aulas Remotas em tempo de Pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. *Editora Realize*, 2020.

RIBEIRO, V. M; GUSMÃO, J. B. *Problemas e soluções das escolas segundo comunidades escolares*, São Paulo, 2011.

SANTOS, G. M. R. F; SILVA, M. E; BELMONTE, B. R. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 21, p. 237-243, 2021.

SCHMIDT, B, et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, 2020.

SOUZA, K. R; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. *Educação e Filosofia*, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017.

VASCONCELOS, M. O Governo do Estado vai apresentar o novo programa “Reforço Escolar” nesta quarta-feira, *A Província do Pará*, 2022.

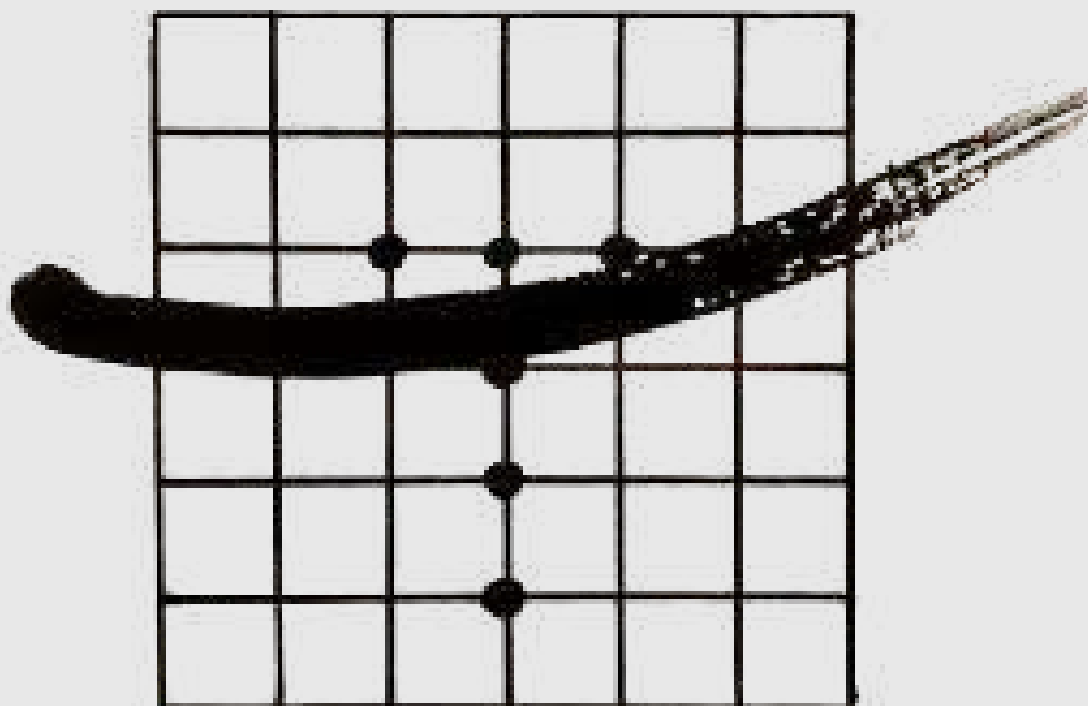
VIEIRA, R; RICCI, M. C. C. A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. *OEMESC – Conservatório do Ensino Médio em Santa Catarina*. Editorial de abril/2020, Santa Catarina, 2020.

VIEIRA, M. F; SILVA, C. M. F. A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura, *Revista brasileira de informática na educação*, v. 28, 2020.

WANG, N; et al. Transmissão do COVID-19 nos estágios terminais do período de incubação: Cluster familiar. *International Journal of Infectious Diseases*, v. 96, p. 452-453, 2020.

IX CONFLUÊNCIAS

TRANSVER SALIZAR



Congresso Interdisciplinar Híbrido

18, 19 e 20 de outubro de 2022
Unama Alcindo Cacela - Belém (PA)

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

PROGRAMAÇÃO GERAL

CLIQUE NOS
LINKS PARA
ACESSAR

18

18 horas

Mesa de abertura do IX Confluências com a Profa. Dra. Maria Betânia Fidalgo Arroyo (Reitora da UNAMA), a Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos (Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UNAMA) e o Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (Coordenador do PPGCLC/UNAMA):

Presencial: Sala D301 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_Abertura-Conferência

19 horas

Conferência de abertura: "Transformações da vida afetiva e profissional pelo uso intensivo de mídias sociais" com a Profa. Dra. Alê Primo (UFRGS) e mediação da Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (UNAMA):

Presencial: Sala D301 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_Abertura-Conferência

19

14 horas

Simpósios de Trabalhos:

- ST01: Comunicação e as transversalidades na era digital:
Presencial: Sala D301 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_ST1
- ST02: Transversais do tempo: entre modernismos e o contemporâneo, entre melancolias e insurgências:
Presencial: Sala D302 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_ST2
- ST03: Transversalidades em tessituras com pesquisas científicas em áreas da comunicação, linguagem, cultura, educação, povos originários e comunidades tradicionais, relações de gênero, etc:
Presencial: Sala E402 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_ST3
- ST04: Culturas populares em transversalidade: tensões, apropriações e ré-existência em narrativas contemporâneas:
Presencial: Sala E404 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_ST4
- ST05: Trans na literatura, comunicação e outras representações:
Presencial: Sala E405 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_ST5
- ST06: Literatura, semiótica e psicologia: construindo conexões:
Presencial: Sala E406 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_ST6

19 horas

Mesa do Procad-Amazônia-Capes: "Comunicação digital: a Amazônia no ciberespaço" com a Profa. Dra. Liana Vidigal Rocha (UFT) e mediação da Profa. Dra. Ivana Oliveira (UNAMA):

Presencial: Sala D301 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_MesaProcad-AM

20

14 horas

Mesa do PDPG-Capes: "A pesquisa na Pós-Graduação na Amazônia" com as bolsistas do PPGCLC de mestrado - Jaqueline Bandeira e Tábata de Araújo - e de doutorado - Amanda Botelho Menezes e Luna Lucena - e mediação do Prof. Dr. Paulo Nunes (UNAMA)

Presencial: Sala D301 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_MesaPDPG

19 horas

Mesa do PDPG-Capes: "A pesquisa Pós-Doutoral na Amazônia" com a Profa. Dra. Vânia Torres (UFPA), o Prof. Dr. Andrey Lima (UFPA) e mediação do Prof. Dr. Edgar Chagas Junior (UNAMA)

Presencial: Sala D301 | Remoto: https://bit.ly/IXConfluencias_MesaPDPG

DIA 18

DIA 18

18 HORAS MESA DE ABERTURA

- Maria Betânia Fidalgo Arroyo (Reitora da UNAMA)
- Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos (Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UNAMA)
- Edgar Monteiro Chagas Junior (Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA)

DIA 18

19 HORAS CONFERÊNCIA DE ABERTURA

**"Transformações da vida afetiva e
profissional pelo uso intensivo de
mídias sociais"**

- Conferencista:
Profa. Dra. Alê Primo (UFRGS)
- Mediadora:
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa
(UNAMA)

DIA 19

DIA 19

14 HORAS

ST 01 - COMUNICAÇÃO E AS TRANSVERSALIDADES NA ERA DIGITAL

COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Douglas Fernandes (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Ivana Oliveira (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Máira Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)

- A INTERNET NO BRASIL: CONCENTRAÇÃO, CONSUMO E DESAFIOS NO SÉCULO XXI

Rodolfo Silva Marques

- A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ATRAVÉS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS REDES SOCIAIS

Anna-Beatriz Bassalo Aflalo

- ANÁLISE DO DISCURSO: ANÁLISE IMAGÉTICA DO DISCURSO DO MANTO DO CÍRIO 2021

Nayde de Fátima Lins Bentes

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

- JULIETTE FREIRE: O POSICIONAMENTO A PARTIR DE PUBLICAÇÕES NO INSTAGRAM DA INFLUENCIADORA DIGITAL SOBRE OS CUIDADOS COM A PANDEMIA DE COVID-19

Lucas Matheus Santos Porto

- MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DO LEITOR DE OLIBERAL.COM NA ERA DA CULTURA DA CONVERGÊNCIA E DE USO DAS ESTRATÉGIAS DE SEO

Luiz Cláudio dos Anjos Fernandes

- PUBLICIDADE DIGITAL E PROCESSOS DE CONSUMO: ENTRE A RELEVÂNCIA E O CONTROLE DOS SUJEITOS

Thatianne Silva Sousa

Manuela do Corral Vieira

- USO DAS TECNOLOGIAS NA CULTURA DA SALA DE AULA

Carolina de Sousa Franco Santos

DIA 19

14 HORAS

ST 02 - TRANSVERSAIS DO TEMPO: ENTRE MODERNISMOS E O CONTEMPORÂNEO, ENTRE MELANCOLIAS E INSURGÊNCIAS

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Jorge Eiró (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Márcia Nunes (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)

- DISTOPIAS EM SÉRIES FICCIONAIS: ESTUDO DE CASO SOBRE 3%, ALTERED CARBON E BLACK MIRROR

Julia Maria Barroso da Silva

Rafael Sbeghen Hoff

- FILOSOFIA, CINEMA E BLADE RUNNER

Paulo Uiris da Silva Gomes

Jorge Eiró

Mariano Klautau Filho

- OS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS E A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU DO ESTADO DO PARÁ E A AMOSTRA DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA 2020

Lais dos Santos Fiel

Jorge Eiró

- O DISCURSO MODERNISTA NO GUARDA-ROUPA DE TARSILA DO AMARAL

Maria Felícia Assmar Fernandes Correia Maia

- ARQUITETURA DAS EMOÇÕES: UM ESTUDO SOBRE O PALACETE BOLONHA SOB A PERSPECTIVA DA NEUROARQUITETURA

Maria Helena Castro de Vasconcellos

Jorge Eiró

DIA 19

14 HORAS

ST 03 - TRANSVERSALIDADE EM TESSITURA COM AS PESQUISAS CIENTÍFICAS EM ÁREAS DA COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM, CULTURA, EDUCAÇÃO, POVOS ORIGINÁRIOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, RELAÇÕES DE GÊNERO, ETC.

COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (PPGCLC/UNAMA)

- **COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM EM PARALISIA CEREBRAL**

Lícia Mara Oliveira

- **O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DA LINGUÍSTICA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

Rejane Santos Nonato

Rosângela Araújo Darwich

- **SABERES CULTURAIS E CIENTÍFICOS: AS TRANSVERSALIDADES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Jefferson Luis da Silva Cardoso

Rosângela Araújo Darwich

- **UM ESTUDO SOBRE LETRAMENTOS MÚLTIPLOS NOS TEXTOS DE SURDOS GRADUANDOS**

Cleuma Roberta de Souza Marinho

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso

Ana D'Arc Martins de Azevedo

DIA 19

14 HORAS

ST 04 - CULTURAS POPULARES EM TRANSVERSALIDADE: TENSÕES, APROPRIAÇÕES E RE-EXISTÊNCIAS EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Andrey Faro de Lima (EAUFPA)

Prof. Dr. Tony Leão da Costa (DFCH/UEPA)

- ARRASTÃO DO PAVULAGEM E A RETRATAÇÃO DOS ELEMENTOS DAS CULTURAS POPULARES NO FACEBOOK

Lucas Gil Corrêa dos Santos

Manuela do Corral Vieira

- NARRATIVA DA CIDADE: 'CORTEJO VISAGENTO' UM OLHAR LOCAL CONTRA O HALLOWEEN

Adrianne da Silva Peixoto

Ivana de Ivana Guimarães de Oliveira

- ESTRUTURA MUSICAL E PERFORMATIVA DOS BTMs

Euclides Moreira Neto

- MÚSICA E EMPODERAMENTO FEMININO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CLIPE FORMATION DE BEYONCÉ

Amanda Karoline Pimentel Vieira

Rosaly de Seixas Brito

DIA 19

14 HORAS

ST 05 - TRANS NA LITERATURA, COMUNICAÇÃO E OUTRAS REPRESENTAÇÕES

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Paulo Nunes (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Vânia Torres (PPGCOM/UFPA)

- FORA DE CONTROLE: ADAPTAÇÃO LITERÁRIA E PÓS-MODERNIDADE
Fabricio de Miranda Ferreira
Luis Heleno Montoril del Castilo
- MÍDIA VERSUS CAMPO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS MÍDIÁTICAS À
ENTREVISTA NARRATIVA
Erika Mourão Ferreira
Vânia Maria Torres Costa
- TEA, NEURODIVERSIDADE E LINGUAGEM EM REDES SOCIAIS ON-LINE
Luna Carvalho de Lucena
- TRADIÇÃO ORAL EM PLATAFORMAS DIGITAIS: O OFÍCIO DE CONTAR
HISTÓRIAS NO YOUTUBE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19
Ana Selma Barbosa Cunha
Paulo Jorge Martins Nunes
- FESTIVIDADE DO SILÊNCIO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS FOLIÕES DE
SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA, NA AMAZÔNIA PARAENSE, DURANTE A
PANDEMIA
Adison Cesar Sousa dos Santos
Vânia Maria Torres Costa

DIA 19

14 HORAS

ST 06 - LITERATURA, SEMIÓTICA E PSICOLOGIA: CONSTRUINDO CONEXÕES

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha)

- A SORORIDADE NA CRÔNICA COMPANHEIRAS

Milena Castro

José Guilherme Castro

Lucilinda Ribeiro Teixeira

- DECRESCIMENTO: PRODUZIR E CONSUMIR MENOS?

Christoph Helmold

Rosângela Araújo Darwich

- HUMBERTO DE CAMPOS: JORNALISTA E POETA NA BELÉM DA BELLE ÉPOQUE

Luis Fernando Ribeiro Almeida

José Guilherme de Oliveira Castro

- IMPACTOS DA DICOTOMIA SOCIAL ENTRE PENSAR E AGIR SOBRE MÃES ADOLESCENTES: UMA PESQUISA DE CAMPO MEDIADA PELA INTERNET

Rosiana Silva da Silva

Rosângela Araújo Darwich

- LOGOTERAPIA E LITERATURA: A MORTE COMO GERADORA DE SENTIDO EM “A MORTE DE IVAN ILITCH”

Matheus Reichelt Flores

Kalebe da Silva de Lima

Rosângela Araújo Darwich

- O SOBRENATURAL COMO FERRAMENTA DE CONHECIMENTO DO SER HUMANO EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Felipe Gomes Bastos

José Guilherme de Oliveira Castro

- O CONCEITO DE "MUNDO BANI" E O FOCO NO NEGATIVO: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES E JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS

Cinthya Souza Simas

Rosângela Araújo Darwich

- RELAÇÕES SOCIAIS E NARRATIVAS VISUAIS: UM ENCONTRO COM NAY JINKNSS

Ana Clara Solon Rufino

Rosângela Araújo Darwich

- SAÚDE MENTAL DE DOCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19: EDUCAÇÃO EM AMBIENTE VIRTUAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

Francimar dos Santos Pinto

Rosângela Araújo Darwich

- VÍDEO ESTE É O LOBO: LEITURA E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vanda do Socorro Furtado Amin

Rosângela Araújo Darwich

- ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA PESQUISA MEDIADA PELA INTERNET

Sarah Teruko Navegantes Machado

Rosângela Araújo Darwich

DIA 19

19 HORAS MESA DO PROCAD- AMAZÔNIA-CAPES

"Comunicação digital: a Amazônia no ciberespaço"

- Palestrante:
Profa. Dra. Liana Vidigal Rocha (UFT)
- Mediadora:
Profa. Dra. Ivana Oliveira (UNAMA)

DIA 20

DIA 20

14 HORAS MESA DO PDPG-CAPES

"A pesquisa na Pós-Graduação na Amazônia"

- Palestrantes:

Jaqueline Bandeira (Mestranda do PPGCLC)

Tábata de Araújo (Mestranda do PPGCLC)

Amanda Botelho (Doutoranda do PPGCLC)

Luna Lucena (Doutoranda do PPGCLC)

- Mediador:

Prof. Dr. Paulo Nunes (UNAMA)

DIA 20

19 HORAS MESA DO PDPG-CAPES

"A pesquisa Pós-Doutoral na Amazônia"

- Palestrantes:

Profa. Dra. Vânia Torres (UFPA)

Prof. Dr. Andrey Lima (UFPA)

- Mediador:

Prof. Dr. Edgar Chagas Junior (UNAMA)



DESENVOLVIMENTO
DA PÓS-GRADUAÇÃO NA
AMAZÔNIA LEGAL



UNAMA



PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

